BIBLIOGRAPHIA CRITICA

DE

HISTORIA E LITTERATURA

PUBLICADA

POR

F. ADOLPHO COELHO

FASCICULOS I – XII

PORTO

IMPRENSA LITTERARIO-COMMERCIAL — Editora

489 — RUA DO BOMJARDIM — 493

1875

Fl. 1 a 25

COMPRA
R 3
2356

BIBLIOGRAPHIA CRITICA

DE

HISTORIA E LITTERATURA

PUBLICADA

POR

F. ADOLPHO COELHO

VOLUME I

1873-1875

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
R. c. 133. F 67

PORTO
IMPRENSA LITTERARIO-COMMERCIAL — Editora
489 — RUA DO BOMJARDIM — 493

1875

016
.93 (01)
82 (01)

N.º 1

ADVERTENCIA

A publicação da *Bibliographia Critica* parte apenas de um desejo: o de vêrmos o nosso paiz entrar no grande movimento scientifico europeu, de que anda tão affastado, principalmente no que diz respeito ás sciencias historias e philologicas.

Quando, tapando os ouvidos ás suggestões de um falso patriotismo, consideramos bem as condições moraes e intellectuaes do nosso paiz, vêmos que realmente estamos muito abaixo: as grandes revoluções agitam-se, os grandes problemas resolvem-se sem que nós concorramos para essa agitação e essa solução com o mais pequeno tributo, sem que tomemos por ellas um interesse real e sem que nos contentemos com receber dos factos um echo de segunda mão, ficando alheios ás ideias que os produzem. Ora é uma lei historica fatal que as nações que estão n'um nivel moral e intellectual inferior são assimiladas pelas que estão n'um nivel superior: tirada a causa accidental que ainda nos faz ter de pé, a preponderancia politica da Inglaterra, d'onde nos vem uma protecção exploradora, que futuro se poderá prevêr para a nacionalidade portugueza, senão uma annexação como outras que temos visto realisar nos nossos dias e uma annexação nas peores condições por causa da nossa inferioridade? Como escapar ao perigo, como pelo menos attenual-o, senão pela elevação do nosso nivel moral e intellectual, evocando em nós a consciencia humana, e a consciencia nacional, concedendo ao espirito os direitos que lhe temos negado, regenerando-nos, emfim? Então reconheceremos que em vez de constituição politica temos apenas oligarchias parasiticas, formadas felizmente por gente inhabil, mas que podem de um momento para outro serem a escada facil para um despotismo e que não fazem já senão complicar as difficuldades fi-

nanceiras e economias do paiz; em vez de liberdade civil apenas policia preventiva de cada vez mais arbitraria, obstando ao proselytismo scientifico; em vez de instrucção publica apenas um exercito de professores na maioria insignificantes, repetindo textos velhos ou substituindo a sciencia, que não teem por uma occa rethorica, e de cujo ensino só ficam no espirito dos discipulos contos e anedoctas (1); em vez de desenvolvimento agricola e industrial a emigração sempre crescente, uma importação enorme, a miseria de muitas populações ruraes e costeiras, o proteccionado exclusivo a meia duzia de industrias. A ignorancia faz suppôr que não ha perigo, que d'este estado de cousas só resultam embaraços locaes e passageiros; a historia, o presente, convencem-nos do contrario.

Inaugurando uma publicação como a *Bibliographia Critica,* parece-nos que as nossas intenções são bem claras: preferimos tomar uma attitude expositiva e critica a uma attitude militante; comprehender, esclarecer, rectificar, quando julgarmos necessario, e não entrar na esphera da acção propriamente dita; e ainda aqui o nosso papel é muito limitado: não tentaremos traçar um quadro do movimento complexo das ideias e resultados scientificos na epocha contemporanea, tal como elle se revela nos livros; deixamos de parte o que se faz no dominio das scieneias physicas e mathematicas, e dedicar-nos-hemos ao exame d'esse movimento no dominio das seiencias que interessam mais de perto ao espirito, e que teem por objecto o homem e os productos da sua actividade. As publicações mais importantes sobre historia, politica, religiosa, litteraria, artistica, viagens, linguistica, sciencias moraes e politicas, philosophia, estudo philologieo dos textos das litteraturas classicas e orientaes, as edições e traducções dos monumentos das differentes litteraturas que forem apparecendo em toda a parte onde se trabalha terão aqui, sempre que nos fôr possivel, uma analyse e uma apreciação critica, na medida das nossas forças.

(1) Pela analyse que faremos na *Bibliographia Critica* de alguns compendios das nossas escholas vêr-se-ha se temos ou não razão no que de passagem aqui dizemos.

Além das obras de merito real, do genero indicado, daremos conta dos livros do mesmo genero a que se attribua por quaesquer circumstancias um valor que elles não teem na realidade, e para esses seremos sempre severissimos.

É muito pequena a collaboração que esperamos dos nossos conterraneos; mas ainda assim teremos sempre a nosso lado o pequenissimo numero de mancebos portuguezes que teem comprehendido a seriedade da sciencia; estamos porém certos que em breve a lista dos nossos collaboradores será honrada com os nomes de alguns sabios estrangeiros.

Apesar de conhecermos a força da nossa vontade e a vitalidade das ideias novas receamos bem que nenhum resultado pratico corôe os nossos esforços. Os meios porque em Portugal se chega a adquirir influencia e consideração estão bem longe da sciencia e da lealdade.

1.—**Theatro de Goethe: Fausto.** poema dramatico trasladado a portuguez, por Castilho (Antonio Feliciano). Porto. Viuva Moré. 1872. In-8.º XVI —416 pp.

A intenção do snr. visconde de Castilho publicando este volume parece ter sido fazer conhecer a tragedia de Göthe aos seus conterraneos e permittir que elles a discutam e tentem penetrar-lhe o espirito. «Como quer que seja, o indubitavel é que esta Biblia ou Alcorão, esta como que filosofia mal distincta, esta reforma da religião poetica, merece e necessita que se teime ainda (e Deus sabe até quando) em n'a discutir (*Adv.*, p. VIII).» «Para que taes apurações (que segundo as mostras têem ainda de tardar) se possam vir a fazer, claro está que a primeira condição é conhecer-se a coisa que tem de ser sentenciada. D'aqui a multidão de traducções da tragedia *Fausto* tentadas em todos os paizes em que ha litteratura; d'aqui o acolhimento que mais ou menos a todas ellas se concede, e d'aqui tambem o continuar-se na propria Allemanha o estudo d'um sem conto de difficuldades de que o poema original nasceu inçado e ouriçado para os seus proprios conterraneos (ibidem).» Ora é evidente que quando uma traducção tem por fim, não assentar trabalho litterario e metrico de segunda mão (seja qualquer que fôr de resto a fidelidade a que se possa chegar) sobre um outro alheio, mas sim promover a exegese do texto, a resolução das difficuldades d'interpretação que elle offerece, só uma traducção fidelissima, em prosa, portanto, póde servir a esse intuito. De mais como traduzir a não ser litteralmente um texto cujo sentido intimo se não comprehende, e ainda que difficuldades n'essa traducção quasi copia! O snr. visconde de Castilho está pois em contradicção comsigo proprio

dando-nos para meio d'entrar no estudo exegetico do *Faust* de Göthe o que elle chama uma tradueção em verso; ou, melhor, mostra não se ter explicado a si proprio o fim com que publica essa obra.

Parece que escrevendo o seu livro para um publico que não conhece ainda a tragedia do poeta allemão, o snr. visconde de Castilho deveria elucidal-o ácerca da importancia, caracter, e significação d'esta; mas o escriptor portuguez não consegue na sua *Advertencia* ir além d'algumas phrases d'uma banalidade a toda a prova, de que nada se conclue portanto para o conhecimento do *Faust*. Avalie-se pelo seguinte *specimen*. «A tragedia *Fausto* de Goethe, acclamado imperador pontifice dos poetas da Allemanha, é indubitavelmente unica no seu genero. Em menos de meio seculo todas as nações teem forcejado para a ler e estudar nos proprios idiomas. Em toda a parte os mais soberbos talentos lhe sentiram em si os influxos triunfaes, ao mésmo passo que o senso das turbas mal sabia como se houvesse com as trévas e monstros d'esta cordilheira de poesia rebentada a subitas de profundezas desconhecidas. De nenhum outro livro se tem dito e escripto tanto; é porque este é que foi o verdadeiro padrão que estremou o mundo poetico antigo do mundo poetico hodierno. Póde-se-lhe já hoje, sem medo de arriscar a profecia, applicar o que o diabo e os anjos dizem da Margarida no final da primeira parte do poema: — Sentenciada! — Salva! (p. I).» Depois de estar dito e redito e demonstrado por muitos criticos que a segunda parte do *Faust* é incomparavelmente superior em concepção á primeira, que n'ella a grandiosidade poetica attingiu o seu mais alto gráo; depois de se ter penetrado em grande parte da

> dottrina, che s'asconde
> Sotto'l velame degli versi strani,

o snr. visconde de Castilho não hesita em escrever o seguinte a que só podem comparar-se os insultos que dirigiu a Camões: «Ao segundo *Fausto*, ao *Fausto* da velhice de Goethe, não me atrevi; e seria esse um trabalho ainda mais fragoso e, quando as difficuldades se vencessem, menos acondicionado para ser bem acceito da nossa gente. Na segunda parte, dizem allemães, é que o auctor mais se dispendeu em gentilezas e esmeros lyricos. Póde ser; contemplado nos reflectores (as tradueções: o snr. visconde de Castilho, como vamos vêr, não sabe allemão) não o parece; e depois quando essas excellencias accidentaes e de méra fórma, rara vez traduziveis, seja taes como nol-as querem encarecer, tantos e tão crespos são no ultimo *Fausto* os enigmas filosoficos, tão abstruzo o senso das ficções, e as ficções mesmas tão desnaturaes, tão inverosimeis, tão impossiveis (ia-me quasi escapando tão absurdas) que o bom gosto e o bom senso, que tão benevolos perdoaram e receberam a lenda velha do Dr. Fausto, não sei como se haveriam com o *Fausto* ultimo. O primeiro, o nosso, foi um gigante; o ultimo figura-se ao espirito da nossa consciencia o *homunculo*, um producto abusivo das forças da arte (p. XVI).» E n'uma nota, em que se

repete, vae mais longe: «N'esse (a segunda parte do *Faust*), se a riqueza lyrica teem (segundo affirmam tedescos) quilates ainda mais subidos, força é confessar que já o primitivo vigor se não encontra; e as extravagancias absurdas são muito mais repugnantes ao bom senso (p. 406).» (1) Isto mostra-nos á evidencia que o snr. visconde de Castilho não comprehendeu nada do espirito do *Faust* (o que se podia já prevêr conhecendo os trabalhos anteriores do mesmo escriptor); resta agora vêr como elle reproduziu a lettra.

A *Advertencia* faz-nos já prevêr que o texto que se segue devo estar muito longe de nos poder dar uma leve idéia da lettra da tragedia allemã. O snr. visconde de Castilho confessa n'ella que não sabe allemão, e depois de nos ter dado esta grande prova da sua falta de seriedade em pretender traduzir uma obra escripta em lingua que não conhece, faz-nos desconfiar de peor quando insinua que é preferivel traduzir de traducções que do original com o seguinte simile: «Fazem-se retratos do sol para o tornar, como quer que seja, conhecido de quem fito a fito o não encararia; e como se havem (sic) na empreza o desenhador? Não podendo encaral-o em frente, copia-o da imagem estampada no espelho reflector; ahi desappareceram os esplendores que deslumbram, mas as feições do astro descobriram-se. Este simile da physica, tão sabido de toda a gente, explica, me parece, com assaz de propriedade, o como se podia fazer, e se fez, das já mencionadas traducções, esta novissima reproducção da maravilha germanica (p. XV).» Na sua ignorancia do allemão eis como o snr. visconde de Castilho procedeu para nos dar a sua pretendida traducção: «Estão, diz elle, simultaneamente abertas á roda de nós, a traducção textual e illustrativa do snr. Laemmert (traducção manuscripta, litteral, segundo o snr. visconde de Castilho, não apto para o julgar), a de meu irmão (o snr. José Feliciano; tradueção tambem manuscripta, mas metrificada), a portugueza do snr. Ornellas (em verso) e quatro franeezas em prosa raro entremeada de pequenos trechos em verso. Sobre cada periodo do poeta allemão são successivamente chamados a depor todos estes sete interpretes e acariados uns com os outros com a maior severidade de critica. A minha consciencia está para ali como jury imparcial incumbido e avido de liquidar entre tantos depoimentos diversos, muita vez confusos e não poucas vezes contradictorios, as maximas probabilidades de certeza, quando a certeza se não chegue (p. XII).» Conhecendo a falta absoluta de senso critico que o snr. visconde

(1) Não podendo aqui reproduzir sequer as conclusões a que a critica tem chegado no exame da segunda parte do *Faust* indico ao leitor Deycks, *Göthe's Faust, Andeutungen über Sinn und Zusammenhang des ersten und Zweiten Theils der Tragödie;* Düntzer, *Göthe's Faust;* C. G. Corus, *Göthe;* K. Köstlin, *Göthe's Faust, seine Kritiker und Ausleger;* Fr. Kreyssig, *Vorlesungen über Goëthe's Faust;* K. F. Rinne, *Speculation und Glauben. Die Faust-sage nach ihrer Entstehung, Gestaltung und dichterischen Fortbildung insbesondere durch Göthe;* C. Rosenkranz, *Göthe und seine Werke;* Rötscher, *Der zweite Theil des Göthischen Faust nach seinem Gedankengange entwickelt;* G. H. Lewes, *The Life of Göthe;* E. Caro, La *philosophie de Göthe.* Para não alargar a lista bastam estes.

de Castilho revela na sua apreciação do *Faust*, conhecendo a falta de seriedade que manifesta n'este seu modo de levar a cabo a empreza de permittir aos seus conterrancos o estudo d'aquelle poema, prevê-se já em parte o resultado tristissimo a que elle devia chegar: os pensamentos mais essenciaes foram deturpados; a linguagem sempre nobre, sempre elevada de Göthe trocada, sob pretexto de fazer bom portuguez, por uma linguagem em geral rasteira, chata, descendo frequentes vezes a uma phrascologia muito baixa. Se quizessemos ser completos nas provas que vamos apresentar para fundamentar este juizo teriamos que transcrever aqui quasi toda a primeira parte do *Faust* allemão e quasi toda a pretendida traducção do snr. visconde de Castilho. Limitar-nos-hemos a alguns pontos tirados ao acaso.

PROLOG IM HIMMEL

Die Sonne tönt nach alter Weise In Brudersphären Wettgesang Und ihre vorgeschriebne Reise Vollendet sie mit Donnergang. Ihr Anblik giebt den Engeln Stärke, Wenn keiner sie ergründen mag; Die unbegreiflich hohen Werke Sind herrlich, wie am ersten Tag.	O sol soa segundo a antiga maneira no canto alternado das espheras irmãs, e o seu curso prescrito (do oriente ao occidente) acaba-o com trovão. O seu olhar dá aos anjos força, ainda quando nenhum o póde profundar. As obras al- tas, incoerciveis estão formosas como no primeiro dia.

Traduz o snr. visconde de Castilho:

> No côro sideral o sol vai prosegnindo,
> qual na origem lh'o has dado, o curso harmonioso.
> Tonitroante baixo em teu concerto infindo,
> só mandando-lh'o tu, Senhor, terá repouso.
> Sua luz dobra a nossa, cuchendo-nos de espanto
> não podemos sondar-lhe a portentosa essencia.
> Como o fôra a principio, ó sacra Omnipotencia,
> teu sol é hoje ainda enigma, assombro, encanto. (p. 15.)

A estrophe do snr. visconde de Castilho, vê-se não significa nada. Göthe tinha no espirito ao escrever o quarto verso a ideia do phenomeno frequente das nuvens que se accumulam do lado do occidente ao pôr do sol, em cuja producção o astro collaborou, e que fazem ouvir descargas electricas; o snr. visconde de Castilho faz estar o sol *tonitroante baixo* no concerto infindo, e escreve um verso que nunca seria concebido na cabeça de Göthe: «só mandando-lh'o tu, Senhor, ter árepouso». Que a luz do sol dobre a dos anjos é um disparate; porque os anjos não são descriptos como luminosos; Göthe nunca pensou tambem em que o sol enchesse os anjos d'espanto.

Da flammt ein blitzendes Verheeren Dem Pfade vor des Donnerschlags; Doch deine Boten, Herr, Verehren Das sanfte Wandeln deines Tags.	Lá a coruscante destruição flamme- ja deante do caminho do trovão; mas os teus mensageiros, Senhor, rever-en- ciam o tranquillo curso do teu dia.

Ignea precede a morte ao trovejante horror,
Mas nós, os cortezãos da tua immensidade,
gosamos luz e paz por toda a eternidade.
Bemdito sejas tu, Senhor! Senhor! Senhor!
(trad. do snr. v. de C., p. 16.)

O Mephistopheles do snr. visconde de Castilho no céo e em presença do Senhor chama *sucia* (mauvaise compagnie) aos anjos e immediatamente *augusto congresso*. No original ha *Gesinde* familiares, palavra que só no plural é tomada n'um sentido pejorativo; e depois *Kreis*, circulo, companhia.

Diz o Senhor a Mephistopheles:

Du darfst auch da nur frei erscheinen;
Ich habe deines Gleichen nie gehasst.
Von allen Geistern, die verneinen,
Ist mir der Schalk am wenigsten zur Last.

Ha aqui duas cousas essenciaes: a primeira é que Deus affirma que «nunca odiou os semelhantes de Mephistopheles; a segunda é que os espiritos diabolicos são chamados «os espiritos que negam», sendo a palavra negar empregada aqui no seu sentido absoluto: são duas concepções philosophicas por consequencia, e o snr. visconde de Castilho que nada entendeu d'isso alterou tudo da seguinte fórma:

Alargo a venia.
Outorgo, emquanto andares n'esse empenho,
poderes encarnar, viver co'os homens.
Aos démos como tu, maráos e alegres,
nunca os aborrecí tão cá de dentro,
como aos demais que a minha essencia negam. (p. 21).

Quando Mephistopheles apparece pela primeira vez a Fausto pergunta-lhe este quem é, e depois de duas respostas insatisfactorias, define-se aquelle:

Ich bin der Geist, der stets verneint!
Und das mit Recht; denn alles, was entsteht,
Ist werth, dass es zu Grunde geht;
Drum besser wär's, dass nichts entstünde.
So ist denn alles, was ihr Sünde,
Zerstörung, kurz das Böse nennt,
Mein eigentliches Element.

Aqui está a concepção philosophica e profunda de Mephistopheles, do mal, e a definição do espirito revolucionario: o primeiro verso é o mais essencial; é como um commentario a toda a tragedia e é esse exactamente que o snr. visconde de Castilho deturpa completamente, como já deturpára o anteriormente citado em que a mesma ideia apparece:

Sou o espirito
que estorva sempre. E com razão, pois tudo
quanto nasceu merece aniquillado;
portanto era melhor não ter nascido, etc. (p. 95).

Que significa aqui *estorvar sempre?* que ideia é possivel tirar d'essa palavra entrada aqui ao acaso? como pol-a em connexão com o *aniquillado* que se segue?

Na scena em que Fausto se encontra pela primeira vez com Margarida, na rua, as palavras d'aquelle a Mephistopheles:

Hör', du musst mir die Dirne schaffen!
(Escuta, tu deves alcançar-me a rapariga!)

são traduzidas pelo snr. visconde de Castilho d'esta fórma:

Uma palavra,
Arranjas-me a cachopa?

Como conciliar esta grosseria com o que Fausto diz no quarto de Margarida, com a doçura e quasi respeito com que elle tracta sempre a pobre rapariga?

Para apreciar emfim a fidelidade d'esta pretendida traducção confronte-se ainda a estrophe allemã:

Die Scherben vor meinem Fenster Bethaut' ich mit Thränen, ach! Als ich am frühen Morgen Dir diese Blumen brach.	Os vasos (de flores) que estão deante da minha janella orvalhei eu com lagrimas, ah! quando de manhã cedo cortei para ti estas flores.

com a paraphrase do snr. visconde de Castilho:

Quando hoje abro a janella
para dos vasos d'ella
trazer-te um ramo aqui,
e a vejo apedrejada...
co' o chôro suffocada
sem luz no chão caí. (p. 307).

Pelo que respeita á linguagem, observaremos que além da confusão de plebeismo e linguagem baixa com linguagem portugueza em que labora o supposto traductor, affecta elle um amor ao archaismo (*deitar cã fóra, a seu talante—, em cambio—*, e outros que a lingua abandonou na sua evolução), que o não impede de dar entrada a phrases modernas. Observe-se tambem que o snr. visconde de Castilho traduz nomes proprios allemães por apellativos portuguezes, como *Frosch, Siebel, Schwertlein* por o *rans—*, o *peneira, Espadinha—*, etc.

Eis agora a prova mais completa e indiscutivel da grande ignorancia, e absoluta carencia de senso critico do snr. visconde de Castilho.

Pergunta Fausto no Harz, na noite de Walpurgis ao descobrir uma apparição particular:

Wer ist denn das? (quem é aquella?)

MEPHISTOPHELES

Betrachte sie genau!
Lilith ist das (olha bem para ella. É Lilith.)

FAUSTO

Wer? (quem?)
Adam's erste Frau (a primeira mulher d'Adão).

Não é necessario ter realmente grande erudição para saber quem é essa Lilith, primeira mulher d'Adão. Qualquer estudante de gymnasio allemão que leu o seu *Faust* com commentario poderia responder mais amplamente que Mephistopheles; demais Faust dando-se por satisfeito mostra que as palavras de Mephistopheles bastaram para lhe avivarem a memoria: elle sabia portanto a historia da primeira mulher de Adão.

No *Faust: a tragedy by J. W. Göthe. With copious notes, grammatical, philological, and exegetical,* by Falck Lebahn, livro que anda nas mãos dos rapazes que nos collegios d'Inglaterra estudam allemão encontra-se a seguinte nota áquella passagem:

« *Lilith.* — This lady was, as the Talmudists inform us, Adam's first wife in Paradise, who turned our Sire's lovely Eden into a hell. She was created at the same time with Adam, but they did not agree. At last she became a perfect devil, and had connection with an immense number of devils; and thus, up to the present day, does she play the harlot with all devils, and fills the world continually with young devils, devil-ghosts, and night-apparitions. For these causes God created Adam a new wife, Eve, out of his own rib. Moses omitted this history of Lilith altogether, and for the good cause, that the Lord God was ashamed of having given existence to such a hag of a she-devil. The Rabbinical tradition about Lilith is founded on the two accounts given in Genesis, I. 27. and II. 18. » Lebahn extrahe em seguida dos *Studien zur Göthe's Faust* de E. Meyer a passagem em que este critico expõe essa lenda de Lilith, a primeira mulher de Adão. Apesar d'essa lenda ter sido dada por grande numero d'escriptores e com differentes propositos, de andar em quasi todos os Diccionarios de historia e até no *Dictionnaire nationale* de Bescherelle, não chegou ainda ao conhecimento do snr. visconde de Castilho, que traduz assim a passagem do *Faust* de que tractamos:

FAUSTO

Aquella quem será?

MEPHISTOPHELES

Pois não conhece!
Repare; é a Lilitha.

FAUSTO

Hein! que Lilitha?

MEPHISTOPHELES

A Lilitha da Costa; não te lembras?
a primeira mulher de Adão de Barros.

Para justificar esse ridiculo trocadilho, muito usado entre os nossos gaiatos na fórma *Eva da Costa, mulher d'Adão de Barros,* o snr. visconde de Castilho dá-nos a seguinte nota: «*Lilitha.* — Parecen-nos que o nome assim escripto saía melhor para o portuguez que *Lillith.* O que ainda não conseguimos entender é a razão de se ter assim trocado o nome de Eva bem como o dizer-se que fôra ella a *primeira* mulher de Adão. Se graça é isto que o poeta põe na bocca do pae da mentira, fria graça nos parece. Andaria ahi alguma allusão á Lili, por quem o poeta nos conta nas suas memorias tér andado perdido de amor? A ser isso, o trecho para elle e para ella poderia ter algum sentido talvez: para os mais ficou enigma indecifravel. Como disparates se podem sem dispensa casar entre si, não puzemos duvida em applicar ao primeiro homem o appellido de *Barros* e á primeira mulher o de *Costa,* destemperado jogucte de palavras que nos lembra ter encontrado nas faccecias do poeta cabelleireiro Antonio Joaquim de Carvalho (*Fausto,* p. 410)». E' escusado tirar todas as conclusões a que esta nota auctorisa.

Desde que estudamos, nunca podémos tomar a sério os livros e opiniões do snr. Antonio Feliciano, hoje visconde de Castilho; se no primeiro numero da nossa *Bibliographia critica* nos occupamos mais largamente do que desejaramos da sua pretendida traducção do *Fausto* de Göthe é porque elle como socio emerito da Academia Real das Sciencias de Lisboa, como poeta laureado, chefe da litteratura official portugueza, representa o paiz na sua maioria; e porque a imprensa periodica, muito ignorante, e dous outros academicos não menos ignorantes fizeram ao seu *Fausto* os mais hyperbolicos elogios. Esse livro é pois um documento innegavel da profunda decadencia intellectual no nosso paiz: possa este artigo, como toda esta revista, ser uma prova de que ha quem tente uma regeneração!

F. A. C.

2.—**Romania,** recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston. Paris. Librairie A. Franck. In-8 gr. N.° 1, Janvier 1872. 128 pp.

Do prospecto d'esta publicação extrahimos alguns periodos que dão ideia da natureza e plano d'ella:

« Notre journal est exclusivement consacré à la période ancienne des langues et des littératures néolatines; les études qu'il contiendra ne dépasseront pas, sauf exception très-rare, l'époque de la Renaissance et de la Réforme; mais dans ces limites, en dehors de l'archéologie, de l'histoire et de la théologie pures, nous admettrons des études du genre le plus divers, nous chercherons à servir le public lettré par tous les moyens, et nous nous efforcerons de justifier l'épigraphe que nous empruntons à notre vieux poète normand et de travailler comme lui

Pur remembrer des ancessurs
Les diz e les faiz e les murs.

Voici quels sujets principaux et habituels seraient traités dans la *Romania,* si elle parvenait à remplir le programme que nous lui assignons. Les langues romanes, tant dans leur origine que dans leurs développements subséquents, seront étudiées d'après les méthodes aujourd'hui bien établies. Nous attacherons surtout du prix, soit à des recherches sur le latin vulgaire, source encore peu explorée de nos idiomes, soit à des études sur un dialecte représenté par des monuments anciens, soit à des monographies sur la langue de tel ou tel écrivain. Les étymologies, les déterminations du sens de mots encore inexpliqués, les constatations de formes grammaticales intéressantes, donneront lieu souvent, nous l'espérons, à des articles de peu d'étendue dont chaque numéro présentera, sous le titre de *mélanges,* un nombre plus ou moins considérable. Nous écartant ici, pour des raisons faciles à comprendre, de la règle chronologique posée plus haut, nous serons heureux d'accueillir toutes les études qui pourront contribuer à faire connaître les *patois* modernes, surtout ceux de la France, que ces études se présentent sous forme de recherches grammaticales, de dépouillements lexicologiques ou de textes recueillis de première main. La partie consacrée aux littératures offrira plus de variété encore. Le centre sera ici, plus encore que pour la linguistique, notre ancienne littérature française, dont l'influence sur toutes ses voisines au moyen-âge n'a plus besoin d'être démontrée... Notre position et nos relations diverses nous mettront à même de connaître et de produire au jour bien des trésors qui ne sont pas encore signalés, soit à Paris soit ailleurs, et notamment en Angleterre. Par ce côté, notre journal sera une sorte de *recueil de matériaux;* mais il publiera aussi des travaux d'histoire littéraire proprement dits, où ces matériaux seront mis en œuvre. Nous appelons tout particulièrement les recherches de littéra-

ture comparée, celles qui ont pour but d'éclaircir les origines, l'histoire et les rapports des différentes productions littéraires: nouvelles encore, ces études ont déjà fait de grands progrès, et promettent, si elles sont dirigées par une critique sévère, de nous donner bientôt les résultats les plus importants. A ce point de vue, l'étude de notre littérature nationale offre un intérêt considérable pour les autres peuples de l'Europe, dont les poètes ont si largement imité les nôtres. Nous serons heureux de publier des travaux approfondis sur ce point, et de rapprocher sans cesse des œuvres de nos anciens écrivains les œuvres qu'elles ont inspirées non-seulement à ceux des autres nations romanes, mais à ceux des divers pays germaniques, de la Scandinavie, de la Grèce elle-même. L'Angleterre occupe à ce point de vue une place exceptionnelle. Un dialecte spécial du français s'est parlé pendant trois siècles sur son sol, et la littérature anglaise du moyen-âge s'appuie en bonne partie, soit directement, soit à travers des intermédiaires indigènes, sur celle de la France... Tout en accordant à la littérature de la France un faveur bien naturelle, nous souhaitons vivement que celles des nations sœurs soient largement représentées dans notre recueil... L'exception que nous avons faite pour le patois, au sujet de la limite chronologique, se répète à propos de la litterature populaire. Un de nos vœux les plus chers serait de recueillir, dans tous les pays romans, mais surtout en France, les contes, les légendes, les chansons du peuple... La *critique* des ouvrages qui paraîtront dans le domaine de nos études sera une partie importante du recueil.»

O 1.º fasciculo contém os seguintes artigos:

Gaston Paris, *Romani, Romania, lingua romana, romancium.* I. Romani. II. Romania. M. G. P. estuda n'este primeiro artigo, destinado a justificar o titulo da publicação, a historia, o sentido primitivo, as applicações successivas das palavras *Romani* e *Romania. Romani,* designando propriamente em todos os tempos os habitantes de Roma, chegou a designar na epocha das invasões e estabelecimentos germanicos o habitante de uma parte qualquer do imperio romano que fallava latim, aos quaes os invasores por desprezo chamavam não *Romani,* mas *walah* (d'onde o francez *welche*); d'ahi resultou que os conquistadores do imperio não querendo acceitar um nome que lhes parecia uma injuria, conservaram muito tempo o seu proprio de *Franci, Gothi, Langobardi,* etc., por opposição ao dos vencidos. M. G. P. poderia ter citado a esse proposito as passagens do *Codigo wisigotico,* onde a opposição se manifesta. Liv. x, tit. I, § 8: *De divisione terrarum facta inter gotum atque romanum.* Ibidem, § 9: *De silvis inter gotum et romanum indivisis relictis.* «Le nom de *Romani,* diz M. G. P., ne se maintint pas au-delà des temps Carolingiens. La fusion des conquérants germaniques avec les Romains, l'adoption par eux, en France, en Espagne, en Italie, de la langue des vaincus, fit disparaître d'Occident une distinction aussi générale, remplacée par les noms spéciaux des

nations qui se formèrent des débris de l'empire de Charlemagne. Il y eut bientôt, non plus des Romains en opposition avec un certain nombre de tribus conquérantes, mais au contraire une nation allemande renfermée dans les limites agrandies de l'ancienne Germanie, et qui, tout en restant divisée en tribus, prît conscience d'elle-même sous le nom de *Tiedesc* et fut appelée par ses voisins de noms divers, mais également collectifs, — et, à coté, des Français, des Lombards, des Provençaux, des Flammands, etc. (p. 6–7.)» O nome de *Romani* conservou-se excepcionalmente onde a população romana se viu rodeada de povos não romanisados, como na Rhetia, na Valachia, etc. O nome de *Romani* designou tambem os habitantes do imperio que fallavam latim por opposição a outras raças além dos germanos, por exemplo na Africa. *Romania* foi o nome dado ao imperio, tirado do nome dos habitantes, designação concreta que substituiu a de *imperium Romanum, orbis Romanum*. «L'avénement de ce nom, diz M. G. P., indique d'une façon frappante le moment où la fusion fut complète entre les peuples si divers soumis par Rome, et où tous, se reconnaissant comme membre d'une seule nation, s'opposèrent en bloc à l'infinie variété des *Barbares* qui les entouraient.» (p. 13.) O nome era popular e os seus exemplos são mais antigos nos textos gregos que nos latinos, por exemplo em S. Epiphanio *(Haer. LXIX, — de Ario)*: «καὶ ἐξαφθῆναι ἐξ αὐτοῦ πῦρ οὗ τὸ τηλόν, ὅ καταλήψει πᾶσαν τὴν Ῥωμανίαν σχέδον, μᾶλιστα τὴς ἀνατολῆς τὰ μέρη.» «Le mot *Romania*, resume M. G. P., fait pour embrasser sous un nom commum l'ensemble des possessions des Romains, a servi particuliérent à designer l'empire d'Occident, quand il fut détaché de celui de Constantinople (qui de son côté s'attribua le nom de Ῥωμανία). Depuis la destruction successive de tous les restes de la denomination romaine, il a exprimé l'ensemble des pays qui etaient habités par les *Romani*, ainsi que le groupe des hommes parlant encore la langue de Rome, et par suite la civilisation romaine elle-même. Dans ce sens, *Romania* est un mot bien choisi pour dire le domaine des langues et des litteratures romanes, et c'est dans ce sens que nous l'employons (p. 16).» M. G. P. traça em seguida os antigos limites geographicos da *Romania* e as suas alterações subsequentes, observando que as perdas de territorio tem sido compensadas pelo alargamento do dominio das linguas saídas do latim. Depois M. G. P. passa á questão se a Romania fórma em verdade um dominio intellectual e moral: «La Romania, ou l'union des nations romanes, n'a pas pour base une communauté de race. Quand on parle des races latines on emploie une expression qui manque absolument de justesse: il n'y a pas de races latines. La langue et la civilisation romaines ont été adoptées, plus ou moins volontairement, par les races les plus diverses, Ligures, Ibères, Celtes, Illyriens, etc. C'est donc sur le sacrifice de la nacionalité propre et originelle qui repose l'unité des peuples romans; elle a pour base un principe tout différent de celui qui constitue l'unité germanique ou slave. Le développement particulier de chacun de ce peuples leur a rendu, il est vraie, une personalité nationale bien

marquée, mais ce developpement lui-même a pour point de départ, non la nationalité ancienne, mais la culture du monde gréco-romain. Les invasions germaniques ont presque détruit cette culture; grâce à la conversion des envahisseurs à la religion des *Romani*, elles ne l'ont pas complétement anéantie, et le monde moderne a pu renouer la tradition interrompue. Le moyen-âge a été, surtout dans les pays romans, une lutte perpétuelle entre cette tradition et les tendances nouvelles de la société issue des conquêtes allemandes. Entre les deux courants il y a eu fusion à différents degrés: les Allemands, plus tard les Slaves, ont adopté en grande partie les idées, les mœurs, les institutions romaines, tandis que les pays romans, et surtout la France, ont fortement subi l'influence germanique. L'Europe actuelle, en tant qu'on la conçoit comme formant jusqu'à un certain point une seule nation (à laquelle se rattachent les établissements européens du nouveau-monde), n'est qu'un autre forme de l'empire romain restauré par Charlemagne. Dans le sein de cette association, les peuples romans forment un groupe plus étroitement uni, auquel s'opposent, tenant à l'ensemble par un lien de plus en plus lâche, les deux grandes nations des Germains et des Slaves. Chez ces peuples, la nationalité est exclusivement le produit du sang; la Romania au contraire est un produit tout historique. Son rôle paraît donc être, en face des societés qui ne sont que des tribus agrandies, de représenter la fusion des races par la civilisation (p. 21). » Por esta exposição vê-se que grande interesse offerece o artigo de M. G. P., de que aguardamos a conclusão.

L. Delisle, *Notes sur les poésies de Baudri, abbé de Bourgueil.* P. 23–50. Um pequeno volume de pergaminho copiado no seculo XII e hoje guardado na Bibliotheca do Vaticano conservou-nos as poesias de Baudri, abbade de Bourgueil desde 1079 até 1107 e bispo de Dol desde 1107 até 1130. Essas poesias, de muito interesse para os estudos historicos e litterarios medievaes, estão em grande parte ineditas. M. L. D., serviu-nos de uma copia tirada ha vinte annos do mss. do seculo XII e conservada na bibliotheca municipal de Tours; dá-nos uma lista completa das 254 peças da collecção, indicando geralmente o assumpto de cada uma, o numero de versos de que se compõe, o titulo que tem o mss., as palavras por que começa e as edições completas ou parciaes que foram dadas d'ella, quando ella não é inedita, e mesmo extractos mais ou menos longos d'algumas e o texto completo d'uma. M. L. D. acompanha essa exposição com varias noticias e observações.

Paul Meyer, *Tersin, tradition arlésienne.* P. 51–68. M. P. M. publica dous textos assaz diversos d'um pequeno romance em provençal, cujo personagem principal é um principe sarraceno, de que não se conhece menção em nenhuma outra parte, chamado Tersin ou Tressin, e que no começo allude a uma guerra d'este contra os reis d'Arles. O texto é precedido d'um estudo critico em que M. P. M. estabelece que esses textos tiveram por fonte primaria uma narração unica em verso, desconhecida, um poema provençal em fórma de canção de gesta composto no XIII seculo, provavelmente por um arlesiano.

Esse poema no seculo XIV ou no XV terá sido posto em prosa e d'ahi terão saido os dous textos conservados, cujas differenças M. P. M. explica perfeitamente. M. P. M. determina depois os elementos de que se compunha o poema originario. Esta monographia é um modelo do genero.

P. Meyer, *Le chevalier, la dame et le clerc, publié par la premiére fois d'après un ms. de C. C. C. C.* (Corpus Christi College, Cambridge). O fabulario é precedido d'uma noticia em que M. P. M. mostra que elle foi composto por um poeta de origem ingleza e o compara á *Bourgeoise d'Orleans*, publicado na collecção Barbazan-Méon III. 161.

Mélanges. M. Arsène Darmesteter, que se dedica ao mesmo tempo á philologia romanica e á semitica, tira dos textos talmudicos varios pluraes latinos, considerados como femininos singulares e exemplos da predominancia dos casos obliquos sobre o sujeito. E' uma pequena mas interessante contribuição ao estudo do latim vulgar, d'onde elles penetraram na lingua dos judeus. — M. G. Paris demonstra que o francez *faîte* não vem, como até aqui se tem pretendido, do latim *fastigium*, mas sim d'uma palavra germanica *first* (ant. alt. all. *first*; med. alt. all. *virste*), significando *a primeira, a mais alta* (subentendido *trave*). — O mesmo sabio n'outro pequeno artigo argumenta contra o escriptor allemão Eduardo Hugo Meyer, que pretende vêr nos personagens da *Chanson de Roland* e no *Girard de Vieuve* meros mythos allemães. — M. P. Meyer mostra que as palavras *ad espazas tornau*, n'uma peça de Peire Vidal, são um grito de guerra em que *tornau* é uma fórma catalã. — *La mouche et la fourmi, conte populaire provençal; Jouan de l'Ort, chansonette* (provençal). O conto no fundo é identico ao da *Formiga e a neve*, colligido por nós pela primeira vez da tradição oral portugueza (v. Theophilo Braga, *Trovadores gallecio-portuguezes*, p. 245, sg.) — *Comptes-rendus.* — *La vie de Saint Alexis, poëme*, publ. par Gaston Paris et Leopold Pannier. Os redactores limitam-se a uma simples transcripção do *Avant-Propos* do livro. — *La Chanson de Roland*, publ. par Leon Gautier. Edição preferivel ás anteriores, com traducção em francez moderno, introducção historica, notas, variantes e glossario. Duas partes e uma nova edição separada do texto, melhor do que a dada na primeira parte. — *Documents manuscripts de l'ancienne littérature de la France, conservés dans les bibliothèques de la grande Bretagne. Rapports à M. le Ministre de l'instruction publique par M. Paul Meyer.* Na curta noticia que sobre a sua propria publicação nos dá M. P. Meyer, diz elle: «Ce volume contient les rapports que j'ai adressés au Ministre de l'Instruction publique à la suite d'une mission littéraire dont j'ai été chargé en 1865 et 1867. Les recherches auxquelles je me mis livré alors, et que j'ai depuis continuées dans une série de nouvelles explorations, ont fait connaître plusieurs ouvrages jusqu'alors entièrement ignorées et d'un intêret considérable pour l'histoire de notre littérature. Tels sont, pour citer les principaux, la Chronique de Primat (Musée Britannique) conservée par une traduction de Jean de Vi-

gnai, la *Dîme de Pénitence,* poëme composé à Nicoise em 1288 par Jehan de Journi, nom nouveau dans notre histoire littéraire, les poëmes du XII^e^ siècle contenus dans le ms. Canonici *misc.* 74 de la Bodleienne. En outre, j'ai fait connaître par des notices détaillées, souvent par des extraits étendus, un grand nombre de mss. déjà signalées á l'attention des savants, mais non encore étudiés.» — *Cantilene e ballate, stramboti e madrigali nei secoli XIII e XIV,* a cura di Giosué Carducci. Importante collecção de 358 poesias, na maxima parte ineditas, e das publicadas que estavam disseminadas, pertencendo geralmente ao genero popular. Um juiz tão competente como M. G. Paris faz ao editor os maiores elogios. — *Cancioneirinho de Trovas antigas, colligidas de um grande Cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano,* etc. (publicado por F. A. Varnhagen). M. P. Meyer julga assaz favoravelmente esta obra; para nós o merito d'ella está quasi apenas em nos fornecer meio de conhecermos parte do grande Cancioneiro de Roma que vergonhosamente está na maior parte inedito; como estudo critico do apographo feito no seculo XVI por um copista italiano muito pouco vale, a nosso vêr, a edição. Além dos erros que M. P. Meyer aponta ha outros que mostram que o editor não estava apto para nos dar um texto satisfactorio. Por exemplo: na estrophe 3 da canção VIII o editor pontua da seguinte fórma:

A dona disse que será?
E y o de sign' está já;
Revestida, mal dizer. m.'á,
Se me na igreja non ir. etc.

Esta pontuação torna impossivel dar com o sentido da estrophe. Tracta-se d'uma dama que estando para ir para a missa, viu um corvo, que suppoz máo agouro, pelo que não quiz sahir de casa. Pontuamos assim:

A dona disse: «Que será?
É y o do sign'.» Está já
Revestida. «Mal dizer-m'á
Se me na igreja non ir, etc.

É evidente que as phrases: que será? É y o do signo, e Mal dizer-m'á, etc. são postas na boca da dona.

As duas primeiras estrophes da canção XXIII são dadas pelo snr. Varnhagen, da seguinte fórma:

Mha irmana fremosa
Iredes comigo
A la Igreja de Vigo,
U é o mar salido:
E miraremos las ondas.

Mha irmana fremosa,
Iredes de grado
A la Egreja de Vigo;
U é amor levado:
E miraremos las ondas.'..

Além da inconsequencia da pontuação, que não escapou a M. P.

Meyer, é facil de vêr que o quarto verso da primeira estrophe deve ser corrigido em

U é *amor* salido

por causa do verso correspondente da estrophe seguinte. Outras vezes o snr. Varnhagen não attendeu á metrica, como por exemplo na estropiada canção XXXVII. Assim lê-se n'ella

Louvan' as antes	em vez de	Louvavan' as antes,
E, per sitiantes		E, per sitiantes
Amores e poder		Amor e poder
etc.		etc.

Romancero del Cid. Nueva edicion añadida y reformada sobre las antigas, que contiene doscientos y cinco romances, recopilados, ordenados y publicados por Carolina Michaelis. A editora é uma romanista de alto merito e esta sua edição portanto excellente. A collecção contém dezoito romances que escaparam a Duran. — *Dictionnaire d'étymologie daco-romaine,* par A. de Cihac. Obra excellente, segundo M. G. Paris. Occupar-nos-hemos d'ella n'um dos proximos fasciculos da *Bibliographia critica.*

Chronique.— Contém diversas noticias interessantes aos romanistas.

Em o fasciculo seguinte da *Bibliographia critica* daremos conta do segundo fasciculo da *Romania* (Avril). A grande importancia d'esta publicação para os paizes romanicos, reclama naturalmente de nós um exame especial. Ella é mais uma prova de que a França póde, querendo, rivalisar com a Allemanha na alta philologia.

F. A. C.

---

3 — **Historia y Juicio critico de la Escuela poetica sevillana, en los siglos XVI y XVII.** Memoria escripta por D. Angel Lasso de la Vega y Arguelles. Madrid, 1871. 1 vol., in-8.º, 352 pp.

Esta obra, recentemente publicada, appareceu debaixo dos auspicios de um premio por voto unanime da Academia Sevilhana de Bellas Letras e impressa por auxilio do Ministerio do Fomento; isto bastava para se conhecer que o livro não devia primar pela originalidade dos pontos de vista nem pela liberdade da critica. Submettido o livro a uma leitura franca, vê-se que o auctor entrou mais cedo do que devia no campo da historia, sem estar fortalecido com principios philosophicos para dar aos factos que accumulou a luz e connexão vital que lhes faltam. Lê-se todo esse trabalho que consiste em extractos e impressões sobre poesias lyricas de escriptores que nasceram em Sevilha, e não se encontra o por que Sevilha se tornou o centro da tradição classica em Hespanha, nem a causa por que a poesia propendeu alí mais cedo para o culteranismo. Insufficiente n'esta parte, o auctor

foi levado insensivelmente para o methodo que estava mais ao seu alcance, e ajuntou ao livro uma segunda parte, que é um catalogo alphabetico e bio-bibliographico dos escriptores naturaes de Sevilha.

N'esta parte, as noticias são compilações indigestas, que parecem ter permanecido em estado de apontamento repentino. Investigado o modo de proceder do auctor acham-se duas causas poderosas, que obstam a que o snr. D. Angel Lasso de la Vega y Arguelles seja historiador litterario; em primeiro logar, occupa-se com phrases sopradas, em que nas miragens do estylo toma palavras por ideias, redundancias por connexão logica, imagens rhetoricas por factos positivos. Em segundo logar crê que o genio nacional hespanhol está n'esta opulencia de phrase, e entrega-se todo a condemnar as invasões germanicas, que vieram á Peninsula destruir o classicismo romano. Partindo d'este criterio, como chegar a penetrar nas concepções da poesia hespanhola, no genio nacional? E' esta sem duvida a causa mais forte da mediocridade do seu trabalho. Eis um exemplo do estylo e da ideia: «Submettida Hespanha, como tantas outras nações, ás leis do Capitolio, recebendo e adoptando o idioma do Lacio, que tão harmoniosamente embellesavam as outras musas de Tibre, afortunadas imitadoras a seu turno das risonhas e engenhosas de Alfeo, patenteou com dignos testemunhos, que em nada era inferior o nome de seus filhos ao que resplandecia nos insignes vates romanos, que tanto contribuiram com a sua gloria para a gloria d'aquelle imperio collossal, e que são os classicos mestres das gerações seguintes.» (p. 3.) Quando n'outra parte falla da invasão germanica na Peninsula, ainda está no mesmo estado de terror e de condemnação dos chronistas ecclesiasticos: «Por espaço de tres centurias avassalam o povo-hispano as raças septentrionaes: os godos, os suevos, os alanos e os vandalos silingos, fazem-se donos de suas formosas comarcas, destruindo completamente os vestigios da civilisação romana debaixo da pressão de sua rude barbarie e de seus instinctos bellicosos.» E conclue o que diz da influencia germanica com as seguintes palavras, de quem desconhece o que é a moderna sciencia da historia: «O imperio gothico, depois de haver causado funda perturbação em nossa patria, devia acabar d'uma maneira desastrosa nas margens de Guadelete.» Aqui está a formula banal ainda hoje sustentada no ensino official da Peninsula, atrophiando o genio critico, inutilisando os esforços d'aquelles que sem uma plena liberdade de espirito se lançam á busca da verdade.

A *Historia e Juizo critico da eschola Sevilhana* é apenas um peculio de apontamentos tirados por quem não tinha um fito determinado; o snr. D. Angel Lasso passa pelos grandes problemas litterarios e ethnographicos, que ás vezes se encerram em um nome, em uma obra, e contenta-se com simples transcripções de selecta. Fazer a Historia da eschola de Sevilha, é procurar qual foi em Hespanha o ponto d'onde os estudos classicos mais cedo se desenvolveram, e ao mesmo tempo mostrar como o genio nacional luctou ahi ou se deixou abafar pela cultura litteraria latina. Isto não fez o snr. D. Angel. Sevilha era uma

cidade especuladora, um dos maiores emporios commerciaes do Mediterraneo, o ponto d'onde partiam as expedições aventureiras para as descobertas; por isto se vê que o genio nacional era n'esta zona perturbado, distrahido com interesses fortes que lhe não davam tempo para recordar o passado; que era influenciado por todos os concorrentes aos seus mercados, com quem tinha uma communicação que o tornava estranho a si mesmo. O bem estar, a abundancia, o fausto que redundava d'esta riqueza das especulações, tornava tambem a litteratura, não uma necessidade moral, não um alimento do povo, mas um pretexto de quem alardeia a posse do melhor, do mais bem acabado, do mais rico. Sevilha teve relações immediatas com os portos e cidades maritimas de Italia; é de Italia que entra em Hespanha através de Sevilha a tradição dantesca, a allegoria platonica, que vem transformar, vivificar o cansado subjectivismo provençal. No *Cancionero de Baena* encontram-se os versos de Micer Francisco Imperial, aquelle a quem se attribue a primeira influencia italiana na poesia hespanhola; n'esse cancioneiro vem a rubrica debaixo do nome d'esse poeta genovez «*estante e morador en la muy noble çibtad de Sevilla.*»

As novas composições de Imperial acharam echo em todos os versificadores, e estabeleceu-se a lucta contra a velha fórma classica do provençal, ainda sustentada pela eschola gallega de Villasandino. As consequencias do triumpho da eschola dantesca foram o sacrificio do genio creador á erudição, á imitação forçada, e á desnaturação das concepções puramente hespanholas. Os poetas começaram a rimar vidas de Santos e passos da Paixão, como o padre Hejeda, auctor da *Christiada* em fórmas italianas, ou Frei Juan de Padilha, auctor do *Retablo de Christo;* começaram tambem em Sevilha mais cedo do que em nenhum outro centro litterario de Hespanha o uso das academias litterarias chamadas Tertulias que em vez de desenvolverem o gosto e o ideal poetico, reduziram este a macaqueações de fórmas não comprehendidas, á celebração de futilidades, á negação do senso commum. O esforço empregado por Argote de Molina, tambem sevilhano, para fazer comprehender a poesia nacional antiga ou salvar o livro decameronico do *Conde de Lucanor* de D. Juan Manoel, mostra quanto em Sevilha os espiritos haviam esquecido o sentimento proprio, para acceitarem a moda que penetrára no arraial da erudição. O celebre erudito Nebrixa, que tanta influencia exerceu sobre a paixão pelos estudos classicos na Peninsula, era tambem de Sevilha. O que havia de mais nacional, a manifestação mais expontanea e viva do genio hespanhol — *O Romancero,* foi tambem encontrar na zona de Sevilha uma desnaturação artificiosa que veiu em grande parte esgotar a livre tradição popular. E' de Sevilha que nós vêmos partir essas primeiras collecções de romances moldados sobre a fórma popular, mas com a redacção de um refinamento litterario, com o caracter descriptivo de um espirito a frio, com o subjectivismo lyrico de quem nunca soube os modos profundos e geraes com que o povo se exprime. E' de Sevilha que sáe Lorenzo de Sepulveda, auctor dos *Romances sacados de varias histo-*

rias, que fez no seculo XVI o contrario do que fez Affonso Sabio no seculo XIII; este vae ás tradições do povo e recolhe os antigos romances para compôr por elles a sua historia; Sepulveda vae ás chronicas do rei sabio e põe em verso aquillo que estava de um modo mais natural dito em prosa. O mesmo se dá com Alonso de Fuentes, auctor do *Libro de los cuarenta cantos,* em que elle dá fórma litteraria aos romances populares, celebrando os feitos da Escriptura Sagrada, dos romanos, das actas dos santos e da conquista de Malaga e Granada. Tambem de Sevilha é esse outro metrificador de Romances cultos, Juan de la Cueba, auctor do *Caro Febeo,* o qual veiu morrer em Portugal na provincia de Traz-os-Montes, tendo-se retirado de sua patria por causa da morte de sua amante D. Brigida Lucia de Belmonte.

Se a eschola de Sevilha revelava esta incapacidade para comprehender as concepções do genio nacional e dar-lhes uma fórma brilhante, a sua mesma ethnologia leva a explicar as fórmas da novella picaresca e da comedia baixa, que os dois sevilhanos Mateo Aleman e Lope de Rueda fundaram. O que é o theatro no meio dos feitos religiosos, como este o inventou nos *entremezes,* senão um effeito dos costumes italianos da *comedia del arte,* e dos *intermezzas,* levados para Sevilha pelos aventureiros italianos que iam explorar com o seu parasitismo essa capital mercantil?

A *vida de Gusman de Alfarache* é tambem o typo do *roué,* como se não encontra na vida hespanhola, mas como se creou em Merlin Cocaio, e nas cartas licenciosas do Decameron. Era tambem sevilhano Luiz Vellez de Guevara, pretendido auctor do *Diabo Coxo.*

Quando o uso dos metros endecasyllabos alcançou o seu completo predominio em Hespanha, e Gareilasso e Bosean rehabilitaram a imitação italiana, banindo as redondilhas e tornando mais frequente o uso do soneto, da canção, e da outava, em Sevilha tambem appareceu um propugnador do novo artificio, o chamado *divino* Herrera, cujo nome deve ser conhecido nas letras portuguezas pela sua emphatica ode á morte de el-rei D. Sebastião em Africa.

Era este o espirito que deveria ter dirigido o auctor da *Historia y Juicio critico de la Escuela poetica sevillana;* mas como chegar a elle tendo partido de um culto auctoritario pelas imitações dos modelos latinos, e sobre tudo com uma grande falta de educação philosophica e historica? Os estudos da historia litteraria em Hespanha acham-se hoje dignamente representados pelo sabio D. José Amador de los Rios; D. Angel Lasso traz na sua obra uma Carta d'este seu antigo mestre, em que lhe diz apresentando-lhe o verdadeiro elenco para uma historia da eschola sevilhana, que melhor teria sido se lh'o houvesse mostrado antes de apparecer no concurso em que foi premiado. Este livro é uma tentativa e não um trabalho definitivo; por isso não se condemna, mas indica-se ao auctor a direcção scientifica.

T. Braga.

4.—**Instructions pour l'étude élémentaire de la linguistique indo-européenne**, par Abel Hovelacque. Paris. Maisonneuve et C.ie 1871. In-18° — 131 pp.

O titulo d'este livro indica bem qual seja o seu fim. O auctor começa por apresentar um resumo da classificação das sciencias segundo a eschola positivista, a fim de determinar o logar da sciencia da linguagem; seguindo Schleicher, de quem transcreve algumas passagens sobre o ultimo ponto, considera a linguistica como sciencia natural, mas sem accrescentar nada d'essencial aos argumentos do celebre linguista. Sabe-se que a questão se a linguistica é ou não uma sciencia natural está ainda pendente, apesar da primeira opinião ter a seu favor, além de Schleicher, um sabio como Max Müller e outros trabalhadores de grande importancia. M. A. H. passa depois a assignalar as differenças entre a linguistica e a philologia, limitando-se aqui tambem a expôr quasi exclusivamente ideias alheias, as melhores sem duvida sobre esta questão. As passagens da obra de Schleicher *Die deutsche Sprache* que M. A. H. transcreve (p. 37 segg.) encerram observações decisivas.

M. A. H. falla em seguimento do methodo da sciencia da linguagem e do seu fundador Bopp, e diz-nos que dois homens concluiram a sua obra: «Ce furent, l'un en France, M. Chavée, l'autre en Allemagne, Schleicher (p. 47).» Nem uma palavra ácerca do logar de Jacob Grimm e Pott na creação do methodo linguistico; todavia é sabido que esses dous sabios foram os primeiros a demonstrar toda a importancia da phonetica; Schleicher *Compendium des vergleichenden Grammatik*, p. 15, nota (2.ª ed.) regista esse facto. Ninguem poderá pôr em duvida o grande papel de Augusto Schleicher na sciencia da linguagem, mas o de M. Chavée parece-nos bem pouco importante e crêmos que nenhum direito ha para o collocar ao lado de um sabio como o primeiro. Os descôbrimentos que se attribuem a M. Chavée são hypotheticos. O *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung* herausg. von A. Kuhn XVIII. 446 seq. diz-nos a respeito d'elle alguma cousa bem seria e attendivel. E' a mania do grupo de linguisticas a que pertence M. A. H., grupo que não é aquelle de que em verdade a sciencia tem mais a esperar, fazer de M. Chavée um linguista extraordinario.

O auctor começa depois a mencionar as principaes obras de linguistica sobre o ramo indo-germanico e cada uma das suas familias e principaes individuos n'elle comprehendidos, dando ao mesmo tempo uma apreciação d'essas obras que, reproduzindo em geral a opinião de criticos competentes, é perfeitamente acceitavel, e indicando tambem alguns trabalhos para o estudo practico das principaes d'aquellas linguas. A proposito d'esses livros M. A. H. toca incidentemente n'algumas questões; assim faz algumas observações sobre a transcripção do alphabeto sanskrito a p. 59 e 73 e segg. A p. 109 seg. resume a sua pretendida refutação da theoria do *Lautverschiebung*, de Grimm. Basea-se ella em que J. Grimm confundiu as sibilantes germanicas com aspiradas: «Seulement ce dont je dois prévenir ici c'est que son côté

faible (da theoria de Grimm) et toute son erreur consiste en ce que Grimm a continuellement confondu avec de prétendues aspirées les sifflantes du germanisme: les *f*, les *h*, les *th*, du gotique, par exemple, n'ont rien de commun avec des aspirées, ce sont des sifflantes. Cette confusion, je le répète, est le point de départ de toute l'erreur, c'en est la génératrice *(Instructions,* p. 109). » Ora quem leu Grimm sabe até que ponto elle fez essa confusão que lhe attribue M. A. H. e que não podia ser ella a causa geradora do erro, se o ha.

Na sua *Deutsche Grammatik* classifica sem duvida Grimm o *f* e o *th* gotieos de aspiradas; mas ao fallar das gutturaes goticas diz: Die aspirata fehlt; h der einfache, reine hauchlaut. » Não sendo certo se o gotico *th* era ou não uma aspirada (é mais provavel que não), o verdadeiro erro de Grimm está aqui em chamar aspirada a *f;* mas em todo o caso não é sobre essa base que elle assentou a sua theoria, pois nos diz que *h* é uma aspiração. Demais a exposição de Grimm em a sua *Geschichte der Deutschen Sprache,* p. 276 seg. (3.ª ed.) não deixa a minima duvida de que elle via no *f* e *h* goticos uma degeneração das aspiradas fundamentaes germanicas *kh, ph;* além d'isso a theoria é admittida por todos os linguistas serios, que sabem perfeitamente que o *f* e o *h* gothicos não eram aspiradas. A theoria não assenta pois sobre pretendida confusão das spirantes goticas com aspiradas. Os factos são os seguintes:

As tenues indo-germanicas

k, t, p

mudam-se respectivamente nas aspiradas fundamentaes germanicas

kh, th, ph

que degeneraram em seguimento nas aspirantes *(th* duvidosa)

h, th, f

As medias indo-germanicas *g, d, b* mudam-se respectivamente nas tenues do mesmo orgão *k, t, p* fundamentaes germanicas e goticas e as aspiradas indo-germanicas *gh, dh, bh* em mediaes fundamentaes germanicas e goticas *g, d, b.* Houve assim uma substituição circular completa e essa acha-se repetida sobre as consoantes do germanico fundamental sahidas das momentaneas indo-germanicas primitivas, identicas ás do gotico, para o alto allemão. Mas diz M. A. H.: « .... le traitement que le germanisme (a lingua germanica fundamental?) fit subir aux consonnes explosives de l'organisme typique indo-enropéen (c'est à savoir aux explosives fortes P, T, K, aux explosives B, D, G, aux explosives aspirées BH, DH, GH plus faibles encore que les précédentes, puisque l'aspiration, le souffle qui les termine est un empêchement à la sonorité), ce traitement, dis-je, est des plus simples. Il consiste uniquement en un renforcement: 1° les aspireés organiques se trouvent renforcés par la perte du souffle qui les enchaîne en quelque sorte, c'est-à-dire qu'elles deviennent explosive faibles ou

moyennes; 2.° les faibles ou moyennes organiques montent au rang des fortes; 3.° les fortes organiques sont sifflées, c'est-à-dire qu'elles deviennent *f*, *h* (sifflé), *th* (sifflé), le *th* dur anglais).» p. 110. Vê-se: M. A. H. dá hypotheses por explicações; falsifica os factos physiologicos, chamando ás aspiradas sons mais fracos do que as medias; põe de lado o ponto de vista comparativo, esquecendo-se dos factos das outras linguas (por exemplo, *f* e *h* latinos provenientes d'aspiradas identicas em quanto á qualidade, mas não em quanto á origem, ás fundamentaes germanicas, como provou o sabio professor G. I. Ascoli, etc.) e sobretudo deixa inexplicado porque é que as medias se mudaram em tenues no germanico. E' ao que leva a mania de querer forjar theorias e refutar doutrinas solidas para nos dar alguma cousa na falta de factos.

Postas de parte as theorias novas de M. A. H. e a exagerada importancia que attribue ás obras de M. Chavée, o seu livrinho fornece indicações que podem ser muito uteis aos que querendo começar o estudo scientifico das linguas indo-germanicas desejam saber de que livros devem fornecer-se.

F. A. C.

---

5. — **Da litteratura dos livros de cavallarias.** estudo breve e conscienciozo: Com algumas novidades ácerca dos originaes portuguezes e de varias questões co-relativas, tanto bibliographicas e linguisticas como historicas e biographicas, e um fac-simile (por Francisco Adolpho Varnhagen). Vienna. Na Imprensa do Filho de Carlos Gerold. 1872. 8° peq. VIII — 250 pp.

O auctor d'este livro, cujo nome não figura no frontispicio, mas nos é revelado por uma carta impressa á frente do volume, é o meritorio editor das *Trovas e cantares* e dos excerptos do *Cancioneiro portuguez* do Vaticano. O livro porém não corresponde, excepto na brevidade, ao que o frontispicio promette. Salvo uma ou outra noticia puramente bibliographica mais circumstanciada do que a que se possuia ácerca d'alguns livros de cavallaria, as novidades escaceam n'elle completamente, ou o que o auctor nos dá como novidade é hypothese sem fundamento, como no caso da interpretação das allusões da *Menina e Moça* (1). Nos factos propriamente de historia litteraria que o auctor nos apresenta nada ha de novo e ha muitos erros; o auctor demais não parece ter estudado conscienciosamente o assumpto de que ia tractar, apesar do que o frontespicio promette.

O que nos diz nos § § 1-4 dos romances do cyclo carlovingiano e da *Tavola redonda* é muito menos que elementar. Ignora a existencia da cantilena germanica, ponto de partida da *chanson de geste*, e suppõe esta nascida expontaneamente, sem precedentes: «Sem duvida, mais livre de contestações que as novellas precedentes se nos apresentam as

(1) Uma outra interpretação baseada sobre factos d'uma probabilidade muito maior foi proposta recentemente pelo snr Theophilo Braga, *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, de que nos occuparemos proximamente.

carlovingias, cujos feitos, (feitos de quem? de Carlos Magno?) com mui pequenas variantes, se cantaram logo nas *Chansons de gestes,* e foram compendiados em latim na chamada chronica de Turpin, etc. (p. 31).» Fallando do conhecimento que se teve em Portugal dos romances do cyclo da *Tavola redonda* diz: «Já em tempo de D. João I eram mui lidas em Portugal as novellas da *Tavola Redonda* (p. 25)»; mostrando assim ignorar que esse conhecimento remonta muito mais alto, como provam os versos do *Cancioneiro* de D. Diniz restabelecidos por Ferdinand Wolf *(Studien zur Geschichte der Spanischen und portugiesischen Nationallitteratur,* p. 706):

Qual mayor poss' e o mays encuberto
Que eu poss' e sey de *Brancaflor*,
Que lhe non ouv' en *Flores* tal amor,
Qual vos eu ey; e pero são certão
Que me queredes peyor d'outra reu,
Pero, senhor, quero vos eu tal beu.

Qual mayor poss'e o muy namorado
Tristão, sey ben que non amou *Iseu*,
Quant'eu vos amo, esto certo sey eu.

O snr. Varnhagen demais não diz uma palavra da propagação dos romances populares portuguezes que se ligam aos dous cyclos. A leitura do capitulo v das *Epopeas da raça mosarabe* do snr. Theophilo Braga (Porto 1871) poderia, sem duvida, elucidal-o a este respeito. E' em consequencia da ignorancia dos romances populares do cyclo carlovingiano que o snr. Varnhagen se exprime da seguinte fórma: «N'este cyclo carlovingio pouco se assignalou Portugal; contentando-se os seus filhos, como os de suas colonias, com ler, mais que nenhum outro livro, a famosa «*Historia de Carlos Magno e dos Doze pares de França*» já em resumo, no texto dos *Nove da Fama,* que segundo vimos fôra em castelhano publicado em 1530, já no proprio livro de *Carlos Magno,* de que em 1613 se chegou a fazer n'aquella cidade uma edição especial, egualmente em castelhano (p. 32 sq).»

Os §§ v-vii occupam-se do cyclo dos Amadizes; o que nos communicam não adeanta nada ao que se sabia, e disseram Walter Scott, Alexandre Herculano, Baret, Gayangos, etc.; muitos factos trazidos já a luz são ao contrario ignorados pelo snr. Varnhagem; assim não nos diz elle, por exemplo, uma unica palavra ácerca do *Amadis et Ydoine,* nem do *Sir Amadace* inglez; suppõe até que o *Amadis* peninsular foi creação de um jacto e attribue sem escrupulo essa creação a Vasco de Lobeira, pugnando pela «origem portugueza da novella.» O snr. Varnhagen mostra-se assim collocado fóra do campo das questões de litteratura comparada, por não reconhecer a absoluta impossibilidade, já mais de uma vez demonstrada, da origem portugueza da novella do *Amadis* e por não vêr que, no que diz respeito á nossa litteratura, a unica questão que havia para tractar era — se a primeira redacção em prosa de uma novella sobre as aventuras e amores de Ama-

dis foi feita em Portugal por um Vasco de Lobeira sobre materiaes estrangeiros.

Estranhamos muito que o snr. Varnhagen teime ainda em attribuir a D. Affonso IV e a Vasco de Lobeira os dous sonetos que o filho de Antonio Ferreira declara expressamente terem sido escriptos pelo pae em linguagem antiga. «Estes dous sonetos, diz elle na advertencia reproduzida na edição de 1771 p. 34, fez meu pay na linguagem, que se costumava n'este Reino no tempo del Rei D. Deniz, que é a mesma, em que foi composta a historia de Amadis de Gaula por Vasco de Lobeira, natural da cidade do Porto, cujo original anda na Casa de Aveiro. Divulgaram-se em nome do Iffante D. Affonso, filho primogenito del Rei D. Deniz, por quam mal este Principe recebêra (como se vê da mesma historia) ser a fermosa Brianloja (sic) em seus amores tão maltratada.» Como duvidar d'um testemunho tão formal? Ha por ventura argumentos tão fortes que nol-o permittam fazer? Os do snr. Varnhagen não o são por certo: «Quanto á supposição de haverem sido os mesmos sonetos obra de Ferreira, parece-nos que só a cegueira do amor de filho podéra desculpal-a. No tempo de Ferreira não se tinham feito estudos da poesia antiga, que o habilitassem a emprehender taes composições, e tanto assim que elle nem se quer as entendeu bem, ao copial-as; pois só assim se explica o haverem sido menos correctamente dadas á luz. Demais para compor o soneto do infante D. Affonso tinha elle a ideia no proprio texto do Amadis; mas a resposta de Lobeira que oraculo lh'a inspirou? (p. 62 sq).» Quasi não vale a pena responder a argumentos tão falhos de critica. Ferreira não tinha por certo grande conhecimento da antiga poesia portugueza, aliás não escolheria uma fórma absolutamente estranha ás fórmas provençaes d'essa poesia, o soneto italiano de quatorze versos endecasyllabos, de que em Portugal só se teve conhecimento no seculo XVI, quando a poesia italiana começou a ser imitada entre nós. Bastava a Ferreira para fazer os seus sonetos ter algum estudo do portuguez antigo; e esse não estamos auctorisados a negar-lh'o, tanto mais quando a noticia dada pelo filho leva a crêr que elle lesse o *Amadis,* na redacção de Lobeira, por certo o mais vasto monumento immediato aos nossos primeiros *Cancioneiros.* «Mas a resposta de Lobeira que oraculo lh'a inspirou?» diz o snr. Varnhagen. Que ha pois n'essa resposta de tão extraordinario que qualquer não a podesse inventar? Absolutamente nada; essa resposta contém uma descripção em que figura o Amor com as suas setas, e que portanto pelo seu caracter mythologico não se encontraria n'um escriptor medievico, do periodo em que a eschola provençal estava em vigor em o nosso paiz, e que, ao contrario, é naturalissima, n'um escriptor do seculo XVI. Nada mais facil d'explicar do que terem saído incorrectos os dous sonetos impressos depois da morte de Ferreira, quando nas suas poesias escriptas na linguagem do tempo abundam as erratas, algumas das quaes foram indicadas pelo filho n'uma tabella; e esses erros podiam tambem provir, não de Ferreira não ter sabido copiar, mas de não ter sabido escrever bem em portuguez antigo. O

snr. Varnhagem apresenta-nos os dous sonetos com correcções que se lhe affiguraram exactas; mas com quanto nos affirme que tem grande habito de lêr as poesias do tempo de Vasco de Lobeira e «de haver muitas vezes acertado por inspiração a decifrar manuscriptos errados (p. 66),» essas correcções revelam-nos ignorancia de certas particularidades do antigo portuguez e estropiam em geral o texto de Ferreira em vez de restabelecer uma lição primitiva que nunca existiu.

No texto de Ferreira lê-se:

E tanto nos aprougue, e a tambem.

Corrige o snr. Varnhagen:

Por en tanto nos prougue, e er tan ben

O verso de Ferreira é evidentemente máo portuguez antigo; *aprougue* era pouco usado e *a* antes de *tambem* é uma lettra aqui sem sentido e que se encontra mettida a bel-prazer em quasi todas as falsificações do antigo portuguez; mas a correcção do snr. Varnhagen e *er tan ben* fica um pleonasmo absurdo, pois a particula *er* só poderia aqui significar o mesmo que *tambem* e nunca se encontra, cremos, *er* seguido de *tambem* no antigo portuguez. O texto traz «Brioranja» que o snr. Varnhagen muda em *Br'olanja* sem necessidade porque o diphtongo *io* conta por uma vogal. O verso

Brioranja amar endoado hu non amaron

muda o snr. Varnhagen em

Br'olanja amar endoada hú no amaron,

suppondo que *endoado* é um adjectivo que como tal deveria concordar com *Brioranja,* quando *endoado* é uma expressão adverbial que significa debalde. A medição do verso não exige tambem que se mude *non* em *no.* O snr. Varnhagen desconheceu as praxes dos poetas do seculo XVI que viam em *endoado* tres ou quatro syllabas, á vontade. Onde Ferreira com toda a razão põe *mais* (conj.), que é a fórma usada constantemente nos seculos XIII e XIV, o snr. Varnhagen emenda em *mas* que é a fórma moderna. O verso do segundo soneto

Brioranja ahi a sazon sia pensando

emenda o snr. Varnhagen em

Br'olanja hi a sazon s'ia pensando,

onde só ha que aproveitar *hi* por *ahi,* pois *s'ia* é uma substituição que mostra ignorancia da fórma *sia* imperf. ind. de *ser,* muito usada no

antigo portuguez. E o resto assim, de modo que só duas ou tres correcções ha exactas, mas que nada provam a favor da hypothese do snr. Varnhagen.

Não menos infeliz que as suas pretendidas correcções é a etymologia que nos dá de *Amadis,* por desconhecer a existencia do nome de *Amadis* no romance francez e de *Amadace* no inglez.

O § VIII tracta das familias de *Clarian* e dos *Palmeirins:* nada adeanta como os precedentes.

No § IX pretende achar na *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro a historia de hypotheticos amores d'este com a princeza D. Joanna, cunhada de D. Manoel, mulher de Philippe o Bello, sendo esses amores a causa do despacho do poeta para governar a fortaleza da Mina. O snr. Theophilo Braga diz a proposito de taes supposições: « A inanidade d'esta theoria conclue-se: 1.° por Varnhagen originar os amores de Bernardim com Joanna a Doida em 1496, quando ella partia de Laredo para Flandres; ora pela Egloga II (de Bernardim) demonstra se que em 1496 Bernardim Ribeiro saíu da villa do Torrão para vir viver em Lisboa. 2.° Como poderia elle acompanhar Dom Alvaro de Portugal em uma embaixada a Castella, quando mal contava vinte e um annos? Demais esse typo novellesco de Alvaro (Avalor) nada tem de commum com os amores de Bimnarder, porque só figura na segunda parte da *Menina e Moça,* que é apocrypha, e relata outras intrigas muito differentes. 3.° Descobrindo-se pela leitura da primeira parte da *Menina e Moça,* que a acção se passa no Alemtejo, localisada em Evora, como é que Bimnarder podia amar nos paços de Lamentor uma dama que estava em Flandres, e que depois de casada em 1496, teve uma entranhavel paixão por seu marido? 4.° O governo da fortaleza da Mina, andava na familia dos Mascarenhas, á qual pertencia Bernardim Ribeiro e Manoel de Goyos, como acima provamos *(Bernardim Ribeiro e os Buccolistas,* p. 138 e seguinte.)» Veremos qual é o peso d'estes argumentos no artigo em que analysarmos o livro do snr. T. Braga.

O § X occupa-se da *Diana* de Monte-mayor; o § XI da *Historia de Isea;* e o § XII reune algumas particularidades já conhecidas ácerca das intrigas, de que foi victima a rainha D. Joanna, mulher de Philippe o Bello, sem adduzir nenhum documento novo. Seguem-se vinte e duas notas que não valem mais que o texto.

Admira-nos muito que o snr. Varnhagen vivendo em Vienna e tendo relações com um linguista tão profundo como Mussafia e até correspondencia com Diez, tenha das questões de linguistica uma ignorancia tão completa que podesse escrever o seguinte no seu livro, depois de ter apresentado a supposição de que portuguez e castelhano foram primitivamente a mesma lingua, o que póde ser verdadeiro ou falso, segundo se entenderem essas palavras: «Os Castelhanos com mais frequente trato com os seus visinhos Arabes, por ventura mais civilisados, foram *arabisando* a linguagem, principalmente no tocante á pronúncia. Provaremos esta asserção, exemplicando-a em um voca-

bulo bem trivial: *Filho*. Os antigos Castelhanos, segundo se confirma até pelos differentes textos traduzidos do *Liber Judicum*, diziam, á semelhança do latim, *Fillo*. Porém já nos poemas do 14° e 15° seculo haviam passado a dizer *Fijo*, adoptando dos Arabes o som guttural para a segunda syllaba. Por fim, como os Mouriscos de Andaluzia e Granada não podessem pronunciar o F, foi admittido no Castelhano outro guttural para a primeira syllaba, e a palavra se converteu em *Hijo*. E o mesmo se passou, transformando *Fita, fizo*, etc. em *Hita, hizo*, etc.

«Por sua parte, Portugal, ou por mais intolerante, ou por se achar em contacto com Mouros mais rudes, e de quem menos tinha que servir-se, por isso mesmo que tambem estava mais inculto, conservou quasi estacionaria a sua pronunciação, e seguiu dizendo *Filho*, como ainda hoje; embora adoptando muitas palavras de origem arabe. Depois de haver resistido á invasão do guttural mouriseo ou arabe, cedeu porém a lingua portugueza a uma nova invasão, que lhe veio da Asia, com o aroma do cravo e o queimôr da pimenta. Foi a do feio nasal *ão*, substituido ao *am* forte, e ao *on*, em uso até os fins do 15° seculo, e ainda principios do 16°. — Por ventura o proprio Camões, voltando do Oriente, viria a contribuir com todo o peso da sua auctoridade, para essa admiravel e quasi inexplicavel *nasalisação* da lingua (p. 150-152).» Se dissermos ao snr. Varnhagen que da fórma *fillo* = *filho* (*ll* castelhano = *lh* portuguez) era absolutamente impossivel que viesse a fórma *fijo* mas que ellas são parallelas e provenientes da fundamental *filjo*; que o *j* castelhano não é um som arabe, mas sim um som que no castelhano se foi desenvolvendo organicamente do *j* palatal; que a importação do diphtongo nasal *ão* da India é uma cousa perfeitamente absurda e que esse diphtongo existia já no mais antigo portuguez onde tinha nascido d'uma desinencia latina em *ano*, e que foi por meio d'intermediarios que a desinencia em *om* = lat. *one* se mudou em *ão*, elle por certo não nos comprehenderá, nem acceitará a demonstração d'esses principios. Limitamo-nos pois a estas indicações. Os escriptores peninsulares teem grande mania de attribuirem ao arabe uma influencia sobre a lingua hespanhola que nunca se provou; essa mania tem-se propagado a escriptores d'outros paizes e nós não temos senão que lastimar que o snr. Varnhagen se ache affectado d'ella em um tão alto gráo; teria feito bem em consultar a este respeito o illustre Mussafia ou o venerando mestre Frederico Diez cuja opinião o teriam por ventura livrado de escrever aquellas paginas infelizes.

F. A. C.

6. — **Revista de Archivos, Bibliothecas y Museos.** Madrid. Imprenta y Estereotipia de M. Rivadeneyra. Tomo I. 1871, 8.° gr. 2 col. 336 pp. Tomo II. N.° 1.°–12.°. 196 pp.

Este periodico começou a sua publicação em 31 de Janeiro de 1871, sendo a principio mensal, mas passou pouco depois a apparecer quinzenalmente. Era sobretudo, destinado no espirito dos editores, ao corpo de archivistas, bibliothecarios, directores e conservadores de museus e antiquarios; mas na sua *ojeada retrospectiva,* com que abre o segundo anno, dizem os redactores que dous terços dos seus subscriptores são constituidos de «publico desinteresado y ajeno á los fines que principalmente nos impulsaron, y el cual sólo ha podido buscar en nuestro columnas esparcimento, recreo, instruccion acaso. Mas en cambio, cuántos nombres faltan en esas listas de establecimentos y de personas, que con nosotros tienen comunidad de intereses, de derechos y de aspiraciones.» Se o facto é pouco honroso para o corpo a quem o jornal era destinado, é-o muito para o grande publico hespanhol, que em verdade manifesta bastante interesse pelos estudos historicos e litterarios, interesse que desgraçadamente falta em Portugal, mas que no reino visinho não é ainda dirigido por uma publicação realmente á altura da sciencia. A *Revista d'Archivos* é uma publicação muito util sem duvida, mas não tem verdadeira importancia scientifica. Os seus artigos pertencem geralmente á classe de curiosidades historicas e litterarias ou de miscellania. Muitos não dão mesmo nada de novo ao publico lettrado, ou são banaes ou pueris (isto dá-se principalmente na secção de perguntas feitas pelos assignantes, sobre differentes pontos, e nas respostas a ellas dadas); mas esta critica não deve fazer desconhecer que nos seus limites a *Revista de Archivos* é d'uma utilidade real. Muitos dos seus artigos são interessantes; encerra documentos de grande valor para a historia e archeologia peninsulares. Recommendam-se sobretudo as noticias que nos dá dos archivos, bibliothecas e museus e da legislação que diz respeito a esses estabelecimentos, noticias que occupam o maior espaço na publicação. O ultimo numero que temos á vista (tom. II. n.° 12, 30 de Junio de 1872) exemplifica perfeitamente o que deixamos dito. Contém os artigos: *Aragon, Castilla y la unidad española,* declamação perfeitamente banal, encorporando alguns factos historicos bem conhecidos; varias noticias sobre pessoal de bibliothecas e archivos; artigo bibliographico sobre *Cervantes y el Quijote. Estudos criticos,* por Francisco M. Tubino, livro que ainda não vimos, pelo que não sabemos se os elogios do auctor do artigo são justos, tanto menos quanto este não nos dá uma analyse porque possamos fazer uma ideia da obra; *Del signo rodado* en los documentos reales anteriores á D. Alfonso el Sabio. I. Origen y antigüedad del signo rodado; nada contém d'essencial que seja novo; *Decreto por el cual se mandó refundir en la Academia de la Historia los oficios de cronistas generales y particulares* (de 25 d'outubro de 1744); o começo da *Relacion del viaje del marqués de los Balbases desde Madrid á Lisboa* (continúa), documento interessante, que deve ser segui-

do d'outros relativas á embaixada em que o marquez vinha a Portugal (1727) e que parece ser desconhecida dos historiadores de Hespanha; varias perguntas e uma resposta ácerca de privilegios rodados. Se a *Revista de Archivos* eliminar tudo quanto fôr banal e mera repetição de cousas já conhecidas, não fará mais do que alargar o credito que já tem.

A. D.

BOLETIM

LIVROS EM FRANCEZ

Barthélémy (Anatole de), Essai sur l'origine des armoiries féodales et sur l'importance de leur étude au point de vue de la critique historique. In-8.° 44 pp. Poitiers. 1872 (Extrait du Tom. xxxv des *Mémoires de la Societé des Antiquaires de l'ouest).*

«M. Anatole de Barthélemy, qui dans le cours de ses travaux sur le moyen-âge a souvent eu l'occasion de constater que le blason pouvait être bon à autre chose qu'au rôle modeste auquel on l'a réduit par grâce, celui de fixer par ci par là la date d'un monument armorié, n'a pas dédaigné de prendre la peine d'en scruter à nouveau les origines, d'en étudier l'essence et de mettre en saillie les ressources que ce grimoire pouvait fournir à la critique historique. M. de B. avait été bien inspiré. Il a prouvé que l'on s'est généralement fourvoyé lorsque l'on a voulu traiter des temps héroïques du blason, et a montré par des exemples heureusement trouvés et habilement mis en œuvre, qu'il y avait là un champ fécond dont il ne fallait pas laisser l'exploitation aux officines nobiliaires où l'on ne sait guère que balbutier la langue héraldique.» *Revue critique d'histoire et littérature.* 1872. 120.

Le Bhâminî-Vilâsa, texte sanscrit publié avec une traduction et des notes, par Abel Bergaigne. Paris. A. Franck. 1872 (9.e fascicule de la Bibliothèque de l'Ecole des Hautes-Études).

« Le Bhâminî-Vilâsa n'était connu qu'imparfaitement jusqu'ici en Europe. Galanos, Bohlen, Hœfer et Aufrecht n'en avaient publié ou traduit que des fragments, et l'édition d'ensemble donné à Calcutta en 1862 est restée peu accessible. Elle est loin du reste d'être complète et correcte. Celle que vient de nous donner M. A. B. est l'un et l'autre...

« Le Bhâminî-Vilâsa n'est qu'un recueil de stances indépendantes, réunies sans ordre sous quatre rubriques générales. Celle du 1er livre se rapportent principalement à la morale et à la sagesse pratique:

elles du 2e peignent les joies et les peines de l'amour: celles du 3e sont s plaintes arrachées par la mort d'une épouse; enfin celles du 4e ont our objet la dévotion à Krishna.

« Sentencieuses, érotiques, élégiaques, mystiques elles s'inspirent lonc à peu près de tous les thêmes auxquels se complaît l'imagination des Hindous, et présentent comme un abregé de toute leur poésie gnomique. » *Revue eritique d'histoire et littérature.* 1872. 89.

Brugsch (Henri), Grammaire hiéroglyphique contenant les principes généraux de la langue et de l'écriture sacrées des anciens Égyptiens, composée à l'usage des étudiants. Leipzig. J. C. Hinrichs. 1872.

« L'ouvrage de M. Brugsch se divise en vingt chapitres: un traite du *système de l'ecriture hiéroglyphique,* quatorze de l'étude des formes et quatre de la syntaxe. Viennent ensuite deux appendices fort importants: 1° *Tableau générale des hiéroglyphes qui ont des valeurs phonétiques;* 2° *Tableau générale des signes determinatifs généraux les plus usités dans l'écriture hiéroglyphique...* Ce nouvel ouvrage est tout à fait digne des travaux qui l'ont précédé et dont il n'est que le complément. L'auteur de la *Grammaire démotique,* des *Geographische Inschriften,* des *Nouvelles recherches sur le calendrier égyptien,* du *Dictionnaire* et de dant d'autres chefs-d'œuvre a montré une fois de plus toute l'étendue de son érudition et toute la sûreté de son coup-d'œil. Il a agrandi pour nous les voies anciennes et ouvert mainte voie nouvelle. » *Revue Critique d'histoire et littérature.* 1872. 93.

Janet (Paul), Les problémes du XIXe siècle. Paris. Michel Lévy. 1872. In-8° — 502 pp.

Eis as divisões d'esta obra: INTRODUCTION. La liberté de penser.— LIVRE I. *La politique:* Chap. I. La seience politique au XIXe siècle. Chap. II. Philosophie politique de Tocqueville. Chap. III. Examen de la doctrine de Tocqueville. — LIVRE II. *La littérature. La eritique classique au XIXe siècle.* Chap. I. Une doctrine littéraire (este cap. é um exame da eritica classica de Nisard na sua *Histoire de la littérature française).* Chap. II. La littérature du XVIIe siècle. Chap. III. La littérature du XVIIIe et du XIXe siècle.—LIVRE III. La *seience.* Chap. I. De la méthode en général (exposição eritica das ideias de Claude Bernard). Chap. II. De la méthode expérimentale en physiologie. LIVRE IV. La *philosophie.* I. La métaphysique spiritualiste au XIXe siècle. Chap. I. Principe de la métaphysique spiritualiste. Chap. II. Partie eritique du spiritualisme. Chap. III. Le présent et l'avenir du spiritualisme. — II. L'histoire de la philosophie au XIXe siècle. Chap. I. Rapports de cette science avec l'histoire. Chap. II. Rapports de cette seience avec la philosophie. — LIVRE V. *La religion. L'apologie chrétienne au*

XIX^e siècle. Chap. I. Philosophie religieuse de M. Guizot. Chap. I Examen critique des méditations chrétiennes de M. Guizot. Chap. II Le problème religieux.

Com quanto M. P. Janet se occupe principalmente de philosophia é antes um litterato que um philosopho. O seu ultimo livro resente-s d'esse caracter do auctor. Está muito longe de ser um livro banal mas não é um livro profundo. A sua leitura convém muito ao que o francezes chamam *le grand public;* o pequeno publico dos sabios nã acha por certo n'elle muito de novo.

X.

Michelet (J.), Histoire du XIX^e siècle — Directoire — Origine des Bonapar tes. Paris. Germer Baillière. 1872. In-8° — XXII-444.

O novo livro de M. Michelet é apenas um esboço rapido, mas chei de vida, da agitada epocha do Directorio. Notam-se n'elle numerosa laeunas, mas tambem muitos pontos ainda não notados postos em re levo. O juizo geral de M. Michelet sobre o seculo XIX está sem duvid destinado a cahir. Elle não olha as cousas senão por um lado exterior e exclusivo: o espirito que as agita, o futuro que n'ellas se prepara pa rece ter-lhe escapado. Esse juizo acha-se principalmente formulad nos seguintes periodos da prefação:

« Ceux qui croient que le passé contient l'avenir, et que l'histoir est un fleuve qui s'en va identique, roulant les mêmes eaux, doiven réfléchir ici et voir que très-souvent un siècle est opposé au siècle pré cédent, et lui donne parfois un âpre démenti. Autant le dix-huitièm siècle, à la mort de Louis XIV, s'avança légérement sur l'aile de l'idé et de l'activité individuelle, autant notre siècle par ses grandes ma chines (l'usine et la caserne), attelant les masses à l'aveugle, a progres sé dans la fatalité.

« Notez qu'a ces grands faits d'en bas, répond par en haut très-fidè lement une petite sonnete. C'est la philosophie, qui dit parfaitement les mêmes choses. Au fatalisme de 1815 et d'Hegel succède le fatalis me médical, physiologique, de Virchow, Robin et Littré (p. IX).

« En général, cette histoire fort matérielle, pourrait se dire toute en trois mot: *Socialisme, Militarisme* et *Industrialisme*.

« Trois choses qui s'engendrent et s'entre-détruisent l'une l'autre.

« La terreur de Babeuf fit Bonaparte autant que ses victoires, c'est-à-dire que le Socialisme naissant, par sa panique, a fait le triomphe du Militarisme.

« Celui-ci, que recontra-t-il dans sa grande lutte? Constamment l'or anglais créé par la puissance qui payait et armait l'Europe. Puissance vaincue à Austerlitz, victorieuse à Waterloo (p. X). »

Estas palavras annunciam-nos da parte de M. Michelet uma historia do seculo XIX em que se attende apenas a algumas de suas phases, ás de peor aspecto, uma historia pessimista.

X.

7.—**La Literatura portuguesa en el siglo XIX.** *Estudio literario* por D. Antonio Romero Ortiz. Madrid, Tip. de Greg. Estrada, 1870, 1 vol. in-8.° grande, 434 pp.

De ordinario os escriptores estrangeiros quando se occupam da litteratura portugueza, acertam quasi sempre em relação aos pontos de vista geraes; conhecendo a difficuldade de se munirem com os factos minuciosos que só estão ao alcance dos nacionaes, sentem mais predilecção pelas syntheses, pelo synchronismo dos factos, e pela critica comparativa; foi assim que Bouterweck, Wolf, Ferdinand Denis, Sismondi vieram determinar as leis historicas da litteratura portugueza. Com o novo trabalho do snr. Ortiz dá-se o contrario: ha uma negação para estudar a litteratura portugueza na sua aspiração complexa, ha o esforço para encobrir esta falta com os agrupamentos dos nomes dos escriptores sob os nomes de outros suppostos maiores, e sobretudo um interesse em transcrever em cada linha todas as pequenas particularidades bibliographicas de qualquer obscuro e desconhecido rabiscador. O trabalho do snr. Ortiz, facilmente extractado do *Ensaio biographico critico* de Costa e Silva e do *Diccionario bibliographico* do snr. Innocencio, resente-se da ausencia de espirito critico das suas fontes, copiando muitas vezes auctoridades de folhetins, auctorisando-se com phrases de gente que não tem existencia real no mundo da sciencia. Como estrangeiro, ao tractar das particularidades, teve fatalmente de errar. Encostando-se com boa fé a Costa e Silva, escreve: «El Dr. Antonio de Castilho hizo representar delante del Rey D. Sebastian un auto *Da boa estrea,* cuyo objeto era predecir á aquel infortunado Monarca la segura y esplendente victoria que iba á alcanzar en esa ingrata tierra de Africa, donde encontró su temprana y misteriosa sepultura. En el desenvolvimiento de la accion nótanse los mismos defectos que no habia acertado á evitar Gil Vicente; pero los versos son más fluidos, más pulidos y cadenciosos.» (p. 177.) O snr. Ortiz não soube que este facto nasceu de uma infamia litteraria, com que se quiz falsificar a historia para destituir da auctoridade critica ao pobre Costa e Silva: A. F. de Castilho, não queria que o auctor do *Ensaio biographico* gozasse creditos de vulto litterario; fingiu um Auto, que intitulou da *Boa Estreia,* fel-o achar pelo seu apaniguado Luiz Filippe Leite, a quem mandou communicar a descoberta ao citado Costa e Silva; este, acolheu com enthusiasmo o pretendido monumento litterario, transcreveu-o na sua obra, e depois de entrar na corrente da publicidade, Castilho riu-se da insignificancia do critico, contou o logro, e interealou finalmente como seu o Auto na traducção do drama *Camões.* Estas travessuras, que accusam a pueriliidade debaixo das cans, teem o defeito de falsificarem a historia e de difficultarem ao estrangeiro o estudo das nossas cousas. Garrett, tambem, com os seus alindamentos dos romances tradicionaes, fez dizer a Du Puymaigre, que o nosso Romanceiro pela sua perfeição se via que era traduzido do hespanhol. O snr. Ortiz tem culpa do seu desacerto, por isso que entrou desassombradamente no

campo dos detalhes; assim vêmol-o attribuir a descoberta das estrophes da Canção da *Cava* a Manoel de Faria e Sousa (p. 15), quando ella pertence a Miguel Leitão de Andrade, que recolheu quatro estrophes no Dialogo XVI da sua *Miscellanea,* ao fallar das tradições do Castello de Arouce. Tambem ahi encontramos com espanto esta affirmação sem prova: «*las Cantigas del Rey D. Diniz, apócrifas tambien, en gran parte al ménos.*» (p. 14.) Se ha monumento de poesia provençal com mais caracteres de authenticidade é o de D. Diniz; os seus contemporaneos trovadores o nomeavam como trovador, o que se prova com os versos de João, Jogral de Leão; a collecção das suas *Cantigas* foi vista pelo Marquez de Santillana em casa de sua avó D. Mecia de Cisneros, e guardava-se no primeiro quartel do seculo XV na Livraria de D. Duarte; descobriu-se depois na Bibliotheca do Vaticano em tempo de D. João III, e está actualmente publicada, sem que em tempo algum se inventassem fraudes ou se discutisse a sua authenticidade. N'esta mesma pagina acceita o snr. Ortiz o erro, já reconhecido pelo seu propagador Varnhagem, de que as *Trovas e Cantares de um Codice do seculo XIV,* são o *Cancioneiro* do Conde de Barcellos. Mas deixemos este campo, aonde o auctor entra accidentalmente, para fazer a transição para a Litteratura portugueza do seculo XIX. Começa por uma divisão dos periodos litterarios, segundo a velha rhetorica de Antonio Pereira, José Liberato ou Costa e Silva; elimina a actividade litteraria do seculo XII até ao fim do seculo XV, porque diz pertencerem as suas obras ao estudo da philologia, e conta o primeiro periodo desde o principio do seculo XVI até ao principio do seculo XVII; o segundo desde 1640 até ao estabelecimento da Arcadia de Lisboa; o terceiro desde a Arcadia até nossos dias. Esta divisão não tem fundamento racional; os periodos litterarios não se caracterisam pela abundancia dos escriptores, nem pelos estylos brilhantes ou opacos que empregavam, mas pelas transformações sociaes, pelos novos aspectos que tomou a civilisação, e que a litteratura, como a consciencia das epochas, reflectiu em si. D'este primeiro e segundo periodo não tracta o snr. Ortiz, porque o objecto do seu livro é precisamente o terceiro. Para este fim, declara os meios que empregou: «De manera que, al emprender este viaje crítico *por mares nunca d'antes navegados,* hemos tenido que inquirir, escudriñar y leer todo cuanto se ha escrito desde el reinado de Doña Maria I... Tarea improba y penosa, porque no habiendo sido impresas muchas obras, y faltando otras de la circulacion, nos hemos visto obligados á procurarlas en las librerías particulares, contentándonos á veces con viejos y no siempre claros manuscriptos.» (p. 17.) Esta declaração tinha por fim dar valor aos factos bibliographicos; mas o snr. Innocencio Francisco da Silva queixa-se de ter contribuido para esse cabedal sem muitas vezes ser citado, como acontece com o Alvará de D. Maria I, publicado em 1780, reproduzido da edição de Boccage pelo snr. Ortiz (p. 181), como se o tivesse extrahido da repartição do governo civil. Mais do que estes pretendidos estudos nos merece importancia a viagem que o snr.

D. Antonio Romero Ortiz fez a Portugal em 1867, como se deprehende do seu livro (p. 292); ahi allude a conversas que teve em casa de Castilho, aonde estava tambem o seu discipulo Thomaz Ribeiro; conta como Mendes Leal lhe proporcionou as suas obras para serem analysadas, e como se encontrou em uma Livraria de Lisboa com o snr. Innocencio. Se os juizos litterarios são fracos e recebidos da tradição do elogio mutuo, os retratos das pessoas teem um certo colorido pittoresco da realidade. Eis como elle retrata o auctor do *Diccionario bibliographico:* «Allá por el año de 1867 nos encontramos el y yo en una librería de Lisboa, que cuantos han visitado esa capital recordarán haber visto en lo alto de la calle de San Nicolao, cerca de la ciudad baja, tan soberbiamente reedificada por la iniciativa poderosa del ilustre Marques de Pombal, despues del espantoso y memorable terremoto de 1755. Trabamos conversacion sobre su Diccionario; y lamentándome yo de que no hubiese incluido en él todos los artículos de la *Bibliotheca lusitana* de Barbosa Machado, porque así se encontraria reunida y completa en una sola obra la bibliografía portuguesa, se levantó irritado de su asiento. Me parece que le estoy viendo todavía enfrente de mí; alto, seco de carnes, el color bilioso, largo y espeso el bigote, y los ojos encendidos por la cólera. Harto hice, prorumpió en tono desabrido, y *con ademan descompuesto,* por esto ingrato pais; harto hice en sacrificarle mis economias de treinta años, mis desvelos, e mi salud, para recibir por única é irrisoria recompensa algunos ejemplares de mi libro y el hábito de caballero de Santiago de la Espada, cuyas insignias quizá no podria adquirir hoy sin desprenderme de lo necessario para mi sustento.—Y dando rienda suelta á su ira, se desató en denuestos é improperios contra los mal hadados gobernantes de todas las banderías...» (p. 226.) Todos nós conhecemos o original d'este retrato; mas á primeira impressão do estrangeiro facil foi deixar estes traços vivos. Era d'esta qualidade que devia saír o principal merito da obra do snr. Ortiz; infelizmente a sua preoccupação de agglomerar factos sobre factos, de querer ser indigesto á força, obrigou-o a abandonar a direcção que o seu talento pedia e que mais podia interessar a sciencia. Em 1867, quando o snr. Ortiz esteve em Lisboa, havia acabado o ruido da *Eschola de Coimbra;* é provavel que o elogio mutuo lhe insuflasse tenebrosos juizes contra esses irreverentes rapazes que saccudiram o jugo da auctoridade academica. Não apparece n'esse livro allusão alguma a este facto litterario, mas o estrangeiro conheceu o que havia de verdade n'esse movimento, porque abraçou este retrato de Castilho: «caracter indeciso, vacilante y acomodaticio, sin la fe necesaria en una idea para imponerla á los demás, y con la ductilidad suficiente de convicciones para irse amoldando á las veleidades del gusto dominante. Unas veces guardador escrupuloso y nimio de la tradicion clasica, y otras secuaz entusiasta y extremoso de los delirios románticos.» (p. 270.) Esta verdade apurada na Questão de Coimbra, não foi facilmente admittida; procuraram primeiro desauctorar aquelle que a demonstrou.

O snr. Romero Ortiz, frequentando os circulos de Lisboa repete o que ahi ouvia: «Teófilo Braga es un escritor de vasta y profunda erudicion, de excesiva erudicion, por que en ocasiones aglomera de tal modo las citas y se remonta tanto en el estilo, que apénas puede seguirle el lector. Si moderase sus altas y transcendentales aspiraciones filosóficas, y se expresase en lenguaje más llano é inteligible, gozaria mayor crédito.» (p. 391.) E' o echo das accusações de *nebulosidade* admittido por quem não a achava e tinha de comprazer com os juizos que lhe ineutiam.

O retrato que o snr. Ortiz faz de Garrett foi tambem recebido da tradição de Lisboa com muita verdade: «Como hombre público no fué ciertamente un Caton: no ha sobresalido por la energía de su caracter, por la fijeza de sus propósitos, ni por la austeridad de sus costumbres. No supo resistir, como Fonseca Magallães, y como Silva Carvalho á la pueril tentacion de disfrazarse con el falso oropel de un titulo nobiliario. Se hizo llamar Vizconde. En sus últimos dias tuvo la debelidad de preferir las apariencias mentidas de la juventud á la severa respectabilidad de las canas. Pensó vanamente que podia aún representar el papel de galan en una edad en que no hay especificos ni elixires que devuelvan el perdido brillo à la tez marchita y surcada por las arrugas del tiempo. Al passar por el ministerio no ha dejado en él un testimonio imperecedero de su accion regeneradora, como Mousinho da Silveira...» (p. 220). E termina este juizo com estes outros traços duros mas verdadeiros: «Sin embargo, no llegó á fundar escuela. Indeciso é irresoluto por carácter, vaciló constantemente entre el respeto á los preceptos clásicos, y sus simpatias por las tentadoras innovaciones románticas. Tampoco creó el theatro nacional, que era su sueño de oro, si bien dejó preparado el terreno donde debian levantarle, andando el tiempo, otros ingenios más afortunados.» (p. 221.) Estes engenhos ainda não appareceram, e póde deserer-se d'esta esperança. Ortiz falla do *Romanceiro* accidentalmente, e como quem não alcançava o valor d'esse trabalho, contentando-se em revelar o desejo de transerever a *Adosinda,* sem notar que essa falsificação do gosto popular não pertenec ao estudo da tradição. (p. 213.) O *Arco de Sant'Anna,* episodio de um acto de liberdade burgueza, escripto dentro do reducto aonde se estava luctando pela liberdade constitucional, tirando d'esta coincidencia o seu principal valor, passa para o snr. Ortiz como uma novella secundaria, sem verdade historica. (p. 217.) O critico desvairou aqui por culpa do proprio Garrett, que com o seu estylo digressivo, applicado mesmo em quadros historicos e em notas eruditas, lhe distrahiu a attenção e não o deixou penetrar a unidade d'esse bello romance. Fallando do drama *Frei Luiz de Sousa,* competia ao snr. Romero Ortiz indicar qual o original de uma *comedia famosa* de que Garrett se servira, que elle confessava ter visto representar em Villa do Conde por uma companhia ambulante; a comedia pertence ao reportorio hespanhol e por ventura ficou sempre manuscripta. Garrett diz que n'ella havia o incendio do palacio figurado com

uma pequena casa de papelão. Ortiz approxima d'esta situação o facto succedido com o Conde de Benevente, que incendiou sua casa quando Carlos v o mandou sair d'ella e entregal-a ao Duque de Bourbon; se nos lembrarmos que Garrett era versado na leitura das obras do Duque de Rivas, cuja acção litteraria tanto imitara, citando-o com frequencia, facilmente se descobre que a situação do incendio do palacio de Almada no *Frei Luiz de Sousa* foi imitada do romance do citado Duque *Un castellano leal*. (p. 195.) Estes paradigmas são sempre mais faceis aos criticos estrangeiros, porque entre nós, a não serem os modelos convencionaes, d'onde já ninguem imita, pouco ou nada se conhece de litteratura comparada. O snr. Ortiz traz tambem mais dous factos da historia hespanhola d'onde pretende que Garrett imitára. Conhecida a lenda portugueza, como a trazem os chronistas Frei Antonio da Encarnação e Frei Francisco de Santa-Maria, vê-se que Garrett não precisava ir procurar tradições aonde não sabia que existiam. A representação da companhia ambulante em 1818 é que lhe suggeriu o pensamento do *Frei Luiz de Sousa*. Ortiz aproveitou com a sua viagem a Lisboa para conhecer os typos diversos dos escriptores, mas perdeu com as conveniencias que a amizade lhe obrigou a conservar. De Mendes Leal, deixa ello escapar estas linhas: «José da Silva es avaro de su crédito litterario. Si alguno desconoce, ó pone en duda, ó rebaja su merecimiento, no se irrita, no se encoleriza, ostensiblemente al menos: se recoge en sí mismo, se envuelve en el manto de su orgullo y evita todo contacto con el ofensor.» (p. 225.) E fallando do seu theatro, accentúa esse defeito capital da falta de nacionalidade, d'essa essencia de toda a concepção dramatica: «Para que un drama sea portugues, no basta que el lugar de la accion, los personajes y la lengua que estes hablan sean portugueses: se necesita algo mas. No basta tampoco halagar los sentimientos movedizos de la ignorante muchedumbre, haciendo discursos violentos contra España, como los que pronuncian D. Fernando y Leonor en el acto segundo de la *Pobre das ruinas*. Apesar de esas arengas patrióticas, *A pobre das ruinas* será siempre en su conjuncto, en su espíritu y en su extructura un drama frances.» (p. 251.) Á parte uma ou outra d'estas revelações de bom senso, o snr. Ortiz é de uma fecundidade assombrosa em elogios a todas as mediocridades; faz lembrar o grande Lope de Vega no *Laurel de Apollo*. Não provém isto da incapacidade do critico, mas do intuito do seu livro, que tem em vista não tanto fazer conhecida a litteratura portugueza em Hespanha, como lisongear os nossos homens de letras e chamal-os á causa da unidade da Peninsula. (p. 18 e 426.) O snr. Ortiz termina com estas considerações verdadeiras, mas tardias, descrevendo o estado de miseria intellectual, politica e economica de Portugal: «Después de haber descendido hasta la nulidad en el orden científico y literario, después de haber sufrido el yugo bochornoso de Inglaterra, se encuentra hoy sin ejército, sin armada, sin plazas fuertes, sin colonias, sin agricultura, sin comercio, sin artes, sin hacienda, sin costumbres parlamentarias y sin garantías

de instabilidad para su mentida independencia. Pues si esto es evidente, si el pueblo del Marques de Pombal corroido por la immoralidad administrativa tiene una deuda enorme y un deficit creciente, si se halla en el período de la agonía, si sus horas están contadas, que ha gañado con separarse de Castilla? Hubiera sido mas languida su existencia, ni más temeroso su futuro, permaneciendo unido á este otro estado peninsular?» Se nos separámos de Hespanha artificialmento, «por uma emenda feita pelos homens ás leis naturaes da geographia,» como dizia D. Modesto Lafuente, seria absurdo querer restabelecer a primitiva unidade por um novo esforço artificial; não é com as captações, mas com a homogeneidade de sentir, não é com as relações internacionaes, mas com o nivelamento da civilisação dos dois povos, que elles fundarão a politica da sua fraternidade. O livro do snr. Ortiz não pertence á sciencia da historia litteraria e pouco interessa a quem estuda; é mais um rapido inventario da actividade dos prelos portuguezes dos fins do seculo XVIII até hoje, com o fim de dar a saber em Hespanha que tambem publicamos livros. Apezar das imperfeições do detalhe, devidas ás más fontes que consultou, e da falta de plano e de um ponto de vista superior, que não teve por conhecer superficialmente e de nome aquillo sobre que fallava, o seu trabalho merece só louvor de nós os portuguezes, por ser uma prova de que ainda ha quem venha com sinceridade vêr se temos alguma communhão intellectual com a vida scientifica e litteraria do nosso seculo.

T. Braga.

---

8. — **Obras de Christovão Falcão,** contendo: A ecloga de Crisfal, a Carta, Cantigas, Esparsas e Sextinas, com um estudo sobre a sua vida, poesias e epoca, por Theophilo Braga — Edição critica, reproduzida da edição de Colonia de 1559, com a Segunda parte apocrypha de 1721. Porto. Imprensa Portugueza, editora. 1871. 8.º grande. 40 pp.

Aos trabalhos porque o snr. T. Braga se recommenda mais ao publico sabio pertencem algumas edições e a sua excellente collecção do *Cancioneiro e Romanceiro geral,* que tam apreciado tem sido no estrangeiro por quem reconhece o valor das perolas da poesia popular ali contidas, quanto não comprehendida em o nosso paiz.

Christovão Falcão e Bernardim Ribeiro representam uma phase interessante da vida e poesia portugueza da primeira metade do seculo XVI: no meio de poetas que na maior parte só exprimem sentimentos de convenção, ou revelam na obscenidade e cynismo das suas expressões uma concepção muito degradante da mulher, elles inspiram-se d'um amor muito real, muito profundo que os torna infelizes e a que se sacrificam inteiramente. São dous verdadeiros trovadores, dous *Minnesinger* produzidos não pelo estado da sociedade, mas sim pela força da sua organisação poetica e do seu estudo da poesia medie-

val. Tomaram a sério o que para outros não era mais que um galanteio poetico, e estando assim deslocados no meio d'uma sociedade que estava a absorver-se completamente na vida burgueza, deviam ser condemnados. Como, porém, elles não são factos isolados n'essa epocha, dissemos que representam uma phase da vida portugueza, e representam-na effectivamente na sua mais alta expressão; isto dá-lhes um logar importante na historia da nossa poesia. Das obras de Christovão Falcão não havia edição nenhuma hoje accessivel ao publico, porque as edições anteriores são todas raras. Essas edições são, segundo as noticias que reuniu o snr. T. Braga:

1.ª Sem data, que o ultimo editor suppõe feita entre 1550 e 1553, com o titulo: *Trovas de Crisfal* (nome formado como é sabido da primeira syllaba de cada um dos do poeta), em 4.º gotico; contém apenas a ecloga e a carta;

2.ª A de Colonia feita por Arnaldo Birckimann em 1559, junto com a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro. Não nos parece acceitavel a hypothese com que o snr. T. Braga pretende explicar esta edição; nada obsta a que se pense que os manuscriptos foram fornecidos de Portugal e as rubricas do editor revelam informações locaes, embora vagas;

3.ª A de 1571, reproducção feita em Lisboa da 1.ª;

4.ª A de 1619, contendo uma *Segunda parte* apocrypha da ecloga, e feita sobre manuscriptos ao que parece;

5.ª Reproducção de anterior feita em 1639;

6.ª Outra reproducção da 4.ª, feita em 1721.

O snr. T. Braga ao fazer a sua edição teve á vista a edição de Colonia e essa ultima, que lhe forneceu algumas lições e permittiu completar ou aclarar passagens da de Colonia. Com o ultimo editor, cremos que não se póde pôr em duvida a não authenticidade da segunda parte: os nomes de Silvia e Lisardo mostram que ella é posterior á *Silvia de Lisardo* de Fr. Bernardo de Brito; mas julgamos sem fundamento algum a demarcação da epocha da sua composição que o editor pretende tirar da linguagem.

No seu livro *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas* refundiu e addicionou com novos factos o snr. T. Braga o seu ensaio sobre Falcão, onde a vida do poeta saiu pela primeira vez da obscuridade em que tem andado envolvida. Quando fallarmos d'esse livro veremos o que essa parte fornece de novo, assim como as hypotheses que ha n'ella que regeitar.

O snr. T. Braga não modificou, em geral, a orthographia da edição de Colonia, excepto na pontuação e desinencias em *ão*. Introduziu além d'isso signaes para indicar as fallas da ecloga. O que aproveitou da edição de 1721, desconhecida dos bibliographos, indicou-o com o signal *, para não haver confusão, nem hypothese de falsificação.

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa existe um exemplar da edição sem data do seculo XVI; folha volante de 16 paginas. O snr. T. Braga

não poude collaccionar essa fólha volante para a sua edição; mas ultimamente examinou-a e communicou-nos benevolamente em uma nota particular o resultado d'esse exame, o qual aqui registramos.

A edição de Colonia passava até aqui como authentica; mas segundo o snr. T. Braga a folha volante do seculo XVI fornece o texto fundamental que se deve seguir para a ecloga e a carta: offerece grande numero de variantes importantes e uma estrophe omittida.

A edição avulsa do seculo XVI é em papel de linho, em 4.°, em typo gotico corpo 12, a duas columnas, constando de outo folhas innumeradas. Tem ao alto da primeira pagina duas vinhetas representando uma dama e um pastor com cajado e capuz, e o titulo *Trovas de Crisfal* entre duas flores de liz. Esta edição differe fundamentalmente da edição de Colonia, porque além das variantes e a estancia desconhecida, tem certas revelações indiscretas que ajudam á reconstrucção da vida de Christovam Falcão, e que os editores cortaram por não serem lisongeiras para a familia dos Brandões. A edição gotica pertenceu á Livraria do Cabrinha, e está junta em um volume com as Comedias do Chiado. Eis a estancia e as transposições que ali se acham a mais.

Depois da estrophe:

E, Crisfal, he-me forçado (p. 11 ed. 1871).

segue-se:

E eu de mi esquecida
vou-lhe sair ao contrairo,
a ser tal culpa sabida
sei certo que esse desvairo
pagarei com minha vida.
Em todo ser assi
assás de rezam sería,
pois tam mal n'aquelle dia
o seu mandado cumpri
como quem a mi cumpria.

Esta estrophe está collocada dez estrophes abaixo do logar que occupa na edição gotica.

Depois da estrophe:

Entam me mandam que meça (p. 12, ed. 1871.)

segue-se esta completamente ignorada:

Muitos pastores buscaram,
mas ũ pastor por ser-te amigo,
e outro por ser-te enemigo
um e outro se escusaram;
e dam-lhe logo commigo
gado que farão mil queijos;
mas o com que se despediram
é já mostrar que temiam
que o sabor dos teus beijos
na minha bocca achariam.

As estrophes:

— Quando comtigo falei (p. 13)
— Minha fee te é verdadeira. (p. 13)

estão transpostas na edição gotica.

C.

---

9. — **Grammatica latina para uso das escholas**, por J. N. Madvig, professor da Universidade de Copenhague, trasladada do allemão para portuguez por Augusto Epiphanio da Silva Dias. Porto, Typographia de Manoel José Pereira. 1872. 8.° gr. X — 440 pp.

Quando o saber latim e grego era só por si titulo de gloria e dava ao individuo em que esse saber se achava entrado em as nossas academias, havia ainda quem se désse ao improbo trabalho d'estudar essas linguas entre nós. A vida despreoccupada dos conventos concorria tambem para que um certo numero de monges se dedicassem a esse estudo, principalmente ao da lingua latina; depois viu-se que esse estudo só por si era esteril, que era apenas um instrumento, pará a pedagogia que se servia d'elle para o desenvolvimento intellectual das creanças, mas principalmente para a sciencia que se servia d'elle para penetrar no espirito dos povos da antiguidade; foi-se reconhecendo que se era apenas um pedante insupportavel não se sabendo ir além da letra dos auctores latinos nas edições feitas sobre as de Casaubon, Scaligero, Camerario e sobretudo nas posteriores de Ernest, reproduzidas até hoje para as nossas escholas pelos prelos da Universidade de Coimbra; um echo longiquo da eschola historica de philologia chegou até nós, em summa. Incapazes de comprehender e seguir sériamente esse movimento, vimos que o conhecimento do latim e do grego á velha maneira era ridiculo, e pareceu-nos esse estudo inutil; as traducções francezas pullulavam por toda a parte e nada mais facil do que ler n'ellas os classicos d'aquellas linguas; sobre a antiguidade, demais, o que se queria fazer eram *phrases*, estylo a proposito de Homero, Vergilio, Eschylo, etc. Eis a verdadeira causa da decadencia extrema a que entre nós chegou o estudo do latim e ainda mais o do grego. Ministros que não sabiam latim ou o sabiam apenas muito mal foram nos programmas da instrucção publica cerceando as exigencias do conhecimento d'essa lingua, deixando apenas o nome do ensino do grego; nas cadeiras em que se ensinam essas linguas nos lyceus foram sendo admittidos professores que tinham d'ellas apenas um conhecimento superficialissimo; e esse ensino continuou e continúa a ser dirigido pelos peores methodos. Os estudantes tractam apenas do satifazer aos exames e, depois d'elles feitos, d'esquecerem o pouco que aprenderam.

O snr. Dias, professor do Lyceu Nacional do Porto é um dos rarissimos membros do nosso professorado que se esforça por fazer

sair o ensino do estado miseravel em que elle se acha. A sua traducção da *Grammatica latina* do sabio philologo dinamarquez Madvig é uma prova exuberante da sua superioridade no professorado e indubitavelmente um excellente serviço feito não só ao paiz mas tambem á philologia que luera sempre em alargar o numero de seus proselytos. O que desejamos é que o serviço aproveite ao paiz e que o numero d'esses proselytos cresça effectivamente.

Depois de ter appreciado no seu prefacio, que desejavamos não fosse tão curto, as principaes grammaticas latinas que em Portugal foram adoptadas no ensino desde 1572, em que appareceu a arte do Padre Manuel Alvares, appreciação que nos parece inteiramente justa, expõe o snr. Dias a relação da sua traducção para o original: «A nossa traducção reproduz, póde dizer-se, integralmente a terceira edição allemã. Apenas supprimimos uma ou outra observação que não tem relação particular com a lingua latina e alguns exemplos, sobretudo na syntaxe, conforme o auctor tambem fez na edição allemã abreviada (que todavia conta 342 paginas), e omittimos em geral a designação dos capitulos na citação dos auctores onde foram colhidos os exemplos. Na terceira secção da primeira parte modificámos ás vezes a exposição da doutrina para que se conformasse um pouco mais com o que a linguistica ensina. Ainda assim não fômos até onde desejavamos, para não alterar a disposição dos paragraphos. Fóra d'esta secção as nossas modificações foram rarissimas e tiveram a mesma origem. As alterações que na exposição das doutrinas se encontram na edição abreviada e que não provém do facto do abreviamento, adoptámol-as, segundo cumpria. Outrosim incorporamos no nosso trabalho os additamentos que enriqueceem a mesma edição. O pouco que nós proprios juntámos, afóra quatro ou cinco exemplos tomados da grammatica de Zumpt ou de Meiring que tinhamos sempre deante de nós e o que se lê paragrapho 176, *f*, vae assignado com (E).»

A traducção está feita com fidelidade e tacto: a questão aqui estava toda em reproduzir a clareza e concisão do original, porque o resto não era difficil, e essa difficuldade desfel-a perfeitamente o snr. Dias. As modificações que fez parecem-nos acertadas, excepto uma ou outra, como a omissão (que ainda assim não se extendeu a todos os casos) da indicação dos capitulos dos auctores, porque hoje estamos no habito de vêr tudo authenticado o melhor possivel e porque além d'isso essa indicação permitte ao estudante achar com facilidade um exemplo no contexto do auctor a que pertence. No original allemão havia já n'esta parte muita irregularidade: o traductor augmentou-a. Louval-o-hiamos n'este ponto se, ao contrario, tivesse dado as indicações dos logares citados que faltam em Madvig.

Vejamos algumas das modificações introduzidas pelo auctor para confirmar o elogio que n'esta parte lhe fazemos.

No paragrapho 2.° diz Madvig: «Os mais antigos escriptos latinos que possuimos foram compostos cerca de 200 annos antes do nascimento de Christo, e no sexto seculo depois do nascimento de

Christo morreu a lingua latina completamente, porquanto foi corrompida pelos povos estranhos invasores do imperio romano e misturada com as linguas d'esses povos, em virtude do que se formaram successivamente novas linguas (linguas romanicas, como italiano, francez, hespanhol, portuguez). Os muitos que posteriormente escreveram latim aprenderam-no como uma lingua morta.

« N'aquelle longo periodo padeceu a lingua muitas mudanças, não só em o numero das palavras e significações, fórmas e ligações das mesmas, mas tambem, em parte, na pronuncia... »

Estes periodos expõem muito mal a questão da origem das linguas romanicas e decadencia do latim; o snr. Dias substituiu-os pelos seguintes muito superiores:

« Os mais antigos escriptos latinos que possuimos, foram compostos cêrca de 200 annos antes do nascimento de J. C. No sexto seculo da era christã a lingua latina havia já tomado uma feição que a distinguia profundamente do seu estado na epocha classica; as variedades dialectaes haviam-se tornado consideraveis, e em cada uma d'ellas já se ía desenhando um typo independente, a que mais mais tarde havia de se dar o nome de lingua ou dialecto. Os principaes d'esses typos são o valachio, o italiano, o hespanhol, o portuguez, o provençal e o francez. A lingua escripta, porém, tentava ainda approximar-se do latim da epocha classica, na parte grammatical, porque a pureza de estylo havia desapparecido; mas esse latim escripto era já, por assim dizer, uma lingua morta e de homens de lettras, cada vez mais influenciada pela lingua fallada. » Esta exposição porém, não pertence ao snr. Dias, apesar d'elle não indicar a fonte d'onde a houve.

No paragrapho 174 diz Madvig: « Chamam-se raizes *(radices)* as primeiras palavras fundamentaes ou elementos significativos da linguagem, que nem contém adjuncção alguma, nem se ligaram com nenhuma palavra. Como ellas podem receber as desinencias flexivas ou ser usadas de certo modo determinado no discurso, tornam-se as raizes palavras primitivas ou palavras radicaes *(verba primitiva)* d'uma certa classe, como *duc-o, dux (duc-s)*. Quando d'uma raiz se fórma immediatamente um verbo (como *duc-o*), considera-se este como raiz e dá-se-lhe este nome. » A exposição do snr. Dias é mais clara e rigorosa:

« Denominam-se *raizes* os elementos significativos irreductiveis da linguagem. As palavras formadas immediatamente de uma raiz chamam-se palavras *primitivas*, v. g. *fug-a*, fugida, formado da raiz latina *fug* com a desinencia primaria *(suffixo primario) a* (e sem desinencia de caso); *vesti-s*, fato, formado da raiz *ves* com o suffixo primario *ti*, a que se junta a desinencia de nominativo *s; es-se*, ser, formado da raiz *es* com a desinencia do presente infinitivo *se* (que nas conjugações regulares se muda em *re* por se achar o *s* entre duas vogaes, v. g. *ama-re* por *ama-se*, v. § 8); *dux (duc-s)*, guia, formado da raiz *duc* com a desinencia de nominativo *s*. Geralmente fallando, nos verbos é que melhor se reconhecem as raizes. Por uma

abreviação diz-se muitas vezes que um nome é formado de um verbo (v. g. *series* de *sero)*, em logar de se dizer que é formado da raiz d'esse verbo *(series* da raiz que vemos em *ser-o*).

Todavia essa exposição não é inteiramente irreprehensivel. Em vez do infinito *es-se*, que representa um caso d'um thema nominal derivado da raiz verbal, fôra melhor a comparação do presente com o perfeito d'um verbo primitivo, etc.

Appreciámos a traducção: digamos agora alguma cousa do original.

Madvig não é um linguista; é, rigorosamente fallando, um philologo e o seu livro representa perfeitamente esse caracter do auctor. «N'esta grammatica diz elle, a lingua é em geral apresentada tal como se fallava e escrevia na epocha mais importante da litteratura romana (pouco mais ou menos desde o tempo de Cesar e Cicero até pouco depois do nascimento de J. C.), e quando ha divergencias, é indicada por melhor a pratica seguida pelos mais notaveis escriptores d'esta epocha (trad. port. § 2).» Os factos da lingua latina d'essa epocha acham-se perfeitamente estudados, e tão miudamente indicados quanto é possivel n'um livro destinado para as escholas; por meio d'esse livro chega-se facilmente a ter um conhecimento completo do modo porque exprimiram os seus pensamentos os escriptores do periodo aureo da litteratura latina; é pois um trabalho de exposição, não um trabalho scientifico sobre a lingua latina. N'um ou n'outro ponto o auctor deixou-se attrahir pela tendencia scientifica que vae tomando o estudo do latim até nas escholas, mas foi pouco feliz quasi sempre quando o abandonou o seu verdadeiro campo, que é o da exposição.

Um exemplo fará comprehender a differença entre o methodo usual e o methodo scientifico.

O auctor diz-nos que os nomes em *as* teem o genetivo em *atis*, como *anas, anătis*, exceptuando *as* que faz *assis, vas* que faz *vădis, vas* que faz *vāsis;* mas a razão d'essa regra e d'essas excepções, não nol-a dá; ora essa razão, parece-nos que além do seu valor theorico, teria o merito de dispensar a regra reduzindo-a com as relativas aos nomes que no caso obliquo apresentam um *t* ou um *d* que falta no caso recto a uma lei geral de phonologia: *t* e *d* cáem em contacto com *s;* exemplo, os themas e raizes que terminam n'essas lettras os quaes as perdem ao contacto com o *s* do nominativo, mas as apresentam em contacto com as vogaes dos casos obliquos.

Sem de modo algum condemnarmos o auctor por não ter feito o que não quiz fazer, nem tão pouco o traductor que entendeu talvez que era melhor proceder por amelhoramentos successivos nos estudos classicos portuguezes do que saltar a pés juntos logo para a linha mais adeantada, crêmos que os livros como este não terão uma longa vida nas escholas dos paizes estudiosos; as incoherencias, as divisões arbitrarias, illogicas que n'elles pullulam, o modo todo exterior de apresentar os factos, o numero vasto de regras que os formam, tudo isso está

a chamar livros coherentes, logicos, indo ao fundo dos factos, reduzindo tudo a leis geraes quanto fôr possivel, estudando os factos segundo o seu systema natural e fazendo do estudo das linguas mais um trabalho de intelligencia que de memoria. No estudo da lingua grega, já a *Grammatica* de G. Curtius mostrou que era mais facil seguir a direcção scientifica do que bater a velha estrada; e hoje a excellente *Grammatica latina* de Schweizer-Sidler está provando o mesmo para o estudo da lingua latina.

O traductor poderia ter feito algumas modificações além das que fez para tirar da obra alguns detalhes ou partes mais justamente criticaveis. Para que deixar sem reparo ter incluido Madvig o capitulo tão imperfeito relativo aos sons na morphologia? A secção sobre a formação das palavras, ou, com mais rigor, sobre a derivação, carecia de ser completamente refundida; as modificações do traductor são insufficientes e a razão que elle dá para não passar além dos limites que se impoz insatisfactoria.

As partes sobre a prosodia e a metrica deixam muito a desejar; a syntaxe, é porém, um trabalho do mais alto valor, a parte da obra em que o merito do auctor se revela completamente. N'esta parte ainda hoje não se póde introduzir uma systematisação scientifica, feita sob o ponto de vista historico-genetico-comparativo: a disposição do auctor, é, em virtude d'isso, a melhor que no estado actual da sciencia se podia adoptar. A analyse é delicada, a verdadeira natureza dos factos taes como elles se apresentavam ao espirito dos classicos do seculo de Augusto acha-se ahi comprehendida e não deturpada com as ellipses monstruosas, as regras geraes arbitrarias e falsas da velha grammatica

C.

10.—**O Faust de Goethe e a traducção do Visconde de Castilho.** por Joaquim de Vasconcellos. Porto. Imprensa Portugueza. 1872. 8º XII—588 pp. Com duas tabellas.

Sem duvida indignado pela absoluta falta de probidade litteraria com que jornalistas e academicos recommendaram ao publico a traducção portugueza do *Faust* de Göthe (1), pela incapacidade completa manifestada pelo traductor, pelo tom pedanteseo e auctoritario que este assumiu como «pontifice da litteratura portugueza» o snr. J. de Vasconcellos, moço de verdes annos, segundo a phrase dos seus detractores, que n'isso lhe fazem o maior elogio, suppondo vituperal-o, o qual compensa com uma boa vontade e um estudo perseverante a falta de uma educação classica regular (2), julgou conveniente fazer um exa-

(1) Vide *Bibliographia critica* I, n.º 1.

(2) O snr. J. de Vasconcellos é auctor de um trabalho importante sobre a historia da musica portugueza *Os Musicos portuguezes*, 2 vol. Porto 1870, onde uma erudição já larga e segura luta vantajosamente contra as opiniões e apreciações vacillantes e muitas vezes pueris d'um escriptor de vinte annos. Nada mais facil do que com alguns córtes e algumas addições fazer d'elle um livro em que tudo satisfaça.

me completo da obra do metrificador academico e consagrou-lhe um grosso volume. Pelo snr. Visconde de Castilho só, não vália por certo a pena um similhante trabalho; mas o auctor achou occasião de communicar a esse proposito ao publico portuguez um grande numero de noticias sobre Göthe e a litteratura allemã em geral, que, não dando nada de novo a um allemão instruido, são para o nosso paiz de uma novidade completa. Essas noticias e uma traducção litteral das partes capitaes da primeira parte da tragedia de Göthe formam o principal do volume.

Ao snr. J. de Vasconcellos, que revela um conhecimento bastante extenso da litteratura allemã, foi muito facil demonstrar á evidencia, com superabundancia de provas a ignorancia e audacia com que o snr. Visconde de Castilho se metteu á traducção. A attitude que elle toma para este corypheo da *coterie* litteraria do nosso paiz é excessivamente militante e a sua linguagem não hesita deante dos mais desagradaveis epithetos; mas desgraçadamente as circumstancias justificam essa attitude. No essencial a critica do snr. J. de Vasconcellos concorda com a que aqui se publicou.

O livro resente-se muito de ter sido escripto com extrema rapidez. A linguagem está muito descurada, a ponto de ser ás vezes obscura. O auctor não aspira a ser purista, mas sim a exprimir o seu pensamento; tem-se por isso maior direito de exigir d'elle todo o rigor, precisão e clareza na expressão do pensamento, dispensando-o perfeitamente de *fazer estylo* ou de se guiar pelos modelos quinhentistas e de decorar o *glossario* de gallicismos do Cardeal de Saraiva. O snr. J. de Vasconcellos mostrou perfeitamente que o snr. Visconde de Castilho pretendendo-se purista e escriptor classico suppõe que escrever portuguez é escrever em linguagem baixa e não chega senão a uma linguagem em que o archaismo, o plebeismo, o estrangeirismo, etc., se casam do modo mais grotesco; faltou indicar as locuções e palavras que o snr. Visconde de Castilho empregou fóra do seu verdadeiro sentido por lh'o ignorar, e os conceitos arrebicados com que elle se põe ao desafio com os poetas seiscentistas. Essa critica do estylo de Castilho chama naturalmente da parte do publico que não está no caso de apprecial as suas intenções uma critica semelhante para o seu livro e o auctor responder-lhe-hia muito bem com um perfeito rigor de expressão, em vez de um purismo e de uma elegancia inuteis; mas com as suas phrases inacabadas ás vezes, e a sua exposição hesitante, a sua construcção pouco romanica em que se reconhece muito qual a lingua que o snr. J. de Vasconcellos lê mais e qual o paiz onde recebeu mais fortes impressões intellectuaes, arrisca-se elle a produzir má impressão n'um publico que attende sobretudo ao lado exterior das cousas.

Não entraremos aqui em discussões puramente esthetícas ou philosophicas de algumas opiniões do auctor que nos parecem contestaveis nem discutiremos alguns modos de vêr absolutos e exclusivos em questões historicas. Ha tambem no livro alguns erros de detalhe e apprecíações falsas, que o auctor evitaria facilmente se não tivesse escripto

com tanta rapidez, ou se não tivesse deixado guiar por falsas reminiscencias; felizmente esses defeitos não são taes e em tal numero que tirem ao livro o seu valor como critica e como trabalho de propaganda. Indicaremos alguns d'esses erros.

As indicações das traducções em prosa da *Biblia* a p. 25 não significam ali nada, porque Castilho referia-se ás traducções em verso. Entre a traducção do *Oberon* de Wieland por Francisco Manoel do Nascimento e a traducção do *Faust* por Castilho é injusto estabelecer o *quasi* parallelo do auctor (p. 25). Criticos auctorisados olham Merck como tendo servido de typo para Mephistopheles, o que o snr. J. de Vasconcellos parece não querer admittir (pp. 39 a 50). Um d'esses criticos escreveu ainda ha pouco a proposito do livro de G. Zimmermann sobre Merck o seguinte: «Sabe-se o que Merck foi para Göthe. O seu nome está indissoluvelmente ligado na historia da litteratura allemã aos de *Götz*, de *Werther*, de *Clavijo* e de *Faust*. Foi elle quem forneceu as principaes feições de Mephistopheles; e a esse proposito que nos seja permittido achar pelo menos estranhas as eternas apologias de Merck, tentadas por M. Zimmermann. Primeiramente Göthe não foi o unico que deu o nome de Mephistopheles a Merck; e, depois onde se está na Allemanha se um critico e um sabio da ordem de M. Zimmermann póde vêr n'essa alcunha uma censura seria feita ao caracter de Merck, e na figura de Mephistopheles o máo diabo da tradição? Parece que não se tem necessidade de dizer a uma creança que, para Göthe, o amigo de Fausto não é senão o representante de um modo de pensar e de sentir muito permittido, e certamente muito espalhado entre os melhores: o espirito de critica e de negação, a antipathia pela phraseologia ideal, o scepticismo a respeito dos grandes sentimentos, o dom de vêr os motivos secretamente egoistas de nossas acções; — tudo isso, Merck tinha-o no mais alto gráo, e conhecia-se certamente muito bem para se ferir com o gracejo de Göthe(1).» O mesmo critico observa n'uma nota: «Demais, sabe-se que o caustico amigo de Faust não recebeu o seu lado diabolico senão na epocha em que a tragedia foi continuada, quinze annos depois do primeiro jacto, concebido e escripto no tempo da maior amizade com Merck.» A opinião do snr. J. de Vasconcellos leva-o n'esta parte naturalmente a falsas appreciações de Merck e de Mephistopheles.

A p. 80 o auctor commetteu uma irreflexão singular, pretendendo que *Midsummer Night's Dream* signifique. «Sonho de uma noite de verão» em vez de «Sonho de uma noite de S. João.» Desejamos que o auctor evite de futuro estes descuidos.

Estes são os erros mais graves do livro; estamos certos que servirão ao auctor apenas de aviso para se acautelar d'hoje em deante e trabalhar com menos rapidez.

A traducção que elle apresenta dos principaes trechos do *Faust* é geralmente muito fiel. Tanto esta como as noticias que nos fornece

(1) *Revue critique d'histoire et littérature* 1870, I, p. 79.

ácêrca de Göthe e sua obra fazem-nos lastimar que o auctor em vez de fazer d'esse trabalho um mero incidente d'uma critica d'uma obra insignificante e que só podia *fazer barulho* para áquem do Minho e Guadiana até ao Oceano, não tivesse consagrado o seu tempo a um estudo completo sobre Göthe e a uma traducção inteira do *Faust*, estudos e traducção feitos repousadamente, e sem serem perturbados com uma luta que só tem o merito de demonstrar que as *coteries* litterarias não tem já força em o nosso paiz para inutilisar as boas intelligencias e que as magras fileiras dos que aqui trabalham com seriedade, boa vontade e probidade augmentam de vez em quando com algum novo soldado. (1)

---

11. — **Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete des Deutschen, Griechischen und Lateinischen, unter Mitwirkung** von Dr. Ernst W. A. Kuhn herausgegeben von Dr. Adalbert Kuhn. Band. XXI. Neue Folge, Band I. Erstes Heft. 1-96 pp. in-8.° Berlin. Ferd. Dummler's Verlagsbuchhand lung. 1862.

Esta importantissima publicação foi fundada em 1851 por os sabios linguistas allemães Aufrecht e A. Kuhn, e, depois do primeiro ter ído para a universidade de Edimburgo como professor de linguistica, foi dirigida só pelo segundo até este anno; fórma já vinte volumes em 8.°, de cerca de 474 pag. cada um, onde se encontram discutidas um grande numero de questões relativas ao estudo scientifico dos dialectos teutonicos hellenicos e italicos, e incidentemente das outras linguas indo-germanicas; artigos de mythologia comparada, etc.; por elles se póde seguir perfeitamente a historia da sciencia da linguagem na sua applicação áquellas tres familias de linguas do grande grupo indo-germanico durante 20 annos, porque além d'esses artigos especialmente destinados ás theorias e aos factos novos, ha outros em que se examinam as obras da especialidade que se teem ído publicando. A lista dos collaboradores desde a fundação dada por o ultimo volume contém 107 nomes entre os quaes figuram os de quasi todos os principaes linguistas d'Allemanha e ainda dos outros paizes da Europa. Bopp, Grimm, Schleicher, hoje mudos destacam-se como chefes no seio da illustre pleiada. A Italia acha-se representada por Ascoli, Comparetti, Janku, a França por Michel Bréal.

(1) O snr. J. de V. não diz nada sobre a formação popular da lenda de Fausto e tracta apenas da sua propagação erudita. É a lacuna maior da suas noticias. Ouvimos que um mancebo estudioso de Lisboa o snr. Graça Barreto vae publicar um livro sobre o *Faust* de Göthe em que esse ponto é tractado com toda a amplitude que merece. Oxalá que assim seja e que o trabalho saia á altura do assumpto, mostrando-se o snr. Graça Barreto, conhecido apenas por alguns pequenos escriptos insufficientes para permittirem que o appreciemos devidamente, um digno missionario na pequena propaganda scientifica que se vae formando em o nosso paiz.

É com a maior satisfacção que vemos entrar esta publicação no seu vigesimo primeiro anno, augmentando uma folha em cada um dos seus fascículos bimestraes. Isto prova que o circulo dos linguistas se alarga e que a sciencia tem maior vitalidade. Os horisontes novos descobrem-se incessantemente, onde mesmo o campo da observação parecia esgotado. O linguista parece ter mais que qualquer outro especialista a paixão pela minudencia, a tendencia para esgotar o facto, sem esquecer nunca as leis geraes, porque sem ellas este seria incomprehensivel; aspira aclarar tudo o que ha n'uma lingua. É isso fecundo, ou nocivo? Não conviria mais em voz d'esgotar a minudencia, passar a estudar outras linguas, outros systemas de linguagem, desde que o essencial d'uma lingua, d'um systema de linguagem nos é conhecido? Cremos que é bom haver na sciencia duas ordens d'espiritos: os que capazes de generalisar, tem todavia profundas faculdades analyticas e se impacientam por não poderem estudar e explicar um objecto na universalidade das suas partes, e os que se contentam com os traços geraes, mas bem definidos d'esse objecto. O livro representa ora uma ora outra d'essas tendencias; o jornal geralmente a primeira. O jornal dá sobre tudo materiaes; ao livro compete construir sobre elles.

O primeiro fasciculo do tom. XXI do *Jornal de linguistica* do snr. Kuhn contém os seguintes artigos:

Contribuições etymologicas, por A. Fick, p. 1-16. Este linguista põe em connexão o ant. alto allemão *ganehaista* faisca com o ant. prussico *knaisti-s* facho, slavo ecclesiastico *gnĕtiti* inflamar-se, lat. *nitere* brilhar; segundo elle a raiz é *skint* que se encontra em lat. *scintilla*, a qual por perda do *s* inicial e metathese do *n* toma a fórma *knit*, donde *knit, nti*, etc. Identifica o polabico *nõto* rebanho com o slavo ecclesiastico *nąta* que tinha escapado a Schleicher no seu livro posthumo *Die polabische Sprache*, de que em breve fallaremos. Acha a mesma raiz *al* arder no latim *ad-olere* e no germanico *aljan*, arder *alida* fogo (anglo-saxão *älan* arder, *äling* ardor, ant. norsico *eldr*, etc.). Determina as fórmas fundamentaes do ant. prussico *dragios*, ant. norsico *dregg* e inglez *dregs* sedimento, fezes; slavo ecclesiastico *droštija* e anglo-saxão *därste*. Acha a mesma raiz em grego οἰδάω inchar, ant. alto allemão *eiz* inchaço, tumor, ant. alto allemão *eitar* veneno, slavo ecclesiastico *jadro* tufo, *jadŭ* veneno. Deriva da raiz *mi* levantar, construir, o sanskrito *mit* poste fixo, columna, o latim *meta*, o verbo lettico *mët-* fixar estacas, o antigo norsico *meidh-r* arvore. Põe em connexão um indo-germanico *tusna* tranquillo, com o slavo ecclesiastico *po-tuch-nąti*. Identifica sanskrito *tisras*, zend *tisarō*, ant. irland. *teoir, teora* f. tres, o sanskr. *katasras*, ant. irl. *cetheoir, cetheora* f. quatro. Tira d'um mesmo thema fundamental — *skaista* —, o lat. *caesius*, e o lituano *skaista-s* claro, *baltaskaisti-s* que brilha d'alvura. Identifica o vedico *katitha* o quanto com o grego πόσος e o lat. *quotus*, o sanskrito *tatitha* o tanto com o latim *totus* tanto; o lituanio *ižas* caramello com o antigo norsico *jaki*, bocado de gelo, indicando outras fórmas connexas; o grego ἔγκατα com o lat. *exta* entranhas, lituanio *inksta-s* rins, slavo ec-

clesiastico *isto* testiculo, plur. rins. Liga ao mesmo thema numeral que temos no latim *sex*, etc. e que seria na sua fórma fundamental, pelo menos para o ramo europeu das linguas indo-germanicas *sveks*, o prussico *ushata* o sexto, e o lituanio *usz-ès* nupcias (allemão *sechswochen*). Deriva da raiz *vark* rasgar (d'onde provém o nome do lobo nas linguas indo-germanicas da Europa: grego λύκος, lat. lupus (por *vlupos*), lituanio *vilkas*, slavo ecclesiastico *vlúkŭ*, gothico *vulfas*) o nome da charrua no sanskrito vedico *vṛka*, o grego ὠλάκα relha do arado, ἄλαξ, ὤλαξ, ὦλξ rego (do campo). Por ultimo deriva da base *vi* o sanskrito *vīṣṭ* enrolar, e o lituanio *výst-yti* rolar, enrolar.

Correcção (para a theoria do accento), por F. Misteli, p. 16-30. Este linguista refuta uma critica feita pelo orientalista americano Witney, nas *Transactions of the American Philological Association*, 1869-1870, n'um artigo sobre a *Natureza e designação do Accento em Sanskrito*, á theoria d'um accento medio apresentado no seu trabalho sobre a accentuação em grego no *Zeitschrift*, B. XVII, 81–134, 161–194.

As aspiradas e tenues do allemão moderno, por J. F. Kräuter, p. 30-66. No allemão as tenues *k, t, p*, são pronunciadas muitas vezes com aspiração, isto é, tomam o mesmo som que tinham em sanskrito *kh, th, ph*, e no antigo grego χ, θ, φ. O exame d'essa pronuncia era até aqui muito imperfeito, e auctores como Rudolph von Raumer e Heyse negavam que o allemão possuisse aspiradas, excepto nas palavras compostas, cujo primeiro elemento terminava em momentanea e o segundo começava por *h*. O snr. Kräuter tracta de determinar os casos em que se pronuncia a tenue simples e aquelles em que se pronuncia a tenue aspirada.

O tsch allemão, por Georg Gerland, p. 67-73. O auctor d'este artigo tracta de determinar a origem d'este som, e acha que elle provém frequentes vezes de sons palataes estrangeiros, romanicos ou slavos, e nos casos em que é original nos dialectos allemães provém, quando medial ou final, de *tz*, sendo este *tz* muitas vezes originado de *ks* por assimilação, inicial (caso essencialmente proprio á Allemanha do Sudoeste) de *z, sch*.

Para a historia do vokalismo indo-germanico, por Johannes Schmidt. Artigo critico por B. Delbrück. Contém um certo numero de observações uteis, que corrigem ou completam o livro de que tracta, livro de que havemos de fallar aqui, voltando então de novo ao artigo do snr. Delbrück.

A Comparative grammar of the Anglo-saxon Language; in which its forms are illustrated by those of the Sanskrit, Greek, Latin, Gothic, Old Saxon, Old Fricsic, Old Norse and Old High-German. By Francis A. March, LL. D. New-York 1871. Artigo critico do snr. Moritz Heyne, que observa que, emquanto o estudo do anglo-saxão recebe muito pouco impulso em Inglaterra, floresce elle na America, a ponto de um professor dos Estados Unidos escrever que «lá se estuda tanto o anglo-saxão, como o grego e o latim». Com quanto o

fim principal do auctor da nova grammatica seja puramente pedagogico, não apresenta elle, segundo o critico, apenas uma obra feita com os materiaes fornecidos pelas anteriores, mas tambem largas investigações proprias. A parte sobre a syntaxe é a mais completa e melhor do livro.

Lit. kirmýti, por Johannes Schmidt, que crê que no *Diccionario lituanio* de Nesselmann se acham confundidas n'um só artigo duas palavras homonymas differentes d'aquella fórma.

O registro geral dos tomos XI–XX do *Zeitschrift* deve já estar á venda; este com o registro publicado ha annos dos dez primeiros tomos não só facilitam immenso o estudo e consulta da collecção, mas permittem usal-a quasi como uma obra systematisada sobre a grammatica comparativa do grego, linguas italicas e germanicas.

12.—**Romania.** recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston Paris. N.° 2, 129-272 pp. N.° 3, 273-400.

O 2.° numero da *Romania* contém os seguintes artigos:

La langue franque, le vieux-haut-allemand et la langue française, por H. D'Arbois de Jubainville, pp. 129-135. M. de Jubainville, que abraça nos seus estudos ao mesmo tempo as linguas romanicas, celticas e germanicas, tracta de demonstrar, contra a opinião de Grimm (*Geschichte der deutschen Sprache,* 2.te Aus. S. 342), que a lingua franca da epocha carlovingiana divergia do antigo alto allemão e que as palavras germanicas introduzidas no francez nos tempos que se seguiram immediatamente á invasão barbara foram introduzidas do franco na sua phase especial do tempo dos reis merovingianos, em quanto as outras foram tiradas do franco da epocha carlovingiana. O auctor da *Grammatica das linguas romanicas,* o venerando Diez, achava que as primeiras tinham o vocalismo e o consonantismo do gothico, emquanto as segundas se approximavam pelo seu vocalismo e pelo seu consonantismo do antigo alto allemão. M. de J. communica para provar a sua these um certo numero de factos phoneticos interessantes.

Glosses et glossaires hébreux-français du moyen-âge, por Arsène Darmesteter, p. 146-176. As glossas e os glossarios hebreus-francezes da edade media fornecem um grande numero de factos importantes para o estudo da historia phonetica da lingua franceza. As mais antigas d'essas glossas remontam a cerca do anno 1000. M. D. faz a historia de todas ellas, communicando a esse proposito muitas noticias que interessam particularmente ao estudo da philologia hebraica, e passa depois á indicação e exame de sete glossarios hebreus-francezes, de que dous existem em Paris, dous em Parma, um em Bâle, outro

*

em Leipzig e o ultimo em Oxford. Como nas glossas e nos glossarios as palavras francezas se acham transcriptas em caracteres hebreus, reproduzem, tanto quanto é possivel ao alphabeto do hebreu, a pronuncia franceza, dando assim um testemunho mais verdadeiro d'essa pronuncia que a orthographia convencional, etymologica em parte, em parte arbitraria dos antigos escriptores. Os glossarios teem tambem muita importancia lexicologica. M. D. estuda por fim as relações dos glossarios entre si e promette sobre cada glossario um trabalho especial em que examinará o que elle tem de individual, de especial, a sua lingua, a sua grammatica, a sua phonetica, etc.

Sur un vers du Coronement Loois, por Gaston Paris, p. 177-189. O auctor d'este artigo determina qual é o personagem a que allude o verso do poema épico *Coronement Loois:*

Li cuens Guillaumes a Mosterel sour mer.

Por meio da sua analyse finissima M. G. Paris dá um grande passo no conhecimento da formação das canções sobre Guilherme d'Orange, que constituem em grande parte a *gesta d'Aimeri de Narbonna.* «Ces chansons, diz M. G. P., qui sont sensées raconter la vie du héros depuis sa naissance jusqu'à sa mort, présentent des épisodes d'un caractère tellement différent que la critique a reconnu depuis longtemps que sous un seul et même nom la poésie célébrait plusieurs personnages.» (p. 177.) «Des poèmes isolés, nés dans des provinces différentes, sur des personnages du nom de Guillaume, ont été les sources qui sont venues successivement perdre leurs eaux dans le courant sans cesse grossi de l'épopée «narbonnaise»; mais le travail des jongleurs du XI^e^ siècle, des trouveurs du XII^e^ et des arrangeurs du XIII^e^ a fait disparaître presque tous les traits distinctifs et originaires de ces poèmes, qui n'ont été admis dans la compilation générale que sous une forme bien éloignée de la primitive. C'est grand hasard quand un trait appartenant à l'ancienne tradition a reussi à se maintenir dans les poèmes qui nous sont parvenus; c'est un de ces traits qui me semble avoir persisté dans le vers du *Couronnement de Louis* qui forme le principal sujet de cette note.» (p. 178.)

Henri d'Andeli et le chancelier Philippe, por Paul Meyer. (p. 190-215.) Segundo o abbade de La Rue, Henrique d'Andeli teria sido um poeta normando, conego de Ruão, delegado pelo papa em 1216 com Guilherme de Marleiz, conego da mesma egreja, para julgar um processo pendente entre Raul, archi-diacono de Bayeux, e Pedro, cura de Percy. M. P. Meyer confirma essa identificação do conego com o troveiro *(trouvère)* por uma passagem do *Dit* d'Andeli sobre a morte do chanceller da egreja do Paris, Philippe de Grève, obra de que elle tira grande luz para a vida do auctor. Apenas até M. Meyer o abbade de La Rue tinha feito conhecer o assumpto d'essa peça importante, até hoje inedita, de que a *Histoire littéraire de la France* não diz palavra. M. Meyer publica-a segundo o manuscripto

da bibliotheca Harleienana (Museu britannico), acompanhando-a de todo o apparato critico desejavel, e precedendo-a de noticias sobre o chanceller Philippe, cujo papel foi consideravel nos negocios ecclesiasticos e na litteratura do seu tempo, e sobre a lingua e versificação de Henrique d'Andeli.

MÉLANGES (p. 216-226). *Navrer,* por M. G. Paris. O sabio romanista condemna a etymologia dada pelo snr. Diez e acceita por M. Littré e Brachet, segundo a qual *navrer* viria do antigo alto allemão *nabagêr,* trado, e apresenta como mais provavel origem da palavra franceza a palavra germanica cuja fórma em antigo alto allemão é *narwa, narwe,* em allemão moderno *narbe.*

La Chanson du Chreveau. M. G. Paris communica differentes fórmas do conto popular conhecido entre nós pelo nome da *Formiga e a neve* (1).

Correcções (p. 226-236). Sob esta rubrica propõe-se a *Romania* publicar de tempos a tempos algumas paginas consagradas a correcções aos textos romanicos impressos, resultantes tanto quanto possivel d'uma nova collacinação dos manuscriptos. M. P. Meyer apresenta differentes correcções aos textos impressos de Boecio, resultantes da revisão do manuscripto e M. G. Paris propõe correcções aos Glossarios que se acham na grammatica provençal de Uc Faidit.

COMPETES-RENDUS (p. 237-258). *Il Professore Federigo Diez e la Filologia romanza nel nostro secolo,* por Ugo Angelo Canello. Firenze, 1872. M. G. P. diz que esse trabalho feito com applicação é para se recommendar aos que querem ter uma idéia do estado da philologia romanica e dos meritos de Diez, mas que elle contém a exposição mais que apprecciação dos trabalhos de Diez, para a qual o auctor não parece ainda competente.

La vie de sainte Euphrosyne, texte romano-latino du VIII^e^-IX^e^ siècle. Par A. Boucherie Montpellier (Seguin), et Paris (Franck), 1872. Esta publicação não é sem importancia. M. G. P. diz que as observações sobre o texto sob o ponto de vista phonetico, grammatical e lexicologico que contém são quasi sempre exactas e em parte novas; mas dirige ao auctor uma critica geral em quanto á falta d'estudo da origem e texto da historia.

Romœnische Studien. Untersuchungen zur œlteren Geschichete Romœnien von Robert Roester (Estudos rumanicos. Investigações para a historia antiga da Rumania). Leipzig, Duncker und Humblot, 1871. «Les travaux de M. R., diz M. G. Paris, peuvent passer pour des modèles de critique laborieuse, sagace et pénétrante; pour éclairer le problème obscur qu'il abordait, il n'a pas reculé devant les études les plus ardues et les plus diverses; il s'est enfoncé notamment dans des recherches philologiques extrêmement complexes et en a tiré d'importants résultats. Il paraît maintenant hors de doute que les Roumains

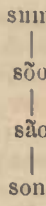
(1) Vid. *Bibliographia critica,* I, p. 15; *Romania* I, p. 107-110.

ne représentent pas les colons romains de la Dacie, mais sont des restes des populations romanisées de l'Illyricum et de la Mésie qui n'ont commencé à passer le Danube que depuis le douziéme siècle.»

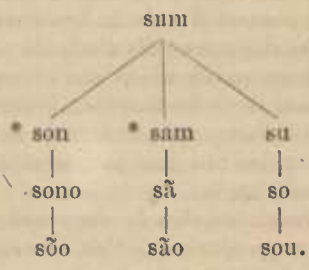
Darstelluny der Romagnolischen Mundart (Exposição do dialecto romanhol), von Dr. Adolf Mussafia; Wien, Gerold, 1871. Esse estudo é, segundo M. G. P. um primor de methodo, de penetração e de exposição.

Theoria da Conjugação em latim e portuguez. Estudo de grammatica comparativa por F. Adolpho Coelho. Lisboa, 1870. Agradecemos a M. G. Paris a benevolencia com que tracta este nosso timido ensaio, que é muito mais uma prova de boa vontade que de verdadeira sciencia. Concordamos que sob o ponto de vista exclusivamente romanico M. G. P. tem razão contra nós na sua critica geral. Em dous reparos que nos fez o nosso eminente critico (e outros mais justos poderia elle fazer) crêmos que não foi muito feliz. «En disant (p. 31) que les formes de la 2e pers. plur. en *des, de,* qui se recontrent çà et là dans Gil Vicent, proviennent de l'imitation du langage populaire, il nous semble que l'auteur se trompe: ce sont bien plutôt des archaïsmes; les formes où le *d* est tombé, étant plus modernes, ont dû être employées par le peuple avant de pénétrer dans littérature.» Sem duvida antes de penetrarem na litteratura essas fórmas syncopadas (como *amaes* por ant. *amades, entraes* por ant. *entrades,* etc.) foram usadas pelo povo, em cuja bocca se deu a syncope; mas o que significa dizer que em Gil Vicente as fórmas não syncopadas são archaismos? Quer-se significar por isso que elle as foi desenterrar dos escriptores anteriores para as empregar, elle que retrata tão bem a linguagem viva e popular do seu tempo? A linguagem do povo é essencialmente syncretica: n'ella são muitas vezes representados simultaneamente dous, ou mais momentos diversos d'uma mesma fórma. Em quanto no começo do seculo XVI os escriptores eruditos tractavam de submetter a lingua á disciplina grammatical, se escreviam as primeiras grammaticas da lingua (Fernão d'Oliveira 1536, João de Barros 1540), se buscavam typos fixos para as formações verbaes, etc., e em consequencia d'isso se repelliam as fórmas da segunda pessoa do plural não syncopadas, o povo conservava a sua lingua syncretica, representando um estado em parte mais archaico, em que as fórmas não syncopadas appareciam ao lado das syncopadas, sem duvida tornadas mais frequentes. O que comprova o que dizemos é que o dialecto gallego conserva ainda hoje as fórmas não syncopadas ao lado das syncopadas (1). M. G. P. pensa que o sabio Diez indicou bem a ordem logica (2) das fórmas da primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *sum*, suppondo *sõo* anterior a *são,* e esta *sou.* Ora em a nossa opinião não se póde indicar o desenvolvimento d'essas fórmas do modo indicado, isto é:

(1) Vid. Saco Arce, *Grammatica gallega*, p. 78.
(2) Fôra melhor dizer genetica ou chronologica.



Todas essas fórmas portuguezas provêem parallelamente da latina *sum,* da seguinte fórma:



A fórma *sono,* como já tinhamos apontado, existe em italiano: sobre ella assenta a antiga *sõo* que o nosso mestre, o auctor da *Grammatica das linguas romanicas,* não soube explicar; a fórma *são* provem evidentemente de *sum* por meio das intermedias *sam* e *sã* (antigo portuguez escripta *sam).* É mister notar que a representação graphica das vogaes nasalisadas illude muito o linguista. Em *sã,* embora escripta *sam* ou *são* ha não um *n* que póde caír d'accordo com as leis phoneticas do portuguez mas sim uma vogal nasalisada: ora o portuguez não offerece um unico exemplo d'uma verdadeira vogal nasalisada ter perdido a sua nasalisação; é por isso que para explicar a perda da nasal que se observa em *son* temos que recorrer a fórmas em que ella se perdeu n'um periodo em que o *m* era ainda um som independente, isto é ás fórmas do latim vulgar *su, so* que assentam immediatamente sobre *sum.* (1)

Grammatica gallega por Don Juan A. Saco Arce, presbitero, catedrático en el Instituto de 2.ª ens. de Orense. Lugo, Soto Freire, 1868. M. G. Paris apreeia muito bem, como é natural, este livro, cujo mereeimento consiste em ser o primeiro trabalho sobre o gallego, bom emquanto á exposição, e em que o auctor suppre por bom senso o que lhe falta em educação scientifica. M. G. P. critica sobretudo, e com toda a razão, o auctor por desconhecer que o gallego é um dialecto portuguez e o comparar a cada passo com o castelhano e ás vezes até com o italiano e o francez e nunca com a nossa lingua.

Ueber eine altfranzœzische Handschrift der K. Univeritœts bi-

(1) Vid. Corssen. *Ueber Aussprache, Vocalismus und Betonung* I², 275.

bliothek zu Pavia (Sobre um antigo manuscripto francez da Universidade real de Pavia). Bericht von A. Mussafia. Wien, 1870. — *Codicem manuscriptum Digby 86, in Bibliotheca Bodleiana asservatum, descripsit, excerpsit, illustravit,* Dr. E. Stengel. Halis, 1871.

«Les deux brochures que nous réunissons en un même compte-rendu, diz M. P. Meyer, se touchent par plus d'un point. Toutes deux sont consacrées à la description d'un mss. contenant, non pas une seule ouvrage, mais une série de pièces plus ou moins étendues, le plus souvent en vers, appartenant à notre ancienne littérature. Toutes deux appellent notre attention sur des écrits jusqu'à ce jour inconnues ou peu étudiés, et parfois les mêmes ouvrages, car, — et c'est là un des principaux points de contact des deux brochures, — certaines pièces se rencontrent dans les deux recueils analysés par M. Mussafia et M. Stengel. Enfin les deux publications ont encore un point commun, qui est tout à l'honneur de leurs auteurs; le soin et l'intelligence que chacun d'eux apporta à l'accomplissement de sa tâche.» M. P. Meyer menciona as peças contidas nos dois manuscriptos e dá sobre cada um d'elles importantes observações.

Beitræge zur alt-franzœsischen Lexicographie. (Contribuições para a lexicographia do antigo francez). Von Oberlehrer Goldbeck. Berlin, 1872, M. G. P. limita-se quasi ao annuncio d'esta publicação, esperando fallar do ensaio do professor Goldbeck, quando elle o reimprimir ampliado, como promette, até á ultima lettra do alphabeto (n'esta parte acham-se coordenadas as palavras alphabeticamente só até á letra *l*).

Opusculos inéditos del cronista catalan Pedro Miguel Carbonell illustrados y precedidos de su biografia documentada por D. Manuel de Bofarull y de Sartorio, archivero del general de la corona de Aragon, etc. 2 tom. in-8.° (Coleccion de documentos inéditos del archivo general de la corona de Aragon. Tom. XXVII e XXVIII). Barcelona, 1864-1865. Artigo de M. Alfred Morel-Fatio, que se occupa sobretudo de Carbonell e não diz nada sobre o valor da edição, mas mostra que a biographia escripta pelo editor contém muitas particularidades sobre a vida de Corbonell, a sociedade e sobretudo a côrte da sua epocha.

Canti populari Monferrini, raccolti ed annotati del Dr. Giuseppe Ferraro. Torino-Firense, Lœscher, 1870. Artigo de M. G. P. que diz que esse primeiro vol. d'uma collecção dos cantos e contos populares italianos publicada pelos snrs. Comparatti e d'Ancona é interessante e feito com cuidado, e dá algumas indicações uteis.

Lo Rondallayre. Quentes populars catalans coleccionats per Francisco Maspons y Lalros. Prim. ser. Barcelona, Verdagner, 1871. Esses contos são, segundo M. G. P., pela maior parte antigos e authenticos.

Periodiques, p. 258-269. E' uma revista critica dos artigos saídos em differentes publicações periodicas sobre os assumptos de que a *Romania* se occupa particularmente. Figuram n'ella, naturalmente, á

frente as publicações especiaes sobre as linguas e litteraturas romanicas.

O n.º 3 contém os seguintes artigos:

La vie de Saint Léger, texte revu sur le ms. de Clerment Ferrand, por G. Paris, p. 273-317. Este poema, que segundo a opinião de M. G. P. foi composto pelo meado do seculo x, tinha sido publicado pela primeira vez por Champollim Figeac em 1848, no tom. IV das *Mélanges* da collecção dos *Documents historiques* publicados pelo governo francez; depois foi reeditado pelo snr. Diez em 1852, com o poema da *Passion* nos *Zwei altromanische Gedichte berichtigt und erklärt (Dous antigos poemas romanicos correctos e commentados).* O sabio allemão não vira o manuscripto original e as suas correcções eram feitas sobre a edição anterior. E. Du Méril reimprimiu as primeiras dezoito estrophes no *appendice* do seu *Essai philosophique sur la formation de la langue française* (1852). A primeira edição era imperfeitissima, a segunda superior, e a parcial de E. Du Méril feita sobre o ms. a melhor. Uma edição completa feita sobre o ms. por homem que conhecesse a fundo o antigo francez tornava-se necessaria, porque o poema tem, pela sua antiguidade, uma grande importancia não já para a historia litteraria, como para a da lingua franceza: essa edição apresenta-nol-a M. G. Paris, precedendo-a d'um estudo em que determinâ a linguagem do poema (a pura lingua d'oil), apresenta um esboço grammatical do mesmo, expõe a sua versificação e investiga a sua fonte.

La phonétique latine de l'époque mérovingienne et la phonétique française du XI^e^ dans le Saint Alexis, por H. d'Arbois de Jubainville, p. 318-327. M. G. Paris acompanhou a sua nova edição (1) do *Saint Alexis,* poema francez do seculo XI (edição coroada ha pouco pelo Instituto de França), com um estudo desenvolvido sobre a phonetica do poema; M. de Jubainville resume as doutrinas apresentadas n'esse estudo, acompanhando-as de reparos criticos e introduz observações diversas suggeridas pela comparação do *Saint Alexis* com os diplomas em latim da epocha merovingiana, publicados por M. Tardif no volume intitulado: *Monuments historiques.*

Document en patois lorrain, relatif à la guerre entre le comte de Bar et le duc de Lorraine, por Fr. Bonnardot, p. 328-351. Esse documento da primeira metade do seculo XIV, interessante sob o duplo ponto de vista da historia e da linguistica, é precedido d'algumas observações historicas e d'um curto estudo grammatical.

*Germine, la Porcheronne, chansons forézienne*s, p. 352-359. O texto d'esses cantos populares foi fornecido por M. V. Smith. Um conto sobre o mesmo fundo existe em Portugal. Recordamo-nos de o ter ouvido na infancia, mas apenas nos ficaram na memoria tres versos:

Patinha aqui, pata alí
Filha de rei guardar patos
E' cousa que nunca vi.

(1) Feita em collaboração com M. L. Pannier.

MÉLANGES, p. 360-378. *Philippus—Os Lampadis,* por A. Darmesteter. No *Dit du Chancelier Philippe* (Romania I, 213), assim como n'outros escriptos da edade, acha-se explicado o nome de *Philippe* por *os lampadis*. M. Darmesteter ajunta alguns documentos que servem para esclarecer um pouco como em *Philippus* se poude vêr *os lampadis*.

Une êpitre française de Saint Etienne, copiée en Languedoc au XIII.e siècle, por G. Paris. É segundo M. G. P. uma transcripção fortemente provençalisada d'um original francez, que foi publicado por M. Gaudin na *Revue des langues romanes* II, p. 133 ss., com uma outra que não é mais que uma variante da epistola provençal publicada por Bartsch, *Chrestomathie provençale,* p. 21 ss. (2.ª ed.) e por outros.

Les vers de la mort d'Hélinand, por P. M. que determina definitivamente quaes são os versos da morte que Vicente Beauvais diz terem sido compostos por Hélinand, abbade de Froidmond.

Le livre des Cent Ballades, et la réponse du bâtard de Coucy, por Léopold Pannier. Contém principalmente observações sobre os manuscriptos do *Livro das cem balladas,* de que o marquez de Queux de Saint-Hilaire deu ha quatro annos uma edição.

Une romance espagnole écrite en France au XV.e siècle, por G. P. Esse romance é allusivo á morte do infante D. Affonso filho de D. João II (1), M. G. P. comparou o romance de Frey Ambrosio Montesino,

(1) Eil-o tal qual o restitue M. G. P.:

Ay, ay, ay, ay! qué fuertes penas!
Ay, ay, ay, ay! qué fuerte mal!

Hablando estava la Reyna
En su palacio real
Con la Infanta de Castilla
Princesa de Portugal.

Ay, ay, ay, ay! etc.

Ali vino un caballero
Con grandes lloros llorar;
«Nuevas os traigo, señoras,
Dolorosas de contar.

Ay, ay, ay, ay! etc.

«Ay! no son do reino extraño:
De aqui son, de Portugal.
Vuestro Principe señoras,
Vuestro principe real...

Ay, ay, ay, ay! etc.

Es caido de un caballo
Y l'alma quiere a Dios dar:
Si lo querés de ver vivo
Non quered (?) vos tardar.

Ay, ay, ay, ay! etc.

Ali estava el Rey su padre,
Que quiere desesperar;
Lloravan todas mugeres
Casadas e por casar.

Ay, ay, ay, ay! etc.

impresso no *Romanceiro geral* de Duran. t. II, p. 687 (1) e serve-se d'elle para restituir o texto do que publica, texto deturpado no mss. francez. M. G. P. transcreve parte da narração do successo da *Chronica de D. João II*, por Garcia de Resende; mas a narração de Ruy de Pina, mais antiga e que serviu como é sabido de fundamento á de Resende, faz-nos comprehender melhor a profunda impressão produzida nos espiritos pela catastrophe, e portanto as condições de producção da poesia popular que mss. francez nos conserva. Essa narração tem um caracter tão profundamente pathetico, tão profundamente verdadeiro que não podemos deixar de aproveitar a occasião de reproduzirmos aqui a parte principal. Depois de ter descripto a quéda do principal do cavallo, diz Ruy de Pina:

« Sobio logo a triste nova aa Raynha primeiro, a qual acompanhada soomente do Senhor Dom Jorge, com muita torvaçam e desmayo fez tambem della sabedor a Princesa; e ambas feridas da mortal door, com grande desacordo, e sem ho resguardo que a suas Reaaes pessoas se devia, soos cometeram ho caminho do Tejo, a que acabaram de chegar em mullas alheas, que no caminho por caso toparam. E assi chegaram honde jazia o Princepe, que por doces, e amorosas palavras de hua, e da outra, logo nem depois nom fez de si algũ sentimento, estando em todo quasi amortecido. E quanta door padeceriam por tal vista os corações Reaaes que eram presentes, podese muy mal dizer; pois por sua grande desaventura nom se pode cuidar. E assy esperando que os vidaaes spritos retornassem ao Princepe, esteveram aquella nocte em hũ muy triste silencio, em que nom ouve sono, nem fome, nem outras fallas, senam de continos sospiros mortaes: nõ leixando os Mestres de fazer todalas curas, e remedios, em que nunca ouve remedio. E como a nova se estendeo na Villa, e em toda a Corte, que o Princepe em que era a vida, e a soo esperança do Regno morria, assi esquecidos, e desgostados das casas, e fazendas pelo verem, se ajuntaram todos onde estava; e veendo que os remedios dos homẽs ja lhe nom aproveitavam, socorreramse aos de Deos, pedindolhe a vida pera remedio de tantas necessidades: para o que com todalas Ordẽs, e Clerezia, e com Cruzes, e Reliquias se fez de nocte hũa muy solepne, e devota procissam, em que todos descalços, e muitos nuus, com muy piedosas lagrimas, andaram per todalas Igrejas, e Moesteiros da Villa, em que continoada, e devotamente com os giolhos em terra, e com vozes que rompiam o Céo, deziam todos braadando: *Senhor Deos misericordia*. E aa Ladainha que chorando cantavam, e por elle se dezia, com lagrimas, e saluços, respondiam todos homẽs, e molheres, velhos, e moços, e mininos: *Ora pro eo*. Aquella nocte e ao outro dia quarta feira, ElRey, e a Raynha, e a Princesa naquella pobre casa esteveram com o Princepe trasportados todos em sua Angelica, e muy mudada fegura, esperando que a misericordia de Deos retornasse a vista a seus olhos, ou a falla a sua lingoa com esperança de

(1) Reproduzido por T. Braga, *Floresta de varios romances*, p. 14 s.

vida. Era ali ElRey com lagrimas, e palavras tam lastimador dos que o visitavam, que na door, e tristeza, parecia soo, e sem companheiro; e nom o podendo sofrer os que o ouviam, pelo mais nom magoarem, chorando se despediam delle. E seendo ja passadas nove oras depois do meo dia, veendo os Fisicos, que a morte se apressava a exuqutar seu officio na vida do Princepe, que todos velavam, e temiam, com sentença tam cruel disseranno a ElRey, pera que de tam triste, e mortal nova fosse soo Embaixador, e consolador da Rainha, e Princesa, pera que todos tres leixassem o Corpo do Princepe em poder do Confessor, e Capelães que avia mester pera Ministros d'alma. Tomou ElRey a Rainha pola mão, e dandolhe a triste, e desaventurada embaixada, se foram onde em hũa cama baixa o Princepe jazia, acompanhado da Princesa, que mui espertados os sentidos, e muito mais do verdadeiro amor que lhe tynha, nom afastando nunca delle os olhos, sempre ho acompanhou. E postos ElRey e a Rainha em giolhos, e cada hũ de sua parte, com grande angustia de tam mortal despedida, lhe tomaram, e apertaram consigo mesmo os braços, ja de todo caidos; e ElRey despois de ho beijar na face, lhe den tambem a beijar sua mão dereita, com que pera sempre lhe lançou sua bençam, veendolhe ja sair a alma da carne; e a Rainha despois de tambem lhe dar a sua, com muita door, e amor lhe descobrio os peitos, e sobre o coraçam, que ja bem nom pulsava, sem se saber, nem poder despedir, o beijou muitas vezes; e assi ambos alevantaram a Princesa, e em se saindo ElRey da casa, volvendo ainda os olhos pera o Princepe, e com elles cheos de muy doorosas lagrimas, disse sem poder mais dizer: *Hi vos fica o vosso Princepe, meu filho.* E co isto se allevantou per todos hũ muy dooroso, e descuberto pranto, sem se achar nenguem que confortasse. Ali se depenaram entam cabeças de muito siso, e arrencaram barbas de muita autoridade; ali nom ficou rostro de molher, que com as proprias mãos, e unhas cruees nom fosse esbofetado, e feito em sangue; em que nom ajudou com menos lastimas, e sentimento o Duque de Beja, que de Tomar onde estava, acodio ali com tanta pressa, como tristeza; e de muito lhe doer sua morte nom era sem causa; porque ambos de minynos, em muito amor, e concordia foram juntamente criados, tratados, e servidos como proprios irmãos. No que mui claro pareceo, que com quanto na morte do Princepe ho Duque ficava soo, e legitimo erdeiro da Casa Real de Portugal, com esperança do soceder tantos Regnos, e Senhorios, porem sua muy agardecida, leal e humana condiçam era tal, que a gloria de tamanha, e tam certa socessam, aquella ora lhe nom temperava a pena da soidosa privaçam d'hũ tam excellente Princepe, e tam amado sobrinho. E logo ElRey, dali foy levado a pee, e a Raynha, e Princesa como mortas atravessadas em mullas, pera as casas de Vasco Palha, que sam na mesma Ribeira, seguindo todos hũa muy escura procissam, entoada per todos de muy doorosos gritos, e muy tristes lamentações. E em acabando todos de se recolher, veeo a ElRey a mortal nova, que ja tinha por certa, que a alma do Princepe seu filho acabando de receber a derra-

deira unçam de todo se despedira da carne. E assy acabou o Princepe em hidade de dezaseis annos, e vinte dias, de que soomente esteve casado os sete meses e vinte e dous dias. E porque a Princesa soubesse d'ElRey esta nova primeiro, buscando elle aquella ora, em seu muy esforçado, e prudente coraçam os confortos, que sua carne e humanidade avorreciam, a foy visitar, e alevantar do chaão onde jazia, querendolhe dar na morte do filho, que lhe descobrio, as conssolações de que elle tynha a maior necessidade; mas como em tudo era Rey, e Senhor de perfeiçam, quislhe mostrar ho esforço, e descanso de Rey, e esconderlhe a door, e tristeza do Padre. E acabada esta visitaçam da Princesa, com que ficou maes desconfortada, ElRey foy logo fazer outra tal aa Raynha, a qual polo grande amor que lhe tynha, e porque em tudo era vertuosa, Real, prudente, e amiga de Deos, por nom veer a segunda, e maior perda da vida do Pay, pois na do filho ja nom tynha remedio, quis com emprestado despejo, nom soomente darse por confortada, mas muito mais por confortadora da paixam, e tristeza d'El-Rey, e co os olhos enxutos das lagrimas, que o designal padecimento do coraçam ja secara, dava com tudo muitas graças a Deos, e co isto queria, mas nom acabava de confortar ElRey. Deuse apos isto ordem como o corpo do Princepe, foi logo metido em hun ataude, e levado com grande honra, e cerimonia d'homẽs honrados, mas muito mais era a tristeza sua, e de quantos ho viam, e topavam pelos caminhos. E asi chegou ao Moesteiro da Batalha, onde na Casa do Cabydo junto com El-Rey D. Affõm seu Avoo foy enterrado. E por final de doo por esta perda sem comparaçam, ElRey se trosquiou, e elle, e a Raynha vestiram os corpos de negro luto, e os corações de mortal door, e tristura. E a Princesa corton os cabellos dourados que tynha, e se vestiu de triste vaso, e almafega; e desta desaventurada livree per ordenança, e mandado d'ElRey se cobrio todo ho Regno, onde em geeral, e particular polo Princepe se fezeram saimentos com prantos publicos, e de muito sentimento; porque verdadeiramente os moços, e mininos ho choravam por perda de Padre, e Senhor muy necessario, e os velhos com verdadeiro amor de proprio filho. «Oo desé-«jado Princepe, honra, e gloria dos Regnos em que viviees, e porque «esperavees, em que soidade, e door nos leixastes todos; ca, o que de «vos mais se esquece se lembra bem, que por a Real condiçam e per-«feitas vertudes que tynhees, de bom, e legitimo herdeiro nosso que «erees, nunca ouverees d'aver por vossa gloria, o que a nos dera pena; «nem estimarees por vosso prazer, o que nos causara tristeza; nem «procurarees de ser rico com nossas provezas; e finalmente, que nunca «quiserees ser salvo sem nossa saude; e por isto na lembrança destes «beneficios, que muy certos tynhamos em vossa vida, e de que vossa «morte nos desesperou; sentimos a perda de vosso corpo, que vos ja «amavamos co esta necessidade! Mas agora com quanto nos leixates «desta esperança gejũs, amamos muito mais com fe, e amor vossa alma, «e vossa memoria! E vos glorioso Rey seu Padre ja teerees bem sa-«bido, quam vaã, quam incerta, e chea d'enganos he nossa mundana

«esperança, e que hũs sam nossos propositos, e conselhos, e outro he «o Juizo, e desposiçam Divina! Hũa deferença averia em vosso cora- «çam na Villa d'Estremoz, quando no cabo daquelle desejado casa- «mento do Princepe vosso filho, beijandovos as mãos, vos pedio a ben- «çam, e lha destes com esperança de sua vida; e outra seria nesta «desaventura de Santarem, quando sem vola poder pedir, lha destes «pera sempre vendolhe ja sair a alma da carne: onde a gloria do dia «primeiro, em vos era tamanha, que pela verdes vos nom fartavees da «vida; e a door do segundo de tam mortal tormento, que avorrecido «de viver, acusavees vossa alma por crua, e ingrata, por vos ficar no «corpo, e nom se partir com a sua! Oo glorioso Rey, que saltenta- «mento tam dooroso, e pera vosso Real coraçam sobre todos tam mor- «tal, foi verdesvos ficar por erdeiro daquelle, que com tanta razam «avices por vosso soccessor! Outro gosto, e alegria era a vossa, quan- «do em vossos Regnos davees ao Princepe vosso filho as Cidades, Vil- «las, e Castellos com rendas, e riquezas sem conto: outra paixam e «tristeza sentistes quando despois recebiees o triste dote de seu casa- «mento! Oo morte muy cruel, certo na exuquçam desta vida natural, «tu sobre todas fostes apetitosa, e de muy torto juizo, e claro parecer! «Pois na entrada da vida acabaste aquelle, que per vertudes excellen- «tes devera viver pera sempre! Oo imyga de piedade, e justiça; por- «que ao innocente davas a pena de nossas culpas, e a nos porque ma- «tavas com sua morte? Ao menos despensaras algũ tempo com tua «crueza, pera esperança, e remedio de nossas necessidades; leixaras- «nos primeiro logar, e servir aquelle, em que avia bondades tam co- «nhecidas, que em sua gloriosa, e doce esperança os homes folgavam «de geerar, e as molheres de conceber, mui contentes de parir Vas- «sallos pera tal Rey, e Cavaleiros pera tal Principe! E os mortos cree- «mos que desejavam ser vivos, e os vivos que nunca morressem, por «que em suas nobrezas, e excellencias, os pequenos esperavam ser «grandes, e os grandes muy maiores.» (1)

M. P. refere-se aos romances sobre o assumpto publicados por o snr. T. Braga nos *Cantos populares do Archipelago açoriano*, n.os 54 e 55 que não viu. Comquanto n'esses romances o nome de *Isabel* se ache mudado em *Maria*, é certo que algumas circumstancias são taes que nos permittem que elles sejam olhados como transformações d'um antigo romance popular sobre o successo.

COMPTES-RENDUS. p. 379-392. — *Grundriss zur Geschichte der Provenzalischen Literatur*, von Karl Bartsch. Erbelfeld, Friderichs, 1872. Artigo de M. P. Meyer, contendo um consideravel numero de reparos criticos ao valioso trabalho do snr. Bartsch, artigo que deve ser lido por todos os que possuem a obra e estudam por ella.

Ueber die franzœsiche Nominalzusammensetzung. Ein Beitrag

(1) *Ineditos de historia portugueza*, publicados pela Academia das Sciencias de Lisboa, t. II, p. 132 seg. Fizemos algumas correcções, como *salteamento* por *saltentamento*, que não significa nada, etc.

zur wissenschaftlichen Grammatik der franzœsischen Sprache, von Johannes Schmidt. Berlin, 1872. Artigo de M. Darmesteter, que mostra que o trabalho do snr. Schmidt, valioso em quanto á parte geral, tem pouco valor na parte especial franceza, em que é inexacto e superficial.

Sulle versioni italiane della Storia Trojana. Ozervasioni e confronti di Adolfo Mussafia. Vienna, Gerold, 1871. O objecto d'esse trabalho, classificado pelo auctor do *compte-rendu* de excellente, é a comparação da *Storia trojana* de Binduccio da Scelto com o *Roman de Troie* de Benoit de Sainte More.

Ueber die spanischen Versionem der Historia Trojana, von Dr. Ad. Mussafia. Wien, 1871. «M. Mussafia, diz M. A. M. F., dans cette étude sur les différentes versions espagnoles de *l'historia trojana,* montre qu'une partie de ces versions, représentée jusqu'à présent par le ms. de l'Escorial H. I. 6, probablement aussi L. II. 16, et de la bibliothèque du duc de Osuna, I. N. 16, dérive directement de la version française de Benoit de Sainte-More,—que l'autre, contenue dans les ms. Osuna, II. M. 23 (attribuée à Pierre Lopez de Ayala) et III. M. 2 (traduction catalane faite en 1367 par Jachme Coresa), dérive du texte latin de Guido Colonna..... Ce travail est terminé par l'examen des textes imprimés des versions espagnoles de *Historia trojana,* surtout du texte de Delgado, dont la première édition est de 1509.»

Li Romanz de la Rose. Première partie, par Guillaume de Lorris. Von Oberlehrer Dr. Püschel. Berlin, Buchdruckerei von Lange, 1872. Artigo de M. G. P., que nos diz que o editor conhece a fundo o antigo francez e que trabalha com muito cuidado e intelligencia.

Del governo de'regni sotto il morali esempi di animali ragionanti tra loro, ed. Emilio Teza. Bologna, Romagnoli, 1872. É a reproducção da traducção do *Kalilah e Dimnah* grego impressa em Ferrara em 1583. A nova edição contém incorrecções que resultam de ter sido feita sobre uma cópia negligente e não collacionada com a edição original.

Periodiques, p. 392-399. *Chronique,* p. 400.

C.

13.—**Dictionnaire des doublets ou doubles formes de la langue française.** par Auguste Brachet. Supplement. Paris, Librairie A. Franck. 1871. 24 pp.

Já Duarte Nunes de Leão observára que um mesmo vocabulo latino se apresenta em portuguez com diversas fórmas e cita como exemplos *macula,* de que vem *malha, mancha* e *magoa,* e *pulvere* de que elle deriva *pó* e *polvora.* N. Catherinot observou o mesmo para a lingua franceza, e, n'um livro que publicou em 1683, deu a essas fórmas da mesma palavra o nome de *doublets.* Muitos linguistas teem

achado exemplos do mesmo phenomeno n'outras linguas; mas o trabalho mais methodico e completo, dentro dos seus limites especiaes, sobre elle é o *Dictionnaire des doublets ou doubles formes de la langue française* de M. A. Brachet (Paris, Franck, 1868), obra completada e em parte corrigida por a que é objecto do presente artigo.

M. Brachet continua a usar a denominação de *doublets*, reconhecendo a sua imperfeição, pois que ella se applica até a palavras que se apresentam com tres e mais fórmas, e noticia-nos que Butet na sua *Lexicologie*, p. XVIII (1801) lhes chamou *derivações divergentes;* crêmos que o nome de *fórmas divergentes* (pois aqui não ha derivação propriamente dita) é o que melhor lhes convém, e é esse o que adoptamos n'um ensaio que vamos publicar sobre os exemplos do phenomeno que offerece a lingua portugueza.

O trabalho de M. Brachet está feito com maior cuidado ainda do que a parte a que serve de complemento, de modo que não é facil achar n'elle motivo para reparo. Notaremos que M. B. deriva d'uma fórma fundamental hypothetica *barica* o antigo francez *barge* e o mod. *barca* (vindo esta fórma do italiano), guiado por Diez, *Etym. Wörterbuch* I³, 53, que suppõe esse *barica* derivado do grego βάρις canoa. *Barca* é uma palavra d'origem phenicia, introduzida nas linguas romanicas por meio do hespanhol (1), e que se acha pela primeira vez n'uma inscripção de Tavira (Algarve), publicada por E. Hübner, *Inscriptiones Hispaniæ latinæ* n.º 13. *Barca* não tem, ao que parece, nada que vêr com *barge*.

Pointer parece-nos derivar immediatamente de *point* e não representar *ponctuare*.

No *Dictionnaire* (p. 18) apresenta M. Brachet como fórmas divergentes *heur* e *augure;* depois d'isso Bœhmer propôz para *heur* outra etymologia, segundo a qual essa palavra viria de *favor;* mas no *Supplement* M. Brachet não faz menção sequer d'essa etymologia.

Algumas fórmas divergentes do francez moderno, escaparam ainda, sem duvida, a M. Brachet: n'este genero de trabalhos é impossivel ser-se completo. N'aquelle numero devem incluir-se, segundo crêmos *sergent* e *servant*, ambas de *servient*. Se o hesp. *caramelo* vem como diz Littré do arabe *kora mokhalla*, a etymologia de *carambola* está achada, porque essas palavras arabes nos explicam tanto *caramelo* como *carambola*. *Caramelo*, além da significação que tem em francez, designa em portuguez, por analogia, superficie de agua congelada, floccos de neve, bola de neve, e *carambola* significava primitivamente em a nossa lingua saraiva, granizo, como se vê pelo adagio: *Em maio carambola*, e pela cantiga dos rapazes colligida por Bluteau *S. V.: Viva o maio carambola, que elle vae jogando a bola.*

C.

(1) Vid. Movers, *Die Phönizier*, III, 1, 170.

14. — **Camões e os Lusiadas.** por Joaquim Nabuco. Rio de Janeiro, Typ. do Imperial Instituto artistico, 1872. 1 vol, 286 — VIII pag.

Camões e os Lusiadas, ensaio historico-critico-litterario. por Francisco Evaristo Leoni. Lisboa, Liv. de A. M. Pereira — Editor, 1872. 1 vol. 315 pag.

Os Lusiadas, ensaio sobre Camões e a sua obra. com relação á sociedade portugueza e ao movimento da Renascença, por P. J. Oliveira Martins. Porto, Imprensa Portugueza, editora, 1872. 1 vol. 210 pag.

É ocioso fallar na importancia historica e litteraria de Camões, para explicar o prurido de publicações que no corrente anno de 1872 teem apparecido sobre este creador da epopea da civilisação moderna; o facto d'essa effervescencia, que em em nada accusa a comprehensão dos problemas que envolvem a vida e acção do poeta, é um reflexo tardio da direcção critica produzida por Magnin, Quinet e Humboldt, que ensinaram a ver em Camões mais do que um poeta sentimental — uma synthese da nacionalidade portugueza, um dos representantes mais caracteristicos da humanidade. Esses livros que aspiram a seguir estes altos principios, revelam o mesmo gráo de consciencia, que tinha no seculo passado José Agostinho de Macedo quando parodiava as ideas de Voltaire sobre os *Lusiadas;* estes dois extremos tocam-se, um como detractor acintoso e perfido, incapaz de vêr a verdade eloquente do sentimento e da historia, o outro como encomiastico exaltado, sempre em admiração, invocando a rhetorica ou a esthetica, para acobertar com estas palavras a falta de processos scientificos. N'este caso estão os tres livros ultimamente publicados. Satisfazem por ventura á necessidade de quem estuda e quer saber? Não. E' o que provaremos no decurso d'este exame.

Ao abrir-se um livro moderno sobre Camões, procura-se conhecer o estado das questões e dos processos empregados desde o seculo XVII até hoje para descobrir os factos historicos da sua vida; saber como as datas se foram rectificando, como as suas relações com a vida historica do seculo XVI se provam pelos versos autobiographicos, como se deduz d'isto tudo as condições e o meio em que viveu e sentiu; vêr apontadas as formosas tradições que bordaram este grande nome com uma aureola homerica; se o auctor consultou os Nobiliarios para conhecer os individuos com quem teve intimidade; se aproveitou as rubricas, desprezadas pelos modernos editores, para entender as allusões historicas, que dão o sentido da composição; além d'isto, se deduziu depois de uma forte leitura dos versos de Camões, qual o seu caracter pessoal, tão diverso d'esse typo chateaubrianesco, representado convencionalmente nas estatuas, nos dramas, nas odes lyricas; se examinou o quadro geral das sciencias e da educação publica no seculo XVI, para conhecer como foi levado pela corrente litteraria da Renascença ou como lhe imprimiu uma direcção nova; finalmente se determinou o grupo de poetas que seguiram a influencia de Camões, e por elles formou uma idea do modo como este vulto foi comprehendido. Deve-se esperar tambem do au-

etor que historie as phases por que passou a eritica camoniana, desde os canones quintilianescos de Soropita e Manoel Pires até ás vistas synthetieas e positivas de Humboldt. Nada d'isto se encontra nos livros dos snrs. Nabueo, Leoni e Martins. Então de que estão eheias todas essas paginas? De admirações, de homenagens patriotieas, o que não é poueo. Este estado de espirito não se dá só eom os que lêem Camões; temos um faeto analogo eom o que aeonteee nos eseriptores de viagens á Italia. Stendhal, que viveu a melhor parte dos seus annos frequentando as galerias italianas e a boa soeiedade dos artistas e grandes-senhores, leu quasi todas as viagens que se esereveram áeerea da Italia, para reeonstruir pelas impressões dos outros as suas proprias emoções e vêr o que ellas tinham de verdade: eoneluiu, que muito poueas eram as que tinham mereeimento e que deserevessem as impressões direetas dos monumentos o das maravilhas de arte. Quasi todos os viajantes que ahi ehegam levam a imaginação persuadida de que só vão vêr eousas bellas; ante ellas, reeeiam mostrar-se inferiores não sabendo admirar, e em vez de observar eom serenidade, de aprender a vêr, de segnir as impressões franeas do seu estudo, violentam-se a dar phrases de transporte, de lyrismo laudatorio, de effusão artistiea, e retiram-se sem ter visto mais que eom os olhos do eorpo, e sem terem eomprehendido esse tropel de maravilhas que lhes esmagou a euriosidade. É o que está aconteeendo actualmente eom Camões; já se não diseute se é um grande espirito, já se assentou que elle attingiu o bello, já passa em julgado que é o mytho de uma nacionalidade; sustentaram tudo isto os maiores sabios da Europa, que resta pois a fazer a qualquer leitor medioere, que pretenda mostrar que tambem comprehende Camões? Resta simplesmente o embasbacar, dar phrases, interjeições, meios unieos que as impressões eonveneionaes têem para se revelarem. Os livros dos snrs. Nabueo, Leoni e Martins não serão os ultimos doeumentos admirativos; não se ehega aos processos seientifieos de um salto. Tomemos eada um isoladamente.

Para o snr. Nabueo, os *Lusiadas* são a *pyramide do espirito humano*, a obra prima da litteratura portugueza, e outros muitissimos epithetos. A razão d'este estylo emphatieo, dá-o o auetor n'estas deelarações: «So publieo *estas notas escriptas no espaço de quatro mezes* e não as guardo enidadosamente longos annos, é porque quero dar sempre e sineeramente os fruetos de minha edade. Estas impressões são de uma moeidade verde ainda; ete.» (p. 16.) E deelara tambem que não estudou os subsidios indispensaveis para dirigir as suas impressões pessoaes: «o estudo litterario fil-o unieamente eom os *Lusiadas*, deseonheeendo quasi tudo que sobre elles se tem publieado... Como um mergulhador, que no fundo do oeeano não preeisa de ler o que sobre elle se esereveu para sentir-se deslumbrado por tantas riquezas e por tão novos quadros, assim *não pensei que me fosse necessario o soccorro de outros para sentir e comprehender as innumeras bellezas do poema de Camões.*» (p. 10.) Para ter direito de eserever impressões

pessoaes é preciso ser uma individualidade completa; é isto o que dá a verdade ás Cartas do Presidente de Brosses sobre a Italia; mas acceitar imagens metaphoricas em vez de razões, dirigir-se por essa falsa miragem, abandonar de proposito o trabalho scientifico e fiar-se na divagação facil que o acaso lembra, é um triste erro que torna improficuo qualquer talento. Assim, á falta de um porquê, que explicasse o motivo que levou o snr. Nabuco a fazer um livro sobre Camões e os *Lusiadas,* aproveitou-se da data de 1872, em que publicou a obra, para dar-nos a explicação: «Eu pago o tributo de uma admiração sempre crescente á Luiz de Camões no terceiro centenario de seu poema.» (p. 17.) Já se vê que o livro não foi escripto para satisfazer qualquer necessidade intellectual; foi apenas para festejar um terceiro centenario, e como tal tem o caracter de um fogo de vistas, ephemero, vago, perdendo-se no kaleidoscopo da phantasia. Quanto á sua parte exterior, divide-se esta obra em tres livros: *Camões antes dos Lusiadas,* os *Lusiadas,* e *Velhice e morte de Camões.* Aqui póde-se repetir a grande maxima de Girardin: a banalidade nem sempre é a expressão de uma verdade. O snr. Nabuco é banal, mas sem sair do convencionalismo; erra, porque não estudou Camões, teve só em vista as suas impressões pessoaes. No primeiro livro falla da mocidade de Camões, e tudo se resume em dizer: «Camões nasceu no anno de 1524; é pois elle filho do seculo XVI.» (p. 21.) Segue-se uma tirada sobre a Reforma, com uma louvavel aspiração para a livre critica, mas dentro dos limites de Laurent e Duruy, e com uma abundancia de *commettimentos,* extrahidos dos relatorios officiaes do snr. Mendes Leal. Este capitulo, se o snr. Nabuco tivesse estudado, devia ser feito sobre estas bases: apresentar-nos em um pequeno quadro a actividade das Escholas menores de Santa Cruz de Coimbra em 1527; mostrar como a principal fidalguia portugueza frequentava essas escholas; como Camões ahi foi educado sob a vigilancia de seu tio D. Bento de Camões; mostrar como as impressões recebidas n'essas escholas crearam as principaes amizades que Luiz de Camões encontrou na côrte; investigar a origem das lendas de D. Affonso Henriques, que veem nos *Lusiadas,* como foram recebidas da tradição de Santa Cruz de Coimbra; esboçar a reforma da Universidade, de D. João III, até que o ensino caiu em poder dos Jesuitas. Nada d'isto ahi se encontra, mas não admira, que o snr. Visconde de Juromenha tambem achou este trabalho superior ás suas forças. (*Obras* de Camões t. I, p. 18.) Nos outros dous auctores aqui citados, tambem este questionario é letra morta, e a nada respondem.

O que o snr. Nabuco diz dos amores de Camões é tambem convencional; lá vem de enfiada as Malvinas, as Lauras, as Beatrizes e as Leonoras. Mas nada de realidade historica: «o que não sentiu Camões por Natercia? que doces queixas contra o rigor dos seus olhos, queixas que são sempre um acto de adoração, porque sua alma devorada pelo amor, era como o incenso, que quando queima perfuma.» (p. 50.) E depois d'isto ainda está no ponto de attribuir a desgraça dos amores de Camões ao Conde da Castanheira! (p. 53.) E dá a morte de

Catherina de Athaide antes de Camões partir para a India. Por Deos, snr. Nabuco, ha obrigação de estar ao corrente das descobertas sobre Camões, ou então não escrever. Esta grande epocha, que vae desde os estudos de Camões até á sua partida para a India, é das mais interessantes. O que nos diz das suas relações com a Infanta D. Maria, e com a academia de senhoras, que ella formára, e aonde Camões era lisongeado pelas damas, que lhe pediam glosas para a *Miraguarda*, de Francisco de Moraes! O snr. Juromenha falando da *Tenção de Miraguarda*, não soube explicar o que isto seria. Se nos lembrarmos, que *Miraguarda* é um dos principaes typos do *Palmeirim de Inglaterra*, dedicado á Infanta D. Maria, temos resolvido o problema. Demais, pelo Cancioneiro de Luiz Franco Correia, fl. 102, se prova, que Camões glosou outras coplas de Francisco de Moraes; n'esse livro encontramos:

Vilancete de Francisco de Moraes

Triste vida se me ordena,
pois quer vossa condição
que os males que daes por pena
me fiquem por galardão.

Camões glosou este vilancete, e no manuscripto de Luiz Franco se encontram estas duas advertencias: «*anda nas glosas*» e «*está como no impresso.*» A vida da côrte, n'esse tempo de erudição e elaboração poetica, de galanteios e de devoção, está retratada na *Arte de Galanteria*, que é indispensavel lêr; foi antes do desterro da côrte, que Camões foi o confidente de D. Manoel de Portugal e de D. Francisca de Aragão, e que elle se tornou um dos principaes valentões da côrte, como vemos pelas relações com o Chiado, e pelo epigramma d'este ao *Trinca-fortes*. É impossivel solver a homonymia das tres Catherinas de Athayde sem vêr o Nobiliario inedito de D. Antonio de Lima; em fim é necessario conhecer a influencia litteraria do principe D. João, que devia succeder a D. João III, para explicar a primeira tentativa dos *Lusiadas*.

Da partida de Camões para a India, só diz o snr. Nabuco, que «Camões era uma alma que só obedecia ás nobres e poderosas attracções.» (p. 52.) E continúa a atacar o honrado Francisco Barreto, e a fallar em desterro para Macáo, e assim segue até que prorompre: «*Estamos em frente dos Lusiadas.*» Ao fallar da idea do poema, resume aquella exposição de Laveleye sobre as epopeas nacionaes e as eruditas, e compara os *Lusiadas* com a *Eneida* e com a acção dupla da *Iliada*.

E assim nos dilue o poema em prosa, entresachando fragmentos de estrophes, abaixo dos processos de La Harpe. Mas o snr. Nabuco não nos deu a minima idea da Renascença do seculo XVI, e por isso não pode fazer sentir mais do que as analogias materiaes dos *Lusiadas* com a *Eneida*, e muito menos poude explicar a alliança da mytho-

logia com o sentimento christão: «As mais bellas pinturas dos *Lusiadas* são desenhadas com as côres de Homero, com um raio do Olympo.» (p. 153.) Da origem da fieção do *Adamastor*, nada diz, escrevendo sobre isso doze paginas; destaca o II canto da epopea para consideral-o como um poema de Venus, e não conhece a idea fundamental d'estes sonhos de grandeza politica, que todas as nações sentiram na epocha da Renascença, quando adoptaram a idea da *Monarchia universal*. A mesma vista superficial sobre a *Ilha dos Amores*, *Ignez de Castro*, *Doze de Inglaterra*, em que se repete em prosa entrecortada de versos, o que Camões relata em opulentas outavas. Na ultima parte do livro, apresenta a idea nova da ida de Camões a Africa com a expedição de D. Sebastião. Mas aonde os argumentos, os factos, as provas, as auctoridades, os textos para acceitar isto? Apenas a asserção vaga. O que constitue, em summa, todo o livro? Estylo guindado, cheio de imagens poeticas do ardente lyrismo brazileiro; é um livro feito por quem estava mais apto para as odes amorosas do que para a critica da historia. Ao passo que os prelos brazileiros davam á luz este infeliz livro, apparecia em Portugal um outro não menos volumoso, com o mesmo titulo, com o mesmo espirito, trazendo menos imagens poeticas, mas egual incongruencia de factos e de processos.

O livro do snr. Leoni, *Camões e os Lusiadas ensaio historico-critico-litterario*, está como uma contra-prova da falta de direcção scientifica que se nota nos estudos sobre o *Genio da lingua portugueza*, escripto por quem ignorava o estado das questões linguisticas. O snr. Leoni pertence a outra geração, é ainda o representante dos velhos methodos syncreticos dos Saraivas, dos Macedos e Soares Barbosas. O seu livro foi escripto para bater o snr. Visconde de Juromenha, porque para elle os *Lusiadas* são ainda «pregão sublime das glorias da nossa patria e monumento perduravel e immenso que em vão a inveja tem pretendido abalar.» (p. 6.) O snr. Leoni declara que ainda não está esgotado o assumpto, e alludindo á rica edição de Juromenha, accrescenta: «e mais nos confirma n'esta idea o que ultimamente temos visto publicar.» (p. 5.) Ora é preciso que uma vez se faça justiça a esse infatigavel archeologo camoniano. Depois de Faria e Sousa, ninguem descobriu mais documentos sobre Camões, do que o snr. Visconde de Juromenha; ninguem contribuiu com mais factos para restabelecer a vida do poeta, do que elle; ninguem logrou vêr mais manuscriptos, e cotejal-os, e extrair-lhes as variantes, do que elle; ninguem recolheu mais tradições e obras avulsas de Camões, que andavam perdidas, do que esse modesto editor. Commetteu apenas dous erros graves; o imprimir a vida de Camões antes do texto das obras, porque assim lhe escaparam descobertas, que estão escondidas no corpo das notas; e ao mesmo tempo, o não ter conservado no texto da obra as velhas rubricas explicativas das composições do poeta. Durante esta portentosa publicação, nunca a imprensa deu conta da edição Juromenha, e os criticos que o poderiam ter elucidado em qualquer par-

ticularidade, deixaram-no errar, calculadamente para depois o accoimarem. Diz o snr. Juromenha que tal lhe succedeu com o snr. Innocencio; agora a critica do snr. Leoni é mais formal. Vejamos o seu valor. Abre o livro com uma vasta introducção de setenta e sete paginas sobre a Renascença. Que quadro, que por si devia ser vivo e lucido, pallido, morto, inerte, paraphraseado dos Diccionarios historicos e de Cantu! Enumera auctores, mas não dá as ideas que representaram; cita obras, mas não penetra a corrente de civilisação que as produziu, nem a influencia que exerceram! Petrarcha, Dante e Boccacio, são «*os tres luminares da Renascença,* a quem succederam em Italia quasi sem interrupção homens de insigne talento, prestantissimos, e como que destinados pela Providencia para dilatarem os inda acanhados horisontes do saber humano.» (p. 9.) E assim com estas phrases estafadas, vae agrupando os nomes dos vultos do seculo XVI, que floresceram em Italia, França, Hespanha e Portugal. Fallando da origem da poesia portugueza, escreve: «*a poesia dos trovadores provençaes, transpondo o reino de Castella e Leão, se introduziu em Portugal* e communicou o estylo de suas trovas e cantares aos nossos poetas dos seculos XIII e XIV; etc.» (p. 29.) Isto está em contradicção com as descobertas historicas, que provam á evidencia que a poesia provençal entrou na Peninsula por via da Galliza, como diz Santillana, e que temos um periodo poetico, galeziano, mais antigo, representado por alguns poetas dos primeiros Cancioneiros peninsulares. E com este criterio esboça assim rapidamente a epocha de quinhentos em toques de prefacio de selecta. Para elle Gil Vicente é ainda o *Plauto portuguez,* contentando-se com caracterisal-o com longos extractos dos seus autos; falla das comedias de Jorge Ferreira e Sá de Miranda, sem nos dar a noção para as comprehender, isto é, a influencia da *Celestina.* Para elle, Barros é ainda o «*Tivio Livio portuguez* pela sciencia e facundia com que escreveu a historia.» (p. 92.) Ha n'esta introducção um espirito de livre pensador, que acceitamos, mas que nos lembra mais o *general de brigada reformado* do que o *racionalista.* Isto faltou ao snr. Visconde de Juromenha, e lhe deu certa estreiteza de vistas; é talvez esta uma das causas das invectivas de Leoni. Toda esta parte synthetica, base para uma perfeita comprehensão de Camões, reduz-se a este final, em estylo de artigo de fundo em dia de regosijo official: «Os Lusiadas são um brado sublime contra a *decadencia guerreira,* moral, e litteraria, que se operava por maligna influição: brado de patriotico alento com que aquella alma prodigiosamente grande, recordando nomes caros e heroicas virtudes, tentou regenerar o seu paiz; o que se, todavia, não conseguiu, foi porque o mal já não tinha remedio; mas alimentou e não deixou nunca extinguir no peito dos portuguezes os brios antigos e o espirito de independencia com que elles mais tarde reivindicaram os seus legitimos fóros e resgataram da dominação de Castella a patria de Affonso Henriques.» (p. 77.) Isto, em objectos de arte era *rococó;* em sciencia, é declamação aca-

demica; em historia patria é o *chauvinismo*, de que tanto se resentem os que não sabem outro meio de se mostrarem patrioticos.

Até que chegamos propriamente ao estudo sobre Camões: é impossivel abordar este vulto sem uma tirada de convenção, eil-a: «Camões foi tão extraordinario por seu genio assombroso e transcendente, como por seu inexcedivel amor da patria, á qual consagrou os bellos dotes da intelligencia: do que devendo resultar-lhe favores e premio subido, só lhe-advieram infortunios, desterros e todos os males da vida.» (p. 81.) Estes adjectivos, calculadamente dispostos, este tom absoluto e affirmativo são bastante para fazer conhecidas as tendencias do auctor. Mas deixemol-o dar largas á sua velha admiração. O snr. Leoni, militar antigo, é, com um louvavel sentimento, antipathico aos jesuitas; apesar de ser Commendador e Cavalleiro da Ordem de S. Bento e da Torre e Espada, tem uns certos instinctos democraticos, dignos de um homem que se elevou pela escala militar. Mas todos estes attributos pessoaes influiram sobre a sua critica; sem citar Juromenha, mas contra elle, diz: «Houve mesmo um biographo que pretendeu exaltar Camões e defender os jesuitas; ou foi ignorar o que se passou na época nefasta do dominio jesuitico ou querer adredo falsear a historia.» (p. 82.) Contra a origem nobiliarchica de Camões escreve tambem: «O mesmo biographo a que alludimos, querendo, como partidario da nobreza hereditaria, engrandecer Camões com accumular ao merito litterario do poeta o que entendeu lhe provinha de uma *nobre ascendencia*...» (ib.) Mas nos Alvarás das tenças é Camões chamado *cavalleiro fidalgo*. Ora o snr. Visconde de Juromenha não tem culpa de que os *Nobiliarios* de Severim de Faria, de Christovam Alão de Moraes, do Abbade de Perozello, e outros muitos ineditos, prendam Camões ao tronco da Galliza, Vasco Pires de Camões; como investigador archeologo, deu conta do que achou. Quanto á antipathia jesuitica, reconhece-a depois da morte do poeta, e em vez de affirmações dá argumentos poderosos, como as relações de seu pae com os frades de S. Domingos, o caracter litterario do Padre Bartholomeu Ferreira, e a refutação dos odios dos Castanheiras, que leva a attenuar tambem os odios dos seus parentes Camaras.

O snr. Leoni dá a novidade interessante de que Camões nasceu em Coimbra, com esta simples prova: «*ha hoje quem, fundado em documentos que ainda não vimos publicados, assevere que foi Coimbra quem lhe deu o berço.*» (p. 83.) A sua obrigação era dizer quem tem esses documentos e aonde os achou; portanto não procedeu scientificamente. (1) O snr. Leoni fixa a epocha em que Camões acabou os seus

(1) Julgamos saber a origem d'esta asserção do snr. Leoni. Ha poucos annos disseram alguns jornaes que o snr. Ayres de Campos, archeologo conimbricense, tinha achado no archivo municipal de Coimbra documentos que provavam que Camões nascera n'aquella cidade. Informámo-nos do que havia e soubemos que taes documentos não existiam e que o snr. Ayres não pretendia tal, e duvidava até mesmo de que o conimbricense Simão Vaz de Camões fosse o pae do poeta. Depois, aquelle archeologo nos seus muito interessantes *Indices* e *Summarios dos*

estudos entre 1544 e 1545, (p. 92) mas não dá prova. Diz que Camões não frequentou a côrte, o que vae de encontro ás suas relações com a Infanta D. Maria *(Sonet.* e poema de *Santa Ursula),* com D. Guiomar de Blasfet, com D. Francisca de Aragão, e o que torna inexplicavel a origem dos seus amores com uma dama do paço. Quanto ao que diz de se não representarem mais autos depois de 1536 é inadmissivel; um Auto de Prestes, traz a rubrica de ter sido representado em Lisboa; todos sabem que Antonio Ribeiro Chiado, amigo de Camões e citado por elle no seu auto de *Seleuco,* representou diante de D. João III o *Auto da natural invenção,* e que até o proprio D. Sebastião lia na sua meninice os autos de Gil Vicente, como o declara a dedicatoria de Luiz Vicente. Ataca o snr. Leoni o facto dos amores de Camões com D. Catherina de Athayde; (p. 34) não se cansa a investigar argumentos; basta-lhe a sua affirmação, e o encontrar diversos anagrammas de outras damas! «Sendo, como já fizemos vêr, destituidos de fundamento os amores de Camões com uma dama do paço da rainha, cáe de per si a idea do desterro que, segundo dizem, experimentou por tal motivo.» (p. 117) Assim, de postulado em postulado, chegar-se-hia até negar a existencia de Camões, pois que nos *Nobiliarios* manuscriptos encontramos nada menos de tres Luizes de Camões. Altera tambem sem prova a ida de Camões para Africa, collocando-a entre 1550 e 1552, unicamente porque D. Antonio de Noronha tinha em 1552 dezeseis annos! (p. 119.) Escusamos de notar as passagens em que o snr. Leoni segue as descobertas de Juromenha, como a Carta de perdão pelo ferimento de Gonçalo Borges, o que dá ao alistamento para a India um certo caracter de pena, e traz um diverso aspecto á argumentação; mas o snr. Leoni entende que: «Pouco interesse resume

Livros e Documentos mais antigos e importantes do Archivo da Camara Municipal de Coimbra (Coimbra. 1867, in-4.º gr.) dá conta a p. 7 d'uma provisão passada a 16 de maio de 1576, ácerca de injurias e offensas praticadas por Simão Vaz de Camões e seus criados na pessoa do almotacé em exercicio. Em uma nota, sobre que chamamos a attenção dos camonianistas, diz entre outras cousas de egual interesse o seguinte: «E para tambem não ficarmos culpados em passar por alto alguns outros documentos, que com estes têm estreitas relações, aqui os apontamos desde já em quanto as suas integras não forem publicadas no Supplemento. Assim elles vão prestar auxilio valioso, e não grande embaraço, a todos os criticos illustres, que, talvez fascinados por meras semelhanças de nomes e appellidos, não têm hesitado em attribuir ao turbulento cidadão conimbricense, Simão Vaz de Camões, muito vivo e são em 1576, a honrosa paternidade *legitima* do auctor dos *Lusiadas.*» E depois cita a vereação da Camara de Coimbra, de 31 de julho de 1563 (inedita), em que se declara, fallando d'aquelle personagem: «que posto que o dito simão vaaz *casase ho año pasado,* diserão que fôra doente e não podéra até o presente seruir o dito officio de allmotacé, nem ter casa apartada sobre si e *estar com seu sogro,* e por quanto agora estava são e bem disposto e comesana de saír por fóra e andar polla cidade e ter casa apartada sobre si, o elegerão confórme a ordenação por ser *casado nouamente,* dos honrados da terra.» Como é sabido, *novamente* significava n'aquella epocha pela *primeira vez.* Vê-se que este almotacé não podia ser o marido de D. Anna de Macedo e pae de Camões.

A Redacção.

em si este facto; mas serve de mostrar que não era Camões homem que se recusasse a esgrimir na primeira pendencia que se lhe offerecesse.» (p. 122.) N'este facto viu o snr. Juromenha muito mais, como a protecção do Bispo D. Gonçalo Pinheiro, e a primeira occasião em que no repouso do carcere teve Camões a idea dos *Lusiadas*. Fallando da partida de Camões para Macáo, insiste o snr. Leoni em querer vêr um desterro, sem se lembrar da alta importancia administrativa e judicial de que Camões ía investido; e, por consequencia, não sabendo explicar a prisão de Camões por calumnias propaladas contra a sua gerencia da Provedoria dos Defunctos e Ausentes, colloca essa prisão antes do pretendido degredo. Para o snr. Leoni, era o padre Bartholomeu Ferreira «fanatico e estulto de boa marca» (p. 157); mas nós vemos que André Falcão de Resende, amigo de Camões, celebrara em um soneto a sua afamada livraria; que Bernardes e Caminha lhe dedicavam versos e lhe pediam conselho, como a um homem de gosto reconhecido.

Attribua-se aos jesuitas a decadencia da nacionalidade portugueza e a perda da nossa autonomia, mas não se violentem as hypotheses para lhes enegrecer mais a chronica affrontosa com a perseguição de Camões; não ha prova para taes asserções; a mythologia não os encommodava, e elles mesmos introduzindo as estampas nos seus livros reduziram a theologia a uma mythologia. A primeira parte do livro do snr. Leoni, termina com esta admiração dithyrambica, repetida por centenas de fórmas: «O conquistador que pretender subjugar a nossa querida patria, hade primeiro rasgar até á ultima pagina, o poema immortal dos *Lusiadas*.» (p. 171.) Recapitulando as descobertas d'este livro, consistem:

Em Camões ter nascido em Coimbra.
Em não ser fidalgo.
Em ter seguido as sciencias naturaes em vez de theologia.
Em ser inimigo dos jesuitas, e ter sido perseguido por elles.
Em não ter frequentado a côrte.
Em não ter amado D. Catherina de Athayde.
Em ter sido preso em Gôa antes da partida para Macau, etc.

E tudo isto sem prova, com argumentos inconsistentes, sem uma exposição connexa, que só dá a logica dos factos, e que faz comprehender a vida moral do individuo que se estuda.

A segunda parte do livro é a analyse dos *Lusiadas*, ainda pela velha pauta de Soares Barbosa; aqui está o snr. Leoni mais á vontade, porque está dentro dos seus processos. Compara Camões a Apollonio Rhodio, porque não canta exclusivamente o Gama, como o outro não canta sómente Jason. (p. 176.) As argucias de grammatico floreseem aqui; os versos da est. 50, do cant. I:

> Os portuguezes somos do Occidente,
> Imos buscando as terras do Oriente...

dão-lhe largas para brandir a ferula, dizendo: «Não é possivel que Luiz de Camões dissesse *os portuguezes do Occidente;* como se alguns houvesse que fossem do Oriente.» (p. 177.) E emenda:

> Os portuguezes somos: — do Occidente
> Imos buscando as terras do Oriente.

E sobre esta arbitrariedade, que se não justifica por nenhuma variante dos manuscriptos conhecidos, (tres pelo menos) brada triumphante: «Só admira que ninguem, até hoje, advertisse n'um erro tam facil de notar e corrigir.» (ib.) Mas, senhor, a quem diziam os portuguezes essa informação? Aos negros de Moçambique, que não sabiam d'onde os portuguezes *eram,* que era o que lhes interessava saber antes do que d'onde elles tinham vindo. Nas Sete partidas do Infante D. Pedro ha d'estas perguntas, com uma resposta sempre com o mesmo sentido. Assim cáe a melhor descoberta do livro. (1) Para o snr. Leoni os *Lusiadas* «compõem-se de uma mixtura de classico genuino com puro romantico»; se ha mixtura, como ha pureza e genuinidade? E sobre essa caracteristica, classifica os episodios que pertencem ao genero classico, que são nada menos de nove, e os que pertencem ao genero romantico, que são ao todo onze. (p. 180.) E depois d'isto diz-nos de José Agostinho de Macedo e de Jeronymo Soares Barbosa, que teem «uma completa insciencia de tudo o que é attinente ao estudo das bellas artes.» (p. 181.) Fallando da alliança do maravilhoso christão com a mythologia pagã, em vez de nol-a explicar pela corrente litteraria dos estudos classicos inaugurados na Renascença, dá-nos a razão de que «toda a poesia bafejada de mimos e de graças ridentes provinha da theogonia greco-romana.» (p. 182.) Depois cáe na perpetua comparação dos *Lusiadas* com a *Eneida,* cujos episodios vae calcando como quem copía um desenho na vidraça. As fallas dos heroes são medidas pela craveira oratoria de *exordio, narração, confirmação* e *peroração* (p. 201), e os sentimentos entremeados com seus similes de logares communs de Virgilio; faz-nos depois uma estatistica dos retratos dos heroes cantados por Camões (p. 215), notando os adjectivos qualificativos que alguns só mereceram, e a propriedade dos termos (p. 231), as onomatopeas, concluindo que Camões é superior como *pintor de batalhas.* (p. 235.) Humboldt, que era um grande naturalista, considera, no *Cosmos,* Camões como um inexcedivel pintor dos phenomenos naturaes; o snr. Leoni, como general de brigada reformado vê Camões pelo seu prisma. A exposição do plano dos *Lusiadas,* feita por estes processos de cansada rhetorica, e com extensissimos extractos pelo systema de Costa e Silva, occupa a parte principal do livro do snr. Leoni; nada menos do que de paginas 175 a 315! Se tivessemos

(1) Além d'isso, é inadmissivel a correcção do snr. Leoni, porque ella exigiria no verso seguinte *vimos* e não *imos.* Diz-se *venho do Porto* e não *vou do Porto.* Os grammaticos muitas vezes esquecem a grammatica.

a linguagem pittoresca de Carlyle, confeririamos a este trabalho o mesmo epitheto que elle deu a um historiador de Cromwell — *carro de palha*. Depois do que temos exposto, as conclusões supremas do livro *Camões e os Lusiadas* são de uma logica deprimente, mas inevitavel. A admiração convencional levou o snr. Leoni a estes resultados: «Os *Lusiadas* estão marcados com um inimitavel cunho de grandeza e sublimidade. — Contém formosas descripções, imagens e pensamentos elevados, similes frisantes, episodios terriveis, grandiosos e patheticos.» (p. 315.) É uma especie de botica. Depois continúa com este systema de parallelismo academico: «Se houvermos de comparar Camões a Homero e a Virgilio, diremos, que excede o primeiro tanto no pathetico, como na belleza das comparações de que o vate Meonio fez um emprego assás frequente. É inferior ao segundo na doçura e harmonia do metro; mas eguala-o na sensibilidade profunda, e leva-lhe a palma na similhança e propriedade com que pinta os caracteres e na *descripção das batalhas*. Juntamente a Virgilio e Homero excede Camões nos aphorismos, nas sentenças moraes, e nas maximas philosophicas, politicas e *militares*.» (ib.) Tal é o fim da obra, e taes as conclusões maximas! mas isto foi aproximadamente o ponto de partida, e a conclusão ficou uma simples petição de principio. Conheceria isto o auctor, quando nos quiz dar uma reforma da orthographia adoptada no livro? com certeza, porque só n'isso está novidade. Finalmente n'este livro ha uma profunda contradicção: de um lado a velha rotina quintiliana, a negação completa de philosophia, a carencia dos processos scientificos, um dogmatismo auctoritario de ferula, e por outro um bem estar de livre pensador, uma certa dureza de phrase no modo de querer chegar á verdade, que é proprio da gente moderna. O snr. Leoni tentou a alliança dos dous espiritos, e, sem talvez o querer, fez de Camões a sua victima.

O terceiro trabalho sobre Camões, produzido por este andaço de banalidade, foi publicado no Porto pelo snr. P. J. Oliveira Martins, com o titulo *Os Lusiadas, ensaio sobre Camões e a sua obra com relação á sociedade portugueza e ao movimento da Renascença do seculo XVI*. Parece que uma mesma corrente atravessou do Brazil a Lisboa e d'aqui ás minas de Santa Euphemia em Hespanha, aonde escreveu este ultimo auctor, produzindo tres obras com o mesmo espirito futil, patriotico e admirativo. O snr. Oliveira Martins estava longe de Portugal, e escreveu o seu livro para desabafar saudades, com o criterio que nos dá a distancia para julgarmos aquillo que estamos acostumados a vêr. Devia de ser um livro agradavel, escripto assim com este intuito; eis que de repente o vento da philosophia social se apossou da mente do auctor, e que sem mais estudo sobre Camões que a leitura de uma secca edição da *Bibliotheca portugueza*, arrebatado pela corrente do estylo, remonta-se aos Eddas e aos Niebelungen para fundar a historia litteraria com a verdadeira fórmula synthetica do genio e do seculo de Camões. É por isso mais responsavel que os outros.

O livro do snr. O. Martins divide-se em cinco capitulos, intitulados: Da Arte — Luiz de Camões — A Epocha das conquistas — A Renascença — A Nação portugueza, que estão escriptos n'aquelle estylo apopletico usado por Victor Hugo no estudo de *Shakespeare* e no prologo do *Paris-Guide,* mas sem a audacia das antitheses, sem o vigor da imagem, n'esse tom vacillante de quem se encosta aos adjectivos para dar fórma grammatical a um periodo que não tem idea. Para a parte philosophica d'este livro contribuiram Quinet, Taine, Saint-Beuve, Michelet e Guizot, lidos com o desfastio do escholar e applicados como quem jura nas palavras d'elles. O snr. Oliveira Martins nem pelo estudo nem pelo seu desenvolvimento intellectual estava ainda apto para escrever sobre os *Lusiadas.* Tem todas as qualidades do snr. Joaquim Nabuco e mais os dotes auctoritarios de affirmações absolutas do snr. Leoni. Entremos em cada um d'esses capitulos, que tem a desconnexão dos escriptos ensaistas.

O primeiro capitulo trata *Da Arte;* aqui pretendeu estudar a faculdade creadora dos artistas, os seus modos de manifestação desde os periodos primitivos até aos contemporaneos, para depois nos dar o seu modo de vêr sobre Camões. Faz lembrar os antigos historiadores que começavam sempre desde a origem do mundo, *ab ovo;* é como quem quizesse fallar de Cujacio ou Pothier e se remontasse á origem metaphysica do direito; como quem tivesse de discutir Kepler e se immergisse nas especulações da cosmogonia. Mas as ideas tumultuosas d'esta theoria d'arte apresentam de longe traços de verdade; é como n'um *pot-pourri* em que d'entre a desordem dos sons appareeem perfeitas melodias que accusam ter para ali contribuido um grande maestro. O snr. Martins parte do ponto que a *imaginação* é a faculdade artistica, e que a *razão* é a faculdade scientifica, em completo antagonismo e desenvolvendo-se uma á custa da outra. E diz-nos: «A imaginação não póde adquirir-se como quasi póde dizer-se que se adquire a rasão, pela gymnastica do intellecto.» (p. 9.) Mas isto está em contradicção com os factos physiologicos; a bebida do *hashich* faz passar dentro de um cerebro todo o mundo das *Mil e uma noites,* e comtudo não ha uma bebida que nos produza um estado de lucidez de espirito, como aquelle em que Newton formulou a lei da gravitação; o estado de exaltação nervosa produz a vida da imaginação, e os mais notaveis espiritos da edade media não chegaram de repente a essa passividade mystica. Logo o snr. Martins não soube analysar a imaginação, e deduziu d'ella uma theoria hoje morta na sciencia; essa theoria consiste em julgar que nos periodos primitivos da civilisação o homem não tinha para chegar á verdade outro meio senão a imaginação, e guiado por essa faculdade, a que chamaremos estado, produziu as religiões, as epopeas seculares, e que á medida que a razão se foi desenvolvendo, foi por seu turno a imaginação estreitando o seu horisonte. Era esta a philosophia dos bons tempos de Condillac. Por isso é que diz o snr. O. Martins: «A imaginação tem uma historia, e essa historia é correlativa da rasão: caminha sempre um passo adiante. É por isso

que *a imaginação diminue em volume de actividade* quando ganha em intensidade.» (p. 14.) A medida volumetrica applicada á imaginação tem seu chiste: «A imaginação é uma faculdade humana *que parece, se não é certo, avolumar* em sentido inverso d'esse outro conjuncto de faculdades que... chamamos rasão.» (p. 10.) É esta a these philosophica, guisada por mil fórmas e sempre em petição de principio. Deixemol-o nas suas divagações ôcas, e restabeleçâmos a verdade; deante da philosophia *positiva* toda a actividade do homem, sejam quaes forem os meios de que disponha, tende sempre para a posse da verdade; é o fim supremo da sua existencia individual e social, é o movel que o desprende da inferioridade animal. Assim em quanto o homem viver sob o dominio das impressões e não as poder ainda dominar, ao procurar as causas das cousas hade julgal-as sempre *immanentes*, e n'esse caso faz as religiões pantheistas, os dogmas naturalistas; quando ainda no mesmo estado de espirito attingir a generalisação e podér formar a idea de principio, as causas tornam-se-lhe *transcendentes*, e cria a unidade religiosa, as grandes epopeas, o symbolo juridico. Ora durante esta phase da vida da civilisação a imaginação predominava, mas suppria a infancia da razão, cooperava com ella para a conquista da verdade. Segundo Comte, estes dois periodos historicos tem os nomes de religioso e *artistico*. Deante do periodo *scientifico*, que succedeu a estes dois, todas as parcellas de actividade durante elles exercida teem o valor extraordinario de documento moral, para reconstituir a vida do espirito. Era d'aqui que devia de partir a theoria da imaginação; mas o snr. Martins atira-se ao mar das syntheses, e dá nomes para comsubstanciarem ideas: «*Hesiodo, Homero, Eschylo* representam na civilisação antiga a historia da imaginação.» (p. 13) «*Dante, Petrarcha* o *Voltaire*, o primeiro revelando o mundo interior e phantastico, o segundo o consorcio do espirito com a carne pelo amor, o terceiro a sêde violenta do saber positivo, caracterisam este segundo periodo, como Hesiodo, Homero e Eschylo, haviam caracterisado o primeiro.» (p. 14) «*Esculapio*, (1) *Hyppocrates* e *Galeno* personificam bem este movimento pelo qual os factos da imaginação se tornam assumptos positivos, scientificos.» (p. 15.) «*Eschylo, Petrarcha* e *Goethe*, são os tres pontos cardeaes por onde com a imaginação se determina a historia da consciencia humana.» (p. 16) E assim vao formando trindades symbolicas de nomes, com uma certa

(1) O snr. Martins toma o mythico Esculapio, a concepção antropomorphica das forças vivas da natureza sã (Preller) por um personagem historico, como Hypocrates e Galeno, cujos escriptos chegaram até nós, mostrando assim uma ignorancia maior que a de qualquer estudante de latim que lê o seu Chompré. Vê-se que é absolutamente impossivel tomar a sério o seu livro, onde o auctor mostra que nem se quer aspirou a seguir o bom caminho. Se não fosse a incapacidade do publico em julgar estas obras, pediriamos ao snr. T. Braga que reduzisse este seu artigo a um quarto para não gastarmos tantas paginas da nossa revista com ruins obras. Mas o estado do espirito do nosso publico exige isto, como o nosso collaborador muito bem entendeu.

A Redacção.

boa fé budhica. Mas a que vem isto a proposito de Camões? Responde esta outra trindade: «porque a palavra, que em Homero nos deu a *fórma* do homem nos olympicos, acompanhando o cinzel phidiano, nos dá em *Camões,* no *Tasso* e em *Shakespeare* a *côr,* isto é a fórma espiritualisada, acompanhando *Miguel Angelo*, *Raphael* e *Rubens*; nos dá a harmonia, isto é o homem pensante e consciente, o trabalho e a lucta interior, acompanhando *Meyerbeer, Rossini* e *Haydn.*» (p. 20.)

Depois d'isto falla-nos o snr. O. Martins nas epopeas da India, nos *Eddas,* no Olympo, e prorompe com este monumental disparate historico: «Como a propria civilisação romana, a Hespanha não tem além de Homero, concepção épica primitiva que lhe dê um caracter pronunciado de originalidade de raça. *Desde que se abre a edade media até que se encerra, a originalidade poetica da Hespanha é nenhuma.* A concepção epica dos *Eddas* não podia acceital-a: impediam-lh'a o caracter de raça que adquirira, e o caracter do clima; etc.» (p. 22-23.) A Hespanha sem concepção epica! ella que deu a ultima manifestação epica dos tempos modernos — os Romanceiros! Pois a *Chronica rimada* não é formada de antigos *romances* do seculo XII, alí intercalados como a cantaria lavrada de um edificio em outro edificio? Pois esses romances não foram tambem intercalados na *Chronica general?* A Peninsula hispanica não foi occupada pela raça goda, a raça mais poetica e fecunda de todos os ramos germanicos, mas infelizmente combatida pelo catholicismo, por causa da sua crença na humanidade de Jesus? E que quer dizer a Hespanha não poder acceitar a concepção epica dos *Eddas?* Simplesmente que o snr. O. Martins não sabe o que são os *Eddas.* Os cantos épicos são o desdobramento historico dos cantos mythicos; os *Eddas* representam esse estado mythico que precedeu o estado historico dos *Niebelungen;* do mesmo modo que o *Rig-Veda* representa o estado mythico anterior ao estado historico do *Mahbarata* e *Ramayana.* Ora dizer que a Hespanha não podia acceitar os *Eddas,* equivale a dizer, que não podia adoptar uma poesia no estado mythico. (1) Mas egual facto se deu em França e Inglaterra, se exceptuarmos os cantos gaëlicos, que pertencem a um fundo de raça que tambem existiu na Peninsula hispanica. Na Italia dá-se a mesma ausencia de cantos mythicos; que concluir d'aqui? que na India, (na Grecia) e na Scandinavia é que se produziram os documentos d'este estado do espirito, o bastante para nos revelar a existencia de uma lei de desenvolvimento poetico. Sem ideas definidas sobre historia, ou sobre origens litterarias, o snr. O. Martins atropela as deseo-

(1) «Die edda ist ein unvergleiliches werk. denn ich wüste nicht, dasz bei irgend einem andern volk grundzüge des heidnischen glaubens so frisch und unschuldig aufgezeignet worden wären; an soleher einfachen, von keiner kunst der poesie ausgeschmückten fassung, wenn die natur des mythus wie der sprache erkannt werden soll, liegt es aber.» Grimm, *Geschichte der deutschen sprache*, s. 760, 2.te ausg. Quando Grimm escrevia isto ainda o Rig-Veda não era estudado na Europa.

A Redacção.

bertas da sciencia; ainda pensa que o lyrismo da Provença é um resultado de uma pequena renascença classica: «O lyrismo antigo, conservado e depurado como brazeiro na Provença, rompia em labareda, e a figura augusta de Virgilio, o homem justo, o cidadão, de Virgilio que não morrera na Hespanha e na Italia, e conduzira Dante através das sombras medievaes, toma corpo na pessoa de Camões.» (p. 23.) Provado pela historia, que o lyrismo provençal floresceu e durou no periodo das Cruzadas, dois seculos em que a Provença esteve livre das prepotencias senhoriaes, e gozando a liberdade das suas communas, provado mais que essas canções são as *Vallemachias* gaulezas, que surgiram do povo e voltaram outra vez a elle pelos jograes, como é que se vae ainda hoje derivar esse grande periodo poetico, que em nada imita a antiguidade, dos lyricos gregos e romanos? Não basta lêr o primeiro livro que nos vem á mão; é preciso discutil-o segundo a marcha da sciencia. Que diremos das comparações do snr. Martins, mostrando tal conhecimento dos grandes typos artisticos que compara Pedro Cru a Othelo, e Ignez de Castro a Desdemona! (p. 30.) Póde suppôr-se, por isso que nenhuma phrase o explica, que Pedro Cru matou Ignez. É isto o que entende qualquer leitor desprevenido. Faltam-lhe as minimas noções de historia litteraria, como vemos: «o termo do periodo medieval da litteratura portugueza, cerrado esplendidamente por Gil Vicente e Bernardim Ribeiro; etc.» (p. 36.) Mas em que se fundou para dizer isto? Gil Vicente, embora usasso nos seus autos a fórma hieratica do theatro da edade media, é grande porque abriu á intelligencia portugueza o horisonte do seculo XVI, proclamando a *liberdade de consciencia;* Bernardim Ribeiro, embora usasse o antigo verso de cancioneiro, foi o primeiro que deu ao lyrismo portuguez o caracter platonico mystico. São as duas caracteristicas da arte que evangelisaram a Reforma e a Renascença. Logo, Gil Vicente e Bernardim Ribeiro não se immergem nas sombras da edade media, como os seus ultimos e quasi posthumos representantes, como o sonha o snr. O. Martins, são pelo contrario os primeiros raios da grande alvorada da intelligencia e da consciencia humana. Podemos concluir, que este primeiro capitulo é mal escripto, sobre não ter sido pensado; é um pastel de ideias de Taine e de Lavelleye, com aproximações de Quinet e logares communs.

O segundo capitulo é a biographia de *Luiz de Camões.* Agora que é preciso descer ás particularidades dos factos, o snr. Martins declara-se admirador exaltado. É como se a qualquer exigissem uma divida, e elle se encolerisasse, refugiando-se na sua fidalguia. Vejamos primeiro a admiração do snr. Martins, e depois experimentaremos se ella dá mais alguma cousa do que as admirações dos viajantes á Italia. Ao transcrever um trecho de Camões, escreve elle: «Pela primeira vez vou transcrever para aqui o verbo camoniano: faço-o com o respeito e quasi temor, que nós, os pygmeus, temos pelos gigantes; entro no adito do seu esplendido templo como entrei *absorto e pasmado* dentro do recinto ogival da Batalha, da floresta marmorea de Cordo-

va, ou antes, ou melhor, da grande náo de pedra, os Jeronymos.» (p. 11) Já se vê que a sua admiração leva-o ao *pasmo,* e por isso não se cansará para dar mais do que phrases; a biographia de Camões é unicamente do seu espirito, e feita sem factos: «Diante d'ella os successos exteriores que agitaram a vida do poeta, as averiguações minuciosas e eruditas ácerca d'elles, averiguações que nem o quadro d'este livro exige, nem o seu auctor pode fazer ao escrevel-o, minguam muito de interesse.» (p. 39.) Diz-nos isto e ao mesmo tempo acceita, que «as vicissitudes da vida influem no movimento interior do espirito, e que para o explicar cumpre conhecel-as.» (ib.) E assim forçado começa por dar-nos as seguintes novidades sobre a vida de Camões:

«Que naseeu em 1525.
Que saiu da Universidade em 1548.
Voltando de Ceuta a Lisboa, em 1553, embarca para a India.
Expõe Barreto á irrisão publica e recebe o castigo do feito.
Em Macau deu o nome á celebre gruta. (p. 40.)
Por desenfado a côrte ouve os *Lusiadas.*
Camões vive das caridades da Barbora Escrava.» (p. 41.)

Tudo o mais n'este capitulo são divagações sentimentaes. Sem comprehender a vida de Camões na côrte de D. João III e as suas relações com os fidalgos nas escholas de Santa Cruz de Coimbra, prorompe n'estes desacertos criminosos: «Ao poeta de enthusiasmo genial naseem os *Lusiadas;* da fraqueza, da dôr, naseem as nodoas da sua vida, servilismo e adulação. Oh! como é pungente vêr que a penna qne escreve os *Lusiadas* é a mesma que se não parte ao pedir uma esmola! que a penna que escreveu:

Eu canto o peito illustre lusitano,

seja a mesma que n'uma hora sombria pede as gallinhas ao senhor de Caseaes, e a não sei quem uma camisa.» (p. 51-52.) Passemos um traço sobre estas palavras injustas dictadas pela ignorancia; estes successos aqui alludidos, deram-se quando Camões vivia na côrte de D. João III e era querido e admirado, gozando ainda uma certa abundancia de meios. Como é que Camões pedia com miseria *uma camisa,* se a rubrica d'essa poesia diz «*uma camisa galante*»? como pedia com fome, se exigia o pagamento de seis *gallinhos recheadas* de um contracto? Sabendo-se hoje o caracter atrevido e aventureiro de Camões, e como na sociedade do seculo XVI e XVII o fidalgo era, em parte, o que agora está sendo o moderno fadista, explicam-se de um modo natural estes successos da sua mocidade, sem precisar escrever isto do snr. Martins: «O poeta tinha fome, estava nú; pedisse esmola, não molhasse em lama a penna que *molhava em ouro.*» (p. 52.) *Poor Yorik!* A falta de estudo, a impossibilidade de formular ideas leva ás exagerações da phrase; é como estas plantas pouco lenhosas, e infructiferas que se fazem de repente com uma pasmosa exhuberancia de folhas. Para o snr. Martins: «Camões é Gama na ousadia, Albuquerque na força, Castro no dever,

Bernardes no sentimento: é ao mesmo tempo todos elles, a todos reune, a todos comprehende... » (p. 59.) Não contente com estas opiniões cerebrinas, diz-nos para cumulo de pasmo, que *Camões tinha o typo das mulheres de Ovar!* Céos, bem haja a tua magnificencia que sem adubos crias tão espontaneas vegetações! « Attentemos no rosto do poeta: a testa é alta e vasta, o nariz comprido, os beiços cheios, os olhos fundos, as linhas puras, os contornos opulentos, a barba farta. Se ha uma cara que possa dizer-se o typo portuguez não está ella aqui? *Olhando o retrato do poeta, não lhe encontramos analogia com os typos,* femininos principalmente, *d'essa população, talvez descendencia sem alliagem de alguma raça antiga, que está entre o Vouga e o Douro?*» (p. 59.) De que retrato falla o snr. Martins? ha tantos e tão arbitrarios; quaes são as provas de authenticidade que cada um d'elles tem? Não o diz; como nos fiaremos na sua palavra, e que fé teremos em theorias formadas sobre estas asserções gratuitas? Mas vejamos a consequencia que o snr. O. Martins tira do *typo das mulheres de Ovar:* «Este typo, sem ter a mobilidade dos rostos gregos, maior, mais amplo, recorda-os porém muito;...» D'aqui vem a concluir que Camões imitou Virgilio não como *pastiche* litterario, mas como por um atavismo de raça: «Entre Virgilio e Camões está a edade media.» (p. 62.) É uma descoberta. O snr. Martins volta aos seus parallelismos budhicos para explicar-nos Camões: «O homem que reproduz Homero é ao mesmo tempo Petrarcha, e *entre um e outro está ao lado* de Virgilio. Reune em si a Miguel Angelo, a força; a Raphael, o amor em mais justo equilibrio do que o fazia a imaginação dolente do Tasso.» (p. 61.) Camões é portanto uma incarnação de Vishnu, por isso que encerra em si todos estes typos, agora e já acima citados. Tal é a biographia de Camões; os processos que o snr. Martins queria empregar são bons, mas não sabia o que fazia; diz elle: «Assim me parece que estudar e determinar o caracter é o meio mais seguro de conhecer a biographia; e é pela successão e sequencia dos sentimentos, que um e outro se nos patentearão.» (p. 40.) Cumpriu por ventura esta promessa? abstrahiu dos factos, e levado pela imaginação atirou-se d'encontro a um sedeiro; a intenção era boa, mas, (empregando uma locução popular), querendo benzer-se, quebrou o nariz.

O terceiro capitulo intitula-se a *a epocha das conquistas;* não trata de Camões e faz uma enumeração da nossa vida dissoluta no Oriente; o snr. Leoni apresenta mais novidade de documentos, n'esta parte. O caracter da sociedade portugueza no seculo XVI, deduzido dos *Autos* de Gil Vicente, da Carta de Clenardo, da *Ropica* de João de Barros, da reforma dos Foraes teem o valor de factos em segunda mão, que não discutimos, porque o snr. Martins não é responsavel pela verdade d'elles. Este capitulo, que lhe pertence pelo estylo sómente, abre o § 1 com esta rajada: «*O seculo XVI apresenta na Europa os homens como bestas-feras soltas da jaula.*» (p. 69.) Isto é, saímos da incerteza do direito da edade media, para cairmos mais fundo! Já é saber historia. Pelo facto de um Henrique VIII, um Francisco I, um Carlos V serem

devassos, deduz-se logo, que a vida burgueza era devassa tambem; é o que vae de encontro ao facto da grande transformação social do seculo XVI, em que o povo se elevou a terceiro estado, a potencia politica. Sob esse criterio da jaula e das bestas feras, como se poderá entender o facto da *Renascença?* E' este o objecto do quarto capitulo do snr. Martins, que passamos a examinar.

Tudo quanto ahi se lê da Renascença reduz-se a estes tres caracteres, ou momentos supremos, como lhe chama: «Primeiro, o acordar do espirito, que irreflectidamente se lança nos braços do mundo novo que descobria; depois a suspensão, a duvida, o estado de indecisão e lucta que no espirito levanta a juxtaposição de elementos differentes; e finalmente, a resolução forçada de voltar ao passado, a reacção.» (p. 105.) E' apenas um esboço, mas sem ser fundamentado; explica-nos este caracter por Miguel Angelo pegando no escopro, ou tomando a penna, ou subindo os andaimes da Capella sixtina. Depois d'isto anda abaixo e acima com o *Juizo final,* e contenta-se em dar-nos o effeito scenico da Renascença com os nomes de Ficino, Pic de la Mirandola, Policiano, Lourenço de Medicis, Celini e Leonardo de Vinci. Mas estas cousas já não bastam; estão muito ditas, muito repetidas; querem-se factos que contenham ideas, e ideas que encerrem leis historicas e moraes. Todo o resto do capitulo gasta-se em confrontar versos de Camões com versos de Virgilio achados ao acaso na traducção ou estudo de Saint-Beuve, e em fazer transcripções chrestomathicas com reparos no gosto de La Harpe. Ora querendo fallar da Renascença em Portugal, tinha obrigação de nos dizer as causas porque ella não penetrou entre nós no principio do seculo XVI; mostrar como o animo do lucro, excitado pelas descobertas e conquistas do Oriente distrahia os portuguezes da participação artistica e scientifica; mostrar egualmente que a Renascença só entrou em Portugal com os seus caracteres exteriores: no Direito pela substituição dos Codigos romanistas ao direito consuetudinario expresso nos Foraes; na Politica, pela reproducção do ideal antigo da *Monarchia universal;* na Arte pela substituição das ordens gregas ao gothico popular e espontaneo; vêr finalmente as consequencias d'esta Renascença exterior: com relação á lingua, a sua aproximação artificial do latim urbano; com relação ás tradições, os heroes nacionaes moldando-se eruditamente sobre os personagens da historia grega e romana; com relação á geographia, um dos porquês da nacionalidade, o novo direito de conquista e a exploração das colonias longiquas dando em resultado o cosmopolitismo, ou a negação da nacionalidade. Nada d'isto viu, e a nada d'isto responde o snr. O. Martins; mas falla muito no *Titan* de Rubens, na Madona raphaelesca, em Erasmo, Bodin e Saavedra, no Satan de Milton comparado com o Adamastor, em tudo e em muitas outras cousas mais, que não são o que era preciso para o problema historico.

Fallando da *Ilha dos Amores,* escreve: «não ser a ilha dos amores completamente um fructo da imaginação, mas sim idealisação de uma verdadeira «*ilha, a de Zanzibar, onde o Gama na volta da India*

aportara. » (p. 154.) Mas o *Roteiro* de Vasco da Gama diz que os navegadores passaram a doze leguas de distancia da ilha de Zanzibar; não obstante isto, o snr. O. Martins abstrae dos factos e faz historia por affirmações absolutas.

A parte mais deploravel do livro é o capitulo quinto em que discute a ethnologia e a philosophia da historia da *Nação portugueza.* Toma por thema essa preoccupação que, desde o fim da edade media até ao fim do seculo XVI, todas as nações tiveram de se apparentarem com Roma, e de continuarem o seu imperio universal, e suppõe-a um facto organico da nação portugueza, privativo d'ella, e unico movel da sua existencia e o porquê da sua historia. Nunca um principio insensato foi mais expremido a dar as ultimas consequencias. Funda a nacionalidade portugueza, não nas condições de vida: a raça, o territorio, a lingua, as tradições, mas n'um facto moral, n'uma abstracção aéria a que chama a consciencia. Eis como formúla: « Quanto a mim, se algum dia intentasse escrever a historia portugueza, litteraria, politica ou social, o principio que havia de presidir a esse trabalho, o que *tenho como a verdadeira comprehensão d'este povo, é que elle não é uma nação natural (geographica-ethnographica) mas sim uma nação moral; não é uma creação da natureza, mas sim uma creação da consciencia. E' este o pensamento que sairá d'este livro que escrevo.* » (p. 173.) Se ao menos houvesse logica n'este desconcerto! porém não se passam muitas paginas e logo o snr. Martins affirma a nacionalidade portugueza pelas condições geographicas: « Uma tal situação geographica (de Portugal, banhado pelo Oceano) determinava logo a um povo um caracter necessario, o maritimo: maritimo... porque os portuguezes apertados n'uma facha de terra, os portuguezes tinham diante de si a vastidão immensa do oceano a tentar-lhes a imaginação, a audacia. » (p. 202.) Com este simples facto o proprio auctor destruiu sem o sentir a sua infeliz theoria da *nação-consciencia;* e para nos demonstrar que Portugal não existe pela geographia, exemplifica com a Hollanda, cuja separação e independencia da Allemanha foi tambem provocada pelo mar. Uma vez admittida como caracter predominante a preoccupação *latina,* o snr. Martins avança no absurdo: que a lingua provençal é uma ressurreição do latim; (p. 169.) que a litteratura hespanhola nasce quando se inspira da tradição latina; (ib.) acha excepcional e particular a lei das litteraturas neo-latinas achada por Schlegel; (p. 171.) que nós tivemos mais do que o amor da *terra,* o amor da *patria;* (p. 189.) e finalmente que a nossa vida de nação independente provém de nós sermos um espinho constante que está no calcanhar de Hespanha, que as nações do equilibrio querem que se conserve : « volta a ser (Portugal) o ponto de apoio da politica franceza ou ingleza para com a Hespanha, *o cravo que arrancado póde produzir a hemorragia;* volta a ser uma nação vivendo não de si propria, mas da utilidade extranha. » (p. 206.) E para cumulo da verdade de sentimento de homens que teem condemnado os nossos trabalhos de critica por *anti-patrioticos,* exclamam elles: « *Invocar a historia para sustentar a nacionalidade*

portugueza é invocar justamente o argumento que a condemna.» (p. 209.) E prosegue : «O teimarmos em continuar uma época historica concluida é a rasão do profundo abysmo de miseria em que nos immergimos cada dia mais.» (ib.) Eis aqui está o que é o livro sobre *Os Lusiadas — Ensaio sobre Camões e a sua obra em relação á sociedade portugueza e ao movimento da Renascença;* é um fructo pêeco, sem summo, offerecido no momento em que se quer refrescar as fauces; é uma iguaria de cêra apresentada em vez de um manjar substancial. Dos *Lusiadas* faz apenas um insulso parallelo com a *Eneida* de Virgilio, com os mesmos processos de Nabuco e Leoni, com a fatalidade de quem oscilla no mesmo estado de espirito, mas com mais fatuidade; de Camões sómente nos dá quatro factos banaes e falsos, que estão abaixo da mais rachitica biographia de um diccionario historico de algibeira; da sociedade portugueza nada avança além do que já estava dito por quem viu na historia litteraria mais do que genealogias de poetas; sobre a Renascença dá-nos nomes proprios, para o leitor recompôr por elles as ideas que representam. Um livro que offerece estas qualidades, póde-se dizer francamente que, não presta; e quem vê n'elle uma revelação não no *gosto de Taine mas de Quinet* é mentecapto. Seria lamentavel a perda de tempo gasto na leitura d'esses tres livros, se não redundasse ainda uma utilidade: o deixal-os notados como nullos, como condemnados ao embrulho, e com os quaes não se dispenderá mais um momento de seriedade. E' isto o que dá a litteratura do folhetim e da academia, quando pretende participar da elaboração scientifica, cujo espirito não comprehende.

THEOPHILO BRAGA.

---

15. — **Goethe, ses précurseurs et ses contemporains.** K'lopstock, Lessing, Herder, Wieland, Lavater; la Jeunesse de Goethe. Avec un discours sur les caractères de la littérature classique en Allemagne, par A. Bossert. Paris, Hachette, 1872, in-8.°, XXVI-294.

O conflicto recente entre a França e Allemanha veiu revelar resultados extraordinarios que derivam de causas que existiam latentes, embora escondidas aos olhos da maioria, das quaes a principal é sem duvida a ignorancia da França, immersa nos fumos da sua vaidade nacional. O funesto resultado do «passeio a Berlim» ensinaria a opinião publica, e dirigirá por ventura o espirito francez por uma corrente mais sensata? E' problema de que não se apercebem até agora senão consequencias isoladas, e pelas quaes não se póde concluir. Na litteratura observa-se ha tempos um certo movimento que se empenha em recuperar o atrasado, e elucidar-se sobre cousas mal sabidas, ou absolutamente ignoradas. A esse movimento pertence o trabalho de M. Bossert. O seu livro occupa-se em expôr o periodo de for-

mação da moderna litteratura allemã, e tenta achar n'elle as raizes que produziram Goethe, analysando a sua relação com Klopstock, Lessing, Herder, Wieland, Lavater e os condes de Stollberg. Serve de introducção á caracteristica isolada d'estes personagens um «discours d'ouverture» que trata *Des caractères de la littérature classique en Allemagne,* sendo tudo, tanto o «Discours», como as caracteristicas, resultado de um curso de litteratura allemã, feito na Sorbonne.

O discurso em si nada encerra de novo, repetindo umas ideas incompletas e mal expostas, que sairam dos resultados da critica allemã, e dando por base á analyse factos, que encerram inexactidões e até erros graves de detalhe e que provam evidentemente que o auctor não está senhor do assumpto, e que as ideas geraes, mais ou menos certas, que refere, não nasceram de conclusões em harmonia com os seus estudos, mas são apenas o trabalho inconsciente de uma reproducção alheia. Vejamos:

Definindo o estado litterario da França do seculo XVIII, que dá como o resultado de uma sociedade culta, que sujeitando-se a certas regras impreteriveis se isola da massa geral da nação, antepõe-lhe o estado da litteratura vizinha, apresentando a seguinte preposição inexacta na sua fórma absoluta: «Si nous comparons les deux littératures dans toute leur étendue, nous les trouvons constamment opposées l'une à l'autre, appliquant des méthodes différentes, tout en se faisant des emprunts réciproques» pag. III.

Como pode affirmar-se tal cousa, em vista da existencia da opposição que neutralisou grande parte da influencia da segunda *eschola silesiana,* dirigida por Hoffmann von Hoffmannswaldau contra os partidarios da tendencia franceza, representada em Canitz (1649-1699), U. König (1688-1744) e tantos outros?

Demais, a isto responde o mesmo M. Bossert adeante, a pag. VIII, dizendo: «On ne saurait imaginer à la fois une théorie plus mesquine et une poésie plus froide que celle qui régnèrent en Allemagne au dix-septième et au commencement du dix-huitième siècle.» Mas de onde vinha essa theoria senão de França, e quem a traduzia em poesia mesquinha senão os poetas acima citados? E a pag. 9, fallando da epocha posterior á guerra dos trinta annos: «On copiait la France dans sa littérature et dans ses mœurs.»

Póde-se ao contrario affirmar, que desde o fim da guerra dos trinta annos (1646) até Bodmer (1698-1783), predominou de tal fórma a influencia franceza (Gottsched) que só os esforços combinados das maiores intelligencias da segunda metade do seculo XVIII, poude acordar na Allemanha a sua consciencia litteraria. A razão porque aquillo que M. Bossert chama «la poésie de la cour de Louis XIV», não poude subsistir na Allemanha, tem a origem no sentimento individual que a Reforma resuscitou n'aquelle paiz, e que o catholicismo, de mãos dadas com os cezares francezes, matou na sua vizinha. M. Bossert, que não vê o alcance do movimento da Reforma no campo litterario, apesar da

admiravel demonstração que d'elle deu Gervinus, faz córtes, divisões e periodos ficticios, porque não tem o élo principal da cadeia.

Este silencio constante sobre os resultados do grande movimento protestante, de que a religião era apenas uma parte, repete-se nos escriptores francezes, aindaque n'este caso se explique; (1) M. Bossert tinha deante de si, na Sorbonne, um publico catholico e preconceitos de classe, ante os quaes fraqueou a sua pouca coragem.

Egualmente falso é o seguinte: «Nulle part les liens d'école n'ont été plus relâchés.» Não faltaram elles, e intolerantes até ao extrêmo, até á segunda metade do seculo XVIII, que o diga a *Dramaturgie* de Lessing e os escriptos anteriores de Bodmer. Sobre o enthusiasmo do publico allemão pelos seus poetas, inclusivè até Goethe, pódem lêr-se cousas curiosas nas cartas d'este e de Schiller aos seus editores, e se livros como o *Werther,* e os *Räuber,* acharam um echo immenso no publico, foi por retratarem um estado psychologico da epocha; outros não menos valiosos, e até superiores, ficavam amontoados nos armazens, emquanto as producções de Kotzebue e seus adeptos se vendiam aos milhares. Foi preciso que duas gerações de eminentes homens se sacrificassem para crear esse grande publico allemão que hoje compra, lê, estuda e critica.

M. Bossert é, cousa louvavel, em certos casos, de extrema franqueza; assim n'este, em que fallando da tendencia universalistica do genio allemão lhe contrapõe o espirito francez, definindo-o pag. IX «ami d'une certaine vérité moyenne, claire et nette, refuse d'entrer, (dans des routes harsadeuses) parce qu'il n'y voit que de l'ombre.» Mas: «Nous nous plaisons dans un petit domaine, pour peu qu'il soit riant et commode.» Esta ausencia de faculdades reflexivas é mais uma consequencia da falta de individualidade do francez, e da absorpção das suas forças em favor de certos principios dogmaticos. «Le français préfère le connu à l'inconnu; il s'exagère volontiers la valeur de ce qu'il possède, pour ne pas être tenté de poursuivre des chimères, pag. X.» Outro tanto se applicaria a Hespanha e Portugal. O peor é que as chimeras de hontem são os problemas resolvidos d'amanhã.

Mais singulares são ainda affirmações como esta, com relação á Allemanha: pag. XI «Dans tous les faits importants de son histoire, le point de vue national disparaît devant le point de vue de l'humanité.» Isto todavia explica-se pela maneira como os genios conductores da nação allemã, enunciaram o problema, isto é: desenvolvimento de todas as faculdades moraes e intellectuaes, como condição indispensavel para a resolução da fórma social e politica (Gervinus). D'este modo explica-se a admiravel idea de Goethe: a ligação dos espiritos mais profundos do seculo para harmonisar a marcha da civilisação, estabele-

(1) A. de Gasparin é um dos poucos que faz honrosa excepção. Vid. a sua notavel obra: *La France, nos fautes, nos périls, notre avenir.* Paris, 1872, 2 vol. peq. in-8.° Michel Levy.

cendo assim esse principio da «liberdade, egualdade, e fraternidade» entre um cenaculo que o faria comprehender depois ao mundo pelas suas acções. M. Bossert desliga porém as suas affirmações de tal modo, ou dá-as tão incompletas, que as inutilisa, forçando-nos a restabelecer o encadeamento critico e litterario. As inexacções não bastam, tocamos agora até em opiniões absurdas, pag. XII:

«L' Espagnole Eboli dans le drame de *Don Carlos*, parle le même langage que l'Allemande Thékla dans *Wallenstein*.» Esta affirmação, que já referimos com relação a outro assumpto, (1) é gratuita, e a simples leitura dos dois papeis, e o estudo dos dois typos decide a questão de um modo pouco honroso para a sciencia de M. Bossert. A explicação que precede esta novidade singular, não nos dá a chave desejada; encontramol-a na falta de analyse e de estudo do assumpto, a que alludimos no principio d'este artigo. A conclusão que o auctor tira da affirmação «plus l'inspiration du poëte est profonde, plus la vérité historique lui échappe,» não vale a pena d'um exame; ahi estão os typos creados por Shakespeare, por Goethe no *Götz de Berlichingen*, por Schiller na *Jungfrau von Orleans*, etc.

O que M. Bossert diz ácerca de «parenté de race, l'analogie des langues, la conformité de l'esprit», para explicar o enthusiasmo da Allemanha pela litteratura ingleza, soffre graves objecções, porque se em Bodmer e na eschola naturalistica de Zürich não tivesse acordado, no isolamento e na contemplação da natureza, o enthusiasmo que os levou depois ao *Paradise lost* de Milton; se este mesmo Bodmer não soubesse communicar a sua paixão a Klopstock, e se emfim Lessing, com a sua admiravel critica, expressa na mais admiravel prosa que tem a lingua allemã, não tivesse chamado a attenção para outro gigante ainda maior (Shakespeare), é mais do que provavel que a Allemanha ainda dormisse por muito tempo na admiração por Gottsched e os seus modelos francezes.

A affinidade que M. Bossert acha entre o *Egmont* e Shakespeare é um pouco phantasmagorica; recommendamos-lhe simplesmente a celebre analyse que Schiller fez d'este drama, ou antes «romance dialogado». A relação com o *Gœtz* é mais acceitavel, *sub conditione* porém, porque entre o modo de conceber dos dois poetas ha divergencias essenciaes.

Parece-nos tambem temerario pretender que o poeta inglez é representado hoje nos grandes theatros da Allemanha com mais frequencia do que o proprio Schiller e Goethe, sobretudo com relação ao primeiro. O enthusiasmo pela eschola hespanhola, e de preferencia por Calderon, tão vivo durante a epocha romantica (W. Schlegel, Tieck), ficou reduzido posteriormente aos seus justos limites. O auctor, depois de analysar o que a litteratura allemã aproveitou das litteraturas franceza e

(1) *O Faust de Goethe e a traducção do Visconde de Castilho*, por Joaquim de Vasconcellos. Porto, 1872, in-8.º de XII, 594 pag. e 3 tabellas, analyse completa da traducção.

ingleza, examina o Oriente, e aponta Herder, como o que descobriu este novo horisonte; é exacto, assim como quando diz que foi Herder que apontou «comme un objet d'étude et d'imitation, la poésie des psaumes et des prophètes», mas deveria haver dito que essa «poésie biblique,» tinha no *Kirchenlied* precedentes muito anteriores em Luthero, Paull (sic) Fleming (1609-1640), Paul Gerhardt (1606-1676), Georg Albinus (1624-1679), Chr. Weise (1642-1708), Schmolck (1672-1737), Johann Scheffler e outros, e é a elles que Gervinus se refere, dizendo que «chamaram novamente a nação a uma vida nova e até alli desconhecida, reatando a tradição de Luthero».

No meio de ideas mais ou menos certas e geralmente conhecidas, ha aproximações singulares, por exemplo, o agrupamento que M. Bossert faz de *Iphigenie, Tasso* e do fragmento de *Helena,* intercallado e desenvolvido mais tarde na segunda parte do *Faust*. Isto é simplesmente um chaos, porque os tres nomes implicam cada um mil affirmações diversas, poeticas e litterarias! Dizer que *Tasso* e *Iphigenie* são «conçus dans le même esprit, quoique le sujet soit moderne», quando algumas linhas acima diz (pag. XVIII) que em *Iphigenie* «respire le génie grec...» é ignorar o que ha mais de vinte annos era conhecido. Já Lewes em 1845 demonstrou que a *Iphigenie* nada tem de tragedia grega, e que a placidez necessaria, mas puramente exterior na tragedia grega, não representa o echo da placidez interior *(Iphigenie),* mas envolve pelo contrario, o fogo das paixões mais profundas e violentas. A *Iphigenie* é um *drama allemão,* e nada tem que fazer com a tragedia de Euripides; a comparação que Lewes fez entre a creação d'este e a de Goethe, decidiram já em 1845 a questão, e M. Bossert ainda agora corre atraz de ideas fantasticas. Querer vêr no *Tasso* o mesmo espirito de concepção do que na *Iphigenie,* e pretender que n'elle respira tambem «le génie grec,... quoique le sujet soit moderne,» ainda é menos acceitavel. *Tasso,* diz Lewes (vol. II, pag. 139) é uma peça «puramente psychologica, uma representação de sentimentos desencontrados, uma pintura serena de differentes caracteres, na fórma de um dialogo, mas não de uma acção». Isto basta para se comprehender o abysmo que separa o *Tasso,* de Eschylo ou Euripides. Os allemães caracterisam-n'o, assim como á *Iphigenie* com um termo admiravel, mas introduzivel: *Seelenmalerei,* litteralmente: pintura da alma, isto é: problemas psychologicos, como acima dissemos. Se tomarmos ainda em conta a *Helena,* chegamos a conclusões ainda menos favoraveis, pois como quer o auctor alliar periodos tão oppostos como o da creação de *Tasso* e de *Iphigenie* com o da formação da segunda parte do *Faust,* quando de uma a outra obra medeia uma transformação completa no espirito de Goethe?

«... je pourrais citer ce drame d'Hélène, inséré dans la seconde partie de *Faust*. A peine la scène de *Faust* est elle transportée en Grèce, que Méphistophélès, l'esprit de contradiction s'efface, et que tout se concilie et s'harmonise,» pag. XIX. Grande novidade!

Não vamos mais longe na analyse do *Discours,* para n'elle desen-

cantar erros mais graves, e se n'elle nos demoramos foi para mostrar de que modo M. Bossert comprehendeu a philosophia da historia litteraria da Allemanha, especialmente no fim do seculo XVIII, mas não concluimos sem tocar n'outro ponto d'elle.

Fallando anteriormente das «sociétés d'élite», que em França dominaram quasi sempre o movimento litterario, diz: «Mais dans les, beaux temps de la littérature allemande, alors que Goethe et Schiller exercaient leur empire et qui la petite ville de Weimar osait se comparer à Athènes, où étaient les connaisseurs et les juges? Par qui se distribuaient les éloges et se fondaient les réputations? Des gens du monde, ayant moins d'instruction (??) que de distinction naturelle, des femmes d'un esprit sérieux et délicat, se reunissaient autour des poëtes, des savants, des artistes, qui les dominaient. Leur rôle se bornait presque à l'admiration complaisante (??) des chefs-d'œuvre qui naissaient au milieu d'eux.» pag. v.

Se a critica severissima que Merck e Schlosser e Schiller exerciam sobre Goethe, este, Körner e outros, sobre Schiller, e sobretudo os dois grandes poetas entre si, era «admiration complaisante», então mentem todas as cartas e correspondencias entre elles trocadas e que até hoje appareceram á luz. É tambem de crêr que da—admiração complacente, — tivesse nascido o *elogio mutuo,* caso em que dos gigantes d'outr'ora não restariam hoje senão pygmeus.

O capitulo em que M. Bossert expõe o estado da litteratura allemã no seculo XVI («La littérature allemande au dix-septième siècle», pag. 1-14) é deficientissimo. Gastando dez paginas a fallar longamente do *Simplicissimus* de Christoph von Grimmelshausen, que tem apenas o valor de um documento de uma phase social, passa a fallar de Opitz, chefe da primeira *eschola silesiana,* e só d'este, como se Flemming, Gryphius, von Logau, e outros, não existissem, salta por cima da *segunda eschola silesiana* e dos seus adversarios sem dizer uma palavra, e acha-se de repente deante de Klopstock. É impossivel caminhar-se com mais rapidez. O capitulo relativo a Klopstock (p. 15-38), não dá nenhum facto novo e apresenta apenas um resumo bem fraco d'aquillo que pode ler-se em qualquer livro elementar de litteratura allemã; o resultado critico a que chega não é muito exacto, porque se o *Messias* (pag. 51-55) (1) não é para nós o que foi para o leitor de 1748, offerece grandes bellezas e se passarmos ás *Oden,* torna-se o juizo de M. Bossert injusto. A este artigo sobre Klopstock seguem os outros sobre Lessing, Herder e Wieland, n'uma exposição mui incompleta, attendendo mesmo ao fim que o auctor tinha em vista; os factos biographicos são em geral exactos, ao contrario das apreciações litterarias e criticas das obras respectivas, que o auctor mostra conhecer insufficientemente, repetindo alguns logares communs, correspondentes ao que referimos sobre a *Iphigenie.* A exposição que M. Bossert faz da *Dramaturgie* é naturalmente reservada, mas aindaque tente dar so-

(1) Cap. III, *Klopstock et Goethe,* la Messiade.

bre o juizo de Lessing ácerca de Corneille uma explicação lisongeira para os tragicos francezes, não passa ella de um expediente pouco feliz. Na exposição sobre Herder, muito pobre, parece ignorar a existencia do *Stimmen der Völker in Liedern*, a sua traducção do *Cid*, as suas importantes *Blätter von deutscher Art und Kunst*, escriptas em collaboração com Goethe (1773) etc., e em logar de dar um juizo, embora breve, mas completo, gasta o papel em detalhes biographicos que não teem interesse immediato e que são já de ha muito sabidos. Tambem não podemos descobrir a razão porque M. Bossert, traduz «Geist der hebräischen Poesie» — *Poésie des Hébreux* —, e «Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit» — *Idées sur l'histoire de l'humanité*. Ainda era natural, que havendo o auctor collocado apoz o capitulo sobre Klopstock, outro intitulado *Klopstock et Goethe*, no qual aprecia a influencia do primeiro (e particularmente do *Messias*) sobre o poeta, fizesse o mesmo com relação á influencia de Lessing e sobretudo á de Herder, porque o que diz d'este ultimo, a paginas 171-173, é bem pouca cousa.

O capitulo sobre Wieland é o mais desenvolvido de todos os quatros, mas definil-o «c'est tout simplement un poëte gracieux, bonhomme et bourgeois dans sa vie» é trocar ouro em cobre, e adeante pag. 105... «mais il s'accoutuma dès lors à cette facilité superficielle dont il ne put jamais se guérir». A pag. 125, arrependeu-se M. Bossert do seu juizo, ao que parece: «En somme, ce poëte gracieux, qui fut un sage dans sa vie, complète heureusement le groupe littéraire de Weimar.» No meio de similhantes juizos, a que proposito vem citar a opinião de Goethe sobre o *Oberon* (pag. 122): «Aussi longtemps que l'or sera de l'or, et que la poésie sera de la poésie, *Obéron* passera pour un chef-d'œvre»? Para que mandaria Goethe ao burguez Wieland uma corôa de louros? O que M. Bossert diz ácerca do *Obéron* equivale a nada... «il y porta un *merveilleux* d'un genre particulier, qui convenait parfaitement à une épopée à demi sérieuse;» isto é uma phraseôca e um logar commum bastante velho; a definição de Goethe não é explicação ao poema, nem dispensava de modo algum M. Bossert de uma analyse judiciosa e lucida da obra capital do poeta. A segunda metade da obra occupa-se propriamente da mocidade de Goethe (1); encontrámos ahi os mesmos defeitos já demonstrados: accumulação de minudencias biographicas de pouco ou nenhum interesse, appreciação incompleta e muitas vezes erronea dos factos litterarios e das creações poeticas, e sobretudo a falta de um laço que prenda e liga a figura principal do estudo, Goethe, com os seus percursores, cuja appreciação é feita em capitulos separados, sem relação com o antecedente e consequente, salvo no caso de Klopstock (cap. II), onde ella se revela de um modo ainda assim incompleto. Isto tudo não, é, aliás

(1) *La jeunesse de Goethe*, pag. 127-290; comprehende 8 capitulos que tratam das relações do poeta com Merck, Lenz, Lavater, os condes de Stolberg etc., tudo mal feito sobre a autobiographia de Goethe: *Wahrheit und Dichtung*.

mais do que uma confirmação do que dissemos no principio d'este artigo, apprecciando o « Discours » sobre os caracteres da litteratura classica na Allemanha, confirmação que nos conduz ao mesmo juizo, que M. Bossert estudou o assumpto de um modo incompleto e de um ponto de vista de critica assaz limitado, sobretudo fallando na Sorbonne, cujos professores deviam estar mais em dia com a sciencia.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

---

16. — **La déclinaison latine en Gaule à l'époque mérovingienne,** étude sur les origines de la langue française par M. H. d'Arbois de Jubainville, correspondant de l'Institut. Paris J. B. Desmoulin, Librairie de la Société des Antiquaires de France. 1872. 8.° 162 pp.

M. H. de Jubainville deu-se ao trabalho penoso de colligir as fórmas de declinação latina empregadas na França na epocha merovingiana e de as classificar, acompanhando cada categoria com exemplos numerosos, salvo nos casos raros, e indicando cuidadosamente a fonte. Essas fontes são: os diplomas merovingianos originaes publicados por M. Tardif nos seus *Monuments historiques;* as formulas de Marculfo, as anjevinas e outras das mais antigas publicadas por M. de Rozière no seu *Recueil général des Formules usitées dans l'empire des Francs du V.e au X.e siècle;* os textos mais antigos da lei salica, editados por M. Pardessus; as inscripções cristãs, reunidas por M. Le Blant; os fragmentos de S. Avit, publicados por M. Delisle (Genève, 1866); as moedas merovingianas, citadas pelo *Essai sur la Numismatique mérovingienne* do visconde de Amécourt e a *Liste des Noms de lieu* de M. A. de Barthélemy *(Bibl. de l'École des Chartes,* 6.e sér. t. I, pp. 443 ss.) e os *Glossarios romanicos* de Diez (trad. Bauer). M. de Jubainville diz que intencionalmente restringiu o seu estudo aos documentos da Gallia e do imperio franco porque crê que n'aquelle paiz o latim vulgar teve caracteres profundamente distinctos dos que apresenta fóra da Gallia, especialmente em Italia. (p. 7.)

Tres modos de declinar os nomes, os adjectivos e os participios são empregados nos documentos merovingianos, diz M. de Jubainville. O primeiro é identico á declinação classica. O segundo não differe d'aquelle senão por um phenomeno phonetico, por uma modificação na pronuncia das vogaes, algumas vezes, mas raramente, na pronuncia das consoantes e o auctor chama-lhe declinação vulgar do primeiro gráo. O terceiro é, na opinião de M. de Jubainville, que lhe chama declinação vulgar do segundo gráo, o resultado da introducção d'uma syntaxe nova. Os casos são empregados d'um modo diverso do antigo; uma parte d'entre elles preenche concorrentemente a mesma funcção e o seu numero tende a reduzir-se a quatro ou a dous. Esse terceiro systema, crê M. de J., serviu de transição entre a lingua latina e o francez archaico. N'elle, certos casos empregam-se uns por os outros;

as sûas desinencias pódem sempre reconhecer-se, ainda que a sua funcção seja a mesma; assim determinam-se desinencias de accusativo e de ablativo, ainda que essas fórmas representem na phrase um papel identico. Para o auctor, o francez começa no dia em que as desinencias dos casos obliquos desapparecem ou se confundem n'uma só. Nós diriamos aqui a declinação franceza e não a lingua franceza, para não encarar as cousas sob um só aspecto, como é usual fazer, desgraçadamente.

M. de J. segue de perto a ordem usual das grammaticas classicas. Começa por se occupar das cinco declinações nominaes, uma por uma e caso por caso, comprehendendo com razão nas tres primeiras declinações nominaes as declinações dos adjectivos, cujos phenomenos de transformação phonica são os mesmos que os d'aquellas, e os casos da declinação pronominal cuja desinencia é identica á dos mesmos casos na declinação nominal; separadamente, estuda por fim as fórmas especiaes da declinação pronominal. Para cada caso de cada declinação indica M. de J. primeiro as fórmas classicas, isto é, as fórmas que na desinencia e funcção coincidem com o uso classico da lingua latina; depois as fórmas que elle chama vulgares do primeiro gráo e por fim as que chama vulgares do segundo gráo, acompanhando as duas ultimas categorias com observações em parte contestaveis, principalmente as que se ligam ao seu ponto de vista geral sobre a historia da declinação latina e romanica, que julgamos erroneo e em desacordo com factos e theorias adquiridos para a sciencia antes da publicação do livro. Vejâmos primeiro os factos particulares, depois a theoria geral.

Pelo que respeita ás fórmas classicas basta dizer que ellas se encontram, por assim dizer, todas nos documentos consultados por M. de Jubainville. Passemos em revista as outras duas categorias, que depois veremos serem arbitrarias.

Fórmas vulgares do primeiro gráo.

Primeira declinação. — Sing. Nom. gen. dat. em *e;* gen. dat. em *i*. O gen. e dat. em *e* explicam-se bem, pois sabe-se que no latim vulgar o diphtongo *ae* se fundira em *e;* mas como explicar o nom. da mesma forma? M. de Jubainville vê n'isso a origem da final franceza *e;* isto é, um exemplo do phenomeno phonetico pelo qual o *a* final se mudou em francez em *e,* phenomeno comparavel ao mais geral que é tomado por balisa do periodo antigo e começo do medio da lingua allemã. Contra esta explicação ha duas objecções: uma historica, outra comparativa. Nos *Juramentos de Strasburgo* as fórmas romanicas do nom. sing. da primeira declinação conservam o *a: adjudha, cadhuna cosa;* na *Cantilena de Santa Eulalia,* as fórmas do nom. em *a* apparecem ainda junto das fórmas em *e,* que predominam: *buona, porcella, Eulalia; elle, menatce, polle, cose, spede, figure, domnizelle;* ora a não acceitar que tanto n'um como n'outro monumento aquelle *a* final resulta da imitação da pronuncia latina e se deva sempre corrigir em *e,* os primeiros vestigios anthenticos do *e* remontam apenas ao seculo X; a oscillação durava ainda então e portanto não póde verosimil-

mente suppôr-se a sua existencia em documentos tão antigos, como os consultados por M. de Jubainville. A segunda objecção é mais solida. Encontram-se fórmas do nom. sing. da primeira declinação em *e* em inscripções, documentos e manuscriptos decorrentes de regiões romanicas em que o *a* do nom. latino não se mudou em *e*. M. de Jubainville indica, sem prever a objecção, a passagem em que Schuchardt (*Vokal.* I, 198) reune algumas d'essas fórmas e nós proprios temos encontrado outras nos documentos em latim barbaro da Peninsula iberica. Era pois mais seguro collocar este caso em *e* na terceira categoria de M. de J. Em quanto ás fórmas em *i*, a segunda das explicações apresentada a pp. 12-13 parece-me segura; em quanto á influencia celtica alludida a proposito do dativo é dispensada por aquella explicação geral.—*Plur.* Nom. em *e, i;* para aqui vale a explicação do gen. dat. sing. Gen. em *erum, orum.* Ha na segunda fórma um resultado evidente da analogia da segunda declinação. No francez archaico ha um gen. fem. em *or*. A fórma em *erum* parece não representar nada da linguagem fallada. Dat. ablat. em *es*. Esta fórma eremos tambem que nada representa de vivo e é um resultado da ignorancia ou incerteza do que escrevia sobre a verdadeira fórma do dat., por causa da oscillação entre *e* e *i* mudos.

Segunda declinação.—Sing. Nom. em *os*. A facil confusão entre *o* e *u* não accentuados e mudos, basta para explical-o, sem recorrer ao latim archaico. M. de J. vê na influencia gauleza a causa da manutenção do *s* do nom., manutenção especial á Gallia e que serviu de fundamento á distineção entre dous casos na segunda declinação no antigo franeez. É uma das explicações que são mais faceis d'apresentar que de provar ou refutar e que suscita naturalmente duas objecções: aquella influencia não podia exercer-se senão até ao momento da extineção do gaulez, e ainda o seu campo devia ir-se restringindo successivamente desde a romanisação das Gallias; por outro lado, tudo nos leva a crêr que na Hespanha antiga se fallaram dialectos celticos estreitamente aparentados com o gaulez, apresentando até alguns caracteristicos mais primitivos, (1) e é de crer que n'elles existisse o *s* do nominativo, mas n'este campo desappareceu muito mais cêdo que nas Gallias esse *s*. A conservação d'aquelle *s* é devido, sem duvida, a essas causas accidentaes que escaparão talvez sempre á analyse, que gozam no campo da linguagem vasta influencia, que fizeram por exemplo syncopar o *t* medial conservado ou abrandado simplesmente em italiano, e que n'um ponto suscitam o movimento da linguagem n'uma direcção, n'outro em

(1) O antigo gaulez não apresenta já *a* no fim do primeiro elemento (thema) de um composto (Zeuss, *Gramm celt.* p. 853, ed. Ebel; of. p. 763); mas na Hespanha havia nomes celticos em que esse *a* apparecia; por exemplo *Tala-briga, Equabona*, sobre cuja lição não pode haver duvida. *Equa* em *Equa-bona* pertence ao ramo gadhelico: raiz *equ, akv* (lat. *equus, equa*). A mesma raiz apparece com a fórma kymrica em *Epora;* cp. *Eporedia*. Tocamos incidentemente, n'uma questão que havemos de examinar mais detidamente n'um estudo que temos quasi prompto sobre a *Onomatologia celto-hispanica*.

direcção differente, conservando aqui o que destruem acolá. Gen. em *e, ae.* Não é mister ir tão longe, como começa por fazer M. de J.; a sua segunda explicação é perfeitamente acceitavel; *ae* é uma variante orthographica. Accus. em *om* e *on*. Os exemplos apontados tem funcção de ablativo, o que significa, como veremos, que esta fórma nada representa vivo. M. de J. allega ainda aqui a influencia celtica; mas exemplos semelhantes se encontram fóra das Gallias. Schuchardt, *Vok.* II, 164. Emquanto a *ton, son* são o desenvolvimento por puros processos phoneticos do latim *tuum, suum* (vid. Brachet, *Dict. etym.* s. vv.) Em *mon* não vemos, porém, como M. Brachet, um puro representante phonetico de *meum,* mas a influencia da analogia que em portuguez seguiu uma direcção contraria: *seu* ao lado de *meu*. Cf. *lieue* de *leuca; mien*. Voc. em *ae*. Pura variante orthographica, como ainda se esquece de dizer M. de J. Ablat. em *u,* resultado da oscillação entre *o* e *u* finaes atonos. Nos documentos hispanicos ha muitos exemplos similhantes. *Plur.* Nom. masc. em *e, ae,* resultado da oscillação entre *e* e *i* finaes atonos. M. de J. discute aqui a opinião de Diez de que certas fórmas em *os* nas glossas de Cassel são nominativos plur. e introduz a esse proposito algumas observações curiosas. Gen. em *urum*. Dat. em *es*. Accus. em *us*. M. de J. vê ainda aqui influencia celtica; os principios das observações precedentes são ainda em parte aqui applicaveis. Abl. em *es* ou *aes*.

Terceira declinação. — *Sing.* M. de J. classifica os exemplos, segundo os themas: temos aqui, emquanto ás desinencias d'esses themas puras variantes phoneticas ou orthographicas: *as-ans,* (1) *is=es, es=is, ins, inx=ens, ix=ex, ex=ix, ur=or, us=os, ox=ux*. Aqui temos mais ao vivo a oscillação e incerteza entre *e* e *i*, *o* e *u* atonos, que dispensa só por si a intervenção celtica. Gen. em *es*. Accus. m., *im* por *em*. Ablat. em *i=e, e=i*. Ainda a oscillação entre *e* e *i*. M. de J. junta exemplos do latim archaico, etc.—*Plur*. Nom. acc. masc. *is=es*. Dat. ablat. *ebus=ibus, evos=ibus*. M. de J. faz a proposito do accus. um estudo interessante sobre o accusativo celtico em *as*. Esse accusativo (que apparece com outras funcções) occorre só em nomes proprios de logares ou povos que não tinham singular. Isto explica a sua introducção em latim e sua permanencia na epocha merovingiana, mas a sua propria restricção a esses nomes mostra que grão devemos admittir de influencia celtica na declinação. A quarta e a quinta declinação nada offerecem de novo ou de particularmente interessante.

Fórmas vulgares do segundo grão.

A fórma classica ou vulgar d'um caso apparece aqui com a funcção d'outro. M. de J. introduz tambem n'esta categoria os exemplos da passagem de nomes d'uma declinação para outra.

Vendo os exemplos reunidos por M. de J. e lançando os olhos para

(1) M. de J. chama a esta fórma do segundo grão; mas segundo as suas proprias ideas devia dizer do primeiro, porque a differença entre *infans* e *infas* é puramente phonetica.

os paradigmas a pp. 142-146 póde quasi dizer-se que dentro de cada numero os casos se substituem indifferentemente uns pelos outros; sem duvida, não occorrem todas as combinações d'esta especie, mas é de crêr que com a leitura d'um maior numero de documentos se conseguisse completar o quadro d'essas combinações. Só na primeira declinação, e no singular, por exemplo, vemos nos factos reaes reunidos por M. de J. as fórmas em *a* e *am* empregadas para todos os casos e a fórma em *e (ae)* para todos excepto o nominativo.

Todos os que teem percorrido com olhos de grammatico documentos em latim barbaro da Peninsula italica ou da Peninsula iberica, recordar-se-hão, sem duvida, de ter achado n'elles todos ou quasi todos os factos reunidos laboriosamente por M. de J., é pois impossivel tirar d'elles luz alguma particular para a declinação franceza. M. de J., cuja competencia em questões de linguistica é, aliás, justamente reconhecida, fez aqui *fausse route,* por uma d'essas distracções a que os sabios tambem são sujeitos.

Vejamos agora como explica M. de J. os factos que reuniu e que theoria saca d'elles. M. de J. suppõz que o latim da epocha merovingiana era uma lingua viva e não uma linguagem convencional ou antes arbitraria em que os restos da tradicção classica luctam a cada passo contra a ignorancia das verdadeiras fórmas classicas e das tendencias do dialecto romanico, perfeitamente caracterisado já, mas ainda não escripto. « A l'époque merovingienne, diz M. de J. (p. 160 ss.), un principe nouveau régnait dans la déclinaison latine où, par la puissance de ce principe, une révolution considérable s'était accomplie. Ce principe nouveau, nous allons l'enoncer... Dans le latin classique une function spéciale est attribuée á chacune des formes si variées que l'on désigne par diverses combinaisons des termes de cas, de genre et de nombre. Dans le latim classique des temps mérovingiens ces formes si nombreuses subsistent. Bien plus, une partie de ces formes nous apparaît doublée ou même triplée. A côté de la forme classique on trouvent une, quelquefois deux formes secondaires, ordinairement issues de la forme classique, mais, qui, parfois conservent un son archaïque antérieur à la forme classique. On se rapelle les génitifs-datifs singuliers *rose* et *rosi* issus de *rosæ,* (1)... Mais à l'époque mérovingienne, malgré ce nombre considérable de formes, le nombre des fonctions que la pensée conçoit et demande à la parole est considérablement réduit. Dès l'époque mérovingienne, au lieu des six fonctions casuelles distinguées par la grammaire classique, la syntaxe ne semble distinguer pour les noms, les pronoms et les adjectifs, que deux fonctions casuelles, sujèt et régime: de là l'emploi si fréquent des cas régimes l'un pour l'autre. En fait de genres, le masculin et le fémenin seuls vivent encore comme fonction; du neutre la forme seule subsiste. Ainsi, la cause qui a motivé la création de la plupart des formes de la déclinaison latine a cessé d'exister dès le commencement de la période mérovingienne; car

(1) Vimos atrás que valor se deve attribuir a esta explicação.

la seule raison d'être d'un organe, c'est la fonction à laquelle il est destiné; cependant les formes grammaticales subsistèrent pendant les trois siècles que dura la période mérovingienne. Ce fut seulement pendant la période carlovingienne que la simplification des formes mit le matériel grammaticale en harmonie avec la simplification des idées... Aux curieux qui demanderont comme il a pu se faire que l'organisme entier de la déclinaison latine ait survécu environ trois siècles à la plupart des fonctions auxquelles il était destiné, nous répondrons que la survivance momentanée des organes aux fonctions est une loi générale de la nature (pp. 162-163). Ora a confusão dos casos, a sua reducção successiva é *quasi exclusivamente phonetica,* ou melhor tem por principio capital a *alteração phonetica;* o novo processo syntactico (o emprego das preposições) nasce quando os casos começam a confundir-se, quando não servem elles já *phonicamente* para determinar bem o que se quer exprimir. Corssen demonstrou á evidencia (1) que a reducção dos casos no latim vulgar resultou puramente da pronuncia obscura do *s* e *m* finaes, da reducção dos diphthongos a um som e abrandamento de *i* tornado final em *e*. O mesmo sabio demonstrou que antes da invasão barbara a primeira declinação vulgar se achava reduzida a dous casos no sing. *(rosa, rose)* e a tres no plur. *(rose, rosaro, rosas);* a segunda a dous no sing. *(domino, domini),* e a tres no plur. *(domini, dominoro, dominos);* a terceira, nos themas parisyllabos, á um unico no sing. *(teste=testis, testi, testem, teste),* etc.; que o uso dos casos uns pelos outros significa que elles se tinha confundido já no latim fallado, de modo que o que escrevia punha, por ex. o *m* no ablativo ou no nominativo, porque esse signal não representava mais um som vivo. (2)

É singular que um sabio como M. de J. não conheça ou não lêsse attentamente as discussões pp. 236-237, 487-491 das *Kritische Beiträge zur lateinischen Formenlehre.* Admittir que a declinação do latim merovingiano representa o que se passava na linguagem fallada, considerando mesmo só as fórmas que M. de J. chama vulgares do primeiro e segundo gráo, é admittir um estado cahotico na lingua fallada que repugna á idea scientifica de desenvolvimento organico, successivo e logico dos dialectos. Em muitos pontos o latim merovingiano está em contraposição ao mesmo tempo com o latim classico e o francez archaico. Por ventura o francez archaico, no momento em que a sua distincção de caso recto e caso obliquo estava ainda cheia de vigor, empregaria um caso obliquo por um caso recto, e vice-versa, como faz a cada passo o latim merovingiano?

F. A. C.

(1) Busquem-se pelos indices das obras *Kritische Beiträge* e *Ueber Aussprache*, u. s. w. as passagens sobre a declinação vulgar e o *m* e o *s* finaes.

(2) O snr. Corssen esqueceu-se de indicar a excepção constituida pela phase do latim vulgar nas Gallias. Emquanto na Italia e na Hespanha o *s* final era supprimido excepto quando se lhe sentia o valor de signal do plural nos nomes e d'algumas pessoas no verbo, nas Gallias reconhecia-se-lhe ainda o valor de significar aquelle que faz a acção, em opposição ao regimen. Nos imparisyllabos da terceira decl. o logar do accento forneceu um meio similhante da distincção.

17.—**Retrato de la Lozana andaluza**, en lengua española muy clarisima, compuesto en Roma. El cual retrato demuestra lo que en Roma pasaba, y contiene muchas más cosas que la Celestina. Madrid, Imprenta Rivadeneyra, 1871. Pq. 8.º XIV-347. (Tom. I da *Coleccion de libros españoles raros ó curiosos.)*

A Hespanha entrou na marcha scientifica do nosso seculo por um profundo amor á sua velha litteratura; d'esse estudo lhe hade vir o sentimento nacional e a consciencia da sua originalidade. Ella está destinada a explicar os ultimos problemas da vida da edade media, na formação dos dialectos, das formas politicas, das tradições epicas; isto lhe fará comprehender pelos erros do passado, o que tem de ceder deante da renovação critica. Todos os annos se fundam em Hespanha empresas destinadas a dar á publicidade os desconhecidos thesouros da litteratura das suas epochas mais fecundas. *O Retrato de la Lozana andaluza* é mais uma restituição para o conhecimento da vida artistica do seculo XVI; estava ignorado na Bibliotheca de Vienna, aonde se guardava o unico exemplar escapado aos rigores do Santo Officio. D'alli o copion o snr. Dom Pascual de Gayangos. A Bibliotheca de Vienna, é talvez a mais rica fóra d'Hespanha, no que diz respeito á litteratura hespanhola; Fernand Wolf alli encontrou todas as *Rosas* de Timoneda, que vieram completar o vasto Romanceiro do seculo XVI. O celebre director dos Archivos imperiaes de Vienna, o Barão Reinhart é que dotou aquella Bibliotheca com as riquezas bibliographicas que a sua paixão pela litteratura hespanhola lhe fez accumular. Sem duvida o *Retrato de la Lozana* pertence a esse fundo. A edição é feita com o esmero das reproducções elzevirianas.

Este livro vem completar na litteratura hespanhola uma phase até hoje pouco estudada: a influencia da litteratura italiana da Renascença, na Peninsula. Pelas suas invasões na Italia, a Hespanha recebeu uma influencia directa, que não estava bem accentuada nos escriptores. Apesar de faltarem os documentos, reconstroia-se a sua acção. O *Retrato de la Lozana,* respondendo a tantas questões até hoje hypotheticas, torna-se de uma alta importancia, não só para determinar a corrente litteraria da primeira metade do seculo XVI, como para fazer comprehender a vida sensual italiana na epocha em que Luthero foi a Roma e em que Sá de Miranda visitou a Italia. A sua leitura é fecunda em resultados. O *Retrato de la Lozana andaluza,* escripto n'essa epocha em que predominava a erudição dos humanistas, corresponde áquella phase da litteratura grega em que reinaram os sophistas e os grammaticos: é uma especie de conto *milesiano.* A sua genealogia pode assim traçar-se: é um resto da tradição classica da decadencia, recebido na eschola dos eruditos, ao qual se ajuntou um vislumbre de forma nacional inventado pela *Celestina,* e vivificado pelo espirito erotico dos *Ragionamenti* de Aretino. Estas tres correntes ahi se encontram; adoptar uma d'ellas exclusivamente, é deixar o livro sob todos os seus sellos. Vejamos cada uma d'essas origens, ás quaes ajun-

taremos tambem uma parte popular, representada nos contos decameronicos que se encontram no *Retrato de la Lozana.*

O auctor d'esta notavel novella em forma dramatica tinha presente o grande modelo d'este genero *milesiano*—o *Asno de Ouro,* de Apuleio, que cita com frequencia. Fallando da Peña de Martos, d'onde o auctor se dá por natural, escreve: «dedicada al dios ó planeta Marte, *como dice Apuleyo*». (p. 234.) E tambem: «yo ho querido saber y ver y probar *como Apuleyo,* y en fin hallé que todo era vanidad; etc.» (p. 267.) Mais: «*como dixo Apuleyo,* bestias letrados». (p. 303.) Finalmente cita pelo seu titulo o romance antigo, typo d'este genero: «tiene las patas como el *asno de oro* de Apuleyo». (p. 323.) E n'outro logar escreve: «no porque le falte ingenio, mas porque no lo puede exprimir por los mismos impedimientos que *Lucio Apuleio,* cuando siendo *asno,* retuvo siempre el intelecto de hombre racional, etc.» (pag. 324.) Bastavam estas indicações, para nos revelarem a cultura classica do auctor do *Retrato de la Lozana;* elle foi discipulo do *Nebrixa,* o celebre inaugurador dos estudos da antiguidade na Peninsula, a cuja eschola pertencia o nosso Ayres Barbosa. Cita-o na novella, quando refere uma lenda do rio Tibre: «Eso que está escrito, no creo que lo leyese ningun poeta, sino vos, que sabeis lo que está en las honduras, y *Lebrixa* lo que está en las alturas, etc.» (pag. 263.) Isto reforça os argumentos tirados do conhecimento de Apuleio.

A *Celestina,* a obra hespanhola que mais influencia produziu em todas as litteraturas romanicas, imitada por todo o theatro europeu, não podia ser extranha ao *Retrato de la Lozana;* o auctor lembrava-se d'ella quando escrevia no titulo da sua obra: «*y contiene muchas mas cosas, que la Celestina*». Em rigor não se pode filiar esta novella dialogada na familia das *Celestinas,* como veremos ao traçar as feições da *Lozana andaluza;* o snr. Barrera, no *Catálogo bibliográfico e biográfico del antiguo Teatro español* (pag. 122) levou-se pela apparencia exterior e pelo erotismo do estylo. A *Celestina* deu apenas o cunho nacional ao que vinha de uma tradição classica; o auctor da *Lozana,* cita-a com predilecção: «la de los Rios, que fué aquí en Roma peor que *Celestina*», etc. (pag. 160.) Depois de a citar como proverbio, cita-a tambem como obra litteraria: «Monseñor, ésta és Carcel de Amor; aquí idolatró *Calixto,* aquí no se estima *Melibea,* aquí poco vale *Celestina*». (pag. 187.) A citação d'este modelo mostra-nos que o seu conhecimento estava ligado á predilecção pela litteratura do fim do seculo XV, que a Renascença erudita ia em breve rejeitar; vimol-o referido junto com *Carcel de Amor,* agora temol-o a pár das Coplas de Fajardo, e da *Tinelaria* de Bartholomeu Torres de Naharro: «quiero que me leais, vos que teneis gracia, las *Coplas* de Fajardo, y la comedia *Tinelaria,* y á la *Celestina,* que huelgo de oir leer estas cosas mucho». (p. 239.) E mais: «tiene gran fama, que dicen que ni es nacida ni nacerá quien se le pueda comparar á la *Celidonia,* porque *Celestina* la sacó de pila». (pag. 255.) Este typo de *Celidonia* é hoje desconhecido, mas ainda o

100

dos exercitos hespanhoes sobre as pretenções de França. Como Torres de Naharro, Francisco Delicado viveu em Roma desde 1513 até ao saque do Condestavel de Bourbon em 1527, fugindo depois para Veneza, aonde se demorou pelo menos até depois de 1534. Esta epocha é das mais interessantes para o estudo da Renascença; todos os documentos merecem recolher-se com esmero. Factos particulares que se não comprehendiam, explicam-se por allusões d'obras como estas. Na farça de *Ignez Pereira,* de Gil Vicente, achamos citados os *judeus cazamenteiros;* parece-nos isto absurdo, mas pela *Lozana* de Delicado, vemos: «Decidme, señoras mias; hay aquí judios? — Munchos, y amigos nuestros... que van por Roma *adobando novias.*» (pag. 34.) Delicado colloca a historia de *Lozana* em 1513: «que me dixeron quo el Santo Padre iba a coronar-se. — Tan lindo es y bien se llama *Leon decimo.*» (pag. 23.) A *Lozana* é uma dama, que vem exercer em Roma todas as suas habilidades; não tem o caracter da *Celestina,* que conspira contra a honra de uma donzella; o seu caracter é mais complexo, trata de lograr a todos, desde os incautos mancebos até aos velhos cardeaes, com todos os ardís que empregava a sua classe, na Italia. *Lozana,* n'essa epocha em que a medicina era toda empirica, porque não podia romper com a tradição de Avicena, fez-se tambem curandeira, como modo de vida; diz ella, com a sua astucia: «quien veza á los papagayos á hablar, me vezará á mí ganar. Yo sé ensalmar, y encomendar y sautiguar, cuando alguno está ahojado, que una vieja me vezó, que era saludadera y buena, como yo; sé quitar ahitos, sé para lombrices, sé encautar la terciana, sé remedio para las cuartanas y para el mal de madre, sé cortar frenillos de bobos e no bobos, sé hacer que no duelan los riñones y sanar las renes, y sé medicar la natura de la mujer y la del hombre, sé sanar la sordera y sé ensolver sueños, sé conocer em la frente la phisionomía, y la chiromancía en la mano, y prenosticar.» (pag. 216.) N'esta epocha a medicina tornou-se terrivel; sobre tudo no tratamento da syphilis, que aterrou a Europa; Rabelais, aconselhava aos doentes o riso, e o Padre Francisco Delicado parece que seguiu este mesmo pensamento na *Lozana.* Os seus dialogos trazem varios ensalmos, colhidos ou imitados da tradição popular. *Ensalmo del mal francorum:*

Eran tres cortesanas
Y tenian tres amigos
Pajes de Franquilano;
La una lo tiene público
Y la otra muy calado;
A la otra
Le vuelta con el lunario.
Quien esta oracion dixero
Tres veces á rimano
Cuando nace sea sano. Amén. (pag. 88.)

Francisco Delicado allude a este tremendo flagello: «*mal de Napoles*» (pag. 273-4) e «*quando vino el mal de Francia*». (pag. 49-88.)

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

N'esta vida dissoluta do seculo XVI, a Hespanha não ficava atraz da Italia; a *Lozana* triumphando em Roma, parece affirmar isto. Quando Sá de Miranda, na sua romagem á Italia passou por Hespanha, reconheceu o abysmo que ahi se abria á mocidade do seu tempo:

Os *Jardins de Valença* e de *Aragão*
Onde amor vive e reina, onde floresce,
Por onde tantos embuçados vão.
Mas isso assi, direi, que mais parece
As covas de Sevilha, soterrenhas,
Onde a vida em prazer desapparece.

(CARTA VI.)

Esta passagem comprehende-se melhor lendo este trecho de um viajante francez, Antoine de Lalaing, que visitou a Hespanha em 1501, e diz ácerca do *jardim de Valença:* «é grande como uma pequena cidade e fechado em volta de muros com uma só porta. E deante da porta está montada uma forca, para os malfeitores que acontece de estarem lá dentro; á porta um homem, posto ali de proposito, tira as bengalas aos que querem entrar dentro, e lhes diz se querem entregar-lhe o seu dinheiro, se o teem, e que lhes tornará a entregar sem desfalque; e se acerta de o terem, e serem roubados de noute, o porteiro não é responsavel. N'este logar ha tres ou quatro ruas cheias de pequenas casas, aonde em cada uma ha raparigas decotadas, vestidas de velludo e setim. São de duzentas a trezentas moças, com boas roupas brancas. A taxa ordenada é de quatro dinheiros da sua moeda, as quaes para nós valem um grós.—Tavernas e botequins ali existem. Não se póde, pelo calor, vêr tão bem de dia este logar como de noute, porque ellas estão assentadas a suas janellas, com a lampada accesa defronte d'ellas para serem vistas mais á vontade. Teem dois medicos pagos pela cidade para visitarem as moças todas as semanas, e no caso de estarem doentes as despedirem.» Depois d'isto se vê que tamanha impressão produziram os *Jardins de Valença* em Sá de Miranda. No *Retrato de la Lozana,* diz Divicia: «mas ganaba yo que p... que fuese en aquel tiempo, que por excellencia me llevaran al publique *de Valencia,* y alí combatieron por mí cuatro rufianes...» (pag. 260.) Assim como o Archipreste de Hita se inspirou dos *fabliaux* francezes, o Vigario Francisco Delicado inspirou-se do gosto decameronico de Italia; é ainda a velha tradição do troveiro, que está representada nos contos populares facetos entremeados no *Retrato de la Lozana:* taes são: o conto da velha que procurava a sua gallinha (pag. 231); o conto de um que procurava o seu burro *(ib.);* a tradição das *chuvas de Mayo* (pag. 233); o das orelhas da criança, que esqueceram fazer (pag. 310); o do burro com fome, que sabia lêr e tomou por isso o gráo de doutor; o de Gonela, ou o tributo de todos os medicos (pag. 272); o do annel perdido no banho; e finalmente o conto da *Donzella Theodora,* da tradição oriental e citado antes das edições typographicas: «Esta saeó de pila à la *Doncella Teodor.*» (pag. 249.) N'esta parte popular, appa-

rece-nos *Pedro de Hurdemalas* (pag. 253) personagem legendar, aproveitado mais tarde por Cervantes em uma comedia de cegos; (1) *Juan de espera en Dios* (pag. 314), aproveitado como auctor de prologo dramatico por Jorge Ferreira de Vasconcellos; e o *Lazarilho* (pag. 180), aproveitado por Quevedo.

O *Retrato de la Lozana* é composto de todos estes ingredientes populares e eruditos; o padre Francisco Delicado divide-o em *Mamotretos*, especie de capitulos, e com esta designação caprichosa, descobre-nos o seu intuito: «Son por todas las personas que hablan en todos los *mamotretos* ó capitulos ciento y veinte y cinco, va dividido en *mamotretos* sesenta é seis: quiere decir *mamotreto*, libro que contiene diversas razones é copilaciones ayuntadas, ansimismo porque en semejantes obras seculares no se debe poner nombre ni palabra que se apertenga á los libros de sana y santa doctrina...» (pag. 335.) Em outra passagem, Delicado emprega a palavra *mamotreto* no sentido de guisado: «porque le haya los *mamotretos* à sus tiempos.» (pag. 318.) Sob o ponto do vista da lingua, o *Retrato de la Lozana* é importantissimo. Delicado tendo residido na Italia, pelo menos desde 1513 até 1534, decae insensivelmente no italianismo; no fim do livro excusa-se d'este peccado dizendo: «y si quisieren reprender que porqué no ván munchas palabras en perfeta lengua castellana, digo que siendo andaluz y no letrado, y escribiendo para darme solacio y pasar mi fortuna, qui en este tiempo el Señor me habia dado, conformaba mi hablar al sonido do mis orejas, que es la lengua materna y el comum hablar entre mujeres, *y si dieen porqué puse algunas palabras en italiano, púdelo haeer escribiendo en Italia,* pues Tulio escrebió en latin, y dixo munchos voeablos griegos y con letras griegas...» (pag. 333.) Delicado acabou o seu livro da *Lozana* em 1524: «acabóse hoy primero de Diciembre, año de mill y quinientos e veinte e cuatro... *in alma Urbe.*» (pag. 330.) Conservou-o por tanto manuscripto até ao tempo em que emigrou do Roma para Veneza; esta circumstancia é interessantissima, porque nos revela, que já n'este tempo corria na tradição popular uma prophecia ácerca do saque de Roma, que as tempestades politicas annunciavam. Eis um curioso anexim d'essa epocha:

> Pues año de veinte é siete,
> dexa á Roma y véte (p. 131.)

Esse terrivel anno de 1527 acha-se citado ali como uma epocha do fim do mundo das locuções vulgares: «Predica cómo se tiene de perder Roma, destruir-se el año de XXVII, mas dicelo burlando.» (pag. 73; vid. tambem pp. 45 e 174.) Depois de terminada a novella, o quando

(1) O nome de *Urdemalas* encontra-se já em 1247, como apellido de um monge, citado por Godoy Alcantara, *Ensayo sobre los apellidos castellanos*, p. 56 n. 4. A formação do nome é clara e elle significa o que *tece, urde cousas más*; cp. *Pedro das Malas-artes*, nome popular do diabo.

A Redacção.

Delicado já se achava a salvo em Veneza, e descreven o saque de Roma em uma epistola da *Lozana* ás suas companheiras: «sucedió en Roma que entraron y saquearon catorce mill tentónicos bárbaros, siete mill españoles sin armas, sin zapatos, con hambre y sed, italianos mill y quinientos, napolitanos reamistas des mill, todos estos infantes; hombres darmas seiscientos, estandartes de jinetes treinta y cinco, y más los gastadores, que casi lo fueron todos, que si del todo no es destruida Roma, es por el devoto feminino sexo, y por las limosnas y el refugio que á los peregrinos se hacia agora; á todo se ha puesto entredicho, porque entraron lúnes á dias seis de Mayo de mill y quinientos y veinte y siete, que fué el escuro dia y la tenebrosa noche para quien se halló dentro...» (pag. 344.) Da sua fuga para Veneza falla o vigario Delicado em uma digressão final: «pienso que muchas y muchas tragedias se dirán de la entrada y salida de los soldados en Roma, donde estiveron diez meses á discrecion y aun sin ella...» (pag. 246.) E acrescenta: «Salimos de Roma á diez dias de Febrero por no esperar las crueldades vindicativas de naturales, avisándome que de los que con el felicíssimo exército salimos hombres pacíficos, no se halla, salvo yo, en Venecia, esperando la paz, quien me acompañe á visitar... Santiago... que no hallé otro español en esta ínclita ciudad, y esta necessidad me compelió á dar este *Retrato* á um estampador por remediar mi no tener ni poder, el qual *Retrato* me valió más que otros cartapacios que yo tenia por legítimas obras, y éste, que no era legítimo, por ser cosas ridiculosas, me valió á tiempo, que de otra manera no le publicára hasta despues de mis dias...» (pag. 347.) Aqui allude o auctor a outras obras suas, e em uma passagem antecedente falla de um seu livro *De Consolatione infirmorum,* que os bibliographos julgam totalmente perdido: «y si dixeren que porqué perdí el tiempo retrayendo á la *Lozana,* parecia que me espaciaba con estas vanidades: y si por ventura os veniere por las manos un otro tratado *de Consolatione infirmorum,* podeis ver en él mis passiones, para consolar á los que la fortuna hizo apasionados como a mi; y en el *Tratado* que hice *del Leño del India,* etc.» (pag. 334.) O Padre Francisco Delicado, apesar de desejar tanto fazer uma romaria a Santiago, permaneceu em Veneza até 1534, pelo menos; aqui imprimiu o seu livro do *Lenho da India* em 1529, para a impressão do qual levara já datado de 4 de Dezembro de 1526 um privilegio do papa Clemente VII; alli o encarregaram de rever livros de cavalleria, como *Amadis de Gaula,* a 7 de Septembro de 1533, e o *Primaleão* em 1 de Janeiro de 1534. Nos colophões d'estas duas obras, postas em moda pelo cavalheirismo posthumo da côrte de Francisco I, se diz sempre que o Padre Delicado era «*natural de la Peña de Martos*»; em uma passagem mais explicita, em que dá «*las señas de la patria del Auctor*», diz que nasceu em Cordova, a quatorze leguas da Peña de Martos: «que quiere decir que el Auctor de mi *Retrato* no se llama *Cordovés, pués su padre le fué, y él nació en la diocesi?*—Porque su castissima madre y su cuna fué en Martos, y como dicen, no donde naces, sino con quien paces.»

(pag. 239.) As lembranças da patria trazem-lhe presente ao espirito a lenda tenebrosa do supplicio dos *Irmãos Carvajales. (ib.)* N'esta epocha a Italia era visitada pelos principaes eruditos da Europa, que iam alli procurar a inspiração da antiguidade; não nos admira ver alli concorrer Sá de Miranda, Garcia de Rezende, os filhos do Chanceller Teixeira, João Rodrigues de Sá, e Ayres Barbosa, mas o que nos surprehende é encontrarmos no *Retrato de la Lozana* prostitutas portuguezas a seduzirem os cardeaes em Roma: «Es favorecida de um perlado; aquí mora la *galan portugueza.*» (pag. 46.) «Aquel que me daba diez y ocho carlines por él *la portuguesa,* que vino aquí ayer.» (pag. 81.) E mais: «no os partaes, que habeis de dar aquellas trapos á *la galan portuguesa.*» (pag. 247.) «Señora, por corona; decime, señora, ¿quién és aquella *galan portuguesa* que vós dixistes?—Fué una mujer que mandaba en la mar y la tierra, y señoreó a Napoles, tiempo del gran Capitan, y tuvo dineros más que no quisó, y vesla alli asentada demandando limosna á los que passan.» (pag. 248.) Aqui se encontra tambem um notavel anexim, que prova o nosso caracter auctoritario: «*Todo Comendador, para ser natural hade ser portugues, ó galiciano.*» (pag. 144.) O estudo da obra de Delicado completa os quadros da vida intima do seculo XVI; bemdizemos os modernos criticos hespanhoes, que sabem respeitar a sua tradição litteraria, e sirva-nos de incentivo o seu amor pela sua velha e rica litteratura.

Em Portugal é impossivel formar-se uma empresa de publicação de monumentos d'esta ordem; os livros mais preciosos estão perdidos pelas bibliothecas da Europa; em Roma está o Cancioneiro do seculo XIV com as poesias do cyclo dionisio; em Vienna d'Austria temos a *Demanda do Santo Greal;* nas Bibliothecas de Hespanha, a *Satyra de Vicios e Virtudes* do Condestavel de Portugal, o autographo da *Menina e Moça,* e o *Cancioneiro de Marialva.* Em Portugal temos a *Côrte Imperial,* a *Virtuosa Bemfeituria,* o *Cancioneiro* de Luiz Franco, as *Saudades da Terra* de Gaspar Fructuoso, e muitos outros livros ineditos, mas para que imprimil-os, se não ha quem estude, e se os programmas officiaes tem em vista habilitar, mas não scientificamente?

THEOPHILO BRAGA.

18.—**Gluck et Piccinni** (1774-1800). **La musique française au XVIII siècle.** par Gustave Desnoiresterres. Paris, 1872. Didier et C.e In 8.° de XI-424 pag.

O auctor d'esta obra, que até agora se tem occupado com assumptos propriamente litterarios, (1) entra com esta tentativa no campo

(1) M. D. é auctor das obras: *Voltaire et la société française au* XVIII*e siècle.* 4 vol. in-12.° que comprehendem 4 partes:

musical pela primeira vez; todavia ainda que faltem precedentes directos, existem os indirectos, por exemplo, os estudos ácerca de Voltaire e da sociedade litteraria do seculo XVIII, que lhe foram de importante auxilio, como vamos ver.

Ao contrario do que se dá com Mozart, Händel, Haydn e Bach, tem permanecido a litteratura musical pouco activa com Gluck, e pouco sollicita em pôr em relevo a extraordinaria revolução operada por este compositor. A explicação está na natureza d'esse mesmo movimento, que não teve consequencias immediatas e que foi abafado em parte pelos successos politicos que se lhe seguiram, em parte pela opposição encarniçada que os partidarios e compositores da musica italiana lhe fizeram. Os triumphos em França foram-lhe fortemente disputados por Piccinni e Hasse (1699–1783) continuou, apesar de tudo, a reinar absolutamente na Allemanha até á apparição de Mozart, e, o que parece incrivel, depois do *Orfeo,* depois da *Alceste*, depois das duas *Iphigenias,* ainda Grétry resuscitou, devendo estar musicalmente *enterrado* pela força da logica e de uma arte eminentemente superior! Na Italia já ha muito que Gluck estava no rol dos desertores do unico e sublime genero italiano, cujos admiradores não lhe perdoavam de haver feito depois da *Semiramide riconosciuta* e da *Clemenza di Tito*, musica tão pouco fluente o tão aspera como a de *Alceste.*

A tradição de Gluck foi reatada só muito modernamente, e o passo fôra tão agigantado, que foi necessario dar tempo ao pobre publico para respirar repetidas vezes no meio do caminho. (1) A monomania rossiniana, atrasou ainda mais os resultados, e animou uma multidão de satellites, que sahindo fóra da orbita quotidiana so afundaram no *mare magnum* do esquecimento.

O movimento, que a chamada «moderna eschola allemã», alcunhada de *musica do futuro,* produziu na Allemanha, liga-se com precedentes á theoria de Gluck sobre a expressão musical.

Estas breves reflexões explicam a abstenção dos escriptores em historiar uma epocha e um typo, apenas comprehendido e avaliado á sua altura por mui poucos. Entre estes é de absoluta justiça nomear H. Berlioz, cuja propaganda (2) incansavel, energica o enthusiastica, deixou ao principio o mundo artistico estupefacto, acordando, porém, só o sentimento de poucos; a maioria permaneceu o ainda permanece in-

1.ª La jeunesse de Voltaire. 2.ª Voltaire au château de Cirey. 3.ª Voltaire à la cour. 4.ª Voltaire et Frédéric.

E em segundo logar:

Les cours galantes, études historiques sur la dernière moitié du règne de Louis XIV. Dentu, 1860–1864. 4 vol. in-12.

(1) Exceptuando Méhul (1763–1817) e Spontini (1784–1851), em menor gráo, com elementos mais complexos, não achamos successores de Gluck. Não fallamos, bem entendido, de Salieri, seu discipulo (1750–1825).

(2) *A travers chants*... Paris 1862. M. Lévy, pag. 108–215.

differente ou extranha á obra do maestro allemão, excepto na sua patria. (1)

São pois bem vindos todos os livros sobre Gluck, que ao conhecimento do assumpto reunam um ponto de vista elevado e uma critica descendo a todas as minudencias que revelem o typo ou o caracter de sua epocha. Serão precisos ainda muitos esforços para que a importancia de Gluck, discutida artisticamente entre um circulo limitado, passe d'esse circulo, alargando-o, ao dominio da maioria n'uma forma musical condigna.

Tributando toda a attenção ao trabalho laborioso o erudito de A. Schmid (1) e aos ultimos e importantes trabalhos de A. B. Marx, (2) não se pode todavia negar a pequena parte que se concede ás lutas de Gluck em Paris e por isso a necessidade de um trabalho que nos désse o exame da epocha mais importante da vida do compositor.

A parte mais notavel do livro de M. D. é a exposição historica da luta dos dois rivaes, deixando ver ao mesmo tempo os dois lados d'essa luta: o publico, que se descobre nos jornaes, livros e correspondencias, da epocha, e o outro lado, não menos interessante, o intimo e particular, que nos dá a chave dos *boudoirs, salons,* etc., onde se elaborava o principal da batalha, o plano secreto da campanha ferida entre *Gluckistas* e *Piccinnistas.*

A parte de critica artistica, que estava menos nas forças do auctor encosta-se sempre ás opiniões enunciadas pelos que tomaram parte na luta, tomando em conta o que posteriormente se escreveu (Berlioz, Marx, etc.). O primeiro capitulo resume de uma maneira assaz completa e interressante as duas viagens á Italia e a excursão intermedia a Londres, concluindo com a relação ácerca do *Trionfo di Clelia* em Bolonha, 1762. Na parte propriamente biographica nada adeanta aos biographos já nomeados, dando-lhe todavia um tom mais pittoresco, graças ás citações que o auctor tirou das viagens de Burney, das Memorias de Dittersdorf e da *Correspondance* de Favart com o Conde Durazzo que occupa o primeiro (pag. 1–308) e segundo volume (pag. 1–259) das obras d'aquelle. O capitulo immediato faz-nos entrar já no meio da reforma musical, passando em revista a historia do *Orfeo* (1762) e da *Alceste* (1767) em Vienna; o auctor deu, sem duvida, uma importancia á primeira opera, que ella não teve, com prejuizo da influencia mui superior da segunda no movimento reformista. Admira isto tanto mais, que a opinião de respeitaveis auctoridades já está do ha muito de accordo n'este assumpto. «Ce fut le 5 Octobre 1762 qu'*Orfeo ed Euridice* fit son apparition sur le théâtre impérial do Vienne.

(1) Berlioz soffreu por causa d'essa indifferença o golpe mortal que o levou ao tumulo, quando da propaganda litteraria, que interessava apenas o menor numero intelligente, quiz passar á propaganda em massa.

(1) *Christoph Willibald Ritter von Gluck.* Dessen Leben und tonkünstlerische Werken. in 8.° gr. Leipzig, 1854. Fleischer.

(2) *Gluck's Leben und Schaffen.* Berlin, 1866, Janke, in 8.° 2.ª ediç. *Gluck und die Oper.* Berlin, 1862. *Id.* 2 vol. in 8.°

A part l'attrait de la curiosité et l'émotion ordinaire de semblables solennités, cette soirée allait avoir l'importance d'un de ces événements qui d'un seul coup bouleversent toutes les idées reçues et déchirent soudainement le voile derrière lequel se dérobaient des perspectives ignorées...» (pag. 49.) Isto não é exacto, e ainda menos o seguinte: «A la fin de la cinquième représentation, il n'y avait plus qu'une voix sur la valeur de la partition: Gluck était un novateur. Avec *Orfeo ed Euridice,* la révolution était faite.» (pag. 50.)

Reissmann (1) diz a este respeito: «Na generalidade parece-se ella *(Orfeo)* com a antiga opera, de que está ainda bastante proxima; o novo principio apenas se revela na introducção dos córos.» E mais abaixo: «Quão pouco o proprio Gluck estava então persuadido da reforma posteriormente executada, se vê nas obras immediatas que escreveu depois d'aquella primeira tentativa: *Ezio* de Metastasio que foi representado em 1763 com musica de Gluck, *La Rencontre imprévue* (1764), assim como *Il Parnasso confuso* (1765) aproximam-se novamente do seu antigo estylo.» Por isto se vê que Gluck ainda não estava bem convicto do seu proposito, porque de nenhum outro modo se explicam estas hesitações n'um homem que depois seguiu a sua reforma com uma logica que não se desmentiu um instante. Jahn (2) é da mesma opinião que Reissmam, e exprime-se até de uma maneira ainda mais positiva:

«A primeira d'aquellas operas *Orfeo ed Euridice* aproxima-se ainda muito da opera italiana e foi tambem dada em Italia com applauso» ... Mais adeante: «O emprego que se faz alli dos córos e o desenvolvimento da orchestra indicam um passo grande e importante com relação á antiga opera. Teve, é verdade, em Vienna e Pariz bom acolhimento na opinião dos entendedores, todavia parece que *não foi de modo algum considerada como o ponto de partida* de uma reforma musical; além d'isso compoz Gluck nos proximos annos mais de uma opera italiana ainda segundo o córte antigo.»

«A *Alceste* porém annunciou-se expressamente como a tentativa para uma reforma da musica dramatica, e revelou com effeito intenções positivas e toda a individualidade do mestre.» Ainda assim nem sequer com a *Alceste* a revolução estava feita: «A ligação com as formas da opera italiana não está comtudo de modo algum quebrada; basta um olhar imparcial sobre a partitura para descobrir aquella influencia em muitas partes e algumas qualidades da opera derivam do modo como elle se aproveitou d'aquellas formas. (pag. 462.)

Parece-nos pois que M. D. se adeantou demais, escrevendo que com o *Orfeo* «la révolution était faite». (pag. 50.)

Um argumento indirecto, mas não menos positivo, encontra-se na carta-dedicatoria ao Grão-Duque de Toscana (mais tarde Imperador Leopoldo II); se Gluck pretendia já com o *Orfeo* intentar uma re-

(1) *Allgemeine Geschichte der Musik.* Leipzig, 1864 vol. III, pag. 102.
(2) *W. A. Mozart.* Leipzig, 1867, 2.ª ediç. vol. I, pag. 461 e 462.

Città della Grecia si voleva a pochi piedi di distanza giudicar di Statue destinate ad erigersi sovra altissime colonne. Un orrecchio delicato ha trovato forse troppo aspra una cantilena, o un passagio troppo risentito, e mal preparato, senza pensare che forse al suo sito era il massimo dell' espressione, e il più bel contrapposto. Un Sciolo ha profittato d'una giudiziosa negligenza, o forse d'un error di stampa per condannarlo come un peccato irremisibile contro i misterj dell' Armonia; e si è poi deciso a pieni voti del congresso contro una Musica barbara, e stravagante. E vero, che con simil criterio si giudica degli altri Spartiti, e se ne giudica appresso a poco con qualche sicurezza di non sbalgiare; ma V. A. ne vede subito la ragione. Più che si cercà la verità, e la perfezione, più la precisione e l'esatezza son necessarie. Sono insensibili le differenze, che distinguono Raffaello da Gregge de' Pittori dozzinali, e qualche alterazione di contorno, che non guasta la somiglianza d'un viso caricato disfigura interamente un ritratto di bella donna. Non si vuol nulla, per che la mia Arià nell' Orfeo:

Che farò senza Euridice,

—mutando solamente qualche cosa nella maniera dell' espressione, diventi un saltarello da Burattini. Una nota più o meno tenuta, un rinforzo trascurato di tempo, o di voce, un appogiatura fuor di luogo, un trillo, un passagio, una volata puo rovinare tutta una scena in un Opera simile; e non fa nulla, o non fa che abbellire un Opera delle solite. La presenza perciò del compositore nell' esecuzione di questa specie di musica è, per modo di dire, tanto necessaria, quanto la presenza del Sole nell' opere della natura. Egli n'è assolutamente l'anima, e la vita, e senza di lui tutto resta nella confusione e nelle tenebre. Mà bisogna prepararsi a questi ostacoli finchè vi sarà al mondo della gente, che si crede autorizzata a decidere sull' Arti belle, perchè ha il privelegio d'aver un par d'occhi, ed un par d'orecchj, non importa come. E un difetto per sventura troppo commune fra gli uomini la mania di voler parlare delle cose appunto, che meno intendono, ed io ho veduto ultimamente uno di più gran filosofi del secolo impacciarsi a scriver di Musica, e avanzar come oracoli: *Sogni di cicchi, e fole di romanzi.*

V. A. avrà di già letto il Dramma del Paride, e avrà osservato, che non somministra alla fantasia del Compositore quelle passioni forti, queli imagini grandi, e quelle situazione tragiche, che nell' Alceste scuotono gli spettatori, e danno tanto luogo à grandi effetti dell' Armonia; onde non s'aspetta sicuramente l'istessa forza, e l'istessa energia nella Musica; come non esigerebbe in un Quadro a lume aperto l'istessa forza di chiaroscuro, e gli stessi rssentiti contrapposti, che può impiegare il pittore in un soggetto, che gli ha dato luogo a scegliere un lume ristretto. Non si tratta qui d'una moglie vicina a perdere il consorte, che per salvalo ha il corragio frall' ombre nere della notte, d'evocare in una orrida foresta i Numi infernaliche, nell' estreme agonie

della morte ha ancora a tremare per il destino de' figli, ha da staccarsi da un marito, che adora. Si tratta d'un giovine amante, che è un pezzo in contrasto colle ritrosie d'onestà, e superba donna, e con tutta l'arte d'una passione industriosa alfin ne trionfa. Ho dovuto industriarmi a trovar qualche varietà di colori, ricercandola nel carattere diverso delle due nazione Frigia, e Spartana, con mettere in contrasto il ruvido e selvaggio dell' una con il delicato e molle dell' altra; ho creduto che il canto in una Opera non essendo che il sostituto della declamazione, dovesse in Elena imitar la nativà rozzezza di quella nazione, e ho pensato che per conservar questo carattere nella Musica, non mi sarebbe attribuito a difetto l'abbassarmi qualche volta fine al triviale. Quando si cerca la verità, bisogna variarsi a secondo del Soggetto, che si ha fra mano, e le maggiore bellezze della Melodia, o dell' Armonia divengono difetti ed imperfezioni, quando son fuor di luogo. Non spero dal mio Parido miglior successo che dall' Alceste, quanto all' intento di produrre ne compositori di Musica il desiderato cambiamento, anzi ne prevedo sempre più grande gli ostacoli, ma non mi ristarò io per questo di far nuovi tentativi al buon disegno, e se ottengo il voto di V. A. ripeterò contento: *Tolle Syparium; sufficit mihi unus Plato pro cuncto Populo.*

Ho l'onore d'essere col più profondo rispetto
Di Vostra Altezza
Vienna, 30. Oktobr. 1770.

Umil^mo^ Dev^mo^ Obblig^m^ Servitore
Il Cavalier Christof Gluck.»

Por este precioso documento se vê que «il successo ha giustificato le mie massime, e l'universale approvazione in una Città cosi illuminata» (1) o proposito da *Alceste*, soffreu menoscabo, e que não faltaram os pedantes e pseudo-criticos, inimigos natos de toda a grande idea, para verterem a sua baba sobre as producções do genio revolucionario. Gluck avança corajosamente o seu principio capital... *ho creduto che il canto in una Opera non essendo che il sostituto della declamazione...* caso para horrorisar todos os partidarios de Hasse, Graun, Agricola e mais sectarios do genero italiano.

M. D. faz toda a justiça á theoria e ás ideas de Gluck, partindo do unico ponto de vista verdadeiro: o estado da opera na eschola italiana, e a comparação dos principios dominantes d'esta com os de Gluck, mas não notou a nosso vêr devidamente a inferioridade dos seus librettistas Cazalbigi, Bailly du Rollet, Moline e Guillard; o que d'elles diz parece dar a entender que os seus librettos auxiliaram a revolução a par com as ideas do compositor, o que é um exagero. Superiores, é verdade, aos librettistas partidarios das tendencias italianas, e mesmo a Metastasio, estavam os poetas acima mencionados muito abaixo

(1) Nohl, *loc. cit.* (pag. 5).

do compositor, e não é uma das menores glorias de Gluck haver triumphado não só da má vontade das orchestras, dos cantores despoticos, do publico recalcitrante, da banalidade de negociantes-emprezarios e agiotas, mas até de assumptos de uma pobreza mesquinha, que em outra alma menos grandiosa não haveriam acordado o menor echo. Abstraia-se um pouco dos elogios que Gluck faz aos seus poetas, porque o grande compositor ignorava que eram menos os pallidos versos que desencantavam as bellezas immortaes da sua alma, do que o impulso irresistivel do seu genio elevando-o a alturas desconhecidas pelos seus modestos versificadores. Tanto O. Jahn como Reissmann e Marx insistiram particularmente sobre este ponto capital.

O exame dos librettos originaes que temos á vista revela a immensa inferioridade dos librettistas, que eram espiritos da epocha. (1)

Gluck soube fazer d'essas creações heroicas, que se chamam *Iphigénie en Aulide, Alceste,* etc., com um echo da simplicidade e da grandeza antigas, e soube achar, dentro de uma concepção artistica egual á dos antigos tragicos, o sentimento e a verdade humana gravemente injuriada por *Monseigneür Achille* e *Princesse Iphigénie.* Eis o que o tornou immortal.

Á parte estes reparos, não encontramos motivo para objecções sérias; a exposição ganha n'este e nos outros capitulos em interesse, entrando na parte mais curiosa, nas lutas de Gluck em Paris, onde encontramos novidades appreciaveis; já aqui notaremos que M. D. prova de uma maneira evidente que a defesa de Fétis em favor de Philidor, a proposito do plagiato do *Sorcier* d'este ultimo, não é fundada, e que o plagiato existe e se explica de uma maneira mui natural. (pag. 55 e 56.) Graças a um livro do gravador Wille (*Mémoires.* Paris 1857. Renouard, I–249, II, 182–186, 392), obteve o auctor a noticia de uma viagem a Paris, feita por Gluck em Março de 1764, cousa até hoje ignorada. (pag. 59 a 60.)

A narração da vida de Gluck em Vienna e os preliminares para a sua viagem, que formam a segunda metade (pag. 71–84) do capitulo, foram bem estudados nos livros de Favart, Bruney e nas *Mémoires secrets* e *Mélanges* do Comte d'Escherny.

Entramos em seguida (cap. III) na historia dos primeiros triumphos de Gluck em Paris, na *Iphigénie en Aulide* e na reducção do *Orfeo,* já representado em Vienna, para a scena franceza; esqueceu, porém, accentuar que as «notables modifications» (pag. 111) que Gluck fez no *Orfeo,* (2) na transposição do papel de contralto (Legros-Orphée) foram infelizes, e levaram o compositor a condescendencias singulares,

(1) *Iphigénie en Aulide,* tragédie-opera, etc. A Paris chés (sic) Delormel. MDCCLXXIV. *Orphée et Euridice,* drame-héroïque. A Paris, ibid. M.DCC.LXXIV. *Armide,* tragédie, etc. A Paris chés P. de Lormel (sic) M.DCC.LXXVII. *Iphigénie en Tauride,* tragédie... Ibid. M.DCC.LXXIX.

(2) A nossa orthographia dos titulos varia naturalmente segundo nos referimos ás edições italianas das operas de Gluck representadas em Vienna, ou ás edições francezas representadas em Paris.

como a introducção da aria de bravura de Bertoni *(So' che dal ciel discende)* (1), compositor insignificante, e isto unicamente para lisongear o celebre Legros. (2)

O que resulta tambem da leitura d'este artigo é que o rigido Gluck, quasi sempre inflexivel e austero em questões d'arte (estado da opera de Paris, pag. 89–97) sabia sacrificar um pouco as suas repugnancias de homem, frequentando os *boudoirs* e os *salons,* quando lhe convinha, galanteando em torno de Madame de Genlis, da Duqueza de Kingston, de Madame Vigée le Brun e outras, mas não descendo dos limites da dignidade, como o prova a aventura em casa de Sophie Arnould (pag. 107).

Na parte critica, tanto ácerca da *Iphigénie en Aulide,* como do *Orphée,* limita-se o auctor a reproduzir as opiniões de Rousseau, que ainda hoje podem ser lidas com interesse (3), accrescentando no capitulo immediato (IV) as opiniões do mesmo philosopho ácerca da *Alceste.*

A narração da guerra de penna que já começa aqui entre La Harpe, Suard (Anonyme de Vaugirard) Arnaud, Gluck e Framery (4) e que serve de introducção á polemica mais violenta (Marmontel, Grimm, d'Alembert) desde que Piccinni entra em scena, é interrompida pelo capitulo V (165–196) que historía resumidamente a vida do maestro italiano até á sua chegada a Paris, segundo a biographia de Guinguené (5) que corrige e elucida em alguns pontos, lançando mão de documentos novos dos «Archives nationales» e dos manuscriptos da «Bibliothèque nationale» (Marais, *Journal de Police).*

Os capitulos VI (197–245), VII (243–290) e VIII (291–334) que encerram as peripecias da luta entre *Gluckistas* e *Piccinnistas* são os mais interessantes da obra, e encerram ao mesmo tempo o maior numero de documentos novos. M. D., não contente em explorar uma grande quantidade de obras, muitas das quaes não haviam sido ainda consultadas, teve o cuidado de verificar, seguindo uma louvavel imparcialidade, não só as affirmações dos Gluckistas, mas tambem as dos contrarios, recorrendo aos Archivos da opera e aos Archivos

(1) Vide o que Berlioz diz a este respeito: *A travers chants,* pag. 127 e seguintes.

(2) M. D. falla d'este caso mais adeante a pag. 270–275; todavia, o seu lugar era aqui (pag. 111).

(3) As edições completas do celebre philosopho contéem os seus escriptos musicaes, que foram além d'isso publicados áparte. Vide uma edição em 8.° peq. in 12.° de LII–448. Genève MDCC.LXXXI, sem nome do auctor, com o simples frontispicio: *Traités sur la musique;* as observações sobre a *Alceste* e sobre o *Orphée* occupam as pag. 389–438 e 439 a 448.

(4) M. D. exagera demasiadamente quando diz que a resposta de Gluck a Framery, ácerca dos pretendidos plagiatos de que este o accusava, foi *brutale* (p. 419). A passagem mais dura da réplica *(Mémoires* de Leblond, p. 100–101) é a seguinte: «Il y a dans le *Mercure* du mois de Septembre 1776 une Lettre d'un certain sieur Framery, au sujet de M. Sacchini, lequel seroit fort à plaindre, s'il avoit besoin d'un tel défenseur pour soutenir sa réputation.» Isto é duro, sem duvida, mas não é *brutal.*

(5) *Notice sur la vie et les ouvrages de Nicolas Piccinni.* Paris, an IX.

nacionaes na parte relativa ao «ancien régime». As suas relações litterarias facilitaram-lhe documentos de valor, como são algumas cartas (1) de Gluck até hoje ineditas; seria ir além dos limites d'este trabalho dar uma relação aproximada das interessantes novidades do volume; o capitulo VII, por exemplo, é prova do trabalho consciencioso com que se procedeu sobre um assumpto em que havia o perigo de cahir em divagações anecdoticas; a historia intima do seculo XVIII offerece este e outros escolhos de que o auctor soube fugir.

O retrato que M. D. nos faz de Gluck e de Piccinni n'estes tres capitulos, o quadro em que desenha a luta, e a physionomia da epocha está traçada habilmente; o effeito é pittoresco e toda a pintura tem, qualidade superior a todas, o cunho da verdade; vê-se resuscitar um typo e uma sociedade, que insensivelmente se vão animando á proporção que o leitor percorre as paginas.

Nos dois ultimos capitulos (IX, pag. 334-375 e X, pag: 375-416) diminue o interesse; a luta já terminou, Gluck retirou-se para Vienna para não voltar mais; em compensação entra em seu logar Salieri (1750-1825) com as *Danaïdes* em scena, e depois Sacchini (1734-1786) que apesar do seu triumpho *(Dardanus* 1784) pagou bem cedo a traição feita ao pobre Piccinni que lhe havia aberto o caminho em Paris. O que M. D. diz ácerca da má vontade de Gluck contra o joven Mozart a proposito da *Finta semplice* (1768) já Jahn em 1856 (1.ª edição em 4 vol. 8.º) havia refutado, considerando Gluck incapaz de qualquer intriga e inveja, apesar do seu caracter orgulhoso, mas integro (2.ª edição, vol. I, pag. 69). M. D. inclina-se finalmente a considerar as insinuações do pae de Mozart como infundadas. O acolhimento franco e leal que Gluck fez á *Entführung aus dem Serail* (Vienna, 1782), provam bem que o illustre compositor, acceitou e respeitou esse talento, logo que elle se affirmou de uma maneira digna da arte.

Devemos ainda a proposito d'este ultimo capitulo notar algumas interessantes, mas tristes novidades ácerca dos ultimos tempos de Piccinni em Paris; citaremos entre ellas as cartas a pag. 399, 407, que M. D. chama com razão «un cri de détresse» e 409. Até no desfecho final ainda se acham os dois antigos rivaes em antithese, um vivendo rico e considerado em Vienna, e o pobre Piccinni, morrendo á mingua em Paris! As ultimas quatro paginas do livro (412-416) *Gluck et son œuvre* dão em breves palavras o resultado da revolução operada por Gluck, isto é: a opera italiana subjugada por uma força genial de uma ordem mui superior, perante a qual o proprio Rossini o ultimo *piccinnista* se curvou, renegando no *G. Tell* todo o seu passado. No que respeita á relação entre Mozart e Gluck, segue M. D. o que já se sabia; de Gluck podia dizer mais, pois as qualidades que provocaram a revolução revelaram-se na creação de uma forma musical que achou a verdade profundamente psychologica de uma edade heroica; em dizer que a «recherche de la passion sincère, du pittoresque (secundario) avec

(1) Cartas a pag. 289, 291, 293; de Piccini, 399, 406, 407, 409.

une grande sobriété, une sorte de puritanisme dans la forme» está muito longe de dizer o essencial do que *caracterisa* (pag. 413) a revolução gluckiana. Tinhamos direito a exigir de M. D. mais cuidado para não cahir em affirmações como esta: «Très chrétien par la croyance, Gluck est païen dans son œuvre, et son art ne se plie pas sans contrainte à l'expression des passions de la société moderne.» Nas operas comicas e nas peças allegoricas de Gluck não havia «passions» e muito menos «passions modernes», e nas heroicas havia puramente a paixão antiga, aliás não seria Gluck, o illustre Gluck. Apontamos simplesmente o facto sem fazer mais reparos, porque já dissemos no principio d'este artigo que o livro de M. D. tem o seu valor na parte propriamente historica, que adeanta com effeito bastante ao que já se sabia; emquanto á parte de critica-artistica, que no livro é incidente, não podemos dizer o mesmo, em vista d'alguns reparos de importancia e que provam que o auctor n'esta parte se descuidou, não em dizer novidades, que é encargo dos especialistas, mas em estar pelo menos ao facto do que já ha muito se sabe.

As condições d'este jornal não permittem a discussão de principios estheticos, nem de critica propriamente artistica, porque ainda por este lado havia objecções a fazer, por isso nos cingimos á parte puramente historica da obra, que M. D. offerece naturalmente á analyse: «Nous nous sommes efforcé, autant qu'il a été en nous, de faire un tableau fidèle, animé, complet de cette curieuse page des mœurs littéraires et artistiques du dernier siècle.» Em summa é um livro util e interessante, que todos aquelles que queiram estudar a cultura do seculo XVIII deverão lêr, como um retrato fiel de uma das suas phases mais importantes — a phase artistica.

Esqueçemos de dizer que M. D. havia já publicado na *Semaine* de 1849 um estudo intitulado: *Les Gluckistes et les Piccinnistes* que serviu de base para este trabalho. M. D. assignou-se *Marquis de Bièvre* e Labat tomou o caso a serio e publicou *(Études philosophiques et morales sur l'histoire de la musique.* Paris, 1852, II, 248-251) uma relação do pseudo-marquez áerea da *Iphigénie en Tauride;* esta mystificação que M. D. denomina ingenuamente «un petit artifice assez en usage et très accepté,» foi infelizmente «très acceptè» (sic. p. VII) e contribuiu para essa monomania dos pseudonymos que no campo musical se tornou uma molestia chronica que vae contra o senso-commum e difficulta as investigações sem necessidade alguma. Veja-se a collecção de pseudonymos musicaes na *Allgemeine Musikalische Zeitung,* n.° 50, 11 dez. 1872, pag. 796-97.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

19.—**Ethnogénie gauloise** ou mémoires critiques, sur l'origine et la parenté des Cimmériens, des Cimbres, des Ombres, des Belges, des Ligures et des anciens Celtes, par Roget Bon de Bellognet. Premier prix Gobert de 1869 à l'Académie des Inscriptions. Introduction.—Première Partie—Glossaire Gaulois, avec deux tableaux généraux de la langue gauloise. Deuxième édition, revue, corrigée et considérablement augmentée. Paris, Maisonneuve et C.ie 1872. In-8.°, XXII—450 pp.

Quando F. Schlegel reconheceu em 1808 a unidade das linguas indogermanicas, excluiu do grupo as linguas celticas. Bopp, o fundador da grammatica comparada d'essas linguas, na sua memoria *Vergleichende Zergliederung des Sanskrits und der mit ihm verwandten Sprachen* (1) dizia: «Póde-se ainda extender esta investigação, além das linguas mencionadas (grego, latim, persa, germanico e slavo) que se devem comparar com o sauskrito, a muitas outras, se fosse nosso proposito comprehender todas as linguas que apresentam alguns restos de parentesco com o sanskrito. Encontram-se muitos d'esses restos na familia das linguas celticas e o finnez e os dialectos aparentados, assim como o ungaro e o albanez, offerecem tambem, principalmente nos pronomes, os mais fieis conservadores de antigas fórmas, surprehendente similhança.» (pag. 123.) O mestre da sciencia não fazia ainda idea perfeitamente clara da questão.

Prichard no seu livro *The eastern origin of the Celtic nations* (1831) foi o primeiro a combater pelo caracter indogermanico d'essas linguas; mas Pott, na primeira edição das suas *Etymologische Forschungen* (I, 478) não approvou a sua argumentação, suppondo que os elementos indogermanicos, descobertos então no celtico, lhe tinham sido transmittidos pelo germanico e pelo latim, pertenceudo elle a um outro grupo de linguas.

Pictet com as suas *Lettres* a A. Schlegel sobre as linguas celticas publicadas no *Journal asiatique* e depois no seu livro *De l'Affinité des langues celtiques avec le Sanskrit* (1837) fez classificar definitivamente aquellas linguas no grupo indogermanico. Bopp, caminhando nos passos d'um discipulo, o que muitas vezes fez, como todo o verdadeiro sabio, modificou as suas ideas sobre o celtico e levantou o ultimo véo que occultava o intimo parentesco do celtico com o sanskrito e os outros idiomas da mesma familia u'outra memoria. (2) Ainda assim as linguas celticas não obtiveram (o que ainda hoje se dá, se bem que em menor gráo) a attenção que merecem até que J. Caspar Zeuss publicou em 1853 a sua *Grammatica celtica e monumentis vetustis tam Hibernicae linguae quam Britanniarum dialectorum Cambricae Cornicae Aremoricae comparatis Gallicae priscae reliquiis*. Com esse trabalho em que o mais escrupuloso methodo linguistico se casa a uma vasta erudição, a philologia celtica estava fundada sobre uma solidissima base.

(1) Erste Abhandlung. Von den Wurzeln und Pronomina erster und zweiter Person. Abhandl. der Königl. Gesellschaft der Wissenschaften zu Berlin. 1824 pp. 47-148.

(2) *Abhandlungen*, 1838 pp. 187-272.

Uma das partes em que o trabalho de Zeuss foi depois mais excedido é a relativa ao antigo gaulez, que apenas ahi se acha estudado na sua onamotologia e n'alguns dos nomes appellativos conservados pelos escriptores classicos. Zeuss não quizera vêr o minimo vestigio celtico nas palavras nem latinas nem gregas e em certas formulas magicas para a cura de doenças conservadas no livro de Marcellus Burdigalensis, medico de Theodosio o Grande, de *medicamentis empiricis, physicis ac rationalibus;* (1) mas J. Grimm e Pictet reivindicaram pouco depois (1854) a celticidade d'essas palavras estranhas de Marcello. (2) Os não importantes subsidios para o conhecimento do antigo gaulez deviam, porém, ser fornecidos por inscripções n'essa lingua, de que Zeuss ignorára a existencia. Cabe a M. de Belloguet o merito de ter sido o primeiro a chamar a attenção sobre algumas d'essas inscripções e a tentar mesmo uma intrepretação d'ellas por meio das linguas celticas actuaes. Depois trabalhos diversos se succederam em França e principalmente na Allemanha e Inglaterra sobre este objecto. Mencionaremos como principaes os de M. Pictet, *Essai sur quelques inscriptions gauloises* (1859), refundido e muito melhorado no seu *Nouvel essai sur les inscriptions gauloises* (Paris, 1867), de Witley Stokes nos *Beiträge sur vergleichende Sprachforschung* publicados por Kuhn (e Sehleicher), tom. II (Berlim, 1858), os de Becker e Lottner no mesmo jornal tom. II, III e IV (1861–1862–1863), de Lottner *On the Gaulish Inscription of Poitiers* (Dublin, 1863), redigido principalmente sobre papeis do dr. Siegfried. D. W. Dash (para mencionar o que n'esta parte chegou ao nosso conhecimento) publicou um resumo dos trabalhos feitos até elle nas *Transactions of the Royal Society of litterature*, VIII, pag. 326 ss. Depois appareceu segunda edição posthuma da grande obra de Zeuss, feita pelo celebre celtista Ebel (Berlim, 1871. 1 vol. gr. 8.° LII–1115 p.), em que todos os estudos posteriores á primeira edição de Zeuss (entre os quaes figuram muitos e importantes do editor) não só sobre o antigo gaulez mas tambem sobre outras questões das linguas celticas, se acham aproveitados.

E' á luz d'esses diversos trabalhos sobre as linguas celticas e, sobre tudo, dos principios fundamentaes, expostos na *Grammatica celtica*, que o livro de M. de Belloguet deve ser analysado. Tendo feito das questões celticas apenas um estudo menos que elementar o auctor d'este artigo tem de se reduzir quasi exclusivamente a examinar esse livro sob o ponto de vista do methodo geral da investigação linguistica.

O *Glossaire gaulois* de M. de B. é a primeira parte d'um vasto trabalho que o auctor escreveu sobre a ethnographia gauleza, o qual

(1) *Marcelli viri illustris de medicamentis empiricis, physicis ac rationalibus liber, ante mille ac ducentos plus minus annos scriptus, jam primum in lucem emergens et suae integritati plerisque locis restitutus.* Basilea, Frobem 1536. fol. 252 pp. com index não paginado. Varias reimpressões posteriores.

(2) Grimm já em 1847 tinha publicado uma memoria sobre Marcello, que ainda não vi.

obteve em 1869 o grande premio Gobert na Academia das Inscripções. O auctor examinou um grande numero de trabalhos sobre as linguas celticas antigas e modernas e entre elles o que de melhor se tem escripto n'este dominio. Excellente emquanto á collecção de factos laboriosamente agrupados, esse estudo, porém, pecca por um lado capital: o desconhecimento dos verdadeiros e rigorosos principios do methodo linguistico, embora o auctor acceite com firmeza os resultados geraes da sciencia da linguagem. M. de Belloguet admitte em consequencia que as linguas celticas pertencem ao mesmo grupo que o sanskrito, o zend, o grego, o latim e as linguas germanicas e slavas; que aquellas linguas se dividem em dous grupos o *kymrico*, que comprehende o cornico, extincto no seculo passado, a lingua do paiz de Galles (welsh, gallez), e o baixo-bretão ou armoricano e o *gadhelico* ou *gaelico* que comprehende o irlandez, o erse ou gaelico propriamente dito, fallado nas altas terras de Escocia (Highlands) e o dialecto da ilha de Man; o estreito parentesco d'esses dous ramos e a classificação do gaulez no primeiro grupo, indo assim d'encontro a opinião geralmente recebida em França e acreditada principalmente pela *Histoire des Gaulois* de M. Amedée Thierry de que nas Gallias se achavam representados os dous ramos celticos, e combatendo-a, por a julgar sem duvida muito arraigada, com tal força que, a quem estuda estas questões ao longe, n'um paiz onde não ha nenhuma idea recebida sobre ellas, parece que M. de B. está lutando contra uma sombra, ou demonstrando que 3+2=5, o que se dá tambem quando elle combate outras opiniões similhantes. Não seria melhor mencional-as apenas e seguir o caminho da demonstração scientifica pura? M. de B. separa tambem com a verdadeira sciencia os dialectos celticos dos germanicos, isto é, faz d'elles um ramo á parte e parallelo ao germanico, contra opiniões já bem batidas e ridicularisadas principalmente por Glück. (1) Esses principios geraes acham-se expostos de pag. 1 a 61 e nas conclusões finaes. (pag. 425 ss.) Notarei apenas nas primeiras d'essas paginas algumas das passagens que me parecem contestaveis, ou mal expostas. Fallando dos que crêem na introducção muito antiga de elementos latinos no irlandez diz M. de B.: «J'aime mieux répondre que les Romains n'ayant, pour ainsi dire, jamais mis les pieds dans l'ile de l'Ouest, l'action de leur langue sur l'irlandais n'a pu commencer qu'avec l'introduction du christianisme; et comme il n'y a pas lieu de penser, ce me semble, qu'elle se soit beaucoup étendue au delà des termes particuliers à la nouvelle religion et des formules sacramentales, elle n'a certes pas introduit beaucoup de *racines sanscrites* dans le vieil idiome d'Érin». (pag. 12) O que é facto averiguado é que as palavras d'origem latina introduzidas no irlandez são em muito maior numero do que crê M. de B. e que lhe chegaram por differentes vias. O anglo-normando actuou tambem sobre a Irlanda e mui-

(1) *Die bei Caius Julius Caesar vorkommenden keltischen Namen*, passim. München, 1857.

tas palavras do antigo irlandez denunciam esta origem. Só nos glossarios de Cormac e O'Davoren e na glossa do calendario de Oingus reuniu Stokes 238 palavras de origem latina, a maior parte das quaes testemunham nas suas alterações por uma assás antiga introducção e não são da linguagem ecclesiastica. (1) E o que quererá dizer M. de B. com as suas *racines sanskrites?* A p. 14–20 ha um quadro comparativo de nomes geographicos celticos com nomes de egual natureza da India e de paizes intermediarios. M. de B. julgou superfluo remontar para os nomes indios ás suas fórmas sanskritas, salvo algumas excepções. Um tal quadro não tem na sua generalidade direito a ser considerado senão como hypothese atrevida, sobre que é impossivel construir argumentação alguma, mas felizmente desnecessario para provar a origem das linguas celticas. Nas questões onomatologicas, sem duvida, não se chega muitas vezes senão a meras probabilidades; mas como, n'uma questão em que todas as precauções são poucas, contentar-se com meras similhanças de sons? Uma cousa é a onomatologia sanskrita, outra é a onomatologia celtica, embora os elementos fundamentaes (raizes, suffixos) partam para uma e outra do mesmo ponto. Assim a que se chega é a erros muito grosseiros. Por exemplo, M. de B. compara o celtico *Andecavi* com o nome indio *Andaka* (Arriano); ora *Andecavi* é composta da prep. *ande* e de *cavi*. (2) Se olharmos a prep. *ande* como identica ao grego ἀντί, lat. *ante*, got. *ande* (o que faz Glück), a forma sanskrita é *antí;* além d'isso, *Andaka* tem toda a apparencia d'um derivado, e por outro lado que segurança ha na transcripção grega d'um nome indio? (3) Uma comparação similhante só seria permittida depois de ter estudado tanto quanto possivel dentro do sanskrito a etymologia de cada nome indio, recorrendo embora á comparação com as palavras appellativas dos outros idiomas indogermanicos, e determinar assim a raiz do nome proprio; fazer o mesmo para o celtico e por fim vêr se a raiz do nome indio é realmente a mesma do nome celtico. Creio que alguns dos nomes indios e celticos do quadro de M. de B. são realmente derivados d'uma mesma raiz, mas o que falta é a demonstração d'essa derivação. Observaremos ao que diz M. de B., a pag. 47, que das palavras de Diez *(Etymologisches Wörterbuch* I, XVIII s. 2.ª ed. XX s. 3.ª ed.) não se conclue que elle vê realmente influencia celtica nos generos e na declinação do francez, reconhecendo-a, porém, n'outras particularidades.

De p. 63 a p. 81 expõe M. de B. os principios etymologicos seguidos no *Glossaire*: «Le lecteur n'a donc point à craindre dans cette nouvelle confrontation du Gaulois et du Celtique moderne, les ridicules aberrations des celtomanes, qui décomposent minutieusement un mot, pour attacher à la moindre de ses lettres, ne fût-elle qu'une désinence

(1) *Three old irish Glossaries* p. XX-XXVII. London, 1862.
(2) Glück, *Keltischen Namen*, p. 24 ss. Zeuss (ed. Ebel) pp. 5. 867.
(3) A crermos a traducção tão pouco crivel de Langlois, o *Rig-Veda* offereceria o nome de rio *Andjasi*, que se poderia hypotheticamente comparar a *Andaka*.

greeque on latine, une signification plus ou moins arbitraire. Mais aussi que les véritables philologues veuillent bien comprendre à leur tour que j'ai regardé comme une autre exagération de transporter sur un terrain aussi peu solide que celui des vocables gaulois, leur savant système des permutations de lettres et d'affinité qui les régissent dans les révolutions de chaque idiome, ou dans les emprunts qu'ils se font entre eux. Où l'usage qu'en ont fait, pour soutenir des opinions diamétralement opposées, MM. Holtzmann et Léo, a-t-il conduit ces deux savants?» (p. 63.) Assim as primeiras 207 paginas da *Grammatica celtica* de Zeuss foram inutilmente escriptas para M. de B. Emquanto os linguistas se exforçam de estabelecer a marcha da alteração phonetica dentro de cada idioma, buscar os sons fundamentaes de que partiram os sons posteriores, e não acceitar connexão nenhuma de formas que não seja permittida por as leis d'aquella marcha, M. de B. crê as dever pôr de lado esse criterio no estudo da connexão das palavras gaulezas com as dos dialectos celticos modernos, e com que argumentos! Se Holtzmann quiz provar a identidade do gaulez e do germanico, appoiando-se em leis phoneticas, é porque essas leis phoneticas eram imaginarias, não tinham realidade senão no espirito d'aquelle investigador, como demonstrou Glück. As relações phoneticas do gaulez com os outros dialectos celticos foram solidamente reconstruidas por Zeuss, que se serviu principalmente da assás vasta onomatologia celtica que conhecemos. Se as palavras celticas transmittidas pelos escriptores classicos estão geralmente tão alteradas como pretende M. de B., o dever da critica é tractar de as restituir á sua verdadeira forma, como fez Glück para com uma parte dos nomes celticos dos *Commentarios* de Julio Cesar e pelos processos empregados por este sabio, ou então desistir d'uma comparação sem base. Os antigos, apesar do seu horror exagerado por as linguas estrangeiras, apesar de dizerem que acham impossivel ou difficil proununciar palavras celticas, tiveram com os celtas muito intimas relações para não poderem por fim pronunciar bem essas palavras. A estropiação não se extende a todas as palavras d'essa natureza, transmittidas por elles, e provém quasi sempre d'erros de copistas. (1) E vêr em Zeuss a regularidade com que os sons de certas palavras celticas, taes como ellas nos apparecem nos escriptores classicos, são representados nos dialectos celticos modernos. Com taes principios, M. de B. devia naturalmente reduzir-se a apresentar puras hypotheses e opiniões alheias. Em muitos casos essas hypotheses e essas opiniões são acceitaveis, n'outros perfeitamente absurdas, pela incapacidade de as examinar scientificamente em que se collocou o auctor com o seu desprezo das leis phoneticas e mesmo d'outros factos grammaticaes. O que elle faz é, em torno de cada palavra gauleza, agrupar as dos dialectos celticos modernos, ou mesmo d'outras linguas que se lhe parecem *por a fórma* (som) e *por o sentido,* sem tractar mesmo de saber qual seria a

(1) É mister tambem distinguir cuidadosamente os auctores, uns estando mais no caso do que outros de darem as formas celticas com maior fidelidade.

forma primitiva d'essas palavras modernas. Alguns exemplos farão comprehender a que erros o auctor se expoz com o seu methodo, se methodo se póde chamar á falta de methodo scientifico.

M. de B. refere ao baseo *saldu* vender a palavra aquitania *soldurii* (Caes. d. bel. gal. III, 22), que apparece ainda com as lições *siloduni* e *siloduri;* mas a palavra basca é apenas o hespanhol *saldar* (port. idem) que representa o latino *solidare* (vid. Diez, *Etym. Wörterb.* I, 387, 3.ª ed.) As palavras celticas que M. de B. reune são tambem d'origem latina. A proposito de *Peninus* (1) (p. 90 ss.) produz M. de B. o irlandez *benn,* e o gaelico *ben, beinn* monte; mas estas palavras são radicalmente diversas de *penn,* cuja forma irlandeza é *cenn, cen* (Zeuss, p. 85 ed. E.), mencionado por o auctor. Era impossivel phonicamente que d'essa forma irlandeza viesse *benn.* Onde é que M. de B. irá buscar exemplos da mudança de *c* em ant. *b?* A forma com *p* nada tem que ver com o irlandez, onde demais o *p* inicial no periodo antigo da lingua permanece intacto, se não ha causa exterior de alteração (Zeuss, p. 67). Glück indicou já *(Keltischen Namen,* p. 176), o positivo ácerca de *benn,* que apparece já nos antigos nomes gaulezes *Canto-benna, Canto-bennicus,* significava *cornu* (cf. Zeuss, pp. 857 e 87, ed. E.), e se encontra tambem em gallez com a forma *bann.* M. de B. põe em connexão com *leuca,* medida itineraria, a p. 121, o gallez *llech,* armor. *leac'h,* irland. *leac, liacc, leg,* gaelico *leug,* que significam todos pedra (o ultimo pedra preciosa) e o armor. *leo, leu,* que significa *legua,* além d'um irlandez *leige,* dado por o imaginoso O'Reilly. Mas as formas *lech, liac, liacc,* não representam de modo algum *leuca,* mas sim um fundamental *léc,* provavelmente identico a *lic,* que encontramos em Λικίας (Ptol.), *Licus* (Zeuss, p. 151, ed. E.; Glück p. 19). Não está bem averiguado de que modo o antigo diphthongo *eu* se acha representado no celtico moderno, onde o diphthongo *eu* tem outras origens (Zeuss, pp. 35 e 109, E.) Emquanto ao armor. *léô, léu,* a *Grammatica celtica* (p. 109) olha-o com razão como introduzido do francez. Resta o gaelico *leug* (Maelcod, *Dict.,* p. 367), o qual representa a forma *léc* (cf. Zeuss, p. 35); assim no celtico moderno não ha nenhum representante directo do antigo gaulez *leuca.* (2)

Estes exemplos bastam para fazer idea dos processos de M. de B. Agora exporemos resumidamente o plano do *Glossaire.* Comprehende este tres categorias de palavras. 1.ª Palavras que os antigos nos transmittiram com a sua significação, com duas divisões, na primeira das quaes se acham as palavras que os antigos apontam expressamente como gaulezas, e na segunda as palavras não expressamente dadas como taes, mas que parecem indicar sel-o as palavras dos antigos. Acompanha esta divisão um appendice contendo as palavras que por outras razões pódem julgar-se gaulezas. Em cada divisão as palavras es-

(1) M. de B. devia escrever *Penninus.*

(2) Sobre esta palavra temos uma hypothese que publicaremos em os nossos estudos d'*Onomatologia celto-hispanica.*

tão ordenadas pelos auctores que as offerecem e estes chronologicamente. Um trabalho similhante já havia sido feito por Diefenbach no tomo I da sua *Celtica* (1839-1840) e appareceu depois muito melhorado e reunido ás palavras que nos chegaram d'outras linguas antigas não classicas nas suas *Origines Europaeae* (Francfort, 1861. 8.°), formando um lexico de p. 217 a 442. O ponto de partida de M. de B. foi naturalmente o trabalho de Diefenbach, mas elle offerece muito mais palavras gaulezas que este. 2.ª categoria. Palavras de que os antigos não nos transmittiram a significação (palavras que não são nomes proprios), e se encontram nos escriptores, nas inscripções e medalhas; elementos caracteristicos dos nomes proprios d'homens, de povos e de localidades; nomes proprios de que algumas circumstancias nos indicam a significação; lista de diversos nomes proprios interpretados por Zeuss, Glück e Pictet. A parte onomatologica é muito incompleta, considerada mesmo nos limites em que M. de B. julgou dever ficar. M. de B. mostra-nos n'essa parte não se ter compenetrado dos principios de formação das palavras gaulezas expostas na *Grammatica* de Zeuss, e, seguindo aqui os antigos processos celtomanos, quer achar palavras independentes nos suffixos *inc* (p. 359), *acus* (p. 364), *illus, iscus,* (p. 368). É escusado dizer que as explicações de M. de B. não são de modo algum applicaveis a todos os casos em que apparecem esses suffixos. M. de B. confunde ainda themas diversos como *dubrum* e *duro* (em *Durius, Duranius).* Este *duro* (que M. de B. em razão distingue de *dûro,* com *u* longo em *Octadurus;* etc.) liga-se a uma raiz *dru* correr (vid. Pott, *Wurzel-Wörterbuch,* I, 1063 ss.), emquanto *dubr*, gallez mod. *dwfr* agua, não pode de modo algum ligar-se a essa raiz, mas se liga talvez a uma raiz *dub* profundum esse, que tambem se encontra no celtico *dubno* (vid. Glück, *Keltischen Namen,* p. 68 ss.). (1)

O volume termina por uma classificação das palavras juntas no glossario e conclusões; ora conclusões geraes não ha nenhumas novas na obra; emquanto a conclusões novas de detalhe acceitaveis são poucas talvez, e não nos julgamos competentes para as discernirmos completamente.

O auctor estabelece no prefacio as relações d'esta edição para a primeira. As addições e principaes mudanças consistem em: Alguns vocabulos gaulezes d'um pequeno glossario descoberto em Vienna, por Endlicher, em 1836, e apenas mencionado n'uma nota de Zeuss p. 13 (1.ª ed.); as inscripções gaulezas descobertas ou reconhecidas depois da publicação da primeira edição e entre ellas uma que M. de B. crê ignorada de todos os celtistas; a lista dos nomes proprios interpretados por Zeuss, Glük e A. Pictet; a recapitulação dos resultados gram-

(1) Cf. o ant. alto allemão *tiufi* no sentido de alveus, vada (Graff, *Althochdeutsches Sprachschatz* V, 389 s.). A. Pictet *(Nouveau essai sur les inscriptions gauloises*, p. 11), põe em connexão com *dubro, dubra*, um sanskrito *dabra*, mar, em logar do qual encontramos nos diccionarios sanskritos que temos á mão apenas *dambhra*, o enganador, ou damnificador, como designação do mar, raiz *dambh* enganar, damnificar, palavra que, ao que parece, nada tem que ver com a questão.

maticaes obtidos pelo estudo das inscripções gaulezas; a suppressão de parte da discussão com Holtzmann, substituida por uma discussão com Künssberg; numerosas rectificações na interpretação dos monúmentos epigraphicos, nas aproximações entre as palavras gaulezas e as dos idiomas celticos modernos, em que o auctor aproveitou o *Lexicon cornu-britannicum* de R. Williams e os ultimos trabalhos de Stokes, O'Donovan, Ebel, Becker, Pictet, A. de Jubainville, etc. Por esse mesmo prefacio sabemos que o livro de M. de B. foi criticado na primeira edição por homens competentes sob o mesmo ponto de vista em que o examinamos aqui, o que não fez seguir o auctor melhor caminho. Assim o seu livro ficou apenas uma collecção de materiães para o estudo do antigo gaulez e não um verdadeiro trabalho scientifico.

F. A. C.

20.—**Ensayo histórico etimológico filológico sobre los apellidos castellanos,** por D. José Godoy Alcántara, Individuo de número de la Real Academia de la História, obra que obtuvo el premio en certámen abierto por la Academia española. Madrid, Imprenta y estereotipia de M. Rivadeneyra, 1871. In 8.° 280 pp.

Emquanto no lexico do hespanhol e do portuguez o elemento celtico, o elemento basco, o elemento germanico e o elemento arabe e principalmente os dous primeiros são pouco consideraveis, no onomastico d'aquellas linguas a parte de cada um d'esses elementos e principalmente do germanico é muito importante. Será muito difficil reunirem-se n'um mesmo sabio conhecimentos scientificos assaz extensos do basco, do celtico, do latim, do germanico, do arabe, para não fallar d'outras linguas que teem apenas um pequeno numero de representantes no onomastico peninsular, para poder fazer esse onomastico sob o ponto de vista etymologico. A marcha a seguir seria fazer primeiro um onomastico sem aspirações scientificas, o menos incompleto possivel, reunindo primeiro que tudo os nomes de pessoas e logares contidos em os documentos e monumentos da edade media e juntando as riquezas fornecidas pelos registros de parochias, de concelhos, etc., ordenando tudo alphabeticamente e dando cuidadosamente a fonte e epocha de cada nome; sobre esses materiaes trabalhariam depois facilmente os sabios especialistas. Emquanto não se podésse fazer um semelhante onomastico bom seria ir preparando onomasticos particulares de archivos, provincias, epochas, etc., geographicos ou de nomes proprios, como se teem feito principalmente na Allemanha, e do que em a Peninsula ha poucos exemplos, se exceptuarmos os diccionarios geographicos, e rarissimos sobretudo com um fim puramente onomatologico. E' escusado fazer sentir a importancia de taes trabalhos para as investigações historicas e linguisticas. Que multidão de relações se não descobririam por esse meio!

Propondo ha dous ou tres annos no seu programma de concurso

um premio para um ensaio historico-etymologico sobre os appellidos castelhanos, a Academia Hespanhola deu um bom exemplo e um primeiro passo para a inauguração dos estudos onomatologicos peninsulares; premiando o livro de Mr. Godoy ella mostrou, porém, contentar-se com pouco. Esse livro pelas suas pequenas dimensões, pelo seu plano não é effectivamente, no que respeita a materias, senão uma pequenissima contribuição para o onomastico castelhano; as indicações das fontes e epochas só n'elle são dadas excepcionalmente, de modo que não dispensa nenhuma investigação posterior. No que respeita ao lado linguistico, etymologico da obra, o auctor mostra-se ignorante do methodo d'este genero d'investigações e descobre-nos não ter estudado ou mesmo consultado os trabalhos que mais necessarios eram para as suas investigações. Comquanto elle alluda aos trabalhos de Förstemann e Grimm, parece conhecel-os apenas de nome, como se vae vêr; a pag. 121 diz até explicitamente: «*Hugo*, del tudesco *hug*, intelligente, segun Augustin Thierry, *que sigue la opinion del gramático Grimm.*» Ora isto não é nada lisongeiro para um membro da Academia Real de Historia de Madrid. Eis algumas provas da sua ignorancia de methodo e dos trabalhos linguisticos.

O snr. Godoy suppõe que os patronymicos castelhanos em *ez* se originaram de genitivos latinos, isto é, do mesmo modo que os patronymicos italianos em *i*, de modo que de *Ferrandus* se derivaria *Ferrandizi* e d'este por apocope do *i Ferrandez;* de *Froila Froilazi, Froilaz,* etc. Mas aonde acha o snr. Godoy esse typo de genitivo em *izi, azi* etc., em latim? O auctor dá-nos uma explicação commoda: «Pero los demas españoles (fallara dos baseos) siguieron, como los franceezes é italianos, el genitivo latino (na formação do patronymico) dandole la forma ruda y arbitraria propía del período que su romance atravesaba, primera época delas dos en que el Sr. Monlau ha dividido la formacion de los idiomas neolatinos, y que ha calificado de popular, tosca, al parecer tumultuaria y anárquica, pero logica y profundamente orgánica, destructora de la declinacion latina, poco ó nada escrupulosa en quitar ó añadir, permutar ó trasponer letras.» (pag. 15.) Com taes principios tudo se explica e os trabalhos de Diez e da sua eschola ficam reduzidos a sonhos de visionarios. O que o mestre disse sobre o patronymico hespanhol (*Etymologisches Wörterbuch* I,[3]XV; *Grammatik* III,[2] 136 n.*) não vale por isso nada. (1)

Sem duvida os nomes proprios estão sujeitos a muitas transformações, sem duvida operaram-se n'elles alterações profundas, que não se encontram n'outras classes de palavras, principalmente nas formas hypocoristicas; mas essas alterações não são puro capricho do acaso ou resultado do mero arbitrio do que falla; ao contrario descobrem-se n'ellas tendencias geraes, leis mais ou menos regulares. (2) A aphérese

(1) Cf. as objecções de Pott, *Personennamen*, p. 563 (2.ª ed.).

(2) Vid. o interessante estudo de M. Robert Mowat, *De la déformation dans les noms propres*, nos seus estudos *Noms propres anciens et modernes*, p. 41 ss.

e a apocope de syllabas são aqui os processos mais frequentes, junto com processos phoneticos usuaes; mas a indueção restabelece as formas primitivas. É assim que os nomes proprios franeezes *Linard, Linet,* se ligam a *Colin* por meio dos derivados *Colinard, Colinet* (Mowat, p. 56), *Melon* a *Samuel* por meio dos intermedios *Samuelou, Samelon.* Desconheeendo, porém, os principios da onomatologia eomparada, e sabendo apenas que taes alterações existem, o snr. Godoy pretende muitas vezes derivar d'um mesmo thema nomes radicalmente distinetos; assim, por exemplo, liga a *Florez,* patronymico de *Floro, Froila* que é germanico, como se pode ver em Förstemann, *Namenbuch* I, 414; deriva do mesmo thema germanico *Guarnerio (Varnerio)* e *Arnaldo,* nomes radicalmente distinetos; pois o primeiro é composto: *Varinheri* (Förstemann NB. I, 1268), e o seu primeiro elemento consiste d'um thema *varin,* que não pode ser de modo algum confundido com o thema *arin* de *Arnoald, Arnoldo Arnaldo* (ibid. p. 118). Extractaremos duas das series do snr. Godoy, para se ver a facilidade com que elle procede nas suas etymologias. Segundo elle, o nome *Hermengildo* transforma-se em: «*Hermegildus, Ermigildus, Gildo, Ermegeldus, Ermezildus, Ermengillus, Hermegillus, Ermeilla, Ermildo, Ermillo, Armillo, Ermigius, Ermius, Hermenendus, Menendus, Menindus, Manendus, Mecndus, Mendus, Melendus, Belendus, Melendro, Melend, Melen, Meen, Men, Mene, Menen, Menitius, Meneutius, Menzius, Hermenegaudius, Ermengaus, Ermengau, Armengual, Amengual, Gual, Hermengotus, Ermengod, Armengod, Armengol, Armingol, Ermeugal, Armigot, Ermegot, Ermego,* com sus femeninos *Ermengarda, Ermegudia, Ermesenda, Armesende, Ermessindis, Menenza, Menzia, Menza,;* de donde se derivaun los patronymicos: *Hermenegildez, Gildez, Gilez, Ermeguildez, Hermildiz, Hermildez, Armildez, Ermeildez, Ermeilidez, Ermillez, Armillez, Almindez, Ermendes, Ermigiz, Ermiz, Menindiz, Meneudez, Medendiz, Mendiz, Meudez, Melendez, Belendez, Menez, Menezo,* confirmante de escritura del 921 en el libro gótico de Cardeña, *Meneses, Menendieziz.* Bajo el pastoril pellico redújose este nombre á *Gil,* y *Gila,* (p. 31 ss.).» Do latim *Sutor* proviriam: «*Suerius, Suerio, Suario, Soario, Suaru, Suer, Zuar, Sueyro, Seyro, Suavarius, Savarius, Savario, Suarigus, Sabargus, Sabaricus,* obispo de Gerona em 688, *Savariegos, Asurio, Assur, Ansur, Asuero, Asovo, Ossorus, Osoyro, Osorio, Usuer, Sueriz, Suerez, Soariz, Soarez, Suarit, Suariz, Suarez, Xuarez, Juarez, Suvarez, Ovarez, Savariz, Savariquiz, Savariguiz, Assuri, Assudi, Asorey, Assuriz, Ansuriz, Ansulez, Osueriz, Osoriz, Osoirez, Vsoris, Osorez* (p. 176).» Ha sem duvida n'essas listas muitos nomes que não são mais que variantes phoneticas e até ás vezes puramente orthographicas d'outros; mas que confusão de nomes perfeitamente distinctos! Por exemplo, em *Hermengildo* (melhor orthographia *Ermengildo)* e *Her-*

Paris, 1859. Para as linguas germanicas vid. principalmente Franz Stark, *Die Kosenamen der Germanen,* Wien, 1868; Ludwig Steub, *Die Oberdeutschen Familiennamen* (München, 1870), p. 33—65.

mengarda (Ermengarda) ha sem duvida um elemento commum *ermin* =germ. *irmin* (forma fundamental: *armin*, em ant. *Arminius*, etc.), mas os elementos *gildo* (=*gald* Förstemann, NB. I, 463) e *gard* (ibid. 490) são distinctos. *Ermenendo*, a que se ligam por apherese *Menendo*, etc., parece um nome formado do mesmo thema *irmin*, como *Berethinda* (Förstemann I, 780) de *berehta* (ibid. 239), como *Hartind* (ibid. 608, 780), de *hart* (ibid. 604 ss.), etc. Mas a mais grosseira das confusões da primeira lista é de *Gil, Gila, Giles*, etc., com *Hermengildo*, quando *Gil* já ha muito que foi apontado com razão como uma simples variante phonetica e popular de *Egidio* (=*Aegidius*). Vid. Diez, *Grammatik* I,[2] 219; Pott, *Personennamen*, p. 118 (2.ª ed.). Pelo que respeita á segunda lista que extractamos do snr. Godoy, diremos apenas que *Ansur, Assuero*, pertencem, segundo todas as probabilidades, ao thema germanico *ans* (Förstemann, NB. I, p. 101 ss. e principalmento 111) e *Suario Sueiro*, etc., ao thema tambem germanico *swar* (ibid. 1134), como Diez já indicou (*Grammatik* I,[2] 284).

Vejamos agora pois o que resta para a sciencia no livro do snr. Godoy e vejamos o plano da sua obra.

O cap. 1.º escripto com o estylo emphatico e conceituoso que o hespanhol não abandona nunca tracta dos nomes proprios em geral. O segundo, o mais interessante do livro, versa sobre a historia do appellido castelhano. O auctor busca nos documentos mais antigos da edade media os primeiros exemplos do patronymico em *ez, iz* e vae vendo como o uso d'essa fórma foi pouco o pouco contrabalançando a influencia latina; busca tambem nos documentos como os appellidos de differentes naturezas (geographicos, provenientes dos cargos e officios, de apodos, etc.), foram entrando tambem em uso até que este se fixou finalmente. O cap. 3.º dá uma collecção de appellidos formados com nomes de nomes proprios de pessoas. O quarto reune exemplos de appellidos resultantes das crenças religiosas, ou de denominações de dignidade, cargos e officios ecclesiasticos. O quinto dá uma série de appellidos formados por designações de classes nobres, por o brazão e por dignidades, cargos e empregos civís e militares. O sexto consta de exemplos de appellidos derivados do estado e condição das pessoas, da edade, parenteseo, profissões e officios, defeitos, qualidades e circumstancias pessoaes, nomes de animaes e apodos. O setimo estuda o uso da particula *de* antes do appellido. O oitavo tracta de appellidos estrangeiros e n'elle pretende o snr. Godoy, por exemplo, que o nome hespanhol (e portuguez) *Maldonado*, de que já acha o emprego em 1228, seja o irlandez *Mac-Donald*, sendo como é aquelle nome composto de *mal* e *donado* (Pott, *Personennamen*, pp. 199, 562). O snr. Godoy apresenta uma forma gallega syncopada *Maldoado*. Emquanto á forma *Maledolatus* é uma latinisação influenciada por *dolum*, ou então temos que ver aqui uma mudança simples de *n* em *l*, na qual influenciaria talvez a etymologia popular. A forma *Maledolatus* não prova, demais, nada a favor da etymologia irlandeza. Seguem-se seto notas. I. Documentos apócrifos ó de autenticidad contestable del siglo

VIII, en que se hallan nombres con apellido patronímico. II. Ejemplos de doble denominacion. III. Inventarios de siervos (documentos muito interessantes, publicados, segundo eremos, pela primeira vez). IV. Sobre las causas de mudar apellido. V. Sobre los apellidos que se supponiam de procedencia romana, y latinizacion de los de la lingua vulgar. VI. Nombres geográficos de España más usados en apellidos. VII. Sobre el uso de beber vino en nuestra Edad Media.

O livro do snr. Godoy, estando, pois, como está, muito longe de satisfazer ás exigencias da sciencia, offerece certo numero de factos aproveitaveis e despertará talvez na Hespanha o gosto pelos estudos onomatologicos; o unico perigo que póde produzir é dar um pessimo exemplo emquanto ao methodo, tanto mais nocivo quanto o auctor é um dos mais considerados membros da Academia de Historia o a Academia Hespanhola coroou a obra.

F. A. C.

BOLETIM

—Esperamos em breve poder começar a dar regularmento um boletim assás completo das principaes publicações (livros e jornaes) do dominio da *Bibliographia critica*.

—Foram-nos enviadas as seguintes publicações de que fallaremos em breve: *Analyse der französischen Verbalformen für den Zweck des Unterrichts*, von dr. Lüeking.—*Euphonie sanskrite*, par M. Abel Hovelaeque.—*Sur la primordialité du r vocal sanskrit*, par le même.—*Les derniers travaux relatifs aux Bohémiens dans l'Europe orientale*, par M. Paul Bataillard.

—A's linguas e litteraturas romanicas são actualmente consagradas na Europa as seguintes publicações periodicas: *Jahrbuch für romanische und englische Litteratur*, publicada por o dr. Lemcke, professor na Universidade de Giessen (Leipzig, Teubner) 4 fasciculos por anno e (está em publicação o XIII volume); — *Revue des langues romanes*, publicé par la *Société pour l'étude des langues romanes* (numeros trimensaes do 80 paginas pelo menos). — *Romania* (vid. os artigos n.os 2 e 12 da *Bibliogr. crit.*).—*Rcvista di filologia Romanza* directa da L. Manzoni, E. Monaeci, E. Stengel, tambem trimensaes, fasciculos de 64 pag. pelo menos em 8.° (Ermanno Loescher, Roma, Turim, Florença). Além d'estas ha duas publicações importantes, sahindo com intervallos não determinados.—*Archivio glottologico italiano* diretto da G. I. Ascoli (Ermanno Loescher), de que devemos á amizade d'este illustre professor de Milão o tom. 1.° que acaba de se completar e contém um trabalho profundo e completo d'este sabio sobre a phonetica dos dialectos ladinos. Consagrar-lhe-hemos aqui brevemente um estudo miudo e folgamos de ser um dos primeiros a dar esta boa nova.—*Romanische Studien* publicados por Böhmer em Halle. Muitos jornaes de França, Allemanha, Inglaterra, Italia, etc., consagram frequentemente artigos mais ou menos importantes a estes estudos. Em Portugal a importancia dos estudos romanicos ainda não foi verdadeiramente comprehendida senão por dous ou tres estudiosos.

—A Italia está contribuindo consideravelmento aos estudos philologicos. Além das duas publicações annunciadas sácm, no dominio d'estes estudos, os seguintes periodicos:—*Propugnatore*, cujo director é o snr. Zambrini (Bolonha, Romagnoli);—*Rcvista filologica litteraria*;—*Revista di Filologia e d'istruzioni classica*, Direttori: Prof. Giuseppe Müller, Prof. Domen. Pezzi (fasciculos mensaes de 48 pp. 8.°).

21.—**Historia da Litteratura portugueza**, por Theophilo Braga. —Introducção. Porto, Impr. Portugueza—Edit. 1870, 1 vol. em 12.° VIII-356 pp.

Theoria da historia da Litteratura portugueza. Dissertação para o Concurso da 3.ª cadeira (Litteratura moderna e especialmente a Litteratura portugueza) do Curso Superior de Lettras, pelo mesmo. Porto, Ibidem, 1872. 8.°, 102 pp.

Não ha povo nenhum na Europa civilisada que tenha tão pouco interesse como o portuguez pelas suas antigas cousas, que busque tão pouco como elle saber o porque e o como da sua existencia nacional, ter consciencia da sua obra e do seu genio. Alguns logares communs patrioticos e declamatorios, um certo numero de nomes a que se ligam juizos hereditarios bastam em geral para contentar este povo ácerca do seu passado. Quando, por um acaso excepcional se publicam trabalhos como a *Historia de Portugal* do snr. Alexandre Herculano, se o auctor é bem conceituado e tem reputação, alcançada não pela sua sciencia mas por outros meios com que a dignidade do escriptor sempre padece mais ou menos, o livro é comprado, mas não é lido e muito menos discutido e julgado; se o auctor não pertence ás confrarias litterarias e não se apresenta com um diploma academico, a sua obra não é sequer comprehendida e elle sujeita-se a ser o objecto das palhaçadas insultuosas dos jornalistas ignorantes.

Tentar fazer um trabalho sério n'este meio é ter um heroismo sem recompensa possivel e, em parte, fazer uma obra inutil, já porque não aproveita a este povo immobilisado, já porque as difficuldades com que luta quem trabalha, o isolamento em que vive, tornam-lhe impossivel não só abrir novos horisontes para a sciencia, mas ainda ser perfeito na applicação dos methodos e principios já descobertos ao estudo das cousas do nosso paiz. A critica que quer só vêr os solidos resultados, o progresso constante arrisca-se a ser injusta para os que trabalham em semelhante meio, não distingnindo entre a obra e o homem, porque aquella póde ser cheia de imperfeições e erros, mas quando vista á luz d'esse meio revelar uma grande intelligencia e uma vontade rara.

Estas considerações assaltaram-nos espontaneamente o espirito ao começarmos a escrever sobre a *Historia da Litteratura portugueza* do snr. T. Braga, do que 11 volumes viram a luz no curto espaço de dous annos. Não é difficil achar n'esses 11 volumes erros graves, contradicções, appreciações falsas que, sendo a unica cousa que n'elles houvesse, desacreditariam por certo o auctor. Mas isso é a menor parte; a maior parte das paginas d'esses livros são provas inabalaveis da perseverança do auctor no trabalho, da sua já larga erudição e fina penetração. O auctor manifesta n'elles os dotes necessarios a um bom historiador litterario. Busca sempre os pontos de vista elevados, tracta de examinar os phenomenos litterarios sob o ponto de vista genetico, comparativo, historico e physiologico, isto é, tracta as questões no mais largo campo a que a sciencia do nosso tempo as levou, campo inteira-

mente desconhecido até elle em Portugal, onde os que escreviam sobre litteratura estavam ainda abaixo de Marmontel e Laharpe.

Póde dizer-se que o estudo da historia da nossa litteratura foi elle quem o fundou entre nós. Os ensaios anteriores que havia da mão de portuguezes nem merecem ser mencionados; os estrangeiros que tractaram da nossa litteratura estavam collocados sob um ponto de vista mais ou menos elevado, mas longe das fontes, e não fazendo da nossa litteratura senão o objecto d'um estudo accidental, a poucos resultados chegaram, fornecendo-nos ainda assim cousas muito aproveitaveis.

A *Historia da Litteratura portugueza* é muito irregular. Vê-se que o auctor não digeriu sufficientemente os seus materiaes, tractou muitas vezes questões que não tinha bem estudado, mas de que era forçoso dizer alguma cousa desde o momento em que os livros deviam ser impressos; reconhe-se perfeitamente que prepara muito precipitadamente os seus livros para a impressão, que vem fazer em parte a sua educação scientifica deante do publico, e revelar todas as indecisões, contradicções, apalpadellas que ha na primeira fórma d'um trabalho da ordem do seu.

A *Introducção* é de todos os volumes da *Historia da Litteratura portugueza* o que menos valor tem o aquelle em que se revela mais quanto o auctor tem tido que lutar contra uma falsa educação intellectual, adquirida em livros em que junto com observações excellentes, ideas perfeitamente aceitaveis se encontram os maiores tresvarios da imaginação, o mais completo abuso de pretendidas faculdades intuitivas. Esses livros agitaram a nossa mocidade ha cerca de 15 annos para cá e crearam meia duzia de nullidades pertenciosas, que suppondo-se cheias d'um espirito synthetico formado não se sabe como, não se dignam descer ao estudo sério dos factos e não fazem mais que repetir o que outros disseram ou accumular absurdos dourados com grandes palavras. (1)

Tal foi tambem a primeira direcção do snr. T. Braga, como revelam os seus primeiros livros, e tanto maior honra lhe cabe em ter comprehendido depois o verdadeiro caminho e tratar de marchar n'elle com segurança. A sua *Introducção* mostra perfeitamente a luta entre as duas tendencias.

§ I. *Das raças e suas creações artisticas.* O auctor quer mostrar que influencia tem as condições physicas: o clima, a configuração do solo, o temperamento e raça sobre o genio das nações, que se reflecte nas litteraturas, e applicar as suas observações a Portugal. E' um § de caracter quasi puramente geral, em que os factos e as conclusões giram desconnexas n'um syncretismo completo, uma digressão emfim de caracter mais humoristico que demonstrativo. Hoje ninguem duvida d'essas influencias, mas determinar até que ponto ellas vão, o que

(1) Esta tendencia falsa teve, porém, um merito: contribuiu para lançar por terra a auctoridade academica e mostrar que havia alguma cousa além do que por cá tinhamos. Foi demolidora, apenas; era mister construir: ora o que nos tem dado os que ficaram obedecendo-lhe?

se deve ao clima, o que se deve á raça, etc., eis o que é, em grande parte impossivel, pelo menos actualmente; por isso, as conclusões do § pelo que respeita a Portugal são insignificantes. O auctor repete a observação do Stendhal sobre o temperamento bilioso melancholico dos portuguezes, que elle pretende derivar de causas physicas cujo exame não nos compete e insiste, com razão, sobre o caracter amoroso dos nossos compatriotas. A maior parte das observações contidas no § não são novas; outras originaes tem seu valor e algumas são completamente erroneas e provam-nos, como muitas passagens do livro, que o auctor não está ao corrente dos estudos ethnologicos e linguisticos. A seguinte caracterisação do genio portuguez é excellente e revela o observador perspicaz: «A feição, a essencia do caracter portuguez é uma hesitação constante, incapacidade de uma determinação prompta, que faz o povo soffredor, contemporisador e visionario, sem espirito de empreza, nem instincto industrial. Tiraram-lhe os conventos, contrariaram-lhe o genio solitario, acabou o direito de conquista, cessou o genio de aventura e ficou miseravel.» (p. 8 e seg.) Alguns periodos como este absolvem em parte o auctor d'erros como os seguintes: «Os sentimentos da grande alma indiana apparecem alli (no germano) como as qualidades physicas e moraes de um avô se vão reproduzir no quarto ou quinto neto.» (pag. 6.) A comparação é insustentavel, porque o germano não é de raça indiana. A raça da India foi constituida pela mistura de emigrantes da raça aryaca com povos que os precederam n'aquella região, assim como a raça germanica se constituin pela mistura d'outros emigrantes aryacos com diversas raças que se lhes assimilaram; d'ahi principalmente as variantes no fundo commum que prevalecem em todos os ramos da grande familia aryaca ou indogermanica. «Blumenbach, *Unidade da especie humana*, considera o Negro retinto e o loiro dinamarquez como provindos do mesmo tronco. Uma distancia de gráos modificou as nossas ideas eternas do bello, abre um abysmo entre a *Venus de Milo* e a *Venus Hottentote;* dá-nos uma glottica mais perfeita e harmoniosa, e a abstracção da linguagem traz o habito da cogitação.» (pag. 7.) O auctor faz-se aqui momentaneamente, crêmos, monogenista para fazer passar um enorme absurdo. Pois essas differenças physicas, intellectuaes e linguisticas são explicaveis só pelo simples facto das distancias geographicas? Porque é então que os laponios não teem a mesma lingua e o mesmo genio que os scandinavos? Admittindo mesmo o velho dogma da origem commum das raças, era mister dar á evolução ou desdobramento moral, intellectual e ao linguistico correspondente toda a sua importancia e não o derivar puramente das condições geographicas e climatericas. A observação accumulada sobre a observação, a experiencia sobre a experiencia, constituem um ensino perenne que nos dá melhor que outra cousa a chave d'essa evolução. A capacidade de aproveitar essa auto-didactica, de chegar apenas por meio d'ella a uma phase mais ou menos scientifica, é um caracter de raça já mais difficil do explicar. O que significa: «a abstracção da lin-

*

guagem traz o habito da cogitação?» A pag. 19 o auctor fallando das invasões dos normandos diz que ellas deixaram em a nossa lingua grandes vestigios e n'uma nota accrescenta que o portuguez conserva para cima de cem palavras de origem scandinava. O que ha de falso n'esta asserção vêl-o-hemos ao examinar *As Epopêas mosarabes* do auctor, em que apresenta uma lista d'aquellas palavras. A pag. 26 o auctor apresenta, como conjectura, que os iberos sejam os pelasgos repellidos do Mediterraneo; a pag. 34 essa conjectura, por uma das incoherencias frequentes no livro, transforma-se em facto positivo. No seu livro *Estudos da edade média*, n'uma tentativa muito infeliz sobre o Deus *Endovelico*, apresentára já o snr. T. Braga essa hypothese que carece completamente de fundamento e a que fôra levado, ao que parece, por uma identificação de *Endovelico* com o grego Ἐνυάλιος, absurda perante a phonetica e a mythologia comparada. E que tem Ἐνυάλιος que vêr de particular com os pelasgos? (1) O auctor devia ter evitado tocar em questões cujo estado actual elle evidentemente ignora. Sobre os pelasgos, sua origem e o seu nome tem-se andado ás apalpadellas e as conjecturas apresentadas sobre elles são muito contradictorias. Ultimamente o snr. Richard Pischel publicou no *Zeitschrift* de Kuhn (Band. XX, 369-379) um artigo em que o mais rigoroso methodo, é, segundo a nossa convicção, empregado e em que conclue que Πελασγοί é uma alteração de *Parasjas*, significando «os que vão para a terra d'além» e que elles eram apenas os mais antigos representantes do povo hellenico.

Diz o snr. T. Braga que a fusão dos pelasgos com os iberos foi procurada por elle em o nome *Endovelico* «apesar de estar alterado pelos historiadores romanos». Mas quaes são esses historiadores romanos que citam o nome, que, crêmos, apenas se encontra em inscripções?

O snr. T. Braga é tambem extranho ás recentes investigações sobre os iberos, (2) e acceita sem escrupulo algumas das falsas opiniões de Humboldt. «A influencia da lingua gothica sobre a formação da lingua portugueza é profunda, se derivarmos o moderno artigo do Evangelho de Ulphilas e não do arabe.» (pag. 40.) Este periodo mostra o auctor alheio aos estudos realisados até á data da sua publicação no campo das linguas romanicas; sabemos, porém, que hoje elle não escreveria essas palavras. «As linguas, como disse Vico, tornam-se falladas perdendo a gaguez no canto.» (pag. 37.) Esta idea repete-se muitas vezes nos livros do auctor e no que analysamos acha-se ainda a pag. 2 e 92 com applicação ás linguas romanicas. «A nacionalidade portugueza (queria dizer a formação da nac.) coincide com a formação das linguas neo-latinas, que soltaram a sua gaguez pelo canto

(1) Na Iliada, Ἐνυάλιος é apenas um epitheto de Ἄρης. Só mais tarde é que se fez de Ἐνυάλιος um filho ou auxiliar de Ares. Vid. Preller, *Griechische Mythologie, I, 62. 2te Aufl.*

(2) Bladé, *Etudes sur l'Origine des Basques.* Paris, A. Franck, 1869, in-8.° etc.

das epopêas legendarias.» «O canto dos jograes veio soltar da sua aphonia as linguas neo-latinas, tornal-as communicativas, escriptas... Todas as linguas começam pelo canto...» O auctor abusa das palavras. O que significam gaguez, aphonia das linguas? Absolutamente nada, pois as linguas são constituidas de sons articulados e bem determinados e a gaguez está, não nas linguas, mas n'um ou n'outro individuo que as falla. Havia aqui, porém uma idea verdadeira que o auctor por ignorancia dos factos não soube exprimir, ficando-lhe no papel apenas um desproposito: os cantos, que a tradição transmitte, são o primeiro instrumento de cultura da linguagem, e o primeiro monumento para a fixar e determinar no syncretismo e multiplicidade de formas da sua phase puramente fallada; propagando-se de logar em logar vão fornecendo typos que põem obstaculo á producção indefinida de phases dialectaes. Que quer dizer o snr. T. Braga com a pretendida coincidencia da formação da nacionalidade portugueza com a das linguas romanicas? A palavra formação applicada ás linguas modernas, com quanto muito empregada, é um termo inteiramente inscientifico e que leva a uma falsa idea d'essas linguas. O que se chama linguas modernas não são mais que phases actuaes de linguas antigas, resultantes d'uma transformação continua, mais ou menos consideravel segundo as epochas e em virtude de condições accidentaes, ou exteriores á linguagem. Fallando, pois, da epocha da formação das linguas romanicas não póde significar-se por essas palavras senão a epocha em que as variedades dialectaes nascidas no campo da lingua latina se distinguiam já por caracteres essenciaes do latim classico. Mas onde ir buscar esses caracteres e achal-os uniformes e geraes? Supponhamos que olhamos como caracter essencial para essa determinação a perda completa da distincção dos casos dos nomes; n'este caso o francez ter-se-hia formado no seculo XIV e o portuguez, o hespanhol e o italiano n'uma epocha anterior, que a falta de documentos não permitte determinar. O facto é que no momento da invasão barbara o latim vulgar se distinguia já profundamente do latim escripto e que as alterações posteriores não fizeram mais que continuar a evolução a que o latim estava condemnado em virtude das suas leis phoneticas e principalmente das revoluções da sua prosodia que deram ao accento toda a importancia. Pretender que essa revolução de seculos se gerou n'um momento dado, é ir contra todos os factos e todas as inducções. «Com a lingua arabe veio o gosto de poetar, e o verso octosyllabo do povo é por alguns eruditos modernos considerado como de origem arabe na sua prosodia.» (pag. 41.) O snr. T. Braga não discute essa opinião, a que, veremos, concede muito no seu livro *Epopêas da raça mosarabe;* todavia ella está em completa opposição com a idea scientifica do desenvolvimento organico, do seio do latim, das formas metricas das linguas romanicas e pertence a uma escóla de investigadores ainda eivada das ideas mechanicas do seculo XVIII. «As linguas neo-romanas têm um caracter commum; o jogral cantando de terra em terra faz-se entender por toda a parte, mudando a accen-

tuação das palavras.» (pag. 43.) Outro erro resultante da falta de estudos linguisticos. O que ha precisamente de commum na phonetica das linguas romanicas é o logar do accento. Transforme-se uma palavra latina de quaesquer modos nas linguas romanicas: a vogal sobre que recahia o accento, modificada embora na qualidade ou diphthongada, ha de permanecer com esse accento em todas essas variantes. Assim o latim *tarātrum* soa em francez *tarière* e em portuguez *trado*, mas o *ié* accentuado do francez representa o *a* accentuado do latim, do mesmo modo que o *a* da palavra portugueza. Não era, pois, mudando o accento das palavras que o jogral se faria entender fóra da sua terra.

§ II. *Genio dos mosarabes em Portugal.* «Qual será o genio artistico do povo portuguez? Como se poderá determinar n'esta fixação das nacionalidades da Europa moderna? Quaes as raças primitivas que se fundiram, para produzir este povo...?» (p. 47.) A solução apresentada pelo snr. T. Braga a estas questões, em verdade já de si mal enunciadas, está bem longe de ser methodicamente deduzida dos factos; ainda mais, os factos capitaes de que se devia partir parecem ser apenas conhecidos muito superficialmente pelo auctor. O snr. T. Braga parte da idea de que o fundo da nação portugueza é constituido principalmente por individuos da chamada raça mosarabe, idea sobre que deu bastante luz pela primeira vez o snr. Alexandre Herculano na sua *Historia de Portugal;* mas o que diz ácerca da organisação ou elementos da sociedade mosarabica está em contradicção com muitos factos positivos. Segundo o snr. T. Braga, feita a conquista arabe, a sociedade visigotica dividiu-se em duas partes: a classe nobre, que se refugiou para as Asturias, e o godo *lite,* que ficou emancipado no meio do vencedor semita, a quem só era devedor de certos tributos. «O imperio dos Wisigodos na Peninsula caiu no dia da batalha de Guadelete; alguns restos que escaparam da catastrophe, e que o orgulho heraldico não deixava submetter-se ao jugo sarraceno, refugiaram-se para as montanhas das Asturias, commandados por Pelagio. D'aqui em diante temos fóra da acção o *godo nobre,* que vaga solitario, creando forças e continuando a desnaturar-se ao contacto das povoações ibericas com quem convivera durante o desterro voluntario. (p. 51.) O godo *lite,* que tanto soffria com os que servia como poderia soffrer com os que entravam á força, levado pelo amor que o prendia á terra de que o tinham tornado adscripticio, deixou-se ficar, esperando o rigor do novo dominio arabe.» (p. 52.) E' triste que um homem do talento do snr. T. Braga podesse escrever taes erros, quando centenares de documentos e passagens de antigas chronicas, d'accordo com a opinião dos melhores historiadores, nos provam que na sociedade mosarabica continuaram a existir as classes nobres junto das classes servas, que em summa a sua organisação era no essencial a mesma que a da sociedade gotica no momento da conquista arabe. Apenas *algumas* familias nobres se refugiaram nas Asturias, e foi uma traição da parte da classe *nobre* e da ecclesiastica que deu a Hespanha aos arabes. Como poderá o snr. Braga

explicar a existencia dos condes christãos á testa dos municipios mosarabes? (1) Não repetiremos os factos reunidos pelos historiadores que provam a falsidade da opinião do auctor e indicaremos apenas um menos citado. Os patronymicos formados com a palavra arabe *Ibn,* que caracterisam os individuos da sociedade mosarabica, eram tambem empregados por nobres. (2) Mas que elementos constituiam pois o mosarabe? O snr. Braga não vê n'elle senão o godo *lite;* o snr. Herculano diz: «essa população indecisa, meia sarracena, meia goda, chamada mosarabe» *(Hist.,* III, p. 193); mas n'outros pontos chama-lhe «raça hispano-goda» (pp. 195–222, etc.); todavia para explicar o municipio o snr. Herculano recorre depois á população hispano-romana, applicando a Portugal a theoria de Augustin Thierry para a communa franceza. O snr. T. Braga, como quasi todos os historiadores peninsulares e entre elles o snr. Herculano, em vez de partir da idea da unidade de espirito d'uma raça, resultante da fusão das antigas raças romanisadas da Peninsula com a raça goda (além d'outros elementos germanicos etc.), influenciada demais por elementos semiticos, olha as cousas ora sob um, ora sob outro aspecto, fazendo secções arbitrarias no que tinha a unidade da liga. Assim, comquanto o genio do povo portuguez o castelhano não possa ser senão *godo* para o snr. T. Braga elle escreveu apesar d'isso o seguinte: «Rossew Saint-Hilaire, na *Historia de Hespanha*, acha o mesmo gôsto no vestuario que tinham seus antigos dominadores. E' o genio iberico tenaz e superstic'oso, que os submetteu na edade media aos Concilios em que os padres depunham os reis, o quo ainda faz da Hespanha um povo monastico», (pag. 25) e diz quo «as esperanças das raças celticas, personificadas na vinda de el-rei Arthur, ainda hoje alentam o nosso povo, tão decaído da sua antiga grandeza, *no sonho do Quinto imperio do mundo,* em que Dom Sebastião, o Desejado, ha de vir empunhar o sceptro das raças latinas.» (ib.) «Celticos pelo sangue e pelo genio, escolhemos das grandes tradições epicas que percorriam a Europa na edade media, as que participavam

(1) Vid. A. Herculano, *Hist. de Portugal,* tom. III, liv. VII, e especialmente pp. 175–198. O snr. Herculano cita a carta 9 de Alvaro de Cordova, *España Sagrada,* t. XI, p. 151 em que se allude aos condes mosarabes e menciona o *Memoriale Sanctorum,* (liv. III c. 4), de Eulogio *(Hispan. illustrata,* tom. IV), em que ha eguaes allusões. No tom. IV, p. 32, diz com toda a razão. «A' população christan das principaes cidades presidiam civilmente os condes gothicos.» Sobre os condes de Cordova em especial vid. Schäffer, *Geschichte von Hispanien* II, 117. E' inutil consultar sobre a sociedade mosarabica o superficialissimo historiador Modesto Lafuente. Demais na sociedade germanica e gotica o *lite* não era a unica molecula social opposta ao nobre. Vid. Grimm, *Deutsche Rechtsalterthümer,* cap. III e IV do liv. I, onde todas as denominações germanicas das classes populares e servas se acham reunidas. Cf. para a Hespanha Lemcke, *Geschickte* I, pp. 179-182; A. Herculano, *Hist.,* III, 255 ss. Acrescentaremos para contrabalançar os exageros do snr. Braga que os *lites* são justamente olhados como restos de antigos povos vencidos pelos germanos (Aug. Thierry, *Lettres de l'histoire de France,* n.º 6, etc.). Sobre a origem da servidão entre os germanos, Grimm, *ob. cit.,* pp. 320 ss., 2.ª ed. «Aller knechtschaft ursprung ist, *krieg* und *eroberung.*» *Ibidem,* p. 320.

(2) Godoy Alcántara, *Ensayo sobre los apellidos castellanos,* p. 28.

do amor e da aventura; conheeemos a melhor parte dos romanees da Tavola Redonda, lidos nas côrtes dos nossos monarehas; este germen espontaneo de creação, em vez de florir, ficou abafado pelo espirito latinista, que impoz uma rigorosa admiração da antiguidade.» (pag. 72.) «O elemento iberico assimila e unifica o ramo gaulez, o lombardo, o romano, o godo e o arabe.» (pag. 43.) Depois o auetor explicou melhor os vestigios das lendas eelticas em nossa litteratura e tradição popular.

Partindo da falsa idea de que o mosarabe era exclusivamente o godo *lite,* oppõe eonstantemente o godo nobre vindo das Asturias ao godo popular mosarabe na religião, na arte, no direito, na poesia, interpretando assim mal phenomenos reaes, e deturpando theorias attendiveis a que o auetor chega pela primeira vez entre nós. Tentemos esboçar a questão, muito mal exposta no livro.

O que se nota ao estudar a litteratura portugueza é a sua falta d'originalidade, a sua falta mesmo de earacter naeional e de uma base popular. F. Wolf fallando dos nossos mais antigos *Cancioneiros* e do seu caracter imitativo diz: «D'estas vistas, que se provam com documentos e testemunhos e portanto são as unieas exactas, áeerea da origem e formação da poesia portugueza, eonelue-se que em verdade d'um lado a lyrica erudita appareeera mais eedo na Galliza e Portugal do que em Castella; mas que d'outro lado a poesia erudita portugueza se apresenta desde o eomeço eomo palaciana, formada por moldes extrangeiros (provençaes) e que a não precedera, como á castelhana, uma poesia indigena, ainda meio popular, meio erudita, naseida de elementos populares e em eonsequeneia d'isso puramente naeional. D'esse modo fica, ao mesmo tempo, resolvida a questão da prioridade da poesia portugueza ou hespanhola; d'esse modo torna-se elara e evidentemente reeonhecivel a differença do seu principio e dos caracteres fundamentaes e periodos de desenvolvimento d'elle dependentes; pois emquanto a poesia hespanhola tem um prineipio popular e uma base popular, e em eonsequeneia d'isso não só nos seus periodos d'esplendor apparece original e naeional mas tambem não ehega a reduzir-se a pura imitação sob a influencia estrangeira, e até mesmo nos seus tempos de decadencia mostra tanta força vital propria que se póde regenerar por si mesma: tem-se a poesia portugueza desenvolvido d'um prineipio inteiramente artifieial, eujas raizes são estrangeiras, antes que a poesia popular indigena podesse offereeer uma assás larga base para que sobre ella se produzissem obras artifieiaes com typo naeional; por isso são as suas feições fundamentaes (pois não póde aqui ser questão de caraeter fundamental, se não se quer deixar valer como tal a propria falta de caracter): dependeneia da influeneia exterior, estrangeira, mania imitativa, flexibilidade o uma delieadeza proxima da frouxidão; em summa, ella é mais *receptiva* que *productiva;*—por isso escaeca-lhe mesmo nos tempos de maior elevação a individualidade bem determinada, e os poetas ainda assim mais populares, Gil Vicente e Camões, eram phenomenos isolados sem influen-

cia duradoura; por isso quando a poesia portugueza decahiu ficou em agonia de que só a podia erguer um novo impulso e auxilio estrangeiro.» (1) Wolf indicou apenas o facto e com todo o rigor de mestre; o snr. Braga tractou d'explical-o. Reunindo com enthusiasmo bem justificado as reliquias da nossa poesia popular no seu *Romanceiro e Cancioneiro geral*, estudando as nossas tradições medievaes, o lado poetico do nosso antigo direito, o snr. Braga chegou á conclusão verdadeira de que houve em Portugal como na Hespanha, elementos para uma grande elaboração poetica, original e nacional. Porque não se deu ella? O snr. T. Braga explicou-o em parte, mas previu mais a verdadeira solução do que a apresentou e isto preoccupado com a sua falsa idea da organisação da sociedade mosarabica. Para a formação da nacionalidade portugueza contribuiram dous elementos: um preexistente, indigena (os termos rigorosos faltam) era constituido em grande parte por mosarabes e tinha em si elementos para uma elaboração poetica propria: outro era um elemento *francez*, pequeno em numero, mas que chegou ao predominio real na pessoa de Affonso Henriques. Estudae a historia da côrte portugueza na primeira epocha da nossa monarchia e vereis que ella tem todos os caracteres de uma côrte franceza. Essa côrte permaneceu estranha ao espirito da sociedade que dominava e chamava para si os nobres mosarabes que facilmente esqueciam as suas tradições e ideas. Isto mostra-nos como a poesia portugueza nos primeiros *Cancioneiros* pertence unicamente a Portugal pela lingua, mas á França pelo espirito e pela fórma. O predominio da classe nobre, o seu desprezo pela poesia popular, a guerra feita a essa poesia pela egreja, explicam-nos perfeitamente como ella entre nós não passou da sua fórma primitiva e os seus restos não foram colhidos da tradição senão pelos homens do nosso tempo, e com verdadeiro interesse e criterio só pelo snr. T. Braga. O que salva as litteraturas populares da sua vida esporadica é o servirem de base a uma litteratura erudita; em Portugal não se deu isso porque a base da litteratura erudita foi-se buscar fóra. Para que pois se perdeu o auctor em asserções falsas quando elle é o proprio que nos offerece os meios para chegar a este resultado?

Não ha nenhuma necessidade de suppor o godo *nobre* essencialmente imitador, de imaginar que elle veio das Asturias impôr esse espirito ao godo *lite*, quando demais os factos contradizem essa theoria, que se fosso verdadeira devia ser tambem applicavel a Hespanha, onde ao contrario a nobreza não só não suffocou, mas seguiu muitas vezes a corrente poetica popular.

O snr. T. Braga consagrou um volume ao estudo dos elementos e caracter da poesia popular portugueza; reservamos o exame d'este ponto para quando tractarmos d'esse volume; vejamos sómente alguma cousa do que nos diz do genio dos mosarabes, nas suas manifestações na religião, na arte e no direito:

(1) *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationallitteratur* S. 697.

«Um dos caracteres do christianismo mosarabe era o uso da linguagem vulgar para as ceremonias da liturgia, com exclusão completa do latim.» (p. 62.) Isto é um erro completo. Veja-se o que tem sido escripto ácerca do rito mosarabe e principalmente a excellente dissertação de Flores, *España sagrada*, t. III.

A ignorancia do latim e a adopção da lingua portugueza para a poesia erudita imitada do provençal e não um «instincto revolucionario», é que tornaram a ultima adoptada nos documentos, etc. A prodigiosa ignorancia dos frades é que necessitou a traducção da *Regra de S. Bento*, *Biblia*, etc., em portuguez, e não o querer dar esses livros para a leitura do povo que não *sabia* ler. O auctor escreveu sem reflectir os seguintes periodos contradictorios: «Este mesmo pensamento do mosarabismo se encontra na empreza do Cardeal Ximenes, defendendo a velha forma do culto no seculo XVI contra a invasão do catholicismo romano, não só conservando uma capella para o rito mosarabe na cathedral de Toledo, mas tambem mandando publicar em Alcala de Henares a grande *Biblia polyglota* de 1515.» (p. 62–63.) Quando Affonso o Sabio escrevia a *Historia geral de Hespanha*, havia apenas seis egrejas do culto mosarabe em Toledo; a lucta continuou-se lenta e insensivel, a ponto que no tempo do Cardeal Ximenez restava somente uma capella onde se celebrava pelo Missal mosarabico; era uma opulencia cardinalesca conservada não como crença, mas com o intuito archeologico de uma tradição da egreja primitiva.» (p. 65.) É falsa tambem a supposição de que o baixo godo persistiu no arianismo, depois da conversão de Recáredo. O catholicismo penetrou na grande massa, como o protestantismo na Inglaterra. Os hymnos vulgares, os restos das tradições pagãs são um phenomeno geral na Europa. O rito mosarabe não tinha de modo algum um caracter anti-catholico. Basta dizer que elle foi approvado em Roma em 924. (1) Emquanto á existencia d'uma architectura mosarabe em Portugal é um facto reconhecido e esperamos que o auctor nos dê, n'um livro especial que promette, amplas noticias sobre esse assumpto. O pouco que diz, pp. 68–73, não vae alem do que já se sabia.

Entre o conselho portuguez e o municipio romano ha profundissimas differenças: se aquelle vae entroncar n'este pela forma, o espirito que o anima é inteiramente novo. Poder-se-ha explicar esse espirito novo, altamente democratico, do conselho por uma simples evolução? Os factos provam que essa evolução seria insufficiente, e que ao contrario esse novo espirito é devido em grande parte á raça germanica que conquistou a peninsula e se fundiu com as raças romanisadas que a habitavam anteriormente. Se no codigo visigothico, quasi tudo é d'origem romana, se n'elle a raça conquistadora impõe a si propria a legislação do povo vencido, do mesmo modo que acceitou a sua fórma municipal, no costume, no direito local propagava-se, transformando-se em parte a tradição do direito germanico que mais tarde

(1) Florez, *España Sagrada*, t. III, p. 172 ss.

nos apparece escripta nos Foraes e nos Costumes dos concelhos. Attribuir aos Foraes uma origem exclusivamente germanica (como faz o snr. T. Braga) ou romana (como fazem quasi todos os historiadores peninsulares) é encarar o problema sob um unico dos seus aspectos e arriscar-se a não o comprehender. Ninguem como o snr. T. Braga lançou entre nós luz sobre a parte germanica em o nosso antigo direito, ninguem mostrou como elle o que ha de anti-romano n'esse direito, mas deu aos seus resultados um tom absoluto, e d'esse modo enublou em grande parte aquella luz. (1) Que a transformação do municipio romano, e o desenvolvimento do espirito democratico, se operaram principalmente no seio da sociedade mosarabica, é um ponto que, eremos, fora de questão; bastavam as denominações arabes de muitas das diversas auctoridades dos nossos concelhos para nol'-o revelarem; que o estado especial da sociedade mosarabica, sem um verdadeiro poder central, fosse eminentemente favoravel a essas transformações, é tambem um ponto de vista luminoso; mas que necessidade ha de suppor aqui tambem a classe popular trabalhando na sua emancipação e organisação fóra inteiramente do dominio da classe nobre? Tão pouca quanta ha de imaginar um estado similhante para explicar as communas na edade media franceza. O snr. T. Braga expõe assim o melhor das suas ideas e dos seus resultados a não ser comprehendido ou attendido, deturpando-o com hypotheses e exagerações que repugnam aos espiritos perfeitamente imbuidos dos verdadeiros methodos.

Do mesmo modo que a imitação dos modêlos estranhos e classicos destruiu entre nós a possibilidade d'uma litteratura com base nacional e popular, assim a imitação artificial do direito romano, a organisação do absolutismo monarchico a que se deu o nome caracteristico de *cesarismo* teve entre nós como resultado a absorpção das forças vitaes da nação na realeza, a morte completa da vida municipal, a destruição em grande parte da obra de emancipação da edade média. «Já no seculo XVI, a pretexto de reformar as palavras velhas dos Foraes, e de reduzir as moedas antigas ao dinheiro corrente, colorindo tudo isto com o motivo de querer decretar uma lei geral, D. Manoel, pela mão dos seus jurisconsultos romanistas, falsificou os Foraes do Reino annullando-lhes as garantias que o *mosarabe* ali escrevera, e introduzindo uma fórma desnatural da propriedade — a Enphyteose romana. Desde esse dia o povo portuguez ou mosarabe estacionario ficou sem direito seu; e, decahido já pela intolerancia do catholicismo, esqueceu-se com o tempo das suas tradições juridicas, do seu energico symbolismo, da sua independencia local, da garantia da sua carta. O resultado bem cedo se fez conhecer, pela irremediavel decadencia politica manifestada na invasão dos Philippes, e sobretudo pela sua ignorancia e falta de interesse pelos negocios politicos d'hoje, o que é o mais claro symptoma de uma nação morta.» (p. 75.) N'estas palavras,

(1) Vid. o importante estudo do snr. T. Braga, *Historia do Direito portuguez — Os Foraes*, Coimbra, 1868. 8.°

diga-se o que se disser, estão expressas tristes verdades. A destruição do espirito municipal foi a nossa destruição. (1)

§ III. *Epopêas da Edade Media em Portugal.* A inscripção d'este paragrapho é incompleta, porque elle occupa-se tambem da poesia lyrica. O auctor busca n'elle as correntes litterarias exteriores que paralysaram a efflorescencia da litteratura popular e nacional portugueza. Começa pela influencia da litteratura da lingua de Oil e aponta os factos conhecidos das colonias francezas e da vinda dos cruzados a Portugal como o meio de transmissão das tradições do cyclo carlingiano. Um facto importante é o seguinte: «As tradições carlingianas que possuimos são todas dos romances populares.» (p. 89.) Assim do estrangeiro vinham elementos poeticos, não só para a elaboração artificial, mas tambem para a elaboração popular. Não comprehendemos por que o auctor collocou sob a rubrica *Influencia da lingua d'oc* um certo numero d'observações que nada veem a proposito sobre Affonso Henriques, o monachismo, etc. A p. 93 o auctor falla do celebre poema da *Cava*, olha-o como authentico e suppõe-o quasi contemporaneo do *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*. O auctor acredita egualmente na authenticidade das outras chamadas reliquias da antiga poesia portugueza. Teremos logar de as discutir a proposito das *Epopêas da raça mosarabe* e dos *Trovadores galecio-portuguezes*. Diz-nos que n'esse fragmento «ha a confusão de todas as linguas, franceza, italiana, castelhana, provençal e normanda; são as formas indeterminadas da linguagem ainda não fixada.» Singular erro que só uma ignorancia muito seria de methodo linguistico e uma carencia absoluta de estudo das formas d'aquelle fragmento podem explicar. E essa hypothese da mistura de fórmas é uma prova de authenticidade para o snr. T. Braga! Quando o auctor nos diz que na critica das alludidas *reliquias* não foi ainda mais longe do que aventou João Pedro Ribeiro, ignorava sem duvida o que sobre ellas tinham escripto Bellermann, F. Wolf e Diez.

De p. 99 a 109 reuniu o snr. T. Braga alguns dados interessantes sobre o *Amadis de Gaula*, pondo a questão pela primeira vez em Portugal no seu verdadeiro campo, mas não avançando nada de substancial além do que disseram sobre este ponto Le Clerc, Littré e Hippeau. Depois passa o auctor a examinar a influencia da litteratura da lingua d'oc, começando por indicar succintamente os factos conhecidos ácerca da transmissão e apresentando a hypothese, que até hoje nada de positivo ainda confirmou, de que em Portugal já encontramos canções provençaes do tempo de D. Sancho I e trovadores citados no *Nobiliario* do Conde D. Pedro com mais de trezentos annos de antiguidade. (p. 112.) Essa antiguidade, que nada dá a suspeitar no *Nobiliario*, é perfeitamente imaginaria e contraria aos factos posi-

(1) «O estudo do municipio, nas origens d'elle, nas suas modificações, na sua significação como elemento politico, deve ter para a geração actual subido valor historico, e muito mais o terá algum dia, quando a experiencia tiver demonstrado a necessidade de restaurar esse esquecido mas indispensavel elemento de toda a boa organisação social.» A. Herculano, *Hist. de Port.*, IV, 4.

tivos que examinaremos no artigo sobre os *Trovadores galecio-portuguezes* do snr. T. Braga. Citaremos ainda outros erros e hypotheses do auctor n'esta parte. A. Ribeiro dos Santos quiz vêr repetido em Portugal o mesmo phenomeno de duas linguas ou dialectos que se dava na França; quiz que tivessemos uma lingua *d'oc* e uma lingua *d'oil*. Similhante hypothese que absolutamente nada justifica é acceita sem discussão pelo snr. T. Braga (p. 123, etc.), que por uma irreflexão deveras extraordinaria nos falla na «auctoridade! do nome» d'aquelle nada perspicaz academico, celtomano estrenuo e compilador sem senso. Quasi tudo o que o auctor da *Historia da litteratura* diz sobre as relações dos antigos e modernos dialectos romanicos da Peninsula é erroneo, como o que atraz já indicamos. *Lingua d'aravias* era, como provam os logares citados pelo auctor, a lingua arabe, e não um dialecto especial do Sul de Portugal. Passemos por alto as outras passagens sobre esta questão que estamos certos o auctor não repetirá. E' perfeitamente arbitraria a divisão que o snr. Braga faz dos poetas dos nossos primeiros Cancioneiros em *eschola gallcziana* e *eschola jogralesca* e funda-se sobre um absurdo. «Uma grande distancia separa o *Cancioneiro de D. Diniz* do *Cancioneiro do Collegio dos Nobres;* são ambos escriptos na mesma lingua, com a differença, que as canções do tempo de D. Sancho I e D. Affonso II empregam a lingua gelleziana naturalmente, e D. Diniz de um modo artificial; ellas descrevem as phases da paixão com a metaphysica da época, com a verdade da realidade; os amores de D. Diniz são phantasticos, têm um ideal de convenção para pretexto da cantiga. Porém o que separa mais os dois codices é o estado da propria poesia provençal. No *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* estava a eschola provençal florescente, o *jogral* não era tido ainda como um mercenario; era um trovador tão nobre como qualquer outro, com a differença, que ia no sequito de outros trovadores mais afamados. No *Cancioneiro de D. Diniz* o monarcha bem se queixa d'aquelles cantores que vão em uma quadra certa do anno cantando de amor de porta em porta, não porque elles soffram a paixão que retratam, mas para irem recebendo a paga do seu mister. O *jogral* agora era um homem de condição baixa que não sabia compôr, mas decorava os cantos dos trovadores, e ia repetil-os muito longe, nos castellos desertos, nos casamentos dos principes, na corôação dos reis. A collecção Vaticana traz o nome de muitos jograes a par dos nomes dos trovadores cavalleiros; pertence portanto á época da decadencia. O *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* além de ser em pergaminho, e o outro em papel, está escripto em um codice pela mesma fórma das poesias provençaes.» (p. 129–130.) A perspicacidade que n'outras questões o snr. T. Braga revela em alto gráo falton-lhe aqui completamente. Confundiu a antiguidade relativa dos manuscriptos do Vaticano e do Collegio dos nobres com a antiguidade das composições que encerram. Pela sua theoria os versos de D. Diniz viriam a pertencer ao seculo XVI, pois a essa epocha remonta apenas o mss. do Vaticano. A verdade é que as poesias dos dois codices pertencem a um

mesmo periodo e que tão pouco se podem separar umas das outras que elles teem cerca de 50 cantigas communs. (1) Emquanto ao conteudo das cantigas, as differenças que o snr. T. Braga acha são tão imaginarias como as outras differenças, o que naturalmente se conclue do que se acha dito. Se o snr. Braga procurasse differenças, entre essas cantigas fundadas sobre uma outra base que não fosse a distincção puramente paleographica dos manuscriptos, e as classificasse de accordo com essas differenças, a critica não teria senão que applaudil-o; eis o que elle não fez. Seria absurdo, demais, fundar uma tal classificação sobre o estado psychologico dos poetas. Como distinguir no meio d'um tom tão uniforme, monotono e artificial, como o da nossa antiga poesia amorosa, se os auctores exprimiam ou não sinceramente o que sentiam? Pero da Ponte é para o snr. T. Braga um poeta que descreve «as phases da paixão com a verdade da realidade», pois figuram cantigas suas no *Cancioneiro do Collegio dos Nobres;* colloquemos em frente d'uma cantiga d'elle outra de D. Diniz:

Tan muyto vos am' eu Señor
Que nunca tant' amou Señor
Ome que fosse nado,
Pero des que fuy nado!
Non pud' aver de vos Señor,
Por que dissess': Ay! mia Señor,
Eu bou pout' eu fuy nado!
Mays quen de vós fosse Señor,
Bou dia fora nado.

E o dia que vos eu vi,
Señor, eu tal ora vos vi,
Que nunca dormi nada
Nem desejei al nada
Se non vosso ben, poys vos vi.
E dig' a mi por que vos vi,
Poys que me non val nada,
Mal dia nad' eu que vos vi,
E vós bon dia nada.

Ca se vos eu non viss' enton,
Quando vos vi, poderia enton
Seer d' afan guardado
Mays nunc' ar fuy guardado
De muy gran coita des enton;
E entendi m' eu des enton,
Que aquel é guardado,
Que deus guarda; ca des enton,
E' tod' ome guardado.
(*Trovas e Cantares*, n.º 112).

En gran coyta, senhor,
Qu' é peyor que mort'é,
Vivo per boa fé
E pelo voss'amor.
Esta coyta sofr'eu
Por vós, senhor, que eu
Vi pelo meu gram mal.

Vi pelo meu gram mal;
E melhor mi será
De moirer por vós já.
E se me deus non val,
Esta coyta sofr' eu
Por vós, senhor, que eu
Vi pelo meu gram mal.

Pelo meu gram mal vi;
E mays mi val morrer
Ca tal coyta soffrer,
Poys por meu mal assy
Esta coyta sofr' eu
Por vós, senhor, que eu vi,
Pelo gram mal de mi,
Poys tam coytad'and'eu.

(*Canc. de D. Diniz*, p. 15. seg.)

Quem poderá por estas provas descobrir qual dos poetas exprime um sentimento real? Muitas vezes com mero artificio chega-se a fin-

(1) Vid. T. Braga, *Trovadores galecio-portuguezes*, p. 98 seg. Varnhagen, *Novas paginas de notas* (ás *Trovas e Cantares*).

gir perfeitamente que se exprime um sentimento real, muitas vezes um sentimento real parece convencional na sua expressão.

O auctor consagra algumas palavras ao que elle chama *eschola intermediaria*, a que pertencem os poetas hespanhoes que escreveram em gallego e cujas composições se acham no *Cancioneiro* de Baena, e á *eschola hespanhola* representada no *Cancioneiro* de Rezende. Depois passa a determinar a influencia ingleza. O auctor apresenta aqui muitas noticias interessantes sobre o conhecimento e propagação do cyclo da Tavola Redonda em Portugal; attribuindo-os principalmente á influencia ingleza estabelecida pelo casamento de D. João I com Philippe de Lencastre, mas dizendo que já anteriormente no *Amadis* de Lobeira se acham imitadas novellas d'aquelle cyclo e que D. Diniz allude ao romance de *Yseult* e *Tristan*. A facil radicação d'esse cyclo em o nosso paiz, explica-a com razão pelo seu caracter profundamente catholico. A proposito da influencia erudita e do cyclo greco-romano entre nós, dá-nos o auctor egualmente noticias valiosas. Segundo elle esse cyclo existiu em Portugal apenas na classe culta e nunca chegou a vulgarisar-se, apesar de nos dizer tambem que a lenda da vinda de Ulysses á Lusitania anda na tradição popular. Essa popularisação da lenda, crêmol-a nós, porém, muito recente. A p. 187–183 ha algumas noticias sobre os contos decameronicos, exemplos, etc., entre nós. Este § termina por um quadro das epopêas da edade média conhecidas em Portugal n'aquelle periodo, ou que alludem a elle. O snr. T. Braga acceitou muito facilmente e converteu em facto positivo a hypothese de Fauriel (a que este demais não dá grande valor) de que o romance de *Fierabras* seja allusivo á fundação de Portugal. Nada, crêmos, justifica uma tal acquiescencia. O poema da *Cruzada contra os Albigenses* é apenas uma chronica rimada e não uma epopêa carlingiana, como a faz o snr. T. Braga. Este poderia ter citado como um echo longiquo de Portugal os nomes de typos cavalleirescos: *Torrent of Portingal* (1) e *Meraugis de Portlesguez*. (2)

§ IV. *Primeiras bibliothecas portuguezas*. O estudo das bibliothecas portuguezas da edade média é não só um meio seguro de conhecer o estudo intellectual do paiz nas epochas a que pertencem, mas auxilia ainda a determinação da influencia estrangeira e do modo porque ella se operou. Este § é muito interessante, principalmente na parte relativa á bibliotheca de D. Duarte, em que o auctor busca determinar pelo titulo, ás vezes muito incompleto, dado pelo catalogo que chegou até nós, a que livro elle pertence. A maior parte das suas conjecturas são perfeitamente acceitaveis. Limitar-me-hei aqui a um reparo apenas. Ao n.º 24 — *Historia geral*, diz o snr. T. Braga: «Este livro é a *Historia Geral de Hespanha*, mandada traduzir por D. Diniz. Em Coimbra, em 1863, o doutor Antonio Nunes de Carvalho começou a publi-

(1) *Torrent of Portugal;* an English Metrical Romance. Edited by J. O. Halliwell. London, 1841.

(2) *Meraugis de Portlesguez*, roman de la table ronde par Raoul de Houdene, publié par la première fois par H. Michelant. Paris, Tross, 1869. 8.º

car este livro, copiado em Paris na Bibliotheca Imperial.» (p. 223.) O livro começado a publicar pelo dr. Nunes de Carvalho não é a *Historia geral de Hespanha* de Affonso x, como o snr. Braga e o editor suppozeram, mas sim uma compilação feita em parte sobre essa historia, em parte sobre outras fontes (entre ellas a Geographia de Ar-rasis) escripta em portuguez no seculo xv, como revela entre outras particularidades o vir até 1455 e ter os caracteristicos bem determinados da linguagem de esse seculo, taes como as formas syncopadas da 2.ª pessoa do plur. junto das não syncopadas. A Academia das Sciencias de Lisboa possue a copia inteira do dr. Nunes de Carvalho e outro ms. que pertenceu a Manuel Severim de Faria. O snr. Augusto Soromenho, socio da mesma Academia, facultou-nos ha tempos o estudo da copia feita por elle d'um fragmento d'uma verdadeira traducção portugueza da *Historia de Hespanha*, existente na Bibliotheca Nacional de Madrid. Foi essa traducção mandada fazer por D. Diniz? Nenhum dado indiscutivel nos permitte affirmar que D. Diniz mandasse realmente traduzir a *Historia geral*. O fragmento que vimos parece pertencer pela linguagem á epocha da redacção conhecida dos mais antigos Livros de Linhagens, isto é, á segunda metade do seculo xiv. Na *Grammatica* de Fernão d'Oliveira, c. 36, ha a seguinte passagem, que corrobora o que dizemos: «As dições velhas são as que forão usadas, mas agora são esqueçidas como Egas, Sancho, Diniz, nomes proprios e ruão, que quer çidadão, segundo que julguey em hum liuro antigo, o qual foy trasladado em tempo do mui esforçado rey dom Johão da boa memorea o premeiro d'este nome em Portugal; per seu mandado foy o liuro que digo escrito e está no moesteiro de Pera longa, e chama-se *estorea geral*, no qual achei esta com outras antiguidades de fallar.» Dei já communicação d'esta passagem ao snr. T. Braga. (1) Algumas noticias d'outras bibliothecas fecham este §.

§ V. A *Renascença e a Reforma*. § VI. *Academias litterarias*. § VII. *Origens da poesia moderna em Portugal*. Aqui o auctor entra n'um campo de que elle tem evidentemente feito um largo estudo; os seus juizos são em geral seguros e a sua exposição eloquente. Mostra bem como o movimento benefico da reforma foi paralysado entre nós e indica com todo o rigor as diversas correntes litterarias estrangeiras que do seculo xvi até hoje teem arrastado os nossos escriptores. As ideas aqui contidas apparecem desenvolvidas n'outros volumes do auctor e ao fallarmos d'elles as exporemos.

Tanto n'estes paragraphos como nos anteriores ha ainda erros de detalhe que não apontamos; não podemos, porém, deixar de verberar a facilidade com que o auctor erige ás vezes um systema sobre uma simples palavra. O snr. T. Braga, por exemplo, encontrou n'um romance portuguez a palavra *porto* no sentido de desfiladeiro, garganta do monte; ora havendo nas epopêas francezas da edade media a pala-

(1) A Academia de Lisboa parece que prepara uma edição do fragmento de Madrid e da compilação do seculo xv.

vra no mesmo sentido, o auctor conclue que «Nos cantos populares portuguezes apparece de longe o espirito dos poemas da edade média, ás vezes revelado nas mais pequenas circumstancias da linguagem.» (p. 198.) Mas tem que fazer o sentido d'uma palavra isolada com o espirito das epopeas da edade media? O auctor podia convencer-se nas *Chartae et diplomata*, publicadas pela Academia de Lisboa, que *portus* era usado n'esse sentido muito antes da epopea franceza extender a sua influencia a Portugal.

A *Theoria da historia da litteratura portugueza* apresenta n'um quadro mais resumido e muito superior as questões tractadas na *Introducção;* d'um trabalho ao outro o auctor fez bastantes progressos e descobriu muitos factos novos, mas ficou fiel á sua theoria favorita de que o godo popular é o verdadeiro elemento da sociedade portugueza, assim como aos outros principios geraes expostos na *Introducção*. Sabemos que em breve o auctor publicará uma nova edição da *Theoria* e o nosso exame recairá naturalmente sobre ella. Entretanto não podemos deixar de mencionar o veredicto que a sciencia extrangeira pronunciou ácerca d'esse livro e dizer tambem algumas palavras sobre uma critica a que elle em Portugal deu logar. M. Gaston Paris consagrou um artigo da *Revue critique* (1872, n.º 47, art. 225) á *Theoria da litteratura portugueza*. O eminente romanista condemna a theoria do snr. T. Braga segundo a qual o *godo lite* seria o unico verdadeiro elemento da nacionalidade portugueza, e diz: « Malgré cette étrange aberration, l'ensemble de *la théorie de* M. Br. nous paraît juste: il explique bien pourquoi la nationalité portugaise s'est détachée sur la côte occidentale de la Péninsule, quelles ont été les causes de sa splendeur momentanée, quelles sont celles de son déclin (cette dernière partie, pour des raisons qu'on peut comprendre, est indiquée plutôt que traitée); (1) il traite la littérature comme une simple forme de la vie nationale, ce qui donne à tous ses jugements une base solide, bien que parfois un peu étroite. La conclusion du livre est triste: l'auteur, bien qu'il s'efforce d'espérer, ne dissimule pas la profondeur de la décadence où est tombé son pays.» « Si les vues d'ensemble tiennent la plus large place ce petit livre, elles n'en excluent pas les faits intéressants et nombreux. Les indications de sources font défaut, mais elles doivent se trouver dans les autres écrits de M. Braga (2). Malheureusement ici aussi le manque de critique se fait parfois sentir: la philologie notamment paraît être le côté faible de l'auteur.» M. G. Paris reprova a etymologia absurda de *guarvaya* e nota que a palavra *valemacia* em que o snr. Braga vê um nome de antigos cantos lyricos gaulezes não é mais que uma corrupção por *ballismatia* ou outra palavra grega similhante. Esse erro do snr. Braga acha-se repetido n'um artigo da *Bibliographia critica*. (1, p. 79.) O snr. Braga parece ter sido levado a elle por Leroux de Liney que

(1) O snr. T. Braga tracta-a, porém, com toda a coragem n'outras obras.
(2) Encontram-se n'elles effectivamente; mas desejar-se-hia que o snr. T. Braga fosse mais regular e exacto n'essas indicações.

no seu *Recueil de Chants historiques français depuis le* XII^me^ *jusqu'au* XVIII^me^ *siècle*, t. I, p. V diz: « Les chansons heroïques et les satyres n'ont pas été les seuls genres de composition en usage dans les premiérs siècles de notre ère. Il faut citer encore des pièces amoureuses auxquelles les Gaulois donnaient le nom de *Vallemachias*. Elles étaient, dit-on, fort libres, et peut-être faut-il mettre au nombre de ces compositions celles que chantaient les jeunes filles jusque dans les églises, et qui furent défendues expréssement par le Concile tenu à Auxerre en 578.» Ao mesmo tempo que viamos o erro apontado por Belloguet, *Glossaire gaulois* p. 173 (2.ª ed.) chegava-nos ás mãos o artigo de M. G. Paris.

Quando o romanista francez diz: «que les invasions germanique et arabe n'ont atteint que la surface» parece-me que peeca por um excesso contrario ao do snr. T. Braga; crêmos que a influencia germanica na Peninsula foi maior do que se pode julgar d'essas palavras; mas a discussão d'isto levar-nos-hia para longe do nosso exame dos livros do snr. T. Braga. Não temos demais senão que nos reportar ao que M. G. Paris escreveu na *Romania* I, 1–22 e principalmente p. 22 onde se lê: «Entre les deux courants (a romanica e a germanica) il y a eu fusion à differents degrés: les Allemands, plus tard les Slaves, ont adopté en grande partie les idées, les moeurs, les institutions romaines, tandis que les pays romans, et surtout la France, ont fortement subi l'influence germanique.» (1)

Sob um ponto de vista differente é encarada a *Historia da litteratura portugueza* pelo snr. Anthero do Quental nas suas *Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza* (8.° gr. 38 pp.) que appareceram primeiramente na forma de folhetim. Aqui os livros do snr. T. Braga são condemnados em nome da philosophia. Segundo o snr. Anthero do Quental esses livros seriam apenas bons como trabalhos d'analyse e de critica especial, mas ao snr. Braga faltar-lhe-hia o espirito generalisador: «O lado inferior e fragil, a meu vêr, são as theorias geraes, a parte philosophica. Sente-se que não é essa a vocação do talento do snr. Theophilo Braga.» (*Consider.*, p. 13.) Na pag. anterior o snr. A. do Quental concedia um pouco mais ao snr. T. Braga: «O seu talento é muito mais analytico do que generalisador.» Ora esse espirito synthetico que falta ao snr. T. Braga, possue-o o snr. Oliveira Martins: «So a escóla ethnologica (sic) está representada, entre os escriptores novos, pelo snr. Theophilo Braga, a escóla social e historica — a unica, talvez, a que propriamente se devera dar o nome de philosophica — acaba de achar igualmente entre nós um digno representante n'um escriptor moço e do maior futuro, o snr. Oliveira Martins, que n'um livro recente estudou a proposito de Camões (e para nos explicar Camões), a litteratura portugueza do seculo XVI, no ponto de vista largo e comprehensivo, ao mesmo tempo politico e psychologico, que caracterisa esta ultima escóla.» Ora o que é o livro do snr.

(1) Vid. *Bibl. crit.*, I, p. 13 e s.

Martins já o sabem os leitores da *Bibliographia critica* (1), onde a ignorancia que o auctor de *Os Lusiadas, estudo sobre Camões e a sua epocha* tem de cousas elementares foi já posta á luz, assim como a sua superficialidade, mal encoberta com grandes phrases. Por aqui se vê o gráo de critica das *Considerações*. O auctor mostra não ter conhecimentos nenhuns especiaes de historia litteraria, por isso não analysa os livros do snr. T. Braga e limita-se a regeitar a theoria segundo a qual não teriamos tido litteratura propriamente nacional, theoria que ao que parece não é só do snr. T. Braga, mas de Wolf, mas de todos os que teem estudado a nossa litteratura sob o ponto de vista genetico-comparativo, e isso porque a litteratura popular, tolhida por obstaculos exteriores, não teria chegado entre nós a um desenvolvimento erudito, O snr. A. do Quental presentiu, antes do que reconheceu, o que havia de erroneo na theoria do snr. Braga ácerca da raça portugueza e da sociedade mosarabe; mas aqui mesmo as suas ideas são confusas e revelam leituras muito superficiaes. Basta dizer que se esqueceu (p. 18) de indicar entre os elementos ethnicos da raça portugueza os celtas e que confunde as epochas que se devem distinguir na extensão geographica da sociedade mosarabe. No resto não ha senão recopilação de logares communs, e ideas falsissimas ou periodos palavrosos, em tudo um tom vago que revela que o que escreve está cirzindo á ultima hora o pouco que sabe. Exemplo: «A idea nacional, na sua evolução, determina gradualmente o que se póde chamar o temperamento da nação; e, se esta surda fermentação se manifesta em tudo, nos seus actos e nos seus pensamentos, revela-se sobre tudo na sua imaginação, isto é, no seu ideal cuja expressão mais livre é a arte e a litteratura. N'esta invisivel circulação da seiva interior ha periodos, periodos de revolução, de progresso, de retrocesso, de incubação ou de plenitude de forças: a estes correspondem invariavelmente os periodos artisticos e litterarios, com suas revoluções, suas variações de intensidade, lenta formação de escólas, morbidos estacionamentos, subitas e inflammadas floresceneias.» (p. 24.) Mas o mais condemnavel do folheto do snr. A. do Quental é o seu espirito geral, essa pretenção a uma philosophia que em nada se revela e essa distincção tão nitida entre espirito analytico e espirito generalisador ou synthetico que elle pretende fazer, quebrando a unidade da sciencia ou confundindo cousas distinctas. A historia litteraria é uma sciencia especial; tem o seu methodo, os seus principios, a sua disciplina emfim, que lhe são proprios; não é um ramo da philosophia; a analyse da *Historia da litteratura* do snr. T. Braga só pode ser realisada dentro dos limites d'essa disciplina; fazendo assim, vê-se que os seus erros de theoria, proveem, não da falta d'um espirito generalisador mas da falta d'um estudo rigoroso dos factos. Nas sciencias especiaes os erros de theoria reduzem-se regularmente a erros de facto. E' estudar os factos bem conscienciosamente que nos compete a todos os que fazemos profissão das sciencias historicas e philologicas. Chamem a isto mes-

(1) Vol. I, art. 14.

quinhez, incapacidade para a synthese: nós responderemos que não ha senão duas especies d'espirito no estudo: o espirito scientifico que procede segundo o methodo determinado pela natureza das cousas e o espirito não scientifico, que não vê os factos senão á superficie, e que apenas chega a compilar; que depois de estudar um facto ou uma ordem de factos nas suas multiplices relações e em todos os seus aspectos, generalisar ácerca d'elle não é mais que resumir ou condensar; que a verdadeira synthese está no espirito do que trabalha e consiste no modo mais ou menos completo sob que elle encara as relações do seu objecto.

F. A. C.

21.—**Considérations sur la marche des idées et des événements dans les temps modernes,** par M. Cournot. Paris, Librairie Hachette, 1872. 2 vol. in-8.º gr. VIII-418-442 pp.

De todas as sciencias modernas, a que ainda não tem achado os seus methodos, o seu espirito, nem definitivos os seus resultados, é a philosophia da historia. E' uma sciencia que se está formando sobre os dados de outras sciencias em elaboração, como a ethnologia, a archeologia, a linguistica, a mythologia comparada e a critica historica; teem apparecido systemas admiraveis para fazer sentir a unidade das creações do homem sobre a terra, e para achar o fim ultimo d'essa actividade. A *theologia* já emprehendeu a sua philosophia da historia, em Bossuet; a *jurisprudencia* deu a Vico um criterio que o approximou bastante da verdade; as *sciencias naturaes* e as *litteraturas* suscitaram em Herder um plano mais vasto; a *metaphysica* levou Hegel a achar nos factos historicos a realidade finita de formulas abstractas; finalmente as *ideas e descobertas scientificas* foram interpretadas por Buckle para vêr como ellas coadjuvam o homem n'este labor para attingir o seu fim ultimo que é a perfectibilidade. Todos estes differentes processos para constituir essa nova sciencia, são a prova da trepidação do methodo, que oscilla com as correntes scientificas de cada seculo. O livro de M. Cournot é tambem um esforço para fundar uma philosophia da historia, escolhendo de preferencia os tempos modernos, como mais conhecidos, para melhor caracterisar não as leis, mas as causas dos phenomenos da historia. M. Cournot é mathematico, e no seu trabalho segue o methodo rigoroso das sciencias exactas, o que é importantissimo, e além d'isso deriva o novo criterio que apresenta, do uma theoria mathematica, como abaixo veremos. As *Considerações sobre a marcha das ideas,* formam uma obra monumental, a que poderiamos applicar o proverbio *multum legendum, non multa;* é um livro completo, cuja leitura merece uma vida, e que enriquecerá sempre a intelligencia de quem o consultar. Como poucos escriptos em francez, tem uma sobriedade de estylo e uma clareza de deducção admiraveis; um escriptor mediano deixava-se fascinar pelos prodigios da phrase. Perdôa-se com boa vontade a falta de formulas ou conclusões geraes, em um quadro

em que a evolução das descobertas scientificas do seculo XVI até nossos dias está traçada e discutida com mestria e segurança. Do estudo de uma obra d'esta natureza, póde dizer-se o mesmo que escreveu M. Cournot da leitura da Biblia: «E' certo que a leitura repetida de um mesmo livro produz sobre a intelligencia, e com mais forte razão sobre a fé e sobre o senso moral, effeitos taes, como leituras immensas não produziriam.» (p. 185, t. I.) M. Cournot é auctor de grandes trabalhos sobre os fundamentos de nossos conhecimentos e dos caracteres da critica philosophica, sobre o encadeamento das ideas fundamentaes nas sciencias e na historia, sobre os principios mathematicos da theoria das riquezas; sobre a origem e os limites da correspondencia entre a algebra e a geometria, e outras obras egualmente fortes; infelizmente os seus livros foram escriptos em uma epocha em que reinavam a litteratura e arte dissolventes de du Terrail e Offenbach, e acharam poucos leitores em França. Vacherot e Taine lamentam que estas obras não tenham sido bastante e devidamente lidas; M. Cournot accrescenta: «Convimos de bom grado, que á felicidade de obter alguns suffragios de primeira ordem, accrescentamos *a desgraça de ter sido pouco lido.*» Esta desgraça nada tem de pessoal; é apenas uma consequencia da falta de interesse que o publico do meio dia da Europa tem até hoje tido pela elaboração scientifica de qualquer ordem. M. Cournot fixa d'este modo as bases da Philosophia da Historia: «Quer haja ou não leis na Historia, basta somente que haja factos, e que estes sejam, ora subordinados uns aos outros, ora independentes uns dos outros, para que exista uma critica cujo fim é distinçar aqui a subordinação, alli a independencia. E como esta critica não pode pretender dar demonstrações irresistiveis da natureza das que dão a certeza scientifica, mas que a sua parte se resume em fazer valer as analogias, as inducções do genero d'aquellas a que a philosophia se restringe (sem o que, seria uma sciencia, como tantos a quizeram suppor, mas sempre vãmente, e então já não seria philosophia) segue-se que se está em pleno direito de dar á critica de que se trata, tão attrahente, apesar das suas incertezas, o nome de *philosophia da historia.* Sob este aspecto a historia dos povos é como a historia da natureza, que importa não confundir com a sciencia da natureza, porque ellas tem principalmente por objecto, uma as leis, outra os factos, mas factos que podem adquirir uma tão grande proporção, ter consequencias tão vastas e tão duraveis, que nos pareça terem e que teem effectivamente a importancia de leis. A razão não concebe differença radical entre leis e factos: umas visiveis em todos os tempos, em toda a parte, por uma necessidade que se liga á essencia permanente das causas; os outros produzidos por um concurso de factos anteriores, e determinando a seu turno os factos que devem seguir-se. Ha na historia de um povo, como na biographia de um obscuro individuo, independentemente do que se liga ás suas disposições nativas o ás leis constantes da natureza, factos o accidentes que influem sobre o curso dos seus destinos.» (I, p. III, s.) E' d'esta parte *accidental*, que tem influido sobre os factos mais salientes da historia da humanidade, que M.

Cournot deduz a sciencia a que em vez de philosophia chama de preferencia *etiologia da historia:* «Entendendo por isto, a analyse e a discussão das causas ou dos encadeamentos de causas, que tem concorrido para a manifestação de acontecimentos de que a historia traça o quadro; causa cujo estudo se faz sobretudo segundo o ponto de vista da sua independencia e da sua solidariedade.» *(Ib.,* p. 2.) M. Cournot, caracterisa os seus trabalhos philosophicos, dizendo «que consumiu a sua vida a precisar no seu espirito a theoria do raciocinio inductivo»; entre as suas obras figura tambem uma *Exposição da theoria do acaso e das probabilidades;* e discutindo o problema mathematico do calculo das probabilidades, que occupou Leibnitz e Pascal, dá-nos insensivelmente o meio de vermos como esta nova base da philosophia da historia naseeu e se fortaleceu na sua intelligencia. A' parte a nitidez com que expõe a doutrina do *acaso,* que se cifra na producção *accidental* de phenomenos derivados de um facto natural na *independencia* mutua de muitas series de causas e de effeitos, comprehende-se melhor a sua idea, por alguns exemplos historicos, que explica ao fallar da Era dos tempos modernos o de suas divisões por espaços seculares. Attribue-se a Renascença das litteraturas e das artes classicas no seculo XV á grande causa apparente da tomada do Constantinopla pelos turcos, e á emigração dos grammaticos gregos, que trouxeram comsigo os velhos textos, os scholios e os commentarios philologicos; mas antes d'esta causa, a que todos se reportam, a verdadeira renovação scientifica havia começado com os arabes, e a Europa já tinha creada uma philosophia, e os Medicis já haviam mandado comprar manuscriptos gregos; ainda que este ultimo facto se não désse, tambem na Europa não existiam no seculo XV os manuscriptos armenios e syriacos, o que não obstou, a que depois da Reforma, se estudassem estas linguas e se imprimissem as grandes Biblias polyglotas.

Ao passo que a discussão d'esta causa apparatosa a destitue de importancia, vemos um pequeno facto, meramente *accidental,* partindo isoladamente de um individuo, vir determinar essa extraordinaria actividade da Renascença: Guttemberg, inventando, nos seus devaneios de especulação mercantil, a typographia com caracteres moveis, produziu *casualmente,* de um modo fortuito uma causa de elaboração litteraria, e abriu á intelligencia humana um novo horisonte. O mesmo vemos em Luthero produzindo a Reforma, isto é, a liberdade de consciencia, a secularisação da sociedade, o livre exame nas sciencias, tendo apenas em vista o reagir contra a dissolução papal, e o approximar a egreja das suas fontes evangelicas. A mesma natureza de *acaso,* o mesmo caracter *fortuito,* se encontra no facto natural da descoberta da polvora, produzindo a morte da cavalleria, e a decadencia do elemento senhorial, e portanto a estabilidade da sociedade civil, baseada no direito, e não no privilegio de sangue e na arbitrariedade do prepotente. O mesmo effeito *casual,* partindo do facto natural da descoberta da *bussola* se deu para a origem da grande navegação dos tempos modernos, e portanto para a creação da industria, do trabalho livre, das

relações internacionaes, para a circulação do capital, e para a invenção do credito. Os casamentos das familias reinantes, no tempo em que os povos eram herdados por direito divino, produziram tambem as demarcações politicas das nacionalidades europeas; do acaso do nascimento de um Carlos V, dependeu a reunião da Italia, e da Allemanha á Hespanha; e d'esta preponderancia inorganica a origem da decadencia d'esta parte da Peninsula. Se Colombo tivesse seguido umas gaivotas que, segundo Pinson, annunciavam terra, a America seria descoberta por outro ponto, e a distribuição das raças europeas n'aquelle continente teria sido diversa. Em presença d'estes factos, comprehende-se melhor a base da philosophia da historia, proposta por M. Cournot, que accusa os historiadores, de se limitarem quasi exclusivamente ás phases politicas dos povos. M. Cournot ao traçar o quadro da egreja na edade media, estabelece o caracter das religiões *proselyticas,* ou sentimentaes, á qual pertence o christianismo, e mostra como ellas, para captarem o maior numero, são na sua origem sempre democraticas, e protectoras do fraco, e á medida que se constituem e ligam á vida politica, tiram do estado a sua força, e se declaram dogmaticas intolerantes. Sobretudo o capitulo da formação das linguas e das litteraturas modernas, escripto por um homem que não professa a philologia, basta para mostrar como uma intelligencia lucida facilmente se apodera do espirito de qualquer methodo scientifico e attinge sem esforço a verdade. Não fallamos da parte principal do livro, formada principalmente pela historia das sciencias physicas, mathematicas, juridicas, sociaes, economicas desde o seculo XVI até ao seculo XIX; basta dizer que essa evolução profunda nunca até hoje foi assim esboçada e que se acha alli tractada com a altura de uma das mais notaveis capacidades scientificas da Europa. Ainda que a these sobre que as *Considerações sobre a marcha das ideas* se basea, tenha de ser rejeitada pelos progressos futuros, a exposição do quadro das sciencias será sempre inexcedivel. O seculo XVI surprehende-nos alli, pela coragem com que entrou na actividade scientifica; é o seculo das *academias*, antes do pedantismo official e da petulancia auctoritaria; n'esse fervor as correspondencias litterarias são do mais alto interesse, e os dados biographicos são a parte mais viva da historia. E' d'estes livros que a nova França tem de tirar o vigor moral que lhe escacea, e só com livros assim conscienciosos é que pode alcançar o *espirito scientifico,* que tornou a Allemanha forte e capaz de destruir para sempre o militarismo francez.

THEOPHILO BRAGA.

22.—**Goethe und Felix Mendelssohn Bartholdy** von Dr. Karl Mendelssohn Bartholdy. Leipzig, Hirzel, 1871, in 8.° de 51 pag.

Os estudos incessantes dos eruditos allemães sobre o caracter e as faculdades dos grandes homens d'Allemanha, sobretudo dos do fim do seculo XVIII, teem tido por alvo já mais de uma vez a resolução de um

problema, que só ha mui pouco foi definitivamente resolvido. Era sabido de todos o interesse com que Goethe estudou a arte antiga, a profunda comprehensão dos seus grandes resultados; a pintura, se não o enthusiasmára tanto como as estatuas gregas ou as columnas do Parthenon, havia despertado o seu interesse em Dresden e depois na Italia; a musica, porém, parecia incapaz de actuar de uma maneira sensivel sobre aquelle temperamento. Esta duvida, que não deixava de causar singulares reflexões, está hoje resolvida e tambem explicada a razão porque subsistira durante tanto tempo. Mais abaixo a judicaremos.

O estudo que temos presente, por ter modesto formato não deixa de merecer um exame amiudado, de que é digno pelos resultados que encerra; foi o fructo de uma prelecção feita em Freiburg (em Breisgau—Baden), repetida em Constanz, e dada á luz pelo proprio filho do Mendelssohn, a pedido de varias pessoas. Os factos mais importantes da prelecção reduzem-se a quatro, que correspondem ás quatro visitas feitas por Mendelssohn a Goethe em 1821, 1822, 1825 e 1830; entre a segunda e a ultima visita, ha a viagem do compositor a Paris (1825) e posteriormente a 1830 a sua viagem á Italia e Suissa (1831).

O effeito da primeira apparição de Mendelssohn em Weimar, foi logo importante, se tivermos em conta que era uma creança de 12 annos que apparecia deante d'um velho de 73 annos, a figura mais illustre da epocha. Todavia, a creança já era auctor de duas operas, d'um psalmo a 4 e 5 vozes, ornado d'uma fuga dupla; de seis symphonias, d'um quartetto, d'uma cantata, etc., etc., obras que revelavam uma organisação artistica energica. A opinião de Goethe tocou no ponto principal: o talento creador do joven, deixando de lado o merito da sua execução technica; da outra parte manifestou-se a individualidade d'esse tambem a seu modo; a presença do poeta não impediu o joven Mendelssohn de analysar independentemente, e apesar dos seus 12 annos, não só contra a opinião da sociedade de Weimar, mas até do proprio Goethe. A correspondencia do poeta com Zelter prova em numerosas paginas o grande interesse com que seguiu de Weimar o desenvolvimento do talento nascente. O piano de Streicher de Goethe apenas se abriu de novo no outomno de 1822: «Vem, e acorda-me todos os espiritos alados, que alli dormitaram tão longo tempo.»

A viagem de Mendelssohn a Paris (1825) contém casos interessantes, em que figuram Cherubini, Halévy, Kalkbremer, Herz, Baillot, Rode e outros; a analyse do mundo artistico da capital franceza está feita de forma a causar admiração, quando nos lembramos que é uma creança de 16 annos que falla! A opposição que n'ella se vê entre Cherubini e Auber, já se decide d'um modo pouco honroso para a corrente artistica que este ultimo representou infelizmente por tanto tempo em Paris e em França; a analyse que Mendelssohn faz da *Léocadie*, sem se importar, nem com as suas 52 representações, nem com a aureola do auctor, é d'uma severidade que prova quão forte era já na creança de 16 annos o sentimento do bello e do grande, e a sua individualidade artistica, assente pelo ensino de Zelter sobre solidas bases.

Em 1830 abriu-se para Mendelssohn pela ultima vez a hospitaleira casa de Goethe; o encontro de parte a parte foi notavel d'esta vez. Mendelssohn já não se contentou só em servir d'assumpto á analyse do poeta; as hesitações d'este perante Beethoven tiveram de ceder com a primeira phrase da symphonia em *dó menor;* Goethe, da sua parte, servia o seu hospede, mostrando e explicando-lhe os seus thesouros artisticos, e encostando-se depois a um canto, qual *Jupiter tonans*, (1) seguia attento, com olhar brilhante, a preleeção historico-artistica do Mendelssohn, que ia passando em revista, segundo a ordem chronologica, os trechos dos compositores mais notaveis, acompanhando-os com os devidos commentarios. Tocamos aqui na relação que existia entre Goethe e a arte musical; o que chamava o seu interesse, era menos a creação d'este ou d'aquelle individuo, do que a educação e a marcha das faculdades artisticas do homem n'este campo da arte; o interesse por ella era pois principalmente historico, tomando-a com relação ao movimento da humanidade, isto é, de um ponto de vista todo philosophico. Mendelssohn havia-o feito *pensar,* «e por isso o havia despedido com as suas bençãos.» De pag. 37 a pag. 39, communica-nos o auctor um precioso extracto dos *Tagebücher* (diarios) de seu pae, que contém uma relação fiel de uma conversa entre Goethe e Mendelssohn, occorrida durante esta ultima visita; n'ella caracterisa Goethe d'uma maneira clara, breve e profunda, Stendhal, W. Scott, Schiller, Schlosser (cunhado de Goethe) e outros, e particularmente o penultimo de um modo tão admiravel, que naturalmente desperta, á vista d'esse breve extracto, o desejo de ver os *Tagebücher* publicados, se é que as suas outras paginas estão em relação com estas preciosas amostras.

O que o auctor nos communica nas paginas sobre a viagem á Italia e Suissa, offerece menos interesse, já por estar publicada a correspondencia de Mendelssohn ácerca da primeira excursão, (2) já por se referir o conteudo das cartas da Suissa, dirigidas a Goethe, a cousas do interesse secundario. A forma e linguagem da preleeção é clara e interessante.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

---

23. — **Romania.** recueil trimestrel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston Paris. N.° 4 — Octobre, 1872. Paris, Librairie A. Franck. p. 401–512.

Com este fasciculo concluiu o primeiro volume e anno da *Romania*. (3) Os artigos que contém são os seguintes:

Mélanges de litterature provençale, p. 401–419, par Paul Meyer.

(1) *Reisebriefe,* pag. 8.

(2) *Reisebriefe* aus den Jahren, 1830 bis 1832, herausgegeben von Paul Mendelssohn Bartholdy. Leipzig, 1869, in 8.°, 8.ª edição, pag. 30-224. Estas cartas são preciosas.

(3) Vid. os artigos n.os 2 e 12 do presente volume da *Bibl. crit.*

Segundo o auctor confessa, as peças que elle publíca e as que apparêcerão sob o mesmo titulo nos fasciculos seguintes não teem em si mesmo grande importancia; nenhuma d'ellas, porém, não accrescenta alguma cousa de novo ao que se sabia da litteratura provençal; a raridade dos documentos para o estudo da historia d'essa litteratura, continúa M. Meyer, augmenta o seu valor; d'outro lado os textos mesmo medioeres trazem sempre alguma cousa aproveitavel para a historia da lingua. Outras razões aponta ainda o auctor, que justificam perfeitamente a publicação das peças que seguem e que são: I. Um *descort* inedito, d'auctor desconhecido (talvez Rambaut de Vaqueiras), tirado do cancioneiro do presidente Mazauges (Bodleiana, n.° 269, Collecção Douce); II. Motetos a tres partes em numero de dous, o primeiro dos quaes tirado do mss. 196 da Faculdade de medicina de Montpellier; o segundo tem só a segunda parte provençal, a primeira sendo franceza e a ultima, como de regra, latina; foi tirado do mss. de Montepellier, mas de que ha variante no cancioneiro de Nouailles (Bibl. nat. fr. 1261, fol. 181); III. Oração á Virgem (do mss. 119 da Bibliotheca de Carpentras); IV. Oração a Nossa Senhora das Sete Dores; mais longa e menos antiga que a precedente (talvez do fim do seculo XII ou do começo do XIII), tirada d'um livro d'horas do seculo XV (Bibl. nat. lat. 1357); segundo M. Meyer não se póde fazer remontar além dos ultimos annos do seculo XIV; V. Prologo d'um poema desconhecido (88 primeiros versos) feito talvez sobre uma compilação latina ou sobre fontes diversas; como o poema falla d'um rei de Leão e d'um rei de Castella, como actuaes, é evidente que foi composto antes da união dos dous reinos n'uma só coroa; M. Meyer crê que elle foi composto quando Fernando III era apenas rei de Castella; VI. Quadras sobre a avareza (10 quadras), escriptas pelo fim do seculo XIV sobre a fol. 174.° do mss. lat. 6489 da Bibl. nacional de Paris.

Le Bestiaire de Gervaise, p. 420–443, publ. por Paul Meyer. Conhece-se um grande numero de composições medievaes d'este genero, em que as qualidades e costumes reaes ou imaginarios dos animaes são tomados como symbolos, principalmente de caracter moral e mystico. Segundo M. Meyer, são innumeras as obras d'esse genero nas bibliotheeas de França e Inglaterra; ellas são principalmente em latim. M. C. Hippeau tinha já publicado obras d'este genero em francez antigo: *Le Bestiaire divin de Guillaume, clerc de Normandie* (8.°, 1852) e *Le Bestiaire d'amour, par Richard de Fournival, suivi de la réponse de la Dame* (propriamente dous *bestiarios*), 8.°, 1860. O que publica M. Meyer tem tanto interesse quanto é possivel haver n'uma obra d'este genero de caracter moral e mystico. O texto foi forneeido pelo mss. do Museu Britannico cotado *Addit.* 28 260, e não é mais que a traducção franceza d'um *Bestiario* latino, feita por um Gervasius, de que apenas se sabe que era normando e que achou o seu original segundo elle diz «à *Barbarie* en l'armoire»; logar identificado por M. Meyer com *Barberie* ou *Barbery*, abbadia cisterciense da diocese de Bayeux. M. Meyer suppõe que seja um Gervasius testemunha n'um documento d'aquella

abbadia, anterior a 1204. O interesse especial do poema para o linguista não é consideravel.

Loi des finales em espagnol, p. 444–456, par M. C. Joret. Era de esperar que a grande obra de Diez fosse completada para cada lingua ou subdivisão da familia romanica por sabios especialistas de cada uma das nações romanicas. Para a França e a Italia vê-se dar-se isso, se bem que francezes e italianos tenham n'esta parte muitos collaboradores d'outras nações (por exemplo, Mussafia para os dialectos italianos); mas na Hespanha desgraçadamente não se faz quasi nada para o estudo scientifico da lingua, deixando-se as questões que esse estudo suscita serem discutidas por estrangeiros, como se dá agora com a lei dos finaes, exposta por M. Joret. Os jornaes hespanhoes annunciaram que a Academia hespanhola ia fazer coordenar uma grammatica comparada dos dialectos peninsulares, mas sabemos de boa fonte que isso é apenas um projecto que ninguem tenta realisar. Não podemos, pois, senão applaudir o snr. Joret pelo seu excellente artigo e desejar que elle tracte d'um modo egual as outras partes da phonetica castelhana que carecem miudo exame. O seu artigo offerece-nos, todavia, objecto para alguns reparos, e comquanto bastante completo, tem algumas lacunas importantes. Se M. Joret não se tivesse limitado a estudar só a parte hespanhola, mas estendesse as suas observações aos outros dialectos romanico-hispanicos, teria talvez evitado essas lacunas. Por exemplo, é uma lei commum ao cast. e ao port. a suppressão do *o* (= *u* lat.) final depois de *on* conservado (port. *õ*) nos bysyllabos: assim port. *bom* de *bono, tom* de *tono, som* de *sono, dom* = *dono* = *domno* = *domino;* ondo apparece *ono* final em port., n'um bisyl. está em jogo homonymia, ou duplicidade de fórmas com duplicidade de significações ou a forma é erudita; por exemplo, port. *dono* ao lado de *dom, en-tono* ao lado de *tom.* (1) Mas esta lei tão clara no portuguez, está, por assim dizer, mascarada no hespanhol, onde *o* de *bono* se salvou, quando a palavra não precede substantivo por causa da diphthongação do *ŏ* em *ue: bueno; tono* é forma erudita em castelhano, que porém offerece *don* (ao lado de *dueño)* e *son.* Restringimo-nos a esta observação, porque preparamos um estudo sobre as vogaes finaes portuguezas, em que faremos outros reparos á doutrina do romanista francez.

De l'origine et du développement des romans de la Table Ronde — Le Saint-Graal, p. 457–482, par M. Paulin Paris. O celebre medievista compendia aqui as suas profundas investigações sobre as origens das lendas do Saint-Graal e sua conversão em material romantico. As mais recentes publicações feitas na Inglaterra são aproveitadas. O artigo de M. Paulin Paris, é um excellente fio conductor para quem quer estudar o cyclo do Saint-Graal.

Mélanges, p. 483–491. *Joca Monachorum,* par M. Paul Meyer. Se-

(1) Um exemplo do primeiro caso é fornecido por uma palavra obscena; outro temol-o em *sono* (escripto *somno* de *somnium*) ao lado de *som.*

rie de perguntas assaz enigmaticas, com as suas respostas; specimen d'um genero que tem muitos representantes medievaes e que não está ainda estudado. O texto é em latim barbaro, e offerece vestigios romanicos muito interessantes.

Trop, troupe, troupeau, par J. Storm. O romanista norueguez regeita a etymologia proposta por Diez para *tropa,* fr. *troupe* do lat. *turba,* em que o *v* se mudaria em *b* por influencia germanica, e propõe como origem da palavra romanica o correspondente germanico de *turba,* que em antigo norsico soa *thorp* e em norueguez *torp.* Comquanto a etymologia do sabio norueguez nos pareça muito provavel, somos inclinados a crer que o melhor é conciliar as duas opiniões e ver em *tropa* uma reacção da forma germanica sobre a forma latina. Pelo que respeita ao sentido, houve tambem reacções similhantes e a esta causa devemos attribuir principalmente a substituição de *directus* a *jus.* Observaremos ainda ao snr. Storm que não é só Diez que admitte uma influencia da pronuncia germanica nas formas latinas; Max Müller consagrou a esta questão um artigo no *Zeitschrift* de Kuhn v, 11–24 *(über deutsche Schattirung romanischer Worte).*

Comptes-rendus, p. 492–499. *Sull' origine dell' unica forma flessionale del nome italiano. Studio* di Francesco d'Ovidio. Pisa, Nistri, 1872. 8.°, 59 p. Artigo do snr. A. Mussafia, por onde se vê que o auctor do opusculo desenvolve para o italiano a theoria exposta por Corssen e depois por Schuchardt sobre a destruição dos casos em latim e em romanico. É singular que ao snr. Mussafia escapasse o que Corssen escreveu a este respeito nos *Beiträge zur lateinischen Formenlehre,* e na obra *Über die Aussprache,* etc., como parece ter escapado a M. d'Arbois de Jubainville, (1) o que elle cite como predecessor d'Ovidio n'este modo de explicar o desapparecimento da declinação latina a Schuchardt, mostrando ao mesmo tempo que a explicação, pelo que respeita á primeira e segunda declinação, está potencialmente contida nas palavras de Diez na parte respectiva; mas essa interessante e justa reivindicação para o nosso mestre commum não obsta a que se olhe Corssen como tendo sido o primeiro a apresentar as cousas a uma outra luz. Schuchardt apresentou a sua explicação tambem sem uma referencia ao que Corssen escrevera precedentemente, o que levou este linguista a escrever a seguinte nota: «*Den Hergang des Absterbens der Casusendungen* des Singularis der vokalischen und der consonantischen Stämme in der spätlateinischen Volkssprache habe ich bereits im Wesentlichen richtig nachgewiesen *in der ersten Ausgabe dieses Buch* (I, 113. 121. 268 f.) und dann den ähnlichen Hergang auch für die Pluralformen der A-deklination und der O-deklination *in den kritischen Beiträgen* zur lateinischen Formenlehre *(S.* 487–491). *Nach dieser Zeit hat Schuchardt ohne diese Nachweise zu erwähnen ebenfalls* von dem Absterben der lateinischen dritten Deklination in der spätlateinischen Volkssprache gesprochen; ausser einer Anzahl von Beispielen abgestum-

(1) Vid. *Bibl. crit.* I, p. 96.

pfter Casusformen aber nichts Neues beigebracht.» *Über Aussprache* II,[2] 245, Ann. x. Pois se trata da historia d'uma theoria importante, julgamos não ser inutil entrar n'estas particularidades. Dar a Cesar o que é de Cesar. O artigo do snr. Mussafia encerra muitas particularidades interessantes.

Périodiques, p. 500–506. *Chronique*, p. 507–508. *Errata*, p. 509. *Table des matières*, p. 510–512.

V. nota em pg. 160

F. A. C.

BOLETIM

Göttingische gelehrte Anzeigen unter der Aufsicht der Königl. Gesellschaft der Wissenschaften. 1873. 1–3. *Les annales de Saint-Bertin et de Saint-Vaast suivies de fragments d'une chronique inédite publiée avec des annotations et des variantes des manuscripts pour la societé de l'histoire de Franec*, par l'abbé C. Dehaisnes, archiviste du Nord. — *Quae fere via atque ratione Novi Testamenti interpretatio instituenda videretur, loco quodam ex Pauli epistulis desumpto* (1 Tim. 3,14–16) demonstravit Alexander Kolber. — *Wörterbuch zum Rig-Veda*, von Hermann Grassmann. — *Die Entwicklung des gelehrten Richterthums in deutschen Territorien. Eine rechtsgeschichtliche Untersuchung mit vorzugsweiser Berücksichtigung der Verhältnisse im Gebiete des chemaligen Kurfürstenthums Hessen* von Adolf Stölzel. — *Sacuntala annulo recognita. Fabula scenica Câlidesi. In usum scholarum Academicarum textum recensionis Dâvanagaricae recognovit atque glossario Sanscritico et Pracritico instruxit* Carolus Burkhard. — *La Serbie. Kara-George et Milosch par Saint-René Taillandier.* — *Wolfgaug Ratichius oder Ratke im Liehte seiner und der Zeitgenossen Briefe und als Didaktikus in Cöthen und Magdeburg. Originalbeitrag zur Gesehichte der Pädagogik des 17ten Jahrhunderts* von G. Krause. — *Inscriptiones latina et graecae cum carmine graeco extemporali Quinti Sulpicii Maximi cum notis per Aloisium Ciofi.* — *La légende Athéniense étude de mythologie comparée* par Émile Burnouf. — Franz Overbeck, *Ueber den pseudo-justinischen Brief an Diognet.* — *Untersuehungen über die gothischen Adverbien und Partikeln* von Adalbert Bezzenberger.

Litterarisches Central-blatt für Deutschland, Herausgeber und verantwortlicher Redacteur Prof. Dr. Fr. Zarncke (Leipzig, Avenarius). 1873. N.r 1–4. Artigos criticos sobre as seguintes obras do dominio da *Bibliographia critica:* B. Netcler, *Studien über die Echtheit des Pentateuchs.* — Dr. Herm. Zschokke, *historia sacra Antiqui Testamenti compendiose concepta.* — Dr. Theod. Keim, *Geschichte Jesu von Nazara, in ihrer Verkettung mit dem Gesammtleben seines Volkes.* — Dr. Herm. Spörri, *über den Cultus der Madonna.* — Joh. Volket, *Pantheismus und Individualismus im Systeme Spinoza's. Ein Beitrag zum Verständniss des Geistes im Spinozismus.* — Giacomo Lum-

broso, *ricerche Alessandrine.* — Ant. Matscheg, *Cesare ed il suo tempo.* — Dr. P. C. Planta, *das alte Raetien staatlich und culturhistorisch dargestellt.* — *Gotifredi Viterbiensis Gesta Friderici I. et Heinrici VI. imperatorum metrice scripta ex editione Waitzii. In usum scholarum ex Monumentis Germaniae historicis recudi* Georg. Heinr. Pertz. — Lndv. Freih. v. Welden, *der Krieg von 1809 zwischen Oesterreich und Frankreich, vom Anfang Mai bis zum Friedenschlusse.* — Dr. Ernst Zimmermann, *ächte und unächte negotiorum gestio. Ein Beitrag zum römischen Obligationenrecht.* — *Aeltere Nachrichten über Leipzigs Bevölkerung 1595–1849 und über den Bevölkerungswechsel in den Jahren 1868–1871* (Mittheilungen des statist. Bureaus der Stadt Leipzig herausg. von G. F. Knapp. 6 Heft.) — Prof. Alfr. Ludwig, *Agglutination oder Adaptation? Eine sprachwissenschaftliche Streitfrage. Mit Nachträgen zu des Verfassers* «Infinitiv im Veda». — François Lenormant, *lettres assyriologiques sur l'histoire et les Antiquités de l'Asie antérieure.* — Ernst Curtius, *Beiträge zur Geschichte und Topographie Kleinasiens (Ephesos, Pergamon, Smyrna, Sardes) in Verbindung mit Major Regely, Baurath Adler, Dr. Hirschfeld u. D. Gelzer herausgegeben.* — W. Fröhner, *deux peintures de vases grecs de la nécropole de Kameiros expliquées.* — Otto Benndorf, *die Antiken von Zürich.* — Dr. Aug. Wünsche, *die Weissagungen des Propheten Joel übersetzt und erklärt.* — Aemil. Luebeck, *Hieronymus quos nouerit script. et ex quibus hauserit.* — Colm. Grünhagen, *die Hussitenkämpfe der Schlesier, 1420–35.* — Dr. C. W. Pauli, *Lübeckische Zustände im Mittelalter.* — D. Herm. Knothe, *urkundliche Geschichte des Jungfrauenklosters Marienstern Cisterzienserordens in der königl. sächs. Oberlausitz von der Zeit seiner Gründung bis Anfang des 16. Jahrhunderts.* — Prof. John Tyndall, *in den Alpen.* — C. E. Rhade, *der Elbinger Kreis in topographischer, historischer und statistischer Hinsicht.* — Herm. Hartmann, *Bilder aus Westfalen. Sagen-Volks-und Familienfeste, Gebräuche, Volksaberglaube sc.* — *Plutarchi Chaeronensis Moralia. Ex recens. Rud. Hercheri.* — Dr. Jos. Konze, *de dictione Lycophronis Alexandrinae aetatis poetae.* Pars I. *De Lycophroneae dictionis proprietate in universum ratione simul habita Homeri et Tragicorum.* — Joh. Georg. Hamman's, *Schriften und Briefe. Zu leichterem Verständniss im Zusammenhange seines Lebens erläutert u. herausg.* von Moritz Petri. — K. Friedr. Köhler, Luther's *Reisen und ihre Bedeutung für das Werk der Reformation. Nach den Quellen bearbeitet.* — M. Heinze, *Die Sittenlehre des Descartes.* — R. Beulé, *die römische Kaiser aus dem Hause des Augustus und dem Flavischen Geschlecht. Deutsch bearb.* von Dr. Ed. Döhler. 1 Bdchn.: *Augustus, seine Familie und seine Freunde.* — C. Stüve, *Geschichte des Hochstiftes Osnabrück. Aus den Urkunden bearbeitet.* — Dr. Dietr. Schäfer, *dänische Annalen und Chroniken von der Mitte des 13 bis zum Ende des 15 Jahrhunderts, mit Berücksichtigung ihres Verhältnisses zu schwedischen und deutschen Geschichtswerken kritisch untersucht.* — Jul. Otto Opel, *der niedersächsisch-dänische Krieg.* 1 Bd. *Der niedersächsische*

Krieg 1621–23. — K. Goedeke, *Adolf Ellissen.* — C. Ferd. Appun, *unter den Troppen. Wanderungen durch Venezuela, am Orinoco, durch Britisch Guyana und am Amazonenstrome in den Jahren 1849–1868.* 2. Band: British Guyana. — Moritz Voigt, *über den Bedeutungswechsel gewisser der Zurechnung un den öconomischen Erfolg einer That bezeichnenender technischer lateinischer Ausdrücke.* — Prof. Her. Grassmann, *Wörterbuch zum Rig-Veda.* 1 Liefrg. — Herm. Oesterley, *Baitâe Pachísi oder die fünfundzwanzig Erzählungen eines Dämon.* In deutscher Bearbeitung mit Einleitung, Anmerkungen u. Nachweisen. — G. Hirschfeld, *Athena und Marsyas.* 32. Programm zum Winckelmannfest der archäolog. Gesellschaft zu Berlin. — Dav. Friedr. Strauss, *der alte und der neue Glaube.* Ein Bekenntniss (entra aqui, apesar do seu caracter pessoal). — Ad Zahn, *de notione peccati, quam Johannes in prima epistula docet commentatio.* — Wilk. Jhne, *römische Geschichte.* 3. Bd. *Die äussere Geschichte bis zum falle von Numantia.* — Heinr. Pröple, *Friedrich der Gross und die deutsche Literatur.* Mit Benutzung handschriftlicher Quellen. — W. Müller, *illustrirte Geschichte des deutsch-französichen Krieges.* — *The Chinese Recorder and Missionary Journal,* Vol. IV. *The Chinese Review or Notes and Queries on the far East.* — Dr. J. J. Egli, *Nomina Geographica. Versuch einer allgemeinen geographischen Onomatologie.* — *Aristeae epistula ad Philocratem. Dissertatio inaug. philol. scr.* Aemil. Kurz. — Victor Ryssel, *die Synonyma des Wahren und Guten in den Semitischen Sprachen.* — Dr. Rich. P. Wülcker, *des Evangelium Nicodemi in der abendländischen Literatur. Nebst drei Excursen.* — *Reinke de Vos.* Herausgegeben von Karl Schröder. — Dr. Ferd. Vetter, *zum Muspilli und zur germanischen Alliterationspoesie. Metrisches.* — *Kritisches.* — *Dogmatisches.* — Wilke Hertz, *deutsche Sage in Elsass.* — Dr. O. Keller, *Vicus Aureli oder Oehringen zur Zeit der Römer.* — Carl Strube, *Supplement über den Bilderkreis von Eleusis.* — A. Nüscheler, *die Letzinen in der Schweiz* (Les retranchements des villes et vallées Suisses).

Blätter für litterarische Unterhaltung, herausgegeben v. R. Gottschall. Leipzig, Brockhaus — 1873. N.° 1–5. *Revue des Litteraturjahres* 1872. R. Avé-Lallemant, J. V. Carus, A. Dove, H. W. Dove, J. W. Ewald, A. H. R. Grisebach, J. Löwenberg, O. Peschel, G. H. Wiedemann, W. Wundt bearbeitet und herausgegeben von Karl Bruhns, *Alexander von Humboldt, eine wissenschaftliche Biographie.* — Gubernatis, *Ueber die Indologen der Gegenwart.* — F. Remy, *Die Krim in ethnographischer, landschaftlicher und hygienischer Beziehung.* — K. Braun, *Tokaj und Jókai, Bilder aus Ungarn.* — W. H. Dixon, *Die Schweizer.* Aus d. engl. — J. J. Weilermann, *Aus der Firnenwelt,* Neue Folge. — W. Rullmann, *Landschaftliches und Geschichtliches aus dem Unterelsass.* — J. Schneebeli, *Washington* (nach W. Irwing). — L. Brunier, *Luise, e. d. Königin.* — L. Brunier, *Eine meecklemburgische Färstentochter* (Helene. Herz. v. Orléans). — E. v. Stockmar, *Denkwürdigkeiten aus den Papieren d. Freih. C. F. v. Stock-*

mar. — Karl Abel, *Ueber den Begriff der Liebe in einigen alten und neuen Sprachen.* — H. Vámbéry, *Geschichte Bocharas oder Transoxaniens, von d. frühesten, Zeiten bis auf die Gegenwart.* — W. Müller, *Politische Geschichte der Gegenwart, V.* — Ed. Arnd, *Geschichte der Jahre 1867 bis 1871.* — K. Klüpfel, *Gesch. der deutschen Einheitsbestrebungen bis zu ihrer Erfüllung, 1848-1871, I.* — Rud. Köpke, *Kleine Schriften zur Geschichte, Politik und Literatur.*

Zeitschrift für bildende Kunst mit dem Beiblatt: *Kunst Chronik*, herausgegeben v. Prof. Dr. Carl von Lützow. Leipzig, Seemann 1873. N.° 1-4. — A von Zahn, *Barock, Rococo und Zopf.* — J. E. Wessely, *Zur Erinnerung an Carl Frommel.* — C. Vosmaer, *Die niederländischen Anatomie-Gemälde.* — G. Keletti, *Karl Markó der Aeltere.* — G. Kinkel, *Die italienischen Reisebücher von Gsell-Fells.* Nebst einigen Nachträgen zur Kunstgeschichte von Mailand. — R. B., *Die Austellung älterer kunstgewerblicher Gegenstände in Berlin.* — C. von L., *Die Wiener Schatzkammer.* — A. Springer, *Raphaelstudien.* O auctor dá n'este artigo (16 paginas) uma analyse profunda e bastante severa do livro de H. Grimm.: *Das Leben Raphaels von Urbino.* — W. Gurlitt und E. Ziller, *Attische Bauwerke: I. «Das Theseion».* — Jacob Falke, *Zur Erinnerung an Heinrich Petri.* — C. Clauss, *Die Meyer'sche Gemäldesammlung in Dresden.* — H. Horawitz, *Kunstgeschichtliche Miscellen aus deutschen Historikern.*

Kunst-Chronik (Beiblatt zur Zeitschrift für bildende Kunst). 1873. N.° 12 (3 Jan.ro)-16. — R. B., *Hans, Freiherr von und zu Aufsess.* — ..., *Friedrich Bürklein* — A. W., Dr. Hermann Luchs, *Schlesische Fürstenbilder des Mittelalters* — *Austellung altniederländischer Kunst in Brüssel.* — Dr. Rudolf Marggraff, *Katalog der älteren k. Pinakothek zu München.*

NOTA A P. 157

«Isto mostra-nos como a poesia portugueza nos primeiros *Cancioneiros* pertence unicamente a Portugal pela lingua, mas á França pelo espirito e pela fórma.» Esta minha proposição é muito absoluta. Já Diez apontou (*Über die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie*, p. 73) como os poetas d'esses *Cancioneiros* tentavam dar um tom nacional a essa poesia d'origem estrangeira. Em todo o caso, a relação d'essa poesia com a vida nacional carece de ser aprofundada, e podel-o-ha ser sómente quando o grande *Cancioneiro* portuguez da Vaticana estiver todo publicado. Felizmente, podemos dar aos nossos leitores a grande nova que esse CANCIONEIRO DA VATICANA VAE SER DADO TODO Á LUZ pelo Signor Ernesto Monaci, distincto romanista italiano. No fasciculo VI daremos mais exactas informações.

F. A. C.

25.—**Benoit de Sainte-More et le Roman de Troie,** ou les Metamorphoses d'Homère et de l'Epopée greco-latine au Moyen-Age, par A. Joly. Paris, Librairie A. Franck. 2 vol. 1870, pp. 616; 1871, pp. 446. In-4.º

Dá-se agora na Europa o mesmo fervor que os humanistas do seculo XV sentiram ao descobrirem os manuscriptos da antiguidade grega e romana; mas o que tanto occupa a critica, a philologia, a linguistica, a archeologia, são esses restos da elaboração sentimental da edade media, mais proximos de nós, que nos pertencem, pelas tradições que ainda repetimos, pelas linguas que fallamos, pelas formas sociaes por que passamos, pelos costumes que se nos tornaram extranhos e pelos interesses politicos que deram unidade aos povos neo-latinos. O enthusiasmo d'um Poggio só nos póde explicar a perseverança d'um LaCurne de Sainte-Pelaye, procurando, ha já um seculo, nos manuscriptos das bibliothecas de Italia as velhas canções de gesta francezas. (1) O malicioso Presidente de Brosses escreve nas suas *Cartas de Italia* de 1740, ácerca do seu companheiro de viagem: «O gaulez Sainte-Pelaye tinha muita impaciencia de que lhe fosse apresentada por Muratori não sei que collecção de velhos jograes provençaes, para passar todo este dia em Bolonha comnosco.» (Lettr. LIII.) A causa d'esta effusão de todos os eruditos foi o ter-se descoberto a edade media com os mesmos caracteres dos periodos primitivos, com a fecundidade inconsciente que cria as religiões, as linguas, o direito, as formas epicas, a sociedade, a industria. Só a edade media é que podia explical-a pelas suas creações; a poesia tem sido a grande sybilla que mais nos revela o passado. Ella mesmo deixou caracterisadas as differentes correntes da actividade da imaginação, na *Chanson des Soissons,* de Jean Bodel: o cyclo carlingiano ou de França; o cyclo arthuriano ou de Bretanha, e o cyclo greco-romano de *Rome la grant*:

> Ne soŕt que trois materes à nul homme entendant
> De *France,* de *Bretagne,* et de *Rome la Grant.*

O cyclo de Carlos Magno acha-se hoje admiravelmente estudado no t. XXII da *Histoire littéraire de la France,* pelo profundo erudito M. Paulin Paris, um dos primeiros creadores da sciencia da epopea medieval; por seu filho e digno successor da gloria, M. Gaston Paris, na *Histoire poétique de Charlemagne,* modelo de erudição e de senso critico, dentro do mais rigoroso espirito scientifico; nas *Epopées françaises,* de M. Leon Gautier, assombro de investigações e de methodo, ainda que dominado por uma certa reacção catholica. O cyclo de Arthur, egualmente vasto, está ainda em exploração por M. Hersart de la Villemarqué, e sobretudo por M. Paulin Paris. O livro de M. Joly, sobre Benoit de Sainte-More, vem preencher uma grande lacuna; as tradições da antiguidade grega e romana, que se propagaram a par das tradições nacionaes, ainda não haviam sido estudadas no seu desenvolvimento; apenas M. Edelestand du Méril, nas notas á collecção das *Poé-*

(1) *Lettres du Président de Brosses,* XLVI.

sies populaires latines anterieurs au douzième siècle (pp. 32 a 38) fizera um inventario dos subsidios para o exame d'este problema, e apresentára uns versos latinos sobre a ruina de Troya *(ib.,* p. 309); a Academia de Inscripções e Bellas Lettras poz em concurso em 1859 a these: «Procurar quaes foram, na antiguidade grega e latina, até ao seculo v da nossa era, os diversos generos de narrações fabulosas, que hoje se chamam romances, e se taes narrativas foram em algum tempo, entre os antigos, confundidas com a historia.» M. Chassang respondeu a esta these, escrevendo um bom livro sobre a *Histoire du Roman,* que mereceu ser coroado; mas o limite historico que lhe foi imposto até ao seculo v, não o deixou seguir o fio interessantissimo da tradição grecoromana na edade media. O livro de M. Joly historía largamente esta ordem de ficções, tomando por centro dos seus estudos o auctor do *Roman de Troye;* convinha-lhe enumerar as gestas eruditas que constituiam este cyclo, e no *Roman de Flamenca* vem uma lista do que cantavam certos jograes, cujos assumptos correspondem ainda hoje aos manuscriptos existentes: «Um canta de *Priamo,* outro de *Piramo;* outro da bella *Helena,* como Páris foi á sua procura, e depois a trouxe; outro conta de *Ulysses,* outro de *Hector* e de *Achilles.* Outro contava de *Eneas* e de *Dido,* como ella ficou por elle triste e desolada; outro contava de *Lavinia*... de *Apollonice,* de *Tydeu,* de *Etidiocles*... Um conta do rei *Alexandre,* outro de *Ero* e de *Leandro.* Um diz de *Cadmo* e de sua fuga, e de *Thebas,* como ella se edificou. Outro contava de *Jason* e do dragão, que não conhecia somno; outro conta d'*Hercules* e de sua força; outro como *Phillis* attenta contra si por amor de *Demophonte.* Um diz como o bello *Narciso* se afogou na fonte onde elle se mirava. Um diz de *Plutão,* como roubou a *Orpheu* a sua bella esposa... Um conta de *Julio Cesar,* como passou sósinho o mar, sem implorar nosso Senhor, porque elle não conhecia o mêdo...» (ap. Joly, p. 6.) A importancia d'esta citação conhece-se ao passo que se vae verificando a existencia de grandes canções de gesta sobre os assumptos indicados; M. Joly procura nos poemas dos outros cyclos a persistencia das tradições classicas, e passa immediatamente a tratar da biographia de Benoit de Sainte-More. Ha aqui uma grande deficiencia; era preciso investigar primeiramente o motivo da propagação d'essas tradições em grande parte extranhas. A edade media chegou theoricamente muito cedo ás ideas moraes; formulava-as em *Exemplos* ou contos d'onde a these se materialisava; esta necessidade estava satisfeita nos moralistas e historiadores gregos e romanos, e foram esses que forneceram o assumpto para os *Exemplos.* No *Haveloc le Danois,* se recommenda:

> Volenters deuroit home ouir
> et reconter et retenir
> *les nobles fetz ess anciens*...

Ainda assim, isto só não bastava para a immensa popularidade das lendas classicas na edade media; por certo que existia alguma cousa organica, que ainda não tem sido achada.

O apparecimento do cyclo erudito de Troya no meio das tradições da edade media, não foi um facto devido unicamente aos esforços individuaes d'alguns cultores da antiguidade classica; havia n'esse cyclo uma vitalidade organica, que o tornava popular, e que o fez coexistir com egual interesse a par dos cantos das novas nacionalidades. Essa vitalidade explica-se pelas leis da epopêa, que são as mesmas em todos os tempos, pelo fatalismo das phases psychologicas; assim como as linguas e as religiões não apresentam solução de continuidade atravez da historia, tambem as tradições poeticas não se extinguem, mas transformam-se segundo o estado do espirito e das civilisações. Pela vida das tradições medievaes se explica o porquê da continuidade do cyclo troyano, o motivo da sua popularidade. Sigamos os paradigmas: as epopeas da edade media nasceram das *Cantilenas* avulsas, que se agruparam cyclicamente nas *Gestas*, e vieram a degenerar nas ampliações em prosa das *Novellas* do seculo XV; nas tradições poeticas do cyclo troyano encontramos a mesma evolução: as *Cantilenas* soltas em differentes dialectos das cidades gregas, celebrando, de preferencia, certos heroes locaes, tal é o periodo dos *Aédos;* o agrupamento d'esses cantos em uma forma unitaria, motivado pela necessidade de proteger a Grecia contra a invasão da Persia: tal é o periodo dos *Homerides,* correspondente ás gestas; finalmente, a degeneração em prosa dos *Rhetoricos,* que se deu desde a escola d'Alexandria até aos claustros da edade media.

Ha aqui a notar que quando as gestas romanicas estavam no principio da sua efflorescencia imaginosa, já o cyclo troyano estava na sua terceira phase rhetorica ou decadente; a causa moral que trouxe as gestas á forma novellesca, isto é, a falta de interesse historico, foi a mesma que se deu com o cyclo troyano. Se Carlos Magno ou Roland se tornam phantasmas dos devaneios romanescos, a guerra de Troya e os seus heroes eram considerados por Dion Chrysostomo como nunca tendo existido e como productos da imaginação. (*Disc.* IX, ap. Chassang, *Hist. Rom.*, p. 348.) D'este periodo rhetorico do cyclo troyano, que a edade media exclusivamente conheceu, restam abundantes documentos, que fundam a verdade d'essa lei epica; são elles, a *Pequena Iliada*, de Lesches; o *Ilii excidium,* de Arctinos; as tradições do tempo de Aristophanes, citadas nos *Lysistrata, Triphiadoros, Cointes de Smyrna, Philostratos, Pisander, Dictis de Creta, Dares Phrygio, Gnosius de Creta, Sisypho de Coos, Phidalius de Corynthо, Syagrius, Hecatens, Olellanicus, Pherecydes, Lerius, Acusilaus, Abans, Cephalous, Gergithius* e *Septimius.* (Ap. Du Méril, *Poés. lat.*, p. 35, not. 1.) As tradições troyanas eram de mais a mais conhecidas, sob esta phase rhetorica, por Aeliano no seculo III, que cita *Dares Phrygio;* por Macclas, no seculo IX; Constantino Prophyrogeneta, no seculo X; Suidas, no seculo XI; Isaac Prophyrogeneta, Constantino Manasses, João e Isaac Tzetzes, no seculo XIII. *(Ib.)* Podemos dizer por uma synthese litteraria, que o cyclo troyano foi para toda a edade media o mesmo que as novellas de Cavalleria para o seculo XV, e que a continuação d'esta falsa

actividade poetica se deu sobre as superfetações de *Dares* e de *Dictis*. M. Joly, no seu vastissimo estudo de Benoit de Sainte-More, para explicar a persistencia das tradições troyanas na edade media, não sentiu esta lei organica da epopea, esforçou-se para reconstruir o conhecimento erudito que havia de Homero na Europa; (§ III, p. 109) e ao mesmo tempo, recorreu ao estado de syncretismo das tradições n'essa epocha de rudeza, para assim tornar possivel o receber-se na corrente das versões um assumpto historico já morto e sem interesse: «Era preciso que estes assumptos fossem egualmente accessiveis á multidão, e assim o eram, graças a *uma disposição particular do espirito na edade media*, que não estava menos preparado a saboreal-os, pela sua propria ignorancia. O que lhe falta, com effeito, é sobretudo a critica, e por isso mesmo, para os espiritos cultivados como para a multidão a seu turno, para os homens que receberam a cultura latina e para o povo que tem de longe em longe por via d'elles vagos ecos, a guerra de Troya podia parecer naturalissimamente um successo nacional, uma pagina de historia dos seus antepassados.» (*Op. cit.*, t. I, p. 110.) Estas razões de M. Joly não explicam o interesse e a vida das tradições troyanas antes de Benoit de Sainte-More; recorre a estados particulares do espirito, a communicações dos eruditos com o povo, em todo o tempo impossiveis, sem vêr que o porquê natural estava na lei de degeneração a que obedeciam as tradições d'esse cyclo, como acima indicámos. Ligada a formação da *Eneida* de Virgilio a esta phase rhetorica, justifica-se o ideal da grandeza de Roma derivado da aspiração da grandeza troyana, indicado no canto XX da *Iliada;* o caracter popular dos epithetos de *pius Eneas;* o amor da edade media por Virgilio, e a admissão d'esse ideal patriotico por Sallustio, Tito Livio, Velleio Paterculo, Diniz de Hallicarnasso, Diodoro de Sicilia, e Plutarcho. Se tudo isto nos accusa uma tradição troyana, como podia ella existir sem produzir creações legendares? Ora só a esta evolução, que se continuou pela edade media, é que se deve attribuir o primeiro interesse pelas lendas de Troya. Quando começou a renascença culta da antiguidade, depois do seculo XIII, é que a communicação directa com os dous poemas de Homero veiu dar ao cyclo um desenvolvimento mais litterario e um interesse puramente erudito. Sabendo-se que as canções de gesta, á medida que se aproximavam mais da sua decadencia poetica, se arrogavam uma importancia historica e indicavam sempre uma fonte manuscripta d'onde diziam ter sido extrahidas, vemos por esta tendencia o que significa o caracter historico com que as tradições troyanas se apresentam na edade media. Na historia de quasi todos os povos achamos intercaladas varias origens troyanas; que quer dizer isto senão que os chronistas receberam na sua boa-fé esse subsidio, que lhe era incutido como uma realidade indiscutivel? como um legado das memorias do passado de que se aproveitavam? Portanto, a explicação d'este facto, attribuido á vaidade nacional, é de mera phantasia; e a aspiração dos povos a virem a realisar as prophecias da grandeza de

Troya, como quer Du Méril, é tambem inadmissivel. (*Poés. popul. lat.*, p. 37.)

Este caracter *historico* com que se acceitaram as tradições de Troya no seu ultimo periodo de elaboração, acha-se reproduzido em Portugal ainda no seculo XIV, no *Nobiliario* do Conde D. Pedro: «O primeiro rrey que pobrou a Troya ouue nome Dradanus, e por esto as gentes da terra forom chamados dardanides. Esto foy no tempo d'Abraham, quando sayo das çidades dos caldeus. Depois de Dardanus ouue hi outro rrey que ouve nome Ylius: aqueste fez o castello da Troya. E por este rrey Ilius ouue o castello nome Ylom. E depois do rrey Ilius, rreynou Leomedom. Este Leomedom por a maa colhemça que fez a Jasom neto de Peltus, quamdo venceo Tarsom do ouro que era na Ilha de Caleus. E por esta rrazom quamdo sso tornou Jasom rrogou seus amigos e paremtes. E veerom com grande oste sobre a Troya, e cercoua e tomoua, e matou rrey Leomedom e tomou hnuma sa filha que avia nome Esiona, levoua catiua e foy a çidade destroyda. Este rrey Leomedom avia huum filho que avia nome Priamo, e era ido com gramde hosto sobre seus emiigos, e nom foy no destroimento da çidade. E quamdo tornou achou seu padre morto o a çidade destroida, e pobroua outra vez. E çercoua outra vez darredor de boom muro e fezea a mais forte que pode pera se deffemder de seus emiigos.—Este rrey Priamo ouue çimquo filhos de ssa molher, que forom muy boons cavalleiros, hum ouue nome Eytor, e outro Paris, e o terçeiro Troillos, e o quarto Deifebus, e o quimto Elenus. E comssellhousse rrey Priamo com seus filhos e com sens amigos, e enuiou Paris seu filho á Greçia por clamar o torto, que lhe aviam feito os rreis, de Leomedom e de seu padre que lhe matarom o de saa irmãa Esiona, que tinham catiua. E Paris foy á Greçia e levou XXII naaos e duzemtos caualleiros e gramdes gentes de pee, e assy veo a Greçia. E emtom avia peruemtuira que era hi ajumtada toda a gente da terra a hnuma festa que hi faziam. E era hi Elena a molher de rrey Menelaos irmaã de Gamenon que era a mais fremosa dona de toda a terra. Paris quebramtou todo o templo e destroyo toda a gente que hi era e catiuou os que quiserom. E filhou a rrainha Elena e leuoua aa Troya pera ssa molher. E per esta rrazom moueromsso todas as gentes das terras, e veerom sobre Troya e teneromna çereada dez annos. E ouue hi grandes fazemdas, e mortas gramdes cavallarias *assy como falla na ssa estorea*. E a cabo de dez annos foy presa a çidade per gram arte e per gramde emgano de traiçom que hi ouue feita. E todos os que ouue na çidade forom mortos e a çidade foy destroyda e queimada.—Avia hi huum ricomem em a çidade que avia nome Eneas e avia por molher a filha delrrey Priamo que avia nome Aquilia. E prendeu esta molher em a prisom da çidade. Este Eneas escapou do destroimento da çidade de Troya. E ouve trezentos caualleiros o noue naaos e meteosse no mar e trabalhou hi muito tanto que chegou a Cartago. E avia hi hnuma rrainha que avia nome Dido. E rreçebeo muy bem e amono muito e deulhe seu corpo em poder e foy senhor de ssa terra. E a cabo de tempo partiosse Eneas della a furtu

assy que ella nom o soube, e leixoua. E depois que o ella o soube de pesar que ouue matousse com huma espada que Eneas lhe avia dado.— Eneas aportou em Italia, honde ora he Roma...» etc. (1) Pela referencia á rainha Dido se vê que esta tradição accusa já o conhecimento da *Eneida* de Virgilio; a origem de Troya e os seus desastres são tirados do *Roman de Troye*, de Benoit de Sainte-More, recebido como documento historico. M. Joly falla do conhecimento do *Roman de Troye* na Peninsula, citando unicamente o facto de ter sido possuido um exemplar por Carlos v (t. I, p. 398); este exemplar conserva-se hoje na Bibliotheca imperial de S. Petersburgo, e consta de 182 folhas a duas columnas; está assignado pelo rei de Hespanha e imperador da Allemanha, no principio e no fim do volume. *(Ib.,* t. II, p. 7.) O estado das tradições do cyclo greco-romano em Portugal e Hespanha não occupou M. Joly, talvez por falta de subsidios. Nas *Noticias de la calidad y circumstancias de Dom Pedro Lopez Ayala* (Chr., t. I, p. 26) conta seu sobrinho Fernão Peres de Gusman, que a *Historia de Troya* foi por sua via conhecida em Hespanha: «Amava muito as sciencias, e entregou-se bastante aos livros e historias, e tanto, que apesar de ser um bom cavalleiro, e de grande discrição na pratica do mundo, foi comtudo tão inclinado á pratica das sciencias, e passava a melhor parte do seu tempo a lêr e a estudar, não obras de direito, senão de philosophia e de historia. Por sua causa foram em Castella conhecidos livros que d'antes o não eram, como Tito-Livio, que é a mais digna leitura romana, a *Queda dos Grandes,* os *Moraes* de S. Gregorio, o livro de Izidoro *De summo bono,* Boccio, a *Historia de Troya.*» (Apud. *Hist. da Litt. portug., Introd.,* p. 249.) Na livraria de El-Rei D. Duarte, uma das mais ricas da primeira metade do seculo XV, encontramos apontada no seu catalogo uma *Historia de Troya;* citando M. Joly os differentes manuscriptos do poema de Benoit de Sainte-More, diz que dezenove são escriptos no dialecto da Ilha de França, e apenas tres é que são escriptos em outros dialectos, em normando, picardo e borgonhez. O poema que se guardava na Bibliotheca de D. Duarte era traduzido em aragonez, *por aragoez. (Introd. á Hist. da Litt. portug.,* p. 247.) Pelo casamento de el-rei D. Diniz com uma princeza d'Aragão, é de crêr quo viesse para Portugal o conhecimento do *Roman de Troye;* seu filho bastardo o Conde de Pedro, fallando da ruina de Troya descreve-a *assi como falla na ssa estorea;* el-rei D. Duarte tambem casou com uma princeza d'Aragão, e é a datar da sua côrte que a poesia lyrica portugueza teve o seu renascimento; podemos crêr, que a *Historia de Troya «por aragoez»* seria a traducção catalan feita em 1367 por Jachme Coresa.

Nos primeiros monumentos epicos da lingua castelhana encontramos um poema de Troya intercallado como episodio no poema de *Alejandro* de João Lourenço de Astorga; tem esse episodio nada menos do que quatrocentas e dezesete quadras monorimas, ao todo mil seis

(1) *Mon. hist. — Scriptores,* fasc. II, p. 236.

centos e sessenta e outo versos. Astorga de Segura cita com frequencia Homero, porém sem seguir ou conhecer o entrecho da *Iliada:*

> Veian que *Omero* non mentira en nada...
> Que como diz *Omero*, no quello yo bafar...
> Todo los diz *Omero* por nombres sinnalados...
>
> Que conteció de Elena nó lo podemos saber,
> Que no lo quiso *Omero* en su libro poner.

Sobre este episodio da guerra de Troya escreve o editor Sanchez, fallando das extensas digressões de Segura: «Entre todas nenhuma mais diffusa que o juizo de Paris, roubo de Elena, e destruição de Troya, de que começa a tratar desde a copla 317 com tanta prolixidade como se se propuzesse compôr sobre esta materia um Poema. Veja-se desde o principio, a pequena occasião de que se valeu para uma digressão de mais de 400 coplas. Em toda ella é citado Homero como auctor da Iliada, a qual pareee ter lido o poeta. Porém esta larga digressão não se conformа em tudo com Homero, nem com Dictys Cretense, nem com Dares Phrygio, que tratam da destruição de Troya, etc.» (Ed. Ochoa, p. 278.)

O poema de *Alejandro* foi pela primeira vez citado pelo Marquez de Santillana na sua Carta ao Condestavel de Portugal; n'essa Carta, fazendo a historia da Poesia, falla dos poetas do cyclo decadente troyano: «Dos gregos querem que sejam os primeiros *Achatesio* (Hecatens) *Millesio* (Denys de Mileto) e depois d'elle *Ferocides* (Phereeydes) *Tiro* (Dares) e Homero, não obstante, que Dante soberano poeta lhe chama.» (§ v.) Por esta citação se vê como o Marquez de Santillana confundia a degeneração alexandrina com o cyclo vigoroso dos homerides; escrevendo na primeira metade do seculo XV, estava no mesmo estado de syncretismo poetico de Segura que versejara no seculo XII.

D. José Amador de los Rios dá-nos algumas noticias, desgraçadamente muito incompletas, das versões hespanholas da *Historia troyana* no tom. IV da sua *Hist. critic.*, p. 344-356. O erudito academico não poude porém determinar exactamente quaes eram os originaes d'essas versões por ignorar completamente a existencia do texto francez de Benoit de Sainte-More, de modo que vendo no prologo do ms. do Escurial H. I. 6 o nome de Beneyto de Sancta Maria suppôz que era o do traductor castelhano. O sabio romanista Mussafia consagrou uma monographia a essas versões hespanholas *(Ueber die spanischen Versionen der Historia Trojana,* Wien, 1871), que desgraçadamente não temos á mão e que conhecemos apenas por um *compte-rendu* na *Romania* I, 390 s. (1)

Garcia de Resende, ao justificar-se porque motivo recolhia as poesias da aristocracia portugueza do seculo XV, escreve na dedicatoria ao principe: «se os escriptores se quisessem acupar a verdadeiramente es-

(1) Vid. *Bibliogr. crit.* I, 63.

crever, *nos feytos de Roma, Troya,* e todas outras antiguas cronicas e *estorias* nam achariam mais façanhas nem mais notaveis feytos que os que dos nossos naturaes se podiam escrever....» Nas poesias do *Cancioneiro* de Resende apparecem citados os personagens do cyclo troyano como modelos de amantes; preferimos apresentar esta phase allegorica segundo o Cancionero de Baena, por ser mais antigo, e para completar a deficencia do trabalho de M. Joly com relação á epopea greco-romana na Peninsula.

Os trovadores gallegos da eschola de Villasandino, e da eschola dantesca de Imperial, alludiam com frequencia aos personagens do cyclo troyano; Villasandino exalta uma filha do duque de Benevente acima de *Polixena:*

Dubdo mucho sy ffue tal
eu su tyempo *Polycena, (Canc.* de Baena, t. I p. 101, ed. F. Michel.)

yo vos ffuy syenpre leal
mas que fué *Paris á Elena. (Ib.)*

No *Cancionero* de Baena encontramos já confundido na tradição o cyclo greco-romano com o da Tavola-Redonda:

El grant *Alexandre*, que puso conquista
por todo el mundo é toda naseyon,
Troylo, é *Dario* el grant agonista,
Menelao, *Priamo* é *Agamenon*,
Tyndaron é *Pyrro*, *Saul* é Salamon,
de todos aquellos decitme qués d'ellos,
sy biven ó mueren. Por mi ó por ellos,
d'aquesta pergunta vos fago mençion.

Aquel grande *Ercoles*, famado guerrero,
Uriges é *Archiles* é *Diomedes*,
Don Etor, *Dardanias*, el buen cavallero,
Orestes e *Apolo*, Amadis aprés
Tristan é Galas, Lançarote de Lago,
e outros, decitme qual drago
tragó todos estos, é délles que és. *(Ib.*, t. I, p. 46.)

Villasandino escrevendo um *Dizer* a Don Ruy Lopes d'Avalos, que estava na privança de Henrique II, compara a sua vida com os differentes successos da guerra de Troya:

pero vivo en esta foya
viejo peccador cansado;
bien mo liembra mal peecado
de la estruyçion de Troya.
Bien me liembra quando *Archiles*
á *Don Ector* dió la muerte, etc. *(Ib.*, p. 72.)

Senõres amigos, sabet que *Archiles*
fue bon cavallero de alto valor,

sotyl, avisado entre los gentiles,
franco, fermoso, ardit, sabidor;
Mas quanto *Don Ector*, leon bramador
por esto conenerdan *todas escripturas*,
dizen, affirman en todas figuras,
que entre los buenos le llaman mejor. *(Ib.*, p. 97.)

O trovador Imperial, que inaugurou em Hespanha a poesia dantesca, confunde tambem o cyclo troyano com o da Tavola-Redonda:

Todos los amores que ovieron *Archiles*
Paris é *Troylos* de las sus señores
Tristan, Lançarote de las muy gentiles
sus enamorados, é muy de valores,
él é su muger ayan mayores
que los de *Paris* é los de Vyana,
é de Amadis e los de Oriana
é que los de Blancaflor é Flores. *(Ib.*, p. 204.)

Pero Ferrus, tambem da eschola dantesca, escrevia ao classico Pero Lopes de Ayala por ventura o chanceller traductor do *Roman de Troye*, se é que, segundo Pidal, não é este o Aposentador-mór de D. João I, Alcaide de Toledo, citado em outros logares do *Cancionero:*

Nyn los Gregos á Troyanos
non preciaran un arista,
nin Troya fuera conquista
nin Ector nin sus hermanos
non morieron tales mortes
sy por los tiempos muy fuertes
Griegos dexaran los llanos. *(Ib.*, p. 321.)

O trovador Diego Martins de Medina, moralisando contra o mundo, lembra-se do desastre de Troya:

La muy noble Troya, cibdat bien obrada,
de muy fuertes muros mui bien guarnida,
No por fuerça de ser muy cercada
dos vezes de Griegos, é fué destroyda;
onde se falla que ally fue perdida
la mas noble gente que entonces avya
en todo el mundo de cavallerya
que muy pocos buenos quedaren á vida. *(Ib.*, II, p. 29 e 46.)

Quando o romance popular começou a ser imitado pelos poetas eruditos no fim do seculo XV, tambem veiu bordar as tradições troyanas, como o sacrificio de Polixena, a morte de Achiles, as exequias de Heitor, etc.; em Portugal Jorge Ferreira de Vasconcellos intercalou alguns romances d'este genero na novella do *Memorial dos Cavalleiros da segunda Tavola Redonda*. Ao passo que na Peninsula essas tradições se apossavam do colorido pittoresco da linguagem popular, em França eram diluidas em interminaveis novellas de heroes classicos passeando como somnambulos no paiz de *Tendre, as Polexandra,*

Cleopatra, Cassandra, Ibrahim, Clelia, etc. Mas a Renascença veiu temperar estas degeneradas tendencias com a forte erudição da antiguidade; e as creações artisticas receberam d'esta direcção um impulso sério, que as levou para a Tragedia classica; a epopea do seculo XVI perdeu essa audacia dos trovciros que transformaram Homero, Virgilio e Lucano, e moldou-se tristemente pela pauta da *Eneida*. A edade media, sobre as reminiscencias de Lucano compoz uma epopêa sobre *Julio Cesar*, cuja vulgarisação chegou até Portugal, guardando-se um exemplar na Livraria de El-Rei D. Duarte; o motivo d'esta elaboração poetica tem uma rasão de ser, implicita na propria existencia sentimental d'essa epocha; estudando as legendas de Attila, escreve Amadeu Thierry: «Na opinião da edade media, todas as ruinas pertenciam a Attila, do mesmo modo que todas as construcções antigas pertenciam a *Julio Cesar*. Cesar e Attila foram para os nossos maiores dois typos correlativos, um o das conquistas fecundas e civilisadoras, o outro, da guerra esteril e do exterminio.» Este facto, que nos está indicando uma causa organica da predilecção da edade media pela antiguidade, corrobora-se pelas ideas ethnologicas que todos os povos modernos formaram da sua origem. Não comprehendendo a minima noção do que era connexão historica, ao mesmo tempo presentiram essa grande lei achada pela sciencia do nosso seculo, que em nenhum momento da actividade humana existe uma solução de continuidade.

Todas as nações quizeram fundar as suas origens nos fugitivos de Troya; segundo Mariana *(Hist. de Hesp.*, liv. I, cap. 12), *Ulysses* veiu a Hespanha, e no Poema de *Alejandro,* p. 234 achamos esta lenda no seu estado de syncretismo:

> *Achilles* se non oviesse a Espanna passado
> Magar el era valiente non fuera tan nombrado.

A ruina do imperio wisigothico na Peninsula, attribuida aos amores da Cava, era comparada pelos chronistas aos amores de Elena e á ruina de Troya. Para a França, tambem os chronistas Fredegario, Roricon, Paul Warnefrid e outros muitos, consideravam os Frankos como de origem troyana. Em um Diploma de Dagoberto, citado por Du Méril, *(Poés. lat.,* p. 36) vem expressa a tradição nacional: «Ex nobilissimo et antiquo *Trojanorum* reliquiarum sanguine nati»; Eduardo III fundava a superioridade da Inglaterra sobre a Escossia mostrando em uma carta ao papa Bonifacio as suas origens troyanas (Jol. I, 540.); Roma era tambem attribuida a fundação dos Troyanos, segundo Naevio, Ennio, Lycophron, Macrobio e Polybio. (Du Méril, *Op. cit.,* p. 37.) Um bairro de Veneza tirava tambem a sua origem de uns refugiados de Troya. No *Edda* de Snörro a tradição troyana occupa uma grande parte do prologo, chegando a ponto de procurar confundil-a com as origens scandinavas:

«Odin fugiu d'este paiz (a Asia) attribuindo-se a si e aos seus companheiros a qualidade de troyano. Tambem digo que Priamo havia

levado o nome de Odin, e que sua mulher se chamava Friga. Esta tradição é considerada como verdadeira por muitos auctores, e muito tempo depois todos os guerreiros illustres hão pretendido descender dos troyanos.» (*Edda* de Snörre, 8.) A monomania das origens troyanas penetrou em Portugal no seculo XVI e acha-se aproveitada por Frei Bernardo de Brito; o ingenuo chronista tomou a serio o livro apocrypho de Beroso, forjado pelo dominicano Annius de Viterbo, e applicou-o a Portugal. Annio de Viterbo, reagindo contra a Renascença classica, deprime constantemente os gregos, e dá aos troyanos a paternidade de todas as nações, alliando esta ethnologia poetica com a Biblia; em Camões vemos os heroes gregos virem fundar Lisboa:

> *Ulysses* é o que fez a santa casa
> A' deosa que lhe dá lingua facunda;
> Que se lá na Asia *Troya* insigne abrasa,
> Cá na Europa *Lisboa ingente funda*.
> *Lus.*, c. VIII, est. 5.

São as duas correntes diversas da mesma tradição. Os estudos da Renascença levaram-nos tambem a embalarmo-nos com a idea da Monarchia universal; e ligando ás tradições troyanas a prophecia da sua futura grandeza (*Iliada*, XX, 307; *Eneida*, III, 97, ap. Du Méril), um instincto d'essa participação levava os nossos chronistas e poetas a estabelecerem a nacionalidade sobre as ruinas de Troya. (p. 66.) Insistimos sobre estes factos da tradição latina em Hespanha e Portugal, por terem escapado ás largas investigações de M. Joly; o seu livro recolheu todas as descobertas feitas parcialmente no estudo do cyclo greco-romano; tem muita segurança de erudição, e sabe respeitar os textos das gestas como um Guessard ou Paul Meyer. Embora não seja fortalecido pelo espirito de deducção philosophica, que agrupa os factos em uma unidade vital, o seu livro sobre Benoit de Sainte-More ha de ser sempre estudado com vantagem quando se quizer saber a vastidão da epopea greco-latina dos seculos medios.

THEOPHILO BRAGA.

26.—**Geschichte des deutschen Liedes im XVIII Jahrhundert.** von Ernst Otto Lindner. Nachgelassenes Werk. Herausgegeben von Ludwig Erk. Leipzig, Breitkopf und Härtel. 1871, in-8.° gr. de XVI–144 pag. e 167 de musica.

Este assumpto já havia sido tratado de uma maneira mais geral por Reissmann (1) com relação ao desenvolvimento do *Lied* desde o XII se-

(1) *Das deutsche Lied in seiner historischen Entwicklung*. Cassel, Oswald Bertram, 1861 in-8.° de 290 pag. e 41 de musica. A obra de Kiesewetter: *Schicksale und Beschaffenheit des weltlichen Gesanges*, (Leipzig, Breitkopf, in-4.° gr. 1841) póde ser estudada com utilidade para a historia do desenvolvimento do canto profano até á creação da opera. Kiesewetter não se restringe porém á Allemanha, mas toma em consideração toda a Europa musical.

culo até aos nossos dias, porém apesar do reconhecimento que o publico lhe tributou não parou a actividade dos que estavam no caso de apreciar as riquezas e as lacunas da obra; os investigadores dividiram o trabalho e tomaram cada um uma parte do plano para o desenvolver de novo com mais segurança; é de crer que em vista da grande actividade que se nota na litteratura musical allemã, sejam elucidados e de novo estudados os seculos anteriores.

O trabalho que temos á vista occupa-se da historia do *Lied*, especialmente no seculo XVIII, estudando-a com relação á musica dramatica, que era então a influencia mais dominante da arte musical. Resumindo e concentrando o assumpto que o auctor trata miudadamente e nas suas menores variantes, temos a seguinte successão historica e artistica:

O *Lied* soffre com a introducção da opera a influencia progressiva d'esta, que de simples e modesta intrusa, chega a dominar quasi exclusivamente; a influencia nos primeiros tempos legitima, em vista dos elementos originaes de que dispunha, e que modificaram a natureza do proprio *Lied*, perde pouco a pouco o terreno conquistado, desde o momento em que não exprimindo a musica dramatica um sentimento legitimo e não supprindo já uma necessidade artistica, fica reduzida a servir de fórma convencional, sem vida propria.

Á proporção que Hasse, Graun, Reichardt, Telemann iam aproximando a opera allemã do ideal italiano da epocha, readquiria o elemento artistico-nacional a sua força e reconquistava para o *Lied* o seu legitimo logar, graças aos esforços dos Hiller J. Schulz, J. André e outros. A exposição do auctor começa determinando a influencia da opera sobre o *Lied* por meio da *aria* e historia-nos os que contribuiram mais para esse fim, tomando como ponto de partida Reinhard Keiser (1673–1739) e o movimento que elle creou, e que de Hamburgo partiu dominando exclusivamente o gosto do publico. Segue depois ligando successivamente a actividade e determinando a natureza da influencia de J. F. Gräfe (1711–1787). Telemann (1681–1767) e Görner (1702); o estudo sobre os escriptos theoricos e criticos da epocha e a maneira como elles influenciaram sobre os compositores citados, é largamente tratada e estudada com um desenvolvimento a que não podemos infelizmente consagrar um exame detido em virtude da necessidade de nos restringirmos só á parte propriamente historica. Na segunda metade do seculo XVIII concentra-se o movimento (até alli principalmente em acção em Hamburgo e Leipzig) em Berlim, figurando á testa Graun (1701–1729), Quantz, Agricola, K. P. E. Bach, etc. Os tres primeiros representavam como é sabido o elemento puramente italiano, no campo dramatico, e por isso não é para admirar que o resultado dos seus esforços não trouxesse para o *Lied* elementos novos de vida. As criticas e as allusões maliciosas não faltaram á eschola de Berlim, cujos membros nem sequer souberam adivinhar que fóra do seu circulo existiam homens com as forças necessarias para os desaffrontar, todavia esses talentos (Johann Sack, 1722–1763, Herbing 17?–1767) passaram quasi despercebidos e só

mais tarde, quando Hiller, Reichardt e outros haviam levado o *Lied* por outro caminho, se conheceu a quem cabia o merito do haver operado a transição e começado a emancipal-o da tutela da *aria*. O auctor liga, como é natural, o movimento artistico ao movimento litterario correspondente e insiste convenientemente no auxilio do novo impulso, começado em Lessing e Klopstoek, e na maneira como elle se reflectiu no desenvolvimento posterior do *Lied*.

Assim como o circulo de Berlim continuou representando no *Lied* o elemento dramatico da musica italiana, exagerando o impulso que havia partido de Keiser a ponto de o tornar nocivo, assim teve de ceder o passo a outras influencias do sentimento artistico dos compositores.

Como representantes do elemento burguez e sentimental indica o auctor principalmente Türk, Hiller, e Reichardt em menor grau; esta influencia é modificada por Reichardt e Neefe (1748–1798) que se esforçam por levar a fórma musical do *Lied* a servir de expressão a outro sentimento, mais intenso, imprimindo-lhe o cunho verdadeiramente *lyrico*.

Uma ultima influencia consubstanciada em Naumann (1741–1801) que tentou dar ao *Lied* a feição ligeira e agradavelmente fluente, mas superficial, pelo modelo da *aria* italiana do fim do seculo XVIII, (Piccini e outros) não poude impedir o resultado logico que havia de ser o fructo da influencia combinada de Hiller e Neefe, isto é do elemento sentimental e do elemento lyrico, ambos radicados mais profundamente na verdade. O renascimento rapido e vigoroso da litteratura allemã, e sobretudo a influencia de Herder, Mathias Claudius e em menor grao de Bürger, e dos outros membros do circulo poetico de Göttingen deu ao sentimento nacional um impulso que se reflectiu em todo o campo artistico; o sentimento do bello levado ás fontes primitivas da poesia popular, que se iam descobrindo, graças aos esforços dos poetas e criticos mais notaveis do paiz, encontrou o echo musical correspondente nas creações de alguns compositores da epocha. O auctor colloca, segundo o seu merito, primeiro Johann André (1741–1799) que publicou em 1774 a primeira collecção de *Lieder*, a segunda: *Musikalischer Blumenstrauss* em 1776 e depois outros auctores de varias collecções que em pouco tempo se seguiram; todavia algumas d'estas ainda não renunciavam aos cantos e melodias das operas mais em voga; em seguimento temos J. A. P. Schulz com menos originalidade e obedecendo a influencias estrangeiras (Grétry), Neefe que toma o seu logar entre os dois primeiros e emfim Reichardt.

Nas ultimas paginas critica e examina o auctor ainda algumas tentativas para dar ao *Lied* uma fórma mais complexa *(Ballade-Ode-Cantate)* que todavia não tiverem influencia por haverem sido isoladas. O trabalho conclue examinando uma variante do *Lied* que se produziu na Suissa e que tem por caracteristico um sentimento ás vezes patriotico, ás vezes religioso ou de incitamento moral. São representantes

d'este variante J. C. Bachofen em Zürich (1740) e Johannes Schmidlin (1761) e J. H. Egli.

O breve exame a que o auctor sujeita o *Lied* na sua fórma religiosa na Allemanha, é para este ultimo paiz ainda menos favoravel do que para a Suissa em que havia ao menos uma certa simplicidade e sentimento ingenuo. A maneira como Graun, K. P. E. Bach, e outros, são analysados é caracteristica e indica bem a differença e a severidade de juizo que se estabeleceu sobre aquelles *genios* d'outr'ora, desde que a comprehensão das obras de Sebastian Bach fez descer os falsos deuses dos seus altares.

A segunda metade da obra é preenchida por 83 trechos musicaes de uma a quatro vozes que correspondem ao periodo de 1733 a 1777 e que servem de documentos para a demonstração critico-historica do texto; limitamo-nos a recommendar esta preciosa anthologia aos poucos amadores que ha entre nós, como uma das collecções mais proficuas para o estudo de um dos generos mais interessantes na historia da arte. Tres indices feitos com intelligencia facilitam as buscas para os nomes dos auctores, titulos de todas as canções, e para o exame da successão chronologica das collecções que forneceram ao auctor os documentos musicaes que servem de base ao seu trabalho. A exposição merece elogio pela sua clareza, e pela facilidade com que o auctor criticou e aprofundou um assumpto, que apesar de mui complexo se revela de um modo admiravel nas suas mais miudas partes perante os olhos do leitor.

Se alguma cousa ha a lastimar, é haver o notavel escriptor fallecido antes de poder concluir a introducção historica que havia de servir de prologo á obra; esperemos que outra auctoridade se dedique a esse trabalho para servir n'uma edição futura que por ventura haja de fazer-se, já que H. Erk, o escriptor encarregado da publicação d'esta obra posthuma não se julgou com forças para tanto.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

27.—**Bochmer**. Die provençalische Poesie der Gegenwart. Halle (Barthel) 1870.

Um dos livros mais interessantes que appareceram n'estes dous annos é sem duvida o livro acima indicado. O auctor falla-nos d'uma lingua que poucos hoje conhecem e da continuação d'uma litteratura que cremos já morta—*da lingua e litteratura provençal*. C. Bartsch, no seu *Grundriss zur Geschichte der provençalischen Litteratur*, Elberfeld, 1872, acaba a sua historia com o XV seculo, como tambem fez Fauriel, *Histoire de la poésie provençale*. Paris, 1846. Mas Bochmer prova-nos que esta lingua e litteratura florecem ainda no sul da França, e dá-lhe uma importancia nacional. Prova que a França não é um estado naturalmente unido, porque mais da terceira parte d'este paiz falla um outro idioma. Esse idioma do sul não é um *patois* do francez, como

alguns francezes fazem crêr, mas uma lingua que subsiste por si mesma, tão independente do francez como p. e. o. portuguez do hespanhol; é a lingua cultivada de *Bertran de Born*, uma das linguas romanicas. (p. 3.) A consciencia d'esta independencia mostrou-se em 1868, quando os cantores provençaes foram a Barcelona e os da Catalunha á Provença, para celebrar juntos as suas festividades, como pertencentes ao mesmo estado.—Depois d'esta narração muito interessante pelo lado politico, Boehmer descreve-nos os esforços poeticos d'estes auctores provençaes; examina as poesias de Jansemin (1864); de José Roumanille, *Lis oubrets en vers* (3. édit., Avignoun, 1864); de Frederic Mistral, poeta celeberrimo das epopeas *Mirèio* (4. édit., Paris, 1865), e *Calendau* (Avignoun, 1867); depois dá conta da sociedade fundada em 1854 por Roumanille e Felibrîge, que tem o fim de conservar a lingua e litteratura nacional, e dá á luz desde 1855, cada anno, um almanach provençal. Ao fim d'este livrinho de quarenta e oito paginas, o auctor apresenta excertos n'esta lingua da poesia *Li crècho* (= o presepio), de Roumanille e da *Mirèio*. Todo o livro é muito interessante, não sómente porque vem da mão d'um exacto conhecedor da lingua franceza, que ha alguns mezes publicou uma edição critica da *chanson de Roland (Rencesvalles, édition critique du texte d'Oxford de la chanson de Roland, par E. Boehmer, Halle, 1872)*, mas porque o auctor é amigo d'estes poetas provençaes e conhece os homens o o paiz. (1)

Munich.

Dr. Carl von Reinhardstoettner.

28.— **Dr. Moriz Trausmann.** Bildung und Gebrauch der Tempora und Modi in der Chanson de Roland. Halle, 1871.

Em trinta paginas o auctor dá-nos uma parte da morphologia da *chanson de Roland*. Publicando os seus estudos sobre os verbos d'esta poesia, registra todos os infinitivos, participios e as outras formas dos verbos regulares e irregulares que se acham na *chanson de Roland* em ordem alphabetica. Espera que a sua obra não seja sem utilidade, e em verdade póde servir optimamente ao estudo do francez antigo, porque, como o auctor diz com razão, estes estudos especiaes hão-de completar necessariamente a grammatica das linguas romanicas. As citações d'esta obra referem-se á edição de Roland de *Theod. Müller* (Göttingen, 1863).

Munich.

Dr. Carl von Reinhardstoettner.

---

(1) Essa edição da *Chanson de Roland* offerece correcções tão extraordinarias que estamos certos dará logar a séria contenda entre o novo editor e os criticos especiaes. E' d'esperar na *Romania* um artigo minudencioso sobre ella.

Red.

29. — **Bibliographia daco-romana** (1870-72).

A lingua *daco-romana* é uma parte muito difficil da familia romanica, principalmente porque os livros mais necessarios nos faltam para o seu estudo; mas essa lingua, offerecendo-nos uma parte do latim dos tempos dos Cesares, é não menos interessante na sua etymologia e na formação das palavras que as outras romanicas. Bem que até ha pouco quasi nada tivesse sido publicado na Valachia, n'estes annos temos de registrar algumas publicações muito importantes para a philologia das linguas neo-latinas. C. Massimu começou a edição d'um diccionario e d'um glossario *(Dietionariulu limbei romane.* Bukarest, 1872. — *Glossariu eare coprinde vorbele d'in limba romana straina prin originea sau form'a loru.* Buk., 1872). Da primeira obra appareceram 7 fasciculos *(A — Casualitate)*, e da outra tres *(A — Eseorta)*.

Os *Annaes da soeiedade aeademica*, começados em 1869, *(Annalile societatei aeademiee romane*, tomu I-IV. Lex. 8. Bucuresci, 1869-72) são de grande interesse para a litteratura e philologia romanica, assim como a *Bibliographia Daciei;* indice de scrieri attingetore de vechii locuitori ai Daciei. (A. Z.) Bucurescii, 1872.

Tambem as anthologias que appareceram n'este tempo facilitam o conhecimento da sua litteratura, principalmente o livro de Vas. Alecsandri, *poesii populare a le Romanilor*. Bucur. 1872, uma collecção de poesias populares, com notas historicas e litterarias; depois a collecção de Dorulu, *Cullegere de eanturi nationale si populare veehi si nuoe.* Bucur, 1872; D. Bolintineanu, *poesii eampul si salonul*. Bucur. 1870; I. C. Fundescu, *litteratura populara.* Bucur. 1870.

Por fim, recommendamos as obras dos recentes poetas, a saber: G. H. Grandea, *poesii.* Bucur. 1865; Jac. Negruzzi, *poesii.* Bucur. 1872; depois, algumas traducções dos poetas allemães por o mesmo Negruzzi *(Schiller,* Jassi, 1871) e A. Pelimon. Bucur. 1872.

Munich.

Dr. Carl von Reinhardstoettner.

---

30. — **Euphonie sanskrite,** par Abel Hovelacque. Paris, Maisonneuve et C.ie 1872. 8.°, 57 pp. (Extrait de la *Revue de linguistique et de Philologie comparée.* (T. v, fasc. 1.)

Mémoire sur la primordialité et la pronunciation du R vocal sanskrit, par le même. Ibidem. 1872, 8.°, 28 pp.

Estes dous escriptos do infatigavel director da *Revue de linguistique,* comquanto versando ambos sobre a phonetica sanskrita, teem caracter muito diverso: o primeiro tem um intuito puramente pratico; o segundo é meramente especulativo.

A *Euphonie sanskrite* tira o seu valor de que o seu auctor se limita a expôr os factos, sem perturbar as cousas com alguma das suas theo-

rias á *sensation* e de que essa exposição é bastante completa e perfeitamente clara. Cremos que o auctor conseguiu o que pretendia, fazer «un guide élémentaire pour le commençant, un memento pour l'étudiant plus avancé». No essencial nada de novo nos dá; desenvolve formulas, apresentando algumas do que por certo não poderia apresentar-nos exemplos e reune muitas excepções (a parte mais interessante do livrinho). Para facilitar o estudo parece-nos, porém, que o auctor poderia bem reduzir muito o numero das suas regras, ou pelo menos apresentar no fim do trabalho um resumo o mais conciso possivel. Sob este ponto de vista muitas das grammaticas sanskritas elementares publicadas na Europa, são preferiveis ao escripto de M. Hovelacque. A multiplicidade de regras resulta principalmente de elle ter encarado separadamente os phenomenos euphonicos que se dão ao contacto de duas palavras e os que se dão no seio d'uma mesma palavra. A p. 2 ha um quadro transcriptivo do alphabeto sanskrito, em grande parte baseado sobre a dada nos *Beiträge* de Kuhn e Schleicher (t. v, p. 144), mas com modificações na transcripção da aspirante *h* e das palataes. M. H. affasta-se d'aquella transcripção, a nosso ver, sem razão pelo que respeita ás momentaneas; por baixo do *h* põe um ponto diacritico desnecessario, etc. M. H. parece não saber porque razão a chiante lingual se acha transcripta š no quadro dos *Beiträge* (1).

O segundo opusculo trata d'uma questão de muito interesse. Bopp e os seus discipulos (excepto M. H. e os linguistas da sua eschola, que, cremos, tambem não renegam do mestre) olhavam e olham o chamado *r* vogal sanskrito (ordinariamente transcripto *ṛ*) como um som particular nascido no dominio da lingua sanskrita e tendo por forma fundamental *ar*. Nas raizes e themas communs ao sanskrito e aos idiomas indogermanicos da Europa onde aquelle offerece *ṛ*, teem estes *ar* (ou representante de *a* + *r*); assim a *vṛkas* sanskrito correspondem gr. λύκος (por *vλύκος*), lat. *lupus* (por *vlupus*), got. *vulfs*, etc.; á raiz skt. *ṛ* em *ṛ–nō–mi* a raiz *or* (*ar*) em gr. ὄρ-νυ-μι, lat. *or-io-r*, etc. Na *Revue* de *linguistique*, t. I, pag. 12, M. Chavée, attribue ao *aryaco* (a lingua mãe das linguas indo-germanicas) o *r* vogal, que elle tracta com expressões de muito affecto, chamando-lhe «la voyelle de la force par excellence». M. Hovelacque desenvolve agora essa these de M. Chavée; assim para elles *r* vogal é um som primitivo, *ar* o reforçamento vocalico de *r* vogal (o que era já a idea dos grammaticos indios).

O opusculo de M. H. tracta, como o titulo o indica, de duas questões distinctas: da pronuncia do *r* vogal sanskrito e da sua primordialidade. Pelo que respeita á primeira questão o auctor nada adeanta d'essencial aos argumentos já apresentados por Benfey, que expõe; o *ṛ* é evidentemente uma vogal; n'esta parte está-se d'accordo com M. H.

Pelo que respeita á segunda questão com quanto a solução apresentada por M. H. esteja bem longe de satisfazer o espirito scientifico,

(1) Para um fim pratico parecia-nos preferivel o emprego de caracteres devanagari, em logar da sua transcripção, ou as duas cousas.

com quanto muitas das suas considerações estejam em contradicção flagrante com o methodo scientifico, algumas d'ellas merecem porém a nossa attenção. As principaes são as dos correspondentes do *r* vogal sanskrito no pali; n'um certo numero de fórmas d'este dialecto aquelle som sanskrito acha-se representado por *a, i, u;* mas o auctor não tinha direito de nada concluir d'aqui sem um estudo profundo no pali e nos outros dialectos populares ligados ao sanskrito do modo de representação n'elles da vogal lingual. Meia duzia d'exemplos pouco ou nada provam n'uma questão complexa como esta. O pali *kata* póde, por exemplo, provir não do sanskrito *kṛta*, mas da fórma *karta*, perdendo-se o *r* deante da consoante por uma lei phonetica particular, cuja existencia ou não existencia era um ponto importante a estabelecer e que prenderia com considerações geraes sobre as relações dos dialectos populares da India com o sanskrito. (1) Mas é uma questão para que o auctor d'este artigo é perfeitamente incompetente. D'aquelle facto pretende M. H. tirar a conclusão que o *r* vogal se muda em *a, i, u;* e com isso pretende demonstrar que essa vogal particular ao sanskrito teria nove transformações diversas:

$$\text{R}= \begin{cases} \text{AR} & \text{IR} & \text{UR} \\ \text{RA} & \text{RI} & \text{RU} \\ \text{A} & \text{I} & \text{U}. \end{cases}$$

Em quasi todos os argumentos com que pretende demonstrar esta equação ha uma simples petição de principio. Por exemplo para demonstrar que o *r* vogal se mudou em *a* no terreno indo-europeu, como elle diz, escreve: « L'élément simple R, rompre, déchirer (forme développée ἀρόω *arare*, lithuan. *arìù*, je laboure) change sa linguale en *a* dans la «racine» AG (sk. *ajra*–, champ, ἀγρός, *agro*–).» É evidente que esta etymologia menagiana se basea sobre a supposição de que o *r* vogal se mudou em *a* e não é uma prova d'essa mudança. Isto demais prende com a theoria das *raizes e elementos simples* que o auctor expoz n'outra parte, e que não é na maior parte mais do que um producto da pura imaginação, vestido com apparato scientifico exterior.

O argumento realmente importante que adduz M. H. (o que tinha feito já no seu escripto alludido), é o do parallelismo do *r* vogal e vogal breve, *ar* e vogal gunada na conjugação; foi esse parallelismo evidentemente que fez com que os grammaticos indios olhassem *ar* como guna de *r* vogal; mas aqui parece ter havido simplesmente o desenvolvimento de uma clara analogia. A theoria de Bopp, apesar dos argumentos de M. H., continua a parecer-nos exacta. «Le rapport de *bib'ármi* «je porte» á *bib'rmás* «nous portons» repose donc au fond sur le même principe que celui de *védmi* (formé de *vaídmi*) « je sais » á *vidmás* «nous

(1) Cf. Bopp, *Gramm. comp.*, trad franç. t. I, p. 25. O que M. H. diz no seu § IX não satisfaz de modo algum. E' uma simples negação, não uma demonstração: Cf. lat. *pĕdo* = πέδω, etc., etc.

savons ». Il n'y a qu'une seule différence: tandis que dans le dernier exemple le verbe présente au singulier la forme renforcée, au pluriel la forme pure, dans le premier exemple, le verbe montre au singulier la forme pleine, mais primitive, correspondant au gothique *bar* et au grec φέρω et au pluriel *bib'ṛmás* la forme mutilé, ayant supprimé la voyelle du radical et vocalisé le *r*. C'est encore sur le même principe que repose, entre autres, le rapport de l'irrégulier *váśmi* «je veux» avec le pluriel *úśmás; úśmás* a perdu la voyelle radicale de la même façon que *bib'ṛmás,* et a de même vocalisé la semi-voyelle. Il sera question plus loin de la loi qui détermine, dans certaines classes de verbes, cette double série de formes: formes susceptibles du gouna ou non; ou bien, ce qui, selon moi, tient à la même cause, formes pleines et formes mutilées (*Gramm. comp.*, trad. franc. § 26, 1; cf. § 480 e ss.)» Se se attende bem a esse parallelismo e aos factos de similhante natureza examinados por Bopp não se póde ficar com duvida acerca da exacção da theoria sobre o *r* vogal apresentada pelo immortal creador da grammatica comparativa. Vemos bem que M. H. pretende dar uma explicação sua acerca da substituição de *va* por *u* (que se observa no caso citado por Bopp na passagem transcripta, etc.) «Il est peu satisfaisant de supposer avec Schleicher (Cpd. § 6) que dans le cas ou *u*=*va* (*ukta–*, dit, *supta–*, assoupi, dormant) le *a* est tombé et que le *v* s'est transformé en *u*.,..... Cette explication est toute gratuite et ne saurait nous contenter. Nous constatons même qu'elle manque totalement de vraisemblance: il nous est impossible en effet de comprendre entre *vakta–* et *ukta–* un état intermédiaire * *vkta;* entre * *varu–* et *uru–*, large, nous concevons bien un intermédiaire * *vru,* mais alors nous ne nous expliquons pas quel motif pu changer le *v* en *u,* cf. *vṛudita–*, enfoncé, coulé à fond, qui n'est nullement devenu *urudita–*. La chute de *a* est d'ailleurs peu admissible. Nous pouvons soumettre une explication plus vraisemblable de la mutation de *va* en *u*. Il suffit de supposer que le *v* prit la valeur du *w* anglais, qu'il s'assimila le *a* et que ce groupe *v* [=*w*] +*u* se condensa en un simple *u;* le sanskrit aurait poussé ici un degré plus loin que l'anglais dans *woman* et analogues dont le *wo* représente bien *à* l'oreille *w*+ *u:* pour atteindre au degré où serait arrivé le sanskrit l'anglais aurait à prononcer *woman* en tant que * *ooman* (avec *oo* ayant la valeur qu'il possède dans «*oozing, ooze*» c'est-á-dire celle de *u*, «ou» français). L'attraction plus ou moins entière de *a* par un *v* précédent est d'ailleurs connue par nombre d'idiomes: cf. notamment *vovo, vomo, volo, volvo,* en latin. L'assimilation aurait été tellement parfaite qu'il eût même été superflue d'allonger la voyelle *u* (*Mém. sur la prim.* etc p. 6–7).» N'esta imaginosa explicação só ha de bom o final: «Nous ne proposons au surplus qu'une simple hypothèse qu'aucun fait bien constaté ne nous autorise à donner comme définitive.» Numerosos factos mostram quanto ella é falsa. Citemos alguns: em lat. *naufragus* vem de * *navifragus* e outros exemplos d'essa relação phonica ha numerosos, o que é sabido; em portuguez temos *nau* lat. *nave* por *navis* (*navem*, etc.); em provençal *greu* de *grave* (*gravis*, etc.), *leu* de *leve* (*levis*, etc.); ora é impos-

sivel admittir que de *leve* viesse *levu* d'ahi *leou*, *leu*; de *navifragus navufragus, nawufragus, naufragus;* nem tão pouco (e n'isso estamos d'accordo com M. H.) de *navifragus navfragus, naufragus*, de *leve, lev leu:* a quéda da vogal e a vocalisação do *v* foram evidentemente dous factos simultaneos; dado um, estava dado o outro sem intermediarios.

Isto não é uma refutação que a falta d'estudos e de tempo não nos permittem fazer; são sómente algumas indicações, desnecessarias aos homens competentes para quem a theoria de Bopp sobre o *r* vogal é uma verdade adquirida, mas que podem servir d'alguma cousa aos que em Portugal começam a ler livros de linguistica. Pomos ponto, receosos de nos termos alargado demais n'um campo em que um solido appoió de conhecimentos nos falta.

F. A. C.

---

31. — **Rossini**. Notes — impressions — souvenirs — commentaires, par Arthur Pougin. Paris, Claudin Ikelmer, 1871. Gr. in 8.° de 91 pag.

O livro de que nos occupamos está, na verdade, um pouco atrasado em data; todavia, a raridade dos livros da litteratura musical no nosso mercado, e a grande ignorancia do nosso publico, sejam leigos ou artistas, em historia musical, torna necessario este lance de vista retrospectivo.

M. Pougin indica-nos pessoalmente o modo de avaliar o seu trabalho, fornecendo-nos mais uns apontamentos soltos, tomados *un peu partout,* do que uma biographia encadeada e baseada no rigor de analyse e de investigação, sem o qual estudos d'este genero não teem valor sério. Seria injusto, todavia, não apontar as interessantes novidades e os documentos ineditos que enriquecem sobretudo as ultimas paginas do volume (de pag. 76 em diante). As duas terças partes anteriores não teem egual valor, e não atinamos com a razão porque a *Gazeta geral de musica de Leipzig* (1) aponta com tanta insistencia a importancia do escripto, como subsidio e mina de documentos novos. Quem comparar este subsidio de M. P. com a excellente e extensa biographia de Azevedo (2) terá occasião de avaliar verdadeiramente o al-

(1) *Allgemeine musikalische Zeitung*, 1872. N.° 44, pag. 708.

(2) *G. Rossini, sa vie et ses œuvres*, par A. Azevedo. Paris, au Ménestrel (Hengel & C.ie), 1865, in 8.° Azevedo é talvez d'origem hespanhola, ou portugueza, mas nasceu em Bordeaux; um primo de seu avô, egualmente denominado Azevedo, e já estabelecido em França, foi amigo intimo de Garat e cantor distincto. (V. Miel, *Notice sur P. J. Garat.* Paris, 1840, pag. 5.) Reichardt *(Vertraute Briefe aus Paris geschrieben.* Hamburg, 1804, Vol. III, pag. 232) qualifica-o de hespanhol: « Auch Azavedo (sic) den Spanier mit der schönen Tenorstimme, in dessen Gesellschaft ich ehedem wohl zu den Concerten der unglücklichen Königin mehrmalen nach Versailles fuhr, fand ich da: er begrüsste mich mit meiner Melodie des *Dovunque il guardo giro,* welches er damals so herrlich sang. Kaum hätt' ich ihn anders wieder erkannt, so alt ist er geworden; doch lebt er durch eine vortheilhafte Heirath im Wohlstande.»

cance do novo trabalho, unicamente debaixo do ponto de vista da novidade, uma vez que o auctor o offerece só como «notes et souvenirs». M. P., a pag. 46, diz-nos que o seu trabalho foi publicado anteriormente na *Revue et Gazette musicale,* de sorte que ficamos ao principio em duvida, a quem pertencia a primazia das muitas noticias que se encontram simultaneamente no seu escripto e no volume d'Azevedo, publicado em 1865, seis annos antes. Recorrendo, todavia, ao jornal citado, achamos os artigos de M. P. no anno de 1869 (1); d'esta maneira se conclue que o auctor tirou do livro d'Azevedo as numerosas referencias (2) que enchem as primeiras duas terças partes da sua obra. Relevando estas repetições, todavia inuteis, n'um volume que tem o caracter de memorias *pessoaes,* não podemos passar em claro alguns erros que o auctor copiou de Stendhal, (3) corrigidos já por Azevedo e refutados naturalmente por factos que se encontram em paginas posteriores a esses erros. Por exemplo, como foi o auctor copiar de Stendhal o seguinte: «On lui (a Rossini) donnait en général *mille francs* par opéra...», quando a pag. 36 nos dá a lista das operas, desde a *Cambiale di Matrimonio* até *Sigismondo,* com os preços pagos por cada uma (são 13 ao todo) que variam de 200 a 600 francos, encontrando-se só duas com 800?

E' inexacto classificar de *chute* a representação do *Turco in Italia,* que se não teve logo o «accueil enthousiaste» (4) da *Italiana,* foi comtudo acolhida, quatro annos depois (1818), de fórma, que os bons venezianos «n'eurent pas assez de mains pour l'applaudir». (Azevedo, pag. 85.) Passamos por mais algumas differenças, recommendando ao leitor a confrontação com o trabalho d'Azevedo.

Outro reparo, e este é mais sensivel, torna-se necessario, em vista dos extractos, em demasia complacentes, do livro de Stendhal, emprestimos estes que não comprehendemos quando a analyse do trabalho d'este escriptor está ha muito feita d'uma maneira positiva. M. P. queixa-se a pag. 62 e seguintes da petulancia e incompetencia com que em França certos litteratos se occuparam de assumptos artisticos (5), sem saberem sequer o solfejo, e corrige severamente os deva-

(1) *Revue et Gazette musicale,* N.° 9, 28 Février 1869, pag. 69 e numeros seguintes do mesmo anno.

(2) E' mister notar, todavia, que M. P. nem sempre indica as fontes de onde recopilou as suas noticias, de sorte que só por meio d'uma confrontação minuciosa, como a que fizemos, se póde avaliar quanto M. P. dá em segunda e terceira mão, sobretudo com relação a Azevedo, que muito poucas vezes cita.

(3) *Vie de Rossini,* par M. de Stendhal. Paris, A. Boulland, 1824, 2 Vol. in 8.° Esta segunda edição, que temos á vista, é a mesma que a primeira (1823, 2 Vol.), apenas com um frontispicio novo. A ultima edição é de Michel Levy, Paris, 1864. O *entièrement revue,* que se lê no frontispicio, é uma mentira, á vista da comparação entre a edição de 1864 e a de 1823. O unico meio de aproveitar o livro de Stendhal, é lêl-o na traducção allemã de Wendt (Leipzig, 1824) que teve o improbo trabalho de descobrir os erros em numerosas notas.

(4) Azevedo, pag. 85.

(5) Os exemplos não tem conta em França; p. ex., os seguintes, que M. P. não cita: Balzac, em *Massimilia Doni;* G. Sand, em *Les sept cordes de la Lyre,*

neios de Méry a respeito da *Semiramide;* o auctor tem toda a razão em pôr de parte, e d'uma vez, esse dilettantismo inutil e futil; mas por isso mesmo estranhamos a escolha das longas citações do referido Stendhal, tanto mais que a pag. 61 o mette na mesma conta que Méry, referindo o seu juizo ácerca da *Semiramide,* que o pobre Stendhal achou «rien autre chose qu'une œuvre *allemande*», accrescentando mais «Je me console facilement de ne l'avoir *pas vu* (l'opéra) au théâtre; ce que j'en ai entendu chanter au piano», etc. Com razão diz M. P.: «Du coup, ce n'est pas *Semiramide* qui est jugée, c'est son critique» (pag. 61). Se assim é, para que citar esse critico incompetente em pontos de critica artistica, quando o seu livro apenas tem o merito de nos dar o retrato fiel da vida exterior da Italia rossiniana; as pretenções de Stendhal e d'aquelles que o citam não deviam passar d'ahi e reduzir o resto ao seu justo valor. Mesmo sob o ponto de vista biographico, ha muito que corrigir no trabalho do *dilletante,* como se vê nas contradicções, confusões, qui-pro-quos, logares-communs, etc., etc., que Azevedo lhe notou, e que muita gente lhe havia notado antes. Para que foi, pois, M. P. buscar subsidios a uma fonte menos pura? O trabalho d'Azevedo participa, é verdade, de alguns defeitos de Stendhal, dos quaes o mais sensivel é sem duvida um *enthousiasme* sem limites que quer achar *à outrance,* na maior parte das operas de Rossini, trechos egualmente admiraveis, quando ou não existem, ou se teem de avaliar d'uma maneira muito relativa. M. P. reduz com clareza e boas razões todos esses criterios ás devidas proporções; em Méry, por exemplo, são com muita verdade fructo da «sensation pure» (pag. 62), mas n'um livro d'um especialista, como Azevedo, podem passar aos olhos do leitor ingenuo como oraculos e sentenças imparciaes. A imparcialidade de M. P. no exame do *Otello,* da *Semiramide* e outras obras, é o resultado da opinião já formada ha muito, não só dos especialistas, mas mesmo da maioria do publico, nos paizes onde elle, pela elevação do seu nivel intellectual acompanha os resultados da critica e os equilibra com o seu sentimento esthetico. M. P. não pretende forjar hypotheses optimistas ácerca do silencio de Rossini depois do *G. Tell,* como faz Azevedo; a revolução de 1830, e a quéda de Carlos X, não podiam ter sobre Rossini a influencia que o seu apologista lhe attribue, e se com effeito as tradicções artisticas de Rossini tiveram de ceder deante do novo impulso de Meyerbeer, não podia ser esse o motivo do retraimento do italiano, pois não foi Rossini que motivou a representação do *Crociato,* não foi elle um dos intimos amigos do seu auctor? (1)

e *Les Maîtres Sonneurs;* Arsène Houssaye na sua pretenciosa *Histoire de l'Art au XVIII^e siècle;* em juizos mais temerarios distinguem-se Paul de Saint-Victor, Champfleury (sobre Wagner, Paris, 1860), Baudelaire (idem, Paris, 1861), Paul de Musset, etc., etc.

(1) Veja-se tambem ácerca do silencio de Rossini depois do *G. Tell:* Beulé: *Éloge de Rossini;* no = Institut impérial de France. = Paris, Didot, 1869, pag. 25-50.

Se alguma duvida houvesse bastaria para a tirar a carta que M. P. nos offerece a pag. 15.

O auctor traça pois com imparcialidade um juizo, senão completo, das producções do maestro, ao menos sensato, e oxalá cessem os panegyristas que fazem o peor mal, porque com os seus elogios excessivos provocam sentenças contrarias egualmente absolutas; a apreciação que M. P. faz de Rossini como homem é verdadeira e indiscutivel, em frente dos factos e provas positivas; o epitheto de *paresseux* é tão injusto como o de egoista e sceptico; Rossini abriu as portas dos theatros de Paris a Bellini, a Donizetti, a Mercadante, a Paccini, até a um estranho como Meyerbeer, não esquecendo os serviços que prestou a Herold, Panseron Boieldieu e outros contemporaneos notaveis e collegas na arte. Os documentos novos encontram-se de pag. 76 em deante, havendo todavia já alguns nas paginas anteriores, como por exemplo a interessante carta inedita de Boieldieu a pag. 19.

A biographia de Stendhal tem, para quem quizer estudar o desenvolvimento do rossinianismo na Italia até á *Semiramide,* debaixo do ponto de vista psychologico, ainda um certo valor; para os factos biographicos e para a parte da critica artistica, descontando-lhe todavia o que tem de absoluta no seu enthusiasmo, serve o excellente volume de Azevedo; agora dá-nos M. P. documentos novos, dispostos, é verdade, apenas isoladamente e um pouco *ad libitum,* mas interessantes, e que vão augmentando o material para uma biographia completa, profunda que realisará talvez um dia a união d'estes elementos dispersos, dando-nos um trabalho sobre Rossini como a Allemanha tem hoje em Jahn para Mozart, em Chrysander para Händel, em Bitter para Bach, etc. O caminho vemol-o já aberto em França pela serenidade e imparcialidade de juizo do auctor de que tratamos. O que porém admira é que nenhum dos biopraphos citados se lembrasse de estudar um paragrapho capital da biographia de Rossini, isto é, a relação entre este e Mozart (1), determinando a influencia do genio allemão nas obras do italiano; estude-se essa relação, porque nos parece estar a critica em grave divida para com Mozart.

Á parte a originalidade e a individualidade artistica de Rossini que é grande, ha n'elle elementos mozartianos tão evidentes, sobretudo no que o italiano tem de mais serio e valioso, que facilmente se explica a razão porque Rossini, perguntando-se-lhe o valor das suas operas exclamou com uma seriedade pouco habitual n'elle: «*Vous voulez connaître celui de mes ouvrages que j'aime le mieux: eh bien c'est Don Giovanni.*» (2).

(1) G. Bertrand (*Les nationalités musicales.* Paris, 1872. Didier & C.ie) tocou n'esta questão, mas apenas de leve (pag. 75-124. Mozart en France) e gastou o seu tempo n'uma justificação do merito do Barbier de Beaumarchais comparado com a partitura de Rossini, cousa que nos parece secundaria, á vista da questão principal que deixou de parte; ainda assim o capitulo é interessante.

(2) Otto Jahn, W. A. Mozart. vol II, pag. 320.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

32.—**Rivista di Filologia romanza** diretta da L. Manzoni, E. Monaci, E. Stengel. Vol. I. Fasc. 1. p. 1-70. 8.º gr. Imola. Tip. d'Ignazio Galeati e Figlio, 1872.

A *Bibliographia critica* (1) deu conta d'uma publicação que vem representar n'um paiz romanico, do melhor modo possivel, o methodo historico-comparativo, creado na Allemanha, na sua applicação ao estudo das linguas e litteraturas neo-latinas. Os ultimos acontecimentos concorreram sem duvida para que se realisasse a fundação d'esse jornal, devida á iniciativa energica de dous homens que no curto espaço de dez annos grangearam por estudos ininterruptos solidissima reputação e tinham já inaugurado no seu paiz ha alguns annos uma revista *(Revue critique d'histoire et litterature)* de critica scientifica perfeitamente independente. Essa publicação, a nosso vêr, marca o começo d'uma nova epocha para a cultura das nações romanicas que hão-de comprehender por certo os perigos que as ameaçam se o seu nivel intellectual não se levantar; o valor da *Romania* não está só nos trabalhos que publica; está no exemplo que dá, está em dar um impulso que fóra de França e nos outros paizes romanicos ha-de ser fecundador. A prova é a nova publicação de que se occupa este artigo. A *Rivista di Filologia romanza* é dirigida por dous jovens romanistas italianos e por um tambem joven romanista allemão, hoje professor na universidade de Marburgo, trabalhadores intelligentes, perfeitamente senhores dos bons methodos; a nova publicação ha-de, por consequencia, occupar um logar importante entre os estudos de philologia romanica e exercer uma influencia muito benefica na Italia.

O 1 fasciculo abre com um curto, mas muito substancial *Proemio* do signor Monaci, onde se patenteiam os legitimos intuitos e aspirações da *Rivista di Filologia romanza* n'aquella linguagem eloquente que é um dote frequente nos escriptores meridionaes. Emquanto a *Romania* se limita ao periodo medieval e ás phases populares modernas das linguas e litteraturas modernas, a *Rivista* parece estender o seu dominio a todos os periodos d'estas litteraturas; mas o *Proemio* não define isto claramente. O conteúdo da nova publicação constará de «monografie sug'idiomi, sui dialetti e sulle letterature neolatine; osservazioni, appunti critici, materiali per nuove edizioni, descrizioni di manoscritti; una rasegna delle opere più importanti e dei giornali che si occupano di filologia romanza; e da ultimo um cenno compendioso di tutte quelle notizie che direttamente o indirettamente si riferiscano alla vita esterna degli studii medesimi». A redacção da *Rivista* parece esperar pouco apoio na Italia (d'onde aspettare un appogio qua?); sem duvida a Italia padece muito dos males que affligem os outros paizes romanicos e se acha em geral n'um grau de cultura intellectual, ainda inferior ao da França; sem duvida ella decahiu muitissimo durante estes tres seculos do esplendor da sua antiga cultura intellectual, que deu luz ao mundo; sem duvida do genio italiano em que a vivacidade me-

(1) Vid art.os 2, 12, 23 (erradamente por 24).

ridional se allia a uma profundeza, que é o caracteristico do genio septentrional, havia muito mais que esperar no seculo XIX do que elle tem dado, seguindo a corrente scientifica; mas a Italia reune ainda assim uma pleiada de homens de primeira ordem a quem as sciencias exactas e naturaes devem muito e nas sciencias historicas e philologicas quantos nomes já celebres ella não conta, alguns dos quaes o signor Monaci menciona em o seu *Proemio!* Não são já apparições isoladas; são trabalhadores numerosos que vão abrir para aquelle bello paiz uma nova grande epocha intellectual; é a nossa convicção, e se os homens d'estado italianos comprehenderem bem que o futuro da Italia depende primeiro que tudo da renovação intellectual, essa epocha não poderá senão ser esplendida. Seguem-se os seguintes artigos:

Storia di alcuni participii nell'italiano e in altre lingue romanze, p. 9–19. Art. do signor U. A. Canello. A these geral que o auctor adopta parece-nos falsa. A idea de que são as palavras que mais se usam, que occorrem mais frequentemente no discurso, as que mais se alteram, se corrompem, pertence á velha grammatica, que queria explicar d'esse modo as chamadas irregularidades, por exemplo de certos verbos, por ventura os mais usados, como os verbos auxiliares romanicos, etc.; mas depois que se descobriu que n'esses verbos não havia realmente irregularidades, mas que havia n'elles conservados typos de formação menos frequentes, ou destroços de antigos typos perdidos, a theoria cahiu. O facto de uma palavra, uma forma, ser empregada mais frequentemente no discurso, em vez de ser causa d'ella se alterar mais, parece racionalmente ser antes um motivo d'ella permanecer mais intacta; porque então o povo que falla a lingua a que ella pertence conhece-a muito bem para se poder enganar ácerca d'ella. A alteração das palavras e das formas tem outras causas. E de que applicação é essa these geral ás formas particulares estudadas pelo signor Canello no seu artigo? De nenhuma, em a nossa opinião. «Le voci verbali adunque, come quelle che spesso e sotto parvenze proteiformi entrano nel discorso, vanno soggette più dei nomi e degli aggettivi, a perpetui mutamenti: e in ciò gareggiano colle particelle, se non le superano.—Si dia ora il caso che una voce verbale, puta un infinito, un participio, assuma valore nominale ed entri con ciò in una categoria di forme meno facili ai mutamenti, meno usate, e quindi meno logorabili: e noi vedremo in una lingua a una certa sua epoca, due parole, che in origine furono una sola, ma che hanno camminato a passi ineguali, e perciò ineguali sono anche diventate (p. 10).» Tal é a explicação geral que o signor Canello quer dar do parallelismo de formas como *recipiente, studente* ao lado de *ricevente* e *studiante.* «*Recipiente* e *studente* si staccarono dai verbi rispettivi all' epoca che questi sonavano ancora *recipere, studére;* mentre *ricevente* e *studiante* nacquero dalle forme *ricevere* e *studiare* (ib.)» Ora que significa isto? *Recevente, studiante* não são formas mais alteradas pelo facto de serem participios; *recevente* é como diz o signor Canello, uma forma nova, não a forma *recipiente* mais alterada; *studiante* é uma forma perfeitamente dis-

tincta do lat. *studens;* é o legitimo part. act. do ital. *studiare,* der. de *studium* e não do lat. *studere;* demais como exemplo *recipiente* é máo, por ser evidentemente o que se chama uma forma erudita e sería de desejar que o signor Canello tivesse traçado bem a distincção entre as formas eruditas e as formas populares. A existencia de substantivos participaes com forma latina (apenas modificada phoneticamente, como *difesa, futa,* etc.) ao lado de participios romanicos (formações novas, com forma fraca) substituindo os participios latinos organicos explica-se perfeitamente pela consideração de que na derivação a influencia da analogia é muito menor que nas formações verbaes; é assim que os typos participaes, por exemplo, se reduziram consideravelmente nas linguas romanicas, os participios organicos sendo substituidos em grande numero de casos pelos inorganicos, emquanto os nomes de natureza participal se conservavam; por outras palavras, para os nomes não sente o povo bem na lingua typos definidos, a derivação executando-se por tão variados processos; para a formação verbal ao contrario esses typos estão sempre presentes ao seu espirito. O signor U. A. Canello parece não ter feito da grammatica latina sob o ponto de vista comparativo o estudo que nenhum romanista pode dispensar; isto revela-se quando nos diz que *prodere addere* são compostos de *dare,* separa d'elles *credere* (p. 15) e na sua confusão de nomes formados por meio do suff. *tu* organico com themas participaes em *tu* = organico *ta,* confusão já notada pelo illustre dialectologo italiano G. Flechia (1). Apesar do artigo do signor Canello excitar estas nossas observações é certo que elle é muito interessante e que a maior parte das approximações n'elle feitas são exactas.

Studi sopra i Canzioneri provenzali di Firenze e di Roma, p. 20–45. Art. do snr. Ed. Stengel, que é o principal do fasciculo. O douto professor começa por algumas palavras sobre a importancia da litteratura provençal, necessarias ao que parece aos leitores italianos, e sobre a historia dos estudos d'essa litteratura; depois passa a descrever o codice 776 F 4 da Bibliotheca nacional de Florença, que contém poesias lyricas, uma novella e *coblas esparsas* provençaes em quatorze folhas do fim, dando-nos o elenco completo das poesias inteiras e *coblas* que se leem n'essa parte, indicando os auctores que publicaram outras lições d'ellas; uma parte das peças contidas no ms., algumas das quaes ineditas e as outras apresentando mais ou menos importantes lições, indicando o editor em nota as lições diversas dos outros textos que conhece; entre essas peças vem a *Novella do papagaio* de que se conheciam dous textos, um dos quaes, contido no ms. 22543 da Bibl. Nac. de Paris, foi publicado por Bartsch duas vezes por inteiro e de que já Raynouard dera um extracto. Segundo o snr. Stengel a versão que publica é mais antiga e mais simplice que a do ms. de Paris, da qual differe inteiramente do v. 125 até ao fim. N'este ar-

(1) N'um artigo muito interessante na *Rivista di Filologia e d'Istruzione classica,* ann. 1, fasc. 8.° p. 401.

tigo, contribuição importante para o estudo da litteratura provençal, mostra-se mais uma vez a erudição segura do professor allemão.

A *proposito d'un luogo della Vita Nova; nota filologica*, p. 46–51. Art. do signor U. A. Canello que pretende que no logar seguinte da *Vita Nova* § 2: «Alli miei occhi apparve prima la gloriosa donna della mia mente, la quale fu da molti chiamata Beatrice, i quali non sapeano che si chiamare» *chiamare* seja uma forma assente sobre o perfeito conjunctivo latino e allega varios passos d'um antigo texto italiano, para comprovar a sua opinião, no qual formas apparentemente do infinito se encontram n'um emprego syntactico que essa forma parece não admittir; mas a opinião de Flechia (1) de que haja realmente na passagem de Dante um infinito com valor de conjunctivo é a nosso vêr exacta.

Varietá (p. 52–56). O snr. Edm. Stengel publica um documento em dialecto sardo do anno 1173 que elle crê inedito, mas que já fora publicado por Tronci nos *Annali pisani* e reimpresso por Tola no *Codex dipl. Sardiniae* (2); mas a lição dada na *Rivista* é muito mais correcta que as precedentemente publicadas, como o diz um critico competentissimo (3). — Segue uma communicação do romanista E. Boehmer em resposta a uma critica de M. Gaston Paris, na *Romania*, sobre a sua transcripção de palavras francezas escriptas com caracteres hebraicos nos *Romanische Studien* e sobre varias etymologias n'esta mesma publicação. — O signor Monaci refuta facilmente e com toda a razão a hypothese apresentada pelo sig. Vegezzi-Ruscalla na *Rivista di Filologia e d'Istruzione Classica* ácerca das formas provençaes *en, na*, segundo a qual a etymologia dada a essas formas por Diez seria falsa e haveria n'ellas um *artigo pleonastico* d'origem celtica. Aos argumentos do sig. Monaci podemos accrescentar que em portuguez se diz *senhor dom* Fulano, reunindo assim duas palavras que rigorosamente tem o mesmo sentido.

Rivista bibliografica, p. 57–65. *Grammatica Storica della lingua Italiana, estrata e compendiata dalla Grammatica romana* di Federico Diez, per opera di Raffaelo Fornaciari. Parte prima: Morfologia; *Sintassi della Lingua Italiana* per Fortunato dott. Demattio. O auctor do primeiro livro, louvado por o intuito do trabalho, estava muito mal preparado para o fazer, como já mostrara uma critica de Mussafia em a *Nuova antologia* (4); o signor Canello nota alguns erros na parte não analysada pelo professor Mussafia e as suas observações são muito uteis juntando-lhe as notas de Flechia sobre a sua critica (5). O outro livro, que é obra do dott. Demattio tem tambem caracter de compilação, fundando-se principalmente sobre a *Grammatik der romanischen Sprachen;*

(1) No artigo citado, p. 402.
(2) Noticia dada por Flechia, *ibidem*, p. 403.
(3) *Ibidem*, p. 404.
(4) Uma apreciação um pouco branda appareceu na *Revue critique*, 1872, art. 96, onde alguns dos erros do compilador italiano são apontados.
(5) No citado artigo da *Rivista di Fil. classica*, p. 395, ss.

o critico faz aqui tambem algumas observações uteis.—*Fergus, Roman von Guillaume le Clerc* herausgegeben von Ernst Martin. O texto deixa a desejar sob o ponto de vista critica; a introducção é interessante.—*Il Prof. Federigo Diez e la Filologia romanza* per Ugo Angelo Canello. Já aqui mencionamos o juizo dado por M. G. Paris na *Romania,* com o qual parece concordar o do sig. Monaci.—*I Codici Francesi della bibliotheca Marciana di Venezia* descritti da Adolfo Bartoli. Parte prima. Versa esta parte sobre o poema do cyclo troyano, publicando o auctor n'ella um poema inedito por inteiro *Heitor troyano,* para que elle fez convergir principalmente a sua attenção. O sig. Bartoli é já muito acreditado como um erudito de boa eschola, e pelo juizo do snr. Stengel se vê que este trabalho contribue para consolidar a sua reputação.—*Les derniers Troubadours de la Provence,* par Paul Meyer. Contém, além d'uma accurada exposição da obra, observações criticas do sig. Monaci.

Periodici (p. 66–68).—*Notizie* (p. 69–70).

Na capa d'este primeiro fasciculo da *Rivista di Filologia romanza* vem o annuncio de varios artigos que hão-de ser publicados nos fasciculos futuros e que devem ser todos de muito interesse; mas entre esses annuncios chama mais a nossa attenção o da publicação do grande *Cancioneiro portuguez* da Vaticana, de que tinhamos apenas maus extractos publicados por homens incompetentes como Varnhagen e Lopes de Moura. (1) A Academia Real das Sciencias (?) de Lisboa tencionava imprimir por inteiro todo o ms. de Roma na collecção dos *Portugalliae Monumenta historica,* que, começada a publicar-se em 1856, não tem ainda completo um só volume, havendo apenas publicados 12 fasciculos pertencentes a 3 volumes diversos; mas apesar de não lhe faltarem recursos pecuniarios, que em verdade desapparecem nas mãos de gente que nada faz, não conseguiu obter nunca uma copia do ms. Vat.; agora um simples particular, um estudioso ainda pouco conhecido, sem outros recursos que os da sua propria actividade, emprehende essa publicação e dispõe dos meios de a levar a cabo! Quando se convencerão os governos portuguezes da inutilidade da Academia Real das Sciencias (?) de Lisboa, que só tem servido desde a Revolução liberal para impôr mediocridades aos olhos do vulgo, e confiarão

(1) Em Portugal qualquer critica severa sobre obra de academico ou auctoridade litteraria constituida é julgada exagerada ou precedente do animadversões pessoaes; mas o juizo que aqui demos ácerca do *Cancioneirinho* do Varnhagen vem confirmado no *Beilage zur Allgemeinen Zeitung* de Augsburgo, n.º 30, 30 jan. 1873, p. 451, onde se lê: «H. Varnhagen ist viel mehr Bücherliebhaber als Philologe. Die Ausgabe der gesammten vaticanischen Handscrift, welcher Varnhagen seine Texte entnommen hat, wird im Zweiten Heft unserer *Rivista di Filologia romanza* von Monaci begonnen werden, und noch deutlicher die Ungenügenheit der Varnhagen'schen Texte darthun.» O juizo dado na *Bibliographia crit.* (t. I, art. 5.º) ácerca do escripto do snr. Varnhagen sobre as novellas de cavallaria é brando comparado com as palavras com que um juiz competentissimo M. Gaston Paris o classifica, dizendo-o «remarquable par l'ignorance des livres les plus élementaires sur ce sujet (*Revue critique* 1872, deux. sem., p. 331)».

a trabalhadores isolados a publicação dos monumentos da nossa historia e da nossa litteratura, fornecendo os meios d'ir estudar aos paizes estrangeiros, examinar as suas bibliotheeas aos mancebos estudiosos e de provada vocação, em vez de consummirem dinheiro com prebendas a academicos que nada fazem? Dizendo que os nossos homens politicos são recrutados em grande numero entre os academicos e que os principaes d'estes são quasi todos chefes de partido, mostra-se quanto é difficil a desejada transformação e explica-se a razão dos grandes abusos. Quanto é honroso para o meu amigo o signor Monaci ter emprehendido a publicação do *Cancioneiro* de Roma, tanto é vergonhoso para Portugal vêr mais uma vez um estrangeiro cumprir o que era um dever da nação. Um estrangeiro, Bluteau, fez o primeiro Diccionario portuguez; um outro estrangeiro, o brazileiro Moraes, melhorou e addicionou a obra de Bluteau, e o livro de Moraes serviu de bases para todos os Diccionarios que ha completos da nossa lingua; foram estrangeiros os primeiros que tentaram o estudo da nossa historia litteraria; foi um estrangeiro, Balbi, que tentou os primeiros trabalhos estatisticos sobre Portugal, e o seu exemplo quasi não nos serviu de nada, contentando-nos com o censurarmos; um estrangeiro, lord Stuart, fez a primeira edição do *Canc. do Collegio dos Nobres,* e estrangeiros, os brazileiros Varnhagen e Lopes de Moura, publicaram os extractos do ms. Vat.; mas paremos aqui: a lista d'estas vergonhas seria bem longa; haver ao menos quem aponte o mal é já um progresso; será elle seguido de amelhoração?

Accedendo do bom grado a um lisongeiro convite do meu amigo o signor Monaci para collaborar na sua *Rivista,* julguei dever meu unir os meus esforços aos seus para que a publicação do ms. da Vat. satisfizesse, tanto quanto coubesse em nossas forças, não ás exigencias da sciencia, que são muitas, mas ás necessidades dos que hão-de estudar forçosamente a nossa antiga poesia da eschola provençal, cujos mais bellos fructos estão ainda enterrados no cod. Vat.; d'este modo creio salvar o meu paiz d'uma parte da vergonha do seu desleixo. O signor Monaci tencionava reproduzir com a maior fidelidade o ms., dividindo apenas as palavras, apontando algumas correcções mais ou menos obvias; mas indo mais adeante tentarei uma restituição do texto, em geral muito corrupto, das cançoes, para o que ellas me são remettidas de Roma antes de serem publicadas.

F. A. C.

BOLETIM

Allgemeine Musikalische Zeitung. Verantwortl. Redact. Joseph Müller. Leipzig, Rieter—Biedermann, 1873. N.° 1–5. G. von Tucher, *Zur Musikpraxis und Theorie des 16. Jahrhunderts* V. Fortsetzg.—v. Br., *Aus Matheson's « Critica Musica »* —..., *Zehn Briefe von Schiller an Zelter.*

Musikalisches Wochenblatt. Organ für Musiker und Musikfreunde. Verantw. Herausg. u. Verleger. E. W. Fritzsch. Leipzig. 1873. N.° 1–5.C. Riedel, *Znm Portrait von Heinrich Schütz* (1585–1672). — Dr. Herm. Kretzschmar, *Zur Orgelmusik:*

Archäologische Zeitung unter Mitwirkung von E. Curtius herausgegeben von E. Hübner. Berlin, G. Reimer. 1872–1873. Heft 1–3. E. Schulze, *Ueber die Giebelgruppe des capitolinischen Juppitertempels.* — E. Schulze, *Der Tempel des Hereules an der Porta trigemina.* — F. Matz, *Sarkophag aus Patras.* — G. Hirschfeld, *Nachträge zu den attischen Künstlerinschriften.* — H. Wittich, *Zum ephesischen Artemision.* — O. Lüders, *Der Westfries der Cella des Parthenon in seinem jetzigen Zustande.* — H. Heydemann, *Deux peintures de Vases grecs de la Néeropole de Kameiros.* — H. Heydemann, *Zur Danaevase der Petersburger Ermitage.* — H. Heydemann, *Teller aus Kameiros.* — E. Hübner, *Zur Madrider Sapphoherme.* — *Zum Grabstein des Antipatros von Askalon in Athen.* — *Ausgrabungen in der Saalburg.* — B. Graser, *Das Bronze-Bugbild eines antiken Fahrzeugs aus Aetium.* — E. Curtius, *Die Geburt des Erichthonios. Neue Funde in Illion.* — H. Wittich, *Die Pyramidenmaasse des Plinius.* — H. Heydemann, *Vier Wandgemälde aus Stabiæ. Adonia (?) auf einer Vase aus Ruvo. Die Wuth des Lykurgos. Antiken des Grafen Wilh. von Pourtalès in Berlin.* — Fr. Wieseler, *Das Heerd-und Feuersymbol bei Vulcanus.* — E. Curtius, *Die Säulenreliefs von Ephesos.* — K. Woermann, *Pompejanische Anmerkungen.* — R. Bergau, *Die sogenannte Riesensäule im Odenwalde.* — E. Hübner, *Alterthümer aus der Provinz Posen. Römische Inschrift aus Frankfurt am Main.*

Revue critique d'histoire et de litterature, receuil hebdomadaire publié sous la direction de MM. M. Bréal, G. Monod, C. Morel, G. Paris. 1873. N.° 1–3. — Brugsch, *Verzeichniss der Hieroglyphen mit Lautwerth in der gewœhnlichen und in der geheimen Schrift, so wie der allgemeinen Deutzeichen in dem Schriftsystem der alten Ægypter mit Hinweis auf sein hieroglyphisches Wœrterbuch zusammengestellt.* — *Eratosthenis carminum reliquiae.* Disposuit et explicavit Eduardus Hiller. — *Riddarasœgur. Parcevals Saga, Valvers Thattr, Ivents Saga, Mirmans Saga.* Zum ersten Mal Herausgegeben und mit einer literarhistorischen Einleitung versehen, von Dr. Eugen Kœlbing. — *Forschungen über die Quellen zur Gesehichte der Jungfrau von Orleans,* von P. Beckmann. — *Il Viaggio di Carlo Magno in Ispagna per conquistare il camino di San Giacomo, testo di lingua inedito* publicato per cura di Antonio Ceruti, dottore dell' Ambrosiana. — *Vies des poètes bordelais et périgourdins,* par Guillaume Colletet, publiées d'après le manuscrit autographe du Louvre avec notes et appendices par Ph. Tamizey de Larroque. — *Traité de versification française,* par Gustave Weigand. — *Buch der Erziehung. Briefe an Æltern, Lehrer und Erzieher,* von Dr. Karl Schmidt. — *Archivio Veneto, publicazione*

periodica, t. I, II, III, (publié sus la direction de MM. Ad. Bartoli et R. Fulin).—*Bibliographia critica de historia e litteratura*, publicada por F. Adolpho Coelho.—*Aristotelis Politicorum libri octo cum vetusta translatione Guilelmi de Moerbeka*, recensuit Franciscus Susemihl.—*Gesta Romanorum*, herausgegeben von Hermann Œsterley. —*Zur Entstehungs-geschichte der Eidgenæssischen Bundes*. Drei Vorträge von Georg Geilfuss.—*Sebastian Brands Narrenschiff*, ón neuhochdeutscher Uebertragung von Karl Simrock.—*De l'origine du théâtre à Paris*, par Paul Milliet.—*De l'authenticité des chants du Barzaz-Breiz de M. de la Villemarqué*, par F. M. Luzel.—*Kitâbi destoûri soukhan, livre des règles du langage ou grammaire pürsane*, par Mirza Habîb.—*Weihnacht-Spiele und Lieder aus Seddeutschland und Schlerien. Mit Einleitung und Erleterungen*, von Dr. Karl Weinhold Neve Ausgabe (o titulo mente, pois o livro é simplesmente a ed. de 1853 com a capa e frontispicio mudados).—*Charlotte de Corday et les Girondins. Pièces classées et annotées* par M. Vatel.—O. Donner. *Öfversikt af den Finsk Ugriska Sprakforskningens historia*. Não nos chegou ás mãos o 4.º numero da *Rev. crit.*, 1873.

Revista Trimensal do Instituto historico, geographico e ethnologico do Brazil, fundado no Rio de Janeiro debaixo da immediata protecção de S. M. I. o Senhor D. Pedro I. Tom. XXXV (1872). Part. I (1.º e 2.º trimestre), 438 pp. (8.º B. L. Garnier, livreiro-editor) (1). *Nobiliarchia Paulistana* (continuação), por Pedro Taques de Almeida Paes.—*Registro dos autos da erecção da real villa de Montemór-o-Novo, da America, na capitania do Ceará Grande.*—*Aviso acompanhando uma cópia da Promemoria feita ao conde da Ega, pelo padre Ignacio dos Santos Meirelles, sobre a aboboda subterranea do collegio dos jesuitas no Rio de Janeiro, em 1801.*—*Relação das instrucções e ordens que se expediram ao Conde da Cunha.*—*Itinerario da provincia do Maranhão*, por Antonio Bernardino Pereira do Lago, coronel do real corpo de Engenheiros. Começado em Janeiro de 1820.—*Alguns apontamentos da viagem feita por terra d'esta côrte á cidade do Cuyabá*, por João Vito Vieira de Carvalho.

Parte II, p. 1–245. *Nobiliarchia Paulistana* (continuação e fim).—*Excursões pelo Ceará, S. Pedro do Sul e S. Paulo*, pelo Dr. F. I. M. Homem de Mello. (2)–*Io. Schöner e P. Apianus* (*Benewitz*): in-

(1) A *Revista Trimensal* é, segundo crêmos, a unica publicação periodica scientifica do Rio de Janeiro; os volumes publicados contéem muitos trabalhos interessantes para a historia, geographia e ethnographia brasilicas; o seu nivel, porém, é em geral pouco elevado; muitos materiaes abundam nos documentos encerrados na collecção.

(2) N'esta viagem ha algumas noticias interessantes ácerca das colonias allemãs de *Hamburger-Berg*, cuja denominação portugueza é a *Piedade*, e d'outras colonias, S. Leopoldo e outros logares proximos. O viajante diz-nos que o municipio de S. Leopoldo, um dos mais importantes da provincia de Rio Grande, tem 30:000 habitantes, dos quaes 20:000 são de procedencia allemã. Essas colonias são florescentes, e o seu espectaculo de paz, actividade e moralidade parece ter commovido profundamente o viajante brazileiro.

fluencia d'um e outro e de varios de seus contemporaneos na adopção do nome America; e primeiros globos e primeiros mappas-mundi com este nome, por Francisco Adolpho de Varnhagen. — *Biographia dos Brazileiros illustres. Hyppolito José da Costa Pereira,* pelo Dr. F. J. M. Homem de Mello.

Revue Archéologique, Paris, aux bureaux de la rev. arch. Didier & C.ie, 1873, 14.e année, nouvelle série. I e II Janvier–Février. Abbé Cochet, *Une fouille en Normandie ou notice sur des sépultures chrétiennes trouvées en mars 1871 à Saint-Ouen de Rouen.* — G. Colonna Ceccaldi, *La patère d'Idalie* (suite et fin). — G. Colonna Ceccaldi, *Découvertes en Chypre.* — Ferdinand Dutert, *Étude et restauration du palais public des Césars sur le Mont palatin.* — E. Miller, *Sur deux inscriptions grecques découvertes dans l'île de Thasos.* — H. Arbois de Jubainville, *Note sur une inscription de Voltino conservée au musée de Brescia.* — G. Tholin, *Note sur un cimetière antique à Razimet* (Lot-et-Garonne). — Charles Lucas, *Découvertes récentes faites dans le forum romain,* traduit et annoté (d'après Ch. Dezobry). — Na parte *Bibliographie* encontramos uma apreciação sobre uma obra portugueza, que por isso copiamos em extenso: *Souvenirs du congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques* et des excursions faites à Modène, Marzabotto et Ravenne, et à la nécropole de l'antique Felsina, la Certosa de Bologne, au mois d'octobre 1871, par le chevalier J. P. N. da Silva, avec 4 planches gr. in 8.° Lisbonne, 1872.

«Cet opuscule a pu rendre des services en Portugal, y donner l'idée et le goût d'études qui n'ont guère été cultivées, jusqu' ici, dans la Péninsule ibérique; mais les savants n'y trouveront point de faits nouveaux ni d'idées originales, pas même un bon résumé des séances et des discussions du congrès. L'auteur ce nous semble, a donné trop de place à des descriptions culinaires, à la peinture des fêtes, des banquets et des feux d'artifice; nous l'aurions dispensé aussi de nous apprendre qu' au retour de je ne sais quelle excursion il avait changé d'habit (p. 35). Les quatre planches qui terminent cette brochure sont d'une bonne exécution.» — François Lenormant, *La plus ancienne inscription en langue assyrienne.* — Abbé Cochet, *Une fouille,* etc. (suite et fin). — Th. Roller, *Saint-Clément de Rome* (suite). — Ferdinand Dutert, *Étude et restauration,* etc. (suite et fin). — Ed. Flouest, *Les fouilles du Magny-Lambert* (Côte-d'Or), lettre à M. Alexandre Bertrand. — Paul Bréal (sic) (1) *Quelle place doit tenir la grammaire comparée dans l'enseignement classique.*

---

(1) Leia-se: *Michel Bréal,* que é o nome do auctor do artigo.

33.—**Opusculos.** por Alexandre Herculano.—Questões publicas, tom. 1. Lisboa, em casa da Viuva Bertrand e C.ª 1873. 8.º peq. xv—297 pp.

E' extremamente difficil fallar sob o ponto de vista critico de uma obra de um homem cercado por todos os lados da auréola de sabio perfeito, de integro, e de incorruptivel; que tem tido em vida as mais extraordinarias honras que só cabem aos mortos; de um homem que uma nação inteira crê que é o representante das suas tradições e o sustentaculo da sua reputação scientifica; de um homem cujos defeitos são tomados á conta de altas qualidades e que elle mesmo se apresenta com ares titanicos, affectando uma lingoagem de oraculo; de quem se conta que teve a intimidade de fumar cigarros com um rei, e que se carteava e cartea com um imperador, ao mesmo tempo que jantava em uma taberna, recusava a jerarchia do pariato, as gran-cruzes, o mandato de varios circulos politicos, e muitas cousas mais. O simples senso commum teme ficar esmagado debaixo d'esta dupla pressão da auctoridade e da moda; tem de affrontar os preconceitos de todos aquelles que não consentem facilmente que lhes tirem o prazer da cega admiração, e o que é a natural expressão da verdade, n'estas anormaes circumstancias, ha-de ser um temerario acto de coragem. Como esta publicação é actualmente mais lida no estrangeiro do que em Portugal, esqueçamos os resentimentos que este juizo vae suscitar, e dêmos conta sincera e justa aos que precisam saber qual é na realidade o nosso estado litterario. O snr. Alexandre Herculano pelo seu trabalho da *Historia de Portugal* alcançara boa reputação de historiador entre os que estudam; porém aquelles que nada lêem, e que com certeza nunca conseguiram ler seis paginas da sua *Historia*, esses fizeram-no um idolo do *non plus ultra* da intelligencia e da consciencia, conferiram-lhe o papel de dictador moral, e levam o seu desvario até ao ponto de olharem para elle como o futuro presidente da nossa republica. Todo este prestigio nasceu em parte dos romances patrioticos do snr. Herculano, em parte da sua abstenção da vida politica, em parte das suas queixas frequentes de pretendidas injustiças, e finalmente de um silencio calculado, de um supposto desgosto e tedio causado pelo labor litterario. O snr. Herculano considerou um dia Lisboa como uma cidade de marmore e de granito, como uma nova Palmyra e deu parte ao publico que só aspirava a sete palmos de terra para sua jazida; collocado nas melhores condições imaginaveis para o trabalho scientifico, declarou com magestade que se retirava como Cincinnato para a vida rural e que ia fabricar azeite. Tudo isto foi tomado como documentos da mais absoluta superioridade. Aos que se acercaram do snr. A. Herculano e lamentavam a sua deserção do arraial das lettras e pediam chorando que tornasse a empunhar a penna, respondia com magnanima modestia, que o seu espirito estava decadente. O apparecimento do primeiro tomo dos *Opusculos* parece uma contradição contra esses mais decididos protestos de devoção

pela obscuridade a que se retirara; mas os que o ouviram, dizem que esse livro vem a lume para agenciar os meios com que o auctor possa fazer mais algumas braças de parede em volta de uma quinta que tem perto de Santarem; o snr. Herculano para deante do publico quer dar uma razão mais propria de um vulto esculptural, e diz que a razão dos *Opusculos*: «E' o tedio das longas noites de inverno; das horas estereis em que o peso do silencio e da soledade cai com duplicada força sobre o espirito.» (p. VII.) «Foi por isto que comecei a ajuntar os *disjecta membra* de uma grande parte do meu passado intellectual; a accrescentar, a cortar, a corrigir, a completar. — Que esta confissão ingenua sirva para ser absolvido da especie de cofreria que, apesar dos mais firmes propositos, faço, ainda uma vez, na republica das lettras.» (p. X.) Estas phrases encobrem o calculo interesseiro do homem do campo; mas a natureza dos diversos artigos que constituem o volume, sem importancia e mais dignos de ficarem no doce olvido das collecções dos jornaes litterarios ou na forma do folheto que se compra como raridade bibliographica, por si indica, não virem a lume com o minimo intuito scientifico, mas como feria dos alveneres de mais algumas braças de parede.

O collecionador gosta d'esta honrosa explicação; os *Opusculos* vão aproveitar a anciedade publica pelas palavras do velho do ermo, e formarão tres series divididas em *Questões publicas, Estudos historicos* e *Litteratura*. Pelos artigos d'este primeiro volume pode-se prever o estofo dos que tem de sair; á primeira serie hão de pertencer a questão da estatua de D. Pedro IV, brado a favor dos monumentos, a Reacção ultramontana em Portugal, as irmãs da caridade, a rejeição do diploma de deputado, as cartas sobre o casamento civil, contra a propriedade litteraria, etc. A' segunda categoria pertencerão os artigos do *Repositorio* sobre o Romantismo, os pareceres do conservatorio, Cartas sobre a Historia de Portugal, sobre os bens da corôa, sobre Novellas de Cavalleria, sobre os Chronistas, algumas biographias, etc. A' ultima classe pertencerão o *Bobo, Mestre Gil, Tres mezes em Calecut*, e mais algumas novellas da velha enselada de Walter Scott, com artigos moraes sobre a velhice, Christianismo e Protestantismo e outras aparas. O homem que uma vez comprehendeu o que era o estudo e o methodo ou direcção scientifica, nunca mais pode voltar atraz a gastar tempo com devaneios sentimentaes, a transigir com a imaginação, a tomar imagens metaphoricas por ideas; o snr. Herculano attingiu a severidade scientifica na *Historia de Portugal*, mas retrocede para aproveitar os productos vacillantes de uma epocha em que ainda procurava o verdadeiro caminho. Ha n'isto uma flagrante contradição que só pode ser explicada indo procurar na indole do seu talento a causa organica d'esta e de muitas outras antimonias. Apontemos mais algumas, para depois justificarmos o modo de vêr fundamental: o snr. A. Herculano escreve um dia contra a propriedade litteraria, e eil-o a vender ao governo por alguns contos de reis a propriedade dos apontamentos

informes e quasi inteiramente inuteis para um Diccionario, do defuncto Ramalho; vem á imprensa sustentar a doutrina do casamento civil e justificar-se por tel-os introduzido no Codigo, e mezes depois casa-se catholicamente; escreve a Historia de Portugal com o sentimento da verdade, e ao mesmo tempo declara no prologo que a escreveu *ad usum Delphini,* só para o rei D. Pedro V; abrem-se de par em par todos os archivos do reino, pagam-se-lhe as viagens por todas as provincias, baixam portarias mandando que se lhe patenteem os cartorios das collegiadas, subsidiam-no com grossas prebendas, dão-lhe a posição sedentaria e pacifica de bibliothecario, cercam-no de santo enthusiasmo, e eil-o que depõe a penna e vae fabricar azeite para uma quinta de Santarem; escreve nos albuns brazileiros o seu epitaphio de escriptor, e vem para os jornaes com cartas insignificantes a proposito de dramas pifios, negocios de historia de fancaria, almanachs de senhoras, ou livros compilados de criticas de atrazados folhetins, servindo tudo isto para declarar que a sua intelligencia está decadente, que não entende a geração nova, e que o seculo XIX, vae cair no gongorismo scientifico! Monstruoso. Além d'isso mostra-se em tudo catholico puro, inimigo do racionalismo e da exegese scientifica, e explica a seu modo a historia da egreja e o sentido dos canones, com a mesma irreverencia de quem faz um catholicismo para si, que muito pouco tem que ver com o catholicismo de Roma e dos papas. Recusa as honras civicas que os que acreditam n'elle lhe vão a conferir, e ao mesmo tempo vem dar parte pela imprensa do seu desinteresse, da sua abnegação e da sua superioridade. Esta obscuridade calculada não é mais do que uma penumbra theatral para dar realce ao oraculo.

Dos corollarios que se tiram d'estes factos só nos aproveitamos do que serve para nos fazer comprehender este temeroso vulto litterario.

O snr. Alexandre Herculano é um d'estes homens feitos inteiramente pelas circumstancias do tempo, pela corrente do meio em que aconteceu de estar; quando a epocha nova o viu com proporções gigantescas e lhe pediu direcção, immergiu-se na sombra, e acobertou a consciencia da propria annullação com um vasto desinteresse. Não conseguiu dos seus correligionarios politicos que creassem para elle um Ministerio de Instrucção publica, desde então abnegou da actividade politica; mas o trabalho scientifico, que devia estar acima de todos os desgostos pessoaes, foi mais ousadamente atrophiado pelo fabrico rotineiro do azeite, justamente quando já não era possivel accumularem-se sobre a sua cabeça mais corôas de gloria, quando a mocidade lhe pedia que lhe apontasse o bom caminho, quando se creavam cadeiras de professor para elle educar o seu tempo, quando o proprio monarcha sollicitava escondidamente para o lisongear os diplomas mais honrosos das Academias estrangeiras, como o Instituto de França, a que pertence, ou a Academia de Berlim, aonde o não acceitaram. A causa d'esta mysteriosa abstenção é simples de descobrir, quando a vida do escriptor serve para ajudar a compre-

*

hender as suas obras, ou quando as ideas e a forma que as exprime veem por seu turno revelar a sua entidade moral, quando a epocha em que viveu está bastante conhecida para se vêr como ella actuou fatalmente sobre essa individualidade. A causa d'esta mysteriosa abstenção, é — que o snr. Alexandre Herculano nunca teve vocação litteraria. Estylo, ordem de ideas, biographia, tudo no snr. Herculano leva a esta dura verdade, que só depois que as adorações pessoaes se esgotarem se hade tornar evidente. E' esta a fórmula critica que hade ser de futuro a base dos que o hão de julgar; *dura lex, sed lex,* mas as provas são dadas por todos os actos do escriptor. A culpa não está no processo logico, do mesmo modo que a dor não está no escalpello.

A vocação litteraria resulta d'uma organisação especial; é essa sacrosanta fatalidade que leva um homem a usar e gastar o seu corpo sacrificando-o á actividade da intelligencia; a vocação litteraria levava Anquetil du Perron a sentar praça por dinheiro e a ir servir na India, para lá descobrir o zend, resistindo a todas as seducções das bayaderas, affrontando os climas inhospitos da Asia, para estudar os dogmas das religiões da India, e enriquecer a sciencia da Europa com o livro do *Avesta;* foi a vocação litteraria que fez morrer Ottofried Müller, debaixo do ardente sol de Delphos; foi tambem a vocação litteraria, que levou Augustin Thierry a cegar sobre os monumentos da historia de França, e que o fazia dizer até ao Instituto, quando já não podia continuar no seu trabalho, perto de morrer: «Eis aqui o que eu fiz, e o que eu faria se tivesse de recomeçar a minha carreira; eu tornaria a tomar aquella via que me trouxe a este estado. Cego, e soffrendo sem esperança e quasi sem alivio, eu posso dar este testemunho, que da minha parte não será suspeito. Ha alguma cousa que vale mais do que os gosos materiaes, que é melhor do que a fortuna, melhor até do que a saude, é o sacrificio pela sciencia.»

Para o progresso do homem sobre a terra, estas palavras valem mais do que o achado da mais pura moral. Que diriamos de um Littré, d'esses dois santos obreiros Jacob e Guilherme Grimm, de um Pedro José Proudhon ou de um Raspail e de tantos outros? Venerandas sombras que passaram imprimindo direcção ao seu tempo; mas não se queixaram e trabalhavam por isso mesmo que havia quem divergisse das suas opiniões.

N'este ultimo livro, o snr. A. Herculano exprime ainda o seu pensamento constante: «Após largos annos consumidos na vida agitada das letras, em que o meu baixel mais de uma vez fôra açoutado por violentas tempestades, tinha, emfim, ancorado no porto tranquillo e feliz do silencio e da obscuridade. Olhava com uma especie de horror para as vagas revoltas da immensa lucta das intelligencias, contraste profundo da vida rural a que me acolhera. Depois, o espirito sentia bem a propria decadencia, cujos effeitos a interrupção dos habitos litterarios devia agravar.» (p. IV.) O que significa esta de-

claração constante do snr. A. Herculano, de que o seu espirito está decadente? Sabendo-se que elle nasceu em 1811, e que actualmente conta sessenta e dous vigorosos annos, o que gero admiravelmente os seus interesses, essa decadencia de espirito não é mais do que a aversão á actividade litteraria posta em evidencia pelo egoismo da edade; portanto essa actividade litteraria não foi provocada por vocação decidida, mas pelo prurido que começou depois de 1836, pela impressão que produziram na sociedade portugueza os romances de Walter Scott, o *Magasin Pittoresque*, a *Notre Dame* de Victor Hugo, a poesia christã o sentimental de Lamartine, e pelas ambições suscitadas pelo desejo de imitar as *Cartas da Historia de França* por Augustin Thierry, glosar os cursos de Guizot, e, applicar a nova intelligencia do direito romano apresentada por Savigny. Feito isto a sabor de um publico que estava fóra d'este movimento, e que admirou o espirito original, o snr. Herculano ficou sem movel que o fizesse proseguir; viu que tinha ido muito além da sua sociedade; era preciso um pretexto para sair dramaticamente da scena litteraria; mas não appareciam desgostos, porque o cumulavam de honras, de bajulações, de prebendas, repetiam-se as suas palavras sybillinas, dava-se-lhe o nome do Mestre, como se vivesse no tempo dos sabios do seculo XVI, recolhiam-se as phrases, do mesmo modo que os discipulos de Luthero para organisarem novas *Tischreden*, mas nada d'isto era já bastante para incitamento—faltava a vocação litteraria. No corpo que já não tem vida, o movimento dado pela corrente galvanica passa instantaneamente. O snr. Herculano inventou desgostos para sair da arena litteraria, taes como o provimento da cadeira de arabe do Lyceu de Lisboa, a remoção, de um empregado da Torre do Tombo, e outros caprichos; fez-se-lhe tudo, todas as vontades, mas, na ausencia da vocação litteraria, queria justificar a mudez, a inercia do espirito, e apegou-se á contestação catholica de alguns obtusos padres que impugnaram o proceder do snr. Herculano em não querer ser Frei Bernardo de Brito, e em calar acintosamente o *Milagre de Ourique*. Os Padres não tinham razão, e o publico riu-se d'elles; o a isso chama o snr. Herculano *vida agitada das letras*. So lhe tivessem negado a intelligencia, se a vaidade dos pontifices litterarios lhe tivesse com mão cega tirado os meios de se affirmar e de arranjar o pão quotidiano e de se fazer valer dignamente na sociedade, e lho bordassem a vida de abjectas calumnias propagadas para todos os pontos do reino em cartas particulares, se lhe violassem uma e muitas vezes a sua justiça preferindo aquelles a quem déra o alimento, escrevendo-lhe os trabalhos litterarios com que entraram na Universidade, se tivesse sempre encontrado da parte do publico uma animadversão surda, da parte dos encartados um sorriso de superioridade, sem meios, de publicação tendo de inventar os recursos financeiros para dar luz ao lavor da sua intelligencia, a isto chamaria o snr. A. Herculano com certeza *amor do ruido*. Ora porque a vida litteraria lho correu sempre n'uma enchente de ovações, moraes e pecuniarias,

é por isso que justifica a ausencia de vocação dizendo que está *ancorado no porto tranquillo e feliz do silencio e da obscuridade.* Accentuemos mais detidamente as feições d'este vulto que de todos os lados se nos impõe como grande. Depois do triumpho da causa constitucional, alguns homens verdadeiramente notaveis, para acabarem de arruinar o velho regimen, morto já na vida official, crearam instituições concernentes á propagação das ideas novas, tanto moraes como scientificas, que reinavam na Europa. A litteratura entrára em uma nova via, isto é, triumphára o *Romantismo.* Portugal estava ainda no tempo dos arcades, e ainda duravam os Ménnides e as formas lyricas do seculo XVIII. Como Garrett, A. Herculano estivera tambem algum tempo no estrangeiro, o bastante para comprehender o atrazo litterario em que estavamos. Apenas fortalecido com a educação fradesca do latim, leu as obras produzidas segundo o espirito do Romantismo e tratou de imital-as, inventando para ellas um caracter *nacional,* apenas nos accidentes exteriores o nos archaismos de linguagem. Nos livros d'este primeiro periodo do Romantismo temos o typo de todas as suas obras litterarias. O *Panorama* veiu reproduzir entre nós o *Magasin Pittoresque* e o *Musée des Familles,* o publicações do igual indole, em geral com as mesmas gravuras mandadas vir de França, com os mesmos artigos traduzidos; o snr. Herculano aqui fez a sua reputação glosando a *Notre Dame* de Victor Hugo; d'este romance saiu o *Eurico,* variante do typo de Claudio Frollo, a *Abobada,* desenvolvimento scenico do capitulo *Ceci tuera cela,* o *Monge de Cister* da paixão de Esmeralda e de Phebus, o *Bobo,* desenvolvimento de Pierre Gringoire etc. Reinava tambem o Abbade de Lamennais com o seu *Ensaio sobre a Indifferença,* e com as *Palavras de um Crente,* publicadas em 1833; o snr. Herculano impressionou-se tambem com esta segunda corrente, incutindo para sempre no seu espirito esse catholicismo arbitrario feito com a audacia de um racionalista e com o aferro de um fanatico; as *Palavras de um Crente* serviram de molde, sobre que foi vasada a *Voz do Propheta* (1837), acervo de banalidades em forma biblica, sem sentido e a proposito de uma questiuncula de camarilha entre carlistas e septembristas, gonto morta para todos os effeitos. O snr. Herculano reproduz este folheto que andou até hoje anonymo, prefaciando-o com uma larga introducção, expondo as circumstancia em que o escreveu; chamando sacrosanta a cruzada dos emigrados de Inglaterra e Terceira; quanto differente não é do que traz Garrett nos seus prologos, onde conta os graves perigos em que esteve o throno de D. Maria II por causa da degradação de muitos d'esses foragidos sem nome. Mas nada d'isto é comparavel aos desconcertos com que falla da *soberania popular* e da *democracia;* chega-se a acreditar na effectiva decadencia do seu espirito. Aqui extractamos algumas das suas palavras para os que estudam estes dois grandes problemas sociaes vêrem o que é uma intelligencia official: «As intelligencias vigorosas da mocidade hodierna têem aberto caminho a theorias ou novas ou rejuvenescidas que nós os velhos de

hoje e moços de então ou ignoravamos ou suppunhamos estereis, e talvez pueris, e de que sorriamos, quando alguns engenhos que reputavamos tão brilhantes como superficiaes, buscavam, evangelisando-as, jungir por meio d'ellas as turbas, más porque ignorantes, espoliadoras, porque miseraveis, ao carro das proprias ambições. A questão da *soberania popular* não era precisamente o que preoccupava mais os entendimentos cultos, mas tardos d'aquelle tempo, e a *democracia* não apaixonava demasiado os animos, sobretudo os animos dos que haviam pelejado desde os Açores até Evoramonte as batalhas da liberdade, ou padecido durante cinco annos, sem o refrigerio sequer de um gemido tolerado, as orgias do despotismo. Uns tinham visto de perto a face da *democracia:* tinham-na visto por entre a selva de oitenta mil baionetas que fora preciso quebrar-lhe nas mãos para a liberdade triumphar; tinham-na visto nas chapadas e pendores das collinas que circumdam o Porto, até onde os olhos podem enxergar, alvejando-lhe nos hombros os cem mil embornaes preparados para recolher os despojos da Cidade da Virgem, da cidade maldicta, rendida e posta a sacco; haviam-na visto de machado e de cutello em punho, mutilando e assassinando prisioneiros inermes e agrilhoados. O liberalismo achara a catadura da *democracia* pouco sympathica. Restava a *soberania popular*. Essa funccionara durante cinco annos e dera mostra de si. A soberania do direito divino, repartindo com ella o supremo poder.... a *soberania popular* limitou-se á prisão, ao espancamento, á multa elevada, quando occorria, até o confisco. Se o incendio, o estupro, o assassinio se ingeriam ás vezes n'esses actos judiciaes, era por simples casualidade.—O mercador, o artista, o industrial, o professor, o proprietario urbano e rural, o homem de letras, o cultivador, o capitalista, todas as desegualdades sociaes, todos esses attentados vivos contra a perfeita egualdade democratica conservaram por muito tempo dolorosas lembranças do amplexo das duas soberanias.» (*Opusculos,* p. 20 a 22.) E' possivel dar-se uma prova mais clara de que se está fóra do seu tempo, para não attribuir a outras causas este affrontoso quadro das duas palavras que significam as maiores conquistas da liberdade humana? E' o proprietario rural, já capitalista que falla n'aquelle que ás vezes ainda se sonha vestido da insignia do historiador; a este aranzel responde-se como nas feridas do cão, com as proprias palavras do falso propheta: «*os vocabulos são propriedade dos homens, e a propriedade, conforme o velho direito, consiste na faculdade de usar e abusar.*» (*Ib.,* p. 30.) A velha futilidade intitulada a *Voz do Propheta* serviu de pretexto para este ultrage á *democracia* e *soberania popular;* mas isto explica-nos o caracter do auctor. O proprietario rural que em 1844 escrevia sobre as *Caixas economicas* interpretando-as pelo nosso costume popular dos *mealheiros* de dez reis, sem vêr que essa instituição economica não é mais do que um caridoso palliativo para conservar mais tempo a miseria das classes operarias, ainda está no mesmo estado de espirito de ha trinta annos, o orgulho immobilisou-o na adoração

de si mesmo, não teve mais progresso. Sustenta que pela organisação da propriedade, fundada entre nós principalmente na emphyteose, se devem radicar as caixas economicas, e não sabe que a emphyteose é um absurdo da propriedade que tende a desapparecer, e que já levou duros golpes no proprio Codigo civil, em cuja discussão entrou. O snr. Herculano crê firmemente que as sciencias sociaes estacaram, unicamente porque o seu espirito não as previu e as ignora, e ao mesmo tempo porque alcançamos uma Carta constitucional sem ellas. Em quanto ás ideas, o recente livro dos *Opusculos* vem evidenciar que o seu auctor está a trinta annos de atrazo. Historiador dos tempos da eschola auctoritaria e analysta de Guizot, emprehendeu a historia das instituições sociaes do povo portuguez, e mais nada. Ora a Historia de um povo não comprehende só o facto social; fazer a *Historia de Terceiro Estado* em França, não é fazer uma Historia de França. O snr. Herculano intitulou exageradamente *Historia de Portugal,* o que era apenas a historia dos concelhos, precedida da biographia dos reis; mais tarde conheceu o erro, viu que não tinha plano fundamental, e que se não fortalecera de antemão com um estudo comparativo da historia moderna da Europa, e achou-se perdido em um labyrintho d'onde não podia sair senão saltando para fóra. O ensaista deu-se mal na posição de historiador; ainda assim o sentimento da verdade que o dirigiu no seu trabalho principal hade ser sempre respeitavel, e o justo methodo scientifico que attingiu foi-lhe revelado por esse sentimento. Escreveu historia sem esse amor que faz com que um homem se alevante como juiz; investigou factos, porque se achou collocado ao pé dos documentos, porque lhe mandaram patentear os archivos; um Michelet ao narrar as prepotencias senhoriaes da edade media e a negação da dignidade humana d'esse periodo soturno em que a consciencia da liberdade procurava affirmar-se, adoecia e suspendia temporariamente o seu trabalho historico. O snr. Herculano divorcia-se para sempre do estudo historico, mas por uma razão totalmente opposta; é que um sentia a historia, e o outro não, um rectificava a intelligencia e as consequencias dos factos, o outro rectificava datas. Ora o trabalho historico sob este ultimo aspecto não tem encanto, e muito menos para quem não foi organisado com vocação litteraria. O snr. Herculano bem desejava um pretexto para sair dignamente da empresa a que as circumstancias o levaram; acontecendo um incendio perto da casa aonde escrevia, fallava com pesar por lhe não ter ardido a casa e com ella o seu terceiro tomo da *Historia de Portugal,* para não ter que cirzir mais apontamentos. Por isso que o esforço de produzir intellectualmente não era natural e espontaneo, venceu a inercia, mais com a pretenção de querer gosar o respeito que só merece a cogitação. Esse esforço para escrever, além de se vêr nos factos já apresentados, é egualmente patente no estylo do escriptor: os periodos são cheios dos mais desencontrados incidentes, como quem não feriu a idea que quer exprimir; derramados, precisam ser animados de

calculados adjectivos, e estes veem dois a dois, tautologicamente, ora comparando uma fraca imagem poetica, ora dando realce á banalidade de uma sentença moral; em tudo isto entra de vez em quando a propria personalidade do que escreve, procurando um diapasão sybilino quasi sempre o parallelismo biblico, uma entoação sublime, tudo em completo desaccordo com a naturalidade. E' o cartão engommado; divaga sem uma fórmula a que pretenda chegar, sem uma conclusão reflectida, como n'este jogo do malabar que vae sendo executado a um certo rythmo, e que em qualquer ponto se pode suspender. E' assim o estylo do *Eurico* e do *Monge de Cister;* é ainda o mesmo agora nos *Opusculos.*

Vejamos esse embrechado de epithetos e de imagens, n'uma amostra da descripção das noutes de inverno no campo: «Para o velho do erino, n'esses intervallos do vida *exterior,* a corrente *impetuosa* do tempo parece chegar *de subito* a pégo *dormente* e espraiar-se pela sua superficie. A leitura raramente o acaricia, porque os livros novos são raros. A decima visão da mesma idoia, vestida do seu decimo trajo, repelle-o, não o distrae. As convicções *ardentes,* as alegrias das illuminações *subitas,* as coleras e indignações que inspiram e que, na mocidade e nos annos viris, enchem a cella do estudo de turbulencias *interiores,* de arrebatamentos *indomaveis,* de debates *inaudiveis,* de lagrimas *não sentidas,* de *amargo* sorrir, cousas são que se desvaneceram. Matou-as o gear *do inverno da existencia.* Desfallece-lhe o animo mal tenta embronhar-se na *selva das cogitações,* engolfar-se nas *ondas dos pensamentos,* que, em melhor edado, lhe roubavam á consciencia os *ruidos longinquos e confusos* das multidões, e aquella especie de *zumbido obscuro* que ha no *silencio profundo,* e as *passadas tenebrosas* da noito, e o *surgir e o galgar* do sol ao zenith, em quanto a penna *inspirada* arfava, deslisando sobre o papel, semelhante á *vela branca da bateirinha,* que, ao refrescar do vento, vae e vem de margem a margem, atravez da ria. Não: para o velho não ha *a febre da alma* que devora o tempo. Sente-o gotejar no passado, como os suóres da terra que caem, lagryma após lagryma, pela claraboia de galeria *deserta* na mina *abandonada.*» (*Opusculos,* p. VII a IX.) Era este o estylo ultra-romantico dos bons tempos do *Panorama;* hoje só se admitte nos rapazes de eschola, nos themas dos exames mensaes do rhetorica. O epitheto é um cosmetico no estylo; encobre a falta do naturalidade emquanto se não vê ao porto; assim como o caio illudo melhor do noito, ao effeito das luzes, assim estas imagens oecas deslumbram os pobres cerebros que estão em crepusculo do intelligencia. A parte mais palpitante do livro do snr. Herculano, o que fez com que se esgotasse repentinamente a edição, é a carta intitulada *A suppressão das Conferencias do Casino em 1871.* Depois da definição que acima vimos do que era *Democracia* para o snr. Herculano, comprehende-se o pejo que o fez evitar a designação verdadeira de *Conferencias democraticas.* Esta Carta foi escripta a um homem, que sendo testemunha do crime commettido por um mi-

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

nistro da corôa que mandára arbitrariamente fechar um salão de simples discursos historicos e litterarios, vendo assim violar torpemente a liberdade do pensamento, se dirigiu ao snr. Herculano, perguntando-lhe a sua opinião, como áquelle a quem todos indigitavam como integro e como propugnador da liberdade: «Pedo-me v. s.ª que leia o discurso e lhe dê a minha opinião sobre o seu conteudo e sobre o procedimento da auctoridade». (p. 255.) Como responden a isto o snr. Herculano? Do mesmo modo que o padre, o secco director espiritual, de que falla Michelet, que ás queixas intimas de uma mulher que de vez em quando prorompia em anceios pela morte do seu filho respondia com banalidades de moralista e trechos latinos dos Santos Padres. Affrontou-se em 1871 um dos direitos mais augustos conquistados na Carta constitucional, pede-se ao snr. A. Herculano, como a homem que se suppõe justo, que diga o que pensa d'este attentado, e elle fallando sempre de si, como os rheumaticos, responde: «as suas perguntas referem-se a assumptos graves e até obstrusos, que, por ventura, não cabem na capacidade da minha intelligencia». Em seguida introduz uma varredura da gaveta sobre a immutabilidade da Egreja, mostra como o seu eterno pesadello dos Jesuitas é que vae pervertendo a disciplina e a doutrina, concluindo: «O governo, esse vê só o Casino, ouve só os discursos do Casino. Aquillo é que ameaça subverter a religião, a monarchia e a liberdade. *Dedit abyssus vocem suam.* A voz do abysmo são aquelles quatro ou cinco mancebos que vão fallar do cinco ou seis questões desconnexas a cem ouvintes, metade dos quaes provavelmente não entendem a maior parte do que elles dizem, o que tambem é muito possivel me succedesse a mim.» (p. 267.) E' o pedantismo imponente dos sessenta e dous annos de edade, que se não lembra que ficou immobilisado ha já trinta annos.

E continúa a proposito do jesuitismo no pulpito e no confessionario: «Fizeram-se os governos para proverem nos grandes perigos sociaes como este, ou para estarem espreitando ás fisgas das portas se algum mancebo mais ou menos imprudente, mas sem pensamento reservado, sem compromissos occultos com conspiradores estrangeiros, expoem as suas opiniões, embora erradas, a uma assembleia pacifica, pouco numerosa, e pouco attenta provavelmente á substancia do discurso, mas curiosa da belleza da forma?... Quando taes enormidades fossem licitas, não se deveria dar ás exuberancias sinceras da mocidade mais importancia do que tem realmente. Ha verduras da intelligencia como ha verduras do coração, etc.» (p. 280.) O snr. A. Herculano não crê em intelligencia que não tenha ainda sessenta annos; tornou a sua pessoa centro do mundo moral sem conhecer o ridiculo do seu dogmatismo. O livro dos *Opusculos* será para o seu auctor uma boa especulação mercantil, como lhe diziam os seus velhos editores do Chiado, mas ficará uma triste prova da effectiva decadencia do seu espirito. Não ha muitos dias escrevia elle que o seculo XIX vae expirar nos braços do gongorismo scientifico, como ao seculo XVI acontecen com o gongorismo poetico. Triste estado de es-

pirito esse que vê a moderna sciencia da linguistica, a sciencia das religiões, a archeologia, a sociologia, o positivismo, os progressos do orientalismo, a ethnologia, a historia litteraria, tão novas e já fecundas, os ultimos grandes descobrimentos da physica, da physiologia e das outras sciencias da natureza, como um gongorismo scientifico. A sciencia prosegue, não tem culpa de quem se deixa ficar atraz; ella ha-de sempre levar após o seu clarão as intelligencias novas, e o anctoritario immovel ha-de de cada vez tornar-se mais grotesco, como o figurino velho a que já passou a epocha em que era elegante.

THEOPHILO BRAGA.

Hesitamos se deviamos inserir aqui o artigo precedente por ser mais a apreciação do caracter litterario d'um escriptor vivo que de uma obra e que vem a proposito d'uma obra que não tem caracter scientifico e apenas é a expressão de sentimentos e opiniões de valor meramente pessoaes. Esse artigo sae, em verdade, fóra do plano traçado para a nossa revista; mas além de que nos seria penoso recusar as nossas paginas a um collaborador a quem a *Bibliographia critica* tanto deve e que não encontraria nenhum periodico portuguez que tivesse a coragem de inserir esse artigo, houve razões que nos demoveu a inseril-o. Trata-se d'um escriptor que exerce em Portugal uma influencia prodigiosa; que não trabalhou pelo amor verdadeiro e desinteressado da sciencia e nunca mesmo chegou a fazer da sciencia uma concepção seria e elevada; que podendo ter exercido como ninguem em Portugal uma influencia altamente benefica, contribuiu em larga parte para a corrupção na vida litteraria, recommendando ao publico que o ouve como um oraculo infallivel escriptores sem merito ou levantando mediocridades que vendo-se assim honradas não mais progrediram, ao mesmo tempo que nunca teve uma palavra de justiça para aquelles que trabalham na direcção critica, desacreditando-os assim aos olhos d'um publico incapaz de julgar por si. D'este modo o que esse escriptor fez de bom ficou inutil para o seu paiz que não póde pesar-lhe o valor e elle tornou-se uma verdadeira calamidade. No estrangeiro vê-se que Portugal está enormemente atrazado nas sciencias; mas as causas immediatas d'esse atrazo não se conhecem; não faltam em Portugal intelligencias capazes de se occuparem com os mais altos problemas scientificos; o que falta muito é probidade litteraria. Esta é a grande chaga; o resto é o lado exterior, o mal derivado. As reputações aqui fazem-se facilmente, porque ha os patriarchas promptos a imporem á multidão qualquer que os incense; mas os que teem dignidade e protestam, os que querem julgar essas potencias litterarias, teem contra si uma guerra surda que inutilisa a maior parte dos seus exforços e os pode fazer até desanimar na carreira; ainda não ha muito um homem intelligente que havia de ir longe achou a morte nos desgostos produzidos por essa guerra in-

fame. Eis porquo quando ha um homem quo tem a coragem d'escrever o quo escreveu o nosso collaborador, dove haver quem tenha a coragem de lh'o publicar.

F. A. C.

---

34. — **Musicas e Canções populares colligidas da tradição,** por Adelino Antonio das Neves e Mello (Filho). Lisboa, Imprensa Nacional, 1872, 1 vol., 8.°, 245 pp.

A' parto todos os defeitos que apontaremos no processo empregado na colleccionação d'estas cantigas portuguezas, sentimos-nos fatalmente obrigados a começar por um elogio ao auctor. Ao passo que vemos os nossos sabios encartados o as reputações officiaes dispenderem o seu tempo em futilidades, reproduzindo velhos opusculos já por sua natureza occasional esquecidos ou rounindo os elogios academicos, cujo estylo soprado mais pertencia ás tertulias litterarias do que aos estudos que a educação do publico reclama, vemos d'entre a geração nova surgir um ignorado mancebo comprehendendo logo no começo da sua carreira, que a sciencia do seculo XIX já nada tem a esperar dos phrasecurgistas, e quo não é preciso ser pontifice litterario para saber contribuir para o progresso de qualquer doutrina com factos positivos. O livro do snr. Adelino das Noves foi recolhido em Coimbra na sua quasi totalidade; esta circumstancia influo no caracter da collecção, porquo ali confluem mancebos do quasi todos os pontos de Portugal, o ali longo de suas familias naturalmento se recordam dos costumes o tradições das suas localidades. Foi n'estas circumstancias, praticamente o conhecemos, que em 1867 podémos tambem formar o nosso *Cancioneiro popular* o o *Romanceiro geral.* Estes dois livros, quo teem sido lidos com interesse na Allemanha, Italia, França e Hespanha, serviram-nos do desaire em Coimbra, entre os grandes cathedraticos, que chegaram a duvidar do meu bom senso por isso quo punha em letra redonda aquillo quo ouviam repetir ás suas criadas. Quando a lepra da ignorancia toma a forma doutoral, é inutil querel-a levantar; os cathedraticos ficaram o que eram, e a direcção scientifica seguiu o seu caminho. Publicados o *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez,* seguiu-se naturalmente o despertar-se o interesse pela nossa tradição popular (1). Na Ilha da Madeira, o illustrado professor Alvaro Rodrigues de Azevedo, começou este trabalho: «Pouco ha que começamos a explorar esta mina, mas logo á flor do solo se nos deparou veio promettedor. Do uma só pessoa, mulher analphabeta, da freguezia do Porto da Cruz, obtivemos por dictação

(1) No fasciculo 1 do tom. II da *Romania* de Paris já o illustre romanista Morel Fatio fez justiça aos trabalhos de comparação e colleccionação sobre a poesia popular do auctor do artigo.

A REDACÇÃO.

de memoria, além d'outros os tres seguintes romances, etc.» (1) E em nota accrescenta: «Abundam d'estes romances na tradição dos camponezes madeironses, especialmente na villa do Machico, segundo nos informam. Lidamos em collecional-os para dal-os ao prélo em tomo separado, ou conjunctamente com as lendas d'estas ilhas». Ninguem mais competente para esto trabalho do que o snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, pelo seu tino critico. A provincia do Algarve começou tambem a ser explorada, e annuncia-se já a publicação de um *Cancioneiro do Algarve*. As *Musicas e Canções populares*, do snr. Neves, pertencem tambem a esta direcção. A cantiga solta, apesar da sua extraordinaria belleza, das suas imagens pittorescas, das metaphoras arrojadas e ao mesmo tempo naturaes, não tem a importancia do romance tradicional e heroico, que se vae constantemente obliterando; o romance representa o fundo das tradições poeticas que um povo recebeu ou desenvolveu o com quo se alimentou; a cantiga solta mostra sómente o gráo do impressionabilidade d'esse povo, a sua indole, as suas alegrias e queixas actuaes. Os poetas do seculo XVI, como Camões ou Sá de Miranda glosavam de vez em quando cantigas populares; Fernão Lopes e outros chronistas chegaram a introduzir nas suas narrações historicas cantigas do vulgo, para assim fazerem comprehender as paixões dos partidos. Só muito tarde é que a importancia d'esto veio aurifero foi conhecida. O livro do snr. Neves, explora unicamente as cantigas soltas; muitas das cantigas vem acompanhadas das musicas a que são cantadas. A primeira idea do recolher a musica popular, a fóra o hymno que traz Miguel Leitão de Andrado na *Miscellanea*, manifestou-se no Porto, em uma publicação periodica do snr. Ribas. Mas o trabalho de recolher a musica do povo é quasi insuperavel. O collector dominado pelas suas ideas scientificas e artisticas transforma, altera a pureza virgem d'essa musica e o seu perfume delicado e ingenuo desapparece.

Para o estrangeiro, nunca lhe será possivel comprehender bem uma melodia nacional; é como a planta viva, colorida e perfumada, não pode ser avaliada polo exemplar espalmado o secco dos cartões que do herborisador. O snr. Adelino das Neves, tomou para systema das cantigas, a distribuição d'ellas por provincias, dividindo-se o seu livro em: Cantigas do Coimbra, do Minho, de Traz os Montes, dos Açores, e avulsas. Este systema é só admissivel nos Romances tradicionaes, que são persistentes, e não nas cantigas, quo são fluctuantes, que se improvisam egualmente por todas as localidades sobre versos ou pés quo se tomaram por centões. Praticamente se vê melhor quando a classificação por provincias offerece vantagens: por exemplo, o Romance heroico, conserva-se puro na Beira Baixa, completa versões hespanholas truncadas, conserva mais a memoria dos cyclos epicos da edado media, e a razão é porquo a Beira Baixa foi e é ainda hojo o centro das povoações d'origem mosarabe; o romance no Algarve tem

(1) Edição das *Saudades da Terra*, p. 766.

ainda o caracter arabe, sobre tudo nos cantos ao divino de uma belleza inexcedivel; nas ilhas dos Açores a tradição epica está ainda em um grande vigor, porque os seus habitantes foram os colonos que se desmembraram da metropole no seculo XV, quando a elaboração dos Romanceiros teve mais desenvolvimento; nos Romanceiros açorianos é aonde os symbolos germanicos apparecem mais conservados, pela immobilidade dos costumes. O Minho, pelo predominio do Catholicismo, que prohibiu sempre as cantigas ao povo, perdeu quasi totalmente as tradições romanescas. Pelo exame dos romances por Provincias chega-se a recompor ethnologicamente a distribuição e o vigor das raças nos diversos pontos de Portugal. Pela Cantiga, lyrica, actual, improvisada e facil de transmittir é que nada se conclue; o unico modo de a classificar ou recolhel-a em corpo systematico é pela ordem psychologica da paixão, como fez para o *Cancioneiro Español* D. Emilio Lafuente y Alcantara, e nós, seguindo o seu auctorisado exemplo. O snr. Adelino das Neves não estava ainda preparado com o indispensavel estudo da poesia popular; isto influiu nos erros do seu livro. A p. 49, vem como cantiga solta:

> «Já não tenho pae nem mãe
> Nem n'esta terra parentes... etc.

esta quadra pertence á *Canção da Engeitada,* versão do Algarve, publicada no nosso *Cancioneiro popular,* p. 147. A cantiga que começa:

> Mangerona bate á porta,
> Alecrim vae ver quem é... (p. 84.)

está por si indicando que não é lyrica, mas narrativa, e como tal pertencendo a um romance. Em uma versão do *Bernal-francez,* da villa dos Rosaes, da Ilha de S. Jorge, encontramos:

> Alecrim bateu á porta,
> Mangerona quem está ai....
> (*Cant. do Archipelago,* p. 205.)

A cantiga:

> Eu entrei pelas Hespanhas
> A guerrear castelhanos... (p. 109.)

e a outra:

> Marinheiro do mar largo
> Volta atraz que vaes perdido
> Essa moça que ali levas
> E' casada tem marido (p. 60.)

são puramente narrativas, e como taes restos truncados de velhos romances perdidos. Uma perfeita comprehenção do genero *lyrico,* e do *narrativo,* é que nos pode ensinar a criticar as cantigas, e da

mistura d'estes dois elementos que ás vezes se dá no syncretismo popular, é que D. Agustin Duran tirou uma completa classificação para o seu *Romancero* hespanhol. O snr. Neves tambem não estava fortalecido com o conhecimento das formas da poetica popular; o *Fado* da Figueira, que publicou são 257 cantigas soltas, sem o caracter narrativo, peculiar d'esta forma. Os collecionadores portuguezes deviam suprimir nas suas publicações as cantigas já recolhidas, para serem assim continuadores uns dos outros, e os que estudam aproveitaram mais; nas *Musicas e Canções populares* estão repetidas mais de oitenta quadras do *Cancioneiro popular*, bem como a Canção do Marujo; na tradição poetica da Ilha de S. Jorge anda este final, que aqui publicamos para que se não perca:

Tambem ferra o traquete,
Aí chega a tempestade,
Com furia sem piedade
Soçobrar quer o navio.
E todos cheios de frio
Com confusa gritaria
Pedem a protecção
A' Virgem santa Maria.

Que bom não seria se o snr. Adelino das Neves podesse acompanhar com um commentario historico algumas das Canções do seu livro! A *Flor da Murta*, que por assim dizer se resume n'esta quadra:

Oh Flor da Murta.
Raminho de freixo,
Deixar de amar-te
E' que te eu não deixo (p. 164.)

é um admiravel documento historico do seculo XVIII; a *Flor da Murta* era o nome de uma dama aristocratica, amante do rei D. João V. Pelo mss. intitulado *Nobiliario do Casal do Paço*, t. XI, fl. 115, que se guarda na Bibliotheca do Porto, sabemos que a *Flor da Murta* se chamava D. Luiza Clara de Portugal, nascida em 1703; era filha de Bernardo de Vasconcellos, e foi dama do paço de D. Marianna de Austria. Casou com D. Jorge Francisco de Menezes, commendador de S. Silvestre de Requião, o qual morreu em 1736 na Ferrugem apartado de sua mulher... *D. Luiza viveu como não devera em vida de seu marido andando mal encaminhada com el-rei Dom João V, do qual teve os trez filhos seguintes, etc.*» Esta canção faz-nos lembrar a da *Flor de altura* que se cantava quando el-rei D. Fernando I tirou a mulher a João Fernandes da Cunha. A poesia popular é de uma grande importancia quando nos recompõe a vida moral do passado. O velho rifão popular:

Bem te entendo
Que me entendes
Que te entendo
Que me enganas.

que o chronista João de Barros traz nas suas *Decadas* a proposito da entrevista de Affonso de Albuquerque com Melique-Az, em Diu, ainda hoje se repete n'uma variante na Ilha de S. Jorge:

Entendo que tu me entendes,
Entendo que tu me enganas;
Entendo que tu que tens
Outro amor a quem amas.

Devemos esto paralello a um grande colleccionador da tradição popular, o snr. João Teixeira Soares. Ora este criterio historico, é que faltou ao snr. Neves, o sem elle não se comprehendem as intimas bellezas dos cantos do povo. Uma das melhores perolas recolhidas nas *Musicas e Canções populares* é a que pertence á secção das cantigas do berço, e se intitula *Offerta,* no estylo da Formiga o da Neve, mas transportado ao divino. O livro no estado em que está tem o raro merecimento de nos mostrar a que gráo de fragmentação e obliteração vae chegando a poesia do nosso povo. Oxalá que o seu auctor continue a amar a tradição nacional, e a interrogal-a com a mesma boa fé, mas com mais sciencia, sobretudo no campo do Romanceiro. Os seus esforços hão de ser coroados com a merecida recompensa, porque a sciencia europêa acceita todos os resultados positivos, não curando de saber se vem da mão das ostereis reputações officiaes.

THEOPHILO BRAGA.

35.—**Année véritable de la naissance de Christophe Colomb** et revue chronologique des principales époques de sa vie. Etude critique par M. D'Avezac. Paris, 1873 in 8.° gr. de 64 pag.

O auctor é um sabio já conhecido por trabalhos importantes ácerca da epocha das descobertas (1), por consequencia mui apto para tratar este assumpto cuja resolução definitiva não se póde ainda dizer completamente terminada, apesar das conclusões do M. d'A. nos aproximarem mui cerca de verdade, segundo nos parece. Este estudo critico foi lido na sessão trimestral das cinco Academias do Instituto de França a 4 de Outubro de 1871 e é um extracto do boletim da *Sociedade de Geographia* de Paris (Julho-Agosto de 1872); não é nosso proposito seguir o auctor atravez do seu estudo critico e apontar as opiniões, os calculos, hypotheses, aproximações, etc., etc., dos

(1) *Esquisse générale de l'Afrique* (segundo as investigações recentes); *Notice des découvertes faites au moyen âge dans l'Océan Atlantique; Iles fantastiques de l'Océan occidental au moyen âge; Note sur la première expedition de Bethencourt aux Canaries* et sur le degré d'habilité nautique des Portugais à cette époque, etc. M. d'Avezac tem publicado ainda em jornaes como a *Revue des Deux-Mondes, Les Annales des voyages* artigos soltos importantes sobre a sciencia historica e geographica.

escriptores que elle discute com o conhecimento de causa de um profundo especialista, trabalho de minuciosa erudição e que revela ao mesmo tempo um espirito de critica mui lucido. Examinaremos apenas as conclusões finaes (que é o ponto que nos importa), uma vez que ellas foram deduzidas segundo o verdadeiro espirito da sciencia. M. d'A. adopta a data 1446 (1) (p. 27) como o anno do nascimento de Colombo, depois de haver discutido, para a determinar, as datas 1436 (p. 14) e 1456 (p. 22) que foram escolhidas com fundamento prévio de documentos, etc. Anteriormente (p. 8 e seg.) regeita o auctor e demonstra como evidentemente erroneas as datas 1430, 1441, 1449, apontandas por Alexandre de Humboldt (2). Os estudos de Colombo na Universidade de Pavia e segundo outros em Padua, ficam reduzidos a uma fabula; em 1460 (com 14 annos pois) embarca Colombo, explorando primeiro o Mediterraneo, entrando depois no Oceano para vir sollicitar a Portugal os meios para a sua expedição; antes de verificar a data da chegada a este paiz, restabelece M. d'A. a identidade de dois homonymos de Colombo, dois almirantes francezes — Colomb, Colon, ou Coullon, um dos quaes conduziu de Portugal (em meado de Agosto de 1476) D. Affonso v que ia a França pedir auxilo a Luiz xi, depois da derrota em Toro, e que chegou a Collioure em meado de Septembro. A confusão d'aquelles nomes era tanto mais perigosa que provém da biographia do proprio filho de Colombo (*Vita dell'Ammiraglio*). A primeira vinda a Portugal colloca-a M. d'A. alguns annos antes de 1476; em seguida faz Colombo a primeira viagem aos mares do Norte até á Irlanda, volta a Portugal, acompanhando d'aqui varias expedições a Guiné e visitando o forte de S. Jorge da Mina (construido em 1482). N'estas viagens successivas, que abrangem um periodo de 23 annos havia Colombo attingido a edade de 38 annos. N'este intervallo casára o navegador em Lisboa com Felipa Moniz Perestrello, de quem teve um filho em Porto Santo; a data do seu casamento, assim como a do nascimento do seu primogenito são duvidosas, entretanto a hypothese de M. d'A. (p. 47-48), que é acceitavel, propõe para a primeira 1480 e para a segunda hesita entre 1481, 1482 e 1483 (3). Uma parte mui interessante do estudo de M. d'A. é aquella em que se

(1) A pag. 32 determina o auctor ainda mais a data, dizendo: «Né dans le courant (plausiblement vers la fin) de 1446», etc.

(2) *Examen critique de l'histoire de la Géographie du Nouveau Continent et des progrès de l'Astronomie nautique aux quinzième et seizieme siècles.* Paris, 1836-37, 5 vol. in-8.°; traduzido em allemão por J. Ludwig Ideler com um indice de H. Müller. Berlin, 1852, 3 vol. in-8.°

(3) A nós portuguezes competia a averiguação d'estas datas que se referem ás relações de Colombo com Portugal, recorrendo para isso aos archivos da Torre do Tombo etc., onde devem estar os documentos necessarios; a Academia das Sciencias (?) de Lisboa se não dormisse tanto e trabalhasse mais, já devia haver pago esta divida á sciencia, ao menos como compensação do procedimento indigno da nossa côrte para com Colombo, deixando-se levar pelas ignobeis suggestões de um tartufo mitrado, o Bispo Diego Ortiz de Calçadilla (p. 55.)

averigua a origem da immortal idéa que levou Colombo á America; M. d'A. admitte tres circumstancias que concorreram para esse fim.

1.º O estudo dos papeis que recebeu pelo dote de sua mulher e que pertenciam aos Perestrellos (p. 49.)

2.º As suas relações com Paolo Toscanelli (1), o sabio astronomo florentino que escreveu a celebre carta ao conego portuguez Fernam Martins (p. 50 e seg.), relações que M. d'A. fixa em 1481.

3.º Os seus proprios estudos e experiencias.

Estas tres circumstancias harmonizam aliás perfeitamente com as palavras do proprio filho de Colombo: «Venendo adunque a dire le cagioni, che mossero l'Ammiraglio allo scoprimento dell'Indie, dico che furono tre, cioè fondamenti naturali, autorità di scrittori, et indicij di naviganti» (*Vita dell'Ammiraglio,* fol. 15 v.) Em 1483 faz Colombo as suas propostas a D. João II; é indignamente burlado e dirige-se, enojado por tanta vileza, em fins de 1484 a Hespanha. Em Dezembro de 1488 acha-se Colombo novamente em Lisboa com uma carta de salvo conducto dada por D. João II em Aviz (20 do Março de 1488) o assiste á chegada de Bartholomeu Dias, ouvindo da sua bôcca a relação minuciosa da viagem que acabava de effectuar. Na primavera do 1489 volta a Hespanha e entra após novo annos de luctas o tristes sollicitações, de novo no Oceano a 12 de Maio de 1492, em caminho para a sua immortal viagem. Com 54 annos chega a Hespanha em terceira viagem, em ferros e morre em Valladolid a 20 de Maio de 1506, na miseria. M. d'A. nota uma symetria chronologica singular que resulta do exame das datas da vida de Colombo, isto é: dois periodos eguaes do trinta annos, um circumscripto ao *Mediterraneo* e o outro ao *Oceano;* n'estes dois periodos ha novas proporções: do 1446 a 1460 — 14 annos de *puberdade;* de 1460 a 1476 — 16 annos de viagens feitas pelo obscuro *marinheiro;* de 1476 a 1492 outros 16 annos, dos quaes 7 estudando o Occeano e 9 gastos a conquistar a sua causa; estes 16 annos chama M. d'A. os de *Capitão;* emfim de 1492 a 1506 — 14 annos «les dernières, les plus glorieuses à la fois et les plus cruelment attristées; dans le trioniphe comme dans le délaissement, c'est desormais, *le grand Amiral des Indes.*» M. d'A. reivindica, e com razão, em logar de uma figura legendaria, cercada de uma aureola de poeticas ficções, o vulto historico, despido «des lyriques fantaisies», com o auxilio da critica severa. E não ha mister, com effeito, de lendas, por mais poeticas, n'uma vida que tem por caracteristico o que ha de mais elevado, o sacrificio a uma idéa.

N'um appendice (p. 60-63) aprecia M. d'A. finalmente os tra-

(1) M. d'A. nota porém em duas partes (p. 44, nota 17 e p. 53) que é provavel que Colombo já em 1477 tivesse noticia das theorias de Toscanelli ácerca da navegação occidental por intermedio do seu compatriota Jean Cabot que encontrára talvez em Bristol n'aquella data.

balhos mais recentes (1) sobre Colombo, devidos ao especialista Henry Harisse do New-York, o prestando homenagem ao profundo saber e ao notavel talento de investigação do auctor americano, regeita todavia a opinião, affirmada por este de que a *Vita dell'Ammiraglio*, escripta por Fernando, filho de Colombo, é apocrypha o apenas uma especulação de Affonso Ulloa, do individuo que figura como traductor do manuscripto original hespanhol que se perdeu. M. d'A. apesar de regeitar estas afirmações, que sobresaltaram o mundo scientifico, examinando as provas que Harisso allega, é do voto que a *Vita dell'Ammiraglio* conserva o seu valor, sujeitando-a todavia sempre a uma critica intelligente.

J. DE V.

36.—**As Raças historicas da Peninsula iberica** por F. A. Corrêa Barata, doutor em Philosophia. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, 8.°, 47 pp.

Eis um titulo muito grande para uma obra muito pequena; como em 47 paginas, entre as quaes se contam as do rosto e muitas em branco, impressas em grossos caracteres tractar as complexissimas questões que offerece a ethnologia peninsular? Como resumo admitte-se que um auctor se restrinja em tão curtos limites, mas então a obra perde o caracter d'elaboração propria e além d'isso os resumos bons só são possiveis quando ha resultados definitivos que resumir, trabalhos mais ou menos completos que compendiar, o que não é o caso para a ethnologia peninsular, pois o que se tem escripto ácerca das raças ibericas ou é falso ou hypothetico ou se reduz a meros traços muito geraes. Se ao menos o opusculo que nos occupa indicasse o estado actual das questões n'este campo! Mas, em verdade o folheto do snr. dr. Barata devia intitular-se *Exame* d'algumas opiniões ethnologicas do snr. Theophilo Braga; o que o preoccupa evidentemente, o que o fez sair a lume com este fructo das suas cogitações foram as opiniões ácerca dos mosarabes apresentadas pelo auctor da *Historia da litteratura portugueza;* o que pensamos ácerca d'essas opiniões do nosso amigo e collaborador já aqui o dissemos, em verdade depois do ter sido publicado o opusculo do snr. dr. Barata, que todavia só depois d'isso nos chegou ás mãos graças á maravilhosa organisação da livraria portugueza, que faz com que quem estuda saiba mais facilmente o que se publica em França do que o que sae á luz em Portugal; essas opiniões são em parte erroneas; n'isto estamos perfeitamente d'accordo com o auctor do opusculo; mas o que nos diz sobre a ethnologia peninsular é velho e não tira nenhuma luz nova dos extra-

(1) *D. Fernando Colon, historiador de su padre.* Sevilha, peq. in-4.° de VIII —220 p.; segunda edição refundida e augmentada com um *Essai critique. Fernand Colomb, sa vie, ses œuvres.* Paris, 1872 in-8.° max. de 240 pag.

etos do livro Quatrefages, *Rapport sur les progrès de l'Antropologie*, d'onde o snr. dr. Barata parece ter derivado toda a sua erudição em ethnologia geral, ou das outras passagens tiradas de outros auctores, evidentemente mais com o intuito d'alardear certa leitura do que com mira d'elucidar a questão; o que é verdade é que o auctor não tem nenhuns estudos originaes sobre ella; as fontes historicas para elle resumem-se a Cesar Cantu, a Guizot e a Alexandre Herculano; os escriptores gregos e latinos, os documentos e monumentos medievaes não julgou devel-os consultar directamente; assim cita-os em terceira ou quarta ou sei lá que mão, repetindo por tanto os erros que tem passado de geração em geração por se não ter feito aquelle exame directo; isto é o que se dá para com os Iberos, por exemplo, denominação geographica tomada falsamente como denomição ethnica. Para Strabão Iberos, equivale a Hispanos; Celtas é synonymo de Gallos e quando elle nos falla de Celtas na Hespanha devemos entender Gallos, o que portanto não exclue a existencia na Hespanha d'outro ramo da familia hoje chamada celtica a que tanto como áquelles convem o nome de Iberos, segundo a linguagem de Strabão. O erro data da antiguidade, mas a critica marca o valor e auctoridade de cada escriptor classico e não acceita simultaneamente as asserções contradictorias de dous antigos escriptores.

Para o auctor do opusculo os nomes *Latini, Romani* valem ainda como denominações ethnicas, cousa absurda perante a historia e a etymologia; *Latini* deriva de *Latium* por meio do suff. *-ino, Romani,* de *Roma* por meio do suff.*-ano* e essas duas palavras *Latium* e *Roma* são nomes topicos. Não se póde fallar d'uma raça romana, como se falla d'uma raça hellenica., celtica, germanica; o nome de *Romani* foi dado no tempo dos imperadores e principalmente depois do edito de Caracalla aos gaulezes, aos illyrios, aos gregos, aos povos diversos da Hespanha, emfim a todos os vassalos do imperio; de não se ter isto em vista nascem grandes illusões. Quando se diz que os Romanos conquistaram a Hespanha e ahi trouxeram uma civilisação, o que se póde só significar é que essa conquista foi feita, não por os habitantes de Roma ou por uma tal raça italica especial, mas sim por individuos pertencentes ao corpo politico que tinha Roma por centro e que começára a ter existencia em Roma e que a civilisação produzida pela collaboração das raças fundidas n'esse corpo politico fôra trazida á peninsula. Sob o ponto de vista historico essa conquista foi um facto capital que decidiu do futuro da peninsula; sob o ponto de vita ethnologico isso não foi d'uma importancia tão consideravel, apesar de que com o nomo de Romanos representantes de diversas raças (não d'uma raça romana) vieram misturar-se ás raças peninsulares.

A questão complica-se, mas isso não é razão para não acceitarmos os factos.

Pelo que respeita aos costumes, crenças, tradições, genio, actividade artistica, dados importantes em ethnologia, o auctor do opusculo,

andando no dominio das meras generalidades nenhuma inducção tracta de tirar d'elles para o seu proposito especial; sendo elle d'outra parte doutor n'uma faculdade onde apenas se estudam as sciencias naturaes, tinhamos direito a esperar d'elle alguma cousa sobre os caracteres physicos das raças peninsulares nos tempos antigos e modernos; em vez d'isso encontramos periodos como os seguintes em que o auctor se esforçou por ser eloquente: «E' chegado o periodo que antecede a morte (do imperio romano): e despresada a educação militar dos tempos aureos; perdidos os brios d'um valor indomavel; esquecida a constancia que havia dado a Roma, a despeito de todos os revezes, a dupla corôa real e imperial, fundida no ouro de tantas nações e trabalhada por tantos milhões de braços; dissolvida emfim a sua grande individualidade politica e social,— os barbaros irrompem, recuam, tomam e retomam a veneranda cidade, saqueiam, trucidam e estabelecem-se finalmente n'uma promiscuidade de vermes que devoram o cadaver mutilado d'um gigante abatido (p. 15).» «Roma, a grande, a que havia dominado a Africa e as Gallias, a Hespanha e a Syria, a Asia menor e a Grecia, deixou-se esphacelar, deixou rasgar a sua purpura aos bocados, e vê entrar successivamente nos seus muros Alarico, Genserico, Ricimer, Theodorico, Odoacro. E não soltou um grito de agonia! (p. 18).» Que tem estes palavriados que ver com a sciencia e principalmente com as questões que o auctor parece ter tido a idéa do tractar no seu folheto? E todavia o principal do folheto consiste n'essas banalidades, já centenares de vezes repetidas por uma ou outra fórma (1). Ha n'elles uma particularidade curiosa que mostra melhor que tudo a falta de consciencia com que para ahi se mettem a tractar questões scientificas e a applaudir ou a condemnar este ou aquelle. O snr. dr. Barata bate principalmente o nosso amigo Theophilo Braga por ter feito dos mosarabes uma raça; ao mesmo tempo erige em auctoridade quasi infallivel o snr. Alexandre Herculano: «Devemos comtudo, em prol da verdade e da justiça, citar n'este logar o nome do snr. Alexandre Herculano, cuja auctoridade, mesmo n'este ponto, onde as verdades historicas muitas vezes illudem (!), é incontestavel. A segurança do seu juizo é sempre tal, que bem se vê lho eram familiares as verdadeiras noções da sciencia *(advertencia).*» Ora o auctor da *Historia de Portugal* de que o snr. dr. Barata diz que se «houvessemos de citar textualmente, teriamos de extractar longas paginas: tão preciosas e sabias, tão profundamente elaboradas pela sciencia dos factos e pela mais severa critica, são ellas todas» foi o primeiro a fallar em Portugal d'uma raça chamada por elle mosarabe; mas isso acha-se no III volume d'essa obra e o snr. dr. Barata não passou ao que parece do I vol.,

(1) O auctor do opusculo entre outras muitas pueriliidades, traduz em nota a p. 41 a inscripção mandada gravar na portada do Jardim das Plantas de Paris por Chevreuil ácerca do bombardeamento pelos prussianos; com isto esclarecem-se muito as questões d'ethnologia peninsular.

admirando o snr. Alexandre Herculano *à priori* (1). O auctor do opusculo não admitte influencia ethnica do arabe na peninsula, mas isto não em virtude d'argumentos directos, mas em virtude de certos principios geraes, um o tempo necessario á fusão de raças; outro a distincção entre raças e povos. Essas considerações teem valor; mas são ellas applicaveis ao caso especial? Restrinja-se embora a influencia ethnica do arabe (2) sobre a população hispano-germanica, distingam-se os gráos d'essa influencia segundo provincias, zonas de territorio; mas o que é facto é que nem a historia, nem a ethnologia nos permittem duvidar d'ella; determinar os seus limites é que é o dever da sciencia, e isso não fez nem tentou fazer o snr. dr. Barata. Como admittir que uma população cujos ultimos representantes em o numero de 600:000 só foram expulsos da Hespanha em 1609, facto de que não falla o auctor do opusculo, não exorcesse influencia nas raças peninsulares?

O auctor parece dominado em tudo pela mesquinhez da educação universitaria; d'ahi a sua incapacidade de comprehender a importancia independente das sciencias historicas; d'ahi a falta de criterio com que diz: «Na philosophia natural se encontram as grandes leis da historia», confundindo cousas profundamente distinctas, a esphera da natureza com a esphera racional. E' isso que faz dizer ao auctor do opusculo que «desde muito que se sabe que ao solo, ao clima e aos seus marmores deve a Grecia o brilhantismo das suas producções artisticas de toda a ordem. Homero, se Homero existiu, era um velho que, cego, cantava a gloria dos heroes, errando por entre as cidades nascentes da Grecia, á luz brilhante do seu explendido céo» (p. 32 e seg.). Nada mais facil do que escrever cousas assim; as palavras deixam-se combinar de quaesquer fórmas no papel; outra cousa é demonstrar. Porque é que os turcos na Grecia não repetiram o esplendor artistico da Grecia antiga, se isso era cousa que dependia do solo, do clima e dos marmores? As mudanças climatericas porque a Grecia passou, dirá o nosso auctor, tornaram impossivel a repetição do facto; mas quem poderá tomar a serio essa resposta? Já o dissemos e repetimos que acreditamos que o clima e a constituição do solo

(1) «A repovoação dos territorios ao sul do Minho e ao norte do Mondego devia dilatar-se, não tanto com o refluxo das populações, descendo de novo a Oviedo e Galliza para o meio-dia, como com a accessão continua das migrações collectivas e singulares da *raça mosarabe*.» *Hist. de Port.* t. III, p. 195 (3.ª ed.); a mesma denominação occorre ainda n'outros logares, se a memoria não nos engana, mas não podemos agora nem vale a pena para o nosso proposito verifical-o. Veja-se tambem a seguinte passagem em que o historiador portuguez admitte com razão uma fusão, ainda que não completa, entre os arabes e os hispano-germanos: «Finalmente os consorcios frequentes entre individuos de duas raças preparavam a fusão completa d'ellas, a qual se teria talvez verificado, se a diversidade de crenças não lhe houvera posto a ultima barreira» (*ib.* p. 179). Citamos isto só para se ver a leviandade com que procedeu o critico.

(2) Esta palavra fallando da população musulmana da Hespanha não póde designar uma raça pura ou unica.

teem grande influencia na historia, mas que é impossivel determinar justamente hoje o que cabe á raça, ao solo, ao clima, á evolução e a outras numerosisimas condições.

Tocamos de leve n'estas questões, sem descer a particularidades que nos levariam muito longe o que demais terão um dia de ser expostas n'outra parte e deixamos em claro outros erros do auctor.

Apesar d'estas observações o opusculo deu-nos algum prazer pelo intuito de discussão com que foi feito, e por tocar realmente em erros do escriptor que discute, lastimando que o auctor não tivesse uma só palavra de justiça para o snr. Theophilo Braga, evidentemente um dos homens mais notaveis que Portugal tem produzido n'este seculo, e porque de Coimbra, que estultamente se intitula a Lusa Athenas e não sei que mais, veem mais romances e versos e maos compendios impostos ás escholas do que escriptos versando sobre questões scientificas da actualidade; estamos certos que se o snr. dr. Barata se convencer da mesquinhez da educação universitaria e de que não se faz sciencia com meia duzia de livros mal estudados ou com phrases pomposas nos dará obra que mereça o louvor da critica e esse é o nosso sincero desejo.

F. A. C.

37.—**As Saudades da Terra.** pelo doutor Gaspar Fructuoso.—Historia das Ilhas do Porto Santo, Madeira, desertos e selvagens. Manuscripto do seculo XVI. Funchal, Typ. Funchalense, 1870-1873, 1 vol., pp. 310 (texto) e de 312 a 900 (notas). (Publicado pelo dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo.)

Entre as diversas riquezas litterarias que a nossa incuria portugueza deixava ficar ineditas com o risco de mais tarde se duvidar da sua existencia, citámos a p. 105 da *Bibliographia critica,* o livro do dr. Gaspar Fructuoso, intitulado *Saudades da Terra;* não se passaram muitas semanas, recebiamos da Ilha da Madeira uma carta do distincto professor Alvaro Rodrigues de Azevedo, em que nos dizia: «No ultimo numero da Bibliographia, falla o meu amigo nas *Saudades da Terra.* Aí tem impressa a parte d'ellas que respeitam a estas ilhas, com notas minhas..... Desculpe-me o remetter-lhe o livro incompleto. Estou a publicar o resto, etc.» A reproducção d'esse precioso manuscripto do seculo XVI, o unico subsidio para a historia das colonias portuguezas dos Açores e Madeira, e a grande riqueza de notas com que o seu editor o elucidou, são o mais solemne protesto da iniciativa individual contra a somnolencia da nossa Academia das Sciencias e contra os subsidios immoraes com que o governo costuma açaimar algum bandido politico. Longe de um centro litterario, sem os materiaes precisos para a investigação historica, tirando aos ocios da sua profissão os momentos fervorosos do estudo, e ao pão quotidiano do si e da sua familia os meios pecuniarios para restituir a Portugal um livro importante esquecido nas bibliothecas,

conseguindo quasi sempre attingir a verdade á custa de um raro senso critico, e não esperando recompensa official nem favor da parte do publico, o snr. Alvaro Rodrigues do Azevedo, mostrou assim, que o seu nobre amor pela sciencia valo infinitamente mais do que uma corporação do cabelleiras auctoritarias, ou as veniagas obscuras do um Avila. Esse livro, do qual dizia D. Antonio Caetano de Sousa, em 1716: «*a escondida e sempre desejada Historia das Ilhas, que compoz o doutor Gaspar Fructuoso*», só conseguiu a luz da publicidade á custa dos esforços de um mal remunerado professor, em 1873. Bem haja a iniciativa individual, que ainda tem em si recursos para protestar de um modo tão serio e eloquente contra esse systema governativo do atrophiamento, chamado centralisação, cuja actividado so consommo toda em corromper maiorias, nomear commissões, fazor relatorios e reprimir preventivamente.

O livro do dr. Gaspar Fructuoso, foi escripto até ao anno do 1590, como so deprehende do proprio toxto; falando do Tristão Vaz da Veiga: «*será n'esta era de 1590* do edade do cincoenta o trez annos...» (p. 159.) Esta data serve para mostrar a importancia dos subsidios do quo so serviu para a historia das Ilhas, o para a historia externa do seu manuscripto. Na biographia que o P.e Antonio Cordeiro escreveu (*Hist. Ins.* l. II, c. 2.) diz que o dr. Gaspar Fructuoso morreu de quasi setenta annos «dia do S. Bartholomeu do anno do 1591,» e quo «não de todo se ausentou dos seus tam amados Padres da Companhia, por que além de lhes deixar *a livraria que tinha, de mais de quatro centos volumes impressos, e dezeseis manuscriptos de sua Theologia e sua propria letra;* d'esta tambem lhe deixou um grande tomo, chamado commumente *Descobrimento das Ilhas,* o a que elle intitula *Saudades da Terra,* e lho hia ajuntando outro, a que chamavam *Saudades do Céo:* e so os livros que um auctor compõe são os filhos da sua alma,... bem podemos dizer quo nem de todo se ausentou dos seus Padres da Companhia... pois lhe deixou sua alma e muyto especialmento om *um tal seu livro, que a Companhia tem e guarda como reliquia sua e de singular estima.*» (*op. cit.* p. 46.) Quando os Jesuitas foram expulsos de Portugal, ao chegar a fragata *Graça* á Ilha de S. Miguel com a ordem do Marquez de Pombal, o Reitor do Collegio de Ponta Delgada, em presença da corporação entregou o manuscripto do Gaspar Fructuoso a Antonio Borges de Bettencourt, então governador da Ilha de S. Miguel para que o conservasse. Herdou o livro das *Saudades da Terra* o Ouvidor Luiz Bernardo, Vigario da Alagoa; d'este o herdou tambem José Velho Quintanilha, d'onde passou por compra para a mão do inclyto açoriano o fallecido Visconde da Praia. Do manuscripto original existem duas copias conhecidas, uma tirada pelo Corregedor Veiga, que se guarda na Bibliotheca publica de Lisboa, o outra que extraiu o erudito morgado João da Arruda, authenticada por dois tabelliães, o que actualmento possue o snr. J. do Canto. Quando aos setenta e seis annos do edade o P.e Antonio Cordeiro recebeu ordem de Roma

do Geral dos Jesuitas Miguel Angelo Tambarini para dar á estampa todos os seus manuscriptos, é que imprimiu um extracto do livro manuscripto de Fructuoso, dando-lhe uma disposição mais methodica nas materias; por vezes já no nosso tempo se procurou imprimir, mas sempre debalde, *as Saudades da Terra;* ignoramos o motivo porque o illustre açoriano José de Torres, possuidor de uma vasta bibliotheca de monumentos insulanos, tem retardado até hoje a publicação dos seus trabalhos; é certo porém que hade caber sempre ao snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo a gloria de haver quebrado os sellos d'essa «*escondida e sempre desejada Historia das Ilhas.*» Quando Gaspar Fructuoso escreveu, os subsidios que tinha ao seu alcance, e que por ventura formavam a sua livraria, eram: João de Barros, a quem chama *mui docto e curioso* (p. 14), Damião de Goes, a quem chama *grave e docto* (p. 11, 14 e 16), Garcia de Resende, simplesmente *curioso* (p. 12), Antonio Galvão (p. 18 e 43), e Jorge de Lemos, «hum livro, que se imprimiu em Lisboa no anno de 85, *o qual me remetteu*» (p. 135). A *Chronica da Conquista de Guiné,* de Azurara, ainda estava inedita; mas cita-a pela auctoridade de João de Barros. (p. 18.)

Os subsidios manuscriptos de que Fructoso se serviu quasi que nos recompõem a historiographia insulana no seculo XVI. Primeiramente cita uma *Historia da Ilha da Madeira;* (p. 18.) que livro será este? Não póde ser senão uma relação attribuida a Gonçalo Ayres Ferreira, companheiro de João Gonçalves Zarco, ampliada pelo conego madeirense Hieronymo Dias Leite, como vamos vêr. Em 1566 a Ilha da Madeira foi atrozmente saqueada por tres corsarios francezes; o dr. Gaspar Fructuoso ao saber do estado desgraçado em que ficara essa população, tratou logo de promover socorros na Ilha de S. Miguel: «sabendo que alguns Piratas francezes tinham entrado e roubado a Ilha da Madeyra, persuadiu á Misericordia de S. Miguel, que pelas casas dos ricos tirassem esmola de dinheiro, e o mandassem á Misericordia da Madeira, para accudir aos roubados mais pobres; e acompanhando o mesmo doutor os que tiravam a esmola, tirou maior somma de dinheiro, com que fez logo accudir á roubada Ilha...» (Cordeiro, *op. cit.* p. 44.) E' d'aqui que datamos as suas relações com o antiquario da Ilha da Madeira Jeronymo Dias Leite, a quem mandou pedir o manuscripto de Gonçalo Ayres Ferreira, por intervenção de Belchior Fernandes de Castro, da cidade de Ponta Delgada, e do negociante de atacado Marcos Lopes: «era grave, prudente docto e curioso (o conde capitão João Gonçalves da Camara) em tal forma que, por esta rasão... trazia no seu escriptorio o *Descobrimento da Ilha da Madeira,* o mais verdadeiro que até agora se achou; o qual dizem que foi feito por Gonçallo Ayres Ferreira, que foi a descobrir a mesma Ilha com o primeiro Capitão João Gonçalves Zargo; e como este *Descobrimento* competia aos Capitães da mesma Ilha, elles o traziam nos seus escriptorios, como cousa hereditaria de descendentes em descendentes. E sendo pedida in-

formação d'esta Ilha da Madeira da minha parte ao Reverendo Conigo da Sec do Funchal, Hyeronimo Dias Leite, tendo elle visto em poder o dito Capitão João Gonçalves da Camara, lh'o mandou pedir a Lisboa, onde então estava, e elle o mandou trasladar pelo seu camarceiro Lucas de Saa, e lh'o mandou escripto em trez folhas de papel, da letra do dito camarceiro; e por sua carta (porque o *Descobrimento* não faz menção d'isso) lhe mandou dizer, que Gonçallo Ayres Ferreira, o qual fora um dos criados que o Zargo, primeiro Capitão, lá levara, escrevera tudo aquillo que viu com os seus olhos, e, como não era curioso nem homem docto, o notara com ruda minerva, sem al composto; pelo que, ajudando-me o Conigo dos Tombos das Camaras de toda a Ilha (que todos lhe foram entregues) concertasse e recopilasse tudo o melhor que podesse, como com effeito, docta e curiosamente recopilou e compoz.—E, porque Gonçallo Ayres Ferreira, que a este *Descobrimento* deu principio, foi hum dos principaes homens que houve na dita Ilha, donde procede a mais nobre, grande e antiga geração que ha n'ella, os parentes, havendo noticia d'este papel e da carta que de Lisboa viera ao dito Conigo, na qual se diz que Gonçallo Ayres era criado do dito Zargo, levaram-lhe um Alvará feito na era de 1430, do Infante D. Henrique, que o mandou a este descobrimento, e diceram-lhe que Gonçallo Ayres não era criado do Capitam, senão companheiro, como constava do filhamento do dito Alvará, que lhe chama companheiro do dito Zargo. E soo isto vae mudado do primeiro papel e original, que começa pela primeira pessoa do plural, dizendo: «*Chegamos a esta Ilha a que puzemos o nome de Madeira,* etc.»... E de Gonçallo Ayres, tronco d'estes, todos elles dizem que fez o *Descobrimento da Ilha da Madeira,* na verdade escripto, como dice, em tres folhas de papel: e o Reverendo Conigo, não menos docto que curioso Hyeronimo Dias Leite, Capellão de Sua Magestade, depois o recopilou e acrecentou, e lustrou com seu grave e polido estylo, escripto em onze folhas de papel, e m'o enviou, sendo-lhe pedido por minha parte, por intercessão do nobre Belchior Fernandes de Castro, morador na Cidade de Ponta Delgada, d'esta ilha em que estamos, e por lhe mandar pedir a meu rogo o mui magnifico Marcos Lopes, mercador de grosso e honroso tracto que foi n'esta Ilha de S. Miguel, mui estimado e amado n'ella por suas boas partes, e magnifica condição, e agora residente em Lisboa, com grande casa e mayor nome: de cuja escriptura, e de outras muitas informações, que procurei haver de diversas pessoas da Ilha da Madeira e de outras partes, todas dignas de fee, e de outras cousas que vi e li, collegi eu e compuz todo este processo de descobrimento da dita Ilha, ordenando, arrumando, diminuindo, acrecentando, e pondo tudo em capitulos, da maneira que estou contando.» (*Hist. das Ilhas,* cap. L, p. 303.) Em 1572, foi promovido á dignidade de *meio conego,* Hieronymo Dias Leite, como descobriu no Archivo da Sé do Funchal o snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo (*op. cit.* p. 780.); por tanto Gaspar Fructoso chamando-lhe *Conigo,*

escrovo muito depois d'esta data, que póde determinar-se por 1579, tempo em que João Gonçalves da Camara estava em Lisboa. (*op. cit.* p. 302.) No principio do seu trabalho, allude Fructuoso á «*Historia e informação dos illustres Capitães da Ilha da Madeira,* que de penna anda escripta, e eu alcancei ver por meyo do muyto curioso e Reverendo Hyeronymo Dias Leite, Conigo na See do Funchal, que a collegio e compoz.» (p. 20.) Gaspar Fructuoso cita este manuscripto do modo que faz suppor ter tido presente a copia da primeira relação do Gonçalo Ayres Ferreira: «A alta progenie e successão d'elles (filhos de Zargo) hirei contando... conforme ao que d'elles li em sua *Historia,* primeiro composta brevemente por Gonçalo Ayres Ferreira, e depois recopilada ou collegida com mais curiosidade pelo Reverendo Conigo Hyeronimo Dias Leite, Capellão do Sua Magestade, e como tambem ouvi de outras pessoas dignas de fee...» (p. 265.) Além das tradições oraes, éstas pessoas de fé, aqui alludidas são: «*um frade fidalgo, natural da Ilha da Madeira, curioso e lido,* mostrou ha poucos annos a ascendencia d'estes Veigas,...» (p. 124.); o «*doctissimo Doctor Daniel da Costa,* Medico de sua magestade, pessoa nobre, *de grandes letras* e virtudes, residente na cidade do Funchal...» (p. 242), que escreveu da ascendencia do Bispo D. Luiz de Figueiredo de Lemos; e uma devassa, escripta pelo escrivão do Machico Henrique Coelho; e a *Relação do saco que os francezes fizeram na Ilha da Madeira,* escriptas em 1566, por Simão Nunes Cardoso, a qual se conhece ter sido aproveitada por Fructuoso pelo espirito de rivalidade entre as capitanias do Machico e Funchal, que transpira mesmo através do transumpto de Fructuoso, como judiciosamente nota o snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo. (*op. cit.* p. 781.) Um dos argumentos por onde se prova a não existencia da pretendida *Relação do descobrimento da Ilha da Madeira, pelo Inglez Roberto Machim,* attribuida a Francisco Alcoforado, companheiro de Zargo, é o silencio absoluto que a respeito d'ella se acha em Gaspar Fructuoso. E' verdade que Fructuoso attende por vezes á tradição poetica de Machim e Anna d'Arfet, (p. 19 e 25), mas tendo elle citado como subsidio das *Saudades da Terra* o Capitão Antonio Galvão, fica conhecida a origem das lendas, que veiu pela primeira vez á luz no *Tractado de todos os Descobrimentos,* do Antonio Galvão, em 1555. O snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, que por vezes confessa: «Infelizmente não temos á vista a *Bibliotheca* de Machado, nem o Diccionario da Academia» (p. 373) suppre estas faltas com um extraordinario tino critico; faz lembrar o preso a quem o amor pela liberdade lhe ensina os meios para furar com um prego uma muralha. N'esta questão da lenda de Machim, que se liga á authenticidade das primeiras chronicas insulanas, o distincto professor do Lyceu do Funchal corrige sempre com vantagem o inglez Major; para elle, depois do um palpavel paradigma entre a *Relação* do Alcoforado e a *Epanaphora,* de D. Francisco de Mello, torna-se esse primitivo monumento: «uma mera fraude, e tão boçal,

que figuradando-se ai ser Alcoforado da expedição de Zargo, no anno de 1420, não obstante, ahi apparece Alcoforado a referir-se á cidade do Funchal a qual só em 1508, por carta de D. Manoel cidade foi, como adiante se verá; a alludir á *Asia* de João de Barros, cuja primeira Decada só foi dada ao prelo em 1552, etc.» (p. 353.) Para anotar o livro de Gaspar Fructuoso, o snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo procurou todos os monumentos historicos de que ha noticia: «o *Tratado das Novas Ilhas,* inedito hoje perdido, e obra de Francisco de Sousa, natural do Funchal...» (p. 777), a *Insulae Materiae,* do Padre Manoel Constantino, natural do Funchal, historia do archipelago, impressa em Roma em 1599, onde o auctor era lente do Philosophia (p. 780) e bem assim as *Antiguidades da Ilha da Madeira,* manuscripto inedito do Antonio Velloso de Lyra, conego e governador do bispado do Funchal, fallecido em 1691 (p. 780); as *Memorias sobre o augmento e creação do Estado ecclesiastico na Ilha da Madeira,* anonymas (p. 788); o Nobiliario do Henriquo Henriques do Noronha, intitulado *Familias da Ilha da Madeira* (p. 786), escripto sobre materiaes antigos (p. 777), e bem assim o *Nobiliario Madeirense* de João Agostinho Pereira de Agrella e Camera. (p. 799.) O snr. Alvaro R. de Azevedo logrou vêr muitos d'estes monumentos, completando assim a historia da Ilha da Madeira desde 1591 até nossos dias; pode-se dizer que a reproducção d'essa parte das *Saudades da Terra* relativa á Madeira, que occupa trezentas e dez paginas, é um pretexto para a grande continuação historica, que a acompanha, illustrada com um grande numero de documentos ignorados, dos archivos do Funchal. Que vergonha para a Academia, para as Commissões historicas, para os subsidiados do governo; e isto feito por um homem a quem se procurou fechar o accesso ao magisterio!

O livro do dr. Gaspar Fructuoso, escripto em 1590, tem todos os defeitos da sua epocha, e nenhuma das bellezas d'ella; tendo o seu auctor consultado os historiadores Barros e Damião de Goes, os que tiveram o maior senso critico, não chegou a ser mais do que um diffuso chronista, sem plano, sem alcance philosophico, sem o criterio para distinguir d'entre as pequenas anedoctas quaes são aquellas que revelam a vida moral do passado. O seu estylo é affectado e falso...; uma pequena amostra basta para o caracterisar; eis os meios que emprega para narrar a decadencia da Capitania de Machico: «Quem vir no arripiado frio de inverno as arvores seccas sem fermosura alguma, os campos sem verdura, os tempos chuvosos, as agoas turvas, os ares obscuros, as nuvens negras e carrancudas; o espantoso ronco dos horrendos trovões; os rayos de fogo dos terrivilissimos coriscos, matando a alguns humanos e brutos, consumindo licores, derretendo metaes, e assolandos soberbos edificios, e fendendo as inexpugnaveis e altas torres, dirá que toda a machina do mundo se arruina e que tudo se acaba, e cuidará que tudo é uma sombra do morto, sem esperança de tornar a viver o que assi vê amortecido.

Mas tornando a voltar o Sol no Zodiaco sobre a mesma zona ou cinta da terra, começando-lhe a communicar seu calor em seus dourados rayos, logo se verá tudo se vir dourando, abrolhando e revivendo com novas plantas e cores, e o que d'antes parecia triste e feyo, tornando-se alegre, formoso e deleytoso. Assi, ainda que acabei agora do contar como se extinguiu a Capitania do Machico no quarto Capitão d'ella sem lhe ficar herdeiro, e dos mais capitães quinto, sexto e septimo, que fora de sua geração foram, sem hir a ella até outra vez ficar á Corôa, dizendo que estas voltas dá o mundo, querendo entender de bem para mal; agora tornando a dizer a volta que deu de mal para bem, vos contarei huma cousa estranha de quanto maior bem tem presente em o illustre Capitão Tristão Vaz da Veiga...» (p. 122). Esta falsa idéa do estylo prevaleceu depois na historia portugueza, levada ao seu maior exagero por Frei Luiz de Sousa e Jacintho Freire do Andrade. Mesmo na fórma imperfeita de Chronica as *Saudades da Terra* tem a importancia do que é ingenuo; fundadas em grande parte sobre tradições oraes, ha ali factos ethnologicos que pintam a vida nos seculos XV e XVI. A persistencia dos costumes, que explica tantos phenomenos e problemas historicos, ali se vê claramente; ainda hoje a Ilha da Madeira se faz representar na industria pelos seus excellentes lavrados de agulha e pelos brinquedos do vime. Fructuoso descreve estes velhos habitos locaes: «Tambem ha páos de louro, e nas faldras da serra, da banda do sul, muita giesta... e d'ella se colhe a verga, que estrugam como vimes, de que se fazem cestos brancos mui galantes o frescos para serviço da meza, e offertas de baptismos, e outras cousas, por serem muito alvos e limpos; e se vendem para muitas partes fóra da Ilha e do Reyno de Portugal, porque se fazem muitas invenções de cestos mui polidos e custosos, armando-se ás vezes sobre um, dez e doze diversos, ficando todos juntos em uma peça só; e para se fazerem mais alvos do que a verga he de sua natureza, ainda que muito branca, os defumam com enxofre.» (p. 105). E quanto á industria dos bordados, diz: «as delicadas mulheres da Ilha da Madeira, que alem do serem mui bem assombradas, mui formosas e discretas e virtuosas, são extremadas... em todas as invenções de ricas cousas que fazem, não tão somente em pano com polidos lavores, mas tambem em assucar com delicadas fructas.» (p. 200). Povo de organisação artistica, em quanto teve um forte elemento genovez na sua população, foi industrial; a cultura do assucar, hoje extincta, deveu o seu descobrimento a esses colonos, dos quaes diz Fructuoso referindo-se a Raphael Catanho: «genoez, *com o grande sprito que tem, como quase todos os estrangeiros e principalmente os d'esta nação...*» (p. 78). A' medida que a raça se foi apurando, voltou á sua passividade; foi ali que as tradições poeticas da Tavola Redonda se conservaram mais tempo, como vemos pela crença na Ilha encoberta, reminiscencia de Avalon, no nome de *Hisena* (Iseult), de *Tristam* (p. 113), de *Lançarote* (p. 115), e até de *Grimaneza* (p. 117)

da novella do *Amadis,* da qual por ventura saiu o nome do *Gaula,* para uma pequena localidade da Ilha da Madeira. Da tradição popular colheu o snr. Alvaro Rodrigues do Azevedo um romance popular, intitulado *D. Eurives* (p. 768), que é a tradição da rainha Genebra, como se vê não só pela acção epica, so não pela identidade entre *Genuiwar* e *Eurives* (1). Sobre tudo o genio musical, tão manifestamente represetado no theorico Francisco do Valhadolid (Vid. Vasconcellos, *Mus. port.* t. II, p. 229), começou muito cedo a revelar-se na Ilha da Madeira. Os dois celebres musicos Gaspar Coelho e Francisco Coelho pertencem ao seculo XVI; d'elles escreve Fructuoso: «N'esto logar (da Ribeira Brava) nasceram os Coelhos, Conigos da Se o do Funchal, estremados homens do ricas vozes. Hum d'elles, chamado Gaspar Coelho, foi mestre da Capella da See muitos annos; e Francisco Coelho, seu irmão mais moço, sendo conigo, foi tambem mestro da capella d'el-rei na corte.» (p. 94.) Estes dois artistas faltam na já opulenta lista do nosso musicographo J. do Vasconcellos. O madeirense D. Manoel de Noronha, que foi bispo do Lamego tambem se distinguiu pelo seu gosto musical: «mandou fazer os Orgãos, que são muito para vêr, porque *era muito inclinado á musica,* e por isso tinha grande capella em sua casa antes de ser Bispo, e depois do o ser, de muitos cantores portuguezes e castelhanos, a quem dava bons premios e partidos; etc.» (p. 180.) O pae d'este prelado, o opulento Simão Gonçalves da Camara, tinha: «huma Capella de muitos cantoros e capellães, que competia com a de El-Rei: e era Mestre d'esta Capella hum Diogo de Cabreira, castelhano mui destro na arte do canto e do orgão, e tal que o proprio Roy lho pediu para cantar na sua capella:» (p. 189.) Fructuoso cita tambem como protegido d'esto fidalgo: «hum Conigo da Sé do Funchal, chamado *Vicente Martins,* natural do Algarvo... Era este Conigo a melhor voz de contrabasso que até ao seu tempo houvo em Portugal e mui destro no canto, alem do ser bom latino: e diante do Papa (Leão X) mostrou sua habilidade na Capella, com que foi mui louvado e estimado de todos, e lhe faziam em Roma bom partido pela sua falla.» (p. 190.) Esto fidalgo Simão Gonçalves da Camara «foi musico do vontade, pelo que tove grande capella do extremados cantores e tangedores a quem fazia grandes sortidas» (p. 195); era assim que elle imitava a aristocracia continental, toda apaixonada pela musica. Os Bispos tambem contribuiam para o desenvolvimento da musica; de D. Jorge de Lemos, nomeado bispo para o Funchal em 1558, diz Fructuoso: «e houve elle do Sua Alteza renda para o Mestre da Capella que trouxe comsigo, e em seu tempo lustrou muito a musica naquella terra, porque o Bispo favorecia os cantores e musicas, por o elle ser muito do sentido; pelo que, fez para Regimento da Sé uns capitulos dos officios...» (p. 223). Por ultimo, Fructuoso, cita o mestre da Capella do Funchal em 1566, «*Sebastião*

(1) Cp. *irmão* do lat. *germanus* e *Elvira* por lat. *Geloira.*

Mendes, tangedor da See, coxo e tolheito de ambas as pernas, que não andava senão em duas muletas...» (p. 262).

Alem d'estes curiosos dados musicaes, traz Fructuoso, a interessante historia do serralheiro Gaspar Borges, o qual «Ensinou a todos os serralheiros da cidade de Ponta Delgada o concerto e feitio da arcabuzaria e armas, tanto que o que d'elle não aprendeu não as sabe bem fazer, como he notorio. Fez as balanças da Alfandega d'esta ilha e da Terceira, que são peças reaes e de grande desengano... Fez o relogio da cidade e de Villa Franca e renovou o da Ribeira grande, tudo em preços baixos a respeito da delicada obra que fez. Fez alguns ferros de ostias para as egrejas d'esta Ilha e de todo este bispado; o que cumpre de armas, espingardas novas, assi de pederneira, como de fogo; grades para a Alfandega e para a Capella do Sancto Sacramento, da villa da Ribeira grande, que não acabou; e outras obras, em nobreeimento e honra da terra e serviço de el-rey: e comtudo vive pobre, tendo tão rico engenho. (p. 291).» A scena mais curiosa e dramatica dos costumes da aristocracia insulana, é a narração dos violentos amores de Antonio Gonçalves da Camara, por D. Izabel de Abreu, em 1531. (p. 197.) O assassinato de D. Aldonça Delgada por seu marido Bertholomeu Palestrello, para tornar a casar com D. Solanda faz lembrar talvez a origem historica da tradicção da *Silvana,* que exige a morte da esposa do Conde Alarcos para casar com elle. (p. 52.) O nome de *Delgadina* de um romance asturiano fortifica algum tanto esta hypothese. Felizmente as tradições populares da Ilha da Madeira começam a ser hoje recolhidas e estudadas pelo dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, que n'esta sua importantissima publicação dá conta dos primeiros resultados da sua exploração. (p. 766.) As notas que acompanham as *Saudades da Terra* são completas monographias, que se agrupam em volta das asserções de Fructuoso. Apontaremos algumas, de grandissimo trabalho, interesse e novidade, como sobre a Ordem de Christo, a discussão dos descobridores da Ilha da Madeira, lendas primitivas, como a de Machim, a historia administrativa e juridica e economica, genealogias, ordens religiosas, milicia, e sobre tudo o que diz respeito a Instrucção publica e Litteratura. N'esta parte traz o snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo algumas correcções ao nosso livro *Poetas Palacianos* do seculo XV, quando tratamos do cyclo poetico da Ilha da Madeira; as suas observações são sempre justas. O poeta Tristão Teixeira, Capitão do Machico, que figura no *Cancioneiro de Resende,* e julgavamos ser o primeiro donatario, prova elle ser o seu filho chamado Tristão Teixeira *das Damas,* do qual escreve Fructuoso: «Tristão Teixeira das Damas, primeiro do nome, e segundo capitam de Machico. Chamou-se *das Damas,* porque foi muito cortezão, grande dizedor, e fazia muitos motes ás damas, e era muito eloquente no fallar. Foi muito valido, prezado ufano da sua pessoa, e de bons ditos, e sobretudo bom cavalleiro. Foi casado com Guiomar de Lordello, dama da Excellente Senhora...» (p. 116.) Do celebre

João Gomes da Ilha, que tanto figura no *Cancioneiro* de Resende, dá-nos a noticia, que fôra «um dos primeiros povoadores da Ilha da Madeira, o qual morou junto da ribeira, ainda hoje conhecida pelo nome de *João Gomes*. Teve o cognome de *Trovador*, e tambem o *da Ilha*; foi pagem do Infante D. Henrique, e falleceu em 1495.» (p. 523.) O poeta Manoel de Noronha, que julgámos terceiro capitão da Ilha da Madeira, era o quarto filho de João Gonçalves da Camara e de D. Maria de Noronha, companheiro de armas dos outros poetas do Cancioneiro, Nunes Fernandes de Athayde, Henrique Henriques, e Lopo Barriga. (p. 171.) O criterio litterario do snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, já estava provado anteriormente no seu *Esboço critico*, em que pulverisou um deploravel livro que está arreigado no ensino official, intitulado *Bosquejo historico de Litteratura classica*, e que tem corrompido o desenvolvimento d'estas disciplinas. A sua excellente edição das *Saudades da Terra* vem provar que a esterilidade do professorado em Portugal, e a aridez da vida forense, não annularam n'elle a dedicação pela sciencia. Se entre nós existissem medalhas para honrarem os trabalhos mais prestantes da historia, com certeza caberia a este uma digna homenagem; mas a verdadeira recompensa começará quando a sciencia europêa recorrer ao seu livro, como ao unico subsidio para a historia das Ilhas desde 1591 até nossos dias. O desinteresse do seu trabalho, torna-se reparado finalmente, como occultou o seu nome, esquivando-se assim á gloria que lhe compete.

THEOPHILO BRAGA.

38.—**Noticia dos Manuscriptos da Livraria da Excellentissima Casa de Sam-Lourenço**, coordenada e redigida por José Maria Antonio Nogueira. Ajuda, Typ. Bélenense, 1871. Folh. in-8.°, pp. VI, 76.

Este pequeno folheto é uma enumeração de documentos da primeira metade do seculo XVI, recolhidos em seis volumes que haviam pertencido ao Conde de Sam Lourenço D. João José Ausberto de Noronha, e inventariados com o fim de serem postos á venda. Pediam por esses seis volumes quatro contos de reis; é natural que os manuscriptos vão enriquecer os archivos estrangeiros, para depois os irmos lá copiar á custa de subsidios do governo. A *Noticia* redigida pelo snr. José Maria Antonio Nogueira tem o merecimento de authenticar para futuro a existencia de peças importantes, que estão em via de se extraviarem; além dos abundantes documentos relativos a D. João de Castro, já publicados por Frei Francisco de S. Luiz, o snr. Nogueira indica muitos outros d'esta collecção inteiramente ignorados. A competencia do snr. José Maria Antonio Nogueira n'esta ordem de trabalhos é incontestavel; empregado na secção dos Legados Pios no Hospital do S. José, a nossa archeologia

litteraria deve-lhe já bastantes descobertas, como a historia dos *Pateos das Comedias,* extrahida das escripturas do cartorio do dito Hospital, muitas investigações sobre a antiga Lisboa, e a gloria de ter descoberto o Alvará de 1509, em que el-rei D. Manoel nomeou Gil Vicente, ourives da rainha D. Leonor, Vedor das obras de ouro e prata do Hospital de Todos os Santos, Mosteiro de Belem, e Convento de Thomar. D'entre os documentos que descreve, apontaremos a *Carta de Mestre André de Resende* a D. João de Castro, datada de 1547, sobre diversos assumptos, e especialmente ácerca do estado da imprensa em Portugal (p. 4); Carta de *Antonio Pinheiro* ao Condo da Castanheira, analysando diversos negocios do estado, e principalmente o modo porque se escrevia a historia do Portugal (p. 8); Diogo do Couto, *Governo de D. Estevam da Gama,* ms. de 154 pag., folio; o snr. J. M. Antonio Nogueira confrontou este precioso manuscripto com a Decada IV e V, e conclue: «que o manuscripto é propriamente, como indica o seu titulo, a historia do governo da India, desde a morte do Vice-Rei D. Garcia de Noronha, até á nomeação de Martim Affonso de Sousa para o dito cargo; que embora as citadas Decadas (como é facil de suppôr) contenham o assumpto do manuscripto, e até alguns capitulos identicos, são obras distinctas, como o demonstram claramente, não só a divisão da materia, mas diversos logares do texto... o manuscripto é obra inedita d'aquelle historiador, no que se confirma o dizer de diversos bibliographos, d'elle ter deixado escriptos ineditos» (p. 26); João de Barros, Carta a D. João de Castro, datada do 1547 (p. 40); João Luiz Vives, carta em latim a D. João III, louvando-o pelo acerto do seu governo, datada do Antuerpia, de 1534 (p. 46); datada de 1547 é uma Carta de Jorge da Silva dirigida a D. João de Castro, narrando uma *notavel intriga amorosa succedida na corte, entre pessoas da nobreza e suas consequencias* (p. 50). Sabendo as relações intimas que houve entre Jorge da Silva e Luiz do Camões, procurámos conhecer esta intriga amorosa de 1547; referia-se unicamente ao caso succedido com D. João Lobo, que extrahimos do Nobiliario ms. de D. Luiz Lobo da Silveira, e que publicámos nos *Poetas palacianos* (p. 424): «D. João Lobo namorou-se de D. Juliana de Noronha, filha de D. Pedro de Menezes, terceiro Marquez de Villa Real; por cartas que o mancebo apresentou como recebidas de D. Juliana, pediu-a em casamento. A donzella declarou ante esta proposta, que nunca escrevera nem auctorisava por forma alguma tal passo. Descobriu-se que eram fabricadas as cartas por uma creada, e D. João Lobo saiu do Portugal. D. João III, como estupido, mandou o Barão D. Rodrigo Lobo preso para o Castello de Soure.» N'esta collecção se encontram apontadas mais duas Cartas de Jorge da Silva, que tambem esteve preso por causa da sua louca paixão pela Infanta D. Maria; as relações de Jorge da Silva com Luiz de Camões, explicam-se não só pela antiga amisade d'este na familia do Regedor, mas pelos talentos poeticos de Jorge da Silva, de que temos uma prova na *Elegia da Alma*

devota a seu Esposo, que vem no livro intitulado *Omelia do santissimo sacramento,* impresso em 1551. Como este livro é extremamente raro, apresentamos aqui os primeiros tercetos, do exemplar com que nos brindou o nosso amigo o distincto architecto o archeologo José Maria Nepomuceno:

Oh bom Jesu: oo por que me não vejo
em vosso amor todo abrasado
todo convertido n'este desejo?

De mi e d'este mundo trasportado
estando sempre ante vós presente,
todo em vós, senhor, já trasformado.

Como a neve se desfaz ao sol ardente
e a nevoa espalha ho frio vento
e a cera branda ao fogo se derrete.

Assi a minha alma em triste sentimento
se desfaz em viva claridade
chorando hum tão longo apartamento... etc.

De Jorge da Silva existem outras poesias ineditas na bibliotheca de Evora, como vemos pelo Catalogo organisado pelo snr. Telles de Mattos.

Tornando á *Noticia dos manuscriptos,* acha-se ali menção d'uma Provisão do D. João III para João de Barros levar a casa de Martins Affonso de Sousa o cofre dos pardáos que este trouxera da India para aí serem contados, datada de Almeirim de 1546 (p. 58); Carta de Mestre Pedro Fernandes a D. Alvaro de Castro, sobre a guerra com Cambaia, cerco de Diu, e declarando que se propunha a escrever, e porque modo, a historia d'estes acontecimentos (p. 64). Encerra esta *Noticia* a indicação de mais de outo centos documentos, todos pertencentes a personagens historicos da primeira metade do seculo XVI; são na maior parte originaes, e, segundo o snr. Nogueira, colligidos pelo primeiro Condo da Castanheira, valido de D. João III. O simples titulo de cada documento e a sua competente data restituida pelo snr. Nogueira, dão a esta *Noticia* o caracter de subsidio historico, servindo assim mesmo para se resolver muitas questões sobre o governo e conquistas da Asia.

THEOPHILO BRAGA.

39.— **Helena, fragmento de um romance inedito,** pelo snr. Visconde de Almeida Garrett, precedido do *Catalogo dos autographos, diplomas politicos e litterarios,* etc. Lisboa, Imprensa Nacional, 1871, in-8.°. peq. de LII-185 pp.

Depois da morte do visconde de Almeida Garrett, os seus herdeiros teem continuado a imprimir-lhe as obras por tal forma cheias

de espaços e de folhas brancas, que a materia que se vende em vinte o tantos volumes, e a 600 reis cada um, podia bem reduzir-se a tres tomos, formando assim o corpo do theatro — os poemetos e poesias lyricas — os escriptos em prosa e artigos de miscellanea. E' possivel que d'esta fórma o inaugurador do Romantismo em Portugal fosse mais lido, e que a sua actividade litteraria fosso mais justamente apprecciada. Desde que o nome do um escriptor attinge proporções lendarias, a sua reputação está sujeita ás mercenarias especulações, ignaras e compromettedoras, que arrastam para o mercado o para a avidez dos colleccionadores, escriptos esquecidos que o auctor bem quizera nunca ter produzido. Em 1867 reimprimiu com todo o esmero a casa Moré tres volumes d'esta ordem, para incorporar na collecção do Garrett; foram o *Retrato de Venus,* que o proprio auctor condemnara, prohibindo aos snrs. Bertrands a venda dos muitos exemplares que tinham em deposito, o *Portugal na Balança da Europa,* artigos de fundo, banaes e sem alcance nem importancia politica, e o *Tratado de Educação,* incompleto, e escripto por quem não suspeitava ainda que a pedagogia viria a tornar-se uma sciencia. Os sonhados lucros d'estas reproducções ficaram aguados pela indifferença de um publico que mostra a maxima extranheza pelo que é bom e pelo que é máo.

Ultimamente o snr. C. G., genro do finado escriptor, imprimiu esse fragmento inedito de um romance chamado *Helena.* Ha muitos annos que temos ouvido fallar d'esta ultima composição de Garrett como de uma maravilha, truncada pela morte do seu auctor; faziam-se votos para que viesse á publicidade; dizia-se que o estylista ultrapassara todos os limites da elegancia aristocratica e da delicadeza de sentimento. Infelizmente o romance é uma frivolidade, sem enredo, sem naturalidade, abaixo de qualquer folhetim insignificante de um jornal francez. Antes, porém, de percorrermos essas scenas de insulso idylio, passemos os olhos pelas considerações previas do seu editor. Elle escreve alludindo á morte de Garrett: «Era um sol no occaso, *revendo-se na luz* immensa com que allumiava a patria.» E em seguida: «extinguiu-se aquella existencia esplendida *abraçada á Cruz* do Christo...» (p. VI). E' de crêr que não haja aqui intenção maliciosa, mas desperta insensivelmente o dito celebre do Rodrigo da Fonseca Magalhães. O *Catalogo dos Autographos,* de algumas obras desconhecidas de Garrett, ajuda bastante para a sua biographia litteraria; taes são os *Namorados Extravagantes,* drama em dois actos representado em Cintra no dia 26 do Maio do 1822; o *Impromptu de Cintra,* composto e representado em Cintra, na Quinta da Cabeça, em 8 de abril de 1822; o primeiro e parte do segundo acto de uma tragedia intitulada *Edipo em Colona,* de 1820; parte do primeiro acto do um drama, *Os Arabes ou o Ciume virtuoso,* do 1821; plano para um drama em tres actos, *Ignez de Castro,* esboço do primeiro acto do *Entremez dos Velhos Namorados,* de 1841; principio do primeiro acto de *El Rei Serapião;* rascunho de duas scenas

*

do um *Auto da Rainha Penelope;* projecto da comedia em dois actos o *Cifrão;* scena para se representar no Dáfundo *Os Illustres viajantes;* depois do theatro embrionario, os poemas *O roubo das Sabinas,* em dois cantos em verso solto, de oitocentos e quarenta versos, datado de 1820; a *Affonseida ou Fundação do Imperio Lusitano,* escripto em Angra do Heroismo em 1814 e 1815, constando de tres cantos e parte de quarto, com mil e seiscentos versos soltos; o canto primeiro e segundo de um poema heroi-comico *O X ou a Incognita,* datado do 1821; Catullo, traduzido e annotado em portuguez, versão começada em 1820 e 1821, e continuada em 1824.

Na classe dos romances vem enumerados o *Kommrahy,* historia brazileira, que não passou do primeiro capitulo, datado de 1827; o começo do romance historico *A Excellente Senhora,* datado do 1825; rascunho de dois capitulos *As duas Irmãs,* historia d'esto seculo, do 1827; *As tres Cidras do Amor, conto affonsino,* as tres primeiras paginas, do 1839; tres primeiros capitulos das *Memorias de João Coradinho,* do 1825; varios folhetins manuscriptos incompletos, como o *Inglez, Mr. Sheridan Knowles,* o *Brazileiro em Lisboa* e outras bagatellas; entre os escriptos scientificos indica-se um *Lycen das Damas, Lições de Poesia a uma joven Senhora,* que pelo elenco se vê que são pequenas biographias de poetas classicos, sem a minima synthese philosophica. Este minucioso catalogo, que descreve religiosamente todos os rascunhos que Garrett por desleixo não rasgou, vem ajudar a concluir o juizo sobre este escriptor, que no seu trabalho litterario só muito tardo e quasi nos ultimos annos da sua vida, é que teve um plano, uma idêa definida, movel da sua actividade, isto é, depois que escreveu o *Auto de Gil Vicente* e o *Frei Luiz de Sonza.* Todos os seus escriptos, do mera phantasia, imaginosos, humoristicos e sem intonção philosophica são producções do um espirito mediano, que não chegou a imprimir direcção ao seu tempo, nem a crear uma eschola. E' esta a prova fundamental, e não as phrases guindadas de inconscientes admiradores, como estas: «pasma, na verdade, que para tanto lhe chegasse a vida». «E chegou-lhe para tanto a vida! E ainda para viver no campo com os homens de guerra, nos salões com as mulheres o frivolos do mundo, com as elegancias o fatuidades do seculo» (p. 1). O bom senso repello estas banalidades; o trabalho scientifico o artistico não é isto, o já ninguem se contenta hoje com estereis productos do uma imaginação descuidada. O verdadeiro juizo sobre Garrett não é o que elle formulou nos seus prologos, nem os exageros dos seus parentes; algumas do suas obras mostram que era uma boa vocação litteraria, á qual faltou o estudo, em consequencia da epocha em que viveu ser toda do ambições politicas, que tambem o absorveram, o indifferente a todo e qualquer trabalho scientifico. O estado de espirito em que estava Garrett, pouco antes de morrer, e quando já se arrogava publicamento o titulo de chefe de uma litteratura, vê-se no romance *Helena,* cujo ultimo caderno tem por data septembro de 1853 (p. XXIX). N'este romance ha uma confissão ingenua da ne-

nhuma influencia que Garrett exercia na mocidade do seu tempo, que sem uma direcção sensata se lançara nos exageros do ultra-romantismo; diz elle: «eu escrevo uma historia, não faço versos á lua, debruçado nos balcões ideaes de uma creação caprichosa e imaginario estylo... devorado pelo verme roedor dos negros pensamentos que baloiçam tristemente ao vento da solidão no crepusculo da noite... etc., etc., com trez versos na mesma rhyma seguida, e um agudo depois em *ão,* coração, desesperação ou similhantes... e imbasbacado fica o Gremio Litterario, o Centro Commercial, e não sei se a propria Academia tambem depois de regenerada» (p. 50). E' o desespero de quem descobre na sua obra uma profunda inferioridade—o não inspirar novas creações. Mas em Garrett o litterato era um realce do *galant' uomo,* e este preoccupava-o acima de tudo: «aquella duvidosa tempera dos quarenta aos quarenta e tantos, em que um desgosto de mais que venha, uma enfermidade que por pouco se aggrave, de repente se cae na velhice, isto é, os que caem, porque *outros ha que deitam ancora n'esta perigosa enseada e por tal modo se economisam, se cuidam e acautelam, que antes dos setteuta não chegam a velhos.* E fazem muito bem» (p. 30).

O romance de *Helena* escripto para os frivolos do mundo e fatuidades do seculo, foi localisado por seu auctor a algumas leguas da Bahia, não longe do semicirculo do Reconcavo. Garrett fez isto apenas em duas linhas, como de rubrica theatral, porque a sua imaginação, além de um nome de begonia, de um sabiá ou de um macisso de palmeiras, nada mais lhe pode representar da grande vida da America. Depois que se lê um Gabriel Ferry, um Gustavo Aymard, ou um Paul Duplessis, tão plagiados por Mendes Leal no *Calabar* e *Bandeirantes,* é que se vê bem a acanhada organisação dos nossos preconisados talentos; Garrett conhecendo a impossibilidade de pintar a vida da America, transportou para ali as paysagens da Escossia, da Suissa, e o conforto inglez e a galanteria franceza. Arranjou um fundo de quadro falso, para desenhar á vontade. As suas descripções resumem-se no detalhe das vestimentas, do serviço de mesa, na disposição da mobilia, como n'um artigo de modas, n'um *museu,* ou em um folhetim sobre um baile. Tudo exterior e recortado. Garrett dizia com desespero que qualquer ignorada miss ingleza, apenas vinda do collegio, compunha uma novella com mais vida, graça e invenção do que elle proprio com muito esforço. O sentimento na *Helena* é tambem affectado e de uma tenuidade que toca o *fade;* Garrett não nascera impunemente em 1799, dentro ainda do seculo XVIII; herdou fatalmente a *sensiblerie* idylica, e só conseguiu uma vez sacudil-a com um impeto natural no *Frei Luiz de Souza.* A *Helena,* não tem acção, nem tão pouco caracteres; incapaz de desenhar um typo, uma entidade moral, em vez de os fazer fallar, obrar, descreve-lhes o fato, as posturas, a edade: n'este romance ha um viajante francez o snr. De Bressac, que estivera nas luctas da independencia da Grecia, e desgostoso se retirara entre-

gando-se dilletantescamente ao amor da botanica; no seu periodo bellico, tivera intima amisade com um mancebo braziloiro, e salvara uma creança de nove annos que adoptara como sua, a quem puzera o nome de *Helena*. Lembrou-se ir um dia herborisar á America, e partiu com a carta do seu amigo, que o recommendava a um tio, o Visconde de Itahe. A scena abre com um monologo de contemplação do Conde de Bressac por uma passiflora que encontrou proximo da Bahia, á qual poz o nomo da sua pupilla mysteriosa.

No meio do seu devaneio botanico-paternal, é surprehendido por um preto, typo ridiculo, chamado Spiridião Cassiano de Mello e Mattos, que com outros pretos o veiu buscar n'uma canôa para casa de seu amo. E' recebido na intimidade pelo visconde de Itahe, que tem uma filha muito linda, chamada Isabel, e uma esposa muito doente chamada Maria Thereza; falla-se do primo que está em Paris, e com quem o visconde projecta o casamento de sua filha, e n'isto a dona da casa morre de inanição.

Em consequencia d'isto o snr. De Bressac persuade o visconde de Itahe a vir fazer uma viagem até á Europa, que começa a ser discutida. Aqui ficou o romance fragmentado, o qual, como diz o seu editor: «para infortunio das letras portuguezas tam longo ficou do seu termo, porque a morte desapiedada immobilisou a penna de ouro que o escrevia» (p. II). Fazem rir estas palavras ingenuas, que nos representam as letras portuguezas precisando ainda de phantasmagorias doentes; é como se julgassemos que um homem se alimenta com capilé. O desenlace da *Helena* é facil de prevêr pelas palavras vagas o presentimentos do fragmento: de facto o viscondo vem com sua filha á Europa, mas sabe que o sobrinho que tanto amava, e que julgava seu futuro genro, é pretendido pelo snr. De Bressac para a sua pupilla. Trava-se aqui o conflicto de duas paixões, Helena morre do romantismo, De Bressac consola-se escrevendo monographias sobre a sua passiflora, e a filha do visconde volta para a sua patria sem querer casar, o sacrificando a sua vida á propagação do Evangelho e da emancipação dos escravos. E' esta a consequencia logica, em harmonia com o espirito do romance. O livro posthumo, deante das necessidades intellectuaes do nosso tempo, deante da forte renovação scientifica que se exige, é apenas uma futilidade, que aquelle que mais a admira reconheceu publicando-a, como complemento de uma *aristocratica collecção*.

THEOPHILO BRAGA.

40.—**Cervantes y el Quijote.** Estudios criticos por Francisco M. Tubino. Madrid, Libreria Duran, 1872. 1 vol. in-8.° gr., pp. XII, 285.

Ha *cervantistas* em Hespanha, como *camonianistas* em Portugal; os nossos resumem-se a collecionar as differentes edições do poeta, os hespanhoes cercam o novellista por todos os lados com mo-

nographias especiaes, procurando exaltar-lhe a memoria com as manifestações as mais caprichosas, propondo a creação de academias cervanticas, colonias cervanticas, theses cervanticas, funeraes cervanticos, bairros cervanticos, como se descreve nas interessantes *Epistolas droapianas*. Em 1862 o hespanhol residente em Inglaterra, D. Nicolau Dias Benjumea, publicou um commentario explicativo de todas as allusões do *Don Quijote*, com o titulo de *Estafeta de Urganda;* todos os eruditos se perturbaram com a audacia do interpreto, e, no meio da lucta, Benjumea veiu a Madrid promettendo sustentar perante as academias todas as impugnações que se lho fizessem. Foi por este tempo que appareceu um opusculo de Tubino; d'ello se lê na primeira Carta de Droap: «Uno muy acreditado (periodico) de Madrid, el *Contemporaneo*, y el cabellero andaluz D. Francisco de Tubino, son los que hasta hoy han aceptado por medio de la imprenta el reto que nuestro querido amigo Don Nicolau Benjumea, provocó desde Londres con su *Estafeta de Urganda*» (p. 2). Desde 1862 até 1872, em que appareco o novo livro de Tubino, as suas ideias modificaram-se: «No debo negar que durante ese periodo de tiempo, ensanchada la orbita de mis conicimientos y robustecida mi razon com maiores meditaciones, he modificado algunos extremos secundarios de mis creencias litterarias; etc.» Infelizmente no livro *Cervantes y el Quijote*, apenas se acha um scepticismo facil como unica solução dos problemas que envolvem a vida de Cervantes, e vagas theorias ácerca da origem da cavalleria, que não conduzem a cousa alguma. O livro foi escripto em diversas epochas, e a falta de unidade não provém d'esta circumstancia, mas de ser formado de pequenas monographias algumas sem interesse, e reunidas sem plano. Applicando a este livro o aphorismo do bacharel Sansão Carrasco,—que não ha livro que não tenha o seu merecimento, — vamos pôr em relevo o que póde fazer admissivel o trabalho de Tubino. Sob a rubrica de *Cervantes y Alliaga* discuto o problema quasi insoluvel de quem seja o auctor da segunda parte apocrypha de *D. Quijote*, que se acobertou com o pseudonymo do Bacharel Alonzo Fernandes de Avellaneda. O que na realidade encommoda o espirito que busca a verdade, é essa exuberancia de phrases e côres poeticas, de periphrases e euphuismos arredondados, que ainda se usa na litteratura hespanhola. Para dizer-nos que Cervantes, que falleceu em 1616, teve conhecimento em 1614 d'essa segunda parte apocrypha, escreve Tubino: «Proximo al termino de su azerosa y ejemplar existencia, con la salud harto quebrantada por los soffrimientos del cuerpo, y las pesadumbres del ánimo, tan sobrado de infortunios y de dolores como menesteroso de las ventajas que ya en las postrimerias de la vida suelen alijerar la pesada carga de los años, Cervantes, coloso de la moderna literatura, superior encarnacion del genio, regosijo, honra y gloria de nuestra querida España, ocupábase en el no aderezado albergue que tierna, compasiva y cristiana amisad le deparase, en dar cima á la noble empresa que bisarro aco-

metió, proponiéndose historiar las hazañas del Ingenioso Hidalgo D. Quijote de la Mancha.» (*Ob. cit.* p. 1.) E' a isto o que se chama o estylo campanudo, tambem já usado por modernos escriptores portuguezes a proposito de Camões; quem está em um estado de espirito que não varre de si este farello rhetorico, e se compraz n'ello, a que resultados de livro analyse nos pode levar?

No estudo *Cervantes y Alliaga,* não tem em vista descobrir a realidade historica do pseudonymo Avellaneda; Tubino contenta-se em provar que o confessor de Philippe III, Frey Luiz de Alliaga, deve ser excluido da lista dos personagens a quem se attribue a segunda parte apocrypha de *D. Quijote;* no § I *La aparicion del falso D. Quijote,* nada diz que não esteja já elementar; no § II, *Los criticos en busca del Autor anonymo,* descreve como nasceu a hypothese acerca de Frey Luiz de Alliaga, do Frey Juan Blanco de la Paz, inimigo de Cervantes, serem consideradas como os que se acobertaram com o nome de Avellaneda, mas nada nos diz dos Argensolas, e muito menos do dominicano André Peres do Leon, personagem indispensavel para este exame. O § III *Biographia apocrypha de Alliaga,* e o que se lhe segue, *Biographia authentica de Alliaga,* embora não pertençam á historia litteraria e sejam em grande parte traçados em documentos de segunda mão, formam a parte mais segura do livro, escripta com uma logica e clareza, que mata para sempre a hypothese que reinava entre os criticos de ser Alliaga o supposto Avellaneda. Sobre o confessor de Philippe III pesava toda a machina politica, economica, e religiosa de Hespanha e de suas conquistas, os interesses da ordem e os da sua familia, e elle não só não tinha tempo para se entregar a descuidos de imaginação, não só lhe era ignorado Cervantes, que vivia quasi na indigencia, senão que não se encontram de sua mão outros escriptos, a não serem relatorios, pareceres, projectos e informações de estado. Depois d'isto Tubino abandona o problema da personalidade historica de Avellaneda e passa no § VI a investigar *Con que fin se escribió el Quijote apocrifo?* Expõe as hypotheses conhecidas, se seria para privar Cervantes dos lucros que poderiam advir-lhe da popularidade da sua novella, se para defender Lope de Vega de algumas vagas referencias escapadas ao novellista; pondera essas referencias, e conclue: «Para nos otros el encubierto escritor se propuso ante todo provar podia escribir un libro de la indole del Cervantesco, con tanto gracejo, aticismo y inventiva, del mismo genero y con iguales tendencias literarias...» (p. 80). N'este ponto Tubino chega a determinar o criterio litterario para a descoberta de Avellaneda, mas perde o fio do problema. A segunda parte apocrypha pode ser restituida ao seu auctor, tendo em vista: 1.º que o livro do Avellaneda revela um escriptor de profissão, já acostumado ás composições da phantasia; 2.º que esse supposto Avellaneda, por isso mesmo que era escriptor, e do mesmo genero novellesco, como se vê pelo animo da sua continuação, tinha para com Cervantes uma indisposição que o

levava a ser injusto; 3.º que as fortes injurias dirigidas contra Cervantes, não tinham motivo critico, senão a mesma impunidade do anonymo; 4.º que esse pretendido rival era da parcialidade de Lopo do Vega, como dá a entender Cervantes, fingindo sempre que o não conhece.

Sigamos estes principios, e vejamos como nos levam a uma conclusão que talvez não será nova entre os cervantistas, mas que é pelo menos a mais plausivel dentro das leis da historia litteraria.

Quando Cervantes, no capitulo III da segunda parte de *D. Quijote,* faz uma especie de critica da sua composição, compara-a com a apocrypha, o deixa cair um leve golpe, que nos parece accusar o seu atrevido continuador: «Ahora digo, dixo D. Quixote, que no ha sido sabio el autor de mi historia, si no algun ignorante hablador, que á tiento y sin algun discurso se puso a escribirla, salga lo que salisse, como hacia Orbaneja, el pintor de *Ubeda,* al cual preguntandole o que pintaba, respondió: lo que saliere: tal vez pintaba un gallo, de tal suerte y tan mal parecido, que era menester quo en letras gothicas, escrebiese junto a el este es gallo...» Não será isto allusivo á falta de idêa e ao modo grosseiro como está escripta a segunda parte apocrypha do *Don Quijote?* Ora entre os nomes dos contrafactores d'essa novella apparece o de André Perez de Leon, mais conhecido pelo pseudonymo de Francisco Lopez de *Ubeda;* vejamos se a este escriptor e conhecido novellista picaresco são applicaveis os principios que acima indicámos.

Cervantes foi o primeiro que usou os versos terminados na ultima syllaba metrica:

No indiscretos hierogli-
Estampas en el escu-
Que cuando todo figu-
Con ruines pontos te envi-

Este capricho, que nem genero se pódo chamar, inaugurado por occasião do apparecimento do *Dom Quijote* em 1605, foi n'esse mesmo anno usado por André Peres de Leon, na sua *Picara Justina,* publicada com o pseudonymo do Francisco Lopes de *Ubeda.* A qual pertenceria a invenção? Disse-se que a Cervantes; logo, motivo de dissidencia.

André Perez de Leon, que costumava usar de pseudonymos, era frade *dominicano;* Cervantes dá a entender que o seu detractor era sacerdote: «y siendo esto asi, como lo és, no tengo de perseguir á ningun Sacerdote, y mas se tiene por añadidura ser *familiar del Santo Officio....*» (Prologo da II Part.). Cumpro notar que tanto Alliaga, como Blanco de la Poz são apontados como auctores da segunda parte apocrypha só pelo argumento de serem *dominicanos.*

O Don Quijote de Avellaneda revela uma certa habilidade na ficção e certa pericia litteraria. Francisco Lopez de Ubeda, já havia

composto uma novella tabernatica da *Picara Justina*, o que nos indica o facto d'essa habilidade. Demais a *Picara Justina* foi publicada em 1605 no mesmo anno em que appareceu o *Don Quijote* de Cervantes, e do grande ruido que esta novella provocou, deixando a outra na sombra, nasceria o terrivel ciume de Ubeda. O auctor da *Picara Justina*, incapaz de uma concepção original, imitara, com o pseudonymo de Ubeda, o *Gusman d'Alfarrache* de Mateo Aleman; o mesmo caracter imitador se dá na segunda parte apocrypha do *D. Quijote*, e até no uso do pseudonymo de Alonso Fernandes de Avellaneda. Fortalece-se isto pela confrontação entre a *Picara Justina* e o *D. Quijote* apocrypho, ambos falhos de invenção, sem ideal, pobres de interesse e chatos. O continuador atrevido não tinha idêa na sua segunda parte, e até ignorava o nome dos personagens secundarios da novella; é por isso que Cervantes allude com malicia ao pintor de *Ubeda* que pintava saisse o que saisse; e da mesma forma o pseudonymo Alonso Fernandes de Avellaneda chamava *Don Quijote* á sua segunda parte, insulsa e sem plano, como o allusivo pintor de Ubeda (o primeiro psoudonymo do dominicano) chamava gallo a qualquer cousa que lhe saía da brocha. A *Picara Justina*, fôra escripta antes de 1605, quando André Peres de Leon *estudava* em Alcala; no D. Quijote, Avellaneda dá-se por *Licenciado*, em 1614, isto é, tendo já acabados os estudos. Só um odio litterario é que podia levar um inimigo a offender Cervantes tão indignamente. No livro de Tubino, embora se não podesse fixar o auctor anonymo, devia forçosamente tratar-se da influencia que o *Quijote* de Avellaneda exerceu de um modo fatal sobre o espirito de Cervantes. Não apparece ali este importante problema. E comtudo por elle se explica em grande parte a genese da novella de Cervantes. Depois que Cervantes publicou em 1605 a sua eterna novella, as circumstancias precarias da sua vida não melhoraram; um silencio de oito annos que conservou só se explica pelo profundo desalento, e apesar de alludir no prologo das suas *Novellas* em 1613 a uma *segunda parte* de Dom Quijote, tudo leva a crêr que nunca mais lhe puzesse mão para a completar. Porém em 1614 apparece um *Segundo tomo del Ingenioso hidalgo D. Quijote de la Mancha*, compuesto por el Licenciado Alonso Fernandes de Avellaneda, natural do la villa de Tordesillas. O auctor d'esta parte apocrypha se não abusava da confiança de Cervantes, revelando-lhe algumas peripecias da continuação inedita, não só lhe fazia um roubo, explorando uma creação já popularisada, mas insultava-o no que elle tinha de mais venerando o santo.

Tudo isto fez nascer em Cervantes o apagado encendimento, e por ventura recomeçou o seu trabalho, suspenso no capitulo 59, levando-o até ao seu final complemento no capitulo 74; Cervantes publicou a sua segunda parte logo em 1616, aproveitando-se d'este unico meio para repellir as indignidades de que fôra alvo. E como elle respondo como verdadeiro homem de genio, soberano, impas-

sivel: «com quanta gana debes do estar esperando ahora, lector illustre ó quier plebeyo, este prologo, creyendo hallar en el venganças, riñas y vituperios *del auctor del segundo Don Quixote;* digo de aquel que dicen, que se engendró en Tordesillas y nació en Tarragona. Pues en verdad que no te he do dar este contento que puesto que los agravios despiertan la cólera en los humildes pechos, en el mio hade padecer excepcion esta regla... *Lo que no he podido dexar de sentir, és que me note de viejo y de manco,* como si hubiera sido en mi mano haber detenido el tiempo, que no passasse por mi, ó si la manquedad hubiera nacido en alguna taberna, sino en la mas alta occasion que vieran los siglos pasados, los presentes, ni esperan ver los venideros. Si mis feridas no resplandecen en los ojos de quien las mira, son estimadas á lo menos en la estimacion do los que saben donde se cobraran: etc.» E depois d'isto que allude á posição religiosa do auctor apocrypho. No cap. 59 da Segunda parte do Quijote, Cervantes tira um partido admiravel do livro do pseudo-continuador; o cavalleiro da Tristo Figura hospeda-se em uma venda, e ouvindo estar-se ali lendo a sua historia, escuta, e conhece que é um acervo de erros, e vem á falla, examinando o livro de Avellaneda: «en esto poco que he visto, he hallado tres cosas en este autor dignas de reprehension. La primera es, *algunas palabras que he leido en el prologo:* la otra, que su lenguage es aragonez, porque talvez escribe sin articulos, y la tercera, que mas lo confirma por ignorante, es que *yerra y se desvia de la verdad en lo mas principal de la historia...*» N'esta ultima parte referia-se á falta do comprehensão do espirito da concepção do D. Quijote, do typo de Sancho diz: «no os trata este autor moderno con la limpieza que en vuestra persona se mostra: pinta-os comedor, y simple, y no nada gracioso, y muy otro el Sancho que en la primera parte de la historia de vuestro amo se describe.» Era sobretudo esta falta de comprehensão do espirito quixotesco, este *saia o que sair* do pintor do *Ubeda,* que levou Cervantes a tornar a calçar as esporas a seu heroe, como diz na dedicatoria ao Duque de Lerma: «porque és mucha la priesa que do infinitas partes me dan á que lo envie, para quitar el amago y la nausea que ha causado otro Don Quixote, que con nombro de segunda parte se ha disfarzado y corrido por el orbe: etc.» No capitulo 60 da segunda parte, conhece-se que Cervantes alterou em parte o plano da sua concepção, fazendo concorrer D. Quijote aos torneios de Barcelona, e não de Saragoça, como escrovera Avellaneda: «ir á Barcelona sin tocar en Zaragoza: *tal era el deseo que tenia de sacar mentiroso aquel nuevo historiador,* que tanto decian que lo vituperaba».

Mas aonde se nota melhor a influencia do detractor sobre o espirito do Cervantes, é no modo como este, querendo conservar-se original, evita sempre o plano mediocre do falsario, chegando assim a um desfecho extraordinario, bello e inexcedivel. Avellaneda expõe Dom Quixote a todos os logros indecorosos, e por fim dá com elle em uma casa de

doudos. Cervantes, depois de ter levantado tempestades de gargalhadas com as duras realidades que esmagam o ideal do pobre cavalleiro, de repente faz pensar no lado serio e profundo d'esse eterno contraste da vida, e arranca lagrimas quasi, com a peripecia final de todo esse tecido de aventuras grotescas, mostrando-nos Dom Quijote doente de tristeza por se vêr vencido, por se lhe esvaecerem as illusões; o medico declara impassivel que é a tristeza do se vêr vencido que o mata. E' assim o coração que aspira á verdade e á justiça, e succumbe a final esmagado pelos interesses constituidos, pelas instituições anachronicas que exploram o homem. Os amigos de Dom Quijote para o alegrarem fallam-lhe na sua Dulcinea, mas é já tarde; o visionario ridiculo torna-se sublime no momento da desillusão; á medida que se vão afundando para a sepultura, recupera a razão e torna-se humanidade, o symbolo da lucta interminavel entre o espirito e a lotra, entre a aspiração e a immobilidade do constituido, entre a razão e o bom senso burguez, entre a lei e o sophisma, entre a crença e a hypocrisia, entre a ordem e a auctoridade pessoal, entre a liberdade e a fatalidade, cujo antagonismo é o porquê da historia. E' certo que Cervantes escreveu o *Don Quijote* com o desenfado irreflectido da alma peninsular, com o profundo conhecimento da vida duramente revelada nos annos de captiveiro, nas batalhas e nas agonias da indigencia; mas ao descobrir esta situação final da sua satyra, o riso lovou-o repentinamente ás lagrimas, e n'esse momento o seu livro ficou para todas as intelligencias não uma novella que ridicularisa a cavalleria, mas o problema da inexplicavel antinomia entre o Ideal e o Real.

Depois do sentido do *Don Quijote*, resta vêr como elle reflecte a nacionalidade hespanhola; o snr. Tubino trata este importante problema em algumas paginas, com simples phrases pittorescas. Na litteratura portugueza do seculo XVII encontramos documentos positivos do modo como através do Dom Quijote se começou a vêr desde muito cedo o genio hespanhol. Nas luctas da independencia de Portugal em 1640, não poucos Carteis andantescos se escreveram em nome do cavalleiro da *Triste Figura*, satyrisando as derrotas castelhanas. A obra de Cervantes era popular em Portugal, embora o grande homem entrasso em Portugal como inimigo com os exercitos de Philippe II, e fosse em 1583 ajudar á derrota da armada do Prior de Crato e á tomada da Ilha Terceira. Foi n'esses dias jubilosos do triumpho que elle tomou um profundo amor ás recordações que lhe ficaram em Portugal. Foi aqui que elle teve esses amores que pinta na sua pastoral *Galatea*, dos quaes lhe ficou uma filha, chamada Isabel Saavedra, que o acompanhou carinhosamente até ao fim da vida. Como Lope do Vega e como Vicente Espinel, Cervantes tambem comprehendeu o caracter amoroso dos portuguezes, quando na *Historia de los trabajos de Persilles y Sigesmunda*, falla do cavalleiro Manoel de Sousa Coutinho: «contei aos parentes d'elle a sua morte de amor, e acreditaram-n'a e crel-o-iam ainda que eu lh'a não affirmasse do vista,

por ser quasi costume morrerem de amor os portuguezes». Do facto quando Cervantes entrou em Portugal havia expirado Camões, morto de amor pela patria, logo que soubo que o exercito do Philippe II vinha avançando para a invasão de Portugal; Cervantes recommenda com ternura a leitura dos versos de Camões *en su misma lengua portuguesa*. Esse Cavalleiro Manoel de Sousa Coutinho, que figura como apaixonado no *Persilles y Sigismunda*, é segundo a opinião de Barbosa Machado e do Bispo D. Francisco Alexandro Lobo, o proprio Frei Luiz de Sousa, que esteve no captiveiro de Argel ao mesmo tempo que Cervantes; a novella não segue a tradição exacta, mas tambem não se póde attribuir a mera coincidencia casual os traços profundos de verdade com que o novellista esboça esse typo que só conhecemos desfigurado sob os habitos monaçaes. Fallámos no momento da perda da nossa autonomia, para melhor comprehendermos esse curioso documento que se segue, no qual se vê, que na lucta admiravel da independencia portugueza em 1640, não tinhamos só a força das armas, tinhamos tambem a superioridade do riso:

«*Cartel de desafio, protestacion de Don Quixote de la Mancha, Cavallero de la Triste figura en defension de sus Castellanos:*

«El Cavallero de la Triste Figura Don Quixoto de la Mancha, etc.—Digo que como es notorio al mundo mi valor invencible, lo sea tambien la Protestacion y Reto, que por la presente hago; y es que despues del miserable castigo, que el Cielo ha dado a mi nacion castellana en pona justa de su soberbia, embustes y tyrannias, reduziendola al mayor extremo de covardia, que ja mas ha encontrado Cavallero andante en la redondez de la tierra, con que vergonçosamente ha perdido su monarchia, y en particular despues de la misteriosa libertad de los Portuguezes nuestros adversarios antigos, y increible corage, con que el verano pasado estos brabos gigantes, sin receber dano alguno, han por todas partes talado nuestros campos, quemado nuestros logares, y muerto nuestras gentes las que menos corrian, los infortunados hijos desta infortunada madre que llaman Castilla, han quedado tan abatidos, que a las puertas de los castillos donde solian alojarse los Caballeros andantes, salen oy viles enanos a prohibirles las entradas violando el derecho de las gentes, diziendoles que vaian recoger-se en gallineros y no en castillos; y uno, sin respeto a mi andantesca dignidad, y sin temor de mi braço inflexible, llegó á amuestarme con atrevida lengua, que de oy en delante no me intitulasse mas el *Cavallero de los Leones*, sino el Cavallero de las Gallinas, pues los Leones del escudo de mi patria so avian puesto pollos, como Gallineros los Castillos, y luego salio á impedir mi enojo un hombre, que en Dios y en mi conciencia entiendo que era el Sabio Merlin, requerendome por la hermosura de la Sin par Dulcinea del Toboso, que yo mo dignase detener mi colera hasta ver la causa que los mios avian dado á tal afrienta. Y al miesmo puento saeando

do un bolçon de cuero un papel impresso, y puondo sus antojos, començó con voz descomunal a leer un cartel de desafio hecho por el Duque de Medina Sidonia Don Gaspar Alonso Perez de Gusman el bueno, con cuya vista al parecer de mi escudero Sancho Pança quedé con mas triste figura de lo que antes tenia, por acabar de conocer que ya en los Castellanos no ay mas que plumas, con que huyen, y con que escriven; augmentandose mi desconsuelo quando llegué a considerar la forma del Cartel contra lo verosimil del sucesso do que trata y leyes de buena cavalleria. Advertiendo antes de todo quo puede prezumirse no ser hecho por Don Gaspar de Gusman el bueno, Duque de Medina Sidonia, si no por Don Gaspar de Gusman, el malo, Duque de las Chimeras, a fin de solicitar respuesta de Portugal, de que saque motivo para averiguacion de la culpa que imagina en el Duque preso; siendo que los Portuguezes, como señores ya de sus traças, no responderan cosa quo sirva a su intento. Y quando el papel sea del mismo, lo haria forçado (pues no puede presumirse menos de un tal cavallero) es ridiculo dizer que los Portuguezes quizieram hazerse sospechoso a nuestro Rey, para que dudando su Magestad de su fé, les faltase tanto oposito; siendo claro que el que no temio la oposicion de un Monarcha, temerá menos la de un vasallo aunque grande; si no es que con esto insinua que la suya es mayor, y entonces llega a offender la Magestad de su Rey.

« Tambien no lleva camino añadir que en Portugal se hizieron luminarias publicas por el caso; pues si los Portuguezes procuravan persuadir al mundo trato del Duque, no avia de ser con fiestas antes del effeto, porque dellas se seguiria ó ser tenidos por locos, rompiendo el secreto, ó entendier-se que era fingimiento; y non son tan incautos, como per nuestro mal experimentamos, que no mirasen á todas las conveniencias y en el destroço, que amenaça a las armadas per las ordenes que avia dexado si llegasen á las costas de Andalucia, le convencio el tiempo, pues se sabe que llegando ellas al puerto de Cadiz no hizieron nuestras pobres gentes mas quo recogerse en la fuertes murallas, y meter sus navios en parte segura, y al fin los enemigos se fueran blasonando de aver asombrado nuestras tierras, y encerrado nuestros soldados como gallinas por temor de la zorra, ó como avejas per temor del lobo; que per nuestros pecados, gallinas y ovejas nos llaman sin consentirnos ya que seamos carneros. El desafio quo despues desto se sigue, es aun mas impertinente, pues siendo claro que el duelo no permito a quien está en el throno real (aun quo no fuera Rey) combatirse con un vassallo, bien se muestra que no tiene voluntad de reñir el tal provocante, que hazelo mismo que fuera desafiar al signo Sagitario; pudiendo provocar uno de igual estado, con quien se quebrará la cabeça sin embaraço. Y pone el sello a nuestro vituperio la offerta que haze de premios a quien usare do traicion, con quien no se atreven en campo abierto, descubriendo con proposicion tan infame esta vilissima costumbre de los nuestros, que hasta aora procuramos encobrir aunque en vano.

« Finalmente para mejor disfarce de todo deviera ser la data del cartel en tierras del Duque, y no en Toledo tan retirado dellas por mandado de un Rey que so conoce, que su Magestad tiene maior sospecha de su trato, que de ser calunia de los Portuguezes. Por todas las cuales covardias, enredos y de mas infamias yo me hallo corrido de quo sangre Castellana me anime, y porque no puedo vertella, como quiziera, protesto delante de todos los Princepes del mundo, Cavalleros andantes, Escuderos, Gigantes, Sabios, Alcaides de castillos, Enanos, Doncellas, Dueñas, y otras quales quiera personas, a cuya noticia pueda llegar la fama de lo susodicho, que en ninguna manera he dado favor, consejo ó consentimiento a la minima cosa de las referidas; antes las repruevo, maldigo, y anathematizo uma y mil vezes; y en especial el uzar de lenguas, aviendo manos, por ser costumbre solo de mugeres (quanto y mas que no estaria bien a los nuestros irritar las Portuguezas, com riesgo de encontrar otra hornera) y ansi maldigo el valerse de plumas para huir ó escribir, pues és discredito grande que en un mismo tiempo se occupen los impresores en estampar fullerias Castellanas y vitorias portuguezas; antes mi voto és y será siempre que solo nos sirvamos de plumas para hir con toda priesa busear el enemigo en su casa, como el nos buscó en la nuestra; y alli con los braços demos materia a plumas estrañas para escribir nuestras proesas. Lo que yo solo uviera hecho dando a conocer a Portugal el valor Manchego si no tuviera por tan cruel adversario aquel descomedido Mago de la mulera, que a tantos Princepes ha encantado, y con sus traças es la causa total de la buena fortuna de los Portuguezes. Y a quien dexiere, ó pensare lo contrario de lo aqui contenido, ó intentare hablar ó escribir sin hazer, sea Chistiano sea Pagano, ó Moro, de qualquier condicion, y calidad, le reto, desafio para ensima de la Puente de Almaraz; adonde estaré 80 dias y 80 noches (que começarã del primeiro del mes de Enero de 1642. años) sobre mi Rocinante con mi lançon y de mas armas ordinarias acompanhado solo de mi Escudero, y si fuere Castellano el que quiziere combatir-se comigo, le daré de ventaja mi yelmo de Mambrino, que podré bien escusar, pues que sus armas no cortan, como de Portugal se escreve. Y si uviere algum mal hidalgo tan curioso de su vida que no se atreve á exponerla a mi furia, por acabar con este fantasma y no dexar cosa que pueda obrar mi zello, desde luego ofresco aquien le matare con licencia de Sancho Panza, la Isla Barataria asiento principal del dicho mi Escudero; y si no le matare mas solamente le sacare los vigotes (que le sobraran como á mujer) le daré una de las mejores Insulas de mis Estados, y le daré vida para lograrla, aunque lo maten en la empresa (que es lo que faltó en las promesas del cartel reprovado) quedando siempre poco satisfecho de qualquiera demonstracion, supuesto que quanto tengo la devo á la reputacion de mi valor, que oy veo perdida por culpa agena. Hecha en la Cidade del Toboso, a 29 de Outubro de 1841 años.

El Cavallero de la triste figura. »

Este folheto curioso, publicou-se em Lisboa em 13 de junho de 1642, á custa de Lourenço Queiroz, *Livreiro do Estado de Bragança* (1). Ridicularisa o louco desafio que o duque de Medina Sidonia propôz a seu cunhado o duque de Bragança, por se ter revoltado contra o jugo castelhano.

Não foi este o unico papel que em nome de *Dom Quijote,* se publicou ou escreveu em Portugal, por occasião das guerras da independencia de 1640. Na bibliotheca d'Evora existe o manuscripto de uma *Carta que el cavallero Don Quijote de la Mancha imbió por su escudero Sancho Panza a D. Juan d'Austria, sobre el successo de la batalla que perdió en Alentejo. Con la copia de otra que al mismo cavallero a este proposito mandara,* etc., por Ferreira, musico (2). Este Ferreira, era o creado do duque de Bragança, auctor dos *Desmaios de Maio,* Diogo Ferreira de Figueirôa, que chegou a ser cantor da Capella real em Lisboa em 1648.

Por estes escriptos da epocha da independencia, se vê quanto a litteratura hespanhola dominava em Portugal, e sobre tudo como se comprehendia geralmente que o *D. Quijote de la Mancha* era o symbolo da nacionalidade hespanhola.

THEOPHILO BRAGA.

41.—**Chronica da fundaçam do moesteyro de sam Vicente dos conegos regrantes** da hordem do aurelio doctor seto Augustinho; ẽ a cidade de Lisboa. Porto, Imprensa Portugueza, 1873. Broch. in-4.°, de 48 pp.

Acaba de saír dos prélos da Imprensa Portugueza uma nitida reimpressão da celebre *Chronica dos Vicentes,* mandada imprimir em 1538, por Dom João III; esta obra é uma das mais altas raridades da bibliographia portugueza, conhecendo-se apenas dois exemplares, o que ha pouco tempo foi furtado da Bibliotheca de Evora, e recuperado pelos esforços do digno funccionario Augusto Filippe Simões, e o que pertenceu á livraria do fallecido Joaquim Pereira da Costa, que se vendeu pela quantia de sessenta mil reis, antes do leilão em que essa preciosa collecção foi tristemente desbaratada. A reproducção d'este monumento litterario segue linha a linha, e com a mesma orthographia, o texto da edição de 1538, e bem merece o nome de fac-simile. A Imprensa portugueza, pela escolha dos seus typos elzevirianos, e pelo emprego do magnifico papel de linho das nossas fabricas, é a unica que até hoje tem conseguido imitar o gosto da Renascença com uma perfeita intelligencia da arte. E' tambem d'esta Imprensa que tem saído uma collecção de reproducções dos classicos portuguezes mais raros, como a *Gram-*

(1) Bibl. Nacional, (A—2—43.)
(2) Bibl. d'Evora. Ms. c. VII, 1—24, a fl. 315.

matica de Fernão d'Olivoira, os *Autos* de Antonio Prestes, a ecloga do *Crisfal* de Christovam Falcão, o a edição popular dos *Lusiadas*, pondo sempre em serviço do espirito novo o seu auxilio material.

Como dissemos, a *Chronica dos Vicentes* foi mandada imprimir por el-rei Dom João III, na occasião em que procedeu á reforma do Mosteiro do Santa Cruz do Coimbra; essa Chronica guardava-se com o mais rigoroso aferro na livraria do Mosteiro de Sam Vicente, como diz Frei Antonio da Purificação, referindo-se ao seu original latino: «tambem me admira o notavel cuidado que se tem no Convento de Sam Vicente sobre a guarda d'aquella escriptura latina da sua fundação o do Ordinario de Sam Rufo, *não consentindo que pessoa alguma as tome na mão para as ler... Porque as escondem não só a nós, mas até aos outros historiadores e Chronistas do Reino.*» (*Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho*, t. I, fl. 993). O motivo d'este ciume era as luctas que havia entre esta ordem e os augustinianos ácerca de mutuas jurisdicções.

A impressão mandada fazer em 1538 por Dom João III não seria só para restabelecer o espirito da tradição na reforma de Santa Cruz de Coimbra, mas para fornecer aos chronistas do reino os materiaes para historiarem os primeiros successos da monarchia. De facto, é esta a grande importancia da Chronica dos Vicentes. Dom Rodrigo da Cunha, na *Historia da Egreja de Lisboa*, cita esses dois escondidos manuscriptos do archivo do S. Vicente, dizendo que «achou Dom Aleixo do Menezes, em uma Memoria lançada ás folhas 84 do um livro, que se guardava na Livraria do mesmo Mosteiro de Sam Vicente, no Almario 4, chamado *Ordinario da congregaçam de Sam Rufo.*» (*ob. cit.* p. 215.) E quanto á outra escriptura latina: «Escrevemol-o assi pela auctoridade do Relatorio, que d'esta fundação anda escripto o estampado entre as escripturas lançadas no fim da 3.ª Parte da Monarchia, escripta pelo P. Chronista fr. Antonio Brandão.» Este Relatorio é o chamado *Indiculum fundationis Manasterii sancti Vicentii*, hoje transcripto nos *Portugaliæ Monumenta historica* (*Scriptores*, p. 91). A *Chronica dos Vicentes*, é uma traducção livre do *Indiculum*; já no seculo XVII assim o julgava Dom Rodrigo da Cunha: «Affirma assi o mesmo autor que em linguagem antiga portugueza converten o Relatorio que allegamos, o se imprimiu em Coimbra, por mandado del Rei Dom João 3, anno do 1538, de que temos um volume. Diz o seguinte: *Estando el Rei em este pensamento, chegou a Lisboa um Abbade...*» E depois de um curto extracto, D. Rodrigo da Cunha, deduz do proprio texto da Chronica dos Vicentes quem foram os seus auctores: «o os auctores que do proposito trataram a fundaçam do Mosteiro do Sam Vicente, *Otha*, allemão e Fernão Pires, natural de Lisboa, ambos d'aquelle mesmo tempo, o de que tomou tudo o auctor do Relatorio em Portuguez com grandes abonos do sua verdade o vida inculpavel, pouca rasão teria quem quizesse dar credito a memorias vagas, escritas como ao acaso e provar penna, sem nome do seu autor, sem

anno, em que escrovoram, lançadas em livros de outros argumentos, qual foi a que viu e leu o Arcebispo D. Aleixo de Menezes, no Cerimonial de S. Rufo, por mais guardada que estivesse no almario 4 da Livraria do S. Vicente, de quo os Padres d'aquello mosteiro nenhuma relação nos souberam dar n'esta occasião (1642). Mas ou ella so perdesse ou na verdade se conservo ainda, não faria mais fé apparecendo, do que fazem outras, quo se acham com as mesmas circumstancias, o de que auctores melhores considerados entam se aproveitam quando as vêem conformar com as que por si sam de calidado do *Relatorio* e *Chronica* quo allegamos quo mui fortomento a contradizem.» (D. Rodrigo da Cunha, *ib.* Part. II, cap. 75, n.º 9.) Frei Antonio da Purificação refuta a asserção de D. Rodrigo da Cunha, aproximando a intelligencia da Chronica da sua forma original latina do *Indiculum:* «Porque diz serem seus authores Fernão Piros o Otha, constando o contrario da mesma escriptura onde se vê quo o auctor d'ella confessando, que o quo diz, he o que ouviu contar a diversas pessoas já mortas, que sabiam de experiencia, acrescenta que ainda d'estas eram vivas duas, Fernão Peres e Otha, o quo ambos uniformemonte davam por verdado o que ello escrove. *Hi duo*, diz elle, *Dei miseratione adhuc superstites quasi uno confitentur ore quae hic ponimus.* Não foram logo Fernão Pires o Otha authores d'esta escriptura, mas outrem quo com elles allega para abonação do quo diz.» *(Chr. dos Eremitas de S. Agostinho,* p. I, fl. 102.) O logar da Chronica, refutado por Frei Antonio da Purificação é o seguinte: «Era na dita cidade um homem bom, que havia nome *Fernão Perez,* o era cavalleiro do bom entendimento o teúdo com Deos; o tinha sempro na dita cidade logo julgavil por El Rei e regedor dos cidadãos maiores, e dos menores, mantenedor de direito e justiça. E em este tempo era na dita cidade outro homem bom religioso o de sancta vida, e da geraçam dos theutonicos, os quaes foram na filhada da dita cidade, e esto havia nomo *Otha.* E accordava-so mui bom da filhada da dita cidade, o do fundamento do dito Mosteiro de S. Vicento om como fora edificado. E estes dois homens pelo seu saneto accordo, de que viram no seu tempo e outrosim do que ouviram a seus antecessores, do como fora o começo da filhada da dita cidado e fundamento do dito Mosteiro, o por a vida que haviam da virtudo do Deos, e desy seu accordo, e por seu verdadeiro entender *escreveram esta historia que adiante é escripta, tornada de latim em lingoagem como já de suso dito he...*» Por esta traducção so entende da Chronica, na especie do prologo que transcrevemos, que Fernão Peres o Otha redigiram o *Indiculum* na sua forma latina, o por tanto quo o traductor é que é anonymo; pela intelligencia do *Indiculum,* conclue Frei Antonio da Purificação, que Otha o Fernão Peres, são apenas contemporaneos da tomada de Lisboa, quo ainda viviam ao tempo em quo a relação latina era escripta, e quo para ella contribuiram com as suas memorias e tradições oculares.

E' este o sentido mais verdadeiro; e fortalece-se pela epocha em

que o *Indiculum* foi escripto, já no reinado do D. Affonso II; sobre este ponto transcrevemos da *Hist. de Portugal,* do snr. A. Herculano: «Tem-se offerecido algumas duvidas sobre a sua authenticidade. O que se pode ter por certo é que ou não foi escripto nos primeiros annos do reinado do D. Sancho I, como ahi se indica, ou que é uma copia tirada posteriormente.... A letra porém do manuscripto do S. Vicente é similhante em grandeza, em fórma, em tudo á do um volume de Chancellaria de Dom Affonso II (Maço 12 de Foraes antigos n.º 3) e ainda aos volumes das Inquirições do mesmo Affonso II.» *(Hist. de Port.* t. I, p. 506.) Portanto era mais crivel que Fernão Peres e Otha, depois de 1211, só pudessem testemunhar do successo de 1148, o não escrever-lhe a Chronica. A traducção do *Indiculum,* tambem anonyma, pertence ao meado do seculo XV; a edição de 1538 se diz impressa «*em a propria lingua antigua em que foi achada*». Frei Antonio da Purificação refere-se em outro logar da sua Chronica á authenticidade do *Indiculum:* «A mais antiga memoria que ha d'estes Religiosos, o por isso mais digna de fé, ho uma escriptura em lingua latina e que se conserva no Real Convento de Sam Viconto do Lisboa, na qual se trata por extenso do como sendo fundado pelo santo rei D. Affonso Henriques, no tempo em que tinha posto de cerco aquella cidade, o tendo noticia d'elles, entregou o governo do Mosteiro a Frei Gualter.» *(Ibid.* fl. 85 seg.)

Frei Nicolau do Santa Maria, na *Chronica dos Conegos Regrantes* (p. 113, liv. VIII, cap. 3, n.º 7), glossando D. Rodrigo da Cunha, diz a proposito da traducção: «que é historia digna do todo o credito, por ser composta por Fernão Perez, fidalgo de grande saber e entendimento o primeiro *Regedor da Justiça de Lisboa,* o que se achou com el-rei D. Affonso Henrique na entrada e tomada da dita cidade». Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana,* repete isto mesmo, chamando Perez *Regedor da Justiça de Lisboa;* este cargo acha-se no prologo do traductor da Chronica dos Vicentes, mas sob outras designações menos precisas. Do archivo de S. Vicente saiu a copia para a edição mandada fazer por Dom João III; o por ventura tiraram-se por esta occasião outras copias, porque existe uma outra na Torre do Tombo, a qual foi reproduzida nos *Portugaliæ Monumenta* (Scriptores, p. 407), no anno de 1861. Confrontadas as duas lições, ha uma grandissima differença, apesar de ambas, tanto a impressa como o Ms. da Torre do Tombo, pertencerem ao seculo XVI; infelizmente o snr. A. Herculano não conheceu a edição de 1538 e por consequencia não pode aproveitar essas notaveis variantes, restabelecer os sentidos duvidosos notados por um *sic,* e servir-se do prologo novo dos editores do Coimbra.

O valor da *Chronica dos Vicentes* é inapreciavel para o que estuda a historia dos primeiros annos da nacionalidade portugueza; tudo que se tem escripto saiu na maior parte d'ali, desde Galvão até hoje. Ali encontramos as primeiras tradições poeticas, ligadas á memoria dos francezes, que vieram ajudar á conquista de Lisboa, como a senti-

*

dissima lenda do Cavalleiro Henrique e da fidelidade do seu pagem; finalmente o linguista tem ali um documento vivo, que lhe explica os processos como o idioma portuguez era levado pelos eruditos á disciplina grammatical, confrontando as formas da traducção com o *Indiculum*, vendo como as formas e construcções eruditas se implantaram fatalmente. A edição da *Chronica dos Vicentes* não foi feita para o commercio; mas o pequeno numero do exemplares tirados é o bastante para acudir ao interesse dos poucos que amam estas riquezas da nossa historia litteraria.

THEOPHILO BRAGA.

42.—**Canti antichi portoghesi,** tratti dal Codice Vaticano 4803, con traduzione e note, a cura di Ernesto Monaci. Imola, Typ. d'Ignacio Galeati, 1873, brox. in-8.°, XII-32 pp.

1.° artigo

Sentimos um vivo prazer deante dos documentos, que mostram que o povo portuguez não foi extranho á corrente da litteratura da edade media da Europa, que tambem teve communicação com as suas tradições, apesar de ser a ultima das nacionalidades que se formou sobre as ruinas do imperio romano; más quando esses documentos são trazidos á luz por um estrangeiro, que os interprota com respeito e amor o os restitue á sua integridade, então reconhecemos que acima do orgulho nacional ha uma cousa mais alta, mais humana, que não prefere raças, nem conhece frontoiras—a sciencia. O snr. Ernesto Monaci é um romanista educado pelos seguros methodos philologicos; interessam-lhe todos os documentos das litteraturas neo-latinas; a circumstancia de poder frequentar a Bibliotheca do Vaticano deu-lhe azo para estudar o Codice manuscripto n.° 4803, que consta para mais de mil canções portuguezas e gallegas todas anteriores á segunda metade do seculo XIV. A historia d'este codice, sua correlação com o original primitivo, seu apparecimento na Bibliotheca do Vaticano no seculo XVI, a nova importancia que recebeu modernamente desde que o seu conhecimento chegou aos philologos allemães, já as deixamos esboçadas no livro dos *Trovadores Galecio-Portuguezes*.

E' incalculavel a importancia que este manuscripto tem para o periodo provençal da litteratura portugueza; mas sob o ponto de vista linguistico é ainda maior, para o estudo do gallego como dialecto do portuguez, o para o portuguez como constituindo a sua disciplina grammatical. Já não fallamos nos recursos imprevistos para a historia politica o para a ethnologia. E por que se não tem publicádo esta obra monumental, quando o governo vota sommas fabulosas para viagens reaes, e subsidia cavalheiros de industria para irem assistir a evoluções militares? Pesa sobre nós o triste labéo, de que os poucos excerptos que ha publicados do Codice do

Vaticano são todos devidos á sollicitude estrangeira; Lord Stuart é que deu publicidade aos Fragmentos do Cancioneiro da Ajuda; o brazileiro Caetano Lopes de Moura ajudado pelo livreiro francez Ailhaud, é que imprimiu o *Cancioneiro de D. Diniz;* o brazileiro Varnhagem, é que reproduz nas *Trovas e Cantares* a pequena edição de Stuart; e ultimamente é um italiano, o snr. Ernesto Monaci, que vem contribuir para a nossa historia litteraria com mais o subsidio de doze canções do Codice do Vaticano. No entanto a Academia real das Sciencias dorme o somno do parasitismo official, ruminando em silencio a dotação do thezouro publico sem contribuir com trabalhos obrigatorios para um Diccionario da Lingua, para um corpo de documentos para a Historia, para a Historia litteraria d'esta terra, e para uma Grammatica historica. No meio da sua inercia pretextou que a Bibliotheca do Vaticano estava interdicta a todas as explorações, e julgou-se a salvo de qualquer accusação. Hoje sabemos que essa assombrosa Bibliotheca nunca esteve vedada.

Infelizmente os trabalhos do Caetano Lopes de Moura e de Varnhagen n'este campo philologico são destituidos de criterio; somos-lhe gratos por que foram os unicos subsidios, mas estes não estavam aptos para o trabalho que emprehenderam. Deante dos *Canti antichi portoghesi* do snr. Monaci, vemos que não sabiam o processo da restituição de um texto. Moura, copiou o *Cancioneiro de D. Diniz,* que consta de cento e cincoenta canções, e imprimiu-as sem o minimo signal de separação, de modo que só pela rima o fórma estrophica é que ellas podem ser separadas. As consequencias d'esta falta de comprehensão, vêem-se pelos excerptos de Baret. *(Troubadours,* p. 206). Quanto ao texto tratou-o, com uma ignorancia que se revela nas minimas particularidades.

Em Varnhagen o caso é, em parte, mais grave; nas *Trovas e Cantares,* não comprehendeu o respeito que se deve ter pela authentica integridade e fidelidade de documentos d'esta ordem, e baralhou a seu grado as Canções para as dispôr de modo que lhe comprovassem uma theoria biographica; no *Cancioneirinho de trovas antigas,* o erudito é sacrificado ao *cant,* que o não deixa publicar as canções mais importantes por lhe parecerem obscenas. Como se a sciencia perdesse da sua altura em estudar a obstetricia ou a syphilographia, ou a ovologia! Mas ha uma cousa mais triste do que o *cant,* do que o *improper,* do que o *shocking,* é a pretenção a sabio. Pelo conhecimento que hoje temos do Codice de Roma por meio de conscienciosos fac-similes, vemos que muitas das canções transcriptas do antigo portuguez do seculo XIV por um copista italiano do seculo XVI e mercenario, estão de tal forma deturpadas na metrificação, na rima, na forma estrophica, nas palavras, no sentido, que só um esforço de apaixonado por estes problemas é que as poderá ás vezes trazer á sua correcção primitiva. Foi isto o que fez com que Varnhagem só publicasse cincoenta canções do Ms. da Vaticana, por que foram as que ello poude entender, mas que nos deu como sendo as que lhe pareciam mais bellas. Dá-

nos só uma Canção do D. Affonso Sanches, bastardo de el-rei Dom Diniz, tendo aí quatorze; esto trovador interessava-nos mais do que muitos jograes gallegos que reproduz, e porque o deixou no olvido? Porque as suas Canções são de todas as que se acham actualmente mais deturpadas.

Na Canção VIII, (ed. Monaci) assignada por Joham Zorro, encontra-se esta estrophe:

Hu el-rey arma o navyo
Eu namorado yrey
Para levar a *virgo*...
Amores, convoseo m'yrey. (p. 16).

Sobre esta forma do nominativo, e por isso importante, escreve Monaci: « *Virgo* per *virgen* non ha altri esempi nella lingua portoghese. (A. Coelho.) » (p. 31). Em uma das mimosas serranilhas que Gil Vicente intercala nos seus Autos, encontramos ainda do uso popular:

Por las riberas del rio
Limones coge la *virgo;*
Quiero me ir allá
Por mirar el ruiseñor
Como cantaba.

Limones cogia la *virgo*
Para dar al su amigo;
Quiero-me ir allá, etc.

Para dar al su amigo
En un sombrero de sirgo;
Quiero me ir allá, etc.
(Obras, t. I, p. 84.)

A canção XI, do D. João do Aboim, revela-nos um facto, importante; este fidalgo pertence a uma das familias nobres que nas luctas do Dom Sancho II e D. Affonso III, se refugiaram com este principe em França, na côrte de S. Luiz; na canção lemos:

Cavalgava n'outro dia
Per hum caminho *frances*... (p. 22.)

Na Canção XII, tambem inedita, de Per'Amigo de Sevilha, accentúa-se a influencia franceza do norte, na allusão á fidelidade do *ome-lige:*

E por aquesto vos venho rogar
Que eu seja voss'*ome* esta vegada. (p. 26.)

No opusculo do snr. Ernesto Monaci transparece a intenção de fazer sentir a parte original do grande Cancioneiro portuguez, reproduzindo aquellas canções que, não só pelo metro, como pelo espi-

rito do ingenuidade popular, nos levam a crêr, que sob essa forma semi-culta, se pode descobrir uma poesia verdadeiramente *nacional*, uma base organica para o desenvolvimento litterario do lyrismo. As Canções I a IX; «sono di quel *genero populare*, nel qualo Federigo Diez rieonobbe i veri caratteri della poesia portoghese primitiva.» (p. VII). A segura intuição historica de Diez já o levara a aproximar esses *cantares de amigo* com algumas das cançonetas introduzidas por Gil Vicente, nos seus Autos. O snr. Monaci reconheco a influencia popular na lyrica provençalesca portugueza, e fortalece-se com o livro *Trovadores galecio-portuguezes:* «I trovatori del ciclo dionisiaco la conobbero dalla bocca del popolo, dal popolo la rcolsero, ritoccandola coi magisteri dell'arte, e fors'anche seppero finamente imitarla, como opina Teofilo Braga.» (p. X.) Acceitamos a responsabilidade d'esta opinião, obrigando-nos a pôr om ovidencia o que ha de *popular*, e por consequencia de nacional, debaixo d'essas canções artisticas e subjectivas das nossas collecções do seculo XIV.

Em primeiro logar a zona aonde primeiro despontou o gosto pelas canções provençaes foi ao norte da Peninsula, no territorio que comprehende desdo a Galliza até ao Mondego. O Marquez do Santillana accentúa positivamente este facto; no fim do seculo XIV, a eschola de Villasandino, mostra-nos que o genio lyrico da Galliza luctava brilhantemente contra a poesia italiana, que se implantara em Castella por via de Sevilha. Ha uma causa organica para este predominio do lyrismo na Galliza; sob o ponto de vista ethnographico, foi na região da Galliza que se estabeleceram os Suovos; este ramo das raças germanicas pelo facto de ter sido o mais catholico de todos, perdeu mais cedo as suas cantilenas epicas; demais sempre absorvida e disputada, a Galliza não chegou a ter vida independente, e por isso não chegou a elaborar tradições historicas. Sem interesse pelas luctas das nacionalidades, e sem se recordar sob a pressão catholica das antigas cantilenas condemnadas, entregue a uma vida pastoral e agricola, a Galliza acceitou por via da Aquitania o primeiro influxo lyrico da Provença. Os habitos da sua vida propria, por si creavam os cantares actuaes, derivados das situações simples de quem trabalha nos campos, baila nos dias sanctificados, e se diverto com romarias. Era a Arcadia temperada pela monotonia catholica. E' este o espirito das canções que conhecemos através das imitações aristocraticas. A este genero poetico, chamava o Marquez do Santillana no principio do seculo XV, *Serranillas* o *Dizeres gallegos e portuguezes*. A situação da Galliza repetiu-se em todo o norte de Portugal, aonde ainda hoje se nota a falta de romances epicos, que abundam na Beira Baixa, Algarve e Açores. Vejamos agora o caracter d'essas *Serranilhas;* todas ellas são acompanhadas de um refrem ou retornello, que indica serem forçosamente cantadas; o canto era a parte principal d'ellas, por isso que a letra é quasi sempre dythirambica, isto é, a repetição da mesma ideia, variando apenas o arranjo da phrase ou da rima. O gosto musical das povoações do Minho e da Galliza é pro-

verbial; na Galliza ainda se conserva o antigo *alalalá* do que nos falla Silio Italico; e do Minho escrevia nos principios do seculo XVII, o Marquez de Montebello: «Com grande destreza se exercita a musica, que é tão natural em seus moradores esta arte, que succede muitas vezes aos forasteiros que passam pelas ruas, especialmente nas tardes de verão, parar e suspenderem-se, ouvindo *os tonos que cantam em córos*, com fugas e repetições, as raparigas, que para exercitar o trabalho de que vivem lhes é permittido... Ao que ignora a musica, enganam, fazendo cuidar que a sabem, e ao que é dextro em ella desenganam, que de todas as artes é a natureza a melhor mestra.» (*Introducção á Hist. da Litt. portug.*, p. 83.)

Trazemos para aqui este importante facto para mostrar, não só que a musica era a parte principal das *Serranilhas*, ao contrario do que succede nos romances narrativos, mas que foi pela *musica*, que essas composições entraram nas collecções litterarias do seculo XIV. O snr. Monaci produz nos seus *Canti antichi portoghesi* um facto importantissimo que fundamenta este modo de vêr; é a canção III do Ayres Nunes (*Canc.* da Vaticana fl. 72), calcada sobre a canção do João Zorro (*Ibid.* fl. 120), sem comtudo se poder concluir qual foi o plagiario, mas antes acreditando que nenhum foi plagiario e que ambos se serviram do uma letra conhecida para fazerem um *son*. Copiamos as duas peças, para fixar este facto fundamental:

De João Zorro

Bailemos agora, por Deos, ai velidas
So aquestas avelaneiras frolidas;
E quem for velida, como vós, velidas,
Se amigo amar,
So aquestas avelaneiras granadas
Verrá bailar!

Bailemos agora, por Deos, ai loadas,
So aquestas avelaneiras granadas;
E quem for loada, como vós, loadas,
Se amigo amar
So aquestas avelaneiras granadas
Verrá bailar. (1)

De Ayras Nunes

Baylemos já todas, todas, ay amigas,
So aquestas avelaneiras floridas
E que for velida como nós velidas,
Se amigo amar,
So aquestas avelaneyras floridas
Verrá baylar.

Baylemos já todas, todas, ay yrmanas,
So aqueste ramo d'estas avelanas;
E que for louçana como nós louçanas
Se amigo amar,
So aqueste ramo d'estas avelanas
Verrá baylar.

Por Deos, ay amigas, mentr'al non fazemos
So aqueste ramo florido baylemos;
E que bem parecer como nós parecemos
Se amigo amar,
So aqueste ramo sol, que nós baylemos
Verrá baylar. (2)

Esto paradigma encerra a explicação do modo como a *Serranilha* popular entrava nos Cancioneiros; a aristocracia cultivava a

(1) Varnhagen, *Cancioneirinho*, n.º IX, p. 31.
(2) *Canti antichi*, p. 5-6.

musica e *ensoava;* servia-se da velha letra das tonadilhas vulgares para fixar a sua composição melodica. Por outro lado, vemos no tempo de el-rei Dom Diniz a influencia jogralesca predominar de tal fórma sobre o gosto, que os trovadores palacianos se defendiam dizendo que não cantavam como esses que vinham sempre na estação das flores:

Mais os que troban no *tempo da frol*
E non en otro.....

Que os que troban *quand'a flor sazon*
Ha, e no ante.....

Ca os que troban, e que s'alegrar
Van, en o tempo que ten a color
A frol consigue, tanto que se for
Aquel tempo, logo em trobar razon
Non han, etc. (1)

Estes versos escriptos em endecassylabas (á maneira de provençal) condemnam a forte influencia das *Sarranilhas,* em arte menor, caracterisando-as pelo facto a que ellas mais alludem, que é a estação florida. Eis alguns exemplos:

—*Ai flores, ay flores* do verde pino
—Vede *la flor del pino,*
—So aquestas *avelaneyras floridas*
—Sob o ramo verde *florido* (passim).

O trovador servia-se da letra vulgar, o sobre ella compunha, como vemos por esta authoridade de Julião Bolseyro:

Mais como x'é mui *trobador*
Fez umas lirias *no son*
Que mi sacam o coraçon. (2)

Além d'isso, os nomes dos trovadores que assignam as mais ingenuas *Serranilhas* são plebeus, não se encontram nas genealogias, o que nos prova que tinham realmente uma communicação directa com o povo, e que eram ao mesmo tempo indispensaveis para as festas palacianas. Nas proprias Canções artisticas, achamos fragmentos intercalados de genuinas canções populares, não continuadas por serem bem conhecidas. Em uma Canção de Ayres Nunes, vem esta *Serranilha,* que elle ouvia cantar a uma pastora:

Sob o ramo verde florido
Vodas fazem ao meu amigo.
Choram olhos de amor!
(*Cancioneirinho*, p. 13.)

(1) *Canc. de D. Diniz*, p. 70.
(2) *Cancioneirinho*, p. 97.

A influencia do gosto popular communicado ás canções eruditas, conhece-se que era forte, pela continua persistencia d'essas *Serranilhas,* que penetraram na litteratura até ao seculo XVII em que o genio popular portuguez se extinguiu. Nas Obras de Gil Vicente, como primeiro notou Frederico Diez, (*Uber die erste portugiesische Kunst- und Hofpoesie,* p. 100) encontramos o typo das *Serranilhas,* intercaladas nos seus Autos sempre a pretexto da musica. Profundamente observador, elle recolhe as duas correntes populares, a dos *romances,* que cita com frequencia, e que pertencem á Beira Baixa, o as cantigas lyricas a que elle chama *cantar guaiado (Obr.,* t. I, p. 143) da neuma *Guay,* que nas *Serranilhas* é o *Ay* com que se começa. Na Canção I da odição de Monaci vem o estribilho:

Ay Deos, e hu é!

E no *Cancioneirinho:*

Ay, estorninho do Avelanal...
Ay, madre, bem vos digo...

Nas cantigas populares portuguezas, ainda hoje o *Ay,* fórma do antigo *Guay,* serve para começar. Gil Vicente em uma rubrica de um cantar que põe na bôcca de um personagem, diz «*arremedando os da Serra*». (*Obras,* t. II, p. 444.) Aproximemos uma velha *Serranilha* do Cancioneiro com qualquer das do Gil Vicente, e ver-se-ha a persistencia de um mesmo typo popular através de dois seculos:

De Pero Alcobo

—Digades, filha, mha filha velida,
Porque tardaste na fontana fria?

—Os amores ei.

—Digades, filha, mha filha louçana,
Porque tardastes na fria fontana?

—Os amores ei.

—Tardei, mha madre, na fontana fria,
Cervos do monte a augua volviam, etc.

(*Cancioneirinho,* p. CXIV.)

De Gil Vicente

— D'onde vindes, filha — branca e colorida?

—De la venho, madre, de ribas de um rio;
Achei meus amores — n'um rozal florido.

— Florido, enha filha — branca e colorida?

—De la venho madre, — de ribas de um alto
Achei meus amores — n'um rozal granado.

—Granado, enha filha, — branca e colorida.
(*Obras*, III, 270.)

E tambem:

Del rozal vengo, mi madre,
Vengo del rozale.

A ribeira d'aquel vado
Viera estar rosal granado,
Vengo del rosale.

A ribeira d'aquel rio
Viera estar rosal florido,
Vengo del rosale.

Viera estar rosal florido,
Cogi rosas con suspiro.
Vengo del rosale.
(T. II, p. 481-482.)

Eis uma *Serranilha* de Pero Gonçalves de Porto Carrero (Monaci, p. 11.) cujo typo estrophico é exacto e conforme com as de Gil Vicente:

Porto Carrero

O anel de meu amigo
Perdi-o sol-o verde pino;
E choro eu, bella.

O anel de meu amado
Perdi-o sol-o verde ramo;
E chor'eu bella etc.

Gil Vicente

Já não quer minha senhora
Que lhe fale em apartado.
Oh que mal tão alongado.

Minha senhora me disse
Que me quer falar um dia.

Agora por meu peccado
Disse-me que não podia
Oh que mal tão alongado.

Minha senhora me disse
Que me queria falar...

Agora por meus peccados
Não me quer ver nem olhar.
Oh que mal tão alongado

Agora por meu peccado
Disse-me que não podia.

Ir-me-hei só pelo mundo
Onde me levar a dita.
Oh que mal tão alongado.
(T. II, 444.)

O mesmo espirito da *Serranilha* de Pedro Garcia Burgualez *(Cancioneiriuho,* n.º XXVII) se encontra em uma outra analoga conservada por Gil Vicente:

Pedro Garcia Burgualez	Gil Vicente
Ay madre, bem vos digo, Mentiu-me o meu amigo; Sanhuda and'eu!	Que sanhosa está la niña, Ay Dios, quien le hablaria?
Do que m'houve jurado; Pois mentiu-me por seu grado. Sanhuda and'eu, etc.	En la sierra anda la niña Su ganado a repastar, Hermosa como las flores, Sañosa como la mar.
	Sañosa como la mar Esta la niña, Ay Dios quien le hablaria? (T. I, p. 46).

No seculo XVI, quando os nossos poetas obedeciam á dupla influencia da eschola hespanhola e italiana, tambem foram á poesia popular buscar *Motes velhos,* glosando-os em diversas voltas, ou contra-fazendo-as ao gosto do vulgo. Sá de Miranda traz uma cantiga que era «*cantada pelas ruas em dialogo:*

N'aquella alta serra—me quero ir morar,
Quem me bem quizer—lá me irá buscar.

Camões traz além de muitas outras este *Mote velho,* que tambem Francisco Rodrigues Lobo glosou, e que ainda no seculo XVII se reproduzia em folhas volantes:

Na fonte está Leonor
Lavando a talha e chorando
A's amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

No seculo XVII tambem se deu ás Coplas da *Menina fermosa* uma fórma litteraria contrafeita; mas a feição popular prevaleceu na tradição, e ainda hoje se repete na *Linda Pastorinha.* O gosto do povo portuguez pela antiga *Serranilha,* em arte menor, facilmente fez acceitar no seculo XVIII a *Modinha,* genero insipido de um lyrismo convencional, proprio para servir de pretexto a uma musica aflautada e sem expressão, fóra de um ridiculo sentimentalismo.

Depois de termos analysado o ensaio dos *Canti antichi portoghesi,* e sobre tudo o problema da origem popular de certas canções, copiamos aqui estas preciosas palavras do snr. Monaci: «Ma di ciò (a questão do elemento popular) si potrà meglio discutere quando sia compita *la pubblicazione dell' intero Canzioniere Vaticano, che ora* sto preparando insieme al distinto filologo portoghese F. Adolfo Coelho.»

(p. x.) N'este ensaio já o snr. A. Coelho foi consultado: « Più d'uno di questi emendamenti li debbo al mio carissimo amico F. A. Coelho ». (p. xi.) A collaboração d'este introductor da sciencia da philologia comparada em Portugal é uma garantia segura para que a edição do grande manuscripto da Vaticana seja perfeita.

THEOPHILO BRAGA.

BOLETIM

Revue critique d'histoire et litterature publiée sous la direction de MM. M. Bréal, G. Monod, C. Morel, G. Paris. N.° 5-12. — *The Gulistan of schaikh Muslihu 'd dîn Sa 'dî of Shîrâz:* a new edition, by John Platts. — *Nomina geographica. Versuch einer allgemeinen geographischen Onomatologie,* von Dr. J. J. Egli. — *Die Methode der Aristotelischen Forschung in ihrem Zusammenhang mit den philosophischen Grundprincipien des Aristoteles dargestellt* von Dr. Rudolf Eucken. — *Gustav Adolf,* von G. Droysen. 2.ter Band. — *Kulturgeschichte des sechzehnten Jahrhunderts,* von Karl Grün. — *Études sur l'Antiquité historique,* par F. Chabas. — *Grammatici latini* ex recensione Henrici Keilii. Supplementum. — *Handbuch der historischen Chronologie des deutschen Mittelalters und der Neuzeit,* von Dr. H. Grotefend. — *Geschichte der Reformation in Polen,* von O. Koniecki. — *Acta publica. Verhandlungen und Correspondenzen der schlesischen Fürsten und Stænde,* Jahrgang 1620, herausg. von Dr. Hermann Palm. — *Recherches sur l'Orfévrerie et la bijouterie dans l'Amienois,* par F. Pouy. — *Saggio di fiabe e novelle popolari siciliane,* raccolte da Giuseppe Pitré. — H. Grassmann. *Wœrterbuch zum Rig-Veda.* 1. Lieferung. — *Epigrammatum anthologia palatina, etc.* Annotatione inedita Boissonadii, Chardonis de la Rochette, Bothii, etc., et apparatu critico instruxit Fred. Dübner. — *Senatus-consulte inédit,* par P. Foucart. — *Collection de documents inédits sur l'histoire de France. Recueil des lettres missives de Henri IV.* T. VIII. Supplément publié par J. Guadet. — W. D. Whitney. *Oriental and linguistic studies.* — *Études sur les composés syntactiques en grec.* Par M. F. Meunier. — *Histoire d'Allemagne. Origines de l'Allemagne et de l'empire germanique,* par J. Zeller. — *Beobachtungen über die Construction der lateinischen Zeitpartikeln* antequam *et* prinsquam, von H. S. Anton. — *La consolation philosophique de Boèce.* Nouvelle trad. par C. E. Rathier. — *Un procès d'histoire littéraire. Les poésies de Clotilde de Surville.* Études par M. Antonin Macé. — *Clotilde de Surville et ses poésies,* par Henry Vaschalde. — *Christian von Anhalt,* von Dr. Julius Krebs. — *Geschichte der evangelischen Kirche in Boehmen,* von Bernhard Czerwenka. 2.ter Band. — Variétés: *Le voca-*

bulaire illustré des mots usuels français, anglais, allemands, par Armand Le Brun, H. Hamilton, e G. Heumann. — C. Cappeler. *Die Ganachandas. — Die Lehre von der Weltseele bei den Arabern im X. Jahrhundert,* von Dr. Fr. Dieterici. — *Géographie de Strabon.* Trad. nouvelle par Amédée Tardieu. Tome 2.me — *Jahrbücher des fränkischen Reiches. Die Zeit Karl Martells,* von Th. Breysig. — *Jahrbücher des fränkischen Reiches unter Kœnig Pippin,* von L. Œlsner. — *Robert der Tapfere, Markgraf von Anjou, der Stammvater des Kapetingischen Hauses,* von Dr. Phil. K von Kalckstein. — *Die Eroberung Preussen durch die Deutschen,* von Albert Ludwig Ewald. Erstes Buch. — *Défense de Voltaire contre ses amis et contre ses ennemis,* par Courtat. — *Bildung und Mannszucht im deutschen Heere. — Rhétorique et Prosodie des langues de l'Orient musulman,* par M. Garein do Tassy. — *Voyage archéologique en Grèce et en Asie-Mineure,* par Philippe Le Bas et W. H. Waddington. 2.me partie. Fasc. 1. — *C. Lucili Saturarum reliquiae, emendavit et adnotavit* Lucianus Müller. — *Istorija Albigaitsov. Pervaïa inqvisitsia, sotchinenie* N. Osokina. — *Œuvres en prose d'André Chénier.* Nouvelle ed. Par Becq de Fouquières. — *Œuvres de François de Pange,* publiées pour la première fois par M. Becq do Fouquières. — *Artikel V,* von Dr. Edgar Bauer. — *A comparative Grammar of the modern aryan languages of India,* by John Beames. Vol 1. on sounds. — *Éloquenee politique et judieiaire à Athènes,* par Georg Perrot. 1.e partie. Les Précurseurs de Démosthène. — *Zur Texteritik der Nibelungen,* von Konrad Hofmann. — *Cardinal Salm und seine Friedenswerke,* von Dr. Feill.

Zeitschrift für bildende Kunst mit dem Beiblatt: *Kunst-Chronik* und *Mittheilungen der Gesellschaft für vervielfältigende Kunst* (Wien). Leipzig, 1873. N.° 5-8. — G. Guttenberg, *Die Sammlung des Sir. Richard Wallace im Bethnal Green Museum zu London.* — W. Bode, *Skizzen eines italienischen Malers vom Ausgang des dreizehnten Jahrhunderts in einem Codex der Bibliotek zu Wolfenbüttel.* — G. Keletti, *Karl Markó der Aeltere* (Schluss). — Fr. Müller, *Meisterwerke der Kasseler Gallerie, XVII. Landschaft von Rembrandt.* — R. Zimmermann, *Winckelmann.* — H. Hettner, *Heinrich Knopf;* ein Plattner? (seculo XVI). — G. Guttenberg, *Die Sammlung,* etc. (Wallace; forts.) Anton Springer, *Quellenschriften für Kunstgeschichte:* a) *Das Buch von der Kunst* von Cennino Cennini, übersetzt, mit Einleitung, Noten und Register versehen von Albert Ilg. Wien, 1871. b) *Aretino oder Dialog über Malerei* von Lodovico Dolce, übersetzt von Caj. Cerri, mit Einl. u. N. vers. v. R. Eitelberger. Wien, 1871. c) *Dürer's Briefe, Tagebücher und Reime,* übersetzt u. mit. Einl., Anmerk. u. s. w. vers. v. Moritz Thausing. Wien, 1872. d) *Heraclius, von den Farben und Künsten der Römer,* Text, Uebersetzung, Noten und Exeurse von Albert Ilg. Wien, 1873. (Estes quatro numeros *a, b, c, d,* são as quatro primeiras cadernetas da col-

lecção: *Quellenschriften für Kunstgeschichte und Kunsttechnik des Mittelalters und der Renaissance,* publicada por Eitelberger. e) *Ueber den kunsthistorischen Werth der Hypnerotomachia Poliphili* von Albert Ilg. Wien, 1872. f) *Dialogo di pittura di Messer Paolo Pino* (nova ed. por Max Jordan, Leipzig, 1872). — . . ., *Aus der Galerie der Ermitage* (Rembrandt, rad. Massaloff). — C. v. Lützow, *Frans Hals-Gallerie* (rad. Unger u. Vosmaer). — C. v. Lützow, *Ein lange verkanntes Porträt von Correggio im Belvedere zu Wien.* — R. v. Eitelberger, *Kunstgeschichtliches aus Verona.* — M. ., *Der Erzguss und seine Bearbeitung.* — M. Thausing, *Van der Kellen's holländisch flämischer Peintre-Graveur.* (Leipzig. Weigel, 1866-1871, livr. 1-5, fol.) — Fr. Müller, *Meisterwerke,* etc. (Kassel). — Alfred Woltmann, *Streifzüge im Elsass* (III art.) — G. Guttenberg, *Die Sammlung,* etc. (Wallace). — Albert Ilg, *Niccolo Alunno und die Schule von Foligno,* a proposito de: Adamo Rossi, *I pittori di Foligno.* (Perugia, 1872, 8.°, 66 pag.)

Kunst-Chronik (Beiblatt). 1873. N.os 17-33. — S. ., *Die grossherzoglichen Kunstsammlungen in Schwerin.* — . . ., *Die Dresdener Kunstsammlungen.* — A. Woltmann, *Eine Holbein-Zeichnung.* — Dr. A. Rosenberg, *Das Parisurtheil in der Kunst des Mittelalters.* — Max Bach, *Denkmale deutscher Kaiser.* — R. ., *Ein Selbstbildniss von Bartol. Passerotti* (s. XVI). — A. Rosenberg, *Die Baugeschichte Berlins von Alfred Woltmann* (Berlin, 1872, 2.da ed. crit. fav.) — A. Rosenberg, II. *Die Baugesch.,* etc. — Dr. Isidor, *Venetianisches Kunstleben* (pintura tristissima da actualidado.) — A. Woltmann, *Zu A. Rosenberg's Aufsatz über das Paris-Urtheil.* — B. M., *Henri Regnault's Salome.* — Dr. O. Eisenmann, *Der neue. Katalog der Darmstädter Galerie.* — A. S., *Die Kunstgeschichte auf den Gymnasien.* — Bruno Meyer, I. *Eduard Magnus und die Magnus-Austellung in Berlin.*

Mittheilungen der Gesellschaft für vervielfältigende Kunst. 1.r Jahrg. Octob., 1872. N.° 1-4. (*Beilage,* gratis aos assignantes da *Zeitschrift*). — M. Thausing, *Jan Van Eyck's Bildniss eines Unbekannten im k. k. Belvedere zu Wien,* Farben-Holzschnitt von. H. Paar. (Album, Heft v.) — Os outros assumptos pertencem ao expediente da dita sociedade.

Revue archéologique. Paris, aux bureaux de la rev. arch. Didier & C.ie, 1873, 14.e anneo, nouvelle série. III-V, Mars-Mai. — Th. Roller, *Saint-Clément de Rome* (suito). — J. de Witte, *Apollon, bronze d'ancien style, trouvé dans les environs d'Athènes.* — E. Miller, *Sur deux inscriptions grecques découvertes dans l'île de Thasos.* — Dumont, *Bas-relief votif à Apollon.* — Eug. Müntz, *L'atelier monétaire des comtes de Hanau-Lichtenberg, à Wœrth* (Alsace). — A. Lebègue, *Notes sur Skyros.* — Léon Heuzey, *Le Deuriopos et le cours de l'Érigon.* — H. d'Arbois de Jubainville, *Le Dieu gaulois Belenus, la déesse gauloise Belisama.* — Vassal, *Tumulus de la Tauride.* —

Abbé P. Th. Grasilier, *Mémoire sur un tombeau gallo-romain découvert à Saintes, en novembre 18[illegible]1.* — L. Quicherat, *Un vers de Cecilius traduit par La Fontaine.* — O. Rayet, *Documents extraits des archives du monastère d'Hagios Théologos à Patmos.* — Dumont, *Liste d'Éponymes athéniens, olympiades CLXXIX-CLXXXI.* — E. Miller, *Poëmes historiques de Théodore Prodrome.* — Ernest Desjardins, *Deux nouveaux cachets d'oculistes romains.* Un mot sur l'ouvrage de M. C. L. Grotefend intitulé: *Die Stempel der rœmischen Augenœrzte, 1867.* — R. F. Le Men, *Note sur la découverte de Vorganium, capitale des osisnaii (III Lyonnaise).* — Th. Roller, *Saint-Clément* (s. et fin). — G. Maspero, *Sur la stèle de l'intronisation trouvée au Djebel-Barkal.* — Ernest Desjardins, *Vorgium et Vorganium.* — Dumont, *Inscriptions céramiques de l'île de Chypre,* lettre de Colonna-Ceccaldi. — Alexandre Bertrand, *Deux mors de cheval en bronze* (Mœringen et Vaudrevanges). — E. Renan, *L'inseription de Mescha,* lettre à M. George Perrot. — George Perrot, *L'art de l'Asie mineure, ses origines, son influence.* — E. Miller, *Poëmes historiques de Th. Prodrome* (suite).

Jahrbuch für romanische und englische Sprache und literatur. Begründet im Verein mit Ferdinand Wolf von Adolf Ebert, herausgegeben von Dr. Ludwig Lemcke. Neue Folge. 1 Band (der ganzen Reihe XIII. Band). 1. Heft. Leipzig, Druck und Verlag von B. G. Teubner. — *Die Quellen von Jehan de Nostradamus.* Von Bartsch. — *Li romans de Durmart le galois.* Von Foerster. — *Kaiser Constantinus als betrogener Eheman.* Von A. Tobler. — *Jaquemet Saquesep.* Von demselben. — *Zu den Fierabras-Handscriften.* Von G. Gröber. — *Kritische Anzeige.*

RECTIFICAÇÃO

O que dissemos a p. 177, linha 20 e seg. teria sido omittido se conhecessemos então o opusculo de M. Abel Hovelacque *Note sur la prononciation et la transcription de deux sifflantes sanskrites* (Paris, Maisonneuve et C.[ie] 1869), que depois da publicação do fasciculo VI da *Bibl. erit.* nos foi obsequiosamente remettido de Paris.

F. A. C.

ERRATUM

A pag. 221, linha 24 onde se lê *estungam* leia-se *esburgam.*

No fim do volume será publicada uma tabella das erratas de todos os fasciculos que o constituem.

43.—**Beitraege zur Textkritik der Lusiadas des Camões.** Habilitationsschrift von dr. Carl von Reinhardstoettner. München. 1872. In-8.° 46 pp.

A epopêa de Camões, tanto pela epocha em que foi escripta, como pelo espirito litterario que a inspira, não offerece á critica a minima difficuldade de interpretação emquanto ao sentido intimo, ás allusões politicas, ás intrigas pessoaes contemporaneas; Camões tirou o interesso do seu poema dos factos historicos mais imponentes, mais conhecidos; a sua epopêa é clara como o facto da descoberta do Oriente. Ao passo que se estuda o sentido exterior da *Divina Comedia,* de *Pentagruel* ou de *D. Quijote,* os *Lusiadas* não se prestam a nenhum d'estes trabalhos dos commentadores mysticos. Não se póde dizer outro tanto emquanto á intelligencia litteral do texto; Camões escreveu o seu poema nas prisões, no desterro, nas viagens longas e na indigencia quasi; fez uma epopêa academica, emquanto aos moldes virgilianos, mas até certo ponto com a espontaneidade primitiva que lhe foi suscitada pela sua posição e actividade de heroe. O texto dos *Lusiadas* foi escripto sobre fundas reminiscencias classicas, mas sem recursos eruditos; teve diversas *variantes* manuscriptas correspondentes pelo menos a duas elaborações, e finalmente teve a impericia dos impressores do seculo XVI e até certo ponto a irreverencia do Santo-Officio, que corromperam o texto do poema. Essas restituições que a critica tem a fazer, são por conseguinte: estabelecer um rigoroso systema de pontuação, até aos nossos tempos desprezado por todos os editores, d'onde resultava a confusão contínua das narrações com as descripções, e ao mesmo tempo das diversas personagens que intervem na acção; em segundo logar uma grande quantidade de estrophes mal construidas, e que repugna acceitar como de Camões, o primeiro e o mais perfeito dos poetas lyricos portuguezes do seculo XVI; por ultimo alguns versos sem sentido, por causa da omissão casual de alguma palavra. Para restaurar o texto de Camões, fez Castilho para seu uso uma correcção arbitraria, do mesmo modo que no seculo passado fez Filinto Elysio, inventando um manuscripto authentico dos *Lusiadas,* que elle projectava vender a algum camonianista. Este recurso está fóra de todos os processos scientificos, e não ha bastantes palavras de condemnação para o repellir.

A critica tem que trabalhar da seguinte fórma: assentar a lição definitiva dos *Lusiadas,* comparando a primeira edição de 1572 com a segunda, publicada n'esse mesmo anno; fixada esta lição princeps, restituir o sentido e a perfeição de cada verso procurando as suas fórmas nas fontes primitivas. Estas fontes são o manuscripto do primeiro canto dos *Lusiadas* copiado por Luiz Franco Correia, em 1557, e que hoje existe na Bibliotheca publica de Lisboa; depois consultar as variantes recolhidas por Manoel de Faria e Sousa, de um exemplar dos primeiros seis cantos dos *Lusiadas,* que pertenceu ao licenciado e amigo de Camões, Manoel Correia Monte-Negro. O primeiro canto, copiado por Luiz Franco, já estava escripto em 1555,

como se deprehende dos versos de João Lopes Leitão; os seis cantos de Manoel Correia foram a parte que Camões escreveu até ao seu regresso de Macáo, por isso que allude ao seu naufragio e prisões. Ha um terceiro manuscripto achado por Faria e Sousa em Madrid, por ventura aquelle sobre que se fez a edição de 1572. Com o auxilio das variantes recolhidas d'estes tres manuscriptos chega-se a apurar cabalmente o texto dos *Lusiadas* sem o perigo da restituição arbitraria.

Quanto ás edições impressas, póde-se em geral dizer que rarissimas são as que tiveram em vista restituir os *Lusiadas* á sua integridade. Faria e Sousa foi o primeiro que agrupou em volta do poema as estancias omittidas por Camões. A sua edição, carregada de commentarios apparatosos de erudição banal, bem poderia ser mais cheia de factos para elle no seculo XVII faceis de adquirir, quando ainda existia o cartorio da Casa da India. Depois de Faria e Sousa, a edição critica feita intencionalmente foi a de João Franco Barreto; ainda assim as suas correcções são arbitrarias, e tem ella descuidos, que talvez se devam attribuir á impericia da arte typographica entre nós, como no canto V, a omissão de sete outavas intermediarias á 91 e 99. O snr. Reinhardstoettner não teve ao seu alcance esta edição, que é sempre consultada com vantagem. O mesmo defeito das correcções arbitrarias se encontra em Ignacio Garcez Ferreira; em 1779 é que o poema dos *Lusiadas* encontrou no padre Thomaz José de Aquino um critico intelligente; d'esta edição se serviu quasi sempre o bibliophilo Barreto Feio na sua edição de Hamburgo, dizendo que se serviu para base do seu texto da segunda de 1572, que encontrou em Paris. De todas as edições a verdadeiramente scientifica era a do padre Thomaz José de Aquino, até que o snr. visconde de Juromenha publicou a sua, seguindo o texto de 1572, emendado por Camões, e agrupando no fim do poema todas as variantes notaveis das edições subsequentes. Infelizmente o dr. Carl Reinhardstoettner tambem não teve ao seu alcance esta edição, que está sendo agora reproduzida na casa Brockhaus.

O opusculo do snr. Reinhardstoettner, hoje professor de lingua e litteratura portugueza na eschola superior polytechnica de Munich, é escripto com aquelle methodo e sã critica que era d'esperar d'um homem educado na grande eschola de philologia romanica fundada pelo immortal Diez. Conhece-se que o auctor poderia ter feito melhor se os elementos necessarios não lhe escasseassem, mas o que elle fez merece já o nosso louvor.

Elle classifica em quatro divisões os erros nas edições dos *Lusiadas:* a) a falta total d'uma orthographia exacta e coherente, com base historica, não sendo até a pronuncia das palavras inteiramente fixada; b) a conservação de evidentes erros typographicos; c) a má intelligencia de alguns latinismos e archaismos usados por Camões; d) a alteração do texto impresso pela queda ou deslocação de algumas lettras ou pequenas palavras. O snr. Reinhardstoettner exem-

plifica cada uma d'especies de erros e as suas observações são quasi sempre exactas, se bem que em geral pouca novidade offereçam, e provam um conhecimento aprofundado da nossa lingua. E' com immensa razão que elle nota a desordem e incoherencia da orthographia portugueza e em especial do texto camoniano; mas que fazer? A lingua portugueza nunca chegou a ter uma seria disciplina grammatical e em parte está nas condições d'um *patois;* ainda hoje ha bom numero de palavras cuja pronuncia é incerta e depende como tal do arbitrio de cada um. Observaremos ao que diz o auctor a pag. 15 que no grupo *ct,* o *c* é puramente um signal orthographico, sem valor phonetico, excepto nas palavras *facto, pacto,* para as distinguir de *fato, pato,* como já indicou F. A. Coelho (1). A orthographia etymologica tem reagido mais ou menos sobre a pronuncia desde o seculo XVI para cá e principalmente n'este seculo: o primeiro trabalho a fazer é determinar por todos os meios á nossa disposição qual era a pronuncia do tempo de Camões; sem isso não se pode chegar nunca a uma segura restituição do seu texto.

O perigo das interpretações conjecturaes vê-se sobretudo no processo da pontuação; por exemplo, Francisco Evaristo Leoni, interpreta os versos da est. 5.º do canto I:

> Os portuguezes somos do Occidente,
> Imos buscante as terras do Oriente

dizendo: «Não é possivel que Luiz de Camões dissesse *os portuguezes do Occidente,* como se alguns houvessem que fossem do Oriente.» E substitue arbitrariamente e contra as leis da grammatica:

> Os portuguezes somos; — do Occidente
> *Imos* buscando as terras do Oriente.

Se algum texto manuscripto tivesse *Vimos* em vez de *Imos,* tinha Leoni razão para prorompor n'esta phrase: «Só admira que ninguem até hoje advertisse n'um erro tam facil de notar e de corrigir.» O dr. Reinhardstoettner tambem propõe esta restituição do texto do canto I, est. 2:

> E tambem as memorias gloriosas
> D'aquelles Reis, *que foram dilatando*
> *A Fé, o Imperio,* etc.

propondo que o artigo *A* se substitua pela preposição *A'*, e devendo lêr-se:

> D'aquelles Reis *que foram dilatando*
> *A' Fé o Imperio,* etc.

(1) *A lingua portugueza,* p. 66. Coimbra, 1868.

*

A variante é engenhosa, mas não verdadeira; como o auctor mesmo nota, os portuguezes não buscavam só estender o dominio da Fé catholica; procuravam só estender pela conquista o dominio portuguez e só como theoria politica é que justificavam a invasão com a missão evangelisadora. A idea do Imperio representa esse sonho de grandeza politica, que quasi todos os povos tiveram no seculo XVI, e que é conhecido pelo nome do *Monarchia universal;* na utopia da monarchia universal, derivada em grande parte das prophecias de Daniel, predominava a crença de que a unidade politica produzia a unidade religiosa; uma só *Fé e um só Imperio* era a divisa; a Fé, representa o *Catholicismo* imposto pelo dogmatismo; o *Imperio* representa o poder monarchico consolidado no cesarismo. Portanto não é admissivel a restituição do critico allemão, por que tirar á palavra *Imperio* o sentido particular que lhe ligavam no seculo XVI os utopistas monarchicos, é falsificar a idea historica que predomina nos *Lusiadas.* Camões adoptou a idea da monarchia universal, já desde 1542 propagada nas Prophecias populares de Bandarra. No canto I, est. 24; no cant. II, est. 44 e 46; no canto VII, est. 14, allude o poeta a Portugal como realisando o ideal do *Quinto Imperio* do mundo.

Em summa o methodo seguido pelo critico allemão é no todo excellente, e ainda que o seu trabalho não tivesse outro merito senão o da novidade, bastava isto para ensinar a fazer sobre o texto dos *Lusiadas* o mesmo que os philologos do seculo XVI começaram a fazer sobre os classicos gregos e romanos (1). Ao revêr o texto dos *Lusiadas* para a edição popular de 1869, durante a leitura das provas, fomos fazendo reflexões criticas pela comparação das diversas edições. Aqui as reproduzimos, comquanto ellas abracem apenas os 6 primeiros cantos, para se vêr como é justa a importancia que o critico allemão soube ligar a uma analyse litteral da epopêa. Esse pequeno estudo pode servir d'ensejo a melhor.

CANTO I

E em perigos (v. 5, est. I.) Nas duas edições originaes vem: *Em perigos.* Faria e Sousa emendou: *Que em perigos,* lição adoptada pelo padre Thomaz de Aquino e anteriormente por João Franco Barreto. A lição de Barreto Feio, adoptada no texto é a mais pura e razoavel, attendendo não só que ha uma conjucção no verso 7 d'esta estrophe mal collocada na segunda edição, senão tambem que a estancia seguinte principia por uma conjucção correlativa da primeira.

Gente vossa, a que Marte tanto ajuda (v. 6, est. 5.) Em quasi

(1) Sabemos que o snr. Reinhardstoettner prepara uma segunda edição emendada e muito augmentada do seu opusculo. E' de crer que elle empregue todos os exforços para haver á mão a edição Juromenha.

todas as edições que seguiram as duas primeiras, vem este verso errado por esta forma:

Gente vossa, que a Marte tanto ajuda.

Como se Marte recebesse ajuda, sendo pelo contrario elle o que ajudava essa gente. Barreto Feio na sua edição de Hamburgo emendou tirando a preposição como inutil, mas o texto puro n'este ponto é o de Franco Barreto, que adoptamos, onde uma simples mudança da preposição em pronome torna o sentido verdadeiro.

Vós (que esperamos) jugo e vituperio (v. 5, est. VIII.) Em todas as edições não se encontram estes paronthesis, que restituam o sentido da phraso. N'esta invocação, em que o poeta falla a Dom Sebastião, a expedição do Africa ainda estava em projecto; por isso *esperava-se* que o monarcha fosse jugo o vituperio do Ismaelita. Nas outras edições mais puras, a phraso de Camões torna-se prophetica, porque já *esperava* jugo e vituperio.

Entre todos as partes em porfia (v. 2, est. 36.) Franco Barreto na sua edição critica traz *todas as partes*. Barreto Feio corrigiu melhor dizendo, todos *as partes*, que eram aquellas cousas quo so porfiavam entre todos.

Porque em fim vem de estamago damnado (v. 6, est. 39.) Conservamos *estamago* usado por Franco Barreto, que significa indole, inclinação, em vez do *estomago* quo tem uma significação muito precisa na forma moderna, e quasi toda anatomica. E' preciso não alterar a côr poetica da lingua, e não a modernisar n'estes monumentos.

Cortava o mar a Gente bellicosa (v. 3, est. 42.) Adoptamos a letra grande na palavra gente, para intelligencia do texto, por isso quo o heroe do poema é complexo, é o Peito Lusitano, a Gente portugueza, e não Vasco da Gama, como se prova com o canto v.

O Pado o sabe, e Lampethusa o sente (v. 8, est. 46.) Na edição do Padre Thomaz do Aquino vem: «O *Padre* o sabe» o não faz monção nas erratas. Seguimos Franco Barreto, em harmonia com a mythologia.

Por armas tem adargas e terçados (v. 6, est. 47.) Em quasi todas as edições tem adagas em vez de adargas. Franco Barreto, que estudou o texto do Camões, escolheu *adarga*. Camões, descrevendo as armas dos africanos, devia escolher essa arma defensiva, a quo os arabes chamaram *addara*, que era um escudo do couro. Os nossos philologos tem querido todos provar que os antigos escriptores da lingua usaram promiscuamente *adarga* e *adaga*, mas não é assim. Pode vêr-se em Moraes tractada esta differença das duas palavras.—Barreto Feio adoptou n'este ponto a lição de Franco Barreto.

De Quilôa, Mombaça e de Sofala (v. 4, est. 54.) Na edição do Padre Thomaz de Aquino e Barreto Feio, vem «De Quilôa, do Mombaça o de Sofala» o que é um verso errado. Seguimos a lição do Franco Barreto, como mais pura.

O Regedor das Ilhas que partia (v. 8, est. 59.) Esta outava é oncadeada com a seguinte, que começa pela palavra com quo a antecedente acaba, ao gosto provençal.

O imperio tomar a Constantino (est. 60, v. 8.) Na maior parte das edições vem: o Imperio *tomaram* a Constantino; repetem-no Padre Aquino, e Barreto Feio. Porém Franco Barreto, philologo do seculo XVII, traz a lição que adoptamos, aonde a idea do passado se acha no preterito perfeito *vieram tomar*. E poupa-se um verso errado.

Com adarga e com a haste perigosa (est. 87, v. 1.) E' a lição do Franco Barreto, e o verso está certo; nos outros textos vem *hastea*, como em Barreto Feio e Padre Thomaz d'Aquino.

O temor grande o sangue lhe resfria (est. 89, v. 6.) Franco Barreto traz: O temor grande o sangue *lhes* resfria, referindo-se a Mouros; porém o sentido mais puro é concordar com o coração dos Mouros, como diz o verso 5.

Estróe e mata (est. 90, v. 2.) Assim traz Franco Barreto; na versão do Barreto Feio vem *estrue*, menos correcto.

A pedra, o pau, e o canto arremessando (est. 91, v. 3.) Assim traz este verso Franco Barreto; *canto* e pedra são synonimos na linguagem de Camões e Diogo do Couto; porisso parece natural que o poeta se não quizesse repetir e antes dissesse pau, e *conto* arremessando, que é a parte do pau que serve para desviar na dianteira. Respeitamos o texto.

Que em figura de paz lhes manda guerra (est. 94, v. 4.) Barreto Feio e Franco Barreto trazem o pronome no singular, quando deve concordar com Lusitanos. Se se defendessem com a concordancia do Capitão, o verso sete refutava-os.

Que não se arme e indigne (Est. 106, v. 7.) Assim em Franco Barreto, subentendendo o *se*.

CANTO II

Doto c'o peito corta e atravessa (v. 2, est. XX.) A edição de João Franco Barreto, traz *Cloto* em vez de *Doto*, porque entendia ser uma das tres parcas, como explica no seu diccionario camoniano. O Morgado de Matheus, reproduzindo os erros da edição primeira de 1572, restituiu a fórma adoptada, que é a unica verdadeira. *Doto* é uma nympha maritima, de que falla Virgilio na *Eneida*, livro 9, v. 102.

Da moça de Titão a roxa fronte (v. 8, est. 13.) Tal é a lição do Franco Barreto, emendando as duas primeiras de 1572; esta emenda é acceita geralmente.

Tendo o Gama attentado a estranheza (est. XXIX, v. 1.) E' assim que Franco Barreto traz; a edição de Barreto Feio, que copia fielmente a segunda edição de 1572, transcreve *Vendo o Gama*, erro que se reproduz geralmente.

E tornava de fogo a esphera fria (est. XXXIV, v. 8.) Lição de

F. Barreto; é logica e racional, e não como Barreto Feio que inverte o sentido. E tornava do fogo a esphera fria. O verso como o adoptamos, Venus *tornava do fogo* a esphera fria; na lição de Barreto Feio, Venus *á esphera do fogo* tornava fria.

Da alva petrina flammas lhe saíam (est. XXXVI, v. 5.) *Petrina,* segundo Faria e Sousa, significa cinto, e como tal se vê n'este logar de Camões; antes d'elle já a empregára Garcia de Resende na *Chronica de Dom João II,* c. 105; e mais tarde Jorge Ferreira de Vasconcellos na comedia de *Euphrosina* e nos *Triumphos de Sagramor.* Tambem se escreve *pretina,* e em algumas edições se encontra á maneira hespanhola. Barreto Feio dá-lhe uma etymologia arbitraria derivando do latim *petrinus,* cousa que tem pedras.

Que mostra o aggravado Lusitano (est. 55, v. 5.) Em todas as edições vem *mostra,* no preterito, quando o feito ainda pertencia ao futuro; Barreto Feio tomou a liberdade de corrigir: Que *mostrará* o agravado Lusitano, fundando-se em que o Estreito de Magalhães estava por descobrir no tempo em que este vaticinio se dá, e que no Canto X, est. 138, tambem se presagia. Ora como é um Deos que falla suppõe-se que nada lhe é desconhecido, e portanto não ha anachronismo; e como á divindade tudo é omnipresente, adoptamos esse sentido no texto, para evitar a dureza do verso, como o dá Barreto Feio.

De vigiar a noite que arreceia (est. 60, v. 6.) Franco Barreto traz *receia,* menos conforme com o original antigo.

Mostrando a ruda força que se estima (est. 65, v. 8.) Franco Barreto traz rude, evitando a amphibiologia *arruda;* porém deve-se conservar esta fórma da linguagem.

A vida em salvo escapa por acêrto (est. 67, v. 8.) Franco Barreto traz: A vida *escapa em salvo* por acêrto, em opposição com as outras edições, mas para evitar arbitrariamente uma tautologia.

Quanto a gente fortissima o merece (est. 75, v. 4.) Franco Barreto supprimiu o pronome, menos correctamente.

E gallinhas domesticas cevadas (est. 76, v. 6.) Franco Barreto traz assim este verso, que Barreto Feio emendou: «E gallinhas domesticas, cevadas», que produz a amphibiologia de tomar gallinhas *gordas,* por gallinhas e cevada.

Deixando a frota em algum porto ou praia (est. 83, v. 8.) E' esta a lição de Franco Barreto.

Mas se lhe o regimento não consente (est. 87, v. 5.) Todas as edições trazem *lhe o,* quando não é preciso aqui o pronome demonstrativo.

Não faltam ali os raios de artificio (est. 90, 1.) Franco Barreto emendou: *Não faltam ali raios de artificio.*

Os animos alegres resoando (est. 100, v. 2.) Franco Barreto traz *resoando,* emendando as edições antigas.

CANTO III

Este quiz o ceo justo que floreça (est. 20, v. 5.) Franco Barreto traz *Esta,* concordando talvez remotamente com *cabeça*. Não se deve acceitar.

E n'ella então os incolos primeiros (est. 21, v. 8.) Devo corrigir-se a lição do Franco Barretto *n'elle,* porque não tem nome masculino a que se refira.

Veiu-a fazer no mundo tanta parte (est. 22, v. 7.) Franco Barreto supprime o pronome demonstrativo: *Veiu a fazer, etc.*

A muitos fez perder a vida e a terra (est. 23, v. 4.) Assim vem na 2.ª edição de 1572, que Franco Barreto alterou, *a vida e terra.*

Do Herculano Calpe (id., v. 6.) Franco Barreto traz erradamente *de Herculano Caspe.*

Franco Barreto faz o parenthesis só no segundo verso da est. 29, erradamente.

Est. 29, v. 6 e 7. Franco Barreto alterou estes dois versos assim:

> Dizendo, que *das* terras a grandeza
> *E o* senhorio todo só *seu* era.

mais claro e melhor metrificado, mas não conforme com a lição authentica de 1572.

Mas de Deos foi vingada em tempo breve (est. 33, v. 7.) Esta vingança de Deos não se entende com o que se relata na estropho seguinte, mas sim com a legenda que narra como D. Thereza rogou uma praga ao filho para elle quebrar as pernas, o que lhe aconteceu, como se conta nos Monumentos historicos.

A alevantar com elles a fiança (est. 38, v. 2.) Franco Barreto adoça o verso supprindo *a*-levantar.

Uns caem meio morto (est. 50, v. 7.) Lição de Franco Barreto adoptada pela sua correcção. As outras edições trazem *meios mortos.*

C'os ciumes da vacca arreceosa (est. 66, v. 6.) Franco Barreto traz este verso alterado: C'os ciumes *das vaccas receiosas.*

Que a faz (est. 68, v. 8.) Franco Barreto traz *Que a fez.*

Fez teu sogro de ti vitoria indina (est. 76, v. 4.) Na primeira edição vem *vittoria dina,* que Faria e Sousa emendou pela variante manuscripta, e que Franco Barreto adoptou.

Posto que o frio Phasis (est. 71, v. 5.) Franco Barreto traz o *frio Fasis.*

(Est. 75, v. 5.) *Sancho do exforço e animo sobejo,* segundo F. Barreto.

Os trabalhos, os annos ao socego (80, v. 2.) Lição de Franco Barreto.

Os golpes do seu braço em vão provaram (85, 8.) Erro do Franco Barreto.

Que de outrem quem mandava, era mandado (est. 91, v. 4.) Franco Barreto traz *que mandava.*

Este que Affonso o Bravo se chamou (est. 94, v. 5.) Franco Barreto traz assim *Este Affonso o Terceiro se chamou.*

Viuva e triste, e posta em vida escura (est. 104, v. 87.) Franco Barreto supprimiu a conjuncção, que é uma belleza poetica.

De teus annos colhendo doce fructo (est. 120, 2.) Franco Barreto adoçou o encontro das duas consoantes: colhendo o doce fructo.

Feros vos amostraes e cavalleiros (est. 130, v. 8.) Franco Barreto alterou este verso: *Ferozes vos mostraes e cavalleiros?*

CANTO IV

Como a Samsão hebreio de guedelha (est. 12, v. 2.) Franco Barreto traz *hebreo*, que torna o verso coxo.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes (est. 18, 1.) Franco Barreto supprime o pronome demonstrativo.

Dos membros corporaes da vida cara (est. 29, 8.) Franco Barreto traz dos membros corporaes a vida cara, visivelmente alterado da primeira edição, mas conforme com a lição manuscripta.

Armou d'elle os soberbos moradores (est. 11, v. 7.) Nas duas edições de 1572 em vez de moradores vem *matadores;* porém Faria e Sousa emendou pelo original manuscripto que descobriu. Franco Barreto adoptou a emenda e Barreto Feio a sustenta contra o Morgado de Matheus.

Veneeram esta gente tão guerreira? (est. 16, v. 4.) Nas duas edições de 1572, e na de João Franco Barreto vem: *Vencestes esta gente tão guerreira.* Porém Faria e Sousa no manuscripto dos Lusiadas encontrou *Veneeram,* que é mais correto e puro logica e grammaticalmente.

É maior muitas vezes que o perigo (est. 29, v. 4.) Barreto Feio na sua edição de Camões sustenta que em vez de *maior* se deve de escrever *menor,* principalmente pela antinomia que se dá com o resto da estancia. É justa a observação; não se altere o texto, mas fique a variante proposta para o leitor erudito.

Que nas guerras Civis de Julio e Magno (est. 32, v. 8.) Isto é Julio Cesar e Pompeu Magno. Nas primeiras edições vinha *Julio Magno,* que tornava o sentido obscuro. Faria e Sousa restituiu o texto, que Franco Barreto não tinha adoptado.

Porfiam; tinge o ferro o sangue ardente (est. 39, v. 5.) Todas as edições trazem: *tinge o ferro o fogo ardente* em vez de *sangue,* como vem no manuscripto descoberto por Faria e Sousa, e que pertencera a Manoel Correia Monte-Negro. Barreto Feio adoptou a emenda, apesar da pouca auctoridade do ms. de Monte-Negro; em todo o caso a emenda é mais logica e racional.

Do ceo supremo quiz que povoasse (est. 50, v. 4.) Franco Bar-

reto traz *provasse,* faltando assim uma syllaba ao verso; só se acceitaria se fosse *poborasse;* forma antiga.

Tangere populoso e a dura Arzilla (est. 55, v. 8.) Franco Barreto faz Tangere femenina:

Tanger populosa, e a dura Arzilla.

Pelo illustrar no fim de tantos annos (est. 61, v. 7.) Traz Franco Barreto: *Para* illustrar.

Conquistado, no tempo que a luz clara (est. 67, v. 6.) Franco Barreto faz do artigo uma preposição, *á,* com que pretendeu conciliar a polemica que no seculo XVII se moveu entre o Licenciado Manoel Pires de Almeida e o Doutor João Soares de Brito, sobre a hora em que Dom Manoel teve o *sonho,* dizendo o primeiro que foi ao anoitecer e o segundo sobre a madrugada. Barreto Feio ainda sacrificou tres paginas a esta esteril polemica.

Vae buscar os abraços de Arethusa (est. 72, v. 8.) Franco Barreto traz este verso notavelmente desfigurado:

Vae *a* buscar *a braços* de Arethusa.

Nem a mãe, nem a esposa neste estado (est. 93, v. 2.) Franco Barreto traz: Nem *á* mãe, nem *á* esposa, que facilita mais a intelligencia do texto, mas não é tão poetico.

Da edade de ouro tanto te privou (est. 98, v. 6.) Franco Barreto e todas as outras edições que não seguem o texto da segunda de 1572 trazem *Idade de ouro tanto te privou,* supprimindo a preposição.

Nunca juizo algum alto, facundo (est. 102, v. 5.) Todas as edições trazem *profundo,* que não é rima, mas a mesma palavra do verso terceiro; ainda assim a primeira é substantivo, o *profundo,* o inferno; a segunda é o adjectivo, juizo profundo, de alcance. Porém não era esta a mente do poeta, porque em um manuscripto do poema que descobriu Faria e Sousa, vem *facundo,* que Franco Barreto judiciosamente introduziu no texto.

CANTO V

Em cima d'elle uma nuvem se espessava (est. 20, v. 6.) Franco Barreto traz: Em cima d'elle nuve se espessava,—que é mais correcto.

Que segredos são estes da natura (est. 22, v. 8.) Não tem o sentido que lhe dá a proposição *de,* que Franco Barreto alterou.

A resposta lhe demos tão crescida (est. 33, v. 6.) Em quasi todas as edições, principalmente as que seguem a lição de Franco Barreto vem tão *tecida,* que é manifesto erro, introduzido na primeira edição de 1572. Faria e Sousa emendou este logar attribuindo-o a erro dos

impressores e copistas; porém dá a emenda como sua. Não a acceitariamos, se ella so não encontrasse na terceira edição dos *Lusiadas* feita por Manoel do Lyra em Lisboa em 1584, cinco annos depois da morte de Camões, lá vem

A resposta lhe demos tão *crescida*,

Na edição de 1613 vem tambem a lição correcta, que até ao presente só Barreto Feio seguiu fiado na auctoridade de Faria.

Liberal, cavalleiro, namorado (est. 46, v. 2.) Franco Barreto traz *namorado*, menos poetico.

Converte-se-me a carne em terra dura (est. 59, v. 1.) Franco Barreto traz *Converten-se-me*.

De lealdade firme e obediencia (est. 72, v. 8.) Franco Barreto traz: *Da lealdade*, etc.

Aqui de limos, cascas e d'ostrinhos (est. 79, v. 8.) Franco Barreto viciou esta passagem pondo *ostrinhas*, faltando á rima da outava.

Extranhos assi mesmo como aos nossos (est. 83, v. 7) Alterado nas edições que seguem a de Franco Barreto, d'esta forma:

Extranhos, assi mesmo, como nossos.

Agora julga, oh Rei, se houve no mundo (est. 86, v. 1) Este verso anda manifestamente errado na maior parte das edições modernas. Franco Barreto, o traz assim: *Julga tu agora Rey, se houve no mundo;* as edições que o seguiram trazem: *julgas agora, Rei*, etc. Faria e Sousa emendou pelas edições antigas, e o verso assim restituido á forma original foi acceito por Barreto Feio.

Athenas, Chios, Argo e Salamina (est. 87, 4.) Franco Barreto em vez de Chios, traz *Yos*.

Fingindo magas Circes, Polyphemos (est. 88, 3.) D'este epithoto magas, fez Franco Barreto uma entidade *Magos*, Circes, etc.

Vae recontando o povo, que se admira (est. 91.) Franco Barreto na edição do 1669, feita em Lisboa por Antonio Craesbeck de Mello, traz em vez d'esta outava a 99, omittindo por descuido as sete outavas intermedias.

CANTO VI

Já nos mares da India, e enxergavam (est. 6, v. 2.) Franco Barreto supprime a conjucção, o que altera o sentido do texto.

O invisibil Ar, que mais asinha (est. 11, 6.) O *invencivel* Ar, assim alterado na edição de 1669.

Mostra a fortuna injusta os seus poderes (est. 15, v. 4.) Na edição de Franco Barreto de 1669 falta o epitheto da fortuna; o verso ficou imperfeito.

Ostras e mexilhões de mar sujas (est. 18, v. 7.) Na primeira

e segunda edição de 1572, vem *Ostras e Camarões;* em outras edições, como na de Franco Barreto vem: *Ostras e berbigões.* Barreto Feio, vendo que o epitheto *sujo de musgo* não competia a uma nem a outra lição, adoptou a variante que vem no primeiro manuscripto dos Lusiadas achado por Faria.

O mal tambem a deoses, que a segundo (Est. 33, 6.) Franco Barreto supprime esta expletiva tanto do genio da nossa lingua. No canto v diz Camões *A* segundo a policia melindana. Em Gil Vicente, e na canção de Egas Moniz so emprega no mesmo sontido.

Mas esfregando, os membros estiravam (Est. 39, v. 6.) Quasi todas as edições, tomando a de Franco Barreto como modelo, seguem: *Mal esfregando,* significando *mal* apenas e a custo; nas primeiras edições vem: *Mas,* adversativa adoptada no texto. As primeiras edições trazem *estregando,* que segundo Faria e Sousa e Barreto Feio, é erro typographico.

THEOPHILO BRAGA.

44.—**Michael Bernays,** Zur Entstehungsgeschichte des Schlegelschen Shakespeare. Leipzig, Verlag von S. Hirzel 1872. 8.°, VI-260 pp.

Aos allemães so deve sem duvida o grande merito de ter reconhecido desde os primeiros tempos o valor poetico do celebre Shakespeare; por isso são elles que com os inglezes teem feito mais para a interpretação o restabelecimento do texto do immortal poeta. A litteratura sobre Shakespeare e sobre Dante formam uma grande parte das bibliothecas publicas, e como é tão extensa já podemos olhar como um merito ter uma lista bibliographica como Fr. Thimm *(Shakespeariana from 1564 to 1864.* 2nd edition containing the litterature from 1864 to 1871) nos deu. Não obstante cada anno produz novos livros sobre o «cisne do Avon», e podemos chamal-os agradaveis se tratam um assumpto positivo, como o livro indicado de Bernays, o não contém sempre e sempre um elogio do poeta, segundo as ideas do auctor que não póde ser senão um termo medio entre os louvores de quasi todos e os vituperios de Guss. Rümelin *(Shakespearestudien,* Stuttgart, Cotta 1864.) O livro do Bernays é um estudo para a historia da litteratura allemã n'um ponto que está em relação com o poeta inglez.

Os allemães fizeram de Shakespeare um seu poeta, e isto principalmente pela traducção em verdade classica de *A. W. Schlegel.* (1767-1845). O livro de *Bernays* faz-nos ver a origem e os aperfeiçoamentos d'esta traducção, cujo valor é o mesmo como monumento de poesia e de hermeneutica.

Nos annos 1797-1801, appareceram em Berlim oito volumes que continham dezeseis tragedias de Shakespeare, aos quaes depois de

nove annos se seguiu um outro *(Richard III)*. Schlegel não poude conseguir mesmo a revisão da obra e por conseguinte muitos erros de impressão ficarão, entre os quaes alguns muito evidentes; até alguns versos se acham omittidos. Os manuscriptos que se conservam ainda e as cópias segundas, nos offerecem muitas provas de que estes erros não provéem do traductor, mas da imprensa; mas apesar d'isto ás vezes o manuscripto, a primeira edição e a segunda cópia são differentes, como v. g. no *The tempest* e no *Julius Caesar* (pag. 12); nos dramas que foram traduzidos mais tarde, estas differenças acham-se mais raramente, todavia em numero bastante consideravel de logares, de modo que Bernays conclue que a imprensa tem uma auctoridade mais respeitavel que mesmo o manuscripto, onde Schlegel o mudou no momento da correcção (p. 20.) Mas o manuscripto soccorre ao texto, quando todas phrases, alguns versos, algumas palavras faltam, ou se uma expressão do manuscripto é mais adequada ao original inglez que na edição. A's vezes no manuscripto acham-se mais traducções do mesmo logar, e na edição Schlegel não tem sempre adoptado a melhor.

A mulher de Schlegel, Carolina, sem duvida era interessada em copiar os primeiros trabalhos, e sabemos ao certo que isto se deu com *Romeo and Juliet* e *As you like it*.

Mais tarde Schlegel não fez nada pela sua obra. Tinha promettido fazer uma revisão da segunda edição que appareceu de 1838 até 1841; mas quando um só drama lhe deu um trabalho de quasi dous mezes não quiz completar a sua revisão, bem que o editor, G. Reimer, o sollicitasse muito. Assim a primeira edição ficou base desta; sómente foi o desejo de Schlegel *enttiecken* a sua obra, (livral-a das conjecturas de Tieck), de qual escreve em novembro de 1840 que alguma cousa boa póde achar-se nas suas mudanças, mas que é mui difficil achal-o.

No resto do seu livro Bernays trata da comedia, *Midsummernights dream* e *Romeo and Juliet* (pag. 29-179); falla das traducções de Wieland e Bürger e como Schlegel seguiu este ultimo.

A terceira parte d'este livro, a mais interessante em relação á critica da lição, occupa-se de muitos lugares que são emendados (p. 195 203) ou completados (p. 173-193) e de alguns versos, que são melhores no projecto, bem que na traducção Schlegel os rejeitasse. Depois o auctor demonstra-nos, como Schlegel não teve nenhum dos auxiliares como se encontram actualmente, que não teve senão a edição de *Johnson* e *Steevens* (1785) e a de *Malone* (1790) e como sua obra é por isso, tanto mais estimavel e admiravel. Um appendice de poucas paginas (250-260) offerece-nos algumas cartas de *Schlegel* a *Herder* e a *Eschenburg*, tambem traductor de Shakespeare.

Este livro de Bernays, que ha pouco foi chamado como professor á universidade do Munich, quer como diz elle mesmo (p. 1) dar uma pequena prova da grande obra que occupou quasi toda a vida de Schlegel e como successivamente se formou aquella obra que fez

Shakespeare quasi poeta allemão, porque a traducção de Schlegel, se lê como original. Ao fim do proemio o auctor deseja que alguma universidade allemã adquira esses manuscriptos de Schelegel porque possam tornar-se propriedade universal dos sabios litteratos.

Munich.

DR. CARL VON REINHARDSTOETTNER.

45.—**E. Lipnicki.** Geschichte der polnischen Nationallitteratur, übersichtlich dargestellt.—Mainz, Kirchheim, 1873.

E' por certo de grande interesse ter um pequeno livro que nos offerece uma noção geral em algum assumpto scientifico. Um livro deste genero é o acima indicado, no qual o auctor nos dá em 145 paginas uma vista dos principaes auctores do Polonia. Sem fallar sobre os principios da *Lipnicki* ou a pequena extensão da obrinha, contentamos-nos de indicar esto livro que a todos que não podem ou não querem consultar as grandes obras de *Wisniewsky, Bartoszewicz* e outros, será muito agradavel, porque é brevo, mas assaz completo.

DR. R.

46.—**Les derniers travaux relatifs aux Bohémiens dans l'Europe orientale,** par Paul Bataillard (Extraits de la *Revue critique*, n.os 171 et 181, t. 2 de la 5.e année (1870-1871), p. 191-218 et 277-323). Paris, Librairie A. Franck, 1872. 8.° gr., 80 pp.

Über die Mundarten und die Wanderungen der Zigeuner Europa's, von Dr. Franz Miklosich. Wien, 1872, in Commission bei Karl Gerold's Sohn. 1-II. 4.° 59-84 pp.

M. Paul Bataillard parece ter feito da raça tão interessante sob todos os pontos de vista dos ciganos uma especialidade para si. Já em 1844 elle publicava na *Bibliothèque de l'École des chartes* um estudo tractando *De l'apparition et de la dispersion des Bohémiens en Europe* e na mesma publicação voltava de novo a esse assumpto *(Nouvelles Recherches sur l'apparition des Bohémiens en Europe)* em 1849. Esses estudos muito interessantes e recheados de factos acham-se sem duvida prejudicados em parte pelas investigações posteriores, e a sua leitura será muito provavelmente dispensada pela grande obra que M. Bataillard prepara; ainda assim em quanto essa obra não apparecer elles serão lidos com muita utilidade pelos que se interessam pela questão. O escripto do M. Bataillard que nos occupa aqui principalmente, é como um pequeno e incompleto annuncio do que ha de ser essa obra; pelo que respeita aos costumes, á historia, ás observações antropologicas sobre os ciganos ninguem ha talvez na

Europa tão competente como M. Bataillardpara dar um juizo sobre os livros que se occupam d'essa raça; pelo lado linguistico, os estudos de M. Bataillard são mais fracos, como elle demais confessa e os seus juizos muitas vezes indecisos n'esta parte revelam, não que M. Bataillard não tenha feito bons estudos praticos da lingua dos ciganos (pelo menos assim nos parece pela leitura d'este seu escripto), mas porque esse estudo não se estendeu ás linguas (principalmente aos modernos dialectos da India), que são os termos de comparação obrigados para quem quer determinar as relações d'affinidade da lingua dos ciganos e porque os seus conhecimentos do methodo linguistico são insufficientes. Isto revela-se, por exemplo, quando o vemos mencionar sem a condemnar immediatamente uma phantasia etymologica de M. de Saulcy, que approximou o cigano *racha* ou *lacha* d'uma palavra medica similhante no som (p. 15-16).

Depois de curta menção e appreciação de differentes trabalhos mais ou menos importantes, sobre o assumpto examina M. Bataillard os livros do Paspati *Memoir on the Language of Gypsies as now used in Turkish Empire* (no *Journal of the American Orient. Society,* vol. III, anno 1861, New Haven) e de Ascoli *Zigeunerisches. Besonders auch als nachtrag zur dem Pott'schen Werke: Die Zig. in Europa und Asien.* Halle, 1865, in-8.° A primeira parte d'esta obra do eminente linguista italiano é uma analyse da obra de Paspati, medico grego residente em Constantinopla, que como tal colheu os seus materiaes de primeira mão. A segunda parte da obra de Ascoli é consagrada especialmente á lingua dos ciganos da Italia meridional, e os elementos linguisticos que encerra foram colhidos pelo proprio auctor. A terceira parte tem por objecto os ciganos de Biscaia, e sobretudo a sua lingua. A obra de Paspati, como materiaes, a de Ascoli, sobretudo como elaboração methodica, tem ambas muito valor.

A parte principal da brochura de M. Bataillard tem por objecto outra obra de Paspati *Études sur les Tchinghianés ou Bohémiens de l'Empire ottoman* (Constantinopole, 1870. Gr. in. 8.°, XII—652 pp.), muito importante, principalmente sob o ponto de vista philologico. Conclue-se das criticas de M. Bataillard que as investigações de Paspati são incompletas e pouco methodicas; o livro não offerece á sciencia tanto quanto o auctor podia offerecer; os dados ethnologicos sobretudo escasseam e o critico indica o que era necessario fazer para tornar essas investigações completas. As conclusões geraes do livro de Paspati acham-se no seguinte periodo, extractado por M. Bataillard a p. 46-47: «La langue des Tchinghianés de la Roumélie est la langue mère de tous les Tchinghianés éparpillés en Europe et en Amérique. L'étude du nombre (dos nomes de numero) et des mots empruntés à la langue grecque moderne, et qui se trouvent plus ou moins alterés dans les ouvrages publiés, le démontrent à toute évidence. Même les Tchinghianés russes sont de la même souche. Plusieurs points obscurs de la langue des Tchinghianés d'Europe peuvent être éclaircis par l'étude de la langue des Tchinghianés de la

Turquie.» Segundo M. Bataillard a ultima phraso d'essa passagem contém uma proposição incontestavel; as outras pedem oxplicações; com o nome de «lingua mãe» dado ao idioma dos ciganos rumeliotas, Paspati quer significar que se encontram na lingua de todos os ciganos da Europa elementos tirados das linguas da Rumelia e particularmento do grego; do que se tiram duas conclusões importantes: quo todos os ciganos da Europa passaram por aquella região e quo a massa de que se apartaram os emigrantes espalhados no resto da Europa no seculo XV permaneceram lá longo tempo antes d'essa emigração para poderem ajuntar á sua lingua trazida da Asia um grando numero d'elementos d'essas linguas da Rumelia e os assimilarem profundamente, theso que, tendo contra si alguns argumentos historicos negativos, tem a seu favor argumentos linguisticos; mas essa these deve ser modificada e sujeita a um exame mais maduro. A idea de que a lingua dos ciganos da Europa deriva particularmente da fallada por essa raça durante um tempo mais ou menos longo, não só na Rumelia, mas nos paizes comprehendidos entre o Adriatico e o Mar Negro é, segundo o critico uma idea geral que se póde olhar como sufficientemente estabelecida para o Occidente, mas que resta verificar para metade da Europa (p. 51.) A brochura de M. Bataillard, em que abundam os dados e observações uteis, conclue por *Notas addicionaes,* que, além d'uma rectificação bibliographica, contém noticias de varias publicações mais ou menos recentes sobre os ciganos; as observações aqui referem-se principalmente á musica e á litteratura dos ciganos.

N'um *P. S.,* M. Bataillard examina um curto escripto do celebre slavista Miklosich *Sobre os dialectos e as emigrações dos ciganos da Europa,* lido na sessão da classe philos.-histor. da Academia Imperial de Vienna a 21 de fevereiro de 1872, em que o seu auctor tem por fim notar os elementos levados das linguas do sudoeste da Europa para os dialectos ciganos da Europa e tirar d'ahi inducções sobre a primeira patria europea dos ciganos e sobre o caminho percorrido por elles para chegarem d'ahi suas ás estações actuaes. O laconismo e as affirmações sem provas d'esse escripto fizeram suspeitar a M. Bataillard a existencia d'um trabalho mais extenso do sabio slavista, de que aquelle não fosse mais do que o resumo ou projecto. M. Bataillard suspeitou bem; duas das tres partes de que deve constar esse trabalho do snr. Miklosich estão deante de nós o acham-se mencionadas na cabeça d'este artigo.

A primeira parte tem por objecto: *Os elementos slavos nos dialectos dos ciganos.* O auctor colligiu aqui não só as palavras ciganas provenientes de palavras originariamente slavas, mas tambem as palavras ciganas originarias de linguas não slavas, mas quo passaram pelo intermediario do slavo, sobre as quaes elle escreveu uma memoria *Die Fremdwörter in den slavischen Sprachen,* publicada no tomo XV dos *Denkschriften* da Academia do Vienna; o auctor colligiu n'essa primeira parte tambem as palavras originariamente slavas chegadas

ao cigano por intermedio d'outras linguas, nomeadamente o rumunico (valachio) e o magyar (sobre os elementos slavos em valachio e magyar escreveu tambem o snr. Miklosich memorias nos tomos XII e XXI dos *Denkschriften);* por fim inclue ainda na lista as palavras ciganas que facilmente podem ser tomadas por slavas e de que uma parte é realmente tomada por slava. O principio de ordem é a fórma da palavra slava no antigo slovenico. A lista contém 649 numeros, a que se devem ajuntar 30 numeros novos das addições. O primeiro fasciculo conclue por uma bibliographia tsignalogica, a que, com quanto seja a mais completa que temos visto, não será difficil fazer algumas addições.

Eis algumas d'essas addições:

Bock. Oeuvres diverses: Histoire du Sabéisme, Mémoire sur le peuple Bohémien ou Zigeuner. 2 vols. 12.° Metz, 1788.

Crabb (James), The Gipsies advocate, observations on the origin, character, manners and habits of the English Gipsies. London 1832.

Poissonnier (Alfred), Les Esclaves tsiganes dans les principautés danubiennes. 8.° Boucourest 1854; Paris 1855.

Romances de Germania, con Vocabulario, por Hidalgo, discurso de la expulsion de los Gitanos, etc. 12. Madrid, 1779.

Smart (Bath. C.), The Dialect of the English Gypsies. 8.°. Berlim 1863.

Thomas (Jac.), Curiöser Tractat von Zigeuern. 12. Dressden, Leipzig, 1702.

Zigeuner-Liste und genaue Beschreibung des.... Räuber—und Zigeuner—Gesindels wie solche der.... zu Chur in Graubündten abgeholten Zigeuner-und Mörder-Band während den Inquisitions-Process... widerolter bestätigt worden ist. etc. Fol. Stuttgart. 1778.

A segunda parte do trabalho do snr. Miklosich intitula-se *Beiträge zur Grammatik und zum Lexicon der Zigeunermundarten* (Subsidios para a grammatica e lexico dos dialectos ciganos). O primeiro capitulo versa sobre differentes questões grammaticaes. 1. O auctor apresenta exemplos da mudança de *m* em *v* nos dialectos ciganos; o *m*, desinencia pessoal da 1.ª sing., que se conserva em muitos dialectos ciganos, passa repetidas vezes par essa mudança. 2. O suffixo *av* forma verbos causativos, frequentativos, iterativos, perfectivos, segundo os dialectos; tambem em hindustani ha formações causativas similhantes: čŏl-vânâ fazer ir, junto de čŏl-nâ ir; n'esse *v* Bopp reconheceu o *p* dos causaes sanskritos como *gîv-âp-âjâ-mî*. 3. Em differentes dialectos ciganos encontram-se formas verbaes (do presente) que tem por base um thema formado como o aoristo grego, a que se juntou o suffixo verbal *ar;* assim de *baro* grande se forma *baro-sarao (barosaro* no cigano da Turquia). 4. Formações do participio preterito em *ta* primitivo, mudado em *do* e *lo* (de *do)* no cigano. 5. Formação e significação do imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito. 6. Destino do suffixo sanskrito *tana, tna* no cigano. 7. Significação

do instrumental. 8. Orações sem sujeito correspondentes ás construc ções como grego ἀσκητέον ἐστὶ τὴν ἀρετήν e lat. *canes paucos et acres ha bendum.*

O segundo capitulo *Beiträge zum Lexikon der Zigeuneridiom* (Subsidios para o lexico dos dialectos ciganos) consta de 13 vocabu larios mais ou menos curtos (o maior formado de tres collecções d palavras do professor Frederico Müller e da *Grammatica* de Borne misza contém 1:684 palavras) de differentes dialectos ciganos. Esse materiaes são em parte ineditos, em parte publicados, mas em pu blicações de difficil acquisição; não se póde senão louvar o sabi auctor por os ter posto assim ao facil alcance dos que se interessar pela tsiganologia.

O terceiro fasciculo d'estes estudos do snr. Miklosich, que cre mos ainda não se publicou, deve occupar-se das emigrações dos c ganos e do caminho percorrido por elles até chegarem ás suas esta ções actuaes. As duas primeiras partes não são provavelmente ma do que provas ou bases para a argumentação d'essa ultima parte de todas, sem duvida, a mais interessante. Esperamos que esta no chegue ás mãos para fazermos então uma exposição detida das inves tigações do sabio slavista no campo tsiganologico.

47.—**Discours de réception de M. Littré.** Réponse de M. C Champagny, directeur de l'Académie française. Paris, 1873. Folh. in-8, 62 p.

O nome de M. Littré e a instituição anachronica da Academi franceza repugnavam-se por tal forma, que só depois das grandes der rotas da França, é que a opinião publica, querendo protestar contr a enervação do imperio, forçou aquella corporação auctoritaria a ac ceitar no seu gremio uma das maiores capacidades scientificas d mundo moderno. M. Littré já havia sido repellido uma vez pela Aca demia franceza; tinha contra si o ter emprehendido segundo o estad actual da philologia um Diccionario, que é o pretexto privilegiado d'ess congregação dos quarenta immortaes; militava tambem contra ell o não admirar cegamente a antiguidade classica, e provar como a c vilisação moderna começa com a entrada dos Barbaros na vida hi torica; era contra elle, a sua opinião de que a linguagem das velha Canções de Gesta era muito mais poetica e perfeita do que o francez galante da côrte de Luiz XIV; sobre todas estas heresias academicas M. Littré não era catholico, não cria na metaphysica, nem no animis mo, nem no cesarismo, era protestante, positivista republicano e revo lucionario. Havia portanto uma incompatibilidade absoluta entre est homem justo, assombro do trabalho e da dedicação pela humanidade e essa corporação que sobreviveu ao seu tempo unicamente por qu os seus socios recebem um subsidio pecuniario e podem ser senadores Essa incompatibilidade foi posta em conflicto mais uma vez, quand

se quiz contraprovar se os desastres da França tinham provindo do abaixamento do nivel moral e intellectual. D'esta vez so a Academia repellisse Littré, a opinião publica extinguia-a como inutil; o verdadeiro espirito da Academia franceza, concentrado em Mgr. Dupanloup, expandiu-se no momento em que as fraldas ecclesiasticas não quizeram mais tocar a sua cadeira de immortal, abandonando-a no momento em que se decidiu que devia entrar ali um dos mais dignos representantes da sciencia moderna. M. Littré, empenhado em acabar o seu Diccionario francez, demorou a entrada na Academia, effectuando-se a sua recepção no dia 5 de junho de 1873. O discurso proferido por elle n'esse dia é digno do homem de caracter que todos reconhecem; não desce a banalidades oratorias; não se esquece da sua franca modestia; elogia sem restricções o seu antecessor Villemain, mostrando como o professor e o sabio foi inutilisado pelos partidos politicos, determina a influencia que exerceu, e quanto lhe doveu na epocha do seu primeiro labor; finalmente mostra pela vida de Villemain qual é a unidade da sua obra. M. Littré, no seu culto pela sciencia, fez um discurso scientifico, sem profissões de fé, sem transigencias, sem concessões; mas a ceremonia seria incompleta, não teria o sello academico, se não houvesse o discurso campanudo, laudatorio, catholico, espiritualista, com doces reservas, segundo o velho costumo dos immortaes quando conferem a apotheose.

Respondeu a M. Littré o director da Academia franceza, M. de Champagny, que no seu tempo escreveu sobre a Roma da decadencia; M. de Champagny é catholico, respira na atmosphera dos milagres, e tira imagens poeticas da liturgia da missa. Elle começa o seu discurso lamentando que já tivesse fallecido o Abbade Gratry para responder ao recipiendario: «M. l'Abbé Gratry était digne en effet de vous souhaiter la bienvenue... il etait fait pour vous répondre avec la perspicacité du savant, l'esprit délicat de l'homme de lettres, la haute et decisive raison du philosophe. Que ne puis-je deviner ce qu'il vous eut dit et vous le redire!» (p. 42.) Que estado de beatitude; como M. Littré veria soporar esta unctuosidade! Já é falta de tino em fallar em corda em casa de enforcado. Depois dos elogios formaes e da tarifa em que M. de Champagny descreve o que a academia devia já a M. Littré, volta ao ponto com o seu pesar pela saida do Dupanloup, e compunge-se por que o recipiendario não crê nas bemaventuranças: «Só de passagem alludirei a uma *ausencia*, eu não quero dizer uma retirada, motivo para mim de um pesar pessoal que o meu coração de amigo não saberá calar» (p. 57). Depois d'isto trata de mostrar com sinceridade, que o positivismo e que a renovação scientifica nada são, e que se lembre que Newton, Galileo, Leibnitz, Descartes, Pascal, Linneo, Cuvier, Ampére, Biot e outros muitos, foram catholicos. E a respeito da crença nas almas do outro mundo, que exemplifica com a phrase de Hamlet, chega a esta affirmação: «Esta verdade impalpavel que não se revela no laboratio do chimico, esta incognita que desapparece no fundo dos alam-

biques, e se occulta fóra do alcance dos telescopios, este *x*, que nenhuma indagação experimental chegará a reduzir, nós os plebeus da sciencia, nós o conhecemos e lhe chamamos Deos!» (p. 59.) E sobre isto vem: «Não, não é um modesto escriptor como eu, é toda a sciencia antiga e a sciencia de hoje, que, pelos seus nomes mais gloriosos, protesta contra a sciencia de Augusto Comte» *(ib.)* Deploravel dogmatismo, que a troco das phrases feitas da tertulia academica, ultraja os mais serios esforços para tirar á philosophia todo o caracter de personalidade. Se M. Littré não entrasse ali para assignalar a transformação do espirito da Academia franceza, tinha-se retirado enojado d'entre aquelles sacerdotes da rhetorica, e nem daria tempo a M. de Champagny para terminar o seu discurso com a phrase do missal: «Amemos todas as vozes que nos dizem: *Sursum corda,* os corações ao alto.» (p. 62.) A letra do canon deu para um foguete de Quintiliano. M. Littré não recebeu glorificação em entrar para a Academia franceza; recebeu apenas a aposentação do trabalho, as condições para a tranquilidade da sua ultima velhice.

THEOPHILO BRAGA.

48.—**Aus Spaniens Gegenwart.** Culturskizzen von Wilhelm Lauser, Leipzig, F. A. Brockhaus, 1872, em 8.° de XII-356 pag.

Reiseeindrücke aus Spanien im Winter 1871-1872 von C. E. Geppert, Berlin, F. Schneider & C.ie, 1872, em 8.° de V-166 pag.

Das heutige Spanien von Gustav. Rasch., Stuttgart, Kötzle, 1871, (2.ª ed.), em 8.° VI-269 pag.

A Hespanha tem sido, desde o principio d'este seculo, o alvo das investigações de muitos viajantes allemães (1), todavia as opiniões

(1) Indicamos aqui sómente as fontes mais importantes, desde o meado d'este seculo, por ordem chronologica. Estes materiaes, enriquecidos com os que nos fornecem as litteraturas de viagens, ingleza e franceza, servirão para um futuro trabalho, que o signatario d'este artigo prepara. Abstrahimos aqui dos trabalhos scientificos (geodesia, geographia, estatistica) de Willkomm, Minutoli, etc. 1847. E. Baron Vaerst, *Die Pyrenäen.* Breslau, Grass u. Barth, 2 vol. 8.° gr.—1847. A. L. v. Rochau, *Reiseleben in Südfrankreich und Spanien.* Stuttgart, Cotta, 2. vol. 8.° gr.—1852. A. Ziegler, *Reise in Spanien.* Leipzig, Fleischer, 2 vol. 8.° gr.—1852. Dr. Moritz Wilkomm, *Wanderungen durch die nordöstlichen und centralen Provinzen Spaniens.* Leipzig, Arnold, 2 vol.—1853. J. G. v. Quandt, *Briefe aus Spanien über Menschen, Natur und Kunst.* Leipzig. Hirschfeld, 8.° gr. (neue ausg.)—1855. F. W. Hackländer, *Ein Winter in Spanien,* Stuttgart, A. Krabbe, 2 vol.—1855. Franz Lorinzer, *Reiseskizzen aus Spanien.* Regensburg, I. Manz, 4 vol.—1856. Dr. M. Willkomm, *Zwei Jahre in Spanien und Portugal.* Leipzig, Arnold, 3 vol. (2.ª ed.)—1857. A. v. Wolzogen, *Reise nach Spanien.* Leipzig, H. Schultze.—1857. E. A. Rossmässler, *Reise-Erinnerungen aus Spanien.* Leipzig, Costenoble, 2 vol.—1862. Dr. J. A. Minnich, *Reisebilder aus Spanien.* Zürich, F. Schulthess.—1863. A. v. Goeben, *Reise und Lagerbriefe aus Spanien.* Hannover, Hahn, 2 vol. 8.° gr.—1867. G. Körner, *Aus Spanien.* Frankfurt, Sauerländer, 8.° gr.—A. Stahl (pseudon.) *Spanien.* Leipzig, Wigand, 2 vol. (2.ª ed.).

ácerca d'ella variam nos livros publicados, e estes tres, que temos á vista, exemplificam esse facto. As condições da analyse tambem são differentes; o snr. Lauser visitou a Hespanha por varias vezes (1868, 1869, 1870 e 1871), como correspondente de jornaes de primeira ordem, como a *Presse* do Vienna, a *Allgemeine Zeitung* de Augsburg e a revista *Unsere Zeit*. O snr. Geppert, professor na Universidade de Berlin, passou apenas uns seis mezes em Hespanha occupado com indagações scientificas (1). Não esqueça o leitor estas circumstancias, cuja consideração é indispensavel, para se fazer uma idea exacta e uma apreciação justa do merito dos dois trabalhos.

O facto do snr. Lauser haver escripto, desde o primeiro momento, para o publico, deu ao seu livro mais unidade e mais clareza; os differentes capitulos ácerca das *cortes constituintes*, das *festas nacionaes*, da *idea religiosa* na peninsula, da *politica hespanhola* (Espartero etc.), da *arte* e dos *costumes*, denotam o conhecimento de causa, que se obtem só por um trabalho e estudo assiduo; as differentes feições do povo hespanhol são estudadas na massa e nas individualidades com amor e interesse, sem parcialidade por este ou aquelle principio. O snr. Lauser entrou em Hespanha com o firme proposito de *conhecer* o hespanhol, e de o observar nos segredos da sua existencia, sem se importar se este ou aquelle costume, esta ou aquella idea lhe agradavam, ou se o que via, era o que havia imaginado encontrar.

O snr. Geppert procedeu de um modo diverso; entrou em Hespanha sem se despir das suas ideas de professor allemão, com uma espectativa determinada; como não tinha de ser o echo fiel do que via e observava, para o transmittir a um publico, que o havia de ouvir como narrador objectivo, observou tudo por um prisma differente, subjectivo. Infelizmente nem n'aquillo para que havia emprehendido a sua longa viagem obteve resultado satisfactorio.

A sciencia que levava, e que o havia de ajudar a explorar as preciosidades do Escurial e das Bibliothecas de Madrid e de Toledo, não encontrando alli pasto sufficiente, fez concentrar a sua analyse sobre assumptos, que eram tudo, menos scientificos — e principalmente sobre os incidentes que difficultaram as suas investigações. Facil é, postas estas premissas, adivinhar os resultados do snr. Lauser e do snr. Geppert, e a differença entre os dois. Este ultimo, não havendo encontrado o que queria, e além d'isso importunado a todo o momento por incidentes desagradaveis, considerou principalmente os obstaculos, os effeitos negativos; o snr. Lauser, *touriste* paciente, observador do talento, revestido de animo e de indulgencia observou com mais amor e obteve resultados mui differentes, tanto mais differentes, que pelo lado do pittoresco, no homem e nos costumes, do

(1) O snr. Geppert dedica-se ao estudo da philologia classica. Alguns resultados das suas investigações sobre manuscriptos dos antigos escriptores feitas na Hespanha foram já por elle apresentados no *Hermes* de E. Hübner.

bello, na arte e na natureza, ainda a Hespanha offerece novidades interessantes, e thesouros preciosos, emquanto que no campo scientifico não se encontram equivalentes.

O livro do snr. Rasch concentra-se principalmente em um ponto de vista politico, que dá ao seu livro um caracter differente do dos dois antecedentes; ainda que seja curioso consultal-o tambem, por isso mesmo que tem um cunho totalmente differente dos outros dois, não nos demoraremos no seu exame porque não encontramos lá dados sobre o que nos interessa essencialmente, isto é, o campo scientifico, litterario e ethnico.

Determinado assim o ponto de vista e o methodo dos tres escriptores passamos á analyse mais miuda, e só em vista dos seus resultados, tiraremos a conclusão ácerca dos tres livros e do maior ou menor valor dos tres systemas n'elle empregados. A parte sem duvida, mais interessante do trabalho do snr. Lauser são os capitulos (1) que se occupam da historia politica da Hespanha, a qual forma mais de metade do livro; passam-se em revista todas essas notabilidades, mais ou menos ephemeras, que tem sido os exploradores mais ou menos audazes d'esse pobre paiz; o auctor não se contenta com a exposição da vida politica de cada um, mas dá-nos ainda o retrato d'elle, a sua feição psychologica. De um lado apresenta-nos um Serrano como galantemente devasso, dubio em politica, explorando tanto os instinctos da rainha Isabel, como o enthusiasmo innocente das massas; mostra-nos um Prim, um despota em miniatura, jogador atrevido, feliz no acaso, astuto, desconfiado, passando por todas as cambiantes politicas, estendendo uma mão á reacção, e esmolando com a outra o apoio dos republicanos (pag. 125); desenha-nos um Topete, marinheiro honrado, mas de uma intelligencia mais do que mediocre, constantemente enganado e burlado pelos seus collegas. Este triumvirato completa-o com a figura de Olózaga, o ensaiador das festas, o inventor das ceremonias, o monomaniaco da comedia allegorica e das formalidades; uma maioria de deputados governamentaes (2), sujeitos na edade madura, obesos, calvos, parcos de palavras e obedientes á voz do triumvirato. Em antithese a esta maioria do governo, uma minoria republicana composta de gente nova, espiritos ardentes, corações e cerebros repletos de aspirações sem duvida generosas, acertando em muitos casos, conseguindo salvaguardar certos principios vitaes, mas indo cahir muitas vezes no logar commum da rhetorica e da phrase. Finalmente de encontro a uns e outros, um arcebispo de Santiago, vestido de escarlate, um *canónigo,* Manterola, vestido de preto, e mais duas ou tres aves nocturnas, *reliquias de moderados e unionistas,* psalmodeando invariavelmente um *Miserere nobis* sobre o fim do mundo e da depravada sociedade.

(1) Cap. I, *Abertura das Côrtes;* cap. II, *El dos de Mayo;* cap. VI, *Espartero;* cap. VIII, *a insurreição hespanhola na Catalunha;* cap. IX, *ácerca das Côrtes;* cap. X, *chegada do rei Amadeo.*

(2) Entre os quaes havia mais de cem empregados publicos!

Eis os traços geraes que resaltam do quadro que o snr. Lauser nos pinta das côrtes hespanholas. Os incidentes caracteristicos não faltam tão pouco. Serrano, tendo de jurar no acto de acceitar a regencia, que Prim lhe offerece para o pôr de parte, esquece o juramento *primeira, segunda* e *terceira* vez, e vai começar pela *quarta vez,* quando um dos secretarios acode ainda a tempo com a fórmula classica, escripta sobre um bocado de papel! Olózaga, para acostumar de novo os olhos aos emblemas, que a revolução havia demolido, inventa uma serie de engenhosas allegorias, depois de elaborada a constituição. Primeiro, magnificos exemplares d'esta, escriptos em pergaminho, tinteiros explendidos, e, em oito salvas de prata, oito pennas de ouro guarnecidas de brilhantes para os ministros etc., e outras de marfim para os deputados.

O deputado da maioria Carballo, presenteia os secretarios das côrtes com cinco grandes pennas de aguia para festejar o dia, e Prim tem o cuidado de fazer circular pelos seus jornaes uma bonita anecdota, segundo a qual se dizia que o general havia dado a celebre penna com que assignára ao seu amado filho; isto, já se vê, para o fazer lembrado. A minoria republicana é analysada de um modo favoravel; a respeitabilidade de Orense, Castelar, Pi y Margall, Figueras, Abarzuza, como homens e como politicos, é incontestavel; e embora haja divergencia sobre a plausibilidade das suas ideas politicas, é forçoso respeital-os, como homens e como cidadãos. Caracteres como Serrano, Prim, Olózaga, e os da maioria em geral desapparecem na sombra, á vista da dignidade dos primeiros. Além d'isso a campanha da minoria obteve resultados incalculaveis; lembramos só a liberdade de cultos; a sua resistencia á reacção crescente do triumvirato conservou, e salvou mesmo, certas liberdades que naufragariam sem a sua cooperação; o que o snr. Lauser gaba sobretudo na minoria, é o enthusiasmo, o sentimento de uma missão tomada a serio, o espirito novo e vigoroso, o sôpro das ideas do seculo XIX (p. 135). Se muitas das affirmações, então calorosamente defendidas não tinham uma garantia seria (como agora se vê), valiam ainda assim mais do que a politica interesseira da maioria e a *politica personal* (sic) de um Prim, de um Serrano e d'outros d'eguaes tendencias. O snr. Lauser demonstra de uma maneira evidente que nem aquelles, nem Topete, nem Sagasta, nem os mais do partido do governo entraram de boa fé no movimento de setembro, e a prova está nas promessas dadas solemnemente em publico e desmentidas depois com o maximo cynismo.

Depois do retrato politico e moral que o snr. Lauser faz dos membros dos differentes partidos, e que são breves, mas interessantes, fica a impressão de quem foi burlado no meio de um mundo de gente de má fé, incapaz do menor sacrificio pessoal a favor da idea commum, do bem estar da patria. Essa maioria, que andou á procura de um rei, como as rãs da fabula, não tinha fé alguma na monarchia por isso, feita a comedia, deixaram naufragar miserrimamente o rei illu-

dido. O movel d'essa maioria e dos seus chefes foi o movel da *politica personal,* do interesse; eis o que a historia tem que concluir dos factos. Que ironia pungente não transparece hoje n'esses discursos pomposos de Rivero no dia 2 de maio de 1869 (p. 17-18), e em outros mais? Que repugnancia não inspiram esses *parvenus* dos *pronunciamientos,* esses sargentos de hontem e generaes d'amanhã, que o snr. Lauser caracterisa successivamente! E' impossivel encontrar em historia alguma de um estado moderno, salvo nos *dezoito annos* do segundo imperio francez, uma serie de personalidades politicas mais abjectas do que as que formavam a maioria governamental das côrtes constituintes de 1869. Que figura a de Olózaga, que depois de haver humilhado a Hespanha com a candidatura malograda de D. Fernando, propõe no *mesmo dia* em que se recebe a recusa d'este, com a mesma sem-ceremonia e com o mesmo enthusiasmo, o Duque d'Aosta (p. 157)? E todavia este mesmo Olózaga, que foi um dos adversarios mais encarniçados da liberdade de cultos, e da abolição da escravatura, recebeu em premio a embaixada de Paris.

Ainda que a apreciação do snr. Lauser ácerca da minoria republicana seja mui favoravel, nem por isso encobre os seus lados fracos.

O peor de todos é o enthusiasmo pela phrase, a monomania oratoria, e a antipathia pela averiguação dos factos, pelo estudo profundo e amiudado das necessidades reaes do momento. E' inquestionavel a eloquencia de Castellar, para começar pelo mais saliente; e o seu discurso sobre a liberdade de cultos a 13 de abril de 1869 foi não só um improviso notavel, mas uma acção de grande alcance; todavia quem houver lido mais alguns discursos (1) seus, ou mesmo uma de suas obras scientificas (2), não póde deixar de notar a notavel parte que fica á rhetorica e á declamação muitas vezes banal. O snr. Lauser mesmo o confessa (pag. 193). Os heroes de Sagunto, os manes de Numancia, os reis godos, o Cid (indispensavel), os reis catholicos, Carlos v, etc., etc., resuscitam a cada passo.

Se esta tendencia declamatoria se encontra no mais celebre dos oradores republicanos, o que diremos dos outros? Um d'estes, tambem chefe, dizia ingenuamente ao snr. Lauser: «Nós reconhecemos que essas cousas (as necessidades reaes e urgentes) são da maior importancia, mas esse trabalho assiduo e profundo n'uma dada especialidade attaca os nossos nervos» (pag. 113). Póde haver uma confissão mais flagrante de incapacidade moral e intellectual? Excepções como Orense e Garrido (3), os homens das cifras, dos factos, da rea-

(1) *Discursos parlamentares* de Don Emilio Castelar en la asamblea constituyente. Madrid, San Martin 1871. 3 vol.

(2) *La civilizacion en los cinco primeros siglos del cristianismo.* Lecciones pronunciadas en el Ateneo de Madrid, por D. Emilio Castellar. Madrid, San Martin, 1865, 4 vol., 2.ª ed.

(3) Fernando Garrido. *L'espagne contemporaine, ses progrès moraux et matériels au XIX siècle.* Bruxelles, Lacroix, 1862, 8.° gr. de VIII-409 pag. Obra repleta de dados preciosos e officiaes: foi traduzida em allemão por A. Ruge, Leipzig, Kummer, 1863.

lidade, são tão raras, que mal conseguem cousa alguma, quando a maioria dos seus collegas lisongeia os instinctos superficiaes e as tendencias passivas das massas. O snr. Lauser põe em relevo a contradicção monstruosa do partido republicano, que falla do espirito scientifico do seculo, da missão da sciencia e da verdade, como sendo o seu resultado final, e que se ri do estado de servilismo politico da Allemanha. Garrido e Castelar ousam affirmar «que os allemães não conhecem a dignidade moral (pag. 203) e que se afundam n'um precipicio»—e entretanto confessam ser o paiz da sciencia, que procura na verdade a base moral de sua vida. Este erro repetem-n'o outros escriptores dos paizes romanicos, e estes acceitam todavia o maximo insulto, a infallibilidade papal, sem um grito de protesto nacional.

Do palacio das côrtes conduz-nos o snr. Lauser ao palacio roal e ás intrigas da alta aristocracia contra o *parvenu* (sic) de Saboya. Aqui entramos n'uma atmosphera quixotesca; a *grandeza* toma de novo a lança e corre em pleno seculo XIX contra os moinhos de vento. A pintura da sessão em que se dissolveu a *junta de la grandeza* é um dos episodios mais comicos que se podem imaginar! O marquez de Molins, que se immortalisou n'esse dia (e que seja dito áparte, é um fidalgo de fresquissima data) lembrou que alguns dos assistentes usavam das divisas *Gothorum ex sanguine regum*, e até de: *No de Reyes descendemos, sino los Reyes de nos* (1). A junta dissolveu-se então com estrondo para não servir no palacio; a mocidade dos clubs aristocraticos, e sobretudo o mundo feminino da *haute volée* distinguiu-se na insolencia das suas allusões e das suas maneiras, chorando a ausencia de Isabel II, que havia levado as tradições do *bom tom* e o segredo dos bons costumes com a aurea rosa do papa. Deixemos porém esta triste exposição; as consequencias tirar-se-hão depois quando tenhamos examinados os outros capitulos da obra.

As paginas em que o snr. Lauser se occupa do estado dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos merece a nossa particular attenção, tanto mais que pelas ideas alli em voga se poderão explicar certos phenomenos da vida politica da Hespanha que, seguindo o snr. Lauser, levemente esboçámos.

Fallaremos primeiro do *Ateneo scientifico y literario* de Madrid. O discurso que Cánovas del Castillo alli recitou a 26 de Novembro de 1870 (2) occupa a sua especial attenção (195-202); a these que o orador alli sustentou *sobre a decadencia da raça latina e o*

(1) «Este espirito cavalheiresco, esta nobre altiveza, descida hoje ao nivel de uma gloria esteril e improductiva, é bem conhecida pelo nome de *grandeza hespanhola*.» (Dieser Rittergeist, diese Rittergrösse, zu einer thatlosen Ehre herabgesunken, ist hinreichend unter dem Namen der spanischen Grandezza bekannt) Hegel, *Philos. der Geschichte*. Werke, 2, aufl. Bd. 9, s. 516. apud. J. Klein, *Geschichte des spanischen Dramas*. Leipzig, Weigel, 1871, vol. I, pag. 8.

(2) *Discurso pronunciado por el Excmo. Señor D. A. C. del C.* el dia 26 de Noviembre de 1870 en el Ateneo científico y literario de Madrid con motivo de la apertura de sus cátedras. Madrid 1870, 8.° de 43 pag.

renascimento da raça germanica serviu durante todo o inverno de thema de discussão na capital de Hespanha, que ficou surprehendida e assombrada por ver um catholico fervoroso, um *moderado*, a proclamar a decadencia das raças que mais defenderam e sustentaram o catholicismo. Esta contradicção explica-se todavia para quem conhecer o teor do discurso, ou quem houver lido os extractos do snr. Lauser. A antithese que Cánovas del Castilho quiz demonstrar entre essas duas raças (1) forcejando por conhecer a verdade, que está do lado opposto ao seu, e a conclusão que o obriga a apontar a decadencia da raça a que pertence, não tem para elle, assim como para o publico, senão o proveito de lhes apontar a verdade de um facto, sem lhes expôr a causa. A força da verdade que o levou a acceitar a these, não o livrou de cahir n'uma contradicção flagrante, que não surge com evidencia do seu discurso, porque só se tornaria palpavel se analysasse as causas da affirmação da sua these. O orador hespanhol aponta algumas, que não são nem as principaes, nem as que estão mais patentes. E tudo isto porque? Porque o orador acceita uma conclusão verdadeira, mas sem querer descer do seu ponto de vista catholico e hespanhol. Esta é a nossa opinião ácerca do seu *Discurso*, porque o snr. Lauser faz apenas a exposição d'elle, limitando-se a dar o seu voto sobre a verdade final da these, sem cuidar da demonstração d'ella. A differença fundamental entre a organisação das duas raças acha-a Cánovas del Castilho no seguinte:

«¿Quién que conozca á fondo las cuestiones contemporáneas no preferirá ya esas felices sociedades políticas donde se antepone el derecho á la libertad, logrando que la libertad se defienda sólo por el derecho, que es en lo que consiste el dogma germánico, á estas otras esclavas de arbitrarias abstracciones, que se consumen en perennes ensayos y turbulencias? Y siquiera en la época de Juan Botero, los gobiernos de religion y supersticion, de que él habla, todavía acertaban á dar á estas naciones meridionales y occidentales grandísima gloria y poderío: mas hoy ya, sin supersticion tal vez, y no por eso mejor gobernadas, ¿cómo ha de haber ningun hombre latino que, juzgando imparcialmente, ose negar tampoco en esto punto la superioridad germánica? De ella depende, á juicio de los franceses vencidos, más que de nada acaso, la supremacía militar que están los alemanes mostrando. De ella procede, con más certeza aún, que la disciplina social sea compatible en Alemania con la independencia absoluta de la razon y de las investigaciones científicas,...» (pag. 34).

Ou, remontando-se o orador aos periodos mais remotos da historia:

« Harto dió á entender ya Tácito cuánto preferia tales costumbres públicas á las que en su tiempo reinaban en todos los foros la-

(1) Empregamos aqui a palavra raça, fallando das nações romanicas, por commodidade apenas, pois conhecemos bem quanto é inscientifico o termo: não ha *raça latina;* mas sim nações neo-latinas.

tinos, y en el de Roma misma; y eso que no pudo él admirar, como tenemos ocasion de admirar hoy nosotros, tras tantos siglos de historia escrita, la especialísima aptitud de aquella raza para ejercitar y respetar los derechos individuales, sin prejuicio de organizar gradual y sólidamente el sistema social» (pag. 33).

Esto principio é com effeito capital, mas quem levou os allemães a respeital-o? Quem fez da Allemanha a primeira nação na sciencia, e quem lhe deu com a verdade na sciencia, a força moral na vida; quem lhes ineutiu a abnegação e o sacrificio por esses principios superiores? A *Reforma;* todos os grandes historiadores e philosophos o repetem unanimemente, e mais do que tudo a propria historia o demonstra no resultado a que chega C. del Castilho na sua these. Mas o orador não podia nem queria fallar n'esse periodo, que segundo Gervinus (1) marcou de um lado a decadencia pela recusa, no outro o renascimento pela acceitação do principio. Como explicaria o orador hespanhol n'outro discurso a causa da superioridade scientifica da raça germanica, sem tocar n'um principio que restituindo pelo livre exame e livre arbitrio a dignidado e a liberdado moral ao individuo, produziu a civilisação allemã e a sciencia allemã. Mas C. del Castilho sustenta ainda para escarneo da sua propria these, que a Hespanha e a gente neo-latina é «la hija primogénita de la religion del catolicismo, que es la religion por excelencia, el cual, quiérase yá o nó, informó todo nuestro saber, y hoy se esconde en todas nuestras obras» (pag. 42). E por desgraça que assim é, como ainda se ouviu nos discursos do conego Manterola, do bispo Monceenillo de Jaen, e do cardeal arcebispo de Santiago, que repetiu na discussão sobre a liberdade de cultos *exactamente* as mesmas palavras de Cánovas (Lauser, pag. 140); e esta gente, que deu motivo ás gargalhadas da Europa pela sua incapacidade e sobretudo pela sua estupenda ignorancia (pag. 136), ha de guiar a joven Hespanha no seu caminho, de accordo com os principios de Cánovas, que tem ainda a ingenuidade de escrever o seguinte paragrapho absurdo:

«No olvideis tampoco al estudiar ó enseñar libremente las ciencias, que por aquí somos mucho más inclinados á lo sobrenatural, á lo perfecto, que nuestros rivales del Norte: quizá porque estamos en más contínua relacion com el espacio infinito; con el cielo, con el sol, con esos mundos innumerables, que casi nunca logran ocultarnos del todo las apacibles noches del Mediodia» (pag. 42).

Se fosse aqui o logar de seguir ainda mais longe as phantasmagorias e contradicções do orador catholico-scientifico, passariamos em revista o seu discurso de 1871 (2), um anno depois; assim contentamos-nos com indical-o ao leitor.

(1) *Einleitung in die Geschichte d. neunz. Jahrh.* Leipzig, 1864, 4.ª ed. pag. 37 e adeante 67 e seguintes.

(2) *Discurso pronunciado* por, etc., el dia 25 de Noviembre de 1871. Madrid, 8.° gr. de 37 pag.

O snr. Lauser limita-se no fim da sua exposição das ideas de Cánovas a acceitar em parte a these, não sem ferir indirectamente a profunda contradicção entre a causa e o effeito (pag. 203). O snr. Lauser acha que no começo de 1870, a questão perante o *concilio* era na verdade um duello entre a sciencia allemã e a superstição e despotismo catholico. A lucta entre a França e a Allemanha não lhe parece uma lucta de raças, tão caracteristica como muitos escriptores latinos e allemães sustentam. Note-se que Cánovas del Castillo tem o maior cuidado em não alludir ao concilio. O snr. Lauser nega que a França esteja anniquilada e incapaz como nação; reconhece a crise como aguda, mas aponta para elementos ainda vitaes; a Allemanha para se libertar moral e intellectualmente, teve durante dois seculos uma vida politica miseravel, viveu toda concentrada moral e intellectualmente. A França predominou entretanto como potencia politica, com uma missão exterior; esta exorbitou na sua acção e acabou tanto mais logicamente, que a hegemonia era apparente e encobria uma fraqueza já antiga (1). E é muito que a França pagasse com alguns mezes de guerra as peripecias de uma crise moral, quando a Allemanha pagou a *Reforma* com a guerra dos *trinta annos* e uma decadencia politica de dois seculos (2)? A questão para o snr. Lauser está em que na França não predomine de novo a mentira, a phrase, a gloria militar, e a vaidade nacional; o futuro resta provar se será o catholicismo que a ha de ajudar n'essa regeneração, como Cánovas del Castillo o espera (3).

O snr. Lauser falla ainda da actividade da *Academia hespañola* no inverno de 1870-1871, mencionando um discurso do poeta Don Patricio de Escosura ácerca do merito de D. Felipe Pardo, Don Ventura de la Vega e Don José de Espronceda, todos discipulos de Don Alberto Lista, e poetas da primeira metade d'este seculo. Este discurso de Escosura, a julgar pela analyse que o snr. Lauser faz d'elle (pag. 207-230), tem a feição de elogio academico, embora o orador ligasse a biographia litteraria de cada um á historia do romantismo em Hespanha, movimento a que os tres poetas pertenceram. Escosura fallou com particular interesse de Espronceda, de quem foi amigo, completando, segundo o snr. Lauser, a biographia de D. Antonio Ferrer del Rio. A amisade do orador não falseou felizmente a verdade da critica, e Escosura confessa que a morte prematura de Espronceda foi talvez «um favor especial da providencia, mesmo para os seus admiradores» (pag. 213). Escosura diz que Espronceda

(1) Vide sobre este principio historico Gervinus. *Geistige Bewegungen (em Gesch. d. neunz Jahrh.)* vol. VIII, pag. 4 e seguintes.

(2) Lauser, pag. 205; o mesmo, e até com as mesmas palavras dissémos nós em *O Faust* (pag 6), sem havermos lido então a obra do snr. Lauser.

(3) O clero em França tenta persuadir a nação franceza n'este sentido, e é ajudado n'essa empreza por notabilidades litterarias, que acreditam e apregoam que o catholicismo é o instrumento mais efficaz para a *revanche*. Bom elogio na verdade!

lho confessára em 1840 a sua dôr «por so ver fóra de todas as relações com a realidade da vida». A febre revolucionaria e politica haviam-n'o morto. Ainda assim a defeza do caracter moral de Espronceda é infeliz, o o snr. Lauser sorri incredulamente quando Escosura o defende do titulo de um segundo D. Juan Tenorio.

Os trechos que o snr. Lauser nos dá de Espronceda (pag. 216-225) parecem-nos muito bem traduzidos, emquanto ao modo de reproduzir o pensamento, e é de crer, que á face do original se possa elogiar egualmente a sua fidelidade littoral, tanto mais que o snr. Lauser teve o cuidado de os examinar o escolher entre as producções poeticas do Dr. O. Braun (1), redactor da *Gazeta Geral de Augsburg*, que parece haver-se occupado seriamente com a litteratura moderna (p. 225). O snr. Lauser passa a fallar depois das *tareas y actos da Academia española* e menciona entre os trabalhos scientificos da *Academia* uma nova edição (12.ª) do *Diccionario vulgar*. A *comision de gramática* marcha vagarosamente nas suas tarefas, havendo publicado as partes: *Epitome de Analogia*, *Sintáxis*, e *Prontuario de Otografia*; a *Prosodia* e o *Compendio* tocam o seu termo. Espera-se tambem para breve um *Diccionario de la Rima* com um *Tratado de arte metrica* por Escosura, Cañete e Cánovas. O *Diccionario de Autoridades* de Puente y Apecechea e Cueto vao continuando. O snr. Lauser refere ainda a obra do Marquez de Molins: *La sepultura de Cervantes* (2), de uma erudicção bombastica com pequenissimo resultado, que se cifra na averiguação da existencia dos restos do poeta no mosteiro das Religiosas Trinitarias de Madrid. Temos ainda a publicação do *Viage entretenido de Rojas* («Biblioteca selecta de Autores clásicos») com um prologo de D. Manuel Cañete, e o ultimo volume dos dramas de Lope de Vega pertencente á mesma collecção. N'este mesmo volume se encontra a *Farsa del mundo y moral* (1528) de Lopez de Yánguas, poeta ignorado por Moratin, e cuja existencia era mal conhecida de Wolf e Barrera; tambem se acha ainda no mesmo volume a *Egloga de la paz y concordia entre el Emperador y el Rey de Francia* ignorada por Moratin, Wolf, e Barrera. As

(1) Este jornal trazia em a *Beilage* em um n.º d'este anno, uma analyse severissima de uns livros do Dr. J. Fastenrath com traducções e imitações de poesias castelhanas que o mundo litterario de Hespanha teve a ingenuidade de declarar perfeitas, (*Revista de España* de 1870, *Illustracion española*, 1873, n.º 7) sem cuidar de estudar primeiro o allemão. O artigo não vinha assignado, mas nem por isso deixava de impôr-se pela demonstração mais do que sufficiente da nullidade das producções do poeta allemão, a quem a litteratura official hespanhola abriu as suas Academias, desacreditando-se. Temos presentes das citadas obras do Dr. J. Fastenrath: *Ein spanischer Romanzenstrauss* (Leipzig, E. Mayer, 1867) *Klänge aus Andulusien* (Id., *Ibid.*), e devemos dar razão ao signatario da *Gazeta de Augsburg*. (V. ainda sobre Fastenrath *Blätter für literarische Unterhaltung*, 1873, n.º 22 p. 351). Pelo que o snr. Lauser nos diz áccrca de O. Braun e dos seus trabalhos suppomos que foi elle o auctor do artigo citado.

(2) Memoria escrita por encargo de la Academia española y leida á la misma por su director el Marqués de Molins. Madrid, Ribadeneyra, 1870, 228 p.

averiguações de D. A. Fernandez Guerra ácerca da paternidade da celebre *Cancion á las Ruinas de Italica* deram em resultado provar-se ser o seu auctor Rodrigo Caro, e não Rioja; constituem um volume áparte. Falta ainda mencionar as *Memorias de la Academia española* publicadas mensalmente desde Julho do 1870.

O snr. Lauser falla por ultimo da festividade em honra de Cervantes (2 de janeiro de 1871), que redundou n'uma missa (!) e na collocação de duas lapides. Uma outra festa teve logar na sala do senado, a 23 de abril, data da morte do poeta, promovida pela *Academia de Conferencias y Lecturas públicas de la Universidade de Madrid*. O proposito de continuar esta festa, mais propriamente litteraria, todos os annos, no gosto das festas em honra de Schiller, que se celebram na Allemanha, ficou em—projecto, e o snr. Lauser accrescenta ironicamente: «como tantas empresas que nasceram com a revolução de septembro e morreram logo depois». O resultado d'esta ultima festa, em que se fallou prodigiosamente, foi um grosso volume de poesias o discursos. O snr. Lauser menciona, emfim, os fructos da litteratura cervantesca, que teve n'este anno grande incremento.

Além da obra já citada do Marqués de Molins *La sepultura de Cervantes*, temos: *Cervantes y el Compas de Sevilla*, por José Maria Asensio; *Cervantes y la Filosofia española*, por Fernando de Castro (1); *La Jurisperícia de Cervantes*, por Antonio Martin Gamero; *Cervantes Teólogo*, por José Maria Sturbi. O snr. Lauser refere-se ainda a um trabalho anterior de Tubino *El Quijote y la Estafeta á Urganda*, e fica em espectativa de um novo trabalho seu: *Bellezas del Ingenioso Hidalgo*, publicado na *Illustracion de Madrid* (2), que ha de collocar a apreciação esthetica de Cervantes sobre bases completamente novas (3). Esta relação ácerca do movimento litterario-scientifico da *Academia española* acaba com a menção da obra de D. Antonio Pirala: *Historia de la guerra civil*, e em face d'estes modestos resultados deplora o snr. Lauser a «desoladora esterilidade em obras notaveis» (pag. 230). Esta apreciação contrasta tanto mais com o que diz atraz, a pag. 225: «A *Academia Española* considera o anno de 1869-1870 como um dos mais productivos».

Embora o que fica exposto seja pouco—o que diremos, nós portuguezes, do mesmo periodo com relação á *Academia Real das Sciencias* (4)?

(1) Um partidario do philosopho allemão Krause (eschola optimista), que tem em Hespanha muitos adeptos.

(2) Este jornal fundiu-se depois com *La illustracion Española y Americana*.

(3) Veja-se o que o snr. T. Braga disse já na *Bibliographia critica*, p. 230-240 sobre a obra de Tubino.

(4) Notaremos que a nossa *Academia* não celebra sessão publica *ha 11 annos*, isto é desde 1862, quando devia ter celebrado *tres*, segundo o teor dos seus estatutos; por esta infracção illegal do estatuto que rege aquella corporação, devia ella ser natural e logicamente *dissolvida*, por força de lei; além d'este escandalo, já bastante, ha outros de maior quilate, que um dia serão expostos com toda a luz e provas necessarias.

O paragrapho v d'este mesmo capitulo (XI. Madrid no inverno de 1870-1871, p. 186-247) falla ainda do livro de Romero Ortiz: *La literatura portuguesa en el siglo XIX.* O snr. Lauser repete a observação d'Ortiz ácerca da pobreza de obras nacionaes sobre a litteratura portugueza, pondo de parte os trabalhos futeis e *sem plano algum* (sic) de Lopes de Mendonça, Fernandes Pinheiro (1), e os outros anteriores de um valor muito relativo (Costa e Silva); os trabalhos de T. Braga, cujo primeiro volume data só de 1870 (2) não poderam então ser apreciados.

Em vista da observação de Latino Coelho (3), que o snr. Lauser repete do livro de Ortiz, acha o escriptor allemão que este acertou em dar antes umas biographias isoladas, do que uma historia litteraria em regra e fórma.

Notaremos que o snr. Lauser repete o erro, hoje provado evidentemente como tal, que José Gomes Monteiro é o auctor do *Ensaio* á edição de Gil Vicente (4). Esta usurpação subrepticia e que o favorecido ajudou a sustentar, guardando um silencio approvador, foi rectificada com provas irrecusaveis (5). O snr. Lauser menciona a extraordinaria litteratura de *almanaques* que é uma molestia não só da Hespanha, mas tambem de Portugal, com a differença que n'aquelle tem sido aproveitada para a propaganda politica que se serve dos *almanaques* para os transformar em catecismos de partidos. Lemos com espanto o que o snr. Lauser diz n'este capitulo (p. 237) com relação á propagação d'este genero de litteratura mercantil: «o calendario portuguez teve (1856) uma voga especial, graças á abundancia das suas noticias sobre as feiras do anno e festas de padroeiros, assim como pela exactidão das suas prophecias atmosphericas para cada dia». Não sabiamos d'esta popularidade do nosso *Borda d'Agua!* O ultimo paragrapho (VI) do capitulo occupa-se ainda com a *Academia Nacional de Nobles Artes de San Fernando;* aqui tudo é pobreza; pobreza de meios e de ideas sobretudo; as publicações pararam, as commissões locaes e os corpos do estado não revelam o minimo interesse pela arte; o povo carece dos elementos mais rudimentares para uma educação artistica, e por isso não tem nem sombra de sentimento esthetico (6). As commissões provinciaes não podem resistir

(1) *Curso elementar de litteratura nacional.* Rio de Janeiro, 1862.

(2) *Introducção á historia da litteratura portugueza.* Porto, Imprensa portugueza, editora, 1870. Até 1872 10 volumes publicados. No prelo: *Vida e escholla de Camões,* 2 vol. Appareceu já o 1.º *Hist. de Camões,* 1873, de VIII-441 p.

(3) «Que ha quasi mais poetas do que eleitores de paroquia» (Ortiz, *La liter. portug.* Madrid, 1870, p. 17). E' uma verdade bem triste.

(4) *Obras de Gil Vicente,* correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro. Hamburg, 1834, 3 vol., pag. I-XLI.

(5) Vide J. A. da Graça Barreto, *Lição a um litterato a proposito do Fausto,* p. 31; Costa e Silva, *Ensaio biographico,* vol. I, p. 242, 248 e 267; A. Coelho, *Sciencia e Probidade,* p. 17 e seg., etc., etc.

(6) As galerias riquissimas de Madrid estão desertas sempre, salvo alguns estrangeiros que alli vão estudar, ou viajantes que passam pela capital. Os hespanhoes preferem galantear no Prado, no *paseo de Recoletos* ou na *Fuente Cas-*

á preguiça, e esquecem-se dos relatorios a que são obrigadas; os museos nas capitaes da provincias ficam lettra morta. Uma unica commissão, a de Granada, tem cumprido o seu dever, concentrando a sua attenção sobre a *Alhambra*. O discurso de Don Pedro de Madrazo sobre Velasquez fornece ao snr. Lauser assumpto para varias observações. Madrazo queixa-se das orgias das Tulherias, a proposito da tendencia material da epocha, tão desfavoravel á arte, e accrescenta ainda as de Compiègne e Fontainebleau, o que o snr. Lauser admitte, lembrando-lhe todavia a justiça de attender a Flandrin, Lacroix, Millet, Breton, Meissonier, Daubigny, Carat, Troyon e muitos outros. No discurso sobre Velasquez reconhece o escriptor allemão alguns dados novos áeerca do grande pintor e da sua epocha, nota porém n'elle a falta de uma analyse esthetica profunda; as retribuições *mesquinhas* (1) (sic, p. 242) que Filippe IV dava ao seu *pintor de cámera* dizem-nos o que valia o Mecenas que o collocava na mesma gerarchia aulica com o «seu barbeiro, com o seu anão e os seus bobos» (p. 242). O snr. Lauser nega o que Madrazo pretende provar: «que Felipe IV fosse o protector de Velasquez,» e inverte a phrase: «Velasquez é que era o verdadeiro protector, não só do rei, mas da sua côrte e da sociedade de Madrid». Madrago exagera, dizendo que Velasquez salvára então a honra da Hespanha decrepita, e o snr. Lauser recommenda o caso a Amador de los Rios (p. 242).

O que claramente se deprehende da analyse do discurso de Madrago, é que elle carecia de altura critica e de ponto de vista historico. Em Hespanha dominaram as theorias de Hegel (2) mal entendidas, e de Krause (3) até ha pouco, cedendo hoje o passo ao novo

tellana, e as hespanholas dão-lhes razão. O snr. Lauser falla quasi no fim do seu livro (p. 341) da grande influencia da mulher em Hespanha, o que é verdade, notando que essa influencia no Norte é menor. Esqueceu-lhe porém dizer que o dominio da mulher espanhola se bascia sobre o fragil attractivo dos sentidos; se ella é formosa domina em quanto o é; o respeito pela entidade moral na mulher é uma excepção na peninsula.

(1) O snr. Lauser funda-se sobre os dados minuciosos do proprio Madrazo.

(2) Para se avaliar a altura a que estão as sciencias philosophicas na Hespanha basta folhear a seguinte obra: *Exposicion histórico-crítica de los sistemas filosóficos modernos y verdaderos principios de la ciencia* por D. Patricio Azcárate. Madrid, Duran, 1870, 4 vol. 8.º Nada ha mais pobre e mais mesquinho do que as *Esposiciones* e *criticas* dos systemas de Kant, Fichte, Schelling e Hegel, que preenchem o vol. III. A critica ao systema de este ultimo occupa 7 pag.! (288-294). Para exemplo da confusão que reina no campo da esthetica lembraremos o *imbroglio* que se encontra n'um livro de Tubino: *El arte y los artistas contemporáneos en la peninsula*. Madrid, Duran 1871, pag. 73-138. *(De la critica en bellas artes)*.

(3) Este philosopho (1781-1872) tem ainda hoje em Hespanha bastantes adeptos (Geppert, pag. 114). Os sabios hespanhoes pretendem deduzir da sua philosophia uma união do catholicismo e protestantismo, ideal que encontra muitos votos entre os sabios de Madrid (Geppert, ibid.) Vide sobre Krause. Erdmann. *Grundriss der Geschichte der Philosophie*. Berlin. Herltz, 1869-1870. Vol. II, pag. 570 e seg.

materialismo allemão. Apesar d'isto, que é apenas questão entre poucos homens, continúa a ser a theologia catholica *a sciencia das sciencias*, como atraz vimos no discurso do Cánovas de Castilho, ou como refere o snr. Lauser a «unica verdadeira sciencia» (p. 243). A *Academia de S. Fernando* continúa n'este ponto de vista mystico, o a sessão em que Madrazo fallou, e que era motivada pela recepção de D. Francisco do Cubas, foi mais uma prova d'isso. O novo academico achou excellente o que Madrazo havia dito, o sustentou, com toda a seriedade, que a philosophia moderna é fumo sem fogo; que ella com o seu palavriado, só encobre as trevas e a confusão, suas legitimas filhas, e que se n'ella existe um unico grão de verdade, deve-se isso ao christianismo. A philosophia de Kant é para o novo academico, «tão obscura e impenetravel como as conhecidas *soledades* de Góngora, e considera-a incapaz de ser a estrella conductora para outra arte que não seja a de um Borromini e Churriguera (1); as suas pretenções cifram-se n'um pantheismo obscuro e tristissimo, que abafa todo o impulso da intelligencia, o tira á razão humana o esteio de toda o qualquer crença. A nova philosophia é (ainda segundo Cubas) incapaz de ser a mestra da arte, porque vegeta nas nevoas do scepticismo, porque destrue o não construo» (p. 243 e 244) (2). Cubas condemna (já se vê) o romantismo, dando á sentença de V. Hugo *Ceci tuera cela* a significação do que: «a litteratura e a imprensa acabarão com a egreja o a architectura». Para Cubas esta arte que construe templos é a arte por excellencia, o na sua opinião basta só o aspecto de S. Pedro (3) para nos convencer do triumpho do christianismo. Amador de los Rios defendeu, segundo o snr. Lauser, a philosophia moderna com natural superioridade. Negou a antithese entre o livro e o monumento, que Cubas deduz do enunciado de V. Hugo, porque, se este houvesse querido dizer isso, esquecer-se-hia do que significa o *livro* na historia da idea humana. O livro, manuscripto ou impresso representa a sciencia e a arte; no primeiro caso procura explicar os segredos e as leis geraes da natureza, e por isso não pode ter por fim contradizel-a; se o livro se eleva até a philosophia especulativa o tem por fim elucidal-a, applicando as leis e principios obtidos n'esta esphera mais elevada do pensa-

(1) Representantes do periodo *baroque* na architectura.

(2) Este mesmo ponto de vista inquisitorial se nota n'outros campos. Vide uma critica sobre o *Faust* de D. Joaquin Sanchez de Toca na *Illustracion espanhola y americana* (1873); a analyse que lemos d'esse estudo *(Goethe y Byron, El Fausto y el Don Juan)* nas *Blätter f. lit. Unterhalt*, 1873, n.º 13, pag. 206-207, deu-nos uma tristissima idea das faculdades criticas do auctor hespanhol. O critico allemão diz: «A' emphase psalmodiadora da critica hespanhola não falta a plena sonoridade do *gorgonismo*. Seria todavia para desejar que fizesse um estudo mais profundamente organico dos problemas da poesia allemã, porque os nossos grandes poetas não escreveram para serem julgados do ponto de vista do Grão-inquisidor.»

(3) O orador hespanhol esqueceu de dizer que esta egreja foi edificada, principalmente com o dinheiro das *indulgencias*.

mento ás necessidades multiples da vida — está ainda em harmonia com a mesma natureza. No segundo caso, o livro representa a arte, porque analysando as regiões do sentimento e da imaginação, é levado a fixar as leis das creações artisticas, pondo-se em harmonia com todos os demais monumentos das Bellas-Artes (p. 247).

Ligamos a esta exposição ácerca da Academia de Bellas-Artes do S. Fernando o que o snr. Lauser nos diz de Goya (p. 248-257); é menos do pintor que elle falla do que do *gravador a agua forte;* o leitor adivinha que se allude a *Los desastres de la guerra.* O snr. Lauser tem razão; essas gravuras são notaveis, sobretudo como documentos historicos, ainda que se possa dizer que não ha um quadro de Goya que o não seja. O pintor das *majas,* dos *toreros* e das *haute volée* do fim do seculo passado e principio d'este seculo deu-nos n'essas 80 aguas-fortes a sua confissão moral e politica; o snr. Lauser insiste sobre este ponto de vista, que até hoje não tem sido apreciado devidamente. Goya é realista em extremo; as suas scenas de guerra não são bellas e agradaveis como os quadros de H. Vernet, de Meissonier, nem são caprichosamente artisticas como as gravuras de Callot — são scenas de uma horrorosa verdade.

O snr. Lauser accentuou esta differença de interpretação entre o hespanhol e os tres francezes. Em Goya tudo é sangue e crime; a gravura foi traçada por uma mão de patriota e de homem que sente o horror do crime e o horror do sangue. E então os disticos de Goya, duas palavras, ás vezes uma só de um laconismo fulminante! O snr. Lauser recommenda as 80 gravuras como um commentario ás cartas sanguinarias de Napoleão a seu irmão o rei José, como a historia d'esses homens, que Thiers e outros fizeram heroes legendarios, o que outros julgam assassinos e ladrões, tanto em Hespanha como no Rhono. Goya segue nas suas gravuras n'um formidavel *crescendo;* «o poor é mendigar», eis o distico de uma gravura, que nos pinta o castelhano altivo; trata-se aqui da fome como resultado da guerra; mais adeante lazarotos, campos cobertos de feridos; mas «isto é o peor», exclama Goya, e pinta-nos uma raposa lendo por um livro, e dá-nos um campo coberto de vampiros, de padres e de frades, que recebem a herança dos francezes.

Vem aqui a proposito lembrar a descripção das festas da *semana santa* em Sevilha (pag. 267-286). Para um allemão, como o snr. Lauser, *touriste* que aproveita tudo o que vê, e estuda e aprecia o que se lhe desenrola deante de seus olhos, poderá ser essa festividade uma *attraction,* no sentido inglez da palavra; nós, que sabemos o que custam as festas nas egrejas catholicas vemos essa comedia com olhos differentes, e achamos que o luxo deslumbrante das pratas, do ouro e das pedrarias é um luxo insultuoso, que nos lembra uma exploração de tres seculos, e que essa pompa é á custa do nosso suor e um escarneo á nossa pobreza.

Passemos pois adeante ao capitulo XV; as *cigarreras* e os *gitanos* de Sevilha (pag. 287-296) foram curiosamente estudados pelo

snr. Lauser. Entre as 4 a 5:000 raparigas da fabrica de tabacos achou o escriptor allemão a mistura singular das raças que povoaram a peninsula, o typo godo (1), o arabe, e as misturas de um e outro. O snr. Lauser falla-nos da nobreza de porte e elegancia nativa d'aquellas filhas do povo; não pensou no mais, porque quiz só admirar o que via do bom; mas o peor, quem o dirá? Quem não se lembra da profunda decadencia da mulher, que alli se revela em toda a nudez? Os tres ultimos capitulos que se referem a Burgos, Toledo, Avila Valhadolid, etc., quasi nada apontam de novo e que não seja bem sabido; os monumentos e as bellezas d'esses logares são conhecidas. O que se repete é a mesma decadencia moral e material (2) (p. 350-356).

Mencionemos finalmente dois capitulos, a que ainda nos não referimos; o III *Testemunhos mortos a favor da liberdade de consciencia,* em que o snr. Lauser nos faz uma descripção caracteristica do celebre quadro de Rizzi (3) no *Museo del Prado;* e *A primeira capella protestante em Madrid* (4). N'este ultimo refere resumidamente as luctas do protestantismo na Hespanha, e depois avalia a força do movimento em Madrid, onde diz existirem de 1:000 a 2:000 pessoas (5) pertencentes á nova *egreja evangelica* hespanhola, cujos principios são uma fusão das ideas de Luthero e Calvino.

Fechamos esta minuciosa analyse, resumindo as conclusões do auctor.

A decadencia geral é evidente; em politica vemos uns governos após outros, mudanças de nomes, sem mudança de systema; este, seja elle representado por O. Donnell, por Narvaes, por Concha, por Serrano, ou por Prim é o systema da *politica personal,* isto é a exploração *à outrance;* nenhum d'elles sustenta uma idea superior, nenhum tem um fim, que seja o bem commum, nem respeita a idea da patria. Na sciencia vemos tambem um desvio deploravel; qualquer discussão n'esto campo toma logo uma feição politica (6), prostitue-se

(1) Em Sevilha abunda extraordinariamente o typo louro; as figuras são medianas, e a expressão é totalmente differente das physiognomias do Norte. Estes typos tem porém a sua belleza peculiar nos contornos; a expressão, o olhar melancholico é inconsciente.

(2) Alcala, cuja universidade foi em tempos frequentada por 11:000 estudantes está deserta; os antigos estabelecimentos estão transformados em depositos de cereaes (p. 323). Todo o rendimento da provincia de Burgos não chega para sustentar o clero da cidade! (p. 351).

(3) Vide ainda a este respeito: J. Claretie. *Journées de Voyage.* Espagne et France. Paris, Lemerre, 1870 p. 217-220.

(4) Vide para mais dados: Dalton, *Die evangelische Bewegung in Spanien.* Wiesbaden, Niedner, 1872, de VI-82 p.

(5) Segundo Dalton *(Op. cit.* p. 79) existem em Hespanha hoje cerca de 5:000 protestantes hespanhoes, perfeitamente organisados.

(6) O snr. Lauser diz: «como todas as mais n'este paiz» (p. 203). Vide mais a p. 225. Fallando da *Academia española* diz o snr. Lauser. «Durante varios annos recrutou ella os seus membros quasi exclusivamente entre os *Moderados;* agora toca a vez aos unionistas e progressistas». A mesma tendencia desgraçada se dá na *Académie française,* cuja feição *Orleanista* foi causa de Napoleão III não ser recebido com a sua *Histoire de Jules César.*

*

e mira ao fim sabido: o mesmo *interesse personal*. Falta de seriedade e de profundidade em geral; uma monomania declamatoria, um phraseado pretencioso, com uma outra tendencia fatal, a glorificação do *passado*, uma molestia chronica da peninsula, o que é commum á politica e á sciencia — eis os caracteres da litteratura e da sciencia em Hespanha.

A opinião do snr. Lauser ácerca do povo hespanhol resume-se nos seguintes pontos, alguns dos quaes já ficam acima indicados: «N'este paiz privilegiado ainda o tempo não é dinheiro, e o inimigo mais encarniçado do romantismo, o trabalho — *degrada*, na opinião dos hidalgos hespanhoes» (pag. 261). O snr. Lauser gaba a frugalidade do hespanhol nas suas necessidades, a moderação nos seus prazeres; mas isso dá-se na provincia nas classes inferiores; em Valhadolid viu o escriptor allemão uma festa popular costeada com uma simples guitarra e um luar gratuito; viu gente alegre e inoffensiva; mas se o snr. Lauser assistisse a uma festa identica na Andaluzia, veria o mesmo socego? E' preciso notar que o caracter do hespanhol varía conforme as provincias, de tal modo, que é impossivel formar um juizo imparcial sobre elle, sem conhecer bem as principaes. Essa frugalidade é todavia commum a todas; é na verdade uma das feições typicas do caracter hespanhol; mas o que é desgraçado, é que a pratiquem em tudo, o nas coisas do espirito mais do que em coisa alguma. So fazem uma excepção é no amor, mas n'este assumpto é mister distinguir as especies. Mas não são as classes inferiores as que mandam, e que dispõe dos destinos da nação, são as superiores, isto é, que importa saber; e estas amam a ostentação sobre tudo, e desprezam o trabalho; exploram desapiedadamente, falsificam a sciencia e a arte, inutilisam a educação publica e entorpeçam-na com sophismas, caminhando todos, sejam ministros ou militares, empregados ou jornalistas, sabios ou artistas para o mesmo fim, o interesse pessoal, para essa *politica personal*, que aprenderam na alta eschola (a todos commum) — o catholicismo; com effeito o padre em Hespanha centralisou sempre até ha pouco todos os poderes, dominou-os e explorou-os deixando ao paiz apenas as migalhas do festim. O catholicismo foi o que inaugurou essa *politica personal*, que é o cancro da Hespanha (1), que não respirará emquanto não o destruir. Sobre as causas de decadencia nas classes, que tem o governo d'aquelle paiz entre mãos, ha perfeita harmonia entre os numerosos escriptores de todas as nações que se tem occupado com a Hespanha; mas o que até hoje não lemos em nenhum é a denuncia clara que aqui fazemos. O grande mestre n'essa politica personal foi e ainda é o *catholicismo;* O'Donnell, Narvaes, Armero, Is-

(1) E das nações romanicas em geral.

turiz, Miraflores, Mon, Serrano, Prim, foram apenas discipulos mais ou menos haveis d'esse mestro (1).

A analyse que fazemos do livro do snr. Geppert será mais resumida do que a antecedente, porque este segundo auctor dá-nos apenas umas *primeiras impressões* n'uma viagem de poucos mezes, em que a sua attenção se concentrou sobre uma certa especialidade scientifica; não achamos pois no livro do snr. Geppert os pontos de vista assaz vastos do snr. Lauser sobre a politica, sobre a litteratura, sobre a arte e sobre os costumes do povo hespanhol.

Não esqueçamos o que o auctor diz: «Eu não tive na mente, nem pude dar uma vasta pintura historica do estado social do paiz; as minhas forças não chegam para isso. Eu pude dar apenas uma miniatura, ajudado pelas experiencias pessoaes de uma estada de seis mezes»... (prologo, p. IV).

O snr. Geppert foi a Hespanha (segundo diz, p. 1) com o fim de colher dados novos para o estudo da antiguidade, auxiliado pela philologia classica. As descripções idealisticas (p. 3) dos viajantes allemães ácerca de um paiz tão decantado tambem aguçaram em segundo logar a curiosidade do professor allemão.

Digamos ainda que elle declara pessoalmente ter levado apenas o pequeno guia de Germond de Lavigne (2), por ser o de Murray pesado, e porque não ia á Hespanha para fazer nem *estudos historicos, nem artisticos,* e que partiu com uma idea muito favoravel para o paiz, que ia visitar (p. 6).

Chegado a Hespanha começam as peripecias encadeando-se umas nas outras, e o professor vai deixando aqui uma escova, alli o relogio, acolá uma caixa de phosphoros, isto tudo roubado sem a menor cerimonia; n'uma bibliotheca de Madrid roubam-lhe um canivete, depois umas medalhas d'ouro, que vão atraz do relogio, afinal até as camisas. Chegado a Barcelona dão-lhe noticia de uma numerosa sociedade de ladrões, organisada com todo o rigor (p. 50); em outros pontos dissuadem-n'o de seguir certos caminhos e de examinar certas curiosidades por causa da falta da segurança. Os cocheiros ex-

(1) Desde 1833 até 1858, teve a Hespanha nada menos de 47 presidentes de ministros, 61 ministros dos negocios estrangeiros, 78 das finanças, 96 (!) da guerra, etc. *Anuario estadist.*, 1858, apud Baumgarten. *Geschichte Spaniens.* Vol. III, pag. 430.

«On a calculé que depuis 1834, époque de l'avénement d'Isabelle, jusqu'en 1862, il y a eu en Espagne *quatre constitutions,* vingt-huit parlements, quarente sept premiers ministres et *cinq cent vingt-neuf ministres* à portefeuille, dont soixante-huit de l'intérieur. En moyenne, chaque ministre de l'intérieur n'a duré que six mois. Depuis dix ans, les ministres des finances ne sont restés, en moyenne, plus de deux mois en fonctions». E. Poitou. *Voyage en Espagne.* Tours, Mame, 1869, in 8.º gr., pag. 331.

(2) Conhecemos apenas o grande e excellente *Itinéraire descriptif, historique et artistique de l'Espagne et du Portugal,* Paris, Hachette, 1866, 2.ª ed. XXVIII-851 p.

ploram-n'o; nos hoteis, nos cafés, e até nas estações officiaes do caminho de ferro mimoseiam o professor com dinheiro falso em ouro o prata.

Isto já é na verdade o bastante para se ficar com poucas saudades do uma viagem aos paizes das *mil e uma noites*, quanto mais a Hespanha. E' verdade que em toda a parte se encontram cocheiros insolentes, donos de hoteis pouco modestos, e outros exploradores similhantes; isto não é motivo para se julgar mal um paiz; mas quando o snr. Geppert nos conta, que o municipio de Madrid já não paga ha 2 annos os juros de um emprestimo (p. IV), que o governo consente a circulação de uma quantidade prodigiosa de dinheiro falso, a ponto de ser tido elle proprio como *moedeiro falso* (p. 20), quando Serrano abre uma campanha contra os ladrões carlistas, promettendo-lhes um perdão geral (p. IV), quando o snr. Geppert ouvo de pessoas (p. 162, 163, 165, etc.) que tem viajado muito em Hespanha, e de algumas que alli residem ha annos a confirmação da opinião, que elle tem formado ácerca do caracter dos hespanhoes — então já não são só factos isolados que pesam na balança, são testemunhos mais sérios. O snr. Geppert tem toda a razão quando diz «que essa alluvião de dinheiro falso destroe a confiança, a boa fé, e cria um mal estar que affecta todas as relações sociaes» (p. 20, 22, 26). A opinião que elle avança sobre os hespanhoes é a mais severa das que temos lido, mas não discorda do que ultimamente temos encontrado nos livros mais recentes sobre a Hespanha, o mesmo do que o snr. Lauser diz, sendo o juizo d'este em geral tão favoravel; ambos concordam na superficialidade, na monomania da phrase (p. 110) na vaidade nacional, que vive do passado, como se o presente não existisse, da preguiça, que não conhece o valor do tempo (p. 150) e da ignorancia geral (p. 11, 75, 111, 112, etc). O snr. Geppert trava relações com um official da armada hespanhola que suppõe a Suissa perto da Hollanda, que não sabe da existencia do Genebra, nem do Basel, nem de Bern (p. 11-12).

N'uma bibliotheca de Toledo, pede o snr. Geppert o catalogo dos manuscriptos, que dizem não existir; afinal graças a uma nota de um livro de Hänel, escriptor allemão, lembra-se o professor do catalogo do monge Frias, que aquelle auctor dá como existente na bibliotheca; busca-se, e acham a final os dois in-folios de cuja existencia o proprio bibliothecario nada sabia! Nas differentes bibliothecas reinam irregularidades de todas as especies; abrem-se muito depois da hora marcada, mas fecham muito antes, o que exgota a paciencia ao pontual professor. Além d'isso os sabios hespanhoes fazem monopolio das riquezas nacionaes (1) (pag. 140, 141, 161) e nem sequer ao menos as publicam, uns por incapacidade de meios, outros por incapacidade scientifica. Este exclusivismo feriu o snr. Geppert particu-

(1) Isto é queixa que já ouvimos a mais pessoas.

larmento por se dar na especialidade que elle vinha estudar do proposito a peninsula.

No *Ateneo,* que o professor allemão frequentou mais assiduamente, encontrou a monomania rhetorica encobrindo uma sciencia superficial; os assumptos scientificos mais sérios eram discutidos n'um tom de emphase ridiculo; nas discussões familiares á porta fechada, entre os preleccionistas conheceu os *professores,* sujeitos em geral superficiaes, servindo-se de factos suspeitos e eivados dos preconceitos mais singulares, emfim sem methodo scientifico.

A frequencia da parte do publico era irregular; a ordem dos cursos modificada e revolucionada a cada momento, confirmou-lhe a preguiça e a instabilidade das cousas em Hespanha. Os jornaes, que são o unico orgão da instrucção para a massa, advogam um exclusivismo patriotico, que fomenta a ignorancia, já grande; do que se passa além dos Pyrenéos pouco ou nada se sabe, e o isolamento desgraçado do paiz nem sequer aqui encontra um palliativo; os poucos talentos aproveitaveis fogem do estudo severo e difficil da sciencia para a futalidade das polemicas locaes, e tumultuam-se no campo esteril da politica (p. 114-115). Como aqui porém tudo mira a um unico fim — o *interesse pessoal,* em que já o snr. Lauser insistiu tanto, não dão os movimentos o menor resultado; ninguem respeita a lei «porque os hespanhoes consideram o direito e a lei como um froio incommodo; e acham até um prazer especial em transgredil-a» (p. 119). Já no inverno de 1872 julgava o snr. Geppert que o *constitucionalismo* era impossivel em Hespanha, porque não ha alli partido algum, nem mesmo o republicano, que é o mais numeroso (p. 120) sufficientemente forte para poder estabelecer a ordem e a moralidade, incommoda a uns e outros. O snr. Geppert não prevê já no inverno de 1872 como solução final senão uma dictadura violenta em beneficio de uma alliança de Montpensier e Isabel. As côrtes (p. 117-118) pareceram-lhe um cháos no meio da furia dos partidos.

O que o snr. Geppert nos diz ácerca das curiosidades e monumentos do paiz é pouca cousa. A passagem pelos pontos principaes, Barcelona, Zaragossa, Sevilha, Granada, Valencia, etc., foi mui rapida; além d'isso o auctor já nos disse que não ia a Hespanha para fazer, nem estudos *artisticos,* nem *historicos.* Por isso facilmente se desculpam alguns erros e inexactidões, sobretudo no que toca a Bellas-Artes. A p. 36 falla do *Nationalmuseum* (museu nacional) como a primeira entre as cousas notaveis de Madrid. Houve aqui equivoco? Não quereria o snr. Geppert dizer *Museo del Prado* ou *Museo real* (1)?

(1) N'uma nova edição em 8.º gr., 1.ª parte, (fins de 1872), do *Catálogo* d'este museu adoptou o critico hespanhol D. Pedro de Madrazo o titulo: *Catálogo de los cuadros del Museo del Prado de Madrid,* para evitar as confusões dos differentes titulos dados a este estabelecimento.

Ha com effeito um *Museo nacional*, que está no *Ministerio del Fomento* (1), mas os quadros que ahi existem estão n'uma desordem vandalica (2), e embora muitos sejam do valor, é essa collecção muito inferior á do *Prado*. Crêmos pois que o snr. Geppert, fallando na coisa mais notavel de Madrid, se referiu a este, e não ao *Museo nacional*. O snr. Geppert acha que n'esse *Museo nacional*, de que falla, houve prodigalidado na attribuição do nomes italianos a certos quadros; se a nossa hypothese é certa, isto é, se o snr. Geppert quiz fallar do museu do *Prado*, então não ha motivo para essa observação, pois os quadros da eschola italiana, que este estabelecimento possue, o que são muitos e riquissimos, são na maioria authenticos e de proveniencia conhecida. Se se refere ao *Museu nacional* no Ministerio del Fomento tambem não se justifica o seu dito, porque os quadros italianos d'alli são apenas uns 58, sendo cerca de 40 de pintores italianos que estiveram ao serviço dos reis de Hespanha no seculo XVIII (Giordani ou Jordan, Antonio Joli, Tiepolo); a authenticidade d'estes quadros é provavelmente evidente. O que alli existe do Giulio Romano, G. Penni, Francia, Allori está documentado no catalogo de Villaamil (3). Não é exacto que no *Museo de la Merced* (Sevilha) existam só quadros da eschola sevilhana (p. 135); ha alli quadros da eschola flamenga, da eschola allemã e italiana, e da de Madrid; diremos ainda que a eschola de Sevilha não é a *unica* que a Hespanha produziu (p. 135); ha além d'essa a do Valença, de Toledo e do Madrid, que conta nomes tão illustres como a de Sevilha.

Basta lembrar para a primeira o celebre Juan do Joanés (4), Espinosa, Blas del Prado (5) e Velasquez; Claudio Coelho, Cabezalero, Cerezo (6) para as duas ultimas (7). E' preciso notar, que as

(1) *Catálogo provisional historial y razonado del museo nacional de pinturas*, formado de órden del Exem. Ministro de Fomento Marqués de la Vega de Armijo por D. Gregorio Cruzada Villaamil. Madrid, 1865, 8.º do VI-288 p. No mesmo volume: *Galeria de cuadros contemporáneos pertenecientes al museo nacional*, de LVIII p.

(2) Fallamos *de visu:* os quadros acham-se postos em montes nos corredores, e os poucos que se achum abrigados nas salas mal se podem ver por falta de luz.

(3) *Catálogo provisional* pag. 252-276.

(4) 1523-1579. O seu nome verdadeiro é Vicente Juan Macip. Viardot (*Les musées d'Espagne*, Paris, Hachette, 1860, 3.ª ed.) diz d'elle... «on peut croire du moins que, de tous les imitateurs de Raphael, étrangers á l'Italie, Joanés est celui qui s'est le plus approché du divin modèle», pag. 114.

(5) 1497-1557. Da escola do Toledo. A galeria da Academia de S. Fernando conserva um admiravel quadro d'este auctor, digno dos grandes mestres italianos. Tem o n.º 87 na collecção das photographias da casa Laurent de Madrid (n.º 170 do catalogo official).

(6) Os melhores quadros d'estes dois ultimos estão na academia de S. Fernando. Veja-se p. ex. o n.º 520 da collecção Laurent, que Viardot não menciona.

(7) Geppert falla tambem ao de leve (p. 154) do museu provincial de Valencia em que achou uma «grande quantidade de quadros insignificantes;» este juizo é gratuito; ha lá bellissimos quadros e authenticos; o Leonardo de Vinci, de que falla, é desconhecido.

modificações de que o snr. Geppert falla, a proposito da mesquita de Cordova, foram feitas sobretudo no reinado de Carlos V; no tempo de Fernando o Catholico apenas se construiram as capellas que fecharam assim as numerosas entradas do templo; o verdadeiro vandalismo, isto é a edificação da egreja christã no centro da mesquita, foi feita muito depois, quando Fernando o Catholico já tinha fallecido.

O snr. Geppert falla com pouco enthusiasmo da mesquita, que é uma verdadeira maravilha, mesmo truncada como está; em compensação enthusiasmou-se á vista da Alhambra; o professor allemão falla com saudade da civilisação arabiga, e acha que uma viagem pelo sul da Hespanha, sob o dominio dos califas, seria bem mais admiravel do que como ella está actualmente; em todo o caso esta sympathia, varias vezes repetida (p. 136, 146 e 147) justifica-se; os arabes foram sempre tolerantes em extremo, nunca vandalisaram os monumentos dos seus inimigos; o seu caracter era nobre, mas é preciso notar que a sua derrota foi o resultado de uma decadencia moral, que a sua civilisação tão brilhante não os podia fazer viver, porque lhes faltava a força vivificadora de um principio superior, com um fim superior. Este estava do lado do christianismo; os vandalismos commetteram-n'os os sectarios allucinados; a idea christã nunca os auctorisou.

Eis os pontos de maior interesse no livro do snr. Geppert; a severidade do seu juizo que é quasi sempre a mesma, raras vezes diminue, salvo quando entra na Andaluzia, e depois de passada a *Sierra Morena* desanuvia-se um pouco o horizonte; ainda assim as andaluzas não são tão feias como o professor as pinta (p. 138), e embora os andaluzes sejam de genio um pouco leve, é mister distinguir o que é natural na alegria e franca jovialidade dos habitantes d'aquella provincia, e o que pertence propriamente ás *Windbeuteleien* (leviandades de cabeças de vento).

Nós estivemos dois mezes n'aquella provincia, cujos encantos naturaes e cujas riquezas artisticas, bastam para desarmar a critica mais severa; embora se diga que n'aquelle solo abençoado se vive em geral uma vida inconsciente, sobretudo nas classes superiores, é impossivel classificar de mentirosos os que gabam a hospitalidade e a amavel franqueza d'aquella gente; os elogios que temos ouvido a muitos estrangeiros, as palavras de muitos compatriotas do snr. Geppert (Hackländer, Rossmässler, etc., etc.), a nossa propria experiencia levam-nos a fazer a distincção acima notada; embora haja muito andaluz importuno, tambem os ha com as suas qualidades naturaes, que são apreciaveis. Se ha juizo e opinião favoravel a respeito das provincias de Hespanha, é a respeito da Andaluzia e da Catalunha. Notaremos que para o fim do livro accentua o snr. Geppert os seus juizos cada vez mais severamente; a todo o momento se lêem queixas; o professor sente a falta da sua classica cerveja de Berlim (pag. 41); a temperança dos hespanhoes, que não ceiam, é motivo de censura

(pag. 25); nos quartos não ha fogões, nom outras commodidades. Do pag. 77-90 faz-nos uma longa descripção das privações quo soffrou no hotel em Madrid: má cama, frio o chuva; falta-lho sempro o *gemüthlich,* a que ello não so refere verbalmente, mas quo so lê atravez das linhas. Esse estado moral e physico combinado, é inapprecia-vel para quem já o experimentou; raro é o allemão quo renuncia a ello; mas quem vao a Hespanha tem de se preparar do antemão a muitos sacrificios, e não dovo imaginar que ha-de encontrar sempro um bom fogão, boa cerveja, boa cama, etc., etc.

Nós queremos fazor a maxima justiça ao snr. Geppert, mas não podemos deixar de repetir o que já dissemos no principio d'esto artigo: que quem visita um paiz deve julgal-o som provonções, e não sentenciar absolutamento como a p. 147, dizendo que os hespanhoes estão moralmento de todo asselvajados (sic, *verwildert).* Isto é domais, e tem do restringir-se segundo o quo atraz fica dito. Não soria difficil collocar ao lado d'essa passagem outras do mesmo livro, muito menos absolutas o mais justas; notaremos que o *crescendo* toca aqui o seu ponto culminante, o quo explica a injustiça. Não queremos exigir que o escriptor abdique a sua critica quando visita um paiz extranho; mas tambem é justo quo não julgue o quo vê do novo e extraordinario com um proposito pessimista, o impressionado por incidentes insignificantes e puramento pessoaes; o meio termo é a verdado.

Dando razão ao snr. Geppert na maioria das suas observações, que concordam com as do snr. Lauser, embora este as formule com menos dureza, parece-nos que a *massa* do povo hespanhol, embora esteja immersa n'uma ignorancia crassa, não perdeu toda a força moral, o conserva ainda muitas das suas qualidades nativas (1); ás

(1) Um livro francez, de data recente, diz ácerca do caracter hespanhol, e em conformidade com a nossa opinião o seguinte: Je ne crois pas davantage ce que j'entends souvent répéter: que l'Espagne est un pays en décomposition, un peuple usé et perdu sans ressource. Non, ce sont là des exagérations de journeaux. Les Espagnols sont un peuple non usé, mais engourdi, paralysé par le despotisme, par l'ignorance, par la superstition, par l'isolement systématique où on l'a tenu depuis deux siècles. Il a été écrasé et comme étouffé sous une cloche de plomb: qu' on lui rende l'air et la lumière, et vous verrez la vie déborder en lui. *Les hautes branches sont pourries,* mais le tronc est sain encore, vigoureux, plein d'une séve puissante, même un peu âpre et qui n'a besoin que de culture. L'avenir de l'Espagne est là; il est dans le peuple, surtout dans le peuple des provinces du nord, race plus énergique, ayant plus de ressort et plus d'élévation morale. Même dans le sud, où la race est plus molle, et la moralité plus abaissée, c'est encore le peuple qui est l'élément le plus vivace et le plus sain; c'est là qu'on retrouve le plus de trace des vieilles et fortes qualités de la nation». E. Poitou. *Voyage en Espagne.* Tours, Maine, 1869 in 8.° gr. p. 329. Podemos recommendar este livro como um dos melhores, que se teem occupado com a Hespanha. Juizos moderados, excellentes observações, um senso critico imparcial e todavia sensivel e benevolo para com as tradições e costumes caracteristicos do povo que estudou—eis o que distingue esse bello volume, demais enriquecido com excellentes e fidelissimas illustrações (gravura em madeira) de V. Foulquier.

classes que hoje dominam, a essas pode-se applicar a sentença absoluta (1). Digamos ainda que a estação em que o snr. Geppert viajou em Hespanha foi mal escolhida; as bellezas naturaes (2) tel-o-hiam posto em melhor disposição de espirito, se houvesse tido o sol a alumial-as, em lugar de uma chuva torrencial.

Diremos emfim que o estylo do livro é bastante interessante e humoristico, embora em certos casos péque por uma nudez de expressão um pouco viva (p. 60, 69).

Diremos finalmente ainda a proposito de juizos absolutos que a analyse que o *Literarisches Centralblatt* (n.º 23, p. 714-715) faz do livro do snr. Geppert é mui injusta; as ladroeiras e as explorações, que o snr. Geppert soffreu, poderão estar (como estão) egualmente em moda em outros paizes, todavia quando a immoralidade e a desordem se revelam em factos capitaes, não ha desculpa.

Um Serrano, que entra em campanha, dando um perdão geral aos ladrões carlistas; administrações, officiaes de caminhos de ferro em que a desordem é geral, bibliothecas com empregados que não conhecem sequer os livros da casa, uma circulação enorme de dinheiro falso officialmente tolerada, a ignorancia nos estabelecimentos scientificos, uma administração municipal de Madrid que não paga a quem deve, etc., etc.,—isto não viu, d'isto não falla o critico do *Centralblatt;* e isto todavia são factos capitaes; isto denota que a gangrena affectou as classes mais influentes da sociedade hespanhola, as classes que mandam. Repetimos: o unico juizo injusto, e que consideramos como demasiado absoluto, está a pag. 147, e refere-se á nação hespanhola em geral, que não póde ser responsavel pelas graves culpas de uma certa classe. Póde-se ainda accusar o povo como cumplice, por tolerar uma sociedade superior pôdre até á medulla dos ossos, mas tenha-se em conta uma exploração de tres seculos, cujas consequencias horrorosas só as conhece quem soffreu com ellas; tenha a Allemanha em conta que a peninsula não só soffreu, mas combateu, embora fosse sempre novamente esmagada; e então talvez a severidade da critica encontre motivos para ser menos rigida para com os povos, embora fulmine as classes superiores, e mesmo a classe media das grandes cidades, como ellas o merecem. A verdade deve ser respeitada acima de tudo, embora ella fira as nossas illusões mais queridas. Notamos que ha pouco se operam no mundo germanico dois movimentos: um que tende a voltar em virtude dos successos da ul-

(1) «...d'après ce que me disent des hommes qui habitent ce pays depuis vingt ans, la corruption est universelle, l'avidité sans pudeur, la vénalité sans bornes». E. Poitou. *Op. cit.*, p. 171. Este juizo tem tanto maior valor, quanto é evidente a imparcialidade do auctor.

(2) O que nos conta das curiosidades artisticas, que é mui pouco, ou melhor nada, leva-nos a crêr que o professor adora um pouco exclusivamente a archeologia romana e grega, em prejuizo da arte christã em que a Hespanha é tão extraordinariamente rica. Os musens de Madrid, de Sevilha, de Valencia, foram pouco e mal apreciados, para fallar só nos de *pintura;* as maravilhas das cathedraes, dos palacios, etc., não mereceram menção em geral.

tima guerra o da decadencia evidente das nações romanicsa á *Deutschthümelei,* ao germanismo *à outrance,* e um outro, que so esforça por apagar os odios, egualar as differenças o estabelecer o equilibrio entro as nações germanicas e romanicas. Este partido é hoje felizmente o mais forte; os *Romanenfresser* vão escaceando, assim como os *Franzosenfresser* (1), e quando as differenças estiverem mais equilibradas, dirá a critica até que ponto a Hespanha merece ou a sympathia contemporisadora do snr. Lauser, ou a severidade germanica do snr. Geppert. Entretanto devemos agradecer a uns o outros que so occupem de nós, porque embora os ultmos errem, acertam em um o outro ponto, o que é ainda um serviço.

Diremos por ultimo algumas palavras ácerca do livro do snr. Rasch. O auctor colloca-se, como já dissemos n'um ponto de vista especial, o da propaganda politica; o interesse scientifico e litterario do seu livro é neuhum por assim dizer, e por isso o nosso exame será breve. O snr. Rasch é um dos pouquissimos republicanos allemães, que não encontrando o echo das suas ideas no seu paiz natal tem andado, sobretudo pelos paizes romanicos, transformado em *redorter* do movimento republicano, mais ou menos vivo, que n'elles se agita. Exilado e processado varias vezes na Allemanha, envolvido em luctas e difficuldades carece o seu juizo de serenidade o do objectivismo para ser tomado á risca. O primeiro (2) e ultimo capitulo (3) pareceram-nos os mais interessantes. O snr. Rasch falla do orgulho pretencioso dos allemães (deutscher Hochmuthsdünkel), que os leva a avaliar mal os merecimentos das outras nações, e indica a nação hespanhola, como havendo sido a mais prejudicada. A affirmação é falsa em principio, e particularmento com relação á Hespanha; é certo que uma viagem do mezes mesmo, não dá auctorisação para ajuizar dofinitivamente de uma nação, e por isso facil será achar nas trinta e tantas viagens de escriptores allemães á peninsula, n'esto seculo, factos e sentenças inexactas; mas o exame amiudado d'essas obras levará tambem necessariamente a uma conclusão, e vem a ser: que os allemães não só teem sido n'este seculo (4) os que melhor teem appreciado a Hespanha, mas inclusivè os que levaram o seu onthusiasmo pela Hespanha a um culto exagerado, que chegou com a eschola romantica na Allemanha ao seu ponto culminanto (Tieck e W. Schlegel). O que a Hespanha deve á Allemanha, desde Herder (para

(1) Vide um artigo mui interessante no *Unsere Zeit,* 1877, p. 721-735 que avalia ambos os movimentos: *Das literarische Franzosenthum in Deutschland.*

(2) «A Hespanha e os hespanhoes.»

(3) «(Notas) para a estatistica de Hespanha.»

(4) As viagens de estrangeiros á peninsula são no seculo xvii quasi exclusivamente de francezes; no seculo immediato apparecem já bastantes descripções em inglez, e n'este seculo avultam os allemães em grande maioria. A primeira descripção de viagem a Hespanha é sem duvida a do cavalleiro Arnold von Harff, *Die Pilgerfahrt* (1496-1499) etc., ed. de Cöln, 1840, 8.° gr. (Heberle).

não recuar até Bodmer: analyse do D. Quixote, 1740) até F. Wolf é uma serie de serviços, uma serie do trabalhos tão respeitaveis, que nem vale a pena fallar n'essas anecdotas infelizes de um ou outro viajante, e mesmo no genero de *viagens,* leu o snr. Rasch os livros do Haeckländer, de Rossmässler, de Willkomm, de Körner, de A. Stahl (1)? Duvidamos, aliás chegaria a outras conclusões. O quo o auctor pensa sobre a Hespanha e os hespanhoes resume-se (prim. cap.) em poucas palavras. As affirmações absolutas escapam-lhe, e resolvem-se em contradicções. «Na Hespanha de hoje morreu a crença» (pag. 10), e mais adiante (pag. 16) lê-se ainda: «A monarchia está tão morta em Hespanha, como a crença»; todavia no fim do volumo (pag. 240) diz-nos o auctor pela bôcca de um hespanhol que a Catalunha, isto é, uma das provincias mais importantes e activas de Hespanha, é muito catholica; mais adeante (pag. 245-251) descreve o auctor uma ceremonia religiosa n'uma egreja protestante de Barcelona, que elle acha *cheia* de uma multidão respeitosa, o diz-nos depois sic: «E' esta uma festividade religiosa como as que se celebram todos os domingos em Madrid, Saragossa, Sevilla, Malaga, Cordoba, Cadix, Alicante, Valencia, Valhadolid, Santander, emfim em *quasi todas* as cidades, pequenas e grandes, em que se formam communidades livres protestantes, e as funcções que alli se celebram são em tudo eguaes ás das nossas communidades livres allemãs, e ás suas reuniões» (pag. 250). A apologia do hespanhol e da hespanhola (pag. 20 e seg.) é um paragrapho inutil e pernicioso, sobretudo n'esto momento; a transformação pela qual o caracter hespanhol tem de passar será tão profunda, que é extemporaneo e pueril fazer a apologia de uma nação, que ainda não provou o gráo de energia com que abraça a sua regeneração. Se o snr. Rasch pretende que a Hespanha está em pleno protestantismo e acha isso favoravel, não faria melhor em explicar á Hespanha como a Allemanha allia a disciplina politica com a da intelligencia e a dos costumes, em logar de ridicularisar acintosamente o segundo paiz, o seu despotismo politico e a sua orthodoxia protestante? (pag. 250).

A Hespanha lucraria com isso, quando a Allemanha pouco ou nada ganha com pálidas copias de pinturas, que tem em casa no original. O capitulo decimo é copiado quasi *ipsis verbis* de Cuendias (2) e os outros capitulos sobre Granada, Toledo etc. são compilações que não dão um facto novo. O ultimo capitulo, que ligámos atraz com o primeiro é ainda de interesse para quem não conhecer a obra do snr. Garrido, d'onde o auctor copiou as suas *noticias estatisticas* de Hespanha. O auctor dá a p. 190 uma descripção assaz pittoresca de uma viagem na classica *diligencia,* mas esquece-se que fizera a mesma descripção quasi com as mesmas palavras e os mesmos incidentes a p. 118! Não faltam tambem inexactidões. O palacio de S.

(1) Embora os cite a pag. 133, passim.
(2) *Spanien und die Spanier,* 2.ª ed., (1851), pag. 314-318.

Telmo (Sevilha) não foi comprado (p. 100) polo duque de Montpensier, mas dado a este pela rainha Izabel. Carlos v não póde ser culpado do attentado contra a mesquita de Cordoba (p. 144), que elle condemnou (1). O snr. Rasch gaba o exercito hespanhol pelo seu espirito democratico, e acha n'elle o maior numero de martyres da liberdade (p. 39)! o que não haveria a dizer n'este capitulo! Estas breves observações em contrario bastam todavia para avaliar o livro que chegou a uma *segunda edição* decerto pela afan da loitura, que é um dos signaes caracteristicos da Allemanha, e pelo interesse que os ultimos movimentos da Hespanha tem alli acordado. E' porém para desejar que os trabalhos de compilação cessem, e que os futuros viajantes, que visitarem a Hespanha, nos deem menos descripções do palacios e do egrejas, já sabidas do cór, e se appliquem antes ao estudo da nacionalidade propriamente dita, o contribuam com as suas ideas para a resolução da criso que a peninsula tem forçosamento de atravessar; indiquem os meios que lhes parecerem mais proprios para esse fim, que vemos quasi perdido do vista, o deixem definitivamento em paz a Alhambra, o «patéo de los leones», Maria Padilha, etc. etc.

Não concluiremos sem mencionar o elevado merito de um compatriota do snr. Rasch, do Baumgarten, cuja obra encaminha a resolução da crise no verdadeiro sentido (2).

Obras d'esta ordem havemos de recebel-as sempro com profundo reconhecimento, e não se diga que n'um livro do *viagens* não ha logar para questões politicas, moraes, e ethnicas; sob este ponto de vista acceitamos os livros dos snrs. Lauser e Geppert mesmo, mas não podemos acceitar com a mesma mão os escriptos superficiaes, incorrectos o exclusivos — *à sensation* — do snr. Rasch (3).

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

49.—**Antichi usi e tradizioni popolari siciliane nella festa di S. Giovanni Battista.**—Lettera II.ª di Giuseppe Pitré. Palermo, Tipografia del *Giornale di Sicilia*. 1873. 8.° peq. 20 pp.

A baroneza Ida de Reinsberg-Düringsfeld prepara com o seu marido uma obra sobre os usos e crenças relativas ao dia de S. João;

(1) E' verdade que o conselho real ordenou ao alcaide de retirar a ordem que ameaçava com pena de morte todo o trabalhador que tocasse no monumento, que o cabido queria transformar; mas quando Carlos v viu a vandalisação, condemnou-a asperamente, dizendo: que se soubera o que queriam fazer, o haveria prohibido. A destruição de parte da Alhambra e a entrega do alcazar de Cordoba á Inquisição, isso é culpa cuja responsabilidade lhe cabe plenamente, e já é mais do que o bastante.

(2) *Op. cit.*, vol. III, p. 617-640.

(3) Mencionaremos apenas o titulo de um outro livro do mesmo auctor para exemplo: *Vom spanischen Revolutionsschauplatze*. Wien, Hartleben, 1869, 8.° de 243 p. E' uma chronica escandalosa do mundo official de Hespanha, escripta depois da revolução de Septembro.

o incansavel e sabio collector da poesia e tradições populares sicilianas, o snr. Pitré extrahiu das materias para uma sua obra futura, que deve ser do mais alto interesse, *Biblioteca delle Tradizioni popolari siciliane,* a parte relativa ao S. João, que se tornou o assumpto de duas cartas dirigidas á baroneza Ida; não conhecemos a primeira d'essas cartas, mas graças é benevolencia do auctor temos a segunda á vista e o interesse que nos expira fazem-nos desejar que o seu auctor possa publicar o mais depressa possivel a sua *Biblioteca delle Tradizioni siciliane.*

Alguns dos usos e crenças mencionadas no opusculo encontram-se em Portugal. As raparigas do nosso povo crestam ao fogo alcachofras em a noite de S. João para se certificarem do amor dos seus namorados ou ficarem convencidas da sua falsidade, segundo as alcachofras crestadas appareeem ou não floridas no dia seguinte; o uso correspondente siciliano é bem pouco differente. Referindo-se á sua primeira carta diz o snr. Pitré: «In essa avevo io detto che per S. Giovanni le ragazze che cercano sapere la lor sorte avvenire nascondono in un buco un fiore abbruciachiato alle estremità della corolla, il quale la mattina di S. G. deve tovarsi ravvivato e fresco. Avevo anche detto del piombo fuso, della cera o d'altro, che riversati nell'acqua dà indizio del mestiere del futuro sposo, se pure questo sarà concesso da S. Giovanni. Ora posso aggiungere che entrambi questi usi e molti di quelli da me annunziati erano in vigore qual che secolo fa (p. 7)». O auctor em seguida apresenta um texto que comprova a antiquidade d'esses usos; mas sem esse textos mesmo se poderia affirmar que esses usos veem d'antigos tempos, como todos os usos e crenças de semelhante natureza; o que n'elles póde haver é apenas modificações, mas nunca são d'invenção moderna pois são, por assim dizer, fragmentos d'um systema de crenças partido ha muito na sua unidade.

O nosso povo crê tambem como o siciliano que o sol dança na madrugada do S. João. São muitas as superstições portuguezas relativas ao S. João e algumas não as vimos ainda mencionar em outros povos, onde todavia talvez existam. Uma muito curiosa e pouco conhecida é a relativa á cura das hernias. No Minho e Tras-os-montes na noute de S. João serra-se ao meio o tronco d'um carvalho cerquinho e passa-se entre a abertura assim feita uma creança que padeco d'uma hernia *(quebradura,* na linguagem popular); depois unem-se de novo as duas partes separadas do tronco e liga-se bem em torno; é crença que se as partes ligam e o tronco continua verdo a creança está curada, se o contrario se dá a creança não tem cura. Esta crença está profundamente inveterada. Na Beira (pelo menos nas proximidades de Coimbra), o uso tem uma variante. Vão duas creanças, uma do sexo masculino, cujo nome do baptismo seja João, outra do sejo femenino, cujo nome de baptismo seja Maria, o que possam pela sua edade tomar em seus braços a creança que tem *quebra-*

dura; colloca-se João d'um lado e Maria do outro e trava-se o seguinte curto dialogo:

JOÃO: Toma lá Maria
MARIA: Que me dás João?
JOÃO: Um corpo quebrado
Para m'o pôres são.

E João passa a creança *quebrada* pela abertura feita no carvalho para Maria.

Quando haverá entre nós um homem tão habil e dedicado como o dr. Pitré que faça a *Bibliotheca das tradições* o *superstições populares portuguezas?*

F. A. C.

---

50 — **Romania** recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston Paris. N.º 5, janvier, 1873, 1-152 pp. N.º 6, avril, 1873, 153-280 pp. Paris, librairie A. Franck (1).

La destruction de Rome, première branche de la Chanson de Geste de Fierabras, publ. par G. Groeber. (P. 1-48). É um poema muito interessante do 1507 versos, conhecido por um unico manuscripto pertencente á bibliotheca municipal do Hanover, designado no catalogo dos manuscriptos d'essa bibliotheca pelo n.º 578. O dialecto do poema é o picardo, mas o manuscripto que se possue foi executado em Inglaterra no seculo XIV, e acha-se muito deturpado por anglicismos, de que o snr. Groeber assignala os principaes; o editor não pretende dar da *Destruction* um texto critico, pela falta de monumentos picardos sufficientes para permittirem uma restauração n'esse dialecto; o seu fim tambem não é reproduzir meramente o manuscripto com todos os seús erros, mas sim tornal-o legivel, indicando sempre que ha correcção a lição do manuscripto. O snr. Groeber crê que o auctor da *Destruction* é o mesmo da canção do gesta do *Fierabras,* o defendeu já essa these n'uma leitura feita á secção germano-romanica do congresso de philologos allemães, reunidos em maio de 1872, em Leipzig; esse trabalho devia ser publicado nos rolatorios do congresso dos philologos. A *Destruction* não é pois, segundo o seu editor, senão a primeira parte do *Fierabras.*

Ricordi di codici francesi posseduti dagli Estensi nel secolo XV, por Pio Rajna, (p. 49-58). A familia dos *Estensi* possuia no seculo XV uma riquissima collecção do codices francezes, como se póde avaliar pelos extractos relativos aos livros em lingua d'oc, communicados pelo douto romanista italiano, do dous inventarios d'aquelle seculo, conservados um no Archivo do Estado em Modena, redigido em 1437, outro pertencente á Communidade do Ferrara. Esses oxtractos, cujo

(1) Vid. *Bibl. critica,* artigos 2, 12 e 24 (numerado por erro 23).

valor ninguem contestará, podem servir de base para um trabalho bibliographico, muito interessante, que o snr. Rajna julgou não dever emprehender, limitando-se a algumas curtas observações.

Chants de Quêtes. Noel du premier de l'an. — Chants de mai, publ. por Victor Smith, (59-71). Cantos populares de peditorio, usados em Forez e Velay, parte em *patois,* parte em francez, muito graciosos. M. Smith acompanha-os com noticias muito curiosas ácerca dos peditorios, e de notas explicativas d'algumas fórmas do *patois.*

De l'orthographe du roumain, por Hugo Schuchardt, (p. 72-79.) O valachio ou *rumano,* cujo logar na philologia romanica é importante, é de todas as linguas provenientes do latim a menos estudada, e isto pelo facto de que é a mais difficil d'estudar; a causa principal d'essa difficuldade é a sua orthographia. O valachio foi escripto primeiro com caracteres cyrillicos; depois que o patriotismo fez adoptar o alphabeto romano, cada escriptor, por assim dizer, adoptou um systema orthographico, e isto fundando-se sobre principios em geral d'uma arbitrariedade a toda a prova. Dous systemas principaes dominavam ha pouco o *phonetico* de Pumnul, hoje fallecido, de Bucovina, o *etymologico* de Cypariu, em Transilvania; estes tinham naturalmente muitas variantes. A sociedade academica de Bucurest adoptou ultimamente o systema de Cipariu, que, não é só orthographico mas se estende ao vocabulario, pretendendo excluir d'elle tudo o que não é d'origem latina. Cipariu é pois uma especie de Madureira da Rumania. O nosso grammatico do seculo passado queria tambem transformar o vocabulario da lingua, repellindo d'ella todas as palavras de formação popular e substituindo-lhes as fórmas do latim classico ao mesmo tempo que propunha uma reforma orthographica. O snr. Schuchardt mostra quanto ha de vão n'essa empresa de Cipariu, que faria do valachio uma lingua artificial, separando profundamente a lingua do povo da lingua litteraria, e na sua orthographia que faria da lingua escripta uma cousa muitissimo diversa da lingua fallada. É pouco provavel que as palavras do romanista allemão sejam lá ouvidas, porque como elle mesmo diz, estas reformas orthographicas não são inspiradas por ideas scientificas ou praticas, mas sim por motivos politicos; os romanos querem demonstrar á evidencia que não são slavos, mas que são os filhos de Trajano. Respeitamos esse patriotismo, lastimando não o ver mais esclarecido; seguindo as ideas de Cipariu, a que a academia de Bucurest deu auctoridade, a nação isolar-se-ha em vez de se aproximar das outras nações de lingua neolatina.

Mélanges, (p. 80-96). *Quisque et cata dans les langues romanes,* p. M. P. Meyer, que refuta a etymologia dada por Diez de *cada um* (e fórmas correspondentes nas outras linguas romanicas) e aponta como etymologia de *cada* o grego κατά, justificando essa etymologia nova com alguns factos importantes e decisivos. — *Musgode* é uma palavra que se encontra no poema de *Saint Alexis,* cujo sentido aproximativo foi indicado por M. G. Paris na nota da sua edição, p. 186;

o snr. J. Storm aponta para a etymologia d'essa palavra o medio alto allemão *muos-gadem, mos-gadem.* — *Etymologies espagnoles,* por Carolina Michaelis. A douta romanista refuta a etymologia dada por Diez do hespanhol *zaherir sub ferire,* e mostra na palavra uma fórma alterada por metathese do *faeerir (faz herir);* segundo ella *zabullir* que Diez deriva de *sub-bullire,* provém do lat. *sepelire;* analysa as transformações do prefixo lat. *sub* em hespanhol, por onde se vê que *zabucar* póde ligar-se ao radical *bue* (Diez, *Etym. Wörterb* I, 92), com o prefixo *za* por *su* (sub); liga o hespanhol *zahôr* eôr branca brilhante ao arabe *zuhûr.* Em torno d'essas etymologias agrupa a snr.ª Michaelis muitos factos interessantes. — *Note sur le manuscript de Tours renfermant des drames liturgiques et des légendes pieuses, en vers français,* p. L. Delisle. D'esse manuscripto (n.º 927 do catalogo publicado por M. Dorange), publicou já Victor Luzarche cinco composições; contém ello ainda mais quatro composições; M. Delisle communica alguns extractos d'ellas. Como na collecção se encontra um texto provençal, M. Delisle, fundando-se d'outra parte no caracter da escripta e na natureza do papel, conclue que a collecção foi composta no Meio-dia da França, pelo meado do seculo XIII, por um manuscripto executado meio seculo mais cedo n'uma das provincias meridionaes submettidas ao dominio dos Plantagenetas. — *Odierne,* p. Hermann Suchier, segundo o qual Wolfram d'Eschenbabach suppôz erroneamente que *Odierne* era um paiz na *Batalha d'Aliscans,* em que se falla d'*Emeré d'Odierne;* nas canções de gesta *Odierne* é uma cidade, que ello identifica com *Audierne,* em Bretanha.

Comptes rendus (97–137). — *La Chanson de Roland,* texte critique, par Léon Gautier 3.ª ed.; *Reneesval.* Édition critique du texte d'Oxford de la Chanson de Roland, par Édouard Boehmer. Trabalhos valiosos, mas a que M. G. P. faz um grande numero de criticas importantes — *Ueber die Quelle Ulrich von dem Turlin und die aelteste Gestalt der Prise d'Orenge,* von Hermann Suchier. Trabalho muito valioso, de que fallaremos no fasciculo XI da *Bibliogr. crit.* — *Il traetato dei mesi di Bonvesin da Riva milanese* dato in luce per cura di Eduardo Lidforss. A edição de Bonvesin é uma tarefa difficil e dos erros e lacunas do trabalho de Lidforss, diz o snr. Mussafia, facilmente elle será desculpado, mas não consultou como devia a *Grammatica* de Diez. Grande numero de criticas e notas do auctor do artigo, que devem ser aproveitadas por qualquer futuro editor de Bonvesin. — *Cancioneiro e Romaneeiro geral portuguez* por Theophilo Braga (5 vol.). Artigo de M. A. Morel Fatio, que approva o methodo seguido pelo collector na publicação dos textos, lhe faz muitas criticas e indica varias lacunas nos estudos que os acompanham; algumas d'essas lacunas já, porém, o snr. Theophilo Braga as supprimiu em trabalhos posteriores. Em geral as criticas de M. Morel Fatio parecem-nos perfeitamente justas e lastimamos que alguns erros que elle indica se encontrem repetidos em escriptos posteriores do nosso collaborador. O canto que Bellermann transcreveu de Herculano (M. Fa-

tio escrevo *Ereolana!) Lendas e narrativas* foi forjado pelo auctor das *Lendas*. O livro que M. Fatio cita mas que declara não ter visto: A. F., Barata, *Cancioneiro portuguez,* não contém poesias populares. *Almas penadas* e *encantados* são cousas muito distinctas, que M. Fatio parece confundir; não se diz mesmo *almas encantadas*. O auctor do artigo poderá informar-se a esse respeito n'um estudo que vamos em breve publicar *sobre o maravilhoso popular portuguez*. M. Fatio traduz tambem *bruxas* por *feés,* mas *fadas* e *bruxas* são perfeitamente distinctas; o mesmo critico julga que as *fogueiras* de S. João são feitas com *alcachofas* e que é ao clarão mais ou menos vivo da chamma que ellas lançam que as raparigas se certificam do amor dos seus namorados. As *fogueiras* de S. João são feitas com maior ou menor porção de lenha, em cujo centro figura muitas vezes um pinheiro que proviamente foi espetada no chão, n'algumas partes fazem-nas com barricas d'aleatrão. Pelo que respeito ás *aleachofas* vid. o que dizemos a p. 303 da *Bibl. crit.* Isto provém em parte da insufficiencia das noticias do snr. Theophilo Braga sobre as superstições e usos populares portuguezes, de que M. Fatio o accusa. — *Deutsche Handschriften aus dem Britischen Museum.* In Auszügen herausgegeben, von Dr. Jacob Baechtold. Contém a analyse d'um poema allemão d'algum interesse sobre Carlos Magno, o qual se funda sobre um texto latino, em que a historia é tratada com uma arbitrariedade completa. — *I codici francesi della Bibliotheca Marciana di Venezia,* descritti da Adolfo Bartoli. Vid. *Bibl. crit.* p. 188. Observações muito uteis de M. Meyer a respeito do romance de Heitor, mostrando que o ms. de Paris é superior ao de Veneza.

Periodiques (138–151). — Agradecemos immenso a M. G. Paris a appreciação extremamente lisongeira que faz da *Bibliographia critica*. O que elle diz a respeito d'uma observação que fizemos a M. Brachet a proposito de *heur* é justo; a etymologia de Boehmer que um momento nos pareceu ter alguma cousa a seu favor não devia ser mencionada.

Chronique, p. 152.

Uggeri il Danese nella letteratura romanzesca degl'italiani (p. 153–169). Art. do snr. Pio Rajna que expõe assim o seu proposito: «Io non penso menomamente a chiamare ad esame tutta la innumerevole caterva dei nostri romanzi per osservare qual parte abbia in ciaseuno il Danese; non intendo neppure andar ricercando le transformazioni del carattere suo, studio codesto che in grazia della natura speciale della letteratura nostra cavalleresca, dovrebbe, per riuscire fecondo, abbraciare ad un tempo tutti i principali baroni de ciclo di Carlo; non voglio poi da ultimo, per non frammischiare cose disparate, uscire dall'età medioevale nè invadere i dominii della pura e schietta poesia d'arte. Esaminare ciò che di Uggeri narra un rimatore franco-italiano, studiare le scarse composizioni toscane che a ragione e a torto hanno nome da lui, o che anche solo trattano la stessa ma-

*

teria di quelle a cui egli ha dato il titolo, investigare le relazioni di queste scritture e istituire, dovunque si possa, raffronti coi poemi o i romanzi stranieri, ecco tutto ciò che io qui mi propongo».

Le Roman de Blandin de Cornouailles et de Guillot Ardit de Miramar, publié pour la première fois d'aprés le ms. uniquo de Turin (p. 170–202). Artigo de M. P. Meyer. O ms. de Turim é o unico conhecido d'esse romance de que Raynouard dou uma analyse, em que se encontram citados uns 65 versos do poema, no *Lexique Roman* 1, 315–320. «Ce petit poëme contient le récit rapide et animé des aventures de deux chevaliers dont les noms lui servent de titre.» Diz Raynouard; mas emquanto ao caracter attribuido por elle á narração, M. P. Meyer não está d'accordo e nós eremos que com razão. O ms. é copia d'um italiano e tem muitos erros; M. Meyer fez só as correcções que lhe pareceram senão evidentes, ao menos muito provaveis. No poema ha traços do idioma catalão.

François Villon et ses légataires, por Auguste Longnon (p. 203–236.) Excellente trabalho de solida critica sobre a vida de Villon e os personagens que figuram nos dous testamentos d'esse singular poeta; o auctor do artigo, engenhoso nas combinações dos dados, não dá um passo sem se basear nos documentos authenticos; a segunda parte (a relativa aos personagens que figuram ou que são alludidos nos testamentos) é particularmente choia de novidades. Um outro escripto appareceu recentemente sobre Villon: *Notice sur François Villon,* por Auguste Vitu; sobre o valor comparado dos dous, vid. *Revue critique,* 1873 art. 175.

Mélanges 237–260. — *Étymologies françaises et provençales,* por Adolf Tobler. O sabio professor berlinez deriva o provençal *gazal,* fr. jael do baixo latim *gadalis* (vid. Ducange), palavra d'origem celtico. O italiano *guastada, inguistara,* segundo elle, teria significado primeiramente vaso para o *agresto* (vinho verde); n'uma *cobla* provençal encontra-se *engrestara,* que parece ser introduzido do italiano. O snr. Tobler explica o ant. francez *mire* por *medicus,* contra a opinião de Scheler, Diez, etc., e toca incidentemente n'um certo numero de questões de phonetica franceza que carecem d'um mais miudo exame. Se alguns factos reunidos se confirmam *grammaire* representa *grammaticum.* Por fim deriva o snr. Tobler o francez *sommelier* de *sommier* (bête de somme). — *Variétés lorraines,* por F. Bonnardot. Supplemento á memoria sobre o antigo dialecto da Lorena publicada na *Romania,* 1, 328–51. Vid. *Bibl. crit.* p. 57. O auctor tracta ahi duas questões de phonetica e escreve sobre a etymologia de *bequehoirs.* Alguns textos são incluidos. — *Romances galiciennes.* Dous romances gallegos, recolhidos em Tuy por F. A. Coelho.

Comptes-rendus, p. 260–267. *Zur normandischen Rolandlied,* von Hans Loeschporne. Leipzig, 1873. Trabalho d'algum valor; varias criticas e observações proveitosas a proposito por M. G. Paris. —

Canti antichi portoghesi a cura di Ernesto Monaci. M. P. Meyer louva o editor. Referir-nos-hemos n'outra parte ainda a esse curto artigo. — *Sacre Rapprezentazioni dei secole XIV, XV e XVI* raccolte e illustrate per cura di Alessandro d'Ancona. Firenze, 1872. 3 vol. Obra de consideravel valor. — *Documents historiques publiés par la Société de l'Ecole des Chartes,* par A. Lecoy de la Marche. Documentos relativos ao rei René que pódem servir á historia das artes; alguns interessam mais ao estudo da vida privada da edade media. Este livro é, segundo M. P. Meyer, uma mina de noções sobre a historia da civilisação do seculo XV.

Periodiques 268–279.

Chronique p. 280.

---

51. — **Don Juan Ruiz de Alarcon y Mendoza,** por Don Luis Fernandez Guerra y Orbe. — Obra premiada en publico certamen de la real Academia española, y publicada á sus expensas. Madrid, Imprenta Rivadaneyra, 1871. 1 vol. in-8.° grande, x-556 pp. (Com retrato e fac-simile de Alarcon.)

Ha na litteratura hespanhola um certo numero de escriptores, cujo caracter e acção não pódem ser estudados cabalmente dentro do plano severo da historia litteraria; é preciso recolher tudo quanto possa servir ainda que remotamente para explicar a feição do seu genio o as relações com o seu tempo; para bem comprehender Lope de Vega e Cervantes, Calderon e Tirso de Molina, Alarcon e Quevedo é necessario recorrer ás monographias para formar depois uma synthese definitiva. O livro de D. Luiz Fernandez Guerra y Orbe é formado sobre todos os documentos que foi possivel encontrar ácêrca de Alarcon tanto nos archivos do Hespanha o do Mexico, como nas allusões das obras dos seus contemporaneos; sob este aspecto preenche inteiramente a sua natureza do monographia, mas d'aqui resultam todos os sous defeitos. Falta-lhe uma vista geral e philosophica sobre essa grande epocha da fecundidade o do esplendor do theatro hespanhol; vêmos as relações de Lope de Vega, de Cervantes, de Tirso de Molina, de Luiz de Belmonte, de Guevara, emfim dos maiores genios dramaticos, mas nada nos explica porque é que no periodo em que o espirito hespanhol estava mais dominado pela prepotencia do cesarismo o pelo obscurantismo religioso, justamente n'este periodo a concepção dramatica attingiu a sua maior altura. Esta apparente antinomia não é facil de explicar, mas tem o seu porquo organico, que é a propria idea philosophica do theatro hespanhol; pelo facto material da fecundidade somos levados a notar o immenso interesse que o publico sentia pelas representações scenicas, e d'aqui a reconhecer, que, quando a censura religiosa o civil com os seus carceres e as suas fogueiras abafava toda a manifestação de liberdade intellectual e de critica, o theatro hespanhol so tornou insensivelmente o unico orgão da opinião publica. Tal é a

condição fundamental para que prosperem as creações dramaticas; a Hespanha interessou-se pelo seu theatro, porque apesar dos mais duros regulamentos disciplinares dos governos o dos canonistas, ello foi a unica instituição livre de Hespanha do fim do seculo XVI para o XVII. Quando a opinião encontrou outros meios para se exprimir, o theatro hespanhol decaiu, apesar das protecções regias dos *ingenios de la côrte*.

Como monographia, o trabalho do snr. Guerra y Orbe derrama-se em innumeras particularidades accidentaes, que embaraçam e confundem os traços que deviam accentuar a physionomia de Alarcon; independentemente dos defeitos a que o molde litterario obriga, o auctor aggravou-os mais com essa tendencia lamentavel dos escriptores hespanhoes para a amplificação rhetorica, para a exuberancia de epithetos ociosos, para as digressões fortuitas o sem plano. A vida de Alarcon, que pertence ainda á epocha em que o theatro hespanhol teve o carater de instituição, o portanto, do mais alto interresse para a litteratura e historia geral, podia reduzir-se sem quebra do interesso a umas duzentas paginas das quinhentas e cincoenta e seis que ellas são. Para nos explicar qual foi o criterio historico que o dirigiu, o snr. Guerra y Orbe, em vez de expôr na sua simplicidade a fórmula precisa, idealisa um colloquio nos jardins do Duque de Pastrana na Academia Salvaje, em que são interlocutores Cervantes, Luiz Cabrera de Cordoba, D. Francisco da Silva y Mendoza, Jeronymo Esquerra de Rozas, em que cada um professa as suas ideas ácerca do modo como se deve escrever a historia. Para que é preciso tanta imaginação, quando o auctor vae começar a investigação difficil das verdades positivas? Depois de indagar a origem do apellido de Alarcon, diz-nos que o dramaturgo Juan Ruiz de Alarcon nasceu no Mexico (p. 7, 20, 81, 158, etc.); falla alguma coisa sobre a civilisação mexicana, mas nem a descreve na sua lucta com a civilisação hespanhola, nem tampouco entreviu o alcance que esses truncados monumentos vem prestar á philosophia da historia. Guerra y Orbe toca os factos mas não penetra o sentido: «A los tres años do haber pisado Hernan Cortés el suelo mejicano (1519-1522) tenia pobladas con españoles otras tantas villas; *y en los siete seguïentes españolizado el vasto imperio de Montezuma*». (p. 5.)

Esta *hespanholisação* foi um attentado medonho, d'onde o menor mal foi o extinguir a vetustissima civilisação mexicana que nos vinha illuminar o periodo ainda escuro da passagem do homem prehistorico para a civilisação. Além da espada dos aventureiros, a propaganda jesuitica veiu truncar uma epocha da vida da humanidade; a mocidade mexicana foi trazida para a catechese, e para as estafadas rhetoricas universatarias e para o pedantismo erudito. Para catechisar os mexicanos, o padre Juan Baptista escrevia «*dramas espirituales de la passion y muerte de N. S. Jesucristo,*» e o dominicano Martin do Acevedo escrevia «*dramas alegoricos* en lengua chocha y *Autos sacramentales* en lengua mistéca;» (p. 113) mas não

obstanto isto ás fórmas da civilisação mexicana resistiam á corrupção estrangeira; ás alegorias catholicas o povo vencido oppunha os seus dramas nacionaes chamados *Mitotes:* «Todavia los indios, en tiempo do Alarcon, recreaban-se frecuentemente aderezando sus *Mitotes* ó bailes con despojos do las antiguas fabulas dramaticas, vivas y deleitosas. De las inolvidables que al pié de la babel del Nuevo Mundo representaban los cholutecas en el templo de Quetzaálcohatl, nos han conservado memoria los doctos frailes contemporáneos al descubrimiento y conquista. Y por sus relaciones en parte, y en parte de ciencia propria, el sabio y elegantisimo José de Acosta (que falleció en la ciudad de Salamanca á 15 de febrero de 1600, pocos mezes antes do llegar allí Alarcon) nos habla de tener un patio mediano aquel templo do Cholula, donde el dia de la fiesta de Quetzaálcohatl =« se hacian grandes bailes y regocijos y muy graciosos entremeses. Para lo cual habia en medio de este patio um pequeño teatro de treinta piés en cuadro, curiosamente encalado; el cual enramaban y aderezaban para aquel dia con toda la pulicia posible, cercándolo todo de arcos hechos de diversidad de flores y plumeria, colgando á trechos muchos pájaros, conejos y otras cosas apacibles, donde, despues de haber comido, se juntaba toda la gente. Salian los representantes y hacian entremeses, haciendose sordos, arromadizados, cojos, ciegos y mancos, veniendo á pedir sanidad al idolo; los sordos respondiendo adefesios *(Ad Ephesios)* y los arromadizados tosiendo, los cojos cojeando, decian sus miserias y quejas, con que hacian reir grandemente al pueblo. Otros salian en nombro de sabandijas: unos vestidos como escarabajos, y otros como sapos, y otros como lagartijas, etc; y encontrando-se allí, referian sus oficios. Y volviendo cada uno por si, tocaban algunas flautillas, de quo gustaban sumamente los oyentes, porquo eran muy ingeniosas. Fingian assimismo muchas mariposas y pajaros de muy diversos colores, sacando vestidos á los muchachos del templo en aquestas fórmas; los cuales subiéndose en una arboleta quo allí plantaban los sacerdotes del templo les tiraban con cebratanas, dondo habia en defensa do los unos y ofencia de los otros graciosos dichos con que entreteniam los circunstantes (1).»

O padre Costa descreve a sequencia d'estes usos mythologicos: «Mas el ejercicio de recreacion mas tenido de los mejicanos es el solemne *Mitote,* que es un baile, quo tenian por autorizado, que entraban á veces en el los reyes; y no por fuerza, como el rey Don Pedro do Aragon con el barbero de Valencia. Haciase este baile, ó *Mitote,* de ordinario en los patios de los templos y do las casas reales, quo eran las mas espaciosas (2).» O solicito missionario hespanhol descreve esta dança religiosa do *Mitote:* «En estos bailes se hacian dos ruedas de gente; en medio donde estaban los instru-

(1) P. Costa, *Hist. natural da India,* p. 391. Ap. Guerra.
(2) *Ibid.* p. 447.

mentos, se ponian los ancianos y señores y gente mas grave; y allí casi á pié quedo, bailaban y cantaban. Al rededor destes, bien desviados, salian de dos en dos los demas bailando en corro con mas ligereza, y haciendo diversas mudanzas y ciertos saltos á proposito, y entre si venian á hacer una rueda muy ancha y espaciosa. » O catholicismo tratou de desnaturar estas danças hieraticas para conseguir por esse meio capcioso o seu proselytismo; o mesmo missionario Costa o confessa: «Los nuestros, que andan entre ellos, han probado ponelles las cosas de nuestra santa fe en su modo de canto; y es cosa grande el provecho que se halla, porque con el gusto del canto y tonada estan dias enteros oyendo y repitiendo sin cansarse. *Tambien han puesto en su lengua composiciones y tonadas nuestras,* como de octavas y canciones, de *romances, de redondillas;* y es maravilla cuán bien las toman los indios, y cuánto gustan (1).» Por esta preciosissima citação do padre Costa, se vê que assim como os dramas hieraticos do Mexico foram desnaturados com os Autos allegoricos hespanhoes, tambem a poesia epica mexicana foi facilmente sendo substituida pelos romances castelhanos; isto explica-nos do modo mais claro como as *Yaravis* heroicas mexicanas facilmente se confundiram com as *Aravias* hespanholas, sendo ambas no mesmo metro, acompanhadas ao mesmo rythmo e sobre assumptos historicos. Prescott, Reclus e Marcroy falam da fórma da *Yaravi,* e apesar de Mr. Gaston Paris não encontrar connexão entre esta fórma e a *Aravia* peninsular, a revelação do padre Costa dá a esta verdade uma fórma terminante. Se os bailes mexicanos chegaram a influir nas Mogigangas do theatro hespanhol, como poderia o mexicano resistir á propaganda josuitico-catholica que explorava *el gusto del canto?* Guerra y Orbe não falla d'este vestigio da fórma epica, mas basta esto resto para nos mostrar que o periodo theogonico do Mexico seguiu a sua evolução secular até se transformar nas personificações historicas. O subjectivismo da lyrica mexicana, mostra-nos egualmente até que altura aquella civilisação desconhecida levou a especulação moral. O snr. Guerra y Orbe, cita as *Canções heroicas* e os *Sessenta hymnos al Criador del universo,* escriptos pelo sabio Netzalmatl, rei de Alcolhuacan ou Tetzcuco; eis um especimen d'esse lyrismo:

«A pompa do mundo assemelha-se á verdura dos salgueiros.

«As aguas dos arroyos e das correntes não voltam mais á clara nascente d'onde manaram.

«O que hontem foi, hoje nada é; o de hoje quem o assegura para ámanhã?

«Estão cheios os sepulchros de pestilentas cinzas, que antes haviam sido cadaveres venerandos. Esses cadaveres foram antes corpos com alma, que occuparam thronos e governaram exercitos aterradores. A sua gloria passou como o fumo que vomita o Popocatepelt.

(1) P. Costa, *Hist. natural da India,* p. 447.

«Aondo está agora o prepotente Chiulchanetzin? Quo é feito do religioso Necajelt? Que succedeu ao pacifico Tolpitzin? o á formosa imperatriz Jinhtzal?

«Vós encolheis os hombros, dizendo: — nada sei, nada sei! — Capitães, aspiremos ao céo, ali nada se corrompe.» (Ap. Guerra y Orbe, p. 125.)

A importancia d'esta civilisação extincta ficou para o snr. Guerra y Orbe, embuido do espirito catholico, apenas uma curiosidade; mas quando nos lembrarmos, quo não era possivel que o homem pre-historico saísso da selvageria e entrasso na civilisação logo na altura e gráo de abstracção em que nos appareco a civilisação egypcia, a mais antiga até hoje conhecida, immediatamento so comprehendo quo está reservado aos exploradores da archeologia do Mexico o virem preencher essa solução do continuidado que existo entre o periodo pre-historico do homem e a sua vida consciento da historia; da theogonia mexicana encontramos nos vestigios das pinturas dos tlaxcaltecas, a serpente tentando a primeira mulher, a lucta de seus dois filhos, o diluvio em que Tospi se salva em a arca com sua familia e animaes, a volta do colibri á arca, o em teocules de dez a doze seculos esculpido o symbolo da Cruz; na liturgia, havia tambem o costume das vigilias, dos jejuns, confissão auricular, eucharistia com pão molhado em sangue humano, vida cenobitica e procissões. (Guerra y Orbe, *op. cit.* p. 114.) Em vista d'estes caracteres facil foi ao catholicismo fazer-se substituir subrepticiamente entre esse povo o destruir-lhe a sua civilisação.

O dramaturgo Alarcon educou-se no Mexico, aondo nascera, mas sob o regimen da erudição jesuitica; filho do paes hespanhoes, veiu em 1600 a Hespanha para completar os seus estudos, graduando-se em Leis e Canones na Universidade do Salamanca. Do 1606 a 1608 reside na cidade de Sevilha aonde toma relações com o inclyto Cervantes, e frequenta as principaes academias ou tertulias litterarias que estavam em moda, como a do Duque de Alcalá, e a do veintecuatro Argujo. Esta parte do trabalho de Guerra y Orbe é preciosa mas incompleta; a vida em Sevilha imprimiu um caracter profundo e peculiar em Alarcon, que se reflectiu nas suas obras dramaticas. A vida em Sevilha inspirou a Cervantes o seu eterno *Don Quijote* e as melhores das suas *Novellas ejemplares* e *Comedias;* é de Sevilha que eram naturaes Mateo Aleman e Guevara; Alarcon viveu em Sevilha, na época em que mais preponderava essa extraordinaria mania dos *Valentones;* n'este mesmo tempo os romances cavalheirescos eram esquecidos e substituidos pelas relações dos *guapos* o *temerones.* Tudo isto se explica esboçando o quo era a vida em Sevilha, no fim do seculo XVI.

Na preciosissima *Relacion de la Carcel de Sevilha,* escripta depois de 1588 pelo advogado Christobal do Chaves, estão indicadas as condições materiaes que provocavam e mantinham a classe da valentia: «Y asi se han de entender, en toda ó la mayor parte do la

gento, hombres y mujeres que entran presos y ocupan la cindad son la gento perdida que ya no caben em logares de todo el mundo donde nacieron, como son amigos de holgas y de vicios. Y esta cindad es tan opulenta y rica que vienen de todo el mundo á ella, no solamente este genero de gente, pero los pobres, llagados y tullidos sin pés y manos arrastrando por los caminos que como es grande, entienden que caben en ella todos y se puede encubrir la torpeza do cada uno. De manera que de suyo la jaula es la mejor de todo el mundo, y no tiene ella la culpa sino los pajaros que vienen á ella que son ruines; etc.» Foi esta affluencia dos diversos povos a Sevilha, que lhe trouxe no fim do seculo XIV a imitação da poesia de Dante e de Petrarcha, por onde o lyrismo italiano penetrou na Peninsula; no seculo XVI o costume dos *bravi,* creados na *balia* politica dos ultimos restos da vida republicana da Italia, vem naturalisar-se em Hespanha por via de Sevilha, sob a feição mixta de ousado o galanteador, no *guapo*. Na Relação do advogado Christobal de Chaves vem o retrato acabado d'este typo, que como vemos por Espinel ou por Camões, ajuntava á valentia as prendas da poesia e da musica: «Son conocidos los *Valentones* de la Carcel en el calson y media galdada ó do otro color, con liga de lo proprio, juban acuchillado, abierto el cuello, rodeado con un rosario grueso, y tocador en la cabeza; y siempre tienen punzado un corazon de cardenillo en la mano ó en el brazo, como letras do esclavo herrado, ó numero de fardo n'otra mercaduria, en que se echa de ver que es hacienda de Satanas; y un cuchillo de cabos amarillas en la calza, y unas cuentas de ambar en los pulsos ó en la garganta. Y ha habido hombre de estos que ha hecho blanquear su rancho, y pintar un Cristo en él, el de rodillas á los pies con la memoria de que el lo hacia pintar...» (1)

Em um romance do principio do seculo XVIII «*en que se refieren la infelice muerte y desastrado fin que han tenido todos los guapos e temerones del Andalucia,* acham-se estes mesmos traços caracteristos observados pelo advogado da real audiencia sevilhana no seculo XVI:

Los que hacen gala el traher
los relumbrantes a el lado...
Los que hazeis en las esquinas,
temblar a los mismos diablos
y os poneis con sainetillo
la montera a medio lado.
Los que al cuchillo y pistola
les haceis tanto agarajo,
que quando entrais en la Iglesia
no respeitais a Dios santo.
Los que fiais vuestras vidas
sobre los pies de um caballo,
y el coleto, cinto y charpa
lo venis señoreando:

(1) Apud *Bibliotheca de Gallardo,* 1356, col. 2.

Los que traheis de un cordon
ahorcado siempre el flasco,
y para que mejor luzca
lo buscais bien colorado...

Em quasi todos os romances de Valentes predomina o caracter devoto; o heroe é executado reconciliando-se com a religião. Christobal do Chaves descreve tambem a confraria dos Valientes, que havia no carcere de Sevilha: «Piden todas las noches con su imagen por la carcel, y llegan mucha limosna: acompañan á esta demanda los mas *valientes*... Hay otra cofradia la mas gravo que se puede imaginar, donde hay trinta hermanos y no más, cuales son Don Andres de Cordoba, oidor d'esta Audiencia, don Jorge do Portugal, hermano del Condo do Gelves, Don Fernando Enriquez do Riboro, hijo natural del duque de Alcalá, y otros señores de tanta calidad. Los cuales entran por vacante y oposicion: sirven de solicitar los negocios de los presos pobres...» (1).

Este instituto de caridade provinha da grande alliança que ainda no seculo XVI se dava entre o *fidalgo* e o *valentão*. Vicente Espinel ao descrever os perigos a que se viu exposto quando pertencia ao grupo dos valentões de Sevilha, mostra como lhe serviu a protecção do Marquez de Denia, sobrinho do Bispo do Sovilha: «Recebido en su gracia no me succedio cosa mal en Sevilla, ni mis emulos tuvieran brio ni atrevimiento mas contra mi;» (2). Nos Romances de Guapos do seculo XVIII, descreve-se sempre rapidamente a scena do supplicio do que veiu a caír nas mãos da justiça; Christobal de Chaves é primoroso o inexcedivel nas minuciosas circumstancias que observou; «Es mucho do ver cuando ha de morir algum *valiente*, que cada uno de los valientes envia á la roperia por lutos alquilados, y vienen en procesion cantando las letanias con su musica y cera: desta manera salen de la capilla y vienen a el lugar dondo está el que hade morir... y por curiosidad me puse á ver el pesamo y dospedimiento do los unos á los otros quien hablaria primero: y dando la mano á Barragan dijo: — Consuelese vuestra-ereed,... con que la justicia lo haco, y otro no lo pudiera en el mundo con vuestra-ereed; y osta puede darlo pezadumbro. I vuesa-eseed es honrado y morirá como honrado. — ... habló otro y dijo: — En estos lutos vera vuesa-ereed lo que scienten sus camaradas. Pluguiera á Dios que lo fueramos on el cielo! que una sentencia me falta; y mal haya el diablo porque la otra no viene hoy por acompanar á vuesa-ereed. — Dijo otro: — Una muerto habia vuesa-ereed de morir! Bienaventurado el que muere por la justicia... Replicó otro enlutado: «Vuesa-ereed tenga la muerte como ha tenido la vida, pues ninguno so la ha hecho que se no la pagase; y lleve buen ánimo; y cuando saliere, si lloraren las presas no les vuelva el rostro; ni sea predicador en el sitio desta

(1) Apud *Bibliotheca de Gallardo*, p. 1342.
(2) Relac. II, Descanço, 5.

desgracia, pues es hijo de Sovilla, y no ha do mostrar punto de cobardia. — Yo se lo prometo á vuesa-ereed (dijo el paciento), y queriendozo ir los enlutados, dijo: — Ea, señores! ahora se holgaran desto traydores y ahembrados, pero aunque yo padezco, amigos me quedan. — Y con esto saliéron, tornandoso á referir las letanias (1). » Esta scena shakspeariana, recolhida do natural pelo Advogado da Real Audiencia Sevilhana no fim do seculo XVI, penetrou na litteratura no engraçadissimo sainete da *La Carcel de Sevilla,* com certo fundamento attribuido a Cervantes, o immortal anctor do Dom Quijote, que tambem jazeu n'esse carcere; na comedia entremesil figura *Barragan,* o mesmo typo da situação da despedida do sentenciado, o *Escarraman* o guapo tantas vezes cantado nas xácaras de Quevodo. No sainete, diz o sentenciado Paisano: « Pues señor Alcaldo, voacé me haga mereed do que no me ponga el habito do la Caridad que sacó el aborcado de el otro dia, que estaba viejo o apolillado. Y no me lo hade poner por ninguna cosa: que ya que haya de salir, quiero salir como hombre honrado y no hecho picaro; que antes me quedaré en la carcel. — Y voacedes me haran mereed de visitarme en la enfermeria y deeirme las ledanias que se suelen deeir á los presos honrados... » Ha tambem um Romance intitulado *Vida y muerte de Maladros,* que retrata estes lances violentos; os nomes de *Paisano, Barragan, Maladros* e *Garay,* que vemos empregados tanto no sainete de Cervantes como no romance, acham-se explicados na Relacion de Christobal de Chaves, aondo so enumeram os nomes do guerra das differentes classes de presos: « Llaman-se do ordinario los quo sirven de limpiar y los demas *Coplilla, Venturilla, Trapaña, y Mojarilla, Cambalosos y Jamones;* y los valientes á quien se acude con el provecho el *Paisano, Barragan, Maladros, Pecho-de-acero, Garay* y otros nombres que acuden al officio y animo delles (2). » No sainete enumera-se os: *jayanes, murcios, madrugones, cerdas, calabazas, aguilas, aguiluchos, levas, chanzas, descuernos, juzpátaros traineles,* rematando com este dito do Garay: « No queda hombre honrado en todo el mundo, en faltando *paysano.* » E na Relacion de la Carcel, acha-se sobre o nome de *pobretes:* « Y este nombre les dan los valientes tambien á los honrados presos, que no platican *valentia* y braveza; y llaman *hombre honrado* al salteador y matador y es su proprio nombre. »

O celebre drama de Alarcon, *El Tejedor de Segovia,* foi escripto sob estas recordações de Sevilha: « Recuerda los artificiosos medios de evadirse que poniam por obra los presos, en la carcel de Sovilha, y como por ensalmo sabian alcanzar la liberdade y burlar el rigor de sus persiguidores, y acumettido por una especie de frenesi, arrincona en la libreria Ruiz de Alarcon á Terencio y á Plauto, se olvida de Horacio y de Aristoteles y de su clássica pauta y á im-

(1) *Relacion de la Carcel,* ap. Gallardo, 1346.
(2) Apud. Gallardo, p. 1645.

pulso del sentimiento que le exalta y enardece, escribe *El Tejedor de Segovia.*» (Guerra y Orbe, p. 354.) «La carcel que pinta en *El Tejedor de Segovia* no es á mi juisio, tanto la de una ciudad de Castilla la Vieja, que talvez no conoció, como la do Sevilla; pero cuan parco se muestra en aludir á sus costumbres peculiarisimas á pesar de que se le vienen al asumto y ha do valerse de ellas!» *(ib.* p. 53.) Como a comedia de Alarcon, tambem escreveu o seu amigo Luiz do Belmonte, o *Ajanador de Utrera*, fundada sobre as anedoctas de um afamado valentão naseido na segunda metade do seculo XVI. Foi no seu regresso ao Mexico, em 1608, que Alarcon tomou relações de amizade com o dramaturgo Belmonte; alli se gradua em 1609 de licenciado. Guerra y Orbe narra um costumo pittoresco da Universidade do Mexico, usado nos estabelecimentos litterarios do seculo XVI; era o *Vejamen:* «Los *Vejamenses* (escreve Guerra y Orbe, habianse introducido en España á imitacion del gimnasio de Paris) sustituyendo ó parodiando con picantes burlas y sazonados chistes los enfadosos panegiricos. Daban-se raras veces por um doctor; muchas por um licenciado; en no pocas se lucia con esa liberdad un estudiante. Su objecto fue amansar la vangloria del triumfo academico, y solemnisar más alegremonte la fiesta. Llamase *Vejamen* el de los medicos y juristas, y se escribia en lengua castellana; pero decian *gallo, actus gallicus (acto frances)* como alusion de su origen, al de los teologos pronunciado commumente en latim.» *(Ib.* p. 132.) É talvez d'aqui quo vem a matança do *gallo* nas escholas portuguezas do principio d'esto seculo, o as theses dos calouros, ainda usadas entre os estudantes na Universidade do Coimbra.

Depois que Alarcon voltou para Hespanha em 1611, é que se dedicou então ao theatro, escrevendo em 1613 as Comedias *El Semejante á si mismo, El desdichado en finjir,* e *La Cueva de Salamanca,* sobre as suas recordações academicas. Alarcon frequentou tambem a celebre Academia de Sebastiano Francisco de Medrano, á qual pertenciam os primeiros engenhos do Madrid, e entre outros o portuguez Miguel da Silveira, auctor do *Macabeo. (Ib.* p. 366.) Manoel de Faria o Sousa procurou debalde entrar para a Tertulia de Medrano, quo chegara a ser visitada por Filippe IV: «Por consecuencia immediata de la visita regia, empezaron á llover momoriales de aspirantes á socios; y tan negro humor pusieron en el docto portugues Manoel do Faria y Sousa, que no se pudo contener, y dijo en sus *Noches claras:* — «Cuántos poetas revientan por ver divulgados sus nombres en letras de molde, ó por lo menos, *tener entrada en las Academias,* que es *dignidad provechosa!* Con eso de Academias, piensan algunos que tienen mejor silla en el Parnaso; como si acá por fuera nos no dijeran sus obras el lugar que les cabe.» *(Ib.* p. 367.) Foi no auge da sua celebridade que Alarcon em 1623 acabou de escrever uma peça dramatica sobre D. Pedro I, rei de Portugal, com o titulo *Siempre ayuda la verdad,* representada na côrte diante do Philipe IV. Collaborou n'esta peça o seu velho amigo

Luiz de Belmonte. *(Ib.* p. 370.) Esta comedia foi depois refundida polo nosso escriptor dramatico João do Mattos Fragoso com o titulo *Ver y crer, Don Pedro de Portugal y Doña Inez de Castro (Ib.* p. 372.) A' parte todos os defeitos de methodo e a pretenção a querer primar por colorista e estylista, o livro sobre Alarcon encerra preciosissimas noticias sobre as companhias dramaticas em Hespanha no seculo XVII, sobre a lucta dos partidarios de Lope de Vega e Cervantes, e sobre as relações de Gongora com o seu tempo; não é uma obra magistral, mas um excellente subsidio para quem quizer conhecer a historia do theatro hespanhol no seu periodo organico.

THEOPHILO BRAGA.

52.—**Canti antichi portoghesi,** tratti dal Codice Vaticano 4803 con traduzione e note a curo di Erneste Menasi (1).

2.° artigo

A questão das relações da poesia de caracter popular contidas no codico vaticano 4803 com a poesia popular portugueza propriamente dita é uma questão muito importante, mas em que vemos ainda muitas sombras. Os factos reunidos pelo nosso collaborador o snr. Theophilo Braga no sou artigo sobre os *Canti antichi portoghesi* lançam já bastante luz sobro a questão, mas não a resolvem. Primeiro que tudo deve-se fazer uma comparação miuda entre essas composições do cancioneiro portuguez e as composições similhantes dos poetas francezes da edade media; a similhança assignalada por M. Paul Meyer *(Romania* II, 265) entre algumas das composições portuguezas e as antigas *balettes* francezas e as *baladas* provençaes é um ponto que deve ser estudado.

Ás comparações feitas pelo nosso collaborador entre as composições do cod. vaticano e as *serranilhas* de Gil Vicente ainda se pódem accrescentar outras; por exemplo:

E se ponerei la mano em vós
Garrido amor.
Hum amigo que eu havia
Mançanas d'ouro m'envia,
Garrido amor.

Hum amigo que eu amava,
Mançanas d'ouro me manda,
Garrido amor.
Mançanas d'ouro m'envia,
A melhor era partida,
Garrido amor.

(Gil Vicente, *Obras II*, 443-44, ed. H.)

(1) Vid. *Bibl. crit.* art. 42.

Note-se que essa serranilha é precedido da rubrica: Canta Lopo e baila, arremedando os da Serra.

Um facto curioso escapou ao snr. Theophilo Braga no seu artigo. Essas serranilhas eram chamadas no seculo XVI *cantos de ledino*.

Antre estas soo saudosa
vi antre duas ribeiras
huma serrana queixosa
cercando umas cordeiras
sendo cordeira fermosa.
.....
.....
Tendo parecer divino
para que melhor lhe quadre,
cantou canto de ledino
Yo me yva la mi madre
a Santa Maria del pino.

(Obras do Christovão Falcão, ed. Theophilo Braga, p. 6.) O nosso collaborador no estudo sobre Falcão á frente da sua edição não soubo pôr em connexão esso *canto de ledino* com as serranilhas do cod. vaticano e de Gil Vicente; diz elle alli (p. 2): A influoncia dos cantos castelhanos, quo se deu nos ultimos annos do reinado de D. Manoel, tambem se conhece em Christovão Falcão, quando cita o canto do *ledino*, que começa *Yo me yva...*»; mas isso nada significa.

Esses factos são inda insufficiente para uma theoria. Como desapparecem a menor parte dos typos d'essas serranilhas completamento de tradição popular?

O sig. Monaci critica no seu prefacio uma opinião de M. Meyer no seu artigo sobre o *Cancioneirinho* de Varnhagem (vid. *Bibl. crit.*, p. 16–17). O sabio romancista francez acha em muitas das composições do cod. vaticano (n'aquellas a quo nos estamos particularmente referindo) um caracter muito popular, mas não as crê colhidas da bocca do povo, senão obra de lettrados, cujos nomes ellas trazem; por outras palavras essas composições *não são populares*, mas sim *feitas sobre typos populares, no genero popular*, como por exemplo as balladas de Goethe. M. Meyer pensa ainda que aquellas composições podiam tornar-se populares no seguimento; isto é, ser apprendidas e cantadas pelo baixo povo, como se dá, para continuar o paralello, com as balladas de Goethe, etc., na Allemanha. E' d'esta forma e não d'outra quo as palavras de M. Meyer devem ser entendidas e a nosso ver o quo a esse respeito diz o sig. Monaci baseia-se apenas sobre o duplo emprego da palavra *popular* no artigo de M. Meyer.

Nós vemos pela experiencia quotodiana com quo facilidade por meio dos cegos ambulantes (que são de todos os tempos), etc., se propagam d'uma extremidade do paiz á outra, das primeiras ás ultimas camadas sociaes, as musicas, e coplas das zarzuellas e operas-comicas, as producções de poetas sem sentimento popular o com a

maior facilidade as d'aquelles que teem algum sentimento popula comprehende-se pois como os cantos dos trovadores e jograes d côrtes de D. Affonso III e D. Diniz se podiam espalhar entre o p vo, embora esses cantos fossem feitos sobre typos franeezes ou pr vençaes.

Agora faremos algumas observações sobre a orthographia d dozo composições publieadas pelo sig. Monaci. O editor podia t sido na orthographia mais eoherente e attento. II, 11 l. *bayoninh* cf. 17; III, 3, 9, 15 l. *quẽ* (quem) em v. de *que* ib. 9 l. *louçana* 15 falta virgula depois de *parecemos;* 17 l. *so.* (sob) em v. de *só* V, 1. 3 *l. hirei* em vez de *hir ey;* V, 11 l. *endonado.* VI, 8 fal virgula depois de *eu;* VII, 1 *jurava mh'o;* X, 13 l. *loução.* Pelo q respeita á orthographia do artigo enclitico e do final da palavra a q se une, e á orthographia do artigo indefenido *uma,* noto contradiçõ que se desculpam em parte pela difficuldade de chegar n'esta parte uma regra segura. Deve-se escrever sempre *una* ou *huna* ou prefer *unha (hunha)* ou *hũa?* Eis o que o auctor d'estas linhas ainda nã poude assentar devidamente. Emquanto a *lo, la* enclitico: deve-se e crever *amal-o* ou *ama-lo?* No primeiro caso escreve-se o *l* do infini nascido de *r* por assimilação deante do *l* da forma *lo* do artigo, m o *l* d'esta forma, que deu logar áquella assimilação, deixa-se de e crever; no segundo caso deixa-se do representar o *r* mudado em do infinito; a orthographia etymologica rigorosa é *amal-lo* e occo rom frequentes vezes nos antigos manuscriptos os modos de escrev *amallo, dizello, fazello,* etc.; mas como lutar contra o uso moderr tão firmemente estabelecido d'escrever aqui um só *l?* Todavia é es o unico partido a tomar. Alguma attenção mais faria evitar ao sig Monaci: V, 1.4 *al-o* em v. de *a lo,* pois aqui não ha assimilação m a forma da prep. *a* com a forma do artigo *lo* (ep. *vejo los ond* IV, 13, etc.); VIII, 1 *a-l o* em v. de *a lo* e em contradição com 1.4. O sig. Monaci escreveu muito bem *sea-l mare* IV, 5.11 po aqui o do artigo foi apocopado para elle se ligar mais facilmente co *sea* sob a influencia do accento; conf. *al cor* (IV, 4) por *a lo cor,* et Está inteiramente fixado o uso de escrever *pelo, pola* sem traço d união; o sig. Monaci podia pois deixar d'escrever *pol-a,* IV, 4.10.1

Emquanto á critica do texto; IV, 8 *debrocas* é talvez erro p *derrocas,* se bem que *derrocas* por *rocas* me parece extranho; XI 34 *do sar* não significa nada; a correção *andar* parece-me admissive

F. A. C.

O artigo 48 da *Bibl. crit.* estava impresso semanas antes da morte de Ol zaga.

Vejam-se em Grimm, *Deutsche Mythologie* 3 p. 1118 ss., usos semelhantes a da *cura da quebradura* mencionado a pag. 303-304 da *Bibl. crit.*

53.— **Cancionero de Lope de Stúñiga**, codice del siglo XV, ahora pro la vez primera publicado. (Colleccion de Libros raros ó curiosos, tom. IV.) Madrid, Imprenta y Estereotipia de M. Rivadeneyra, 1873. Pag. XLII—483. In-8° elzev.

A nossa critica limita-se ao ponto de vista particular da importancia d'este Cancioneiro para o estudo da poesia portugueza do seculo XV; a riqueza do lyrismo da eschola gallega de Villarsandino e Padron, das escholas catalã e castelhana, é já bastante conhecida para que a encareçamos aqui. As relações da litteratura portugueza com as outras da Peninsula é que ainda não estão completamente definidas, e o *Cancionero de Stúñiga* presta-nos para este fim valiosos recursos. Quando historiámos a eschola hespanhola em Portugal nos *Poetas palacianos do seculo XV* citamos differentes Cancioneiros em que varios poetas portuguezes haviam collaborado. *(op. cit.* pag. 32.); sobre o *Cancioneiro de Resende* reconstruimos a imitação portugueza de Manciias, Juan de Mena, de Stuniga, de Agunyllar, do Rodrigues del Padron, de Jorge Manrique, de Juan de Padilla, Perez de Gusman, Montoro, Ropero e Arellano. *(ib.* p. 24 a 31.) O *Cancionero de Stúñiga* tem a grande vantagem de nos explicar o movel que levou o lyrismo hespanhol ao maior desenvolvimento, e por que motivo a poesia portugueza do fim do seculo XIV a meiado do seculo XVI ficou submettida á sua imitação servil; esto Cancioneiro é formado pelas composições dos principaes poetas que acompanharam o rei Dom Affonso V de Aragão, filho do Infante de Antequera, na sua expedição gloriosa a Napoles. O platonismo danteseo e petrarchista animou as cansadas formulas provençaes; em Portugal só achamos a citação das *Canticas* de Dante por Azurara, e só se póde fixar o conhecimento da poetica italiana depois do regresso de Sá de Miranda a Portugal. A litteratura hespanhola recebeu esse novo espirito e por isso nos dominou. O *Cancionero de Stúñiga*, escripto em vitella, em letra da segunda metade do seculo XV, denuncia copista italiano; esta circumstancia vem até certo ponto explicar o modo como foi copiado o afamado Cancioneiro provençal portuguez, que existe na Bibliotheca do Vaticano, e que ainda no principio do seculo XV existia em Hespanha em casa de D. Mecia de Cisneros, como refere o Marquez de Santillana. Reinava então a monomania dos Cancioneiros de mão, como vemos pelas comedias de Jorge Ferreira, e, em consequencia da expedição de Napoles, teve Portugal a vantagem de lhe ter sido conservado o principal monumento da sua poesia trovadoresca. Por este mesmo tempo reinava em Portugal um outro Dom Affonso V, tambem apaixonado pela poesia, cultivando na côrte faustosa o uso das canções amorosas, largamente recolhidas por Garcia de Rezende; esta homonymia dos dois Affonsos V, ambos com o mesmo caracter poetico, explica-nos certa obscuridade historica do *Cancionero de Stúñiga;* no livro das Moradias de Dom Affonso V de Portugal encontramos um fidalgo chamado Affonso Enriques (*Poet. pal.,* p. 183) com poesias suas no *Cancioneiro geral*

(tom. III, p. 151, 154.) Não será este mesmo poeta o que figura no *Cancionero de Stúñiga*, (p. 180) com umas coplas intituladas *Testamento suyo?* Justificam a hypothese estas referencias:

É yo muerta mi persóna,
Le dexo procurador
Al muy honrado sennor
Arzebispo de Lixbona.

Al qual en merçed pido
Con voluntad afineada
É dexola recomendada
Por quanto lo he servido.
Et sea mi testamentario
É faga ó mande fazer
Que sin nada fallesçer
Se cumpla mi inventario.

Este genero de composição já apparece no *Cancioneiro* de Rezende, em que os poetas se despedem das damas, como quem está para expirar. Indubitavelmente estas coplas de Affonso Enriques são de um fidalgo portuguez, como se conclue por esta outra estrophe.

Del sepulchro tan honrado
Q'uiero que sea lusillo,
La sennora de Vadillo
Cantando muy mesurado.
Todas passa en fermosura
La que dixo ende mal,
Adios, adios, Portugal
Partir me será cordura.

A referencia ao Arcebispo de Lisboa, isto é a D. Pedro de Noronha, mostra-nos que este poeta pertence á epoca das luctas dos Braganças contra o Infante Dom Pedro; o Arcebispo de Lisboa era contra o Infante, e foi tambem por isso que Dom Affonso V admittiu no seu conselho o poeta Affonso Enriques. No *Cancioneiro de Resende* encontra-se um outro poeta, Diogo de Saldanha, que figura no *Cancionero de Stúñiga* com uma glosa; d'este poeta conserva a collecção portugueza apenas umas coplas glosadas por D. João Manoel. (*Canc. ger.*, t. I, p. 388.) A sua vinda para Portugal data do tempo em que alguns fidalgos castelhanos seguiram o partido de D. Affonso V, refugiando-se na sua côrte depois da batalha de Toro. É por esta via que se explicam as numeraveis citações de Stuniga em Portugal; n'este Cancionero encontramos esta allusão que nada significava, se o poeta Carvajales, seu auctor, não tivesse relações com Diogo de Saldanha:

Passando por la Toscana,
Entre Sena et Florencia,
Vi dama gentil, galana
Digna de grand reverencia.

Cara tenia de romana,
Tocadura *portugueza*,
El ayre de castelhana,
Vestida como senesa.
(Stúñ. 377.)

Os Cancioneiros do seculo XIV consorvam ainda um mal apagado vestigio do elemento popular, bastante para explicar a origem dos cantos *ledinos, guaiados* ou *de amigo,* da influencia provençal. Foi uma tradição litteraria quo se conserva a ponto de vermos outra vez nas collecções aristocraticas do seculo XVI introduzidos os *romances* populares. No Cancioneiro portuguez do Vaticano abundam as serranillas ou dizeres imitados do sabor popular; os jograes, de origem plebea, estiveram sempre em contacto com os trovadores artisticos, e não podiam deixar de exercer influoncia decidida. Este contacto ainda se vê no seculo XV, quando os fidalgos polas suas dependoncias da vida do paço e pela sua subservivencia aos monarchas, se achavam então desligados do povo e até certo ponto quasi inimigos. A par das composições de um D. Juan II, de um Marquez de Santillana, ou Enrique de Villena, vemos tambem as do converso Juan Affonso de Baena, de Antão de Montoro, de Ropero, christão novo, de Juan el Guarniocero, de Martin Tañeder, o do Juan do Valladolid; da mesma fórma em Portugal, a par das composições do Infanto Dom Pedro, de seu filho ox-rei do Aragão, dos mais inclytos poetas vemos as coplas do creado Gregorio Affonso, do ourivos Diogo Fernandes, do tangedor Braz da Costa, da Cristalleira, etc. Estes factos provam-nos que entre a poesia do povo o a dos cultistas da edade media não houve uma completa separação e antagonismo; e que esta mutua communicação corrigia em parte o isolamento politico e civil das classes sociaes. No *Cancionero de Stúñiga* acham-se dois *romances,* resultantes d'esta corrente moral, e no Cancioneiro do Resende ha tambem um pequeno romanco allegórico glosado. A seguinte copla de Carvajales dará a conhecer esto elemento popular, tanto mais que tambem se oncontra desenvolvida por Camões e por Francisco Rodrigues Lobo:

Desnuda en uma queça
Lavando á la fontana
Estaba la ninna loçana
Las manos sobre la treça.

Nas folhas volantes do seculo XVII acha-se bastante desonvolvida esta tradição lyrica do *Menina fermosa,* que é propriamente *la ninna loçana.* Antes de terminarmos esta pequena exploração, cumpre recolhermos para a nossa historia litteraria esta preciosa lenda do enamorado Macias contada pelo Condestavel de Portugal na sua *Satyra de felice é infelice vida,* que ainda está inedita na Bibliotheca nacional de Madrid. O nosso respeitavel amigo o snr. Amador de los Rios, na *Historia critica de la Litteratura española* (t. VI, p. 77), trans-

creve-a do seguinte modo: «El infante D. Pedro de Portugal, contemporaneo de Macias, á quien tal vez conoció durante su permanencia en Castilla, refiere en su ya citada sátira *De felice é infelice vida*, que siendo la dama deudora á Macias de la vida, que la salvó sacándola de un rio con peligro de la suya, hallóla acaso en un camiño, ya casada; y, (accrescenta Amador de los Rios com as palavras textuaes do Infante) =por pagas de sus señalados servicios lo demandó que descendiese, la qual, con piedosos oydos, oyó la demanda é la complió.=Agradecido Macias, y advirtiendo el peligro en que la ponia por seguirla de cerca su esposo, rogóle que cavalgase, =é luego ella partida, llegó su marido, e visto assy estar apeado en la mitad de la via aquel que non mucho amava, le perguntó quo ally fazia; el qual repuso: Mi sennora puso aqui sus piés, en cuyas pisadas yo entiendo, vivir, é fenescer mi triste vida. E él, sin otro conocimiento de gentileza é cortezia, lleno de seelos mas que de elemencia, con una lança le dió una mortal ferida; é tendido en el suelo, con voz flaca é ojos revueltos á la parte do su sennora yba, dixo las seguientes palabras: O mi sola é perpetua sennora á do quiera que tu seas avê memoria, te suplico, de mi, indigno siervo tuyo. E dichas estas palavras con grand gemido, dio la bien aventurada anima.» (Ap. *Canc. de Stúñ.* p. 428.)

Os Cancioneiros palacianos do seculo XV representam na historia litteraria uma das consequencias da independencia do poder monarchico; a aristocracia ficou annullada, e para ter importancia sujeitou-se á vida da cortezania. O lyrismo dos Cancioneiros representa este estado moral de quem se sente insignificante e se distrae celebrando os mais accidentaes episodios da vida. Mas se por um lado lhe falta a profundidade, representa a união moral dos povos na imitação de todas as litteraturas; separados com odios politicos de Castella depois de Aljubarrota, o Infante Dom Pedro imita e estima Juan de Mena; Castella procurando absorver Aragão imita-lhe a sua poesia, e acceita os melhores poetas da Galliza.

Podemos dizer que os Cancioneiros realisaram a primeira unificação da Hespanha, e contribuiram para a mutua alliança dos povos. Reproduzir estes monumentos tão faceis de se perder, porque são unicos, é um dever nacional que os escriptores hespanhoes estão cumprindo. Quando será o dia que o povo portuguez sinta egual paixão pelos seus monumentos? Se da vida politica se póde inferir para a vida moral, podemos avançar que—nunca.

THEOPHILO BRAGA.

54. — **Le Livre de Ferdinand Colomb** revue critique des allégations proposées contre son authenticité... par M. d'Avezac. Paris, 1873, in 8.° gr. de 10 (inn.) — 52 pag.

Este novo trabalho de Mr. d'Avezac é o complemento de outro de que já nos occupámos n'esta revista (1). A questão do que elle trata é da maior importancia, e por isso, o tambem para agradecer a cortezia do auctor, que nos enviou o seu trabalho, daremos d'elle uma simples exposição, segundo as nossas forças.

Mr. d'Avezac já se havia declarado contra a affirmação audaciosa do snr. H. Harrisse nas paginas 60-63 da *Année véritable;* essas tres paginas originaram uma resposta do escriptor americano (2), a que Mr. d'Avezac responde no trabalho de que nos occupamos hoje. Os ataques, que o snr. H. Harrisse dirige contra a authenticidade do livro de F. Columbo são de varia natureza; as objecções, que são as mais graves, dizem respeito ao prefacio do auctor e aos 14 primeiros capitulos (v. pag. 9 e 25), em que se historia a vida do Christovão Columbo, anterior ás suas celebres viagens á America. O snr. H. Harrisse achou n'essa parte do livro de F. Columbo, uma serie de *anachronismos,* de *dados impossiveis,* de *interpolações* e de *falsificações evidentes,* que tirariam com effeito o credito e a confiança á obra, se não houvesse um meio de explicar esses erros. Essa explicação funda-se em tres circumstancias, segundo pudémos colligir da leitura do trabalho de Mr. d'Avezac, onde ellas não apparecem simultaneamente, a nú, porque surgem apenas gradualmente, segundo a necessidade da argumentação. Essas tres circumstancias são: haver-se perdido o original hespanhol do livro do F. Columbo, o terem apparecido os documentos n'uma traducção italiana, cuja fidelidade não é muitas vezes absoluta. Os numerosos erros typographicos da edição italiana, que foram causa de singulares hypotheses e supposições. (V. pag. 8, 21, 47) A circumstancia do redactor (F. C.) não ser filho do matrimonio de C. Colombo com Felipa Moniz Perestrello, e por conseguinte não investigar os factos da vida do navegador, occorridos durante esse onlaço, com o interesse que lhe mereceram os outros factos posteriores. (V. pag. 35 e seguintes). Accresce ainda a particularidade da edição italiana (Veneza, 1571) ter sido feita com o concurso de nada menos de cinco pessoas, de Baliano de Fornari (a quem parece que Fernando Colombo entregára o seu manuscripto), de Marino, que a dirigiu, de Moleto que a concluiu, de Ulloa (traductor em italiano) e do impressor Francesco de Sienna.

Não podemos accompanhar extensamente a *refutação* do Mr. d'Avezac; sublinhamos a palavra intencionalmente, porque a resposta do sabio francez tem esse caracter. Depois do um exame at-

(1) *Bibl. crit.* pag. 208-211.

(2) *L'authenticité des «Histories»* attribuées a Fernand Colomb (par l'auteur de la Bibliotheca americana vetustissima). Paris, 1873, 8° gr. de 10 pag. Tambem no *Bulletin de la Société de Géographie,* Abril, 1873. pag. 385-392).

tento dos seus argumentos não se póde deixar de reconhecer a verdade da conclusão summaria a que Mr. d'Avezac já havia chegado no fim do seu primeiro trabalho, ácerca do *Essai critique* do snr. H. Harrisse «plein de recherches curieuses et sagaces, de rapprochements et d'inductions habiles, d'une érudition spéciale irréprochable, d'une verve négative entrainante, mais peut-être aussi de *ce parti-pris quelque peu absolu* qui se laisse parfois surprendre dans les habitudes de la polémique américaine (1). » Esse *parti-pris* nota-se especialmente na interpretação dos textos, citados pelo snr. H. Harrisse, em mais do uma parte (pag. 12, 13, 15, 17) o assume ás vezes singular responsabilidade (pag. 20! 22! 34, 44). Do paginas 25 em diante occupa-se Mr. d'Avezac da rehabilitação mais melindrosa da parte do livro de F. Colombo, que se refere á biographia do seu pae, anteriormente ás celebres viagens. O snr. H. Harrisse aproveita o minimo indicio para dar largas ao seu pessimismo, esquecendo, ou fingindo ignorar a circumstancia attenuante, que se encontra ás vezes no segundo ou terceiro periodo da mesma phrase, que serve de base á accusação. O leitor imparcial, que pesar bem a opinião dos dois sabios, e confrontar as palavras do snr. H. Harrisse, que Mr. d'Avezac transcreve sempre fielmente, com as respostas d'este ultimo, não poderá deixar de notar que «dans le petit nombre de cas où il s'agit de difficultés plus considérables, une voie semble toujours accessible à la conjecture explicative» (pag. 25).

— Demais, que substituição, que equivalente forneceria o snr. H. Harrisse á litteratutra historica, se consoguisse abrir uma brecha séria na *Vita dell'Ammiraglio?* A perspectiva das descobertas no Archivo das Indias, em Sevilha (2), desenhada para aguçar a curiosidade dos sabios, não passa de perspectiva, que necessita de ser confirmada. Mr. d'Avezac recommenda precaução ao snr. H. Harrisse n'este assumpto, assim como na questão com o cofre da Cathedral do Granada, em que, segundo a tradição, se guardaram as joias que Isabel a Catholica empenhou para aprompter a expedição do Colombo (3). Mr. d'Avezac, qualifica, chegado a estas alturas, o snr. H. Harrisse de «malin investigateur», e talvez com razão, a proposito da *enquête* (p. 51) para que elle convida os sabios do Valencia. Até lá, até que o snr. Harrisso realise a sua perspectiva devemos agradecer a Mr. d'Avezac que se encarregou de defender com tanta perspicacidade e saber o valor de um livro tão importante, como o do Fernando Colombo.

J. DE V.

---

(1) *Année véritable*, pag. 60, appendice.

(2) Allude-se sem dúvida aos archivos da *Casa-lonja* em Sevilha, tambem intitulada *El consulado* (Amador de los Rios. *Sevilla pintoresca*, etc., Sevilla, 1844, pag. 252-266).

(3) A offerta de Isabel a Catholica parece ser historica; todavia um fidalgo hespanhol Luis de Santangel adiantou o dinheiro 1.140:000 e maravedis (*Navarrete*, vol. II, pag. 5, *Apud. d'Avezac* pag. 51).

55. — **Musikalisches Conversations-Lexicon. Eine Encyclopädie der gesammten musikalischen Wissenschaften.** Für Gebildete aller Stände, unter Mitwirkung der literarischen Commission des Berliner Tonkünstlervereins so wie der Herren Musikdirector Billert, Concertmeister F. David, Custos A. Dörffel, Kapellmeister Prof. Dorn, G. Engel, Prof. Flod. Geyer, L. Hartmann, Director Th. Hauptner, Professor E. Mach, Prof. Dr. E. Naumann, Dr. Oscar Paul, A. Reissmann, Professor E. F. Richter, Professor W. H. Riehl, Musikdirector Dr. W. Rust, O. Tiersch, Director L. Wandelt, Dr. H. Zopff, (1) etc., etc., bearbeitet und herausgegeben von Hermann Mendel. Berlin, Verlag von R. Oppenheim, 1870-1874. 3 vol. 8.º gr. de IV-636 pag., 638 pag., 624 pag. e 336 pag. do 4.º vol. (em via de publicação cad. 35-36) (2).

Em principios de 1870 apparecia a 1.ª caderneta *(Lieferung)* da obra citada, com um prologo (3), que manifestava claramente as intenções do redactor geral o snr. H. Mendel de substituir com a ajuda dos especialistas a antiga *Encyclopädie* (4) de Schilling, e todos os resumos (Gassner) (5) ou compilações que derivam d'essa fonte principal. Não se citava no prologo o nome de Schilling, mas a allusão facilmente se percebeu; o snr. Mendel pensa, e bem, que, tendo a litteratura musical tomado proporções extraordinarias, espalhando e divulgando nos seus livros didacticos, historicos, e na execução das obras practicas o gosto e o amor pela arte, elevando o nivel geral esthetico, era mister um auxiliar que servisse de fundamento, de base a esse nivel, rompendo com o tom «ingenuo e não poucas vezes frivolo» que se nota até nos melhores auctores; n'uma palavra: substituir o dilletantismo, a declamação sentimental, pela seriedade scientifica. Como se resolveu o problema até hoje? (cad. 35-36 do vol. IV até pag. 336, a primeira d'este anno, 1874, e unica até hoje.)

(1) Até á data da ultima caderneta (1874, 35-36) tem havido varias mudanças no pessoal da redacção. No vol. II sahiu o snr. Th. Hauptner e entrou o snr. F. A. Gevaërt; no vol. III sahiu o snr. Flod. Geyer, e entraram os snrs. Dr. F. Hüffer, Prof. F. W. Jähns, e Schlecht Na cad. 33-34 falta o nome de F. David de Leipzig, fallecido, e na cad. 35-36 (ultima) ha a mais o snr. Dr. W. Langhaus.

(2) Na *Archeologia Artistica* (Ensaio critico sobre o Catalogo d'El-Rey D. João IV fac. III, pag. 4, nota 1) promettemos occupar-nos d'esta Encyclopedia, promessa de que nos descartamos só hoje por circumstancias alheias á nossa vontade.

(3) Vol. I pag. III e IV.

(4) *Encyclopädie der gesammten musikalischen Wissenschaften oder Universal — Lexicon der Tonkunst.* Bearbeitet von (seguem uma serie de nomes de musicographos).... und dem Redacteur Dr. Gustav Schilling. Stuttgart, Verlag von Franz Heinrich Köhler, 1835-1838, 6 vol. em 8.º gr.; Supplement — Band (1842) e Anhang zum Supplement — Bande, etc (idem).

(5) *Universal-Lexikon der Tonkunst.* Neue Hand-Ausgabe in einem Bande. Mit Zugrundelegung des grösseren Werkes neu bearbeitet, ergänzt und theilweise vermehrt von Dr. F. S. Gassner. Stuttgart. Verlag von Franz Köhler. 1849, 8.º max. de III — 918 pag. Cremos que ha outra ed. mais recente. A proposito de resumos recommendamos o trabalho do snr. Dr. Oscar Paul, um dos collaboradores da *Encyclopädie* do snr. Mendel: *Handlexicon der Tonkunst.* Herausgegeben von Dr. O. P. Leipzig, H. Weissbach, 1870-1873 — (Nachtrag). 2 vol. 8. peq. de IV (inn.) —550 pag., e IV — 656 pag.

É inegavel e evidente a superioridade d'esta obra sobre a de Schilling, na parte propriamente scientifica; basta comparar para isso os artigos de um e d'outro; por exemplo no 1.º volume das duas obras: *Accent* (1), *Accord* (2), *aegyptische Musik* (3), *aeolische Tonart* (4), *Akademie* (5), *Akustik* (6), *Alphabet* (7), *ambrosianischer Gesang* (8), *Anlage* (9), *Ansatz der Stimme* (10), *Applicatur* (11), *arabische Musik* (12), *assyrische Musik* (13), *Athem* (14), *Auflösung* (15) *babylonische Musik* (16), *Bach* (17), *Balg* (18), *Beethoven* (19), *Begleitung* (20), *Berlioz* (21), *Besaitung* (22), *Besetzung* (23), *Bewe-*

(1) Em Schilling, com os compostos, *Accentuation*, etc. (vol. I) 3 pag; em Mendel 6 pag.

(2) Em *S.* com os compostos, pouco mais de 2 pag; em *M.* 7 pag.

(3) Em *S.* 2 pag.; em *M.* 9 pag. Os artigos sobre a musica nos paizes orientaes, *Assyria*, *Babylonia* são bons resumos, feitos pelo snr. C. Billert. O artigo sobre *musica arabiga* é do snr. L. Ahrends.

(4) Em *S.* pag. e meia; em *M.* 3 pag. Os artigos sobre a musica grega são em geral do snr. Dr. Oscar Paul, que tem estudado especialmente este assumpto, todavia a sua traducção de Boëcio: *Boetius und die griechische Harmonik.* Des Anicius Manlius Severinus Boetius fünf Bücher über die Musik aus der lateinischen etc. Leipzig, Leuckart gr. 8.º de LVI — 379 pag. e tabellas.) foi severamente criticada na *Allgemeine musikalische Zeitung* n'uma extensa analyse, publicada no n.º 44 do anno de 1873, pag. 689-696, em que se refutava a sentença favoravel que o *Centralblatt* (n.º 49 de 1872, pag. 1329-1330) havia dado da traducção. Consideramo-nos incompetentes n'este assumpto; por isso limitamo-nos a indicar aos interessados a excellente edição latina de G. Friedlein, 1867. 8.º *(Bibliotheca scriptorum Græcorum et romanorum Teubneriana).*

(5) Em *S.* 2 pag; em *M.* 4 pag. S. traz a palavra com a orthographia: *Academie.*

(6) Em *S.* 20 pag; em *M.* 47 pag., excellente artigo do snr. C. Billert.

(7) Em *S.* 1 pag. e meia; em *M.* 9 pag.

(8) Em *S.* 1 pag. e meia; em *M.* 4 pag. e meia.

(9) Em *S.* 2 pag. e meia; em *M.* 6 pag. e meia.

(10) Em *S.* meia pag; em *M.* 3 pag. e meia.

(11) Em *S.* meia pag; em *M.* 5 pag. e meia.

(12) Falta em *S.*; em *M.* 10 pag. e meia.

(13) Falta em *S.*; em *M.* 16 pag. e meia.

(14) Em *S.* 2 pag; em *M.* 4 pag. e meia.

(15) Em *S.* 1 pag.; em *M.* 8. pag. e meia com bons exemplos.

(16) Falta em *S.*; em *M.* 2 pag. e meia.

(17) Em *S.* 18 pag.; em *M.* só 13, mas as noticias sobre a numerosa familia Bach são feitas segundo os ultimos dados authenticos até Spitta, cuja obra monumental appareceu posteriormente ao primeiro volume de Mendel.

(18) Quasi a mesma extensão nas duas obras, mas em *S.* inferior, com relação aos dados.

(19) Em *S.* 6 pag. e meia; em *M.* 7 pag. e meia, mas a caracteristica é muito superior.

(20) Em *S.* 5 pag. e meia; em *M.* 6 pag. com exemplos muito superiores.

(21) Falta em *S.*; em *M.* excellente biographia de 2 pag. e meia, em que se faz plena justiça a este grande compositor, tão calumniado na sua patria, que o artigo qualifica com razão «um dos compositores mais geniaes e independentes da actualidade».

(22) Não se encontra em *S.* senão *Bezug*, 3 pag. em *M.* 2; *Besaitung* falta em *S*; em *M.* 17 pag.

(23) Em *S.* 3. pag. e meia; em *M.* 6 pag. e meia.

gung (1), *Bezifferung* (2), *Blaisinstrumente* (3), *Böhmen* (4) (Geschichte der Musik) *Bogen* (5), e os seus termos compostos, etc. etc. Estes exemplos bastam, porque se acham n'ellos representados o lado technico, scientifico, critico, historico e esthetico da arte; a differença entre os respectivos artigos das duas obras não está só na extensão e maior desenvolvimento dos artigos da *Encyclopädie* de Mendel; está no methodo, e no ponto de vista da sciencia. Os editores pensaram muito bem que podiam poupar a apresentação de exemplos explicativos dos termos, que pertencem ao estudo puramente elementar; por exemplo na palavra *Abbreviatur* achámos em Schilling (6) 6 paginas, das quaes 3 estão cheias de exemplos rudimentares. Os editores da nova obra não desconhecem por isso o valor dos exemplos; dão-nos em abundancia; mas limitam-se a indicar só os menos elementares, suppondo, e com fundamento, em vista da universalidade da educação musical na Allemanha, que todo o comprador da *Encyclopädie* terá de antemão uma educação elementar solida.

O lado mais vulneravel e mais fraco de Schilling era o ponto de vista historico, e não menos, o ponto de vista theorico. Desde a data da sua *Encyclopädie* (1835, 1.° vol; 1838, VI e ult. vol. *Suppl.* 1842, 1.° vol.; *Anhang* 2.° vol.) até hoje, quantos o quão admiraveis resultados se alcançaram com os trabalhos historicos de Fétis, Kieseweter, Ferd. Becker, Winterfeld, Dehn, Bellermann, Reissmann, Coussemaker, Ambros, Jahn, Chrysander, Schubinger, Marx, Bitter, com os de Hauptmann, Dehn, G. Weber, Marx na theoria; de Helmholtz na acustica, etc. Nos recursos materiaes da orchestra, que revoluções profundas! O logar, cada vez mais importante, que o ensino musical vae tomando no ensino superior, a importancia que a *nova sciencia* vae adquirindo mesmo nas universidades, em algumas das quaes tem sido reconhecida officialmente ao lado das sciencias mais antigas (7), estabelecendo-se um professor especial de musica — essa posição extraordinaria estava pedindo um esforço dos especialistas, uma reforma da *Encyclopädie* de Schilling, onde os novos resultados da sciencia fossem divulgados e se tornassem conhecidos á grande minoria, que dentro da immensa maioria, se interessa pela arte musical.

Depois de havermos determinado o valor d'esta nova *Encyclopädie* comparada com a de Schilling, a melhor anterior em data, temos de a considerar em relação com as obras identicas fóra da

(1) Em *S.* 5 pag. e meia; em *M.* 4 pag. com bons exemplos.
(2) Em *S.* 7 pag.; em *M.* 7 pag. com exemplos superiores.
(3) Em *S.* 12 pag.; em *M.* 72 pag.!
(4) Em *S.* 7 pag. e meia; em *M.* 30 pag.!
(5) Em *S.*, com os seus compostos, (*Bogenflügel*, etc.) 8 pag. e meia; em *M.* 13 pag.
(6) *Op. cit.* Vol. I. pag. 7-14.
(7) Em Vienna, Munich, Berlim, Bonn, Göttingen, Heidelberg, Leipzig, ha ja cadeiras especiaes para o ensino das sciencias musicaes, alem de logares identicos nos numerosos Conservatorios e Academias de musica.

Allemanha, e de estabelecer a proporção em que ella se acha com as obras especiaes dos differentes paizes da Europa, que tratam isoladamente de certos ramos, que se acham representados na nova *Encyclopädie* que os abrange a todos, como o titulo indica.

Fóra da Allemanha não achamos muitas rivaes da obra de Mendel; não sabemos d'outra senão da *Biographie Universelle* de Fétis (1), que é semelhante, porque trata sobretudo da parte *biographica* e *bibliographica*, mas não egual, porque se colloca especialmente no ponto de vista historico, analysando os factos que derivam das individualidades que elle critica. N'este campo especial, a obra de Fétis é universal; occupa-se dos artistas de todas as nações cultas; o mesmo faz o snr. Mendel, mas comtudo a vantagem que lhe leva Fétis na parte *bibliographica* é evidente; na parte *biographica* é difficil estabelecer uma preferencia. Fétis é mais extenso em geral, caracterisa mais minuciosamente, exemplifica mais, ainda que o modo como o faz, o seu ponto de vista, esteja provocando a contradicção a todo o momento (2); mas essa contradicção, da parte de quem sabe ler, é proficua; obriga a investigar por conta propria, habitua o leitor estudioso a estabelecer o seu ponto de vista, desenvolve as suas faculdades criticas. Essa extensão, essa minudencia em Fétis explica-se pelo caracter especial da obra; o seu campo é muito mais limitado que o do snr. Mendel; ainda assim o modo como n'este se fazem os resumos merece louvor, e na parte contemporanea, sobretudo no que diz respeito ás notabilidades artisticas dos ultimos quinze annos, leva-lhe o snr. Mendel grande vantagem. Muito artista, que principiava a ganhar nome, quando Fétis dava a ultima mão ao seu ultimo volume (3), e que foi ou esquecido ou mal avaliado, está hoje na primeira linha, muitos outros morreram sem darem o que promettiam, ou vivem ainda, tendo descançado logo no principio da colheita, quando ella promettia ser abundantissima. N'essa parte contemporanea o trabalho do snr. Mendel é evidentemente superior, o que vale de muito, porque se os mortos merecem veneração, devemos tambem render tributo aos vivos; uns representam uma tradição, que é a nossa fortuna artistica de hoje, os outros representam a seara, que lançada sobre o fundo commum da tradição, nos ha-de dar os resultados futuros. A conclusão que se tira do que deixámos dito com relação a Fétis e Mendel, é que um

(1) *Biographie universelle des Musiciens et Bibliographie générale de la musique*, deuxième edit. Paris, F. Didot, 1866, 8 vol. em 8.° gr. A 1.ª edição é de 1834-1844.

(2) E' todavia para lastimar que Fétis continuasse a sustentar na *Biogr. univ.* com uma teimosia, digna de melhor sorte a celebre questão com Vincent sobre a musica grega, a questão sobre a notação dos neumos, a discussão com Bellermann sobre a transcripção da *Chanson* de Adam de la Halle, em que nem um nem outro tinham razão, (V. E. de Coussemaker. *L'art harmonique au XII et XIII siècles*. Paris, 1865—4.° gr. pag. 117-119 e seguintes), e outras questões ainda.

(3) De então (1866) para cá deveria ter apparecido um volume de notas e correcções, que não sahiu á luz.

completa o outro, um não exclue o outro; os pontos de vista são differentes, os resultados differentes; os defeitos de um acham-se contrabalançados pelas qualidades do outro. Parece-nos isto a verdade. Não comprehendemos a pretenção de certos criticos allemães e estrangeiros, que á vista da *Encyclopädie* do snr. Mendel e d'outros trabalhos respeitaveis, feitos na Allemanha, e que merecem toda a estima (1), tentam abalar a grande reputação de Fétis, lançando-se principalmente sobre a *Biographie Universelle*, esmiuçando os erros (2) d'essa grande obra, mas consultando-a sempre, na primeira occasião, que tenham de se defender pessoalmente. Poucos musicographos teem a boa fé de Ambros, que declara francamente: «A prova de quão indispensavel é o Lexicon biographico dos Musicos, apesar de suas innumeras (sic) inexactidões e erros, apesar de todos os seus juizos erroneos, e apesar do caracter pouco amavel do auctor, que transluz em toda a parte — a prova de quão indispensavel é — para todos os que se occupam de historia musical, póde-a dar todo aquelle que trabalha n'esse campo. Se eu mesmo para dar estas noticias sobre o seu auctor, tive de o consultar umas seis ou sete vezes — decerto a melhor satisfação para Fétis (3). Desde que começou essa interminavel e desagradavel animosidade entre Kiesewetter e Fétis por causa da dissertação sobre a eschola flamenga e os seus merecimentos (4), ani-

(1) Pode-se fazer muito bem justiça a trabalhos como a os de Jahn, Bellermann, Spitta, Jähns, Köchel, sem prejudicar os musicographos francezes. Na *Encyclopädie* do snr. Mendel avalia-se a actividade de Fétis na direcção do Conservatorio de Bruxellas (1838-1871) pessimamente, com as seguintes palavras injustissimas «o resultado d'isso (da direcção despotica) vê-se na longa actividade do fallecido Director Fétis, que teve o cuidado de affastar todos os mestres superiores e todas as opiniões independentes do ensino (vol. II-547).» Felizmente, a longa biographia de Fétis (vol. III-505-508), publicada na mesma obra faz-lhe plena justiça, com grave contradicção das palavras do volume anterior!

(2) Ed. Vander Straeten (*La musique aux Pay-bas*. Bruxelles, 1867. (Vol. I, X, XI e XII, Prologo) pretende ter emendado no seu primeiro volume para cima de 600 erros de Fétis. «Le deuxième (já appareceu; Bruxelles, 1872) dévoilera un nombre plus considérable encore de bévues de tout genre. Est-ce ignorance, est-ce légèreté? Le lecteur judicieux décidera». Não é o leitor que decide, é o juizo dos musicographos mais respeitaveis, taes como Dehn, Ambros e outros, que decidiu sobre o merito de Fétis. Para fazer sentir o que valem os trabalhos de Fétis basta lembrar a estima que lhe consagrava um sabio tão profundo em sciencia musical como Dehn, o celebre *custos* da secção musical da Bibliotheca de Berlim. Vander Straeten pretende: «M. Fétis annonce un volume supplémentaire. Un seul? Dix au moins n'y suffiraient pas. Nous verrons bien». Um exagero tão pueril não se escreve n'uma obra, que aspira a ser séria.

(3) A. W. Ambros. *Skizzen und Studien* (Bunte Blätter). Leipzig, 1872, pag. 153-154.

(4) Em duas memorias foram publicadas pela 4.ª classse do *Instituto real neerlandez para as Sciencias, Lettras e Bellas-Artes*, com o seguinte titulo: *Verhandelingen over de Vraag: welke Verdiensten hebben zich de Nederlanders vooral in de 14.e, 15.e en 16.e eeuw in het vak der Toonkunst verworven;* en in hoe verre kunnen de nederlandsche Kunstenaars van dien tijd, die zich naar Italien begeven hebben, invloed gehad hebben op de Muyzkscholen, die zich

mosidade, que acabou só com a morte de Fétis (1871), não cessaram ainda as accusações de um e outro lado, em França contra Kiesewetter e a sua eschola historica, na Allemanha contra Fétis e seus adeptos. São discussões estas, infructiferas, porquo ambos os escriptores foram homens de alto merito — e o pantheon da sciencia musical é bem vasto hoje para que ambos possam ter alli logar. Dá vontade de responder a esses detractores acintosos o quo Goethe respondia a uns certos sujeitos officiosos, que lhe vinham dar a boa nova de que se estava discutindo a superioridade d'elle, Goethe, sobre Schiller, ao que o grande homem respondeu: — «Ha vinte annos quo o publico discute qual de nós é maior — se Schiller, se eu — quando elle devia dar-se por satisfeito de achar em qualquer parte dois sujeitos bem ás direitas *(Kerle)* que elles possam discutir (1)».

Ambros faz um juizo verdadeiro dos dois celebres musicographos, dizendo: «Fétis e Kiesewetter, os dois adversarios, coincidem ambos no mesmo proposito, isto é, foram elles *dois,* que acordaram o zelo tão activo e tão productivo que se manifesta no estudo da historia musical — aquelle em França, este na Allemanha (2)». Recommendamos pois (pese isso embora aos partidarios), a *Encyclopädie* do snr. Mendel, como *complemento* necessario da *Biogr. univ.* de Fétis, e passamos a demonstrar o segundo ponto já enunciado, a estabelecer a proporção em que o trabalho encyclopedico do snr. Mendel se acha com as obras especiaes dos differentes paizes da Europa, que tratam isoladamente de certos ramos, que se acham representados na nova *Encyclopädie,* que os abrange a todos, como dissemos.

Fallamos dos trabalhos publicados com relação á Hollanda, Belgica, Borgonha, Polonia, Hespanha, Portugal, etc. (3). Não deve

kort daarna in Italien hebben gevormd? door R. G. Kiesewetter en F. J. Fétis, bekroond en uitgegeven door de vierde klasse van het koninklijk-nederlandsche Instituut van Wetenschappen, Letterkunde en schoone Kunsten. Amsterdam, J. Muller en comp. 1829, 4.° gr. de VI (innum.) — 120 pag. e II — (innum.) — 73 pag. de exemplos, que pertencem á memoria de Kiesewetter; e 58 pag., que pertencem á de Fétis, inferior á primeira a todos os respeitos. O primeiro teve a medalha de ouro; o segundo a de prata.

(1) Eckermann. *Gespräche mit Goethe.* vol. I., pag. 153 (3.ª ed.— 1868).

(2) Ambros, *Op. cit.*, pag. 154.

(3) Relativamente á Hollanda, Belgica e Borgonha, os trabalhos de Vander Straeten, de Grégoir, Ch. Poisot; á Polonia os de Sowinski, que não enumeramos aqui por brevidade. Entretanto mencionamos os hespanhoes e portuguezes, como menos conhecidos. São elles:

H. Eslava. *Museo organico español.* Madrid I e II Parte, in fol. 230, 143 pag. Com uma parte theorica e historica muito interessante *(Breve memoria historica de los organistas españoles* —22 pag. fol.) A parte pratica contém documentos preciosos.

H. Eslava. *Lira sacro-hispana.* Gran coleccion de obras de música religiosa, compuesta por los mas acreditados maestros Españoles, tanto antiguos como modernos: publicacion que se hace bajo la proteccion de S. M. la Reina D. Isabel II. (Q. D. G.) y dirigida por D. Hilarion Eslava, Maestro da su Real Capilla. Madrid, Salazar (sem data) 10 vol. in fol. max. Obra monumental, uma das glorias da Hespanha e do seu benemerito editor; abstrahindo do valor da

admirar que cheguemos aqui á conclusão que, uma Encyclopedia não póde luctar com trabalhos especiaes d'essa ordem, nem pela quantidade do que offerece, nem pela qualidade d'aquillo que escolheu de preferencia; mas o que se póde e se deve exigir, é que esteja a nova obra em dia com a sciencia, e a esse respeito não podemos responder affirmativamente em todos os casos. Não sabemos por que motivo não se chamou á collaboração um certo numero de homens, que já deram garantias de saber e de estudo. Não sabemos por que não utilisou a nova *Encyclopädie* melhor os trabalhos de Vandor Straeten, de Grégoir, por que não quiz fazer caso das importantes investigações de Eslava, de Saldoni, de Fuertes, com relação á Hespanha. Achámos por exame amiudado que, com relação a Portugal, não se passou de Barbosa Machado (1), e quando muito de Fétis (2). E não se diga

parte pratica, que é um thesouro, ha a *Breve memoria histórica de la música religiosa en España* (41 pag.), que serve de *Prologo* ao 1 vol. da *Lira*, e os *Apuntes biográficos*, que figuram á frente das obras dos respectivos authores, e que contém dados interessantes.

Ha ainda a *Gaceta musical de Madrid*, redigida pelo mesmo auctor, de que sahiram só 2 vol. 4.º (1855-1856), e que é infelizmente rara.

M. Soriano Fuertes. *Historia de la música española desde la venida de los Fenicios hasta el año de 1850*. Madrid, S. Martin, 1855-1859, 4 vol. 8.º

Do mesmo. *Memoria sobre las Sociedades corales en España*. Barcelona, 1865, 8.º gr.

B. Saldoni. *Efemérides de músicos españoles*, professores como aficionados. Madrid. 1860-8.º

Do mesmo. *Diccionario biographico-bibliographico Efemérides de Músicos españoles* Madrid, 1868, vol. 1 de 342 pag. e 2 innum.

Esta obra valiosa devia constar de 4-5 volumes em 8.º de 560 p. e não continuou depois da quéda de Isabel II, que patrocinava este excellente trabalho, que custou ao seu auctor 18 annos (*advertencias* 1.º vol.) de investigações e que nos devia dar além dos 1561 nomes das *Efemérides* uns *mil* a mais, no *Diccionario*.

Do mesmo. *Reseña historica de la escolania, ó Collegio de Música de Monserrat*, em Cataluña desde, 1456 hasta hoy dia. Madrid, 1856. 8.º

D. Antonio Eximeno. *Don Lazarillo Vizcardi*. Sus investigaciones músicas, etc. Madrid, 1873, 2 vol., 8.º Publicação da *Sociedad de bibliófilos españoles*, revista por F. A. Barbieri. Vide a analyse que damos mais adiante d'esta importante publicação.

F. A. Barbieri. *Contestacion al maestro D. Rafael Hernando*. Madrid, 1814, 8.º *Sobre el Proyecto-memoria para la creacion de una Academia de Música* de R. H.)

Do mesmo. *Discurso leido en la Academia de Bellas Artes de San Fernando* en la sesion pública etc. Madrid, 1874, 8.º gr. Vide a nalyse que fazemos d'este notavel discurso, mais adiante.

Sobre Portugal temos de citar alguns curiosos artigos historicos do snr. Dr. J. R. Guimarães sobre factos modernos (Todi, Marcos Portugal, Catalani etc), publicados no *Jornal do Commercio* de Lisboa e os nossos trabalhos: *Os Musicos portuguezes*. Porto, 1870. 2 vol. 8.º gr.; *Archeologia artistica*, fasc. I e II (*Luiza Todi; Ensaio critico sobre o Catalogo d'El-Rey D. João IV*, seculo XV-XVIII) e o proprio grande Catalogo (1600 pag.) cuja nova edição critica está no prelo, bastante adiantada, para sahir em fins d'este anno (1874).

(1) *Bibliotheca lusitana* (1741-1759) 4 vol. fol.

(2) Apesar dos esforços do celebre musicographo pudémos citar nos *Musicos portug.* mais de 400 nomes, que elle omittiu. Hoje poderiamos accrescentar

que a Hespanha e Portugal não merecem uma menção mais notavel, porque não tiveram um Palestrina, um Bach, um Händel, um Mozart, um Beethoven. A Hespanha produziu homens como S. Isidoro (1), Bartholomé Ramos do Pareja (2), Salinas (3), Eximeno (4) na theoria; compositores illustres como Christobal Morales (5), Guerrero (6), Victoria (7), Escobedo (8); e ultimamente tem concorrido com os valiosissimos trabalhos historico-archeologicos de Eslava, e os benemeritos de Barbieri, Saldoni, Soriano-Fuertes, etc.

Portugal, posto que seguisse as pisadas da eschola flamenga primeiro, depois da hespanhola e da italiana, o se servisse na theoria principalmente dos livros didacticos da Hespanha, póde apre-

aos 400 e tantos artistas, citados no nosso trabalho, pelo menos — outro tanto, fructo de investigações posteriores a 1870.

(1) S. Isidoro foi bispo de Sevilha, onde morreu em 636, tendo nascido cerca de 580 em Cartagena; foi o inventor do canto liturgico, conhecido sob o nome de *canto isidoriano ó canto mozárabe*. V. Barbieri *Discurso* pag. 33. S. Isidoro trata da musica n'um livro que tem o titulo *Originum sive etymologiarum libri XX* (Augsburgo,1472 fol.) livro 3.º cap. 1-9. Este tratado acha-se reproduzido na celebre obra de Gerbert. *Scriptores ecclesiastici de Musica sacra* etc. vol XI pag. 19 e seguintes.

(2) Um dos escriptores theoricos mais importantes do XV seculo. A sua obra: De *Musica tractatus* (Bononia, 1482 — 4.º) provocou uma discussão tão importante, que figuraram n'ella os theoricos mais notaveis do seculo. Vide a nossa analyse do *Discurso* de Barbieri, adiante.

Ramis de Pareja ensinou primeiro a theoria na Universidade de Salamanca e depois em Bologna. (Italia).

(3) Não menos notavel que o antecedente e tambem cathedratico em Salamanca. O seu tratado *De Musica libri septem* (ha um exemplar na Bibliotheca nacional de Lisboa), Salmanticæ, 1578 — fol. é classico, e o mais importante da época, com relação ao conhecimento da musica dos antigos. (Fétis).

(4) Este celebre jesuita hespanhol, já notavel pelo seu livro *Dell origine della musica* (Roma, 1774, 4.º) tornou-se ainda mais notorio com a publicação, que recentemente se fez do seu *Lazarillo Vizcardi*, de que adiante fallamos. A sua discussão com o P.e Martini é celebre, e a *Encyclopädie* do snr. Mendel diz ainda em 1873, que o systema pelo qual Eximeno examinou as theorias de Pythagoras, Galilen, Euler, Tartini, Rameau e d'outros, revela muita perspicacidade e intelligencia (vol. III —444).

(5) Morales adquire como compositor uma importancia excepcional pela circumstancia de terem apparecido as suas composições 13 annos antes da primeira de Palestrina (1554)! Vide para mais pormenores, assim como sobre as notas seguintes a analyse do *Discurso* de Barbieri, adiante.

(6) Incluimos Francisco Guerrero ou Guerreiro na lista dos hespanhoes, posto que haja duvidas sobre a sua nacionalidade, isto é, sobre se pertence a Portugal, se á Hespanha. Vide sobre o caso o nosso argumento *Archeologia artistica*, fasc. III, pag. 1 appendix, notas supplementares.

(7) Contemporaneo e digno imitador de Palestrina, a quem todavia não egualou. E comtudo uma das maiores glorias artisticas da Hespanha; ainda hoje se cantam no Vaticano na Semana Santa os seus dois responsorios *(in passione secundum Mathæum* e *sec. Joannem)* com as composições de Palestrina, Allegri e Bai.

(8) Celebre cantor da capella pontificia e profundo theorico. Foi com Danckerts juiz da celebre questão entre N. Vicentino e V. Lusitano, de que fallamos na nota seguinte.

sentar sabios como Vicente Lusitano (1) Fr. João Rodriguos (2), Frouvo (3) (theoria); compositores como Duarte Lobo, Rebello (4), Fr. Manoel Cardoso (5); organistas insignes como Correa de Araujo, Rodrigues Coelho, Agóstinho da Cruz (6); e sobre tudo um principe, sabio e profundo na sciencia, compositor de alto merito, e animado do um sagrado enthusiasmo pela arte, que teria dado immensos resultados, se um desastre incalculavel não viesse destruir o fructo de uma vida inteira, consagrada aos interesses mais elevados da arte. Fallamos de D. João IV e da sua immensa Bibliotheca musical, destruida (7) pelo terremoto de 1755, que attrahiria hoje os sabios de toda a Europa e levaria os adeptos da arte até Lisboa, como os adeptos das litteraturas e das sciencias vão ao Vaticano, a Londres, a Vienna ou a Berlim (8). Não são estas todas as razões que podemos allegar para justificar o nosso reparo com relação a certas lacunas da *Encyclopädie,* mas são as mais salientes. Hoje não ha barreiras; os Alpes, os Pyreneus já não rasgam os pés a ninguem, já não oxistem perante o alcance da sciencia, e a energia e tenacidade dos seus adeptos; se Hespanha e Portugal estão longe, não estão todavia tão affastados que não ouçam as exigencias da sciencia, e uma vez que exigem

(1) Vicente Lusitano é para Portugal o que Salinas, Pareja ou Eximeno são para a Hespanha. Esperamos poder um dia pôr o seu grande merito em devido relevo, com a publicação do manuscripto da *Vallicelana*, que forma o inventario da importantissima questão, debatida entre o theorico portuguez e o seu rival italiano, Nicola Vicentino. Até lá, Vide: Danjou *notices de manuscripts relatifs à la musique*, etc. pag. 201 em *Revue de la musique religieuse*. Paris, 1837, vol. III; e sobretudo: A. de la Fage: *Essais de Diphthérographie musicale*. Paris, 1862 8.° gr. pag. 224-249, e finalmente: Baini *Memorie storico-critiche della vita e delle opere di Giovanni Pierluigi da Palestrina*. Roma, 1828, vol. I pag. 333-348, notas 424 e 426. Para qualquer dos compositores portuguezes V. *Musicos portuguezes*.

(2) Fr. João Rodrigues escreveu um tratado de *Canto-chão* em fol., que mereceu em Roma, onde o auctor esteve, os elogios de Palestrina, nem mais nem menos. O manuscripto perdeu-se.

(3) Bastam os *Discursos sobre a perfeição do Diathesaron* (Lisboa, 1662 4.°) para testemunhar a profunda sciencia do sabio bibliothecario de D. João IV.

(4) Para determinar o merito de Rebello nada mais é preciso do que o juizo de D. João IV (*Defensa de la Musica*, dedicatoria pag. 2), que mandou imprimir as composições de Rebello em Roma, á sua custa.

(5) A *Encyclopädie* do snr. Mendel ainda hoje elogia as obras de Cardoso (vol. II, pag. 318), quando na patria se esqueceram d'elle.

(6) Publicou o primeiro methodo de rabeca, conhecido na Europa (*Lyra de Arco*, 1639, fol.) de que até hoje não vimos exemplar algum.

(7) Talvez se possa acompanhar a palavra *destruida* com um ponto de interrogação (sic?), porque ha suspeitas de que algumas das preciosidades da Bibliotheca de D. João IV passaram para a Patriarchal (tambem destruida e incendiada, depois do terremoto), e d'esta para a Bibliotheca real da Ajuda. É todavia apenas uma suspeita, que verificaremos brevemente.

(8) Depois do exame, a que procedemos no *Ensaio critico sobre o Catalogo, (Archeol. art.* fasc. III), e que será refundido na proxima publicação do grande *Catalogo*, temos o direito de affirmar que a importancia e posição de D. João IV na historia da arte musical é *excepcional*.

que acompanhemos o movimento que se produz longe de nós, apesar dos nossos limitados recursos, temos o direito de pedir que nos venham procurar em nossa casa, e que a sciencia estrangeira venha até aqui, e se informe em fonte limpa (1).

Concluimos com algumas observações de menos importancia. Como se vê pelo titulo da *Encyclopädie* trabalham n'ella numerosos collaboradores, cujos nomes offerecem solida garantia, e eram já conhecidos por valiosos trabalhos; a distribuição do trabalho, posto que prejudique sempre mais ou menos a unidade do ponto de vista historico-critico, é uma necessidade em obras d'esta natureza; de dois males acceita-se o menor, comtanto que, approvadas a distribuição e as dimensões, que d'ahi resultam, dando cada um dos collaboradores o desenvolvimento que lhe merece um assumpto favorito — a publicação se faça com a devida diligencia. A distribuição das cadernetas tem sido até hoje vagarosa de mais; tendo sahido a 1.ª em janeiro de 1870, temos hoje apenas 3 volumes completos, e 6 cadernetas do quarto, ao todo: 36 cadernetas em 4 annos e meio (2), o que é pouco; a demora tem o duplo inconveniente de adiar o complemento de uma obra realmente necessaria, e de obrigar a um *Supplemento*, que será tanto mais grosso, quanto maior for a demora dos restantes volumes (3).

De resto não podemos deixar de notar a modicidade do preço de 5 Sgr. (62 centimos) por cada caderneta de 3 folhas e meia (56 pag.); o papel é bom e a impressão feita com cuidado, typo compacto e miudo, que permitte concentrar um grande numero de artigos e grande abundancia de factos n'um formato commodo em oitavo. Basta lembrar, para exemplo, que os volumes da nova *Encyclopädie* teem: 1.º vol. = IV-636 pag., de *A* até *Biel* incl. o Index; o 2.º 638 *Bieling-Cossmann;* e o 3.º 624 pag. *Costa-Fortschreitung* no nosso typo 8 o 6 (Index). A *Encyclopädie* de Schilling offerece no 1.º vol. = XII-740 pag. *A-B quadratum;* no 2.º 749 pag. de *Braga-F moll;* no 3.º 748 pag. *Fockerodt-Irland*. A differença no numero de paginas, entre as duas Encyclopedias, é largamente compensada como se

(1) Demais, o nosso trabalho *Os Musicos Portuguezes* já foi annunciado na *Allgemeine musikal. Zeitung* de Leipzig em 1871, n.º 42, pag. 670. Na *Encyclopädie* de Mendel falla-se por exemplo da Bibliotheca de D. João IV como de cousa que ainda existe: falla-se d'ella no presente, dizendo-se, que tal ou tal composição *aufbewahrt wird* = é alli guardada. Ora já Fétis disse em 1866 na *Biogr. univ.* (Vol. IV, pag. 436) que a Bibliotheca fôra destruida pelo terremoto em 1756 (sic, aliás 1755). E' verdade que o mesmo Fétis falla d'ella, ora como se existisse ainda, ora como um facto passado: *On trouvait les compositions* etc. e *on trouve*, etc.

(2) O 1.º vol. da *Encyclopädie* de Mendel é de 1870: o 2.º de 1872 (!), e o 3.º de 1873, e só na caderneta 35-36 do 4.º vol. é que se entra em 1874.

(3) Parece que a obra terá 8 volumes, de sorte que, a calcular pela demora dos 3 primeiros, teremos a obra completa em 1879 ou 1880, e depois os *Supplementos*, que não serão pequenos.

Não faltam na Allemanha os 20 ou 30 homens de sciencia, necessarios para concluir a obra n'um periodo relativamente curto.

vê, comparando os 3 vol. publicados; a do snr. Mendel vae no fim do 3.º vol. ainda na letra *F (Fortschreitung)*, que continúa até pag. 92 do 4.º vol. (em via de publicação); a de Schilling passa da lettra *F* a *G* já a pag. 641 do 2.º vol. As importantes lettras *A* e *B*, que occupam em Mendel 886 pag., dão em Schilling 805, notando-se quo esta ultima cifra fica roduzida a metade, pelo menos, por causa dos exemplos, que enchem paginas inteiras com notas garrafaes. A parte illustrativa (gravuras, etc.) em Mendel é pouco importante, e mereceu menos attenção, attendendo-se decerto á influencia que isso teria sobre o preço; a escolha dos exemplos, questão capital, revela em Mendel uma superioridade que salta aos olhos. As *Beilage* (1), que ha a mais em Schilling, não teem importancia hoje em dia. Para concluir diremos que achámos pela contagem dos respectivos *Index*, que os tres primeiros volumes da *Encyclopädie* do snr. Mendel teem nada menos de 9:400 artigos, quando todos os *seis* e ainda os dois do Supplemento da *Encyclopädie* de Schilling offerecem juntos apenas cerca de 10:400. Estas cifras são eloquentes.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

56.— **Romancero del Cid.** nueva edicion añadida y reformada sobre las antiguas, que contiene doscientos y cinco romances recopilados, ordenados publicados por Carolina Michaellis. Leipzic, F. A. Brockhaus. 1871. 1 vol. in-8.º p. x, 368.

A Allemanha, que soube omancipar-se da subserviencia da litteratura latina e da tutella do catholicismo, fortalecendo-se no estudo das suas origens, inspirando-se das suas tradições nacionaes, e rehabilitando as creações vigorosas da edade media, estudou com sympathia a Hespanha o todas as formas da sua rica litteratura, por que alli veiu achar confirmadas as novas doutrinas da arte romantica. Depois dos seguros trabalhos de Bouterweeck, de Jacob Grimm, do Wolf o de von Schack, apparece gloriosamonte secundando esta phalange uma senhora de Berlin, dotada dos conhecimentos mais technicos da erudição peninsular e guiada pelos methodos inabalaveis da philologia moderna. O nome de Carolina Michaelis, apparéce-nos no dominio scientifico com essa força da mulher das tradições germanicas, bella e invensivel; filha das revoluções sociaes do sou seculo, representa para a Allemanha a mesma altura que Miss Harriette Martineau em Inglaterra, ou Clemence Royer em França, uma popularisando em uma perfeita condensação a *Philosophia positiva* de Auguste Comte, outra discutindo ex-professo os trabalhos da Biologia. O livro de Carolina Michaelis distingue-se por ser a mais completa collecção dos Romances do Cid, contendo sobre todas as outras collecções mais dezoito romances ineditos, as variantes dos textos reco-

(1) As *Beilage*, ou appendice em Schilling resumem-se em pouca cousa cerca de uma duzia de paginas, e não teem hoje valor.

lhidas sobre as edições authenticas, e alem d'isso por uma classificação e coordenação historicas, nos seguintes grupos: Romances da vida e feitos do Cid durante o reinado de Fernando I, o Magno (1053-65); desde a morte de D. Sancho até á coroação de D. Affonso VI o Bom; repto de Zamora (1072); durante o reinado de Affonso VI o Bravo (1072-1109) até á sua morte (1099). Além d'isto, teve ao seu alcance varios romances em pliegos sueltos do seculo XVI da Bibliotheca de Praga, de tal forma raros, que nunca entraram nas collecções até hoje. Pode-se julgar para todos os effeitos este novo *Romancero del Cid*, mais perfeito e melhor organisado do que o Keller e o de Ochoa; a ordem historica adoptada, tem a vantagem de nos dar o plano de uma epopêa que não chegou a ser elaborada pelo povo hespanhol, e dá-nos uma garantia de que se não desprezou nenhum traço que accentue o grande vulto do Cid. Ao passo que lhe reconhecemos estas vantagens, insurgimo-nos contra a ordem historica, porque nos não deixa perceber os differentes caracteres que o romance popular foi recebendo nos seculos XV, XVI e XVII, já destacando-se tradição vulgar em toda a sua ingenuidade primitiva, como no *Cancionero de Romances* de Anvers de 1550; já recebendo uma forma litteraria, mas com o sabor do elemento popular que serviu para a *Chronica general* d'onde os tornou a rimar Lorenzo de Sepulveda em 1551; já recebendo uma affectação culta e pedantesca do declarado seiscentismo no *Romancero general* de 1600; já finalmente, tendo perdido a consciencia da sua ingenuidade antiga na collecção de Juan de Escobar. Os romances são forçados a quebrarem a sua successão natural para se submetterem á symetria artificial dos quadros chronologicos da vida do Cid. O que deduzimos contra o *Romancero del Cid* oppômos tambem contra o *Romancero general* de Don Agustin Duran; esse romanceiro formado de todas as collecções do seculo XVI a XIX é a mais vasta colheita de poesia popular que se tem reunido, mas tem contra si o grave defeito de se achar alli o que é puramente *popular* confundido e quasi sepultado sob a abundancia das macaqueações cultas dos que poetavam por imitação e moda.

Dos dois mil e tantos romances ajuntados por Duran, quantos serão os que pertenceram exclusivamente ao povo? Apenas uns cem, quando muito. Ora, com estes cem é que se devia formar o legitimo Romanceiro nacional da Hespanha, agrupando os restantes, de elaboração individual e consciente, em um outro corpo cuja indole litteraria fosse bem manifesta. Sem se fazer este trabalho, que é o essencial, não se póde chegar a determinar bem as origens do romance peninsular; e a esta confusão da tradição vulgar com a composição erudita se deve o desleixo em que os modernos litteratos hespanhoes tem deixado a exploração das versões oraes modernas.

Com o *Romancero del Cid* deve-se usar um egual processo de classificação; os romances que o compõem foram escriptos por Lorenzo de Sepulveda, por Lucas Rodrigues, Gabriel Lobo Lasso de la Vega, Juan de la Cueva, Santos, Escobar e outros muitos. Qual será a

parte verdadeiramente tradicional e popular? Muito diminuta. Apparece nas collecções anonymas da *Silva de Romances* e do *Cancioneiro* de Anvers; e muito vagamente através dos versos dos Romances de Sepulveda, que metrificou a prosa da *Chronica general*, que era formada em grande parte com antigas gestas a que Affonso Sabio allude, e que no seculo XIII corriam em voga. No fim do seculo XIII veiu o predominio da erudição latina da primeira Renascença; os romances populares foram desprezados e ficaram esquecidos nas infimas camadas sociaes, até que por effeito da expedição de Affonso V de Aragão a Napoles, e pela unificação politica de Hespanha, o povo teve então uma nova vida e os seus cantos reviveram com interesse. O *Cancionero general* de Hernando de Castilho, colligido sob o dominio de Fernando e Isabel é o que traz os primeiros romances antigos, do mesmo modo que o *Cancionero* de Anvers é o que appresenta a fórma popular mais genuina. Estes dois livros correspondem a esses dois successos, em que vemos realisada a lei ethnica de Lemecke; o conflicto de differentes povos, dá um desenvolvimento de poesia, como o encontro de duas substancias chimicas dá um desenvolvimento de calor. Com o agrupamento dos romances segundo o seu caracter popular e tradicional os resultados para a critica seriam muito mais profundos: o povo retratou o Cid, o seu heroe, segundo os sentimentos que então cooperavam para a organisação do estado social. O proprio Don Agustin Duran conheceu isto, quando escreveu: «Ha um Cid monarchico, popular, religioso e aventureiro; outro aristocratico, feudal...» (Rom. gener. t. II, 663). Em um romance colligido nas *Rosas* de Timoneda, o povo imprime ao Cid um caracter verdadeiramente contrario a toda a aristocracia, faz d'elle um bastardo:

Ese buen Diego Lainez
Despues que hubo yantado,
Hablando está sobre mesa
Con sus hijos todos cuatro.
Los tres san de su mujer
Pero *el otro era bastardo,*
Y aquel que bastardo era
Era el buen Cid castellano.

(Rom. del Cid. n.º IV).

Em outro romance das collecções de Anvers, de Saragoça e das *Rosas* de Timoneda, o Cid apparece reagindo contra a realeza:

Por besar mano de Rey
No me tengo por honrado;
Porque la besó mi padre
Me tengo por afrentado.

(Ib. n.º X.)

São estas as duas caracteristicas de typo popular do Cid; os metrificadores cultistas fizeram d'elle um galan falando sempre por

conceitos, e falsificaram este grande vulto, debaixo do uma insopportavel rhetorica como a que se extravasou nas novellas de *Tendre*. Mas para conhecer melhor os romances do Cid genuinamente populares, temos um meio mais material e mais seguro: os versos dos romances antigos tornaram-se quasi todos *proverbios*.

Na litteratura portugueza temos muitos d'esses versos proverbiaes tirados dos romances do Cid, e citados em composições anteriores a todas as datas das collecções hespanholas que começam em 1550. Por exemplo, em Gil Vicente, em um Auto de 1523, achamos citados os versos:

Guay Valencia, guay Valencia,

e designado este genero de canto como um *cantar guaiado*.

Na comedia *Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, do 1521, cita-se este outro verso proverbial dos romances do Cid:

Por aquel postigo viejo...

Na comedia de Jorge Pinto, morto segundo crêmos antes de 1550, vem outro verso que ainda hoje anda na tradição oral dos Açores:

Helo, helo por do viene...

Nas suas Cartas da India, de 1553, Camões allude com espirito de proverbio a estes dois romances do Cid:

Afora, a fóra Rodrigo
El soberbio castellano,

e tambem:

Riberas del Douro arriba
Cavalgam dos zamoranos...

Na litteratura hespanhola é muito mais vasto o campo para esta exploração, que por si bastava para fixar com segurança tudo o que nas collecções dos livreiros de Anvers, Sevilha, Saragoça e Madrid pertence ao povo. Criticando o *Romancero del Cid* sob este ponto de vista, admiramos a perfeição do trabalho de Carolina Michaelis e só procuramos fazer-lhe sentir a necessidade de submetter um dia o grande *Romancero general* a este processo já presentido por Jacob Grimm na *Silva de Romances Viejos*. Terminando este rapido estudo cabe aqui darmos noticia de uma edição do *Romancero del Cid*, de Juan de Escobar, mais antiga do que a que D. Agustin Duran julgava a primeira, e impressa em Alcalá em 1612. A edição que possuimos, por graciosa offerta do Dr. H. Nunes Teixeira, foi impressa em Lisboa em 1605, como consta das Licenças, porque o frontispicio está deteriorado. Em vista d'este facto podemos suppôr que essa collecção foi formada em Portugal, e Escobar é um poeta

dramatico portuguez auctor do *Auto do Duque de Florença*. Em poder de um nosso amigo vimos uma outra edição de Lisboa, datada de 1613, e tambem desconhecida por Don Agustin Duran; nas licenças que a acompanham se lê: «Vi *segunda vez* este livro intitulado Historia do Cid...» Esta *segunda vez* referir-se-ia á edição de Alcalá de 1612, se não soubessemos da existencia d'essa outra de 1605, anteriormente impressa em Lisboa. Os dados bibliographicos são sempre frivolos, quando elles se não prestam para conclusões sobre a authenticidade dos textos; foi isto o que bem comprehendeu Carolina Michaelis tendo a felicidade de consultar as mais antigas collecções dos Romanceiros hespanhoes, da bibliotheca de Wolfenbüttel, de Vienna, e de Praga, para authenticar o seu formoso Romanceiro.

THEOPHILO BRAGA.

---

57. — **Discurso leido en la Academia de Bellas Artes de San Fernando en la sesion pública y extraordinaria del dia 10 de Mayo de 1874**, para solemnizar la agregacion de la seccion de música por el exc.mo snr. D. Francisco Asenjo Barbieri, Academico de número. Madrid. Imprenta y fundicion de Manuel Tello. 1874 in 8.º gr. de 50 pag.

O decreto do governo da Republica hespanhola de 8 de Maio de 1873 prestou á arte um verdadeiro serviço, levantando-a da posição bastarda a que a haviam condemnado os governos anteriores da España. O idealismo politico, que veio collocar a Hespanha na maior crise por que tem passado e do que só a acção energica do principio da disciplina do estado a pode arrancar — esse fatal idealismo politico deu um facto *positivo* para a arte, creando uma secção de musica, annexa á Academia de S. Fernando, onde até alli só as outras tres artes eram representadas.

Parece impossivel que, mesmo sem as excellentes razões com o snr. Barbieri defende uma nobre causa, podesse sustentar-se uma exclusão tão injusta durante quasi um seculo meio (1)! Muito antes que a historia registrasse o nome do primeiro architecto, pintor, ou exculptor hespanhol, já a arte musical d'Hespanha tinha uma historia illustre; dá que pensar, que n'um paiz, onde a influencia da tradição é tão poderosa, se perdesse a memoria dos triumphos que os grandes compositores e sabios theoricos haviam alcançado desde o seculo XV no paiz e no estrangeiro. Os archivos são mudos, os thesouros que elles encerram necessitam do mineiros dedicados, que os desenterrem, em quanto um quadro, uma estatua, um edificio estão sempre mais ou menos patentes ao exame. Notaremos ainda que, quando se tractava de fundar a *Academia de S. Fernando*, isto é no terceiro decennio

(1) Foi D. Francisco Menendez quem primeiro sollicitou em 1726 do governo hespanhol a instituição de uma *Academia*, a exemplo da que havia já em Florença, Roma, Paris etc. (D. José Caveda *Memorias para la Historia de la Academia de S. Fernando* etc. Madrid 1867. vol. I pag. 25).

do seculo XVIII rebentava em Hespanha a lucta entre o estylo severo da egreja e a *musica de comedias* (1). A posição da arte musical era critica; demais as escolas estabelecidas nos mosteiros talvez parecessem aos fundadores recurso sufficiente para o ensino. A grande tradição nacional da pintura, esculptura e architectura contribuiu para a continuação do mesmo estado, tanto mais que os triumphos da arte musical na segunda metade do seculo XVIII eram os triumphos de uma *tradição estrangeira*. A *Academia* olhava, na sua posição decadente (2), durante o reinado de Filipe V, com inveja para o favoritismo (3) concedido aos musicos estrangeiros, taes como Farinelli, Corselli, Scarlatti e outros, o nem sequer tinha a compensação de poder apresentar, em face d'esses nomes, representantes da antiga escola hespanhola, cujas tradições a *real capilla*, completamente decahida, não tinha forças para fazer reviver (4). Estas nossas observações, que aqui avançamos sem outro intento, que não seja lembrar certas circumstancias, que porventura escapassem ao snr. Barbieri (5), teem de ceder o logar á exposição historica que o auctor faz, seguindo rigorosamente a demonstração da sua these: *Sobre la union de las Bellas-Artes* (pag. 10). Não sendo da indole d'esta Revista a discussão sobre pontos de Esthetica, insistiremos especialmente nos dados historicos do *Discurso*, dando em resumo o encadeamento da demonstração collectiva. O snr. B. começa pela classificação das artes, desde Seneca (6) por Vitruvio, Galeno, Boëcio, S. Isidoro etc; em seguida historia as vicissitudes por que passaram as artes plasticas em Hespanha, a rivalidade entre os cultores d'ellas, e a sua alliança mutua, fundando-se nas opiniões de Hegel, Viollet—Le Duc etc, e acaba por demonstrar essa alliança nos exemplos da Renascença (7).

(1) Soriano Fuertes. *Historia de la música española*, vol. III, pag. 150.

(2) D. José Caveda. *Memorias*, vol. I, pag. 72-117.

(3) «El palacio de los reyes de España se convirtió en templo de la musa Euterpe; las reales personas y los cortesanos no pensaban en otro cosa que en cantar y tocar para someter-se á la direccion de Farinelli, Corselli, ó Scarlatti; el que no poseia alguna de estas dos habilidades, hacia un papel muy secundario en la córte» etc. (S. Fuertes. *Hist. de la mus.* vol. IV, pag. 46).

(4) «Interin iba en progression ascendente el entusiasmo palaciego por la música de cámera, la de la real capilla se hallaba en el mas deplorable abandono. (S. Fuertes. *Op. cit.* Vol. IV, pag. 47).

(5) Em todo o caso é curioso, que nenhum dos directores da *Academia de S. Fernando* se lembrasse de propor a entrada da arte musical no seu gremio, nas varias occasiões em que se tractou da sua reforma, mórmente na reforma em tempo de Carlos III, feita por Raphael Mengs, que era alem d'isso *muito amante da musica!* Vide a Biographia de Bianconi em G. Schilling. Anton Raphael Mengs *sämmtliche hinterlassene Schriften*. Bonn. 1843, vol. II, pag. 212 e seguintes.

(6) Allude-se ao tratado de *Architectura* (trad. esp. de Urrea, Alcala 1582, fol.) e ás *Etymologias* de S. Isidoro (ed. princeps, 1472) etc.

(7) São Andrea Verrocchio, Leonardo da Vinci, M. Angelo, Giorgione, Sebastiano del Piombo, Corregio, Paolo Veronese, Tintoretto, e muitos outros, que cultivaram simultaneamente as differentes artes. E' geralmente conhecido o grande quadro do penultimo, na grande sala do Louvre, representando as Bo-

Antes de entrarmos no ultimo periodo da demonstração em que o snr. B. examina a questão pelo lado concreto, «es decir, por el relativo á la agregacion de la Música á esta antigua y benemérita Academia de S. Fernando» — faremos umas loves observações á demonstração da primeira parte da theso.

O snr. Barbieri, fallando da alliança da Pintura e da Musica (*artes romanticas* — Hegel) (1) allude á theoria de Newton sobre a correlação dos sete intervallos da escala com as sete côres prismaticas (2), refere brevemente a theoria sobre as fibras nervosas de Helmholtz (3), o principio da *sympathia* do mesmo autor, e dá a entender levemente a relação entre o apparelho visual e o acustico. Tudo isto não occupa mais que duas paginas, o que nos parece mui pouco, mesmo relativamente á questão principal; antes o snr. Barbieri dispendesse menos espaço, occupando-se na demonstração da união das Bellas-Artes, fundada na auctoridade dos auctores antigos (Vitruvio etc.), e concedesse maior attenção ao ponto de vista scientifico moderno da união das artes (4). Tambem haveria sido um excellente complemento, se houvesse completado a theoria de Hegel com a exposição de Schasler (5), que desenvolve e corrige os pontos de vista esthetieos do primeiro (6). Passamos á ultima parte, a mais interessante do seu discurso, em que o snr. Barbieri justifica a admissão da Musica na Academia de S. Fernando. O orador, completamente senhor do assumpto, desenterra ahi diante dos olhos dos seus collegas os nomes mais illustres, alguns dos quaes estão inscri-

das de Canaã, em que figuram Paolo Veronese, Tintoretto, Tiziano e Bassano (il vechio), tocando varios instrumentos.

(1) Viollet Le Duc acha a alliança da musica e da architectura *Entretiens sur l'Architecture*. Paris, 1863, vol. I, pag. 11.

(2) O snr. Barbieri refere ainda a invenção do *Disco cromarmonico* de Unger e a sua theoria sobre a harmonia esthetica das côres, com relação aos sons musicaes; apud Poggendorff (*Annalen der Physik u. Chemie* LXXXVII pag. 121-128). Vide para mais, *Discurso*, nota 19, pag. 45.

(3) Vide Helmholtz. *Die Lehre von den Tonempfindungen, als physiologische Grundlage für die Theorie der Musik*. Braunschweig, Vieweg. 1870 gr. in 8.° 3.ª edição; ou a traducção franceza de Guéroult. Paris, Masson. Para intelligencia mais facil Tyndall. *Le son*. trad. Moigno. Paris, Gauthier-Villars.

(4) Der naturwissenschaftliche, der philosophische, der künstlerische Gesichtskreis sind in neuerer Zeit mehr, als billig ist, auseinandergerückt worden, und es besteht deshalb in jedem dieser Kreise für die Sprache, die Methoden und die Zwecke des andern eine gewisse Schwierigkeit des Verständnisses, welche auch bei der hier zu verfolgenden Aufgabe hauptsächlich verhindert haben mag, dass sie nicht schon längst eingehender bearbeitet und ihrer Lösung entgegengeführt worden ist. (Helmholtz. *Die Lehre v. d. Tonempfdg*, p. 1. Einleitung.)

(5) Dr. Max Schasler. *Aesthetik als Philosophie des Schönen und der Kunst*. Acha-se publicada só a primeira parte d'esta obra capital: *Kritische Geschichte der Aesthetik* (von Plato bis z. XXI Iahrh.) Berlin, Nicolai vol. I, de LX — 1218, pag.

(6) Para a avaliação do trabalho de Schasler comparar com os trabalhos de Weiss e Vischer.

ptos para sempre no livro d'ouro da historia. O snr. Barbieri tinha á sua disposição uma lista de nomes, que só por si bastariam para encher todas as 50 pag. do seu *Discurso;* preferiu elle apontar apenas alguns poucos, já mais conhecidos em Hespanha e fóra d'ella, mas entre esses poucos achamos Cristobal Morales (1), predecessor de Palestrina, Victoria (2), Francisco Soto (3), Juan de Tapia (4), e uma serie de illustres escriptores theoricos, que são um verdadeiro titulo de gloria para a Hespanha. Diz o snr. Barbieri com muita razão:

«Los españoles que á estas se dedicaban, iban á Italia á estudiar ó trabajaban por imitar los modelos italianos que venian á España. Para esto habia una causa extraña al genio de los españoles, naturalmente dispuestos para el cultivo de las artes del Dibujo, la cual los colocaba en circunstancias desventajosas respecto á los cultivadores de la Música; porque estos, como pertenecian casi generalmente al estado eclesiástico, tan poderoso entonces, contaban con medios materiales de viajar é instruir-se, al paso que los artistas del Dibujo, seglares y pobres en su mayor parte, no podian hacer lo mismo fácilmente. Como quiera que ello fuese, resulta que cuando los artistas plásticos españoles iban á Italia á aprender, los músicos iban á enseñar ó á ejercer el arte á la altura de los italianos. Esta diferencia se hace más y más visible, tratando de comparar la literatura producida por las artes del Dibujo en España hasta fines del siglo XVI, con la que en igual tiempo produjo la Música; porque aquella es tan exígua y esta tan abundante, que no admiten términos de comparacion» pag. 37.

(1) O snr. Barbieri traz (pag. 47) a seguinte preciosa indicação bibliographica, relativa a este compositor. Edições das suas obras em Roma 1541 e 1544; em Veneza 1542, 1543, 1544, 1545, 1546, 1547, 1563, 1564, 1580, 1581 e 1583; em Wittemberg 1544; em Lyon 1545, 1550 e 1552; em Augsburg 1565. A primeira obra de Palestrina data só de 1554.

(2) Apontamos da mesma fonte as edições relativas a Tomaz Luiz de Victoria. Em Veneza, 1576 e 1583; em Roma 1581, 1583, 1585, 1592; em Dillingen 1588, 1589 e 1590, em Milão 1589.

(3) Este compositor perpetuou o seu nome, fundando com S. Felipe Nery a Congregação do Oratorio, que deu o nome ás celebres composições do mesmo nome, e educou no seu seio mais de um talento illustre.

(4) Tapia ligou o seu nome á historia do *Conservatorio della Madona di Loretto,* que elle fundou em Napoles em 1537, sacrificando a sua fortuna; como esta não chegasse, accrescentou-lhe o producto das esmolas, que foi pedindo de porta em porta, de aldeia em aldeia. Esse Conservatorio foi o modelo de todos os posteriores. Foi n'essa illustre eschola que ensinaram Leo, Durante, Scarlatti, Porpora e outros, e foi d'ella que sahiram os genios e talentos, que o mundo admirou depois, e que se chamaram: Piccini, Cimarosa, Paisiello, Guglielmi, Anfossi, Sacchini. A affluencia ao Conservatorio de Tapia foi tão grande, que pouco depois se teve de fundar os de *San Onofrio, della Pietá* e em 1589 o *dei poveri di Giesù Christo.* Accrescentaremos a estes os de Veneza, que ao contrario dos de Napoles, eram só para raparigas: *Ospedale della pietà; de'mendicanti; degl'incurabili,* e *ospedaletto di San Giovanni e Paolo.*

Os outros estabelecimentos identicos das outras cidades da Italia são de data mais recente.

A nota (1) em que o orador demonstra este facto, fica integralmente transcripta abaixo, e cremos prestar n'isso um serviço; os especialistas estrangeiros lerão essa nota com a mesma admiração, que ella excitou nos collegas do snr. Barbieri; uns e outros abrigarão a esperança que o digno artista e escriptor nos dará um dia proximo o precioso fructo dos seus incessantes trabalhos, porque essa inapreciavel lista de livros não representa só um grande valor bi-

(1) Hasta fines del siglo XVI no tengo noticia de que se hayan publicado en España, sobre las artes plásticas, más de los libros siguientes:

Diego de Sagredo: *Medidas del Romano.* — Madrid, 1542.

Juan de Arfe y Villafañe: *Varia commesuracion para la Escultura y Arquitectura.* — Sevilla, 1585.

Y la traduccion de Vitruvio por Miguel de Urrea, que dejo citada en la nota (23).

Respecto á Música incluyo adjunta la lista de libros (no todos los que conozco); advirtiendo que la señal (o) collocada en cabeza de algunos, significa que son desconocidos á Fétis; y la señal (c) quiere decir que los cita con error el mismo ilustre historiador de la Música.

Bartolomé Ramos de Pareja: *De Musica.* — Bolonia, 1482. En 4.°

(o) Domingo Márcos Duran: *Lux bella.* — Sevilla, 1492. En 4.° gót.

(o) Fray Vicente de Búrgos: *De proprietatibus rerum.* — Tolosa, 1494. En fól. (Al fin trata de Música).

Guillermo de Podio: *Ars musicorum.* — Valencia, 1495. En fól. gót.

(e) Domingo Márcos Duran: *Comento sobre Lux bella.* — Salamanca, 1498. En 4.° gót.

(o) El mismo: *Súmula de canto de órgano, contrapunto y composicion.* — Salamanca, sin año (fin del siglo XV). En 4.° gót.

(o) Alonso Spañon: *De canto llano.* — Sin lugar ni año. (Sevilla, á fines del siglo XV?) En 4.° gót.

(o) Anónimo: *Arte de canto llano.* — Sin lugar ni año. (Principio del siglo XVI?) En 8.° gót.

(o) Gaspar de Aguilar: *Arte de principios de canto llano.* — Sin lugar ni año. (Principio del siglo XVI?) En 8.° gót.

Alfonso del Castillo: *Arte de canto llano.* — Salamanca, 1504. En 4.° gót.

Diego del Puerto: *Portus Musice.* — Salamanca, 1504. En 4.° gót.

(c) Frey Bartolomé de Molina: *Arte de canto llano, Lux videntis dicha.* — Valladolid, 1506. En 4.° gót.

Francisco Tovar: *Libro de Música práctica.* — Barcelona, 1510. En fól. gót.

Gonzalo Martinez de Bzcargui: *Arte de canto llano y contrapunto y canto de órgano.* — Búrgos, 1511. En 4.° gót.

Pedro Ciruelo: *Cursus quattuor mathematicarum artium liberalium.* — Alcalá de Henares, 1516. En fól.

(c) Juan de Espinosa: *Tratado de principios de Música.* — Toledo, 1520. En 4.° gót.

(o) El mismo: *Tractado breve de principios de canto llano.* — Sin lugar ni año. (Toledo, despues de 1520.) En 8.° gót.

(e) Juan Martinez: *Arte de canto llano.* — Alcalá de Henares, 1532. En 8.° gót.

(e) Don Luis Milan: *El Maestro.* — Valencia, 1535-36. En fól. gót.

Luis de Narbaez: *Los seis libros del Delfin.* — Valladolid, 1538. En 4.° obl. gót.

(e) Melchor de Torres: *Arte ingeniosa de Música.* — Alcalá de Henares, 1544. En 4.° gót.

bliographico, mas é garantia da sciencia do seu possuidor; não é só a fortuna, não são só as delicias de um bibliophilo enthusiasta, mas o material de estudo do sabio. Uma primeira prova do que deixámos dito se encontra a pag. 34 do *Discurso,* em que o snr. Barbieri promette para breve a publicação de 61 obras musicaes do celebre Juan del Encina, até hoje conhecido apenas como poeta (1). Podemos accrescentar a isto o nosso testemunho pessoal, porque tivemos occasião de avaliar em Madrid, por alto, os preciosos manuscriptos sobre historia da arte, que o snr. Barbieri está enriquecendo todos os dias; a vantagem da sua publicação aproveita á arte em geral, mas nós, portuguezes, temos n'isso um interesse especial porque, uma vez que se faça a luz sobre a historia da arte musical em Hespanha, esclarecer-se-hão muitos factos da nossa propria historia, em virtude da sua estreita relação com a primeira. Oxala que a Academia hespanhola de Roma, essa outra instituição, que o governo da Republica tinha em vista, consiga chamar ao seu seio homens do mesmo valor d'aquelles, a quem a Academia de S. Fernando incumbiu a nova

(o) Alonso Modarra: *Tres libros de música.* — Sevilla, 1546. En 4.° obl.
Enriquez de Valderrábano: *Silva de Sirenas.* — Valladolid, 1547. En fól.
Fray Juan Bermudo: *Libro primeiro de la declaracion de instrumentos.* — Osuna, 1549. En 4.° gót.
(o) El mismo: *Arte Tripharia.* — Osuna, 1550. En 4.° gót.
Diego Pisador: *Libro de Música de vihuela.* — Salamanca, 1552. En fól.
Diego Ortiz: *De las glosas.* — Roma, 1553. En 4.° obl.
Miguel de Fuenllana: *Orphenica Lira.* — Sevilla, 1554. En fól.
(e) Fray Juan Bermudo: *Declaracion de instrumentos.* — Osuna, 1555. En fól. (Son cinco libros).
Luis Venegas de Henestrosa: *Libro de cifra.....*—Alcalá, 1557. En fól.
Fray Tomas de Santa María: *Arte de taher Fantasia.* — Valladolid. 1565, En fól.
(o) Juan Segura: *Mathematicæ.* — Alcalá de Henares, 1566. En 4.°
(e) Martin de Tapia: *Vergel de Música.* — Burgo de Osma, 1570. En 4.°
(o) Juan Perez de Moya: *Tratado de mathemáticas.* — Alcalá de Henares, 1573. En fól.
(o) Gaspar Cardillo Villalpando: *Interrogationes.* — Alcalá, 1573. En 8.°
(o) Estéban Daza: *El Parnaso.* — Sin lugar (Valladolid), 1576. En 4.° obl.
Francisco Salinas: *De Música.* — Salamanca, 1577. En fól.
Antonio de Cabezon: *Obras de Musica.* — Madrid, 1578. En fól.
Pedro de Loyola Guevara: *Arte para componer canto llano.* — Sevilla 1582, En 8.°
(e) Juan Cárlos Amat: *Guitarra espanola y vandola.* — Barcelona, 1586. En 8.°
(e) Francisco de Montanos: *Arte de Música.* — Valladolid, 1592. En 4.°
(e) Juan Francisco Cervera: *Arte y suma de canto llano.* — Valencia, 1595. En 8.°

Hay que advertir que de algunas de las obras de Música citadas se hicieron varias ediciones, que no menciono por la brevedad.
(*Discurso* pag. 48-50 nota. 31).

(1) «Pero si diré que talvez pronto haré conocer su gran mérito como compositor, publicando sesenta y una obras suyas inéditas, que no ha mucho tiempo tuve la fortuna de encontrar, y que son las primeiras que se verán de tan illustre poeta y músico. (*Discurso* pag. 34.)

instituição, o que são a sua melhor garantia para o futuro. Diromos finalmente que o *Discurso* faz, mesmo pelo lado do estylo, excepção honrosa dos discursos officiaes, e especialmente dos discursos hespanhoes; ha sobriedade de estylo em geral; o fundo de idoias do snr. Barbieri é sufficientemente rico para que necessite de illudir o leitor com uma fórma altisonante e theatral, com mera declamação.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

---

58. — **Don Lazarillo Vizcardi.** Sus investigaciones músicas con ocasion del concurso á un magisterio de capilla vacante. Recogidas y ordenadas por D. Antonio Eximeno. Dadas á luz la Sociedad de Bibliófilos españoles. Madrid, MDCCCLXXII (1872)-MDCCCLXXIII (1873) vol I, de LXI-368 pag. e 2 innum. vol. II, de IV (innum.)-396 pag. e 2 innum. no fim.

A mesma veia satyrica e espirito do fina critica do genio hespanhol, que desafogou em creações como o *D. Quijote* de Cervantes e o *Fray Gerundio de Campazas* do P. Isla, legou á geração passada em Hespanha a obra que a *Sociedad de Bibliófilos* deu á luz, levada pelo seu zelo e amor das lettras cada vez mais raro em Hespanha, onde o tumulto politico absorve todas as forças e atordôa todos os animos. Bem haja a *Sociedad,* e louvada seja a sua divisa — *ne maiorum scripta pereant* —; tem ella salvado já tantos documentos litterarios de valor, que não podemos deixar do os mencionar em nota (1), *in extenso,* ao menos para informe dos numerosos sabios extrangeiros, que fizeram da Hespanha a sua tutelada adoptiva na sciencia.

(1) Livros publicados por la *Sociedad de bibliófilos españoles:*

I. *Cartas de Eugenio de Salazar*, por D. Pascual de Gayángos. Tirada de 300 ejemplares. Agotada la edicion.

II. *Poesías de D. Francisco de Rioja*, por D. Cayetano A. de la Barrera. Tirada de 300 ejemplares. Agotada la edicion.

III. *Relaciones de algunos sucesos de los últimos tiempos del reino de Granada*, por D. Emilio Lafuente Alcántara. Tirada de 300 ejemplares. Agotada la edicion.

IV. *Cinco cartas político-literarias de D. Diego Sarmiento de Acuña, Conde de Gondomar*, por D. Pascual de Gayángos. Tirada de 300 ejemplares. Agotada la edicion.

V. *El libro de las aves de caça, del Canciller Pedro Lopez de Ayala, con las glosas del Duque de Alburquerque.* Tirada de 300 ejemplares. Agotada la edicion.

VI. *Tragedia llamada Josefina, de Micael de Carvajal*, por D. Manuel Cañete. Tirada de 300 ejemplares. Gratis para los socios. Agotada la edicion.

VII. *Libro de la Cámara Real del Príncipe D. Juan, de Gonzalo Fernandez de Oviedo*, por D. José Maria Escudero de la Peña. Tirada de 300 ejemplares. Agotada la edicion.

VIII. *Historia de Enrrique fi* (sic) *de Oliua, rey de iherusalem, emperador de Constantinopla*, por D. Pascual de Gayángos. Tirada de 300 ejemplares. Agotada la edicion.

IX. *El Crotalon de Christophoro Gnophoso.* Tirada de 300 ejemplares. Agotada la edicion.

X. *Don Lazarillo Vizcardi, de D. Antonio Eximeno*, por D. Francisco Asenjo Barbieri, tomo I. y II. Tirada de 300 ejemplares.

O que Cervantes fez no seu immortal *Quijote*, vibrando o golpe mortal na tradição da cavallaria ambulante, o que P. Isla fez no *Fray Gerundio*, condemnando a praga dos pulpitos (prégadores), encarregou-se Eximeno de applicar aos abusos e aos absurdos inveterados no ensino e na practica da arte musical, no seu *Don Lazarillo Vizcardi*. Antes de entrarmos no plano da obra julgámos dever resumir aqui os dados biographicos relativos ao auctor, que se acham amplamente tratados na biographia, que o *socio* encarregado da edição, o snr. Francisco Asenjo Barbieri, collocou á frente do primeiro volume (pag. VI-LXI); julgamo-nos obrigados a isso, não só em vista dos erros e lacunas das biographias conhecidas (1), mas sobretudo em vista da limitada publicidade (300 exemplares) dos volumes da *Sociedad de bibliófilos*, que raras vezes sahem de Hespanha. Além d'isso, se a importancia de Eximeno para a historia da arte musical já era grande por causa do seu tractado *Dell'origine* (2) e da celebre discussão que elle provocou — em muito maior conta o devemos ter hoje, depois da publicação posthuma do *Don Lazarillo Vizcardi*.

Eximeno nasceu em Valencia a 26 de Setembro do 1729, entrou na Companhia de Jesus a 15 d'Outubro de 1745, depois de brilhantes estudos classicos, e foi nomeado entre 1755 e 1756 para a cadeira de *Retórica y Poetica* na Universidade de Valencia e no *Seminario de Nobles de Sam Pablo* da mesma cidade. Passou n'este ultimo instituto pouco depois á cadeira de mathematica, publicando um estudo sobre a passagem de Venus pelo disco solar, que mereceu os elogios dos astrónomos allemães e a honra da publicação em Vienna (3). A

(1) Fétis (*Biogr. univ.* vol. III, pag. 166-167); H. Mendel (*Musik. Conversat. — Lex.* — Vol. III, pag. 444), etc., não fallando nas anteriores de Gerber, Forkel, Choron et Fayolle, Schilling, etc.

(2) *Dell'Origine e delle regole della musica colla storia del suo progresso, decadenza, e rinuovazione.* Opera di D. Antonio Eximeno fra i pastori, etc. In Roma, 1774, 4º g. de XII innum. 466 pag. e 23 tabellas de exemplos.

(3) *Observatio transitus Veneris per discum solarem facta in Regia specula una cum Christiano Regner.* Vienna, 1761.

É sabido que este phenomeno da passagem de Venus pelo disco solar se reproduzirá este anno, no dia 8 do Dezembro. Quasi todos os paizes da Europa nomearam sabios competentes para irem estudar esse phenomeno importantissimo. A *Academia das Sciencias* (?) nomeou uma commissão para ir a Macau para esse fim; figuravam n'ella alguns dos poucos nomes que mal se combinam com a maioria parasitica que alli vegeta. As despezas subiam a 11 ou 12 contos, segundo parece; o governo *economico* do snr. Fontes, recusou essa quantia; fazia-lhe falta para despezas inuteis. A *Academia das Sciencias* (?) votou por essa recusa uma moção de sentimento; disse-se depois que o Duque de Palmella se havia collocado á testa de uma commissão de particulares, que pretendiam reunir por *subscripção publica* os 11-12 contos. O Duque millionario e os da commissão não poderam reunir essa enorme somma. Mais duas palavras. Que faz a *Academia das Sciencias* (?) da sua dotação? Porque publica, esbanjando o dinheiro que tem, as traducções (aliás *faccias litterarias*) de Molière, feitas pelo Visconde de Castilho? A *Academia das Sciencias* (?) recebe de Berlim, de Vienna, de Munich, de S. Petersburgo, etc., as publicações monumentaes e gloriosas d'esses institutos estrangeiros, e paga esses trabalhos gigantescos com as obras litterarias, com *traducções*.... do Visconde de Castilho?

7 de Outubro de 1763 era nomeado *primer maestro de matemáticas y director de los estudios* da *Real Academia de Cadetes del Cuerpo de Artilleria* em Segovia, fundada por Carlos III o inaugurada a 16 de Maio de 1764 com uma oração (1), que foi gabada como um notavel programma de estudos, cujo effeito ainda hoje se sente em Hespanha (2). Em Abril de 1767 são expulsos os jesuitas; Eximeno parte para a Italia e estabelece-se em Roma. Alli, no exilio, começa uma nova e laboriosa vida, e entra no mundo das lettras, como membro das Sociedades dos *Arcades* (1772?) e dos *Occultos*, renunciando á Companhia em 1767, por motivos desconhecidos (3). Em 1771 pu-

«N'outro qualquer paiz, uma academia.... (como a nossa) dissolvia-se para se reconstruir com outros elementos, aproveitando só e com grandes cautelas o pouco que alli houvesse de aproveitar. A nossa academia, especie de congregação bernarda que come e dorme, acodem-lhe ás vezes á pelle estes tumores.... estas secreções.... que longe de a matar lhe fortificam a compleição. Deus lhe dê longa vida.»

Estas palavras, que copiámos fielmente (até nas reticencias) são de um academico, são do snr. Alexandre Herculano, em tempo Vice-Presidente da Academia. É insuspeito; transcrevemos a citação da *Revista de Portugal e Brazil*, 1874, n.º 9, pag. 171. O mesmo conselho amigavel (para a dissolução) já o démos á *Academia das Sciencias* (?) n'este logar *Bibl. critica*, pag. 286, nota 4.

As *Academias* estrangeiras faziam um serviço, exigindo da nossa *Academia das Sciencias* (?) a restituição das publicações que tem recebido indevidamente, desde que deixou de ser activa, e convidando-a a *dissolver-se* em nome da sciencia e da honra do seu titulo. Era um acto de justiça; assim como o sociedade castiga o vadio ocioso, assim os corpos collectivos, que representam a sciencia, deviam castigar quem mente em nome d'ella.

(1) e (2) *Oracion que en la abertura de la Real Academia de Caballeros Cadetes del cuerpo de Artilleria nuevamente establecida por Su Magestad en el Real Alcazar de Segovia*, dijo.... Madrid, por Elisio Sanches, 1764 — 4.º gr. Veja-se o que o snr. Barbieri diz com relação a esta *Oracion* a pag. XVII, XVIII e XIX, *Prel.* «El espíritu de esta oracion inaugural deja colegir la gran importancia que á los estudios matemáticos hizo dar Eximeno á los professores y alumnos del cuerpo de artilleria....» e mais adiante: No es, pues, de extrañar la importancia que desde luégo alcanzó aquel colegio, debida, en primer lugar, al sábio jesuita, que acertó á fundar solidamente unos principios, de donde ha nacido la buena reputacion que hoy tienen nuestros oficiales de artilleria, cujos profundos conocimientos scientificos y cuja excellente práctica merecen grandes elogios. (pag. XIX). Essa brilhante reputação tem-n'a o corpo de artilheria hespanhol mesmo fóra de Hespanha; em 1867 fez uma excellente figura na Exposição de Paris, e durante a insurreição, que ainda despedaça a Hespanha, tem sido por assim dizer, a salvação da republica. Além d'isso esse corpo é o unico do exercito hespanhol, que tem repellido sempre com indignação o systema dos *pronunciamientos*, a ponto de apresentar a sua demissão em massa, quando em tempo de D. Amadeu I um dos antigos officiaes d'essa arma, que se havia deshonrado com os *pronunciamientos*, o celebre general Hidalgo, foi nomeado para a capitania geral de Alava. É sabido, que esta questão decidiu a sorte de D. Amadeu; foi a causa da crise por que passou o exercito hespanhol depois da proclamação da republica, crise que foi de immensa vantagem para os carlistas, e da qual a historia talvez diga um dia, que foi resolvida *tarde de mais*. Por isso nos demorámos n'esta nota.

(3) Diz Eximeno «Una combinazione, di circostanze delle quali non posso instruire il Lettore senza scrivere un *lungo romanzo* (!), mi fecere quattro anni sono volgere uno sguardo alla Musica, il di cui» etc., pag. XXII, *Prel.* copiado da *Prefazione* do tractado *Dell'Origine*, pag. 1.

blica o prospecto do tratado *Dell'origine*, mas só em 1774 é que apparece a obra (1). A polemica com o Padre Martini occupa-o até 1785, anno em que começou a trabalhar nas *Institutionis Philosophicæ et Mathematicæ* (2), de que publica primeiro um resumo *(De studiis philosophicis et mathematicis instituendis.* Matriti. 1789—8º.) protegido pelo celebre ministro conde de Floridablanca, e depois (1795) pelo favorito Godoy. Na primavera de 1798 sahe Eximeno já com 79 annos de Roma por causa dos disturbios de Fevereiro (republica, a 15 de Fev.), chega a Valencia em meado de 1798 e volta (3) a Roma, onde o achamos em 1802, e ahi morre a 9 de Junho de 1808, (segundo os dados mais provaveis) com cerca de 79 annos. Eis o esqueleto da biographia.

É impossivel expôr o plano do *Don Lazarillo Vizcardi*, o determinar o caracter da obra, sem historiar os successos que precederam a publicação do tratado *Dell'Origine*, o a polemica, que esta ultima obra provocou.

Embora a primeira seja uma stygmatisação e profunda critica do estado artistico da Hespanha na segunda metade do seculo XVIII, não é menos verdade que os vicios nascidos d'esse estado eram communs á Italia é á Hespanha, pela direcção identica que se dava nos dois paizes ao ensino theorico da arte (4). O que Eximeno pretendia alcançar na Italia com o tratado *Dell'Origine* em 1774 e com o *Dubbio* (5) em 1775, era o mesmo resultado a que aspirava em Hespanha com o *Don Lazarillo*, que elle não chegou a ver impresso (6). Quando Eximeno chegou á Italia encontrou o ensino theorico, constituido debaixo da formidavel autoridade do celebre Padre

(1) O snr. Barbieri demonstra (pag. XXVII) que é falso o que se tem escripto com relação á revisão do tractado *Dell'Origine* pelo P. Masi, mestre de Eximeno. Masi morreu a 5 de Abril de 1772, e Eximeno só concluiu o trabalho a 7 de Outubro do mesmo anno. Sabbatini não se lembrou d'isto.

(2) Antonii Eximeni Presbyteri valentini *Institutionis Philosophiæ et Mathematicæ*. Matriti. Ex Typographia Regia. 1796, 2 vol. 8.º obl.

(3) O sr. Barbieri não indica a data exacta d'esta segunda viagem a Roma (pag. XLV), nem diz as razões que levaram Eximeno a abandonar a sua patria n'uma edade tão avançada, com cerca de 72 annos.

(4) Eximeno teve occasião de fazer essa experiencia quando, chegado á Italia se sujeitou em Roma ao ensino do P. Masi, mestre de capella da igreja *de' SS. Apostoli*. Veja-se o que o snr. Barbieri diz do ensino d'este theorico (pag. XXIII *Prel.*)

(5) *Dubbio di D. Antonio Eximeno sopra il Saggio fondamentale pratico di contrappunto del Reverendissimo Padre Maestro Giambattista Martini.* In Roma, etc. 1775 4.º gr.

(6) Fétis *(op. cit.)* diz que Eximeno morreu em 1798; Mendel *(op. cit.)* copia a mesma data, quando elle falleceu só em 1808, 9 de Junho! Note-se que o snr. Barbieri refuta (pag. XXIX) o que dizem Fuster *(Bibl. Val.* vol. II) e os PP. Backer (V. *Bibl.)*; pelo que o primeiro escreve poderá alguem supôr que se imprimiu algum *Don Lazarillo;* as palavras um pouco ambiguas de Fuster referem-se evidentemente ao tratado *Dell'Origine*, como muito bem entende o snr. Barbieri (pag. LI).

Martini (1), considerado por todos como invulneravel. O methodo de ensino de seu mestre Masi, indigesto, confuso e contradictorio em mais de um ponto, desgostou-o de uma sciencia tão informe *che colle sottigliezze de' teorici, e coll' inconseguenze de' pratici era divenuta un mistero, oppiuttosto un vero caos* (2). A audição de um trecho celebre de Jomelli acordou n'elle o germen da ideia, que desenvolveu no tratado *Dell'Origine:* «Stava io la mattina della Pentecoste nella Basilica di S. Pietro mentre si cantava il *Veni Sancte Spiritus* messo divinamente in Musica dal Sig. Niccolò Jomelli, ed unitamente col Musico andava io fra di me recitando quelle parole con quella energia, con che le avrei recitato al popolo per commoverlo a divozione, quando m'avvidi che la mia voce facea una modulazione, benchè oscura, ma somigliantissima a quella del Musico. Niuno può figurarsi di qual vivo lume circa la Musica mi sentissi allora investito, mi parve uscire da una fosca grotta all' aria aperta di mezzo giorno. Dunque la Musica, dissi fra di me, non è che una profodìa per dar al linguaggio grazia ed espressione. E qual correlazione à la profodìa colla Matematica? Questa semplice riflessione m'ispirò quel coraggio, che dà ad ognuno la pura verità conosciuta, e ripresi di bel nuovo lo studio della Musica» (3). Se o programma d'esta obra, publicado em 1771 excitou logo grande contestação, maior foi o despeito e o rancor dos pedantes da eschola de Martini quando appareceu a obra (1774), porque não podiam perdoar a um *estrangeiro* (4) que pretendia refutar as theorias de Pythagoras, Euler, Tartini, Rameau,

(1) Celebre escriptor, compositor e theorico (1706-1784); é conhecido principalmente pela sua grande obra, que ficou incompleta: *Storia della musica.* Bologna, 3 vol. 4.º gr., o 1.º 1757, o 2.º 1770, o 3.º 1781. O primeiro é dedicado á Infanta D. Maria, filha de D. João v e depois Rainha de Hespanha, como mulher de Fernando vi. Esta princeza foi discipula de Domenico Scarlatti, clavecinista mui distincta e compositora. Vide o que dissemos em outro lugar (*Ensaio critico sobre o Catalogo*, pag. 76, nota 1) e no proprio Martini *Storia* (vol. i, dedicatoria, pag. vi e vii). Archivamos aqui mais uma circumstancia preciosa. Assim como o amor da Infanta D. Barbara pela arte musical creou o explendor da arte na côrte de Madrid, assim foi tambem uma outra princeza portugueza (a Infanta D. Maria Isabel de Bragança, mulher de Fernando vii) que foi, por assim dizer, a fundadora do *Museo del Prado* de Madrid, instituido por Fernando vii a instancias da Infanta, que «amaba y cultivava con passion el dibujo» D. Pedro de Madrazo (*Catalogo de los cuadros* etc. Madrid, 1850, 3.ª ed. Prologo, pag. iii-v nota 2; e *Hanbook for Travellers in Spain.* London. John Murray, pag. 418). Do *Catalogo* de Madrazo que estava exhausto, appareceu em 1873, uma nova edição em 8.º peq. xiv, (2 inn. excl.)—428 pag.—iv inn., que é o resumo da edição official gr. em 8.º de que appareceu apenas o 1.º vol. (V. *Zeitscrift. f. bild. Kunst—Kunstchronik.* N.º 9, 1872, pag. 139-140).

(2) Eximeno. *Dell'Origine.* Prefazione pag. 4.

(3) Id. *Ibid.*, p. 4.

(4) Este fanatismo nacional ainda hoje se manifesta na Italia, e continúa a produzir os resultados mais funestos. É d'este modo que os institutos de ensino artistico, outr'ora brilhantemente regidos, se acham em geral no mais deploravel estado. «A los africanos, y no á los italianos, pueden ir los españoles á enseñar la música». (Vol. 1.º pag. 351; vide antes, pag. xxvi *Prel.* e principalmente pag. xxix e xxx).

Burette, do P.e Martini, de nomes tão illustres, com a duvidosa autoridade do seu nome quasi obscuro. Eximeno pretendia no prospecto refutar a asserção: que os calculos mathematicos formavam a base de uma arte, cujo fim é commover pelo sentimento; regeitava esse modo de ver mechanico, que levava ás demasias deploraveis do contraponto artificioso, então usado, e que elle chamava «un resto del *gusto gótico*, ó mal gusto, introducido en Europa por los bárbaros» (p. XXV). Grande foi a celeuma; as *Effemeridi letterarie* sahiram a campo contra Eximeno, publicando (n.os de 19 e 26 de Março e 2 e 9 de Abril) uma resposta severa, a que Eximeno contestou acto continuo, tapando a bôcca aos adversarios. O P.e Martini, que via a sua reputação ameaçada, sahiu-se com o *Saggio fondamentale* (1), ataque que o habil Eximeno aproveitou com talento, respondendo com o *Dubbio;* esta *duvida* era formulada n'uma fórma picante, averiguando Eximeno com refinada malicia, se o P.e Martini tinha escripto para o refutar, ou para lhe dar razão! Foram estas as principaes peripecias da celebre questão, que occupou toda a Italia, e se Eximeno teve contra si as *Effemeridi* o o P.e Martini («astro luminar», então) não lhe faltaram os elogios de muitos sabios estrangeiros e nacionaes, e hoje faz-lho a posteridade inteira justiça (2).

Agora vejamos a relação que tem esta disputa sobre o tratado *Dell'Origine* com o plano o caracter do *Don Lazarillo Vizcardi*. Já fizemos sentir a uniformidade que existia no ensino theorico em Hespanha e Italia; logo, os reparos feitos no tratado *Dell'Origine* applicavam-se egualmente á doutrina usada em Hespanha, porém para este paiz com uma circumstancia aggravante: não era o Pa-

(1) *Esemplare o sia saggio fondamentale pratico di contrappunto.* Bologna 1774-1775. 2 vol. 4.°

(2) Na occasião em que a obra appareceu pronunciaram-se a seu favor *El Diario de los Revisores* de Londres, as *Novelle letterarie* de Florença, a *Gazzetta letteraria* de Milão, e os celebres compositores e theoricos: Sarti, Albertini, Basili, Zingarelli e outros. Um dos membros da *Encyclopédie*, Guinguené deu uma analyse muito favoravel (vol. I, pag. 340 e seguintes e 352 e seguintes ed. de 1791) do tratado *Dell'Origine*, fazendo certos reparos, a que Eximeno respondeu *(D. Lazarillo*, vol. II, pag. 318-324). O snr. Barbieri ainda falla da influencia que o tratado *Dell'Origine* exerceu sobre o theorico e compositor Vincenzo Manfredini na sua obra: *Regole armoniche* (1775, 2.ª ed. 1777); queira o snr. Barbieri consultar um outro trabalho do mesmo auctor: *Difesa della musica moderna e de'suoi celebri esecutori*. Bologna, 1788, in 8.° peq. de 207 pag.) onde encontrará promenores mui curiosos sobre a *questão Eximeno*, e sobre a colonia hespanhola em Roma (Arteaga, Lampillas etc.)

Recentemente tambem não tem faltado quem fizesse toda a justiça a Eximeno. Fétis, em geral pouco amavel com autores, que não sejam da profissão, diz: Les contemporains d'Eximeno n'ont pas rendu justice au mérite de cet écrivain; s'il est vrai que ses connaissances dans la théorie et dans l'histoire de la musique manquent de profondeur (?), il n'est pas moins certain qu'il se montre partout homme de sens, et que ses aperçus sont souvent lumineux» *(Biog. Univ.* vol. III, pag. 166.) V. ainda Mendel *(Musikal. Convers. Lex.* vol. III, pag. 444.

dro Martini quem fazia alli do *infallivel* era o veneravel Cerono (1) e P.e Nassarre (2) qualquer dos dois: um *vero caos*.

Quando rebentou a vozeria por causa do programma (1771) do tratado *Dell'Origine* distinguiu-se entre os detractores de Eximeno «un célebre cantante capon (castrato) (3), *picado de erudito con sus pujos de astrónomo*» (pag. XXVI), que figurava em primeiro logar entre os maldizentes, este *capon* ora provavelmente acompanhado em côro por uma série de *magister* pedantescos, que pretendiam representar o classicismo da confraria; a estas especies italianas correspondiam especies identicas em Hespanha; entre os collegas hespanhoes dos *magestri* da Italia foi Eximeno encontrar as mesmas exoticas ideias, a mesma ôca sciencia, ou peor, quando em 1798 regressou a Valencia. Em 1796 havia apparecido a traducção hespanhola (4) do tratado *Dell'Origine*, e acto continuo levantou a velha sciencia a voz caduca; choveram os artigos mais exoticos, accudiram todos os *mestres d'obras* (5) da sciencia, a amparar o velho edificio prestes a cahir. A traducção hespanhola do *Dubbio* (1797, 4.° peq. trad. de Gutierrez) encheu as medidas; recomeçaram as injurias, o quando Eximeno chegou a Valencia no anno immediato (1798) ainda se pôde rir á vontade diante da impotencia dos *capones* hespanhoes e dos Pezzuti (6) da sua patria, que choravam a ruina da velha sabedoria. Cercado dos seus amigos D. Antonio Roca y Malferit, D. José Pons o celebre compositor, D. Francisco Bahamondo, D. Fran-

(1) *El melopeo y maestro.* Tractado de mvsica, etc. (o titulo é enorme.) En Napoles, 1613 in fol. de XVI (innum.)—1160 pag. e 2 innum.! O exemplar, que possuimos, pertenceu á livraria de Santa-Cruz; comprámol-o do deposito em Coimbra.

(2) *Escvela mvsica*, segvn la practica moderna etc. (titulo de 18 linhas!) Con licencia: En Zaragoza: Por los Herederos de Diego de Larvmbe, Año 1724, fol. de XXVIII (innum.)—501 e XI innum.; 2.° fol. Año 1723. Con licencia. En Zaragoza: Por los Herederos de Manvel Roman, Impressor de la Vniversidad. In fol. de XII (innum.)—56 pag. Apesar da data do 2.° vol. ser anterior (1723) á do 1.°, lê-se todavia no começo do titulo bem claramente *Segvnda Parte!*

(3) O despotismo, que os celebres *castrati* do seculo XVIII exerceram sobre os compositores da segunda metade do seculo, causou a ruina da opera, reduzindo-a a um simples concerto vocal, e falseando todas as situações, para que o publico podesse admirar até á saciedade os gorgeios dos Bernacchi, dos Conti, dos Manfredi etc.

(4) *Del origen y reglas de la Música.* Imprenta Real, año 1796, 3 vol. 4.° peq. esta traducção, *correcta* e *augmentada*, foi feita por D. F. Antonio Gutierrez.

Estes senhores desaffogaram os seus devancios no *Diario de Madrid* e *Memorial literario*; appareceu em campo *El músico sin vanidad*, *El Organista de Gandullas*, *El vanidoso sin música*, e um teve a coragem de sahir do anonymo; foi um mestre de capella em Alicante, Don Agustin Iranzo y Herrero na obra: *Defensa del arte de la música.* 1796 4.°

(5) O Abbade Pezzuti era director das *Effemeridi letterarie*, que attacaram Eximeno tão violentamente; além d'isso o abbade adulterou o sentido do extracto da obra do amigo e companheiro de Eximeno Juan Andrés (*Del origen, progressos y estado actual de toda literatura*), que Eximeno tinha mandado ás *Effemeridi*.

(6) Vide *Prel.* pag. XXVI, XXIX e XXX.

cisco Javier Borrull, e outros, pôde estudar á vontade todos os exemplares e representantes laureados da sabedoria archeologica, o evocar da memoria os collegas de Roma, para immortalisar uns o outros no seu *Don Lazarillo Vizcardi,* creando essas figuras, já agora typicas, do *Canónigo Ronquillo,* de *Mosen Quijarro,* do *Maestro de capilla Agapito Quitóles,* da *capon italiano Longinos,* da *ama Engracia* da *Condessa vieja Tomati,* o d'esses outros singulares actores da sua novella historica. D'esto modo chegamos á caracterisação da obra de Eximeno.

Elle mesmo era um admirador d'este genero do trabalhos; conhecia a fundo o *Don Quijote,* o tanto o estimava, que tomou pessoalmente partido por essa obra prima contra a *Análysis* (1) do D. Vicente de los Rios, escrevendo uma *Apologia* (2) da celebre novella. Os seus conhecimentos litterarios eram vastos; Eximeno escrevia o italiano com a mesma facilidade e talento que o hespanhol, e o latim melhor talvez do que qualquer d'essas linguas; conhecia além d'isso o francez. Tinha pois á sua disposição todos os elementos, que a sua intelligencia rara utilisou com proveito, ajudada pela disposição para a veia satyrica o polo engenho vivo e gracioso, que distinguè o valenciano. Isto basta para explicar a ercação do *Don Lazarillo Vizcardi* o dos personagens nos quaes personificou os vicios do ensino artistico do seu tempo.

Não podemos, com risco de ter de triplicar a extensão d'este artigo, indicar miudamento quaes eram esses vicios. A divergencia fundamental entre a theoria de Eximeno o a dos seus adversarios italianos e hespanhoes, já a indicámos atraz; as applicações d'essas duas theorias aos casos practicos, sobretudo ao concurso para o magisterio do *capilla vacante* (3) fornecem o assumpto para a polemica, em que entram os varios personagens da novella, em geral homens da especialidade, salvo alguns amadores, em que os partidarios de ambas as theorias fazem as experiencias dos seus systemas, acabando já se vê, a contenda com uma completa derrota dos velhos pedantes, os amigos do Cerono e de Nassarre. Com esta discussão artistica entrolaça-se uma intriga intima em que figuram tres pares: *Don Lazarillo Vizcardi* e *D. Julia Martinez;* a *ama Engracia* e o *facultativo D. Diogo* (personagem que não apparece em scena senão com um papel secundario) a *Condessa vieja Tomati* o *Don Cándido Raponso;* entre estes tres pares e os personagens da parte artistica ha a figura travessa de *Juanito,* «muchacho de buena indole y de vivaz ingenio, gracioso en sus cuentos y en la paliada burla...» que faz de mensageiro. A intriga intima e a intriga — aliás discus-

(1) Esta *Análisis* appareceu na magnifica edição do *D. Quijote,* publicada em 1780 pela Real Academia española.

(2) *Apologia de Miguel de Cervántes sobre los yerros que se le han notado en el Quijote.* Dedicada etc. Madrid, 1806 8.° gr.

(3) *Don Lazarillo,* cap. I, VIII, XIII, XIV, XV, e XVI do 1.° vol. 2.ª parte; do cap. V, XIV do 1.° vol. 3.ª parte.

são artistica, correm sempre a par, serpenteando a primeira sempre atravez da segunda, e amenizando as discussões scientificas. N'estas está o morito principal, o valor historico e critico da obra, como n'aquella está o interesse litterario; a par do engenho vivo, da fina ironia, da satyra mordaz e da habilidade de scenario, que Eximeno tinha presente nos modelos de Lope de Vega e de Tirso de Molina, manifesta-se uma riqueza de factos historicos, uma serie de apreciações, uma vitalidade critica, que dão á obra um grande valor, como subsidio para a historia da arte musical na peninsula, na segunda metade do seculo XVIII; foi uma felicidade para a Hespanha que esse homem, que prégou a reforma artistica, fosse Eximeno, e que o auctor do *Don Lazarillo* tivesse sido o auctor do tractado *Dell' Origine*. A historia da arte musical na peninsula, na segunda metade do seculo XVIII, ficou d'esse modo ligada á historia geral (1) da arte, porque os trabalhos de Arteaga não estabelecem essa ligação, e o manuscripto de Teixidor (2) não sahiu á luz ainda. O alcance do *Don Lazarillo Vizcardi* é tão grande (abstrahindo do seu valor litterario), que obrigará o snr. Soriano Fuertes a refundir em parte a sua *Historia de la música española*.

Para dar uma ideia geral do caracter do *Don Lazarillo,* o melhor será transcrever o elenco dos personagens, que figuram na obra —São elles:

Don Lazarillo Vizcardi, italiano de orígen, jóven muy culto, de nobles prendas, deseoso de instruirse en los verdaderos principios de la música y de promover su buen gusto; hijo de

Don Eugenio Vizcardi, rico comerciante, hombre serio, caritativo, y dotado de las virtudes propias de un padre de familias.

Don Narciso Ribélles, que sin necesidad de procurarse una subsistencia concurre á éste y ha concurrido á otros magisterios de capilla por el solo deseo de instruirse; jóven muy erudito, filósofo y de óptimo gusto en todos los ramos de la música; en una palabra, perfecto músico.

Don Cándido Raponso, opositor al magisterio de capilla, que

(1) Este escriptor hespanhol, que foi jesuita, como Eximeno, deixou uma obra celebre: *Le rivoluzioni del teatro musicale italiano dalla sua origine fino al presente.* Venezia, 1785. 3 vol. 8.° gr. É a segunda ed., que temos á vista, mui teorrecta e augmentada sobre a primeira. Forkel deu uma excellente traducção d'esta obra com notas valiosas *(Geschichte der italienischen Oper,* etc. Leipzig, 1789, 2 vol.) As circumstancias da vida de Arteaga são muito pouco conhecidas; seria ainda úm excellente serviço, se o snr. Barbieri se quizesse encarregar de fazer a devida justiça a este homem distincto.

(2) Don José Teixidor deixou além de varias composições a seguinte obra: *Discurso sobre la historia universal de la música.* Madrid, 1804 8.° de 333 pag. O 2.° vol., que havia de tratar da *Historia música! de España* ficou em manuscripto e foi parar ás mãos do snr. Soriano Fuerteo, que o explorou para a *Historia.* Seria para desejar que este escriptor o publicasse para completar o trabalho de Teixidor sobretudo em vista das observações do snr. Eslava *(Lyra,* Breve memoria historica, pag. 3, 4 e seguintes.

*

ha malogrado su buen ingenio en los enmarañados artificios del contrapunto.

Mosen Juan Quintana, que por la primera vez concurre á un magisterio de capilla; jóven muy hábil y bien instruido on los principios de la música por el difunto maestro, de quien habia sido discípulo.

El P. Diego Quiñones, organista do San Francisco, examinador dol concurso, religioso sabio y muy erudito en la historia de su arte; pero preocupado á favor de las reglas del contrapunto fundadas en el canto-llano.

Mosen Bartolomé Quijarro, organista do aquella iglesia, examinador del concurso, hombre cerril, inculto, y furioso defensor de las máximas y preocupaciones do los viejos contrapuntistas.

El Cabildo que ha de conferir el magisterio de capilla, compuesto por la mayor parto de personas sábias y cultas, entre las cuales sobresalen el Prefecto de la capilla, el Penitenciario, el Doctoral y el Magistral. Pero en un cuerpo tan sabio no podia faltar quien echase la manzana de la discordia; tal es:

El canónigo Cabezas, acérrimo y obstinado defensor de su paisano Raponso.

El canónigo Ronquillo y su compañero, dos viejos regañones medio chochos, enemigos de todos los músicos, porque dicen que con sus alborotos musicales alargan los divinos oficios y les trastornan las horas de sus pascos y comodidades.

Doña Julia Martinez, hija de la sábia doña Ines y del comerciante D. Claudio, doncella de amables y virtuosas prendas, amantísima de la música, mediante cuya aficion llega á contraer matrimonio con Lazarillo.

El maestro Agapito Quitóles, maestro de capilla loco, cuyos intereses están á cargo de D. Eugenio Vizcardi.

Juanito, sobrino del maestro Agapito, muchacho do buena indole y de vivaz ingenio, gracioso en sus cuentos y en la paliada burla que hace de las manías de su tio, y dotado de natural talento músico que cultiva en el violon.

Engracia, ama de gobierno del maestro Agapito, mujer ratera, enemiga de Juanito y ambiciosa de casarse con un facultativo, á cuyo fin agasaja al practicante do medicina don Diego, con almuerzos y meriendas.

La Condesa vieja Tomati, disgustada dol cabello rizado de Ribélles y prendada de las pulseras de Raponso.

El Capon italiano Longínos, gran tunanto, que por divertir á las personas, do las cuales puede sacar raja, no duda ridiculizar á los do su propia casta.

El hermano Juan, ermitaño de San Roque, á media legua de la ciudad.

Los tios Roco y Patojo, dos mentecatos amigos y admiradores de Agapito.

El tonto Manolo, portador de chismes por las casas de la ciudad.
Dos *Abogados,* el uno sabio, y el otro sofista.
Un Procurador, fecundo inventor de artículos impertinentes para abultar los procesos (1).

—Esto programma é já per si só eloquonto. O encadeamonto da novella, que depende do concurso ao «magisterio do capilla», resume-se em poucas palavras. Tanto os concorrentes, como os opposito-res, que hão de decidir o concurso, representam om caracteres differentes ás duas theorias oppostas, a antiga (Cerone o Nassarre) e a moderna (Eximeno). Á primeira pertencem do lado dos expositores: *Mosen Bartolomé Quijarro,* o *canónigo Cabezas;* á segunda: o *Padre Diego Quiñones* quo, sem acceitar nenhum dos extremos, ropresenta o termo medio, e admira o Padre Martini. Entre os concorrentes, *Don Narciso Ribélles* e *Mosen Juan Quintana* reprosontam a theoria moderna; e *Don Cándido Raponso* a antiga. O *cabildo,* composto do «Prefecto do Capilla, Penitenciario, Doctoral o Magistral» conserva-se n'uma posição digna, neutral. Ha ainda o *canónigo Ronquillo* e seu *compañero,* dois parasitas que odeiam todo e qualquer trabalho, que não seja o do estomago; adoram a maxima *oratio brevis penetrat cœlos* (vol. I — pag. 309), e regeitam todos os candidatos, pedindo que o ordenado de *maestro de capilla* sirva para beneficiar os velhos servidores (elles mesmos), que fazem o *pesado* serviço do côro. Resta o maestro *Agapito Quitóles,* que enlouqueceu com a leitura de Cerone e Nassarre, e os seus admiradores os *Tios Roco y Patojo.* Do papel, quo as mulheres reprosentam já fallámos. O *capon italiano Longínos,* estabelece a relação do estado artistico da Hespanha com o da Italia. Do lado dos amadores ha a mencionar: *Don Lazarillo Vizcardi,* advogado enthusiasta da theoria moderna o amigo de *Ribelles,* e seu pae *Don Eugenio,* que ropresenta o elemento conciliador. O resultado do concurso (2) é o soguinto, *Ribelles* obtem 9 votos, *Raponso* 8, o *Mosen Juan* 3. *Quijarro,* protector do segundo, protesta contra a sentença; o *Padre Diego Quiñones* oppõe-se ao protesto, e a final fazem ambos a sua oxposição ao cabido; reune-se o cabido publicamente, e não só confirma a sentença, mas multa ainda o oppositor *Quijarro* em 50 posos, por causa da linguagem irreverente da sua exposição; os 50 pesos vão beneficiar o seu protegido Raponso, por esto ser pobre, mas *Quijarro* obriga-o, apesar d'isso, á fôrça, a entregar a quantia; mas sabido o facto, é condemnado pelo cabido a pagar o duplo: 100 pesos. Para cumulo da desgraça sabe depois, que o concorrente Ribelles alcançou um triumpho mais completo ainda, convencendo, não só o *Padre Dieyo,* mas até o sou adversario *Raponso,* a acceitar a theoria moderna; *Quijarro* já doento, morro de desgosto. Os tres pares, atraz mencionados, casam, e *Agapito* e os seus admiradores são curados radicalmente do *ceronianismo,*

(1) *Don Lazarillo,* Prólogo pag. 4-6.
(2) *Don Lazarillo,* vol. I, pag. 346.

da « harmonia dos planctas, e da sua influencia sobre os humores do corpo humano e sobre os tons do cantochão » etc.

Em torno d'esta questão do concurso giram os outros episodios, que omittimos por brevidade; entretanto temos de notar que na parte historica ha a longa discussão sobre o merito do tractado *Dell' Origine* (1), e antes, a outra sobre a relação da musica vocal e instrumental (2), em que figura o *capon Longinos*, como heroe; entre as duas discussões desenrollam-se as peripecias do concurso.

O assumpto da primeira discussão está hoje explorado, e sobre o da segunda teriamos de chegar a conclusões muito differentes das de Eximeno. « Entre los célebres profesores alemanes de música instrumental Wraniczky, Girowest, Hoffmeister y otros, Haydn y Ployel se pueden reputar los príncipes de la escuela alemana, la cual, en el comun concepto, se ha sobrepuesto á la italiana del siglo XVIII, no obstante de haber sido ésta la maestra de aquélla; pero los que bien conocen una y otra dicen que no ha lugar en esto asunto á lo *discipulus supra magistrum*. Horacio Pitoni, maestro de la basílica Vaticana, que murió nonagenario á mitad del siglo XVIII, decia que en su tiempo (esto es, á fines del siglo XVII principios del XVIII), ántes que Corelli publicase sus sonatas, no habia en Roma sino dos violinistas capaces de tocar de repente un capricho ó pesacallo, como los que se tocan entre verso y verso de um salmo en unas vísperas solemnes. Corelli fué el primero que compuso y tocó un concierto de violin; con esto y con sus bellísimas sonatas de violin e bajo, llenas de natural y agradavel armonía, promovió y mejoró el manejo de su instrumento, cuya esfera y la de los demas instrumentos de arco casi al mismo tiempo dilató muchos más Tartini, haciendo fácil lo que ántes de él se hubiera tenido casi por imposible; y éste es el principal mérito de Tartini. Al mismo tiempo que Corelli y Tartini dilataban los confines de los instrumentos de arco, los más célebres compositores de música teatral y la famosa escuela italiana de canto perfeccionaban la melodía y la expresión y gracia de la cantilena; y sobre el gusto de la melodía de éstos y el manejo de los instrumentos de arco de aquéllos se formaron los Manfredis, los Giardinis, los Boccherinis, los Pugnasis, los Lollis, los Voltas, los Nardinis y otros célebres profesores italianos de música instrumental, los cuales, y muy en particular los Manfredis, los Giardinis, o los Boccherinis, se avantajaron mucho en la melodía á los que en el manejo de sus instrumentos podemos llamar sus maestros, Tartini y Corelli. Con estos italianos podemos juntar de entre los alemanes el suavísimo Ployel, el cual, como se exprimen los italianos, nació con la melodía esculpida en el ánimo. Por lo demas, dos cosas podemos decir haber añadido la escuela alemana á la italiana; la una es haber echo comun á todos los instrumentos de un quarteto ó quinteto lo que los

(1) *Don Lazarillo*. Cap. VII do 1.º vol., e cap. VI, VIII, V e XIV do 2.º vol.
(2) *Don Lazarillo*, Apéndice, vol. II, pag. 271-273, nota A.

italianos conservaban para el primer instrumento de un concierto. En los quintetos y quartetos de los alemanes se oyen á menudo el violon y la viola replicar ó contrahacer las rápidas y desmenuzadas modulaciones del violin; lo que no parece ser lo más conforme al más purgado buen gusto, porque cada instrumento, como cada voz humana, debe modular segun su carácter; la rápida y floreada cantilena de un tiple trasladada al tenor ó al bajo desagrada. A más de esto hay en las composiciones de los alemanes, especialmente en los *allegros* de Haydn, ciertos raptos, cierto entusiasmo, que va á las veces más allá de lo que puede ejecutar la voz humana, que es el ejemplar que el compositor de música instrumental no debe perder de vista jamás; y lo que es peor, dar tal cual vez en lo extravagante ó gótico. En los conciertos de voces humanas, compuestos de confusos e enmarañados artificios de contrapunto, se suele echar ménos la claridad de la armonía y la fácil y natural cantilena de los Palestrinas-Naninis, Allegris y sus imitadores; quién sabe si dentro de pocos años en los *allegros* instrumentales de los alemanes no se echará mé, nos la suave y natural melodía de los Manfredis. Giardinis y Boccherinis.» Este ponto de vista, de Eximeno, passou á historia; explica-se pela época que representa, mas as suas conclusões desmentiu-as a propria historia da arte. Os serviços, que o seu tratado *Dell'Origine* prestou, nem por isso deixam de ser valiosos; elle não podia adivinhar o futuro, e suppôr, que depois de um Wranitzki, Girowetz, Hoffmeister, Haydn e Pleyel «*los principes de la escuela alemana*» (sic, vol. II, pag. 271) apparecceria ainda um Mozart, Beethoven, etc. (1).

Em quanto ao merito litterario da obra, proferimos ceder a palavra ao benemerito editor, o snr. Francisco Asenjo Barbieri, que em mais de uma parte allude á relação, que existe entre o *Don Lazarillo* e o *Don Quijote* (2). A affinidade é clara, manifesta-se não só no caracter geral da primeira obra, mas encontra-se ainda frequentemente em certas particularidades; por exemplo, a loucura de *Agapito Quitóles,* por causa do estudo de Cerone e do Nassarro, a confiscação dos seus livros e papeis de estudo por *Don Eugenio Vizcardi,* seu tutor; o auto da fé, applicado por *Juanito* aos volumosos tratados

(1) Como se vê, Eximeno confunde aqui o estylo *concertante* e o *polyphono,* estylo do concerto com accompanhamento, e o estylo do quarteto; ignora o que seja o *organismo* do quarteto. É verdade que nos *Quartetos* de Haydn e de Mozarkt ha muitas vezes a preeminencia do 1.º Violino; entretanto não era difficil, mesmo na epoca em que escrevia o *Don Lazarillo* (1798-1806) achar a razão das *innovações* (segundo Eximeno) de Haydn e da escola allemã, porque Haydn (1732-1809) e Mozart (1756-1791) já haviam cumprido a sua missão na arte, e Beethoven (1770-1827) já estava no *segundo periodo* da sua missão (*Eroica, Sonatas* op. 31, etc). Em conpensação os «*Wraniczky* (sic, aliás Wranitzky,) *Girowest* (aliás Gyrowetz) Hoffmeister y *otros*» (serão talvez Neubauer, Rosetti, etc.) de que falla Eximeno passaram hoje a ser na historia da arte, apenas os *göttliche Philister* (W. H. Riehl. *Musikalische Charakterköpfe* vol. I pag. 207-259 4.º.

(2) *Don Lazarillo*, Preliminar, pag. XLIV, XLVI, LX, LX.

do Cerone o de Nassarre, etc. Além d'estas ha muitas outras coincidencias, quo o snr. Barbieri não moncionou decorto, porque saltam aos olhos. Todavia o caracter differente do assumpto, que foi explorado com talento superior, fornece a Eximeno motivo para situações originalissimas, quo são ás vezes do um comico inexcedivel. Recommendamos aos misantropos por exemplo, os cap. XI,-XIV da *Primera Parte* (Vol. I, pag. 83-103) (1); o capitulo (III, vol. II, pag. 16 e seguintes) em que *Agapito* ensaia o canon enigmatico com *Juanito;* as paginas em que se trata da grande obra do primoiro (pag. 24 e seguintes; vol. II) o *Lunario músicò apotelesmático elegante* e do *Prologo eucaristico* (sic), que acaba muito caracteristicamente com a rúbrica: *De profundis. Orate, orate pro me. Agapito* fica com o juizo de tal modo a arder, que ainda dá para umas peripecias ultra-comicas, quando elle vae em companhia dos seus admiradores os *tios Roco* y *Patojo* á «montanha do San Roquo» ouvir á meia noito a harmonia dos planetas, armado com uma busina (cap. XXI, vol. II, pag. 162-169); o *hermano Juan,* ermitão e a *tia Antonia* mimoseiam os tres amantes lunaticos com as facecias mais crueis!

É na verdado prodigioso que um homem, com 72 annos (2), quo passou pelas privações mais duras do uma existencia attribulada (3) tivesso ainda n'essa idade a elasticidade de espirito, o bom senso, a critica vigorosa e o talento de observação para crear os typos do *Don Lazarillo.* Eximeno não poupa nenhum dos parasitas da sociedado, desde o ermitão da collina do S. Roque, até ao canó-

(1) *De la armonia de los planetas,* cap. XII. *Armonia de los humores y de las partes del cuerpo humano, y predominio de los signos de zodiaco y de los planetas en esas partes.* etc.

(2) Eximeno naseeu em 1729; a redaeção de *Don Lazarillo* deve suppôr-se entre 1798-1806, salvo a interrupção assaz grande, por causa do trabalho da *apologia* de Cervantes, feita tambem durante esse intervallo.

(3) O snr. Barbieri faz-nos uma pintura assaz triste, e bastante minuciosa dos soffrimentos do pobre Eximeno no exilio *(Prel.* pag. XVII, XXXIII, XXXVII, XLII, XLIII, sobretudo da miseria material dos jesuitas expulsos de Hespanha, entre os quaes havia homens como, Serrano, Isla, Masdeu, Eximeno, Andrés, Arteaga, Lampillas, Requeno, Diosdado e outros. O snr. Barbieri não pretende averiguar (pag. XIX e XX), se Carlos III tinha ou não razão para expulsar em 1767 *de una plumada* seis mil religiosos hespanhoes; deixa *a'posteri l'ardua sentenza;* essa sentença já foi dada, e confirma-se todos os dias com a mesma razão; é *árdua,* não para quem os expulsou, mas sim para as suppostas victimas; a razão por que o governo de Carlos III tinha só 125 reales mensaes para dar a cada um dos jesuitas expulsos, deviam estes sabel-a melhor do que ninguem tinham enterrado de sobejo as garras nas fontes de riqueza do paiz, que estava exhausto quando os expulsou. Não negámos que na ordem houvesse homens de grande merito, eram raras excepções no meio do *abrutissement* geral, que o methodo de ensino da ordem produzia. É triste a pintura da extensa nota da pag. XXXIII e XXXIV, sobre os 387 jesuitas existentes; são documentos authenticos, não ha duvida, mas não valem os milhões de victimas, 387 padres; não vale a *verdade* mais, do que todos os padres e todos os institutos religiosos que a falseiam? Demorámo-nos n'esta nota, porque nos causa espanto, que um espirito claro, como o do snr. Barbieri, ainda se deixe arrastar pelo *sentimentalismo,* a escrever as 5 ultimas linhas da citada nota.

nigo Rouquillo; fustiga tudo e todos; a concupiscencia dos advogados e procuradores (1), o pedantismo dos sabichões, a *routine* no ensino, a ociosidade das classes superiores *(condessa vieja Tomati)*, a ignorancia, a estupidez dos prégadores (vol. II pag. 216-218, curiosa analyse do sermão sobre o verso *Memente homo, quia pulvis es)* e assim por diante, com uma *verve* inexgotavel. A mixtura da anecdota, do episodio jocoso, a discussão sobre assumptos scientificos ou artisticos conserva a narrativa sempre em fluencia, e aviva o dialogo com um interesse sempre novo. Da linguagem diz o snr. F. A. Barbieri, de certo mais competente do que nós «Lo más admirable en nuestro autor es que, siendo valenciano, y habiendo pasado más de treita años consecutivos sin hablar ni escribir en otras lenguas que en la italiana y latina (salvo las cartas familiares), fuese capaz de escribir en castellano con la gracia y soltura que resplandecen en su *Don Lazarillo*, y esto inmediatamente después de haber escripto en puro y elegante latin nada ménos que una obra de filosofia fundamental, de matemáticas y de fisica» (*Preliminar*, pag. XLIV).

Diremos ainda algumas palavras sobre a historia do manuscripto. «El mismo Eximeno declara que en Valencia fué donde se le occurri escribirla *(Prel.,* pag. XLIII). «No habia Eximeno terminado aún el *Don Lazarillo,* cuando volvió a Roma» *(Prel.,* pag. LVX.) O snr. Barbieri não indaga os motivos d'esta partida repentina para Roma, que dá que pensar. Que faltava a Eximeno em Valencia»? Amigos dedicados, admiradores, posição e futuro tranquillo, tudo alli tinha. De Roma dirigiu em 1802 um memorial ao Rey, em que dizia:

«Señor: Antonio Eximeno, de la extinta Compañia de Jesús, residente en Roma, habiendo promettido en su obra *Del orígen y de las reglas de la música* (que ha sido tan bien recebida dentro y fuera de España) escribir otras dos sobre el mismo asunto, la una de eloeuencia de la música, la otra sobre lo ridiculo de las vulgares reglas y máximas de sus profesores; en cumplimiento de esta promesa hecha al pûblico, ha reunido dichos dos objetos en una misma obra ó fábula, intitulada: *Investigaciones músicas de Don Lazarillo Vizcardi en ocasion del concurso á un magisterio de capilla vacante.* Y para poderla imprimir á su satisfaccion y librar su manuscrito de los ex travíos que suelen pudecer en Madrid los de autores ausentes domiciliados en tan lejanos países, suplica á V. M. le permita remitir el manuscrito de esta su obra á D. Antonio Roca y Malferit.... y que éste.... lo pueda dar á imprimir á Don Manoel Monfort, impresor....», etc., etc. (pag. XLV).

O pedido foi satisfeito, todavia Eximeno, escrupuloso nos seus trabalhos, e incansavel em limar e corrigir, só annos depois de 1802 é que mandou o *Prologo* e um *resumo geral* do *Don Lazarillo.* Concorreu para essa demora a factura da *Apologia* de *D. Quijote*, que

(1) *Don Lazarillo*, vol. I pag. 165 e seguintes e vol. II pag. 179 e seguintes.

tinha tambem entre mãos. No mesmo anno (1806) em que esta sahiu á luz enviou Eximeno o *Don Lazarillo* a Madrid, segundo consta de uma nota escripta no exemplar pelo conselheiro e ministro do Supremo Tribunal de Justiça D. José Maria Puig; diz ella: «Este original precioso vino de Roma en el año de 1806, remitido por el autor para procurar su impression. Fué prolijamente examinado por professores eminentes del arte, y la aprobaron con elogios extraordinarios. La falta de fondos, y más aún *las revoluciones politicas del mundo han dejado esta insigne obra en la oscuridad.* Es de desear que mejore de fortuna. Madrid, 20 de Mayo de 1817.—Puig» (con rúbrica) *(Prel.*, pag. XLVIII e XLIX). Sobre a sorte posterior do manuscripto cedemos a palavra ao snr. Barbieri:

«El manuscrito del *Don Lazarillo,* de que me he servido para esta edicion, es el mismo que remitió el autor, segun consta en la nota del consejero Puig ántes copiada. Dicho manuscrito es en fólio de letra pequeña y clara del amanuense de Eximeno, con correcciones y notas autógrafas de éste: consta de trescientas cincuenta y ocho hojas, de las cuales cuatro están en blanco repartidas en diferentes lugares. Empieza por el *Prólogo y diseño,* de treinta y cinco páginas, en papel azulado y de menor tamaño que el resto del manuscrito. Este *Prólogo* tiene una nota autógrafa del consejero Puig, que dice: «Duplicado, remitido anticipadamente para dar idea de la obra.» Sigue ésta luégo en papel blanco del tamaño ordinario en folio; y en la portada, además de la nota fechada y firmada por Puig, en 1814, se leen otras relativas á la biographia de Eximeno, escritas con lápiz por D. Bartolomé José Gallardo, y reforzadas con tinta por el actual dueño del manuscrito. Desde esta portada hasta el fin del texto hay paginacion, que alcanza al núm. 602, pero con algunos errores, pues salta del núm. 112 al 115, y del 226 al 229; hallándose repetidos los números 245 y 247, y triplicado el 489, lo cual sin embargo, no afecta á la perfeccion del manuscrito. Los *Apéndices* tienen otra paginacion, que alcanza al núm. 57, y los *Textos* son tres hojas sin foliar. Al verso de la última hoja en blanco se halla la seguinte nota: «Pertenece este MS. á la coleccion reunida por el Sr. D. Felipe de Soto y Posada, mi padre (q. e. p. d.)—Labra 1870.—S. de Soto.» (Con rúbrica).—Finalmente, el manuscrito está encuadernado en pasta española, con hierros dorados y tejuelo encarnado con letras de oro, que dicen INVESTIGACIONES DE VIZCARDI.

«La anterior descripcion bastaria para conocer la historia del manuscrito, si no hubiera encontrado dentro de él una hoja suelta, donde leo, escrito y firmado de letra más moderna: «B. L. M.—Al Sr. D. Bartolomé José Gallardo.—Su apasionado José Antonio de Lavalle»; lo cual parece indicar que el manuscrito del *Don Lazarillo* fué regalado á Gallardo por este snr. Lavalle.

«En resúmen: Eximeno envió de Roma su manuscrito, el cual fué á manos del consegero Puig, que vivia em Madrid, calle y casa del Sacramento; muerto Puig, iria talvez á poder de ese Sr. La-

vallo, quien lo rogaló á Gallardo, guardándolo éste en su celebre biblioteca, en la Alberquilla de Toledo. Los herederos de Gallardo lo vondieron al Sr. D. Felipe de Soto y Posada, que so lo llevó á su easa, en Labra (Astúrias), y lo custodió cuidadosamente hasta su muerto, para que después viniora á horedarlo su hijo, mi querido amigo y consocio el distinguido bibliófilo D. Sebastian do Soto. Habiendo rogado á éste que me lo franquease para estudiarlo, accedió á mi ruego, llevando su desprendimiento hasta el oxtremo de traérmelo él mismo desde Astúrias, y do permitir tambien su publicacion. que, á propuesta mia, llova hoy á eabo la *Sociedad de Bibliófilos Españoles*» (pag. LVII-IX).

A edição que a *Sociedad* foz é digna do zolo dos sous membros; a impressão, o papel (de linho), a rovisão (salvo algumas erratas de nomes de artistas) (1), tudo foi feito com osmero. O primoiro volume compõe-se do seguinte: *Preliminar* com a biographia feita pelo snr. F. Asonjo Barbieri pag. I-LXI, (ineluindo rosto e ante-rosto); *Prologo* do Eximeno pag. 1-6; *Advertencia* pag. 7 e verso; *Texto* pag. 9-354; *Indice* pag. 355-358. Lista dos membros da *Sociedad de Bibliófilos españoles* (pag. 359-367). O segundo volumo tem *Texto* pag. 1-270 (excluindo rosto e anto-rosto 4 pag. innum.) *Apendice* (2) pag. 271-325; *Textos* (3), pag. 327-333; *Prologo y diseño* (4) p. 335-363; *Indice de las personas citadas en esta obra*, pag. 365-374; *Indice de las personas citadas en el preliminar* pag. 375-378; *Indice general* (da obra toda) pag. 379-385; *Errata* pag. 386; Lista dos membros da *Sociedad de bibliófilos españoles* pag. 387-395; *Junta de Gobierno* da mesma, pag. 396; *Libros publicados por la Sociedad de Bibliófilos españoles* (5) 2 pag. innum.

Os dois *Indices* (pessoas citadas na obra o no *Prel.*) perteneem ao snr. Barbiori o são muito uteis. Não sabemos todavia a razão

(1) *Girowest* em logar de Gyrowetz; *Wraniczky* em logar de Wranitzky, *Pugnasi* em logar de Pugnani etc. Julgámos ao principio que o snr. Barbieri se havia cingido sempre á orthographia do manuscripto, emquanto aos nomes de artistas; mas no *Indice de las personas citadas en esta obra* (pag. 365-374) vem alguns nomes rectificados outros não; o mesmo se dá no *Indice de l. pers. cit. en el Prelim.* Havia sido melhor, se tivesse rectificado tudo.

(2) O Apeudice trata do seguinte A. *De la música instrumental*. B. De *las antiguas escuelas de cantores ó salmistas*. C. *Del Origen del cantollano, y su modo antiguo y moderno*. D. *Origem e progresos del contraponto*. E. *Respuesta de Eximeno a Guiguené*. F... (sem titulo).

(3) Estes textos servem de contraprova a certas citações, feitas no corpo da obra; são tirados dos tratados de Hucbaldo, monge Engolimiense, B. Engelberto, João Diácono, Guido Arctino (bis), João de Salisbury, João xx, Erasmo, Lindano.

(4) Este *Prólogo y diseño* é um resumo do *Don Lazarillo* em 28 paginas (335-363 do vol. II) e foi enviado por Eximeno, de Roma, ao ministro do rei de Hespanha para que em Madrid fizessem idcia da obra, que só alli chegou em 1806.

(5) Esta lista conta no fim do 2.º vol. do *Don Lazarillo*, 279 bibliophilos, entre os quaes figuram a maior parte dos homens de lettras, estadistas e titulares de Hespanha; na penultima pagina da lista, confnndido no meio de outros,

por que, havendo o snr. Barbiori feito as referencias ás paginas no *Indice* das pessoas, citadas no corpo da obra, não fez essa referencia no segundo *Indice* das pessoas citadas no prologo *(Preliminar)*? Era tão indispensavel no primeiro, como no segundo caso. Deve-se-lhe ainda agradecer e gabar a intelligencia e perspicacidade com que foi descobrir o retrato (1) do Eximeno (pag. LII-LVII *Prel.*) que é um bello ornato da obra, e nos revelã a physiognomia intelligente e typica do *Abbé* da segunda metade do seculo XVIII, salvo dois grandes olhos negros, rasgados em fórma de amendoa, que denunciam, assim como as fórmas choias dos labios e da barba, a origiem valenciana, o corrigem a regularidade geometrica das feições.

Detivemo-nos n'esta analyse, já pelo valor da obra, já pela importancia consideravel e logar honroso, que Eximeno occupa, graças aos seus trabalhos sciencificos (2), na historia do seculo XVIII. Eximeno pertence ao circulo em que figura Metastasio, o Padre Martini, o jesuita Juan Andrés, seu intimo amigo, Artoaga; esteve ligado aos encyclopedistas (Guiguené, vide a carta do Eximeno, vol. II, pag. 318-324 em resposta á sua critica (3) do tratado *Dell'Origine*), o accompanhou os primeiros dos seu tempo, não só no campo da historia da arte como na critica o theoria; foi ainda theologo, orador, philosopho, mathematico, physico, astrónomo, o além d'isso profundo conhecedor nas litteraturas latina, hespanhola e italiana. Como vemos, pertencia á famila dos *Encyclopedistas*, e se a sorte não lho tivesse dado o berço em Valencia mas sim em Paris, estaria hoje collocado ao lado de D'Alembert, Diderot e outros. Do *Don Lazarillo* diz com razão o snr. Barbiori «és do un sabio español, es inédita y sobre todo *es buena*» (pag. VII, *Prel.*)... ha de sorprender, enseñar, divertir y admirar á á guien la loa (adiante, pag. LII, *Prel.*) Devemos agradecer-lho que tomasse a iniciativa de propôr a impressão á *Sociedad*. «En esta sociedad nos hallamos los músicos en insignificante minoria; por lo cual es muy posible que no falten socios

vê-se o n.º 251: *S. M. el Rey Amadeo I.* O custo das differentes obras, que a *Sociedad de Bibliófilos españoles* publica, é dividido egualmente pelo numero de socios crescem sempre alguns poucos exemplares, que são de antemão tomados pelos livreiros.

(1) O primeiro indicio, que levou o snr. Barbieri á descoberta do retrato, foi a suspeita de que o pastor, que figura na allegoria da *Parte prima* (pag. 59) do tratado *D'ell'Origine* poderia muito hem ser o proprio Eximeno; esta suspeita accentuou-se ainda mais, quando achou que na trad. hesp. do tratado *Dell' Origine* se repetem as allegorias do original italiano, reduzidas ao formato menor da traducção; n'aquelle tem o pastor cerca de 45 annos; n'esta porém mais de *sessenta*. Vide pormenores *Don Lazarillo*, Prel. pag. LV e seguintes.

(2) Além dos trabalhos de Eximeno, que havemos citado no decurso d'este artigo, ha a notar mais: *Lo spirito del Machiavelli*, ossia Rifflessioni sopra etc. Cesena, 1795-8.º; *Lettera del Sig-Abate D. Antonio Eximeno al R. P. M. Fr. Tomasso Maria Mamacchi*, sopra l'opinione del Signor Abate D. Giovanni Andrés intorno alla letteratura ecclesiastica de'secoli barbari. Mantova, 1783-8.º em defeza do seu intimo amigo Juán Andrés. A maior parte das obras de Eximeno foram traduzidas em hespanhol pelos seus amigos e admiradores.

(3) *Don Lazarillo*, vol II pag. 318-324.

que hagan un gesto do desagrado al encontrarse, en los tiempos que corren, con una voluminosa obra de música» (são com effeito 843 pag.) Uma classe, que tem um Eslava e uma *Lira sacro-hispana*, que tem um corpo de doctrina musical, representado por magnificos methodos (1), que tem uma historia grandiosa, opulenta em grandes talentos, em genios mesmos, em obras classicas de primeira ordem, póde affoutamento reclamar o dircito á existencia, exigir o respeito pela arte que representa e occupar um logar de honra na Academia de S. Fernando o na Academia das Sciencias, porquo o que essa classe representa é não só uma *arte*, mas uma *sciencia* ao mesmo tempo. Está nas mãos do snr. Barbieri, acabar com essas apreciações pueris e osses preconceitos d'aquelles, que imaginam que a arto musical é apenas um passatempo e ignoram que ella prende intimamento com a historia do desenvolvimento do espirito humano, e tem n'esso trabalho a precodencia de alguns seculos sobre muitas das scioncias, que hoje so ostentam com orgulho. Esperamos que a publicação das obras musicaes de Juan del Encina (2) sejam o ponto de partida para a publicação dos seus valiosos manuscriptos, e se continue assim o movimento a cuja frente se collocou o benemerito snr. Eslava, acompanhado depois pelos snrs. Soriano Fuertes e Saldoni. Para os poucos felizes quo tivorem alcançado um exemplar do precioso *Don Lazarillo Vizcardi*, transcrevemos um dos ultimos periodos do snr. Barbieri, a fim de quo não esmoreçam dianto das 843 pag.; leiam até á ultima pagina, e acharão que as suas palavras são vordadeiras:

«Á los que tal hagan, ruégolos únicamento quo la lean sin prevencion, en la intelligencia de que bajo la capa do la música encontrarán: el aficionado á la amena litteratura, una novela entretenida, de accion sencilla, pero do bellos caractéres, dibujados de mano maestra; el amante de la historia, curiosos documentos para la de las costumbres españoles de fines del pasado siglo y principios del presento; el apasionado á los estudios filosóficos y críticos, un caudal de preceptos literarios y artísticos de gran trascendencia; el *cervantófilo*, una imitacion del *Quijote;* el hombre de buen gusto, reglas en que fundarlo; el amante de novedades, una obra nueva en su género; el simple bibliófilo, un livro original, é inédito, dosconocido hasta ahora; y, finalmente, el profesor de música y el aficionado á este divino arte, una obra de filosofia y do estética musical, que podria muy bien titularse *La música al alcance de todos*» (pag. LX).

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

---

(1) Vejam-se por exemplos as obras didacticas de Eslava: *Método completo de Solfeo; Tratado de Armonia; de Contrapunto y Fuga; de Melodia; Prontuario de Contrapunto, Fuga, y Composicion; Museo orgánico* (I e II Parte); o grande *Método de Clarinete*, de Romero, etc., etc.

(2) Barbieri, *Discurso*, pag. 34.

59.— **Documents pour servir à l'étude des Dialectes roumains recueillies et publiés par Émile Picot.** I. Paris Maisonneuve et C.e (Extrait de la Revue de *Linguistique et de Philologie comparée*. T. v, fas. 3.) 8.°, 67 pp.

De todos os dialectos nascidos do latim aquelles a que menos so tem consagrado a attenção dos philologos especiaes são os fallados na *Rumania;* a parte que lhe cabo na *Grammatik* de Diez é inferior á quo lá occupam as outras linguas principaes do grupo romanico. Todavia alguns trabalhos de grando valor ha sobre esses dialectos além do do Diez. Mussafia escreveu algumas paginas, notaveis como tudo o quo escrevo, sobre o vocalismo romanico. O elemento latino do vocabulario foi estudado (d'um modo assás incompleto, em verdade) por Cihac *(Dictionaire d'etymologie daco-roman* (1), o elemento slavo por o celebre slavista Miklosich, os elementos gregos o turcos por Roesler, os elementos magyares principalmente por Jerney János.

O escripto de M. Picot abre, sem duvida, uma serie do varios estudos do mesmo auctor sobro esses dialectos, estudos bem-vindos sob todos os pontos de vista. O fasciculo consta do materiaes de diversa naturesa. Primeiro observações geraes, em que lêmos que os rumanos da Valachia, da Moldavia, da Bessarabia, da Bucovina, da Transylvania e da Hungria fallam dialectos aponas distinctos uns dos outros. M. Picot indica de quo natureza são os emprestimos feitos polo rumano ás linguas com que so tem achado em contacto. Esses emprestimos formam uma camada verdadeiramento superficial, o variavel segundo os logares; o essencial é na realidade o elemento latino. Seguem curtas observações grammaticaes sobre o dialecto do Banat o fasciculo termina por um conto popular, quo apesar do nome do heroe-Senusotka (orthographia do M. Picot) não tem nada quo ver com a *Cendrillon* franceza, a Gatta Borralheira portugueza (2) o de 29 curtos cantos populares. São um e outros transcriptos do puro dialecto popular do Banat, segundo nos afiança M. Picot. O fasciculo contém tambom um bom numero de indicações bibliographicas, muito interessantes. E' d'esperar quo a continuação d'ostes estudos saia breve a lume.

60.— **1. Zur Katharinenlegende. Von Prof. Dr. A. Mussafia. Wien, Karl Gerold.** 1874. 8.° 80 pp. (Extrahido do Boletim das Sessões da Academia de Vienna, Nov. 1873.)

2. Beitrag zur Kunde der norditalischen Mundarten im XV. Jahrhundert. Wien, Karl Gerold, 1873. Gr. in-4.° 128 pp. (Extrahido das Memorias da Academia de Vienna, tom. XXII.)

Estas duas publicações do incansavel academico viennense formam mais uma importante contribuição para o estudo dos antigos

(1) Vide *Bibliographia critica*, p. 17.

(2) O conto rumanico tem o mesmo fundo da *Belle aux cheveux d'or* de Aulnoy.

dialectos italianos, cujo campo o snr. Mussafia já tem por outro lado tão bem explorado.

O n.º 1 contém uma lenda de Santa Catharina, tirada do mesmo manuscripto do seculo XIV da bibliotheca veneziana de S. Marcos, em que o snr. Mussafia achou os *Monumenti antichi di dialetti italiani* por elle publicados em 1864. A lenda teve muito verosimilmente dous redactores, o ultimo dos quaes terá achado n'um manuscripto só parte da lenda que vao até verso 1183 e a terá completado como poude. Essa conjectura assenta-a M. Mussafia sobre o facto que do verso 1183 em deante muda repentinamente o metro, a rima e a linguagem da lenda. As observações grammaticaes do editor referem-se só a esses primeiros 1187 versos, que se apresentam com os caracteristicos do dialecto antigo de Verona. Segundo todas as probabilidades a lenda italiana foi redigida em parte sobre a lenda franceza que se encontra n'um mss. unico da Bibliotheca do Arsenal de Paris, escripto, por uma coincidencia bem rara, em Verona em 1251; a correspondencia das duas versões é tão intima até á narração da Visão do Paraiso (v. 406 e ss. da versão italiana) que a italiana póde ser considerada n'essa parte como uma simples traducção abreviada da franceza; comtudo o snr. Mussafia não acha uma razão assaz forte para repellir a hypothese d'uma fonte commum para as duas versões. O motivo porque o primeiro redactor da versão italiana abandonaria assim o seu modelo podo conjecturar-se do facto que a versão franceza da Visão do Paraiso em deante se affasta das redacções mais frequentes da lenda, que o redactor italiano, não queria abandonar. O texto da lenda é acompanhado por bom numero de notas criticas. O snr. Mussafia promette um estudo comparado sobre as diversas versões da lenda.

O n.º 2 estuda os materiaes linguisticos fornecidos na parte italiana por tres partes principaes, para a primeira das quaes o auctor utilisou dous manuscriptos, para a segunda um só, e para a terceira differentes impressões. Essas fontes são especies de guias do conversação italiano-allemães semelhantes a outras que abundam pelo fim da edade media. N'estas listas de palavras, os glosaristas pretendiam indubitavelmente dar as formas da lingua litteraria, mas o que é verdade é que elles conheciam mais os dialectos do Norte e portanto occorrem a cada passo formas d'esses dialectos, que o snr. Mussafia se propoz estudar. Infelizmente a incorrecção dos manuscriptos e das impressões é grande e frequente em cada um d'elles a indecisão das fórmas.

Só um homem ao mesmo tempo tão perspicaz e prudente como o illustre professor viennense podia tirar d'elles materiaes um serio partido e tornal-os objecto d'um dos mais assignalados productos da philologia romanica, qual é o que annunciamos. Para a grammatica pouco poude tirar o snr. Mussafia dos glossarios; para o lexico é muito importante o que elle aproveitou. De p. 23 a 125 exten-

de-se um rico glossario, rico de dados etymologicos e comparativos, que utilisam ao estudo do todos os dialectos romanicos.

61.—**Li dis dou vrai aniel.** Die Parabel von dem ächten Ringe, französiche Dichtung des dreizehnten Jahrhunderts, aus eizner Pariser Handschrift zum erstem Male herausgegeben von Adolf Tobler. Leipzig; Verlag von S. Hirzel, 1871. 8.° peq. XXXII-32.

Esta pequena publicação do afamado romanista allemão é mais uma contribuição interessante para o conhecimento da vastissima litteratura franceza da edade média, e n'ella, é até ocioso dizer-se, apparece todo o fino tacto critico e cuidado que o snr. Adolf Tobler patenteia em todas as suas publicações. O prefacio contém uma noticia sobre o ms. Nr. 25,566 da Bibliotheca nacional de Paris, que contem obras diversas das quaes uma parte assaz consideravel foi já impressa; o auctor menciona as peças já publicadas (19, pondo de parte as obras de Adam de la Hallo), o dá curta noticia sobre algumas das peças ineditas; resulta d'osse exame do cod. que a collecção consta sobretudo d'obras de poetas da França do norte, havendo entre os poetas conhecidos cujas composições figuram no cod. apenas um, Huon de Méry, que não pertence ao alto norte da França. 212 das 275 folhas do cod. contendo, pois, obras de poetas picardos, torna-se provavel que as outras composições sejam de poetas da mesma provincia e o auctor conjectura em vista d'isso o d'uma particularidade da parabola que ella foi redigida n'aquella região ou pelo menos em honra d'um principe d'ali. O poeta apontando os senhores que poderiam reconquistar a terra santa aos infieis, parece, diz o snr. Tobler, no modo como se exprime fazer honra especial ao conde d'Artois, o unico que é nomeado pelo seu proprio nome:

Si nommeroie sans sejour
Chelui ki a pensee franche,
Ch ! 'est no segneur le roi de Franche ;
Car mout est vaillans et courtois.
Et s'i servit li quens d'Artois,
Robiers, ki mout s'est travillies
Por la loi Dieu et essillies,
Ki a dies a este entiers.
Li quens de Flandres seroit tiers,
Ki mout est vaillans et gentieus.

(Versos 404-413).

Esse conde d'Artois, Roberto, é como o snr. Tobler demonstra, Roberto II, acerca da qual nos offerece o opusculo muitas particularidades, assim como acerca do conde de Flandres, que o critico identifica com Guido de Dampierro. Duas circumstancias engenhosamente apro-

veitados pelo auctor dar-nos-hiam os dous limites d'um curto periodo dentro do qual forçosamente a parabola foi escripta, se as palavras do poeta que se referem a Acre, perdida pelos christãos em 1291, fossem mais claras; dão a suspeitar que se referem a essa perda, mas fica-se muito incerto; d'outro lado as consequencias da convenção do já velho Guido de Flandres com o rei Eduardo d'Inglaterra sendo tornado impossivel a partir de 1294 que elle se juntasse com o rei de França para uma cruzada, temos limite mais recente para a composição da parabola. Como só depois da segunda cruzada de Luiz IX é que o conde Roberto II d'Artois podia ser louvado do modo que se vê nos versos que citamos, conclue o snr. Tobler que a composição foi feita certamente depois de 1270, ficando incerto o limite mais estreito anterior a 1294, parecendo-lhe até verosimil que ella tinha sido feita antes de 1285.

D'interesse particular são as observações do philologo allemão sobre a lingua do *dit* (p. XIX-XXXII). Sendo d'esperar pelas circumstancias expostas por elle e indicadas de leve por nós que se encontrasse no *dit* uma phase dialectal picarda ou restrictamente artesiana, essa composição nega tal presupposição. No *dit* fórmas picardas apparecem ao lado de fórmas não picardas da mesma palavra.

Pelo que respeito ao fundo e ás fontes do *Dit,* questão de que o snr. Tobler não se occupa, vejam-se as ricas indicações de Hermann Oesterley, na sua edição das *Gesta romanorum,* p. 726 (indicações ao numero 89) e de Alessandro d'Ancona no seu bello trabalho sobre *Le Fonti del Novellino,* na *Romania* II, p. 180 (do numero 73, texto Gualteruzzi). Na nota de d'Ancona ha um pequeno erro typographico. O *Dit du vrai Aniel* acha-se analysado, não no tomo XXII, mas sim no tomo XXIII, p. 259, da *Histoire littéraire de la France.*

A. C.

Dictionnaire d'Etymologie Française d'après les résultats de la science moderne par Auguste Scheler. — Nouvelle édition entièrement refondue et considérablement augmentée. Bruxelles, Muquardt, 1873. 1 vol. em 8°. x.—465 pp.

Elf volle Jahre liegen zwischen dem Erscheinen der ersten und dieser zweiten Ausgabe des reichhaltigen Werkes, dem ich hier einen etwas späten aber durch monatelange Bekanntschaft und vertrauten Umgang nur herzlicher gewordenen Willkommengruss zurufe. Elf Jahre eifrigster Arbeit in Deutschland Frankreich und Italien haben auf dem Felde romanischer Studien zu glänzenden Siegen geführt: man braucht die Namen Diez, Ascoli, Schuchhardt, Mussafia, Littré, Paris, Meyer, Bartsch, Mahn, Brachet: nur zu nennen; man braucht nur an das *Jahrbuch,* an *Romania,* an *Filologia Romanza,* an die *Romanischen Studien* zu erinnern um zu wissen wie

viele Früchte in dieser Zeit schon reiften, welche Saat von neuem ausgestreut wurde, und wie sie schon wieder frisch in die Höhe schiesst.

Von dieser Bewegung und Entfaltung finden sich wenig Spuren in Schelers Werk, was uns nicht wundern darf: erstens gehört er ja selbst in die Reihe der Führer, und weit entfernt davon stille zu stehen, ist er unterdessen auf seinem eigenen Wege rastlos vorwärts gegangen, zweitens aber hindert es die ganze Art und Anlage seiner Arbeit. Das Speciallexicon einer einzelnen Sprache, wenn es beansprucht dem praktischen Gebrauch des grossen Publikums zu dienen, ist darauf angewiesen das ganze Gebiet der Tagessprache in seinen einfachsten so wie dunkelsten Partien zu durchmessen, es soweit als irgend tunlich mit Lösungen und Lösungsversuchen zu durchleuchten, und das so entstandene Sprachbild noch in einem möglichsten knappen und handlichen Rahmen zu fügen: eine wahrhaft eingehende und ausführliche Behandlung jedes erklärungsbedürftigen Wortes verbietet sich von selbst, und mit der vollen Ausnutzung historischer und vergleichender Darstellung muss auch ein scharfes Hervortreten der angewandten Methode unterbleiben. Die weitgreifenden Verdienste von Ascoli, Schuchhardt, Mussafia, aber bestehen gerade in der Verbesserung und Verfeinerung der Methode, in der minutiösesten Bearbeitung scheinbar vereinzelt stehender Dialectformen haben sie allgemein gültige Muster für die Behandlungsweise jeder ähnlichen Frage aufgestellt; positive etymologische Beiträge für das französiche bieten sie allerdings kaum, ihre Namen sucht man demnach in Schelers Lexicon vergebens. Was jedoch im Einzelgebiet des frz. geleistet ist, was Littré's gigantisches Werk, was Diez in der zweiten und dritten Ausgabe des Fundamentalwerkes aller romanischen Sprachwissenschaft, was Gaston Paris's scharfe Untersuchungen an neuen Resultaten liefern, das hat Scheler eifrig benutzt; wie nicht anders zu erwarten war ohne sich jemals einfach der Meinung anderer anzuschliessen, aber auch ohne Vorliebe für seine eigenen Deutungen. Ueberall legt er gesunde und ernste Kritik an, er ändert und bessert an den alten Fassungen überall wo seine oder anderer Augen Schwächen entdeckt haben.

Die neue Ausgabe weicht also von der ersten bedeutend ab, trägt aber wie jene mit Recht das Beiwort *d'après les résultats de la science moderne*. Die Aenderungen bestehen darin dass manches unnütze gestrichen ist; neue Ansichten von Littré, Diez und Scheler ersetzen die alten; oder wo der Autor sie nicht unbedingt adoptirt, stehen sie neben den früheren; vom praktischen Standpunkte aus ist die Anordnung etwas modificirt, wichtige Derivata sind der alphabetischen Reihenfolge eingeordnet, natürlich nur, um an den Stamm zurückgewiesen zu werden; ferner ist für die weitere Verbreitung des Werkes Sorge getragen durch Einfügung einer grossen Zahl griechischer, auch amerikanischer Fremdwörter; und auch Format und Druck tragen dazu bei den Umfang des Buches gegen den alten fast zu verdoppeln. An Fleiss und Treue ist es ein Musterwerk,

und zweifellos bringt es dio franz. Etymologie einen Schritt vorwärts: dass es nicht der letzte sein kann, liegt in der Natur der Sache. Die Zahl der Wörter an deren Deutung sich keine Frage, kein Zweifel mehr knüpft ist unbedeutend neben der ungeheuren Zahl derer die ihrer endgültigen Lösung noch warten. Besonders wo es sich darum handelt der geschichtlichen Entwickelung von Laut und Sinn genau zu folgen, oder wo vergleichend verfahren wird, da dehnt sich eine lange Reihe von Unsicherheiten und Vermutungen selbst auf dem bestbestellten franz. Boden. Dass also auch Scheles Werk noch Lücken hat, und dass jeder Romanist an hundert Stellen durch Fragen und Anmerkungen zeigen könnte dass das letzte Wort noch nicht gesprochen ist, das scheue ich mich nicht auszusprechen, da es dem Werte des Scheler'schen mühevollen Werkes, für das alle Arbeitsgenossen ihm zu hohem Danke verpflichet sind nicht den geringsten Abbruch tut. Was ich unten als eine geringe Probe meiner eigenen Randglossen beispielsweise zu geben wage, ist ein bescheidener Beitrag zur Beantwortung noch schwebender Fragen und wird als solcher von Herrn Scheler gewiss freundlich aufgenommen.

Nur *eine* positive Schwäche des *Dictionnaire Etymologique* ist mir aufgefallen. In dem Bestreben sein Wörterbuch zugleich wissenschaftlich gründlich und praktisch brauchbar zu machen hat der Verfasser keine feste Grenze für die Benutzung fremden Sprachstoffs gezogen: einmal zieht er das altfrz. zum Vergleich herbei, ein ander Mal lässt er es ganz unbeachtet, und in das Gebiet der anderen romanischen Sprachen greift er ziemlich willkürlich hinein: am schlechtesten geht es auch hier unserem Liebling, bis jetzt aber dem Stiefkind romanischer Philologie, dem Spanischen! Ich wenigstens habe kein leitendes Princip entdecken können: oft wo die ausserfranz. Formen in glücklicher Volständigkeit die Uebergangsstufen vom lat. zum frz. repräsentiren, fehlen sie ganz und gar, oft sind sie wenigstons nicht so streng geordnet wio man es namentlich für don Laien wünscht; (Warum z. B. *chaussée*=it. *calzada* pr. *caussada*; warum *caisse*=it. *cassa* pr. *caissa?*) oft wo die rom. Sprachen fast buchstäblich übereinstimmen, findet man eine genauo Angabe aller Einzelformen; dagegen wo starke Abweichungen zum Verständniss der verschiedenartigen Tendenzen führen könnten welcho das it. sp. und frz. beherrschen, vermisst man diese oft anregende, stets lehrreicho Gegenüberstellung; und niemals ist man sicher dass wo Scheler z. B. nur die ital. Form der frz. beigesellt, eino prov. pg. sp. nun auch in der Tat nicht existirt. Denselben Fehler empfindet man wenn man das nützliche Handbuch Auguste Brachet's benutzt, der bei seinem Verfahron jede Lautveränderung zu besprechen, den ausserfranz. Stoff ganz unberücksichtigt lassen konnte. Das kann und will aber Schelers wissenschaftlicher Ernst nicht, und lieber würde wohl ein jeder, wie ich, auch in diesem Punkto über ein *zu viel* hinweg sehen als ein *zu wenig* ergänzen müsson. Statt über Ménage's

*

Seiltänzerkunststückchen zu lachen, würden wir Herrn Scheler gern in einer dritten Ausgabe für eine consequente Einfügung der ital. span. prov. pg. Hauptform zu danken haben. Auch dürften diese Fremdlinge noch ein wenig strenger ihr Nationalkostüm tragen, und nicht in veralteter oder ganz ungewöhnlicher Tracht erscheinen: das sp. *bagueta,* z. B. müsste *baqueta* sein; *cabana cabaña; guan guante; trelz terlz,* neben *tarragona* müsste das üblichere *dragon* stehen; *senado* als altsp. bezeichnet sein; *beleta* als frz. Import könnte fortfallen. Dem Laien wäre auch sicherlich oft ein Accentzeichen erwünscht; z. B. in den rom. Formen für *ficatum;* dann auf dem it. *tafáno*=span. *tábano*. Um jedoch mit solchen Kleinigkeiten nicht zu ermüden, führe ich lieber einige der Wörter auf in deren Deutung meine Ansicht von der von Scheler ausgesprochenen abweicht.

1.) *Alberge,* Pfirsich. Dies Wort, über dessen Herkunft Scheler keine eigene Meinung producirt, ist in meinen Augen mit *pêche* zu identificiren, dessen Etymon, wie bekannt, *malum persicum* ist. *Persicum* wurde zu ital. *persica pesca;* span. zu *persigo pesco prisco,* asturisch zu *piesco,* mail. zu *pèrsegh.* pg. zu *pécego,* prov. zu *presega,* kat. und. mallorkanisch zu *présech,* dtsch zu *Pfirsich;* ausserdem aber wurde die lat. Form in Spanien durch den arab. Artikel *Al* erweitert, so dass neben *persigo albérchigo* alt *alpérsico* existirt. Daraus entstand, durch Apocope des tonlosen Suffixes, das pg. *alperche*; kat. und arag. *albérge albérgio.* Der Weg von Katalonien nach Frankreich aber ist ein oft betretener, aus *alberge* konnte regelrecht das altfrz. *auberge* werden, das erst später, gewiss im Gedanken an *albus* wieder zu *alberge* und zugleich zur Benennung einer besonderen Art von Pfirsichen mit hellfarbigem Fleisch erhoben wurde. Das lat. *persicum* hat also das Frz. nicht allein mit einer Doublette sondern mit folgender Quadroublette beschenkt: *persique pêche presse alberge.*

Wie im afrz. *auberge* so möchten wir auch im nfrz. *aubergine* den arabischen Artikel erkennen: demnach betrachtet es Scheler mit Unrecht als ein Diminutiv von *auberge.* Es bedeutet Tollapfel und entspricht wohl wiederum einer katalanischen Form. Diese kat. Form *alberginia berginia* ist aber nichts anderes als die Schwester des kastilianischen *berengena alberengena.* In den Dialekten entspricht pg. *beringela bringela belingela* mall. *aubergínia aubarginia.* Der Italiener hat es zu *mel-anzana* woher frz. *mérangène mélongène* umgedeutet; seine beste Lösung aber findet es bis jetzt in dem arabischen Fruchtnamen *bâdindschân* (s. Dozy. Engelmann.)

2.) *Baroque.* Scheler entscheidet sich für die Ableitung aus *bis-roca roche avec un défaut* eine künstliche und zu enge Deutung, der ich nicht beistimmen kann; einmal weil nach der Theorie dass die Heimat eines Wortes da ist, wo es sich am reichsten entfaltet, Spanien unbedingtes Eigentumsrecht an *baroque* hat; zweitens aber weil, dies zugegeben, in *bar* kaum das pejorative Suffix *bis* stecken kann: denn dieses *bar* aus *ber, bir, bis* ist in

keinem Beispiele nachzuweisen, und auch *ber,* welches ihm notwendig vorausgegangen sein müsste, liegt nur ein einziges Mal vor und zwar in einer wenig üblichen Nebenform *(bersaca* neben *bezaza, bizaza, biaza);* Frankreich dagegen hätte wenigstens durch *barlong, barlue, berlue, berouette=brouette* für die obige Erklärung zeugen können. So aber glaube ich die von Diez aufgestellte aber nicht entschieden festgehaltene Erklärung aus *verruca* erneuern zu können. *Verruca* bezeichnet im lat. eine unregelmässige Erhöhung und Rauhheit ursprünglich glatter Gegenstände. 1.) eine Anhöhe des Erdbodens 2.) einen Auswuchs des tierischen Körpers 3.) die Unebenheit einer Perle (s. Plinius *H. N.* 37. 12.) Der Spanier nun hält in *verruga berruga barrueco berrueco berrocal* etc. (kat *berruga borruga.* pg. *barroco verruga)* alle drei Deutungen fest: *berrocal* bezeichnet jede unebene felsige Gegend ebenso *berrueco; verruga berruga berrueco barrueco* die Warze; das Gerstenkorn und krankhafte Auswüchse an Pflanzen; *barrueco berrueco* unvollkommen gerundete Perlen; *berroqueña* den Granit. Span. *bar* aus lat. *ver* wird—wenn solches nöthig ist—durch *barbasco: verbascum, barbecho: vervactum* sicher gestellt; die Umformung von *ūca* zu *ueca ueco* ist allerdings unregelmässig, doch darf sie im Hinweis auf *morueco, ballueca* (neben *balluca ballico) marrueco, doncellueca* nicht unmöglich genannt werden. Auch das deutsche Brack—Brockenperle könnte wie das frz. *baroque* hierher stammen.

3.) *Bourde.* Dazu bemerke ich dass bei allen Erklärungsversuchen, so viel ich weiss ausser Acht geblieben ist dass noch heut zu Tage im spanischen *bohordo* eine Rohrpflanze (Schwertschilf) bezeichnet und dass jeder spätere Sinn des Wortes sich hiervon ableiten liesse. Der Ursprung bleibt freilich trotzdem im Dunkel.

4.) *Cabillaud.* Scheler sagt: *cabillaud cabliau* du néerl. *kabeljaaun;* quant à celui-ci on le fait venir par transposition de lettres de *bacailaba* nom basque de la morue qui a donné l'esp. *bacalao* et le bas. all. *bakkeljau* (Venise. *bacalà*). Diez dagegen *E. W. II* c. s. v. sieht nicht nur im frz. *cabeliau* sondern auch in dem span. venez. piemont. und baskischen Formen, directe Sprösslinge des niederländ. *kabeljaaun* über dessen Herkunft er freilich schweigt, wie Scheler über die seines baskischen Etymons. In beiden Fällen fehlt also die eigentliche Aufklärung. Deutsche Etymologen haben den *kabeljaun* nicht in deutsche Bestandteile zerlegen können, und ebensowenig will es mir gelingen baskische Elemente darin zu erkennen: wäre ich ein zweiter *Larramendi,* so würde es mir zweifellos gelingen eine Reihe baskischer einfacher Wörter herauszuschälen aus deren Zusammensetzung und Zusammenpressung der Wort*körper* wohl entstehen könnte, der *Sinn* aber im günstigsten Falle ein poetisches Phantasma bliebe. So aber befriedigt vielleicht folgende Deutung.

Das Frz. *cabeliau cabliau cabillaud,* woher das it. *cabilio* entstand aus dem niederl. *kabeljaaun,* dieser durch Methatesis aus

dor im flämischen erhaltenen Form *bakkeljau*. *Bakkeljau* aber, so wie das it. kat. venez. piemont. *baccalà* das pg. *bacallao* and das bask. *bacallaua,* (von neuoren Lexicis *bakaillaüa* und von Lécluse in mangelhafter Orthographie *bacalaiba* geschrieben), stammen sämmtlich vom span. *bacallao* her. Da alle Sprachen, welche den bekannten Fisch auch *bacallao* nennen, ihm noch andere Bezeichnungen geben, so konnte *ein* Name für ihn, um so leichter, von Spanien ausgehen als er hier ein sehr populäres Gericht ist und in allen seinen Arten gern vom Volke verspeist wird: sei es als *merluza seca,* als *merluza fresca,* als *abadejo de Terra Nova* oder gesalzen als *bacallao con manteca negra, frito, con queso,* oder *con cebolla.* Naturgeschichtsbücher und Lexika kennen unseren Stockfisch auch in der gelehrten Verkleidung eines *estocfis, estocafris, pezpalo pejepalo palopez.* Die echt volkstümlichen Bezeichnungen aber stellt Cervantes im *Don Quijote I.* c. 2. zusammen und führt auch eine in allen Beziehungen treffendo Lösung des sprachlichen Rätsels. Denn in dem «*pescado que en Castilla llaman abadejo,* y en Andalucia *bacallao* y en otras partes *curadillo*» können wir wohl kaum etwas anderes finden als eine dreifache Variation des Volksthemas welches in dem steifen würdigen Aussehen des Tieres einen pfäffischen Zug bespötteln wollte und es daher *abadejo curadillo bacallao* nennt. *Bacallao* muss als Synonym der beiden anderen Namen auch einen geistlichen Gelehrten bezeichnen und ist also der vielbesprochene mittellateinische *baccalarius* der in Spanien *bacalario* in Italien *bacalare* in Frankreich *bachelier* hiess, von wo aus er noch einmal als *bachiller* (jetzt eitler Schwätzer) nach Spanien wanderte (it. *baccelliere*). Aus *baccalarius* entstand durch Transposition des mouillirenden *i* das sp. *bacallao,* dem wohl eine ältere Form *bacallaro* vorangegangen sein mag, die noch jetzt im mall. *bacallar* und im ital. *bacallare* lebt. Auch hier erkennen wir so eine durch Sinn und Form scharf geschiedene Doublette. Die Entstehungsgeschichte des mlat. *baccalarius* bildet zur Erklärung des Stockfischnamens keine notwendige Ergänzung, ich darf sie also hier übergehen; füge aber noch die Frage hinzu ob der deutsche *Stockfisch* nicht einer missverstandenen Deutung des *bakkeljaun — bacallao,* d. h. einer Uebersetzung eines vermeintlichen Derivates von *baculus* Stock sein Dasein dankt? Jedenfalls ist das Dörren auf Stöcken wonach Weigand ihn benennt, nichts ihm speciell eigenthümliches. Eher könnte man an eine bildliche Darstellung seiner Stocksteifheit denken.

5.) *Cahier.* Ich würde es ohne Bedenken aus *quaternum* herleiten. Dazu berechtigen die ital. und span. Dialectformen: kat. *cadarno codern cuern;* mall. *quêrn,* autfriaul. *codér,* so wie das seiner Anschauung nach nahverwandte ital. *quinterno* in tosk. Dialect *quiderno.* Gaston Paris hat wenn ich nicht irre die gleiche Ansicht vertreten, wo und wie weiss ich augenblicklich nicht.

6.) *Calandre.* Ein eigenthümliches Versehen ist es wenn Scheler wie auch Brachet noch bei dem ersten von Diez aufgestellten

Etymon stehen bleibt und seine Selbstverbesserung in der dritten Ausgabe des *E. W.* unberücksichtigt lässt, in welche sich leider einer der seltenen Druckfehler des Buches eingeschlichen hat so dass für κολάνδρα κάλανδρα gesetzt ist. Scheler und Brachet könnten ohne Zweifel die Schlussworte ihrer Artikel über *calaudre* dahin formuliren dass das frz. *calandre* sp. *calandra* pg. *calhandra* albanes. *calendra* dtsch. *Galander* mlat. *calandra* genau genommen weder dem gr. χαραδριός noch dem von Scheler erwähnten κολανδρος sondern dem sogar in Pape 's griech. Wörterbuch verzeichneten Vogelnamen κολάνδρα entspricht.

7.) *Calebasse.* Es kommt direct vom span. *calabaza;* dies aber aus dem arabischen *querbah* zu leiten, womit wohl Freitag III. 419. *qirbatun* gemeint ist, scheint mir ganz unmöglich; ich weiss nicht wie Scheler sich die Uebertragung denkt. Erstens bedeutet das arab. Wort nur Schlauch: *uter coriaceus in lactis usum et interdum inservit aquæ;* zweitens aber giebt es kaum *ein* Beispiel dafür dass im Span, ein arab. Wort *nur* mit spanischer Ableitungssilbe auftritt. In *calabaza* aber könnte nur das arab. *qrb.* und die span. Augmentativendung *aza* stecken. Ich vermute in diesem einzigen span. Worte für Kürbiss vielmehr lateinischen Stoff: *calabaza* wurde aus dem kat. *carbass* neben dem sich schon *carabassa* zeigt, durch eine im Span. ganz gewöhnliche Epenthese gebildet. *Carbass* aber ist vielleicht wie Kürbiss *courge* und *gourde* eine Umgestaltung des lat. *cucurbita.* Dass Pflanzennamen freier behandelt werden als die meisten andern hat Diez mehr als einmal ausdrücklich hervorgehoben: hier aber wäre die Freiheit durchaus nicht so abnorm.' 1.) Vereinfachung scheinbarer und wirklicher Reduplication lässt sich im rom. vielfach nachweisen, zeigt sich ja übrigens auch in Kürbiss *courge* und *gourde* und lässt sich bis ins Sanscrit zurück verfolgen wo neben *kakarbhata karbhata* steht. 2.) Der allerdings noch unaufgeklärte *A* Vocal der span. Form, der sich so eben auch im indischen zeigte, findet in der tausendfach bezeugten Vorliebe der rom. Sprachen für seinen vollen Klang, im speciellen vor *r,* einen kräftigen Fürsprecher. 3.) In der Endung müsste ein Wechsel der Suffixe angenommen werden der zugleich den Accentwechsel erklären würde. Eine genauere Besprechung des span. Wortes verschiebe ich auf ein ander Mal.

8.) *Chattemite.* Dass ich hierin einen Pleonasmus sehe, habe ich schon im *Jahrbuch für rom. Litt.* vol. XIII Heft I unter *mojigáta* ausgesprochen.

9.) *Comble encombre cumuler culminer.* Zu diesen Artikeln erlaube ich mir die Bemerkung dass meine Ansicht mit der von Scheler und Diez im Ganzen übereinstimmt dass ich aber glaube durch schärferes Eingehen auf die ausserfrz. Formen die Resultate noch mehr specialisiren und klarer ordnen zu können. Hier wage ich natürlich nicht meine ganze Reise zu schildern, sondern gebe nur die Hauptstationen und das Endergebniss an.

Der Lateiner bezeichnet mit *culmen* jeden Höhepunkt im wirklichen und im übertragenen Sinn, besonders den Gipfel eines Berges und den Giebel eines Hauses; mit *culmus* einen Halm, mit *cumulus* eine in die Höhe geschichtete und in eine Spitze auslaufende Masse und dann ganz wie *culmen* diese Spitze selbst. Ob *cumulus* für *culmulus* stehen kann, und somit alle drei von vorn herein stammverwandt sind, gehört nicht hierher: jedenfalls genügt die Form—und Sinnähnlichkeit der drei Wörter um eine Verwechselung und Vermischung derselben schon im Munde des lat. Volkes glaubwürdig zu machen. Aus Du Cange (s. vv. *colmia coloma comblus combri comolus culmagum culmare culmen culminare culmum culmus cumbri cumulus*) und aus. Hildebrand. *Glossarium Latinum.* Göttingen 1854. C. 207. 508. 515 lässt sich mit Beispielen belegen was an und für sich klar ist, dass nämlich nicht jede einzelne rom. Sprache selbständig und für sich allein diesen Process des Verwechselns und Vermischens vollzogen hat, sondern dass dieser schon im spätlateinischen seinen Ursprung haben muss, dass also die vorhandenen mit telalterlichen Documente nicht selten *culmen* für *cumulus* setzen, *cumulus* für *culmen, culmen* für *culmus, culmus* für *culmen, culminare* für *cumulare,* so dass «Haufen Masse» und «Spitze Giebel» d. h. *cumulus* und *culmen* in einander gehen, formell aber das zwischen beiden stehende *culmus* überwiegt. Daraus geht hervor dass auch im romanischen nicht unmittelbar zu den rein klassischen Formen gegriffen werden darf und dass nur mit annähernder Bestimmheit nachgewiesen werden kann wie der buchstäbliche Gehalt derselben entstand. Oft sind mehrere Möglichkeiten da, unter denen auch die Analogie nicht ganz sicher zu entscheiden erlaubt.

Der Reinheit der klassichen Formen ist nur das port. treu geblieben welches durch *colmo* Stroh Strohdach Hütte (frz. *chaume* aber aus *calamus* s. Du Cange *colmia coloma)* das lat. *culmus;* durch *cómoro combro* Hügel das lat. *cumulus,* das natürlich schon im frühesten Mittellatein *comulus comolus* lauten musste; durch *cume* Gipfel aber das lat. *culmen* wiedergiebt. *Cumulo cumular culminar* sind gelehrte Bildungen.

Auch das Span. lässt noch eine ziemlich scharfe Scheidung zu; nur kennt es *culmus* in der Bedeutung Halm gar nicht; (das als *colmo* mit *cumulus* zusammenfliessen musste), wenn nicht etwa in *colmena* eine Ableitung davon erwiesen werden darf. Nur aus *cúlmine* konnte *cumbre,* aus *cumulus (culmus* s. ob.*) colmo* entstehen; *colmar* könnte sowohl direct aus *cumulare* als auch eigens von *colmo* derivirt sein, doch spricht das mall. *comlar* für die erste Annahme; daher auch *acomular.* Die span. Lautgesetze gestatten nicht *cscombra escombrar,* direct auf *cumulus* zu verweisen, sie kommem aus dem mlat. *comblus combrus* das auf *ital.* Manier geschaffen ist. (s. u.) Aus *combre* einer alten Nebenform zu *cumbre* kann man sie nicht gut erklären weil das mlat. gerade darnach strebt *culmen* abzuschaffen und *cumulus culmus* ganz an seine Stelle zu setzen 2.) weil die Ana-

logie des frz. u. it. es verbietet. Das kat. hat *cumulus* zu *cómul cúmul* gemacht pr. *cómol;* daneben steht *colmo;* das reine *culmen* kennt es gar nicht, mischte aber statt dessen auf eigene Hand aus *culm* und *cumul* die ihm allein zugehörige Bildung *curmull crumull curumull.*

Auf ital. Boden wird die Unsicherheit grösser : wahrscheinlich aber hat *colmo* woneben *culmo* steht und das der Vertreter von *cumulus—und—culmen* ist, in dem oben als Ersatz für beide erwähnten *culmus* sein Etymon. Gleichfalls kann das hurw. *culm* das wal. *culme* bair. *kulm* ihm entstammen, doch können sie wie sicherlich das cadorinische *cólmen* auch *culmen* in sich reproduciren. Derivata von *colmo* sind *colmigno comignolo* tosk. *colmegna* und auch wohl *colmare* das kaum direct aus *cumulare* entstehen konnte da das it. die Metathese von *ml* zu *lm* nicht liebt, und auch nicht durchaus gezwungen war das tonlose *u* zu elidieren. Daher brauchte auch *cumulare* keine gelehrte Form wie im span. pg. frz. zu sein wenn nicht in *(s)gomerare sgombrare sgomberare* entschieden populäre Bildungen vorlägen. Die ladinischen Dialecte zeigen an *cumulus* die gleiche Epenthese eines *b: Sopraselva: chiembel, Sottoselva cumbel;* ladinisch lombardische Grenze *combol* und *combru.* Diese Erscheinung die das span. an *cumbre* aus *culmine,* das it. an *gomber..* aus *cumulus* zeigt, bietet auch das frz. in *comble* aus *cumulus.*—Blancandin 2414 bedeutet es Hügel d. i. *cumulus* Cléomades 16390 die Decke eines Zimmers (d. i. *culmen.*) Neben *comble* aber existirt in *en* und *décombre* dasselbe *combre* welches wir im span. it lad. gesehen haben; woher auch das deutsche *Kumber Kummer* stammt. Mit Unrecht sagt also wohl Gaston Paris *Revue Critique* IV 276: *Comble* et *combre* ne sont pas le même mot, l'un venant de *cumulus* et l'autre sans doute du radical *cumer* qui a donné en latin *cumera cumerum*; mit Unrecht nimmt Brachet auf diese Bemerkung hin, im Supplement seiner Doubletten den früher ausgesprochenen Satz zurück *comble* und *combre* ständen als populaire Form dem gelehrten *cumul* gegenüber. *Comble* und *combre* führen beide auf *cumulus* zurück; nur entstand das erste auf frz. Boden, das zweite ging dagegen aus dem mlat. *combrus* hervor wie die sp. pr. pg. entsprechenden Wörter und ist *italienischer* Bildung. Die neue Mischung mit dem im Sinne bedeutend abweichenden *cumer (Kasten)* ist angesichts der übrigen rom. Schwestern für das frz. nicht zuzugeben. Gewiss gehört auch das frz. *combre* (wofür auch *comble*) und *combrieu*=Hut eher zu *cumulus* als zu *cucumeris.*

10) *Esquicher.* Zunächst erinnert *esquicher esquisser* an das ital. *squizzare squisciare guizzare* und seine rhinistische Nebenform *squinzare* von Diez aus dem deutschen mundartlichen *witsen witschen* gezogen. Es stehen aber der frz. Form in *k* einerseits und der it. in *g* andererseits das sp. *esguince esquince esquinsar* pg. *esquença escança* das mall. kat. *esquinsar* und *esqueixar.* das pr. *esquissar* das sp. *resquicio* so ungemein nahe dass sie einen gemeinsamen Ursprung zu

verlangen scheinen. Dann aber würde das von Diez nur für *sguizzare* aufgestellte Etymon dem Sinn nach nicht passen und auch viel zu vereinzelt dastehen um einen so reichen roman. Nachwuchs erzeugt zu haben. Das ahd. *skeidan skeithan* würde sich mit dem lateinischen *scidia* σχίδια σχίζειν σχίζας etc um den Vorrang streiten. Die Reihe der hierhergehörigen rom. Formen, welche Diez nur vereinzelt und beiläufig behandelt, ist zu gross und zu wichtig um hier besprochen zu werden.

12) *Estramaçon*. Es ist auch in meinen Augen nichts als das it. *stramazzone* von *stramazzare;* doch kann ich mich nicht zu der Ansicht Schelers bekennen: es sei ein Derivat von *stramen*! Könnte es nicht zu den zahlreichen ital. mit *stra* componirten Verben gehören? *Stra* ist *tra*=*tras* mit verstärkendem *s* und dient selbst dazu den Begriff des Zeitwortes zu verstärken z. B. in *strabattere strabalzare straboccare straforare*. *tramazzare* wäre dann *stra* und *mazzare* von *mazzamatea*. Der Franzose aber hätte die Bedeutung specialisirt indem er die Eigenschaft zum Gegenstande, die Wirkung zur Ursache, den starken zu Boden werfenden Schlag zum Instrument des Schlagens gemacht hätte.

12) *Fächer*. Es lässt sich bisher nicht anders deuten als aus dem entsprechenden prov. *fastigar fasticar*. Wie diese prov. Form aber entstand d. h. welchen Weg das lat. *fastidium* zurückgelegt hat ehe es zu *fastic* wurde, das bleibt vollkommen unklar; und ich verstehe nicht was Scheler mit den Worten sagen will «le verbe prov. est dérivé de *fastic fastig* qui conformément au génie de la langue provençale représente le latin *fastidium*.» Die Vertretung eines lat. *di* durch *koderg* ist und bleibt etwas ungesetzliches; überall entstehen aus lat. *di* nur palatale Laute die der Provenzale und Katalane durch *ti j g y* umschreibt: aus *fastidium* hätte der Regel nach nur *fastitj* entstehen können wie aus *gaudium* das kat *gotj*, aus *madius matj, aus medius mitj* aus *radius rati* aus *dissidium desitj;* Im kat. und mall. existirt auch *fastitj fastitjos* doch überwiegt die im prov. allein übliche Form mit gutturalem Auslaut. Im Genius der prov. kat. Sprache liegt freilich eine gewisse Vorliebe für den Auslaut *k* (s kat. *tamarich ánec nuch cruch* und vgl. *Jahrb.* XIII 2.) jedoch glaube ich ihn als Stellvertreter eines Palatals nur in der seltenen Form *desich* neben *desitj* und *desigar* neben *desijar* gelesen zu haben; inlautend und so absolut alleinherrschend wie im prov. kat. *fastic, fastigar, fastigos* muss es mit ihm eine eigene Bewandniss haben. In dieser Ueberzeugung suchte ich nach einem lat. Worte mit einem gutturalen Suffix; der Gleichklang führte auf *fastigium* und mir fiel ein dass mir früher eine auffallende Verwechselung von *fastidium* und *fastigium* aufgestossen war. Im *Gloss. Paris.* ed. Hildebrand finde ich sie wieder. Unter fol. 65 schreibt er nämlich. *Fastidium*=pinnaculum templi und unter P. 20. palteam=murum vel *fastidium* wozu Du Cange aus einer alten Inschrift apud Gualterum in *Tabulis Siculis* folgende Stelle als Ergänzung bietet: columnas cum *fastidiis* et parietibus templi.

Wie hier *fastidium* an Stelle von *fastigium* steht, so glaube ich im prov. *fastic* umgekehrt *fastigium* an Stelle von *fastidium* zu sehen, ein Wechsel der nichts Wunderbares hat da beide Bedeutungen, Gipfel und Ekel sich im Begriffe «höchste Stufe», «Uebermass» berühren. Wie bekannt besitzt nun das lat. schon neben der Form an *gi* eine andere mit reinem Guttural: *fastigare,* das directe Verbild des prov. kat. *fastigar:* daraus konnte im Gedanken an die zahlreichen Werbe in *icare: fasticar* werden; daraus konnte auch das reine Werbalsubstantiv *fastig fastic* abgezogen worden, falls etwa Apocope von *ium* mit Beibehaltung des gutturalen Lautes zu auffallend wäre. *Fâcher fastigar fastic* sind also Vertreter des lat. *fastigare fastigium,* während *fastidium* treue Nachfolger im kat. *fastidi,* im pg. *fastío* im span. *hastío* fand.

Dies Ineinandergehen zweier Formen das ich schon eben, in *comble,* zu sehen glaubte, ist ein dem sogenannten volksetymologischen Triebe naheverwandter Zug der sich in allen Sprachen findet und der aus roheren Dialecten und aus dem Munde der Kinder als etwas naturgemässes und unvermoidliches fortwährend spricht. Auch im Romanischen spielt er eine grosse noch nicht genügend beachtete Rolle. Hier erklärt er z. B. auch warum *fastigium* in den rom. Sprachen nicht volksthümlich fortlebt: aus zwei lat. Worten war eins geworden, der Romane kennte also nur eine Form bewahren, und an diese eine konnte er nur eine der iellidirenden Bedeutungen als die herrschende knüpfen. Spuren dor zweiten pflegon sich in Derivaten und in Dialecten zu erhalten. So hat sich *fastidium* (d. i. *fastigium* und *fastidium*) im Span. als Simplex in *hastío* mit der herrschenden Bedeutung Ekel erhalten; in der Ableitung *hastial* aber trägt es den seltneren Sinn Giebel Gipfel. Diez führt es auf *fastigium;* doch wäre ein span. Ausfall von *gi* ganz ungwöhnlich zu nennen.

Es fragt sich nun noch: eb im frz. *faîte* sich weder *fastidium* noch *fastigium* erkennen lässt: um es aus *fastidium* herzuleiten, müssten lauter ungewöhnliche Vorgänge angenommen werden: Abfall der Endung *ium,* Verrückung des Accentes vom Sufix auf den Stamm: *fastide fástide faiste faîte;* um es aus *fastigium* zu leiten müssten dieselben, hier aber fast unmöglichen Stufen angenommen werden da nicht einmal die Gleichartigkeit der Consonanz *(t'd)* zu Hülfe käme. Es bleibt jedoch noch eine Möglichkeit: das prov. *fastic* oder genauer ein mutmassliches ganz. alt rom. oder ganz spät lat. *fastic* dem noch die beiden Deutungen Gipfel und Ekel angehaftet hätten. An ihm war Wechsel des Accents leicht möglich wie das mederno kat. *fástic* hinlänglich bezeugt. Aus selchem *fástic* aber konnte *faîte* entstehen: der Abfall des tonlosen Sufixes war für Frankreich dio notwendigo Bedingung der Aufnahne, auch Attractien des beseitigten *i* war erlaubt (s. afr. *glais=classicum).* Wäre also *fastig* im Sinn von Gipfel mehr als Hypothese, und existirten ferner afrz. Formen in *ai* oder *a* so würdo ich kein Bedenken tragen *faîte faiste=fástic=fastig=fastígium* als die Entwickelungsreihe von

faîte aus *fastigium* oder *fastigare* aufzustellen. Da aber im afr. nur *fest feste* (pg. *festo)* aufgewiesen ist und da die Dialecte Nebenformen mit *r* zeigen *(frête)* so schliesse ich mich der Erklärung aus deutschem «*first*» an, welche Gaston Paris *Romania I 1.* mit grossem Scharfsinn glücklich festgestellt hat. Auch Scheler zollt ihr—unter *faîte* den gebührenden Beifall, indem er sie adoptirt.

13.) *Falot.* Was eigentlich hindert Scheler daran *falot* Laterne mit *falot* wunderlich zu einigen?

14.) *Gond.* Scheler und Diez schwanken zwischen *contus ancon* und *gomphus* und teilen die rom. Wörter für Türangel unter diese drei ganz verschiedenen Stämme. Lassen sie sich auf eins reduciren so ist es jedenfalls dem Geist der Romania angemessener. Aus γόμφος *gomphus* erklärt sich mit Leichtigkeit frz. *gon(d)* prov. *gofo gofon* kat. *golfo golfó.* Im span. *gonce,* woraus durch Metathesis *gozne,* wäre jedoch die Benutzung des Flexions *s* etwas auffallendes, und es wird ratsamer sein das span. Wort und seine pg. Form *gonço* aus *contus* oder vielmehr aus einer Ableitung mit *i* also aus *contius* entstehen zu lassen. Eine andere pg. Nebenform *engonço* erlaubt im lothringischen *angon* auch nichts als *en — gon(d)* zu sehen, so dass die drei Etyma wenigstens durch zwei ersetzt werden könnten?—

15.) *Mousse.* In so weit es Knabe bedeutet, ist es das span. *mozo.* Diez *mozo* ist nach Diez und Scheler aus *mustum* Most entstanden, wogegen lautlich selbstverständlich nichts einzuwenden ist. Das Bild das sich im frz. *moutard* wiederfindet, ist jedoch wohl zu zart, um neben dem kernigeren Nebenbuhler den der Begriff «Tummel» liefert, bestehen zu können? Da nämlich dasselbe Wort sp. *mozo moza* (frz. *mousse* it. *mozzo)* welches Knabe bedeutet, auch einen stumpfen Korper, einen Waschbläuel benennt; da neben diesem *mozo* auch *mocho* den Kolben und alles Abgestumpfte bezeichnet; da wiederum dies *mocho,* durch das Augmentativ *acho* erweitert, in *mochacho muchacho* den Knaben benennt und da sich mit dieser Gleichung die Tatsache eint dass oft und in den verschiedensten Sprachen der Knabe vom Tummel seinen generellen Namen hernimmt: so liegt kein Grund vor Kolben Bläuel von Knabe zu trennen und in *mozo (mousse 1.)* etwas anderes zu sehen als im *mocho muchacho;* nämlich das deutsche *mutz mutzen* niederl. *mots* aus dem sich frz. *mousse* (4) it. *mozzo* prov. *mos* mall. *esmos*= stumpf entwickelte. (s. Diez *E. W.* 1—283)—Im Spanischen stiess das deutsche Wort *(mozo mocho)* auf eine gleiche Bildung lat. Stammes aus *mutilus* verstümmelt, deren Sinn die absolute Verschmelzung beider zuliess. *Mocho* aus *mutilus* ist gleichfalls in der Bedeutung Knabe in Nordspanien üblich: in Biscaya lautet es *motil* im Baskischen selbst: *mutila.*

16.) *Mortadelle*: it. *mortadella.* Darin sieht Scheler eine Ableitung von *mortajo* Mörser, und erwähnt eine zweite Möglichkeit gar nicht die mir plausibler scheint, auch weil sie die Zeichen ihrer Herkunft noch deutlicher an sich trüge. *Mortadella* wäre das Dimi-

nutiv von *mortada; mortada* aber ein substantivirtes Adjectif das erst als Begleiterin von *salsiccia* aufgetreten sein muss. *Mortada* das fem. von *mortado* euphonisch für *mortato* entspräche in diesem Falle dem lat. Wurstnamen *murtatum* für *myrtatum* (s. *farcimen*) von *myrta murta* it. *mortella mortina*.

17.) *Noue*. 2. Die afrz. Formen *nove nave* lassen darin das span. *nava Navarra* d. h. das baskische *nava* Ebene erkennen.

18.) *Rainette*. Diez und Scheler halten die Deutung aus *rana* für glaubwürdiger als die aus *regina*. Entschieden spricht dafür das span. *raneta* pg. *raineta*.

19.) *Rincer*. Im *Archivio Glottologico Italiano* vol. II punt 1. p. 28-34 weist G. Flechia mit bewunderungswürdiger Schärfe und Sicherheit nach dass alle nordital. Verwandten des modenesischen *arzinzer* auspülen, reinigen, dass ferner das prov. *recensar* und das frz. *rincer* einen gemeinsamen Ursprung in *recentiare* haben. *Katal. rentar* ist *recentare*. Auf *rincer* haben folgende Worte Bezug: Primieramente il piccardo *recincer (rechincher)* con significato di risciacquare rende molto verisimile nel comun francese un corrispondente etimologico, per esser questo, com è noto, assai strettamente connesse con quel dialletto uno de' tre principali della lingua *d'oil*. La riseluzione di c fra due vocali di cui l'ultima sia palatina (ei) è fenomeno consueto nelle lingue neolatine..... E perciò come p. e. da *placitum placitare* vennero *plaid plaider* così da *recentiar* ben si potè, con trattamento analogo del c grugnere a *reincer rincer*. E così questa forma di verbo che fatto venir da *hreinsa* parebbe tuttavia alllo stesso Diez più regolare se fosse *rinser* dedotta da recentiare risponde perfettamente alle analoghe formazioni quali sono p. e. *froncer* da *frontiare, tencer tancer* da *tentiare* e a varj altri verbi che come *avancer cadencer commencer influencer* avrebbero tutti per fondamentale una romanica forma terminante in *ntiare,* quale sarebbe appunto in *recentiare*.

20.) *Sangloter*. Scheler stellt *sanglot seglout souglout singhiozzo* ohne weiteres dem lat. *singultus* gegenüber: in gleicher Weise nennt Diez diese Formen, so wie *singozzo sollozo singlot sanglut* «mehr oder minder aus *singultus singultire* entstellt,» erwähnt aber das mittellat. *suggultium*. Schuchhardt (*V. V.* II, 234) führt unter den Beispielen für den Wandel von *i* zu *u* neben *singultus singlutus singlutius* die Form *suggultius* auf, in der er Einmischung des Präfixes *sub* vermutet. Und Hildebrand schöpft aus derselben Quelle (Maius Class. Auct. VI u. VII) dieselben Worte zu denen noch *singultius* und *subglutius* hinzutritt. Bei allen aber bleibt unbemerkt dass neben dem klassischen *singultio* schon bei Vegetius ein zweiter Ausdruck für schluchzen existirt der ohne Einwirkung jenes ersten selbständig scheinbar aus ähnlichen Elementen entstanden sein kann. Denn in *sugglutio* lässt sich Composition aus *sub* und dem einfachen *glutio* glucksen, ganz wie in *suggrunnio* aus *sub* und *grunnio,* nicht wohl verkennen. Zwischen beide schoben sich dann die sptälat.

Mittel — und Nebenformen, welche Schuchhardt Hildebrand und Diez aufführen.

Es entprechen sich nun die rom. und lat. Formen in folgender weise.

1.) *singult* = ital. span. pg. *singulto.*

2.) *singlut* = kat. *singlot senglot sanglot;* nonsberg. *sanglot;* mall. *xinglot* churw. *sanglut;* afr. *senglot;* nfz. *sanglot;* wlschtir. *sangiót* romagn. *zingiott.*

3.) *singulti* = it. *singozzo.*

4.) *singluti* = it. *singhiozzo* friaul. *sanglozzo;* ampez. *sangióce.*

5.) *sugglut* = afrz. *souglout seglout* grödn. *sodlot sëdlot.*

6.) *suggluti* = span. *sollozo:* pg. *soluço saluço* galliz. *salouco.*

So lange also nur die Nebenform *suggultium* bekannt war, konnte Diez sagen: «zunächst der ital. Form steht mlat: *suggultium*», jetzt steht ihr das *sugglutio* des Vegetius noch näher.

21.) *Scorsonère:* it. *scorzonera.* In diesem aber liegt wohl kaum eine Composition aus *scorza nera.* Wozu wäre die Aenderung des Bindevocals, besonders wo die Deutung noch so klar vorgelegen hütte? Das span. *escorzonera* kat. *escorsonera escursonera* das pg. *escorcioneira escuercuneira* sehen aus wie eigene Bildungen aus *escuerzo escorzon* Kröte Natter Schlange. Stammte das it. hierher so wäre die unregelmässige Endung era für iera erklärt. Das Linné diese Pflanze *scorzonera hispanica* nennt, ist nicht zu übersehen.

22.) *Serpillière.* Im kat. *xarpellera sarpallera* sp. *jerapilheira* pg. *sarapilheira,* und der nicht seltene Wechsel von *s* und *h* erlaubt im span. gleichbedeutenden *harpillera arpillera* auch die gleiche Quelle zu vermuten. Wie das lat. *serpullum* mit griech. ἑρπύλλος wie lat. *sarpis* mit ἅρπη zusammenhängt, so lässt sich gewiss obige Bezeichnung für rauhe kratzende Packleinwand an den gr. Stamm ἁρπ knüpfen, in dem überhaupt der Ursprung aller rom. Formem zu suchen ist, die mit *arp erp harp farp herp sarp zarp* irgend ein festlkrallen bezeichnen: erstens um dieses Wechsels willen zwischen Aspiraten und Sibilanten, zweitens weil Worte aus dem Schiffsleben dem griech. häufig vom Romanen entnommen sind, und drittens weil das deutsche auf welches der vorige Grund auch passen würde, eine Scheidung zwischen *arp harp zarp* verlangt, der sich das Span. keineswegs fügt, die aber bei griech. Ursprung nicht nöthig ist. Auch *harapo farrapo zarrapastron* gehört wohl hierher: darf aber an dieser Stelle nicht weiter erläutert werden. Aus Du Cange lassen sich vergleichen *sarpa sarpia sarplare sarpeilleria sarpillera seramplinae* und *serapellinae.*

Berlin. Februar 1874.

Caroline Michaëlis.

AOS NOSSOS LEITORES

Com estes dois fasciculos que hoje publicamos depois d'uma longa demora, devida a diversas circumstancias, e que não deve admirar aos que n'outros paizes, e em condições incomparavelmente superiores ás nossas, acham difficuldades similhantes em publicações de analoga natureza — com estes dous fasciculos termina a *Bibliographia critica* o seu primeiro volume e suspende a sua publicação.

Longa seria a lista dos motivos que nos obrigam a suspender uma empreza, tão bem auspiciada no extrangeiro, onde o acolhimento feito á *Bibl. crit.* foi tal, que excedeu nossas esperanças as mais lisongeiras; mas o facto da suspensão, da demora na publicação d'estes ultimos dous fasciculos é mais que eloquente para aquelles que sabem a boa vontade com que começámos. Seria curiosa a historia de todas as difficuldades, que se nos apresentaram, mas poupamos a leitura de similhantes paginas, que seriam tristes.

Antes de concluir confessamo-nos profundamente reconhecidos pelo apoio moral, pela ajuda valiosa, que a critica extrangeira prestou á *Bibl. crit.*, desde o primeiro numero — nos primeiros jornaes da França, Inglaterra, Allemanha, Hollanda, Italia, Russia e America. Aos sabios eminentes, que n'elles saudaram tão lisongeiramente a nossa modesta tentativa, agradecemos o valioso serviço, mórmente lembrando-nos do silencio quasi absoluto (1) que se fez em torno de nós, aqui em Portugal, desde o primeiro momento.

Como documento publico aqui deixamos indicados os principaes jornaes extrangeiros que deram o seu juizo sobre a *Bibl. crit.*; abstemo-nos de fazer citações, bastam os titulos dos jornaes:

Revue critique d'histoire et de littérature, de Paris. 1873. N.º 1.
Romania, de Paris. Vol. II, pag. 150.
Allgemeine Zeitung, de Ausgsburg (Beilage ao n.º 30 de 1873)
Archiv für das Studium der neueren Sprachen, (L. Herrig) Vol LII N.º 1 de 1873. p. 95 e 96.
Magazin für die Litteratur des Auslandes, (Joseph Lehmann). 1873. N.os 26, 27 e 28.
Litterarisches Centralblatt, für Deutschland (F. Zarncke). 1873. N.º 188. pag. 1523 e 1524.
Rivista di filologia romanza, (Manzoni, Monaci, E. Stengel) 1873. Vol I.
Rivista europea, (de Gubernatis) 1873. Não temos á vista o numero.
The Academy, de Londres. Numero de Fevereiro ou Março de 1873. (Não o temos á vista).
The american and oriental Litterary Record (Trübner). Numeros de Fevereiro — Março de 1873.
O Novo Mundo, de Nova-York, 1873. N.º 28, e em varios outros numeros d'esse anno.
Polybiblion, 1873, noticia de Mr. le C.te du Puymaigre.

(1) Crêmos que foi o *Jornal do Commercio*, de Lisboa, o unico que fallou da *Bibl. crit.*, em algumas linhas.

Sabemos mesmo que uma gazeta hollandeza e uma Revista de S. Petersburgo, que não podémos ver, fallaram com igual louvor da *Bibliographia critica*.

Damos ainda em seguida a lista das obras que foram enviadas do extrangeiro e de alguns pontos do paiz ao director e aos collaboradores da *Bibliographia critica*. Accitamol-as como prova de sympathia e como subsidios para os nossos trabalhos, reconhecendo a importancia da offerta n'este sentido duplo. Sentimos muito não nos haver sido possivel fallar de todas, mas a força das circumstancias é superior á nossa vontade. Portugal figura pouco n'essa lista; comprehende-se bem por que motivo.

E' possivel que houvesse alguma omissão involuntaria; é possivel que nos fosse remettida do extrangeiro alguma obra que, em virtude do desgraçado estado da Hespanha, não chegasse ás nossas mãos. N'um ou n'outro caso estamos certos, que ninguem poderá suppor da nossa parte falta de consideração.

O director da *Bibliographia critica* tem do agradecer finalmente aos seus dedicados collaboradores, e estes juntam a sua voz á do primeiro para sollicitar um perdão, se elle é possivel, á gentilissima collaboradora de Berlim, que honra hoje as nossas paginas — pela extrema demora que houve na publicação do seu artigo, que será bem vindo de todos os romanistas e que fecha dignamente o nosso primeiro (e talvez unico volume) com um nome que é grato a toda familia romanica.

Porto, Março de 1875.

— *Les harmonistes du XIV siècle*, par E. de Coussemaker. 4.° gr. 1869. (sem lugar de impressão.)

— *Geschichte des deutschen Liedes*, von August Reissmann. Berlin. 1874. 8.°

— *Tres Flores del teatro antiguo español.* (Las mocedades del Cid. El conde de Sex. El desden con el desden.) Publicadas con apuntes biográficos y críticos por Carolina Michaelis. Leipzig. 1870. 8.° (Brockhaus. Coleccion de autores españoles. Tomo xx.)

— *Romancero del Cid.* Nueva edicion añadida y reformada sobre las antiguas que contiene doscientos y cinco romances recopilados, ordenados e publicados por Carolina Michaelis. Leipzig. 1871. 8.° (Brockhaus. Coleccion de autores españoles. Tomo xxx.)

— *Buch der Lieder aus der Minnezeit*, von Wilhelm Storck. Münster. 1872. 8.° peq.

— *Année véritable de la naissance de Christophe Colomb*, et revue chronologique des principales époques de sa vie. Étude critique lue, par M. D'Avezac. Paris, 1873. 8.° gr.

— *Le livre de Ferdinand Colomb.* Revue critique des allégations proposeés contre son authenticité, etc., par M. D'Avezac. 1873. 8.° gr.

— *Don Lazarillo Vizcardi.* Sus investigaciones músicas, etc. Recogidas y ordenadas por D. Antonio Eximeno. Dalas á luz la Sociedad de bibliófilos españoles. Madrid, 1872-1873. 2 vol. 8.° gr. (Vol. x e xi da *Sociedad.)*

— *Discurso* leido en la Academia de Bellas Artes de San Fernando en la sesion pública y extraordinaria del dia 10 de Mayo de 1874, etc., por el Exc.mo Snr. D. Francisco Asenjo Barbieri. Madrid, 1874. 8.° gr.

— *Elogio historico* do architecto civil José da Costa Sequeira, professor etc. Recitado na sessão..... por Joaquim Possidonio Narcizo da Silva. Lisboa, 1873. 8.°

— *Notice historique et artistique des principaux édifices réligieux du Portugal*, etc., par J. P. N. da Silva. Lisbonne, 1873. 8.°

— *Mes pages intimes.* Daniel Gavet. Paris, 1873. 8.° gr.

— *Lex coloniæ ivliæ vrbanorum* sive ursonis data A. V. C. DCCX. Additamentvm ad corporis volvmen II. Romæ apvd Institvtvm. Berolini. 1874. 8.° gr. Aem. Hübner et. Th. Mommsen. (Faz parte das *Ephemeris epigraphica corporis inscriptionvm latinarvm svpplementvm*, edita ivssv institvti archæologici romani evra G. Henzeni. I. B. Rosii. Th. Mommsen. G. Wilmannsii. Vol. II, fasciculvs secvndvs.) P. 106-151.

— *Lex coloniæ genetivæ* denvo recognita. Th. Mommsen et Aem. Hübner. P. 221-249.

— *Mechanische Copieen von Inschriften.* Von Dr. Em. Hübner. Bonn. 1870. 4.° gr. (Separatabd. a. d. XXXXIX. Bande der Iahrb. d. Ver. v. Alterthumsfr. v. Rheinl.)

— *L'Armée d'invasion et la Population.* Leurs rapports pendant la guerre. etc. Étudiés par Platon de Vaxel. Leipzig. 1874. 8.° (2 ex.)

— *Beitræge zur Textkritik der Lusiadas des Camões*, von Dr. Carl von Reinhardstœttner. München, 1872. 8.° (3 ex.)

— *Os Lusiadas de Luiz de Camões.* Unter Vergleichung der besten Texte, mit Angabe der bedeutendsten Varianten und einer kritischen Einleitung herausgegeben von Dr. Carl von Reinhardstœttner. Strassburg, 1874. 8.° gr. Erste Lieferung (p. VI inn. XLI—96 pag.) (3 ex.)

— *Archivio glottologico italiano.* Diretto de G. I. Ascoli. Roma. 1873. 8.° Volume primo, 1874. 8.°

— *Rivista di Filologia e d'istruzione classica.* Direttori. G. Müller e D. Pezzi. Roma. 1872. Anno 1.°; 1873 e 1874. 8.°

— *Rivista di Filologia romanza.* Diretta da L. Manzoni, E. Monaci, E. Stengel. Imola, 1872. 8.° 1873 e 1874. 8.°

— *Revue des langues romanes.* 1873 e 1874.

— *Le Bibliographe musical.* (Potier de Lalaine). Paris, 1872 e 1874.

— *Polybiblion.* Paris, 1874.

— *Revista de Portugal e Brasil.* (L. Cordeiro e R. Pequito). Lisboa, 1873 e 1874.

— *Mittheilungen aus französischen Handschriften der Turiner Universitäts-Bibliothek* von Edm. Stengel. Marburg, 1873.

— *Rainardo e Lesengrino*, per cura di E. Teza. Pisa 1869. 8.° (Cod. Bodl. canon. ital. N.° XLVIII.)

— *Il dialetto curassese.* Emilio Teza Bologna. (Estr. dal vol. XXI del Politechnico.)

— *Indoportoghese.* E Teza. Bologna. (Propugnatore. Vol. V.)

— *Remarques sur les voyelles atones du latin, des dialectes italiques et de l'italien* par J. Storm. Paris, 1873. (Mém. de la Soc. de Ling. Vol. II.)

— *Letteratura e Filosofia.* Opuscoli per Pasquale Garofalo, Duca di Bonito. Napoli, 1872. 8.°

— *Canti antichi portoghesi*, tratti dal cod. vat 4803 con traduz. e note a cura di Ernesto Monaci. Imola. (Nozze Manzoni—Ansidei) (2 ex.)

— *Romania.* Recueil trimestriel consacré à l'étude des littérat. romanes, Paris, 1872-1873-1874.

— *Spinoza und Hobbes.* von Adolf Gaspary. Berlin. 1873. 8.°

— *Etymologisches*, von Caroline Michaëlis. (Separatabd. a. d. Jahrb. f. rom. und engl. Lit. N. F. I.)

— *Notes et questions sur les bohémiens en Algérie*, par Paul Bataillard. Paris, 1874. 8.° (Extr. des bull. de la Soc. d'Anthropol.)

— *Principios de Finanças*, segundo aŝ prelecções feitas no anno lectivo de 1868-1869 pelo Lente da Faculdade de Direito Antonio dos Santos Pereira Jardim. Coimbra, 1873. 8.°

— *Grammatica latina para uso das escholas*, por J. N. Madwig, trasladada do allemão para portuguez por A. Epiphanio da Silva Dias. Porto, 1872. 8.°

— *Resposta a um critico ou exame de algumas asserções* do snr. Augusto Epiphanio da Silva Dias sobre Grammatica portugueza e latina por Joaquim Alves de Souza. Coimbra, 1873.8.°

— *O Latim do Snr. Joaquim Alves de Souza* examinado nas suas tres obras Grammatica elementar da lingua latina, Curso de themas graduados, Resposta a um critico, por Augusto Epiphanio da Silva Dias. Porto, 1873. 8.°

— *Grammatica latina* de Madwig. Parecer do professor de grego do lyceu nacional do Porto em sessão do Conselho do mesmo Lyceu. Porto, 1872. 8.°

— *Estudo sobre a Colonisação e Emigração para o Brazil*, por Augusto de Carvalho. Porto, 1874. 8.°

— *Antichi usi e tradizioni populari siciliane nella festa di S. Giovanni Battista*, lettera II.ª di Guiseppe Pitré. Palermo, 1873. 8.°

— *Leggende storiche siciliane dal XIII al XIX secolo*, raccontate da Vincenzo Mortillaro Marchese di Villarena. (Seconde edizione.) Palermo, 1866.-8°,

— *Poésie populaire en Italie*, Puymaigre (Comte du) 2 folhetos.

— *Ueber die spanischen Versionen der Historia Trojana*, Mussafia, (A.)

— *Ueber eine spanische Handschrift der Wiener Hofbibliothek*, Mussafia (A.)

— *Le petit Poucet et la grande Ourse*, Paris (Gaston) 1875.

— *Buddha and his doctrines*, Kistner (O.), 1869.

— *Apunti per la Historia del Teatro italiano*, Monaci (E.), 1874.

— *Littérature et Histoire*, E. Littré 1875.

— *Discurso leido en la Academia de San Fernando*, Rios (Amador de los) 1875.

— *Obras del Marques de Santillana*, Rios (Amador de los) 1 vol.

— *Quadros da Litterotura na Russia*, Waxel (Platon de)

— *La Science de la Société humaine*, Glinka (Dimitry de)

— *Summario de varia historia*. Narrativas, lendas, biographias etc. Ribeiro Guimarães. Lisboa, 1873 e 1875. Vol. III e IV.

— *Da architectura religiosa em Coimbra durante a idade média*. Dr. Augusto Filippe Simões. Coimbra, 1875.

— *Viagens*. Hespanha e França. Luciano Cordeiro. 1874.

— *Grundriss zu Vorlesungen über die römische Litteraturgeschichte*. E. Hübner. Berlin, 1872 (3te Aufl.)

— *Ricardo Wagner e Francisco Liszt*. Recordações pessoaes. Platão de Vaxel. Lisboa, 1875.

— *Ueber die Quelle Ulrichs von dem Türlin*, von Hermann Suchier. Paderborn, 1873.

— *Analyse der französischen Verbalformen* von Dr. Lücking. Berlin, 1871.

NOTAS

N'um dos artigos d'este fasciculo (sobre a *Encyclop. musical* de Mendel) encontram-se algumas referencias ao anno passado: a *este anno de 1874, sic* e outras identicas. Isto explica-se por terem sido impressas as tres primeiras folhas d'este fasciculo (21.ª 22.ª e 23.ª) em Julho de 1874; as duas ultimas (24.ª e 25.ª) só o foram agora. Posteriormente á data em que escrevemos o artigo (temos recebido as cadernetas 37-42 (1875) e podemos confirmar, com relação a estas, o que deixámos dito no artigo principal (pag. 327-337.)

J. DE V.

Assim como démos a pag. 345 a lista dos livros publicados pela *Sociedad de bibliófilos españoles* de Madrid damos para complemento a outra lista da *Colleccion de libros españoles raros ó curiosos,* feita por diligencia dos beneméritos senhores M. de la F. del V. (Marques de la Fuensanta del Valle) e J. S. R. (José Sancho Rayon):

I. Delicado. *La lozana andaluza* (exgotado) 1871.
II. Verdugo. *Guerra de Frisa* (exgotado.) 1872.
III. Muñon. *Tragi-comedia de Lisandro y Roselia,* 1872.
IV. *Cancionero* llamado de Stúñiga, 1872.
V. Villegas Selvago. *Comedia Selvagia,* 1873.
VI. Lope de Vega. *Comedias inéditas* vol. 1.º 1873.
VII. Milan. *El cortesano,* 1874.
VIII. Pero Tafur. *Andanças é viajes.* 1874. 2 vol.
IX. Silva — *La segunda Celestina.* 1875.

Nota a pag. 285:

Com relação á *Biblioteca selecta de Autores clásicos* publicada pela *Academia española* de Madrid escrevem-nos d'aquella capital em Junho de 1874:

...«está paralisada, por completo, porque los Académicos españoles no se distinguen por su actividad. Lo unico publicado en esta *Biblioteca* son tres volumenes que contienen 9 comedias escogidas de D. Juan Ruiz de Alarcon, y un volumen con las Farsas y églogas de Lucas Fernandez.» Damos esta noticia como resposta á pergunta que nos foi feita de Paris.

Nota a pag. 333:

Com relação aos trabalhos sobre *Archeologia musical,* feitos em Portugal ha a accrescentar aos que ficam mencionados a pag. 333 os dos snrs. Joaquim José Marques: *Chronologia da Opera em Portugal* e de Platon de Vaxel: *Estudos sobre a Historia da musica em Portugal;* ambos estes trabalhos appareceram na *Arte musical* de Lisboa, posteriormente á data em que escrevemos o nosso artigo. São subsidios valiosos, cuja publicação ainda continúa. (Abril de 1875.)

J. DE V.

---

*

INDEX

Pag.

Avezac (D') *Année véritable de la naissance de Christophe Colomb*, 1873 208
Avezac (D') *Le livre de Ferdinand Colomb*, 1873 325
Alcántara (D. José Godoy y) *Ensayo histórico etimológico filológico sobre los apellidos castellanos*, 1871 124

Barata (F. A. Corrêa) *As raças historicas da Peninsula iberica*, 1872 211
Barbieri (F. A.) *Discurso leido en la Academia de Bellas Artes de San Fernando* (10 de Maio 1874), 1874. 341
Batailard (P.) *Les derniers travaux relatifs aux Bohémiens dans l'Europe orientale*, 1872. 270
Barthelemy (Anat. de) *Essai sur l'origine des armoiries féodales*, 1872 (*da Revue critique*). 30
Belloguet (Baron de) *Ethnogénie gauloise*, 1872. 117
Bergaigne (Abel) *Le Bhâminê-Vilâsa*. Texte sanscrit... 1872 (*da Rev. crit.*) 30
Bernays (Michael) *Zur Entstehungsgeschichte des Schlegelschen Shakespeare*, 1872. 268
Bibliographia Daco-romana, 1870-1872. 176
Boehmer *Die provençalische Poesie der Gegenwart*, 1870 . . . 174
Bossert (A.) *Goethe, ses précurseurs et ses contemporains*, 1872 . 84
Brachet (Aug.) *Dictionnaire des doublets*, 1871 63
Braga (Th.) *Historia da Litteratura portugueza*. (Introd.) . . 129
Braga (Th.) *Theoria da historia da Litteratura portugueza*, 1872 129
Brugsch. (Henri) *Grammaire hiéroglyphique*, 1872 (da *Revue crit.*) 31

Castilho (A. F. de) *Fausto*, trad. de Goethe, 1872. 3
Chronica da fundaçam do moesteyro de Sam Vicente dos conegos regrantes, 1873 (n. ed. seg. 1538) 240
Cournot *Considérations sur la marche des idées et des événements dans les temps modernes*, 1872 148
Champagny (de) *Discours de réception de M. Littré*, 1872 . . 274

Delicado ó Delgado (Francisco) *Retrato de la lozana andaluza*, 1875 (n. ed. seg. 1528) 97
Desnoiresterres (G.) *Gluck et Piccinni* (1774-1800), Paris 1872. 105

Eximeno (D. Antonio) *Don Lazarillo Vizcardi*, 1872-1873 (ed. Barbieri), 2 vol. 347

Falcão (Christovão) *Obras:* A Ecloga de Chrisfal, a Carta, Cantigas, Esparsas e Sextinas (ed. T. Braga), 1871 38
Fructuoso (Gaspar) *As Saudades da Terra*, Hist. das ilhas do Porto Santo, Madeira, etc., 1870-1873. (ed. Alvaro Rodrigues d'Azevedo) 215

Garrett (Visconde de Almeida) *Helena*, fragmento de um romance ined., 1871. 226
Geppert (C. E.) *Reiseeindrücke aus Spanien im Winter*, 1871-1872, Berlin 1872. 276
Guerra y Orbe (Don Luis Fernandes) *Don Juan Ruiz de Alarcon y Mendoza*, Madrid 1871 309

Herculano (Alex.) *Opusculos*, (I. Questões publicas), 1873 . . 193
Hovelacque (Abel) *Instructions pour l'étude élémentaire de la linguistique indo-européenne*, 1871 21
Hovelacque (Abel) *Euphonie sanskrite*, 1872 176
» » *Mémoire sur la primordialité et la prononc. du R vocal sanskrit*, 1872. 176

Janet (Paul) *Les problèmes du XIX.e siècle*, 1872 31
Joly (A.) *Benoist de Sainte-More et le roman de Troie*, 1870-1871 (2 vol.) 161
Jubainville (H. d'Arbois de) *La déclinaison latine en Gaule* 1872 91

Kuhn (E. W. A.) u. Ad. Kuhn, *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, 1872. 48

Lauser (W.) *Aus Spaniens Gegenwart*, 1872 276
Leoni (Francisco Evaristo) *Camões e os Lusiadas*, 1872 . . . 65
Lindner (E. O.) *Geschichte des deutschen Liedes im XVIII Jahrhundert*, 1871 171
Lipnicki (E.) *Geschichte der polnischen Nationallitteratur*, 1873 270

Madwig (I. N.) *Grammatica latina*, (trad. A. E. da Silva Dias) 1872 41
Manzoni, (L.); Monaci, (E.); Stengel (E.) *Rivista di Filologia romanza*. Vol. I. Fase. 1, 1872. 184
Martins (P. J. Oliveira) *Os Lusiadas, ensaio sobre Camões e a sua obra*, 1872 65
Mello (Adelino Antonio das Neves e) *Musicas e canções populares colligidas da tradição*, 1872 204
Mendel (H.) *Musikalisches Conversations-Lexicon*. Eine Encycl. der gesamt. musik. Wissensch., 1870-1874, 4 vol. 327
Mendelssohn-Bartholdy (Karl) *Goethe und Feliz-Mendelssohn-Bartholdy*, 1871 151
Meyer (P.) et Paris (G.) *Romania*, recueil trimestriel, 1872, n.os 1-6 11-51-153-304
Michaëlis (C.) *Romancero del Cid*. (Nueva edicion) 1871 . . . 337
Michelet (J.) *Histoire du XIX siècle*. (Direct; Orig. des Bonap.) 1872 32
Miklosich (Franz) *Ueber die Mundarten und die Wanderungen der Zigeuner Europa's*, 1872 270
Monaci (E.) *Canti antichi portoghesi*, tratti dal Codice Vaticano n.o 4803, 1873 244-318
Mussafia (A.) *Zur Katharinenlegende*, 1873 366
Mussafia (A.) *Beitrag zur Kunde der norditalischen Mundarten im XV. Iahrh.* 1873 366

Nabuco (Joaquim) *Camões e os Lusiadas*, 1872 65
Nogueira (José Maria Antonio) *Noticia dos Manuscriptos da Livraria da Ex.ma casa de Sam Lourenço*, 1871 224

Ortiz (D. Antonio Romero) *La litteratura portugueza en el siglo XIX*, 1870 33

Picot (Emile) *Documents pour servir à l'étude des Dialectes roumains*, 1873 366
Pitré (Gius.) *Antichi usi e tradizioni popolari siciliane nella festa di S. Giovanni Battista*, 1873 302
Pougin (A) *Rossini*, Notes, impressions, etc., 1871 180

Rasch (G.) *Das heutige Spanien*, 1871 276
Reinhardstoettner (Carl von) *Beiträge zur Textkritik der Lusiadas des Camões*, 1872 257
— *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, Madrid 1871, vol. I e II 29
— *Rivista di Filologia romanza* 1872, vol I. 184
— *Romania*, Recueil trimestriel; publ. par Paul Meyer et Gaston Paris 1872-1876 n.° 1-6 11-51-153-304

Scheler (A.) *Dictionnaire d'Etymologie française*, 1873 369
Stúñiga (Lope de) *Cancionero*, (siglo xv.) 1873 321

Tobler (A.) *Li dis dou vrai aniel.* (XIII Jahrh), 1871 368
Traussmann (Moritz) *Bildung und Gebrauch der tempora und Modi in d. chanson de Roland*, 1871 174
Tubino (F. Maria) *Cervantes y el Quijote*. Estudio crit. 1872. . 230

Varnhagen (F. Ad.) *Da litteratura dos livros de Cavallarias*, 1872 23
Vasconcellos (Joaquim de) *O Fausto de Goethe e a traducção do Visconde de Castilho*, 1872 45
Vega y Arguelles (D. Angel Lasso de la) *Historia y Juicio crítico de la escuela poetica sevillana*... 1871 17

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

ERRATAS

PAG.	LIN.	ERRAT.	EMEND.
5	4	C. G. Corus	C. G. Carus
41	10	entrado	entrada
80	24	Mas	Mais
88	20	em 1845	em 1855
88	36	introduzivel	intraduzivel
109	21	com os Winckelmanns e Lessings	com os de Winckelmann e Lessing
113	15	com um echo	como um echo
143	34	o estudo intellectual	o estado intelleetnal
145	4	Mas tem que fazer	Mas que tem que fazer
152	37	Kalkbremer	Kalkbremer
156	25	Beiträge	Beiträge
159	16	Friedrich der Gross	Friedrich der Grosse
207	8-9	aproveitariam	aproveitariam
281	30	examinados	examinado
285	18	Otographia	Orthographia
292	25	dispõe	dispoem
300	1	romanicas	romanicas
300	18	redorter	reporter
301	1	Até F. Wolf	até F. Wolf e J. Klein
303	6	graças e	graças á
303	7	expira	inspira
315	15	Los eucales	Los eualcs
318	13	Ernesto Meucsi	Ernesto Monaci
319	22	insufficiente	insufficieutes
319	23	de tradição	da tradição
339	17	Lemecke	Lemcke
339	44	de typo	do typo.
351	13	fomighantissima	somigliantissima
358	8	magister	magestri
366	2	recueillies	reeneillis
368	4	cizner	einer
368	14	19	119
368	27	nnico	unico
382	10	sangióce	sangióe
382	19	hütte	hätte.

Rivista de Filologia romanza

diretta da L. Manzoni, E. Monaci, E. Stengel. Esta revista é particularmente interessante ao leitor portuguez por ser publicado n'ella o grande Cancioneiro portuguez da Vaticana. Assigna-se na Imprensa Litterario-commercial, rua do Bomjardim, e na Redacção da BIBLIOGRAPHIA CRITICA e da HISPANIA, rua de Santa Catharina, 606. Cada anno (4 fasciculos formando um volume) 2$600 reis.

Canti antichi portoghesi,

tratti dal Codice Vaticano 4803, con traduzione e note, a cura di Ernesto Monaci. Imola, Typ. d'Ignacio Galeati. 1873, brox. in-8.°, XII-32 pp. Este volumesinho, excellentemente impresso, contém canções ineditas do grande Cancioneiro portuguez da Vaticana. Apenas um pequenissimo numero d'exemplares foram destinados ao commercio e d'esses vieram só 8 para Portugal. Acham-se á venda na Imprensa Litterario-commercial, Bomjardim, 489-493. Preço 600 reis.

Bibliographia critica

de historia e litteratura, publicada por F. Adolpho Coelho, com a collaboração de differentes investigadores portuguezes e estrangeiros. D'ora avante fica elevado o preço das assignaturas e assigna-se só para series de 12 fasciculos; o preço não é alterado para os assignantes primitivos.

PREÇO DE CADA SERIE DE 12 FASCICULOS (formando um volume)

Porto	1$920 reis
Outras terras de Portugal	2$040 »
Allemanha	4 Thaler
França	14 francs
Inglaterra	14 shillings
Italia	14 lire

Assigna-se no Porto, na Imprensa Litterario-commercial, rua do Bomjardim n.° 489-493, e na Livraria de M. E. Chardron.—Em Coimbra, na Livraria Academica, do snr. J. F. Melchiades, e na Livraria do snr. Manoel d'Almeida Cabral.—Em Lisboa, nas Livrarias dos snrs. Carrilho Videira, rua do Arsenal; Antonio Maria Pereira, Bertrands, J. Antonio Rodrigues e A. Férin, etc.

O snr. Hermann Grüning, em Hamburgo, encarrega-se das assignaturas para a Allemanha. O snr. Ermano Loescher, Roma, Turim, Florença, encarrega-se das assignaturas para Italia. Na Italia tambem se pode assignar facilmente por intermedio da direcção da *Rivista di Filologia romanza*, Roma, Via Giulio Romano, 115, a qual generosamente se presta a favorecer assim esta empresa, e tambem se encarrega de receber o pagamento das assignaturas. A livraria A. Franck, Paris, Rue Richelieu, 67, encarrega-se das assignaturas de França.

Para os outros paizes com que não temos ainda relações directas, os pedidos podem ser feitos por quaesquer das livrarias indicadas.